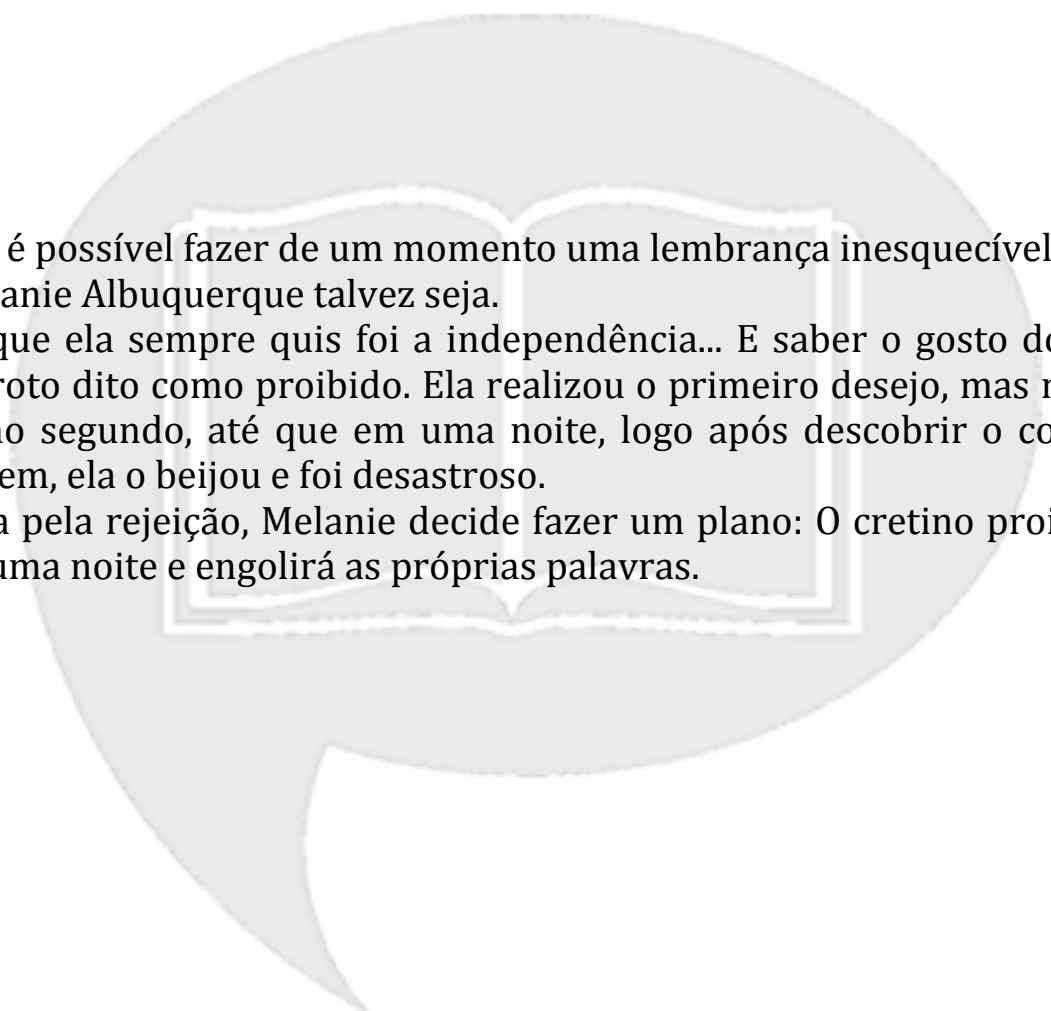




à segunda
VISTA

J A R I A N E R I B E I R O





Será que é possível fazer de um momento uma lembrança inesquecível?

Para Melanie Albuquerque talvez seja.

Tudo o que ela sempre quis foi a independência... E saber o gosto do beijo de certo garoto dito como proibido. Ela realizou o primeiro desejo, mas não ousou pensar no segundo, até que em uma noite, logo após descobrir o conceito de Carpe Diem, ela o beijou e foi desastroso.

Motivada pela rejeição, Melanie decide fazer um plano: O cretino proibido será seu por uma noite e engolirá as próprias palavras.

Prólogo

Anteriormente...

Ela parou de andar antes de chegar ao primeiro degrau da escada curvilínea do grande salão de baile ricamente ornamentado.

A garota, de longos cabelos dourados, secou as mãos na saia de seda do vestido azul, confeccionado especialmente para ela, com o único objetivo de fazê-la ficar igual à Cinderela. Por fim, olhou para suas sapatilhas de cetim azul e desejou que seus pés colaborassem.

Ela estava nervosa a ponto de ter de ficar umedecendo os lábios a cada dois segundos, pois sabia quem a aguardava no fim daquela escada e também sabia que não seria capaz de esconder tudo o que estava sentindo, temia tropeçar, pisar no pé dele, ou até mesmo cair.

Todos esses pequenos desastres já haviam acontecido antes, enquanto ensaiavam a valsa de sua festa de quinze anos. Ele era tão desengonçado quanto ela, ajeitava os óculos a todo instante e parecia ter dois pés esquerdos, mas isso não chegava nem perto do que ela já tinha feito, que consistia em tropeçar em seus próprios pés e cair, sendo amparada por ele e gostando de ficar com a lateral de seu corpo presa ao dele.

E agora lá estava ela, depois de tantos ensaios, temendo dar o próximo passo. Por fim, respirou fundo e desceu o primeiro degrau, apertando o corrimão dourado e sentindo o frio do metal atravessar sua luva de seda e tocar a palma suada de sua mão.

Cada passo que dava fazia seu estômago dar uma cambalhota, principalmente porque notava o quanto o salão estava cheio, nem sabia dizer de onde vieram tantas pessoas. Teve vontade de dar meia-volta e subir correndo, para se esconder em qualquer canto e esperar o ponteiro do relógio parar no número doze, quando seria meia-noite e seu aniversário chegaria ao fim, mas não era tola e sabia que mesmo que o relógio desse a décima

segunda volta, ainda seria seu aniversário, pelo menos na cabeça daquelas pessoas.

A garota olhou para o final da escada e o viu ali, esperando por ela, parecendo um poço de tranquilidade em meio ao caos de seu coração. Ela soltou a respiração, que até o presente momento não se deu conta de estar prendendo, e desceu os degraus restantes, ignorando o murmúrio das pessoas e indo direto até ele, concentrando toda sua atenção naqueles olhos marrons, tão brilhantes que pareciam ter capturado o brilho de um milhão de estrelas.

Ele sorriu e lhe estendeu a mão. Ela não conseguiu sorrir, mas colocou a mão em cima da dele e se deixou conduzir até o meio do salão, pensando que o chão parecia uma pista de gelo, de tão escorregadio que estava.

– Você está linda – ele disse enquanto enlaçava sua cintura fina e a puxava para mais perto.

Ela enfim sorriu, sentindo as bochechas arder. Estava tão perto dele que podia sentir o cheiro de seu perfume, seus corpos estavam colados, e isso fazia seu coração bater tão rápido que temeu que ele pudesse ouvi-lo.

Os primeiros acordes da valsa antiquada preencheram o salão e ela apertou os dedos dele, sentindo aquela vontade louca de sair correndo e se esconder.

– Você deveria sorrir – ele falou, concentrando toda sua atenção nela, pois também odiava o fato de todos estarem o olhando. – Não tem motivo para ficar assustada.

– Acho que tenho sim. – Ela disse tão baixo que acreditou que ele não pudesse ouvi-la. – Estão todos nos olhando.

– Estão olhando para você. – Ele a corrigiu. – Mas é só porque está muito bonita e ficaria ainda mais se tirasse essa ruga de preocupação da testa.

Ela concordou e tentou forçar um sorriso, mas logo eles deram o primeiro passo da valsa e tudo em que conseguiu pensar era nos passos.

Deveria segui-lo, não importasse em que direção, e isso não era desconfortável porque, de certa forma, ela sempre o seguiu.

Havia algo de mágico no ato de valsar, mesmo que você nunca tenha feito isso antes e esteja em um salão lotado, segurando a mão da única pessoa que amou ao longo de sua curta vida. O simples contado dos corpos, as mãos entrelaçadas e o coração batendo no mesmo compasso, fazia com que qualquer um acreditasse que existia magia, principalmente porque aquela garota ali, tão concentrada em dar os passos certos, com o pescoço ligeiramente inclinado e algo além de felicidade no olhar, te fazia acreditar nisso.

Ela sentia que estava flutuando nos braços dele, tão perto de alcançar as nuvens, e pela primeira vez ela sorriu de verdade porque todos aqueles giros e pés saindo do chão não lhe deram medo, mas sim uma alegria nunca sentida. Sua imaginação de menina a fazia pensar que eles podiam valsar assim quando se casassem, quando ele finalmente a visse como uma borboleta e não como a lagarta que nunca entrou no casulo.

Eles podiam se casar na praia e depois irem para a lua de mel na moto dele, até conseguiu imaginar a cauda de seu longo vestido branco voando enquanto eles seguiam por uma estrada de terra, com o sol se pondo e servindo de direção.

Mas então, como todo conto de fadas, este chegou ao fim e o relógio deu doze badaladas, anunciando um novo dia e enfatizando o fato de que ela tinha quinze anos e que ele não se casaria com ela na praia e nem em lugar nenhum, porque assim que os últimos acordes pararam de ecoar pelo salão, ele a soltou e saiu, lhe entregando para seu pai e indo encontrar uma garota qualquer, partindo seu coração pela milionésima vez em tão pouco tempo.

Capítulo 1

O que eu estou fazendo aqui?

Às vezes eu me pergunto o porquê de eu estar nessa droga de faculdade. Acho que eu só venho aqui para comer o lanche da tia da cantina. É sério, estou na segunda semana de aula do quinto período de publicidade e propaganda e não aguento mais. Eu simplesmente tenho vontade de bancar aquela garota do musical *Hairspray* e sair cantando pela escola, não que eu tenha algum talento para canto e dança, mas qualquer mico serve para escapar dessa joça de aula. Tudo o que eu faço enquanto o professor esquisito explica é me perguntar o porquê de ele usar aquela barba ridícula de bode e um cabelo comprido e encaracolado demais para o gosto feminino.

E ainda por cima a matéria é uma droga. Quem se importa com educação em direitos humanos e identidade cultural? Eu sei minha identidade cultural. Tenho vinte anos, estou prestes a ir morar sozinha, tenho fama de piriguete e amo cozinhar. Se quer saber, eu também sei a identidade da minha família. Minha mãe, Carmem Lucia, tem quarenta anos e é cabeleireira, tem uma sobrancelha definitiva maravilhosa e é engraçada, quando não está fazendo piadas as minhas custas...

– Ei, Mel...

Olhei para o lado e vi Jean, meu colega, ele acabou de jogar um papelzinho em minha cabeça, como se estivéssemos no ensino médio.

– O que foi? – Fingi que iria pegar alguma coisa no chão, não queria que o professor me notasse, não estava prestando atenção na aula e não queria bancar a burra.

– Leia o bilhete que joguei na sua cabeça.

Concordei e me endireitei. Peguei o papel amassado e o abri em

cima de minhas pernas, por baixo da mesa:

Ei, gostosa, topa sair tomar umas cervejas no universitário hoje? É tudo por minha conta.

Jean.

Amassei o bilhete e o joguei em meu penal. Odiava quando Jean me chamava de gostosa, eu não era uma coxa de galinha e era independente demais para aceitar que um filhinho de papai de merda pagasse minha cerveja, além de eu odiar cerveja, parece xixi de gorila.

Olhei para ele e fiz um sinal com o dedo dizendo que não. Não, eu não estragaria minha sexta feira saindo com ele. Eu e Ramona, minha melhor amiga, já tínhamos combinado de ir direto para um bar com música eletrônica depois da faculdade, este era um dos motivos para eu ainda não ter morrido de tédio, porque não se pode morrer quando a sexta feira promete.

A aula infernal durou mais vinte minutos e então me senti como uma escrava quando a lei áurea entrou em vigor, joguei meus materiais na mochila e sai atropelando todo mundo que estava em meu caminho.

Assim que cheguei à frente do campus, encontrei Ramona, ela parecia mais tranquila do que eu, seus cabelos ruivos e anelados estavam alinhados e ela apertava alguns livros contra o peito, com aquele seu habitual jeito tranquilo de quem pratica ioga e tomou um chá de couve revigorante.

– Por um acaso a polícia te barrou na saída? – Perguntou assim que parei ao seu lado. – Está com a maior cara de fugitiva.

– Só se dispensar o Jean Conta como fuga.

– Quantas vezes você já o dispensou essa semana? Três?

Revirei os olhos, quem se importava com Jean? O garoto parecia

não entender um fora. Fiquei com ele uma vez e no momento em que os dedos dele “escaparam” para dentro da minha calcinha, o dispensei.

– Então, vamos de taxi né? – Mudei de assunto, antes que ela viesse com um discurso moralista sobre como era errado fazer os outros de brinquedo.

– Ir de ônibus é mais saudável, menos monóxido de carbono na atmosfera. Todos deveriam usar com mais frequência o transporte público.

– Ah, qual é Ramona? Eu não tô a fim de chegar ao bar cheirando suor alheio. Você sabe que na sexta feira, ainda mais neste horário, o ônibus é uma zona.

– É incrível sua preocupação com este planeta.

Sério, às vezes eu tinha vontade de dar uma voadeira nela, tudo bem que era dever de todos se preocuparem com o meio ambiente e eu até curtia essa parada ambientalista de minha amiga, mas quem é que se importa com o meio ambiente quando se trabalha a semana toda, assiste a uma aula dos infernos e só quer saber de ir para um bar encher a cara e dar uns amassos em alguém por aí?

– Só hoje Mona, eu juro – juntei às duas mãos, como se estivesse prestes a me ajoelhar.

– Tudo bem sua chata, mas na sexta que vem, nós vamos de ônibus.

– Venho de tênis e a gente vai ao Universitário a pé.

Universitário é um bar aqui perto onde todo mundo gosta de ir quando tem muita aula chata, ou em semana de provas quando já sabemos que estamos ferrados mesmo.

Por sorte achamos um táxi no portão e dez minutos depois estávamos em frente ao Bar Universitário. A fila para entrar ainda era pequena e eu lamentei não ter passado no banheiro para dar uma geral na minha cara. Fui direto do serviço para a faculdade, então deveria estar com

cara de bêbada sem estar bêbada.

– Meu cabelo está muito ruim? – Perguntei a Ramona assim que entramos no bar.

– Está bom.

– Bom, ou bom do tipo sexy?

– Bom do tipo sexy.

Sorri. A vantagem de você ser amiga de alguém a mais de cinco anos era que essa pessoa entendia suas neuras com o cabelo, agora entender as neuras da pessoa com o meio ambiente na sexta feira não era muito fácil.

– Vamos deixar as bolsas no armário? – Sugeriu Ramona.

– Uhum.

Depois de deixarmos as bolsas no armário, e pagarmos o roubo de cinco reais de cada, achamos uma mesa e pedimos uma porção de polenta frita e duas caipirinhas.

– Então, suas coisas já estão arrumadas?

Larguei o pedaço de polenta no disco de papelão e fiz um gesto afirmativo. Amanhã eu lavaria o restante das minhas coisas para o apartamento que eu e Ramona alugamos juntas. Ele era pequeno e aconchegante, além de ter uma boa localização.

– Não é estranho, a gente ir morar juntas, sair de casa, essas coisas? – Ela perguntou fitando a parede, onde estava sendo projetado o clipe da música *Wake me up*.

– Eu estou achando tudo libertador por enquanto.

– Eu fico pensando como vou fazer quando ficar doente, ou me sentir solitária. Acho que vou sentir falta das minhas três irmãs.

Arregalei os olhos. Nunca pensei que Ramona fosse falar isso. Ela tinha três irmãs de quatro anos, trigêmeas, fruto de várias tentativas de fertilização dos pais dela.

– Eu meio que já moro sozinha. Você sabe, minha mãe vive no salão de beleza e meu pai no trabalho. De vez em quando o Matheus gosta de chamar minha atenção, me chamar de libertina.

Ramona começou a rir, jogando a cabeça para trás e atraindo o olhar de alguns caras que estavam no balcão tomando cerveja, o que me fez observar o bar, que era escuro e tinha um aspecto rústico, com mesas feitas de troncos e piso de madeira. As músicas que tocavam eram variadas e alguns cliques são mostrados no telão atrás de nossa mesa, também tinha uma pista de dança quadriculada no outro lado do balcão, um contraste moderno.

– Eu não entendo porque o Matheus acha que você é libertina, Mel, você tem mais fama do que ação.

– Ele deve achar isso porque na maioria das sextas-feiras eu chego de madrugada e com cara de mendiga – expliquei fazendo uma careta.

– Isso tudo seria simplificado se você falasse para ele que é virgem e que tudo o que faz com os caras é dar uns amassos, que quando as coisas ficam quentes, você foge. Como fez com o Jean na semana passada.

– Eu só não achei certo o Jean querer enfiar a mão dentro da minha calcinha em um lugar público, e se alguém visse a gente na biblioteca, atrás dos livros de medicina?

– Conta outra, garota, muita gente vai à biblioteca e faz a anatomia, se é que me entende.

Começamos a rir e pedimos mais uma rodada de polenta frita e caipirinha.

– Falando sério Mel... – Ramona tomou meio copo de caipirinha em um único gole. – Quando é que você pretende perder a virgindade?

– Na hora certa? – Arqueei os ombros.

– E quando é a hora certa? Quando tiver trinta anos e já ter

criado teias de aranha?

– Nossa, do jeito que fala, eu deveria pegar o primeiro otário que passa e transar loucamente com ele.

– Eu sei o otário que você quer levar.

– Isso é passado. Vem, vamos dançar antes que você resolva ter outra ideia maluca.

Ramona parou de repente e me encarou, arregalando os olhos azuis como se estivesse prestes a descobrir a cura para o câncer.

– E eu tive outra ideia! – Ela começou a pular como um canguru.

– Talvez tudo o que você precise seja fazer uma seleção. Fazer uma lista com todos os garotos com quem já ficou e investir em um deles e então, eureka! Lá se vai sua virgindade!

Acho que abri tanto a boca que cheguei a babar no chão. De onde essa garota tirava essas ideias malucas?

– Essa é a ideia mais absurda que você já teve Ramona Brito.

– Por quê? Você só se apaixonou por um garoto e como disse, ele é passado, mas talvez outros garotos do passado resolvam seu probleminha.

– Minha virgindade não é problema, agora vem.

Peguei na mão dela e a arrastei em direção à pista de dança, fazendo uma anotação mental para nunca mais tomar caipirinha com minha melhor amiga.

– Pensa no que te falei Mel e então você vai ver o que uns bons orgasmos fazem para pele!

Ramona gritou isso alto, enquanto dançava, e alguns garotos escutaram e começaram a rir.

– Oh, Loira... – Um dos garotos do grupo se aproximou. – Se você quiser, eu te mostro os benefícios do orgasmo.

Não faço o tipo de garota envergonhada, mas depois disso meu

rosto começou a ferver e eu tive vontade de cavar um buraco no chão e me esconder. Para piorar a situação, o garoto era realmente bonito. Alto, moreno e sensual – como dizia minha colega de trabalho, Mariane.

– Eu agradeço sua preocupação – falei me aproximando dele. – Mas eu tô de boa.

– O prazer é meu em lhe ser útil e como a necessitada se chama?

Mordi o lábio inferior e contive a vontade de pisar no pé do Moreno Sensual. Olhei para os lados e não vi Ramona, resolvi que iria pisar no pé dela também. Isso lá era hora para a Cadela sumir?

– Meu nome é Melanie. – Respondi de má vontade.

– E aí, Melanie, topa ir para um lugar mais reservado comigo?

– A Melanie não vai a lugar reservado nenhum com você!

Arregalei os olhos. Atrás do Moreno Sensual estava ninguém menos que Matheus, meu querido irmão mais velho.

– Vamos Melanie.

Matheus segurou meu pulso e me arrastou da pista de dança, como se eu tivesse treze anos e fugido de casa.

– Me solta!

Ele ignorou meu protesto e continuou me arrastando até a área reservada para as mesas, indo até uma que ficava no canto, perto daquela em que eu e Ramona estávamos. Puxou uma cadeira para mim, me obrigando a sentar.

– Você tem que parar de bancar o doidão Matheus, tô falando sério – resmunguei cruzando os braços.

Matheus nem se deu ao trabalho de me responder e eu o fuzilei com os olhos, cheguei a me imaginar jogando a bandeja de batatas fritas nele, mas quando olhei para seu lado, vi Arthur, melhor amigo da ameba que eu chamo de irmão, e ele estava rindo.

– Isso não tem graça, moço. – Encarei Arthur com ódio. –

Quando eu jogar seu amigo da escada, não reclame de ficar sem sócio.

– Acalme-se Mel. – Ele ajeitou o óculos e tentou parar de rir.

– Eu não sei como você vai morar sozinha... – Matheus começou a falar, querendo bancar meu pai. – De certo vou chegar lá no seu apartamento e vou encontrar um tal de Ricardão na sua cama, te possuindo.

Apesar de todo meu ódio, comecei a rir. Ri tanto que meus olhos chegaram a se encher de lágrimas. Matheus dava certo com Ramona, os dois tinham uma imaginação fértil demais.

– Para começar... – Tentei falar em meio às risadas. – Ninguém usa o termo possuindo e para terminar: Não sou tão inocente assim e sei me cuidar.

– Que você não é inocente eu sei e morro de vergonha. Daqui a pouco irão falar que eu sou irmão da Mel Corrimão.

Parei de sorrir. Dessa vez não senti raiva, só um soco no peito, como se estivesse levando uma flechada. Abri a boca para falar, mas Arthur foi mais rápido:

– Acho que você está exagerando, ela não estava fazendo nada.

– Ainda não estava fazendo nada.

– Você não tem nada a ver com minha vida Matheus! – Gritei levantando. – Sou maior de idade e sei cuidar de mim e graças a Deus, vou me livrar de você.

– Não seja ingrata – ele se levantou também. – Eu sempre cuidei de você.

– Cuidar é uma coisa e prender é outra bem diferente.

Antes que ele pudesse falar outra coisa, sai de perto dele. Fui ao armário e peguei minha bolsa, também mandei uma mensagem de texto para Ramona, avisando que estava do lado de fora do bar. Ela respondeu em seguida, dizendo que encontrou um tal Ezequiel da faculdade e que ele

a levaria, se eu não me importasse. Respondi que não tinha problema.

Encostei-me a parede e respirei fundo. Tinha de achar um táxi e ir para casa. A sexta-feira estava uma merda, teria sido melhor ter ficado na aula do barbicha com o tarado do Jean me passando bilhetes.

– Quer que eu te leve para casa?

Levantei a cabeça e vi Arthur, ele balançou as chaves.

– O Ameba vai junto?

– Não, ele veio no carro dele.

– E você não veio de moto?

– Hoje não.

– Então aceito.

Acompanhei Arthur até o estacionamento e entrei em seu carro, uma *Duster* prata.

– Acho que você não deveria ficar brava com seu irmão – falou Arthur enquanto ligava o carro.

– Ele é maluco – resmunguei colocando o cinto de segurança.

– Ele se preocupa com você.

– Até demais.

– Eu o conheço desde que tínhamos dezesseis anos e ele sempre se preocupou com você, se sente responsável.

– Não é como se eu tivesse cinco anos.

– Eu sei disso, mas ele passou metade da vida cuidando de você enquanto sua mãe trabalhava o dia todo, então não é fácil ele te ver seguindo a própria vida.

Encarei Arthur. De onde ele tirou isso?

– Não me olhe com essa cara, só estou falando o que vejo. Seus pais sempre trabalharam o dia todo e alguém tinha que evitar que você colocasse o dedo na tomada.

Fiz uma careta. Arthur virou amigo do meu irmão quando eu

tinha nove anos, eu já sabia fazer meu próprio sanduíche e as tarefas da escola sozinha.

- Quando você me conheceu, eu não colocava o dedo na tomada.
- Tem razão, só escalava a árvore do quintal.

Não respondi por que era verdade. Apesar de meu medo de altura, amava subir na árvore e ficar olhando o bairro lá de cima, à noite, com todas aquelas luzes, era mágico.

- Tudo bem. Não vou mais odiar o Matheus.
- Não acredito que seria capaz disso, mas se você batesse nele, não seria de todo ruim.

Comecei a rir. Uma vez eu realmente bati no Matheus, ele me incomodou e eu chutei a cara dele sem querer, ele quase quebrou o nariz.

Ficamos em silêncio por um tempo, na verdade desde sempre eu e Arthur ficamos confortáveis com o silêncio, não era como se nós tivéssemos algo em comum para conversar. Houve um tempo em que eu criava diálogos em minha cabeça e tentava executá-los, hoje eu simplesmente ficava quieta. A situação não me incomodava mais.

- Está preparada para morar sozinha? – Ele perguntou algum tempo depois, quando paramos no semáforo.

- Vou morar com Ramona, então tecnicamente não é sozinha.
- Mas ela não vive viajando nos finais de semana?
- Essa é a parte interessante.

Arthur balançou a cabeça, como se já esperasse minha resposta.

- E onde fica seu apartamento?
- No centro, um pouco longe da empresa, mas na rua de trás da faculdade.

- Na rua das laranjeiras?
- Aham.
- Eu moro nessa rua.

- Que legal, em que prédio?
- No edifício Leonardo da Vinci.
- O meu é o Mona Lisa.
- Em frente ao meu.

Ficamos em silêncio o restante do caminho. Quando ele estacionou em frente a minha casa, agradeci a carona e acenei enquanto subia os degraus da frente. Entrei em casa e dei de cara com Matheus e dona Carmem Lucia. Como meu irmão chegou tão rápido?

Capítulo 2

Liberdade não rima com libertinagem, ou quase isso...

– Precisamos ter uma conversa muito séria, Melanie Beatriz de Sousa Albuquerque – disse minha mãe no instante em que me abaixei para tirar os sapatos.

– Acho que a Melanie não está presente – resmunguei sem olhar para ela.

– Desliga a ironia, criatura, e vem para o lado da mamis, precisamos ter uma conversa de mulher para mulher.

Joguei os sapatos e encarei minha mãe. Ela estava de pijama e com os cabelos bagunçados e ainda assim parecia mais linda do que nunca, como se a casualidade lhe fizesse mais bem do que para maioria das mulheres.

– O Matheus mudou de lado agora? – Perguntei enquanto me sentava no sofá. – Acho até que ficaria legal se ele fizesse umas luzes e colocasse unhas postiças.

– Olha mãe, não é o que te falo? Ela não leva nada a sério.

Minha mãe olhou de mim para meu irmão, como se estivesse em uma partida de tênis. Deu para perceber que ela queria rir.

– Eu usei o termo errado crianças, não precisam brigar e sente você também Matheus. Você não vai crescer mais.

– Só ficar mais rabugento – acrescentei como quem não queria nada.

– Eu ainda vou te dar uns tapas, Melanie! – Ele sentou ao lado de minha mãe e tirou o casaco.

– Tô tremendo de medo.

– Calem a boca! – Gritou mamãe, perdendo a paciência.

– Tá bom. – Resmungamos juntos.

– Agora vamos conversar: Matheus, o que você tem contra Melanie?

Cruzei os braços, porque ele tinha que falar primeiro? E meu direito de defesa?

– Oh, só aceito que ele fale mal de mim na presença de meu advogado – falei antes que meu irmão pudesse falar.

– Dá um tempo Mel – Matheus ergueu a mão, como se fosse se render. – Eu não tenho nada contra você, só acho que deve ser mais responsável.

– Eu tenho muita coisa contra ele, mãe. O cara é um pé no saco.

– Vocês dois parecem duas crianças birrentas. – Observou mamãe. – O que eu tenho para dizer é que vocês dois deveriam crescer e dona Melanie: Liberdade não é libertinagem.

– Era nesse ponto que eu queria chegar... – disse Matheus se levantando. – Como essa criatura vai morar sozinha se sai se agarrando com o primeiro que aparece?

– Eu não estava me agarrando com ninguém não!

– Mas com certeza iria se eu não te tirasse de perto do senhor Reservado.

– Olha ele, mãe. Depois ele não é um pé no saco. Acho que um caminhão de macaco incomoda menos.

Minha mãe bocejou e se levantou:

– Eu vou dormir. Vocês que se entendam. Amanhã eu converso com os dois.

E então ela saiu da sala e eu fiquei sozinha com o Ameba. Reprimi a vontade de lhe atirar um vaso, ou chegar à agressão física e

quebrar o nariz dele de verdade.

– Olha Mel, eu só faço isso para o seu bem. Não é certo você sair com quem aparece.

Encarei Matheus. Ele era alto, loiro e tinha os olhos castanhos esverdeados, como os meus, na verdade éramos bem parecidos e eu até que gostava dele, mas o cara tinha que ser um chato?

– Você já ficou com o bairro inteiro, porque que eu tenho que ser a errada? Nós somos parecidos até nisso seu Mané!

– Melanie... – ele sentou ao meu lado no sofá. – Eu não sou santo e não estou pedindo para você ser, mas será que é muito difícil você criar juízo?

– Eu trabalho, estudo e pago minhas contas em dia. Não uso drogas e nem sou alcoólatra, me acho até muito ajuizada, sem contar que até já li Machado de Assis e companhia, então também não sofro de falta de intelecto.

Meu irmão passou a mão nos cabelos, como se estivesse se controlando para não me dar um soco.

– Mel, eu sei que é responsável nesse ponto e muito inteligente, mas estamos falando do assunto relacionamentos. Não estou sendo um pé no saco, como fala. Eu só estou tentando evitar que algum babaca te faça sofrer.

Dessa vez não respondi por que isso se encaixava no que Arthur falou. Talvez o chato do meu irmão só quisesse evitar que eu ficasse com algum cara como ele, do tipo que transa com uma garota diferente em cada dia da semana.

– Eu não presto no assunto relacionamentos, estou tentando evitar que você fique com alguém como eu... – ele falou, como se estivesse lendo meus pensamentos. – Você tem que arrumar alguém que goste de você e não alguém que só te quer na cama.

– Tá bom, eu não vou sair *gratinando* com todo mundo, não precisa se preocupar.

Matheus bufou e me encarou, como se eu fosse um caso perdido.

– Eu sei que você só quer cuidar de mim – acrescentei em tom sério. – E que sempre fez isso, mas eu cresci e já sei cuidar de mim.

– Às vezes eu duvido pouco disso.

– Vamos fazer um trato: Amanhã eu me mudo, mas ainda vou continuar vindo aqui e tentarei não ficar bêbada nem nada, mas seu eu me meter em encrenca eu te chamo.

– Como se você fosse fazer isso mesmo, né criatura?

– Eu vou tentar fazer. Agora deixa de ser chato cinco minutos, por favor, e confesse que seu maior medo é morrer de fome.

Ele começou a rir e isso me fez achar que não estava tão errada.

– Eu vou sobreviver, Mel.

– Eu sei e eu também vou, só você que ainda não percebeu isso.

Nós nos levantamos juntos e ao fazermos isso percebi o quanto somos parecidos e que apesar da chatice aguda, da bagunça e do bucho furado, vou sentir falta do chato do meu irmão mais velho. Acho que ele também percebeu isso porque me abraçou e foi meio estranho porque sempre estávamos acostumados a se socar e não a nos abraçar.

– Eu vou sentir sua falta, sua cabeça oca, mas vou tentar parar de impedir você de cometer esses seus erros estúpidos.

– É isso aí, Ameba, eu vou errar, mas você vai estar aí para bater em quem me magoar, pensa nesse lado bom... – o soltei rindo. – E eu também vou sentir sua falta, se isso serve de consolo.

Matheus beijou minha testa e sorriu, acho que pensou que eu fazia o tipo que nunca iria levar a vida a sério, que considerava tudo uma piada. Na verdade a maior parte da minha vida era uma grande mentira,

não que eu saísse por aí falando que tinha uma Ferrari, mas eu simplesmente comecei a utilizar a fama de perigete ao meu favor e chegou a um ponto que até eu mesma estava acreditando nela.

Capítulo 3

Minha vida em quadrados

Era estranha a maneira como minha infância e adolescência se dividiam em caixas pardas de papelão por ordem de importância, como meu diário da quarta série, ou o álbum de formatura do ensino médio, ou até mesmo as fotos de minha festa de quinze anos. Era como me ver entalhada com diferentes sorrisos em diferentes fases, mas ainda assim era eu, menos madura em algumas ocasiões, querendo filosofar em outras.

Arrumei, ou melhor, desfiz, minha cama pela última vez. Credo! Isso parecia coisa de quem estava à beira da morte, mas tudo bem porque o estilo nostálgico nunca fez muito meu gênero, nunca fui o tipo de garota pomposa, por isso simplesmente empinei o traseiro e abracei meu travesseiro, deixando os pés para fora da coberta e esperando o sono me levar para onde bem entendesse.

Só que isso não aconteceu, por mais resquícios de álcool que meu organismo ainda tivesse, isso não era o suficiente para aquietar meus pensamentos e me fazer dormir. Algo me impedia de fechar os olhos e abraçar Orfeu, ou até Zac Efron, e esse algo era medo, não aquele tipo de medo que te faz se enfiar embaixo da cama, era o tipo de medo frio no estômago, que você sabe que tem o medo, mas não o porquê.

Acho que levei meia hora para perceber que o medo era em decorrência do fato de que em menos de oito horas eu estaria saindo dessa casa e indo para meu próprio apartamento, onde não teria alguém para chamar minha atenção, ou falar que meu cabelo precisava de hidratação urgente, ou que minhas contas deveriam ser pagas nas datas para não gerarem juro. Depois de constatar que sentiria falta deles, entendi o desabafo de Ramona, não era fácil seguir a vida sem a família, falar que eles enchiam o saco e que ficaria melhor sem eles era fácil, agora eu queria ver é

se acostumar com a falta deles, porque sem sair daqui já estava com saudades, imagina a esta hora de amanhã.

Depois de mais de uma hora desisti de ficar deitada, me levantei e tropecei na caixa ao lado da minha cama, dentro dela tinha algumas fotografias e papéis. Peguei a primeira foto que vi. Nela eu estava ao lado de meu irmão, mostrando o pulso para a câmera, ele me olhava zangado, as bochechas coradas. Comecei a rir.

Foi nesse dia que havia feito uma tatuagem, no dia do meu aniversário de dezoito anos. Fui com Ramona em um tatuador renomado, que estava na cidade para um festival de música. Ele nem cobrou por ser simples demais (a palavra Believe escrita em letras deitadas e negras, além de alguns pássaros atravessando a letra “i”) me empolguei e também coloquei um piercing na orelha (um coração minúsculo), mas não como uma maluca roqueira, eu gostava de coisas simples e delicadas, nada exagerado, como tatuar a cara.

Matheus não teve esse mesmo pensamento e fez minha caveira para meu pai, que achou que minha orelha ia cair e meu pulso ficar podre, mas minha mãe naquele dia estava de boa, então disse que achou minha tatuagem espirituosa e meu piercing coisa de patricinha. Eu tirei o piercing algum tempo depois, mas fiz outra tatuagem nas costas, tão minúscula quanto à primeira. Ramona disse que nem queria ver o que eu faria quando quisesse “causar” de verdade.

Coloquei a fotografia de volta na caixa e peguei outra que retratava a valsa de meus quinze anos. Eu mantinha aquela foto escondida, às vezes até de mim mesma. A fotografia estava surrada de tanto que andou comigo, presa entre as páginas dos livros que lia ou de meus diários, como se fosse uma espécie de tesouro nostálgico. O mais engraçado era que a menina daquela foto não era mais eu, aquela garota ali era apaixonado por aquele garoto que estava ao seu lado, ela pularia do espaço de encontro à muralha da china por um sorriso dele, mas ele nunca daria um passo para

tomá-la nos braços e acalantar seu coração. A menina da foto percebeu que você pode superar um coração partido quando a outra parte envolvida não o partiu de propósito, porque ao menos sabia da existência de tal sentimento, então superá-lo não é uma escolha, mas sim um dever de você para você mesmo, e ela fez isso.

Joguei a foto da valsa de novo na caixa e abri as cortinas. O dia estava quase amanhecendo e acho que foi uma noite longa demais e o dia provavelmente seria ainda mais longo ainda.

Terminei de encaixotar algumas coisas e fui para cozinha. Meu pai estava lá, lendo jornal e tomando café, ele sempre acordava às seis da manhã e até hoje não entendia o motivo.

– Bom dia, filha – ele disse quando me viu. – Festa longa?

Sorri, meu pai fazia o tipo que tentava ser moderno. Ele tentava entender minha necessidade de ficar até altas horas em um bar enchendo a cara com minha melhor amiga.

– Bom dia. Vim mais cedo do que esperava, mas não consegui dormir.

– Ah, seu irmão me contou o motivo... – meu pai coçou a nuca. – Você não acha que está na hora de criar um pouquinho de juízo?

Soltei os ombros de um jeito dramático e bufei como um boi.

– Pai, eu já conversei com o Matheus e ele entendeu. Não é porque eu não faço o que vocês querem que não tenho juízo.

– Tudo bem, não vamos discutir, não em seu último dia aqui em casa.

– Tecnicamente ontem foi meu último dia, daqui a duas horas o pai da Ramona vem buscar o restante das minhas coisas na caminhonete dele.

Nosso apartamento já era mobiliado, então só levaríamos itens pessoais mesmo.

- Tudo bem, então sente- se e tome café com seu velho pai.
- Você não é velho pai.

Ele começou a rir. Minha convivência com meu pai era ótima, muito melhor do que com Matheus ou minha mãe. Meu pai se esforçava para me entender, Matheus queria me endireitar à força e mamãe fazia da vida uma piada.

Quando achei que poderia terminar de empacotar alguns livros que restavam, minha mãe entrou na cozinha. Estava sem maquiagem e com um vestido simples, meu pai a encarou com admiração, deixando claro o fato de que ainda a achava a mulher mais linda do mundo. Ela o encarou de volta, depois foi até ele e o beijou com uma voracidade que me deixou envergonhada e com um pouco de inveja, porque no fundo eu queria que alguém me beijasse daquele jeito.

– Por favor, voltem para o quarto – resmunguei fingindo estar indignada.

– O segredo de um bom casamento, Melanie Beatriz, está no fato de você beijar seu marido em cada momento oportuno e nos inoportunos também porque viver perigosamente é divertido. – Mamãe deu risada ao dizer isso.

- Claro, porque papai é o James Bond.
- Nada disso mocinha, eu sou o Indiana Jones.
- Com certeza, porque eu adoro o seu chicote, querido.

Meu pai engasgou com o café e começou a rir, até eu tive que rir. Minha mãe não tinha jeito mesmo.

– Deixando as brincadeiras de lado agora... – mamãe ficou séria.
– Você está indo morar sozinha, Mel, então teremos que ter uma conversa um pouco constrangedora.

– Eu já sei como se fazem os bebês – acrescentei como quem não quer nada.

– O problema é se você sabe se prevenir para evitar bebês.

– Estou saindo meninas – meu pai deu um beijo em minha testa e depois um selinho em minha mãe. – Quando a conversa fica constrangedora, o Indiana Jones sai.

– Você não precisa falar sobre isso se não quiser, mãe – acrescentei depois que meu pai saiu.

– Eu quero e preciso falar sobre isso, Melanie Beatriz. Seu irmão vive falando que você fica com vários garotos...

– Mãe – a interrompi e resolvi em falar a droga da verdade de uma vez. – Eu nunca passei das preliminares com ninguém.

O rosto de dona Carmem Lucia ficou escarlate e ela se abanou com o meu guardanapo.

– Quer dizer que você ainda é virgem, Bebê?

– Uhum.

Minha mãe se levantou e fez uma espécie de dança maluca, balançando a cabeça e os braços.

– Eu sempre soube que você não era uma desvirtuada, Melanie Beatriz.

– Ontem a senhora acreditou que eu era.

– Seu irmão chegou falando que você voltou com o menino Arthuro porque ele interrompeu você e um garoto.

– Eu fiquei com ódio dele por me tirar a força da pista de dança e ninguém chama o Arthur de Arthuro.

– Mas é o nome que a mãe dele deu pra ele, ela era ligada em coisa celta.

– Como foi que o Arthur veio parar na nossa conversa?

– Sei lá, mas apesar do nome estranho ele é um garoto muito bonito.

Revirei os olhos, minha mãe era especialista em mudar de

assunto assim do nada.

– Agora que nossa conversa constrangedora acabou, posso voltar a empacotar minhas coisas?

– Sim, Melanie Beatriz. Vou te ajudar.

Concordei e fui para meu quarto. Minha mãe me ajudou como o prometido, e ficou fungando quando viu algumas fotos minha quando eu era pequena e me abraçou outro milhão de vezes, dizendo que iria morrer de saudade.

– Você tem certeza que vai voltar né Melanie Beatriz? – Ela perguntou quando coloquei a última caixa no carro do pai da Ramona.

– Claro que tenho, essa semana estou de volta.

Meu pai e Matheus me abraçaram e minha mãe quase me esmagou novamente, fungando em minha camiseta.

– É tão triste quando os filhos deixam a gente, não acha Elizeu? – ela se dirigiu ao pai de Ramona.

– Ah, é triste mesmo – ele concordou. – Mas os filhos crescem e seguem o próprio caminho.

– Verdade – meu pai concordou com ele. – Está na hora de Matheus fazer a mesma coisa, que fique claro que não estou te expulsando de casa, filho.

– Quer me deixar sem filho nenhum Marcus? – minha mãe foi para o lado de Matheus, o segurando junto a si.

– Não querida, só quero que nossos filhos sigam o próprio caminho.

– O Matheus Guilherme vai continuar morando conosco.

Comecei a rir, às vezes esquecia que minha mãe era fã de nome composto, se o meu nome era esquisito, imagina o de Matheus.

– Está pronta, Melanie? – Perguntou tio Elizeu, parecendo constrangido com os dramas de minha mãe.

– Estou sim, Ramona deve estar me esperando.

– Então vamos.

Abracei mais uma vez minha família e entrei no carro, deixando para trás um pedaço de meu coração e voando rumo a uma vida nova, me sentindo como os pássaros de minha tatuagem.

– Você acha que eu devo deixar as violetas na janela, ou na área de serviço? – Perguntou Ramona.

Analisei nosso apartamento. Já fazia algumas horas que estávamos arrumando as coisas e agora o lugar estava ficando com a nossa cara. As paredes eram azuis e na maior parede da sala havia vários espelhos, também tinha um sofá verde limão (bem fofo, mas descombinado), um tapete persa branco e uma estante vazia, que estava preenchendo com meus livros de banca.

– Acho que na sacada – respondi depois de analisar.

– Tá bom.

Fui até a cozinha. Tudo era moldado e marrom. A bancada minúscula e a mesa só tinha três lugares, mas tudo nesse apartamento era pequeno demais.

– Vamos encomendar pizza? – Perguntei depois de passar um pano com lustra- móveis na bancada.

– Pode ser, têm umas cervejas na geladeira também, podemos comemorar.

Fiz uma careta, não era muito fã de cerveja, mas no final acabei tomando duas latas com pizza portuguesa e de calabresa. Depois de lavarmos o que sujamos, resolvemos deixar o restante para o outro dia e fomos dormir. Estava tão exausta que dormi de roupa e tudo.

Terminamos a arrumação no domingo à tarde e depois nos jogamos no sofá.

– Agora é oficial... – falei enquanto me abanava com um livro. – Estamos oficialmente em casa.

– Eu nem acredito! – Ramona se levantou e começou a pular no sofá. – Nós vamos poder comer pizza no café da manhã e trazer algum cara para casa que não vai ter problema!

– Verdade! – Levantei e comecei a pular também. – Vamos poder chegar bêbadas, e às sete da manhã, que ninguém vai poder falar nada, porra!

– Sem falar que vamos poder gritar palavrões!

– Wow! – gritamos juntas, parecendo duas malucas.

Em seguida liguei uma música no último volume em meu celular. *If I Lose Myself* da One Republic, invadiu o apartamento e nós gritamos mais alto que o vocalista, dançando que nem malucas em cima do sofá.

– Sabe o que podemos fazer? – Gritou Ramona.

– O quê?

– Uma festa de inauguração no próximo fim de semana.

– Isso é ótimo! – gritei ainda mais alto a letra da música, em tom desafinado. – Podemos convidar o pessoal da sua turma e da minha.

O pessoal da turma de Ramona era um bando de ambientalista. Ela cursava o quinto período de biologia, mas, diferente de mim, ela amava a faculdade.

– Você pode convidar seu chefe louco – ela sugeriu, fazendo uma cara de safada.

– Ah, claro, porque trazer o René para a nossa casa é a melhor coisa do mundo.

– Vai que ele fique feliz e deixe de ser chato.

– É, vai que dá certo. Vou fazer de conta que acredito que você está pensando em meu bem estar.

– Sou uma santa, Mel.

– Todo mundo beija os santos.

– Ui, adoro!

Coloquei a música para repetir e perto das onze da noite pedimos comida chinesa, última vez que iríamos comprar comida, já que eu sabia cozinhar.

– Vamos dormir, porque amanhã temos que trabalhar cedo – falei depois de jogar as embalagens no lixo.

– Verdade, mal posso esperar para estagiar naquele campus horroroso.

– E eu para atender telefones e quebrar as unhas arquivando.

– Ah, me lembrei de uma coisa.

– O quê?

– Pensou no que te falei no bar na sexta?

– Nem lembro o que comi ontem, Ramona.

– Sobre você perder a virgindade antes de criar teias de aranha – ela começou a rir.

– Ah, fala sério!

– Se você for esperar que o...

– Deu, vou dormir, tchau.

– Tudo bem, só estava dizendo que se você for esperar que o...

– Mona, eu não estou esperando por ninguém e isso é uma coisa minha.

– Eu sei Mel, mas eu não quero que minha melhor amiga passe a vida toda esperando alguém inalcançável.

– Eu não estou esperando por ele, okay?

– Tudo bem, mas é que quando a gente estava no primeiro ano...

– Esquece isso, eu mudei, a gente cresce.

– Desculpa Melanie.

Ramona faz uma cara de cachorro e eu a abracei.

– Não tem problema, eu sei que quer o meu bem... – A segurei pelos ombros. – Mas eu já superei.

– Tudo bem, boa noite.

Ela pareceu não acreditar em minhas palavras, mas eu já tinha feito demais para nesta altura do campeonato vacilar.

Capítulo 4

Trocaria você por uma porção de batatas fritas

Era o primeiro dia em que meu pai não me acordava para ir ao trabalho e eu estava atrasada, muito atrasada. Por isso nem notei quem estava no elevador da empresa quando entrei correndo, com os sapatos na mão, só sei que devo ter parecido uma maluca, o cara do táxi pelo menos deve ter pensando isso, porque estava ansioso demais para se livrar de mim.

– Desculpa, desculpa! – Exclamei ainda sem olhar para a pessoa, tentando calçar o sapato e manter a dignidade que me restava. – Mas que porra!

– Calma aí, né Mel.

Olhei para cima e dei de cara com Arthur. Ele parecia melhor do que eu, perfeitamente penteado, imediatamente senti meu rosto arder. Eu deveria estar parecendo uma mendiga, nem pude pentear os cabelos.

– Desculpa – murmurei quando finalmente consegui calçar a droga do sapato.

– Tudo bem... – Ele coçou a nuca. – Tem pasta de dente na sua boca.

Acho que nem dignidade mais restou em mim, passei o dedo indicador nos lábios, tirando o vestígio da pasta de dente.

– E Mel... – continuou Arthur, parecendo desconfortável. – Acho que sua camisa está abotoada errada.

Olhei para minha roupa e mordi o lábio. Ele estava sendo gentil quando falou que estava abotoada errada, a camisa estava do avesso também, revelando uma boa parte de meu sutiã rendado.

Olhei para cima, vendo o número que indicava os andares, ainda estava no dez e meu andar era o quinze. Tinha uns dois minutos.

– Arthur eu preciso que você fique de costas pra mim. – Acho que nunca senti tanta vergonha na vida. – Se puder, é claro.

– Tudo bem. – Ele começou a rir.

Assim que ele se virou, eu desabotoei a camisa e a vesti do lado certo. Coloquei-a por dentro da saia lápis, um pouco acima dos joelhos, e tentei desamassar minha roupa.

– Acho que deu – já estávamos no décimo terceiro andar.

Arthur se virou e me analisou, ainda estava tentando segurar a risada.

– Sabe, nem quero saber o que andou aprontando, mas você está com cara de bêbada e seu cabelo está parecendo um ninho – dessa vez ele começou a rir mesmo, ajeitando os óculos de armações negras em cima do nariz.

– Acho que hoje deve ser o dia de esculachar com a Melanie – resmunguei pegando meu pó compacto na bolsa e me olhando no espelho, tentando cobrir as olheiras.

– Desculpe, não tive a intenção de ser rude.

– Não foi. – Meu cabelo parecia um ninho, tentei domá-lo com os dedos. – E eu não andei por lugar nenhum, fiquei em casa ontem.

– Não tive a intenção de ser grosseiro, Melanie – ele repetiu.

– E eu não disse que teve – passei os dedos em meus cabelos e os enrolei, fazendo um nó no alto da cabeça.

Arthur concordou e coçou a nuca, parecendo desconfortável. Ele e meu irmão eram sócios em uma empresa de construção civil que, para minha má sorte, ficava no mesmo prédio em que a empresa de marketing na qual eu era escrava (assistente administrativa). Vivíamos nos encontrando, eu e Matheus, quero dizer.

O elevador parava em todos os andares, maior chatice, e quando achei que chegaria ao andar 15, o elevador parou no 14 e uma garota morena entrou, o decote dela era tão grande que até eu fiquei constrangida.

– Bom dia – ela disse com a voz em falsete, encarando Arthur como se ele fosse um pedaço de carne.

– Bom dia! – ele respondeu animado. Onde foi parar toda a grosseria do bofe?

Comecei a balançar o pé, impaciente. Quando o elevador finalmente chegou, eu saltei para fora, atropelando Arthur novamente.

– Desculpa, mas seu andar não é o treze? – Perguntei me desvencilhando dele.

– Vim falar com o seu chefe.

– Não reclamar de mim, espero.

– Claro que...

Ele parou de falar porque a morena esbarrou nele e o safado ficou olhando para o traseiro empinado dela.

Deixei Arthur babando e entrei na empresa. René, meu amado chefe, estava na recepção, ao lado de Mariane.

– Isso são horas, Melanie? – Ele perguntou se desencostando da mesa. – Pensei que morando mais perto chegaria mais cedo.

– Por quê? Precisava me explorar fora de horário comercial? – As palavras escaparam de minha boca.

– Bom dia, Mel – Disse Mariane se levantando da mesa, numa tentativa de me salvar.

– Amo sua sinceridade garota – ele começou a rir. – Vamos até minha sala, tenho uns documentos para você arquivar.

Soltei os ombros e o segui, acenando para Mariane, que me olhou com pena.

A sala de René deveria ser classificada como pura ostentação,

tudo que era de luxuoso ele tinha ali, incluindo uma máquina de cappuccino, um frigobar e uma televisão de plasma, que ele dizia ser para estética, sem falar no computador de última geração e na mesa de vidro com cadeira cor de gelo, que para mim era bege.

Minha sala ficava dentro da dele, um cubículo conhecido como arquivo. Era lá onde ficava os documentos, sem falar na máquina de Xerox e algumas quinquilharias empoeiradas. O correto seria eu ter uma sala no setor administrativo, mas os telefonemas pessoais da criatura eram transferidos para mim.

– Sente-se Mel – René sentou em sua cadeira de gelo e colocou os pés na mesa.

Ele também era ostentação. Tinha os cabelos negros e a pele bronzeada, olhos cor de avelã, queixo quadrado, coberto por uma barba rala, e grossas sobrancelhas. Vivia malhando e por consequência tinha um físico espetacular, o que o estragava era a boca e a mania de ser filhinho de papai, porque sempre vinha com a conversa de que com apenas vinte e três anos já tinha conseguido gerenciar a empresa da família.

– Sabe Mel – ele me encarou, franzindo os lábios. – Eu admiro esse seu jeito espontâneo e grosseiro de ver o mundo, mas você não pode falar o que bem entender para mim na frente de outros funcionários, quando estivermos nesta sala, tudo bem, mas fora dela você me deve respeito.

Mordi o lábio e apoiei as mãos em meu colo, ele tinha razão, merda, eu às vezes esquecia que devia respeito a René, tudo bem que eu o trocaria por uma porção de batatas fritas, mas acho que eu até que tinha sorte, existiam chefes muito piores que ele.

– Desculpa René – falei com sinceridade. – Às vezes eu trato as pessoas mal sem elas merecerem.

– Tudo bem, Honey, eu entendo seu mau gênio.

Forcei um sorriso, às vezes a maneira como René me tratava era

um pouco invasiva.

– E como anda curtindo a liberdade? – ele perguntou alguns segundos depois de me olhar de um jeito constrangedor.

– Ainda não estou curtindo, me mudei sábado e no domingo fiquei arrumando tudo.

– Vai fazer alguma festa de inauguração? O mundo sabe que Melanie ama festas.

Sorri e me lembrei do que combinei com Ramona: Ela queria que eu o convidasse porque o achou gato quando o viu ao meu lado uns dias atrás.

– Vou sim. Vai ser na sexta à noite e você está convidado.

René sorriu, expondo dentes perfeitos e um pouco branco demais.

– Estarei lá Honey.

– Ótimo, agora eu vou trabalhar porque meu chefe gosta que eu o ofenda, mas não que acumule trabalho.

René começou a rir e assim que eu saí de sua sala, vi Arthur entrar. Aproveitei a deixa e fui falar com Mariane.

– E então, o que o Gelado disse? – Ela perguntou olhando para os lados.

Olhei para Mariane sorrindo. Ela era baixinha e um pouco gorducha, parecia uma corujinha fofa e estava sempre de bem com vida, se preocupava demais com os cabelos, principalmente com os temidos fios brancos.

– Relaxa Mari – sentei ao seu lado na cadeira. – O Gelado só me disse para tratá-lo educadamente em público, que quando estiver na sala dele não tem problema.

– Sabe, Mel, às vezes eu acho que o René tem interesse em você. O cara é um grosso com todo mundo, mas quando você é ele não fala nada.

Não soube identificar a expressão de Mariane ao falar isso, parecia decepção, ou algo mais.

– Acho que não, mas teria algum problema? – Perguntei para ter certeza, não que eu tivesse interesse em René, mas é que cada vez que ele estava por perto, Mari ficava mais corada e parecia prestes a cavar um buraco e se esconder.

– Não, claro que não. – Respondeu com aquele brilho estranho nos olhos.

– Mari, depois quero conversar com você. Agora tenho que arquivar alguns documentos e fazer algumas ligações. Almoçamos juntas?

– Claro. – Ela sorriu daquele jeito de sempre, deixando claro que estava de bem com a vida.

Deixei meus pensamentos sobre Mariane para lá e fui trabalhar. Na maioria das vezes passava mais tempo na parte administrativa do que em minha sala, eu era meio que o pombo correio da empresa. Tinha de saber de tudo e encaminhar documentos para vários setores, além de informativos e outras coisas que não tinha nada a ver com minha faculdade. Quando pensava em mim no futuro, me via como agora: correndo a toda pela empresa e não em um grupo criando propagandas, eu simplesmente não tinha criatividade pra isso, ou simplesmente ainda não havia encontrado minha vocação.

A manhã passou voando e como o prometido, Mariane me esperou em frente à recepção para irmos almoçar juntas.

– Vamos almoçar aqui mesmo, Mari? – Perguntei encaixando meu braço no dela.

– Vamos, o restaurante é bom.

Subimos um lance de escadas e chegamos ao último andar, onde ficava o restaurante das empresas do prédio. Era meio assustador comer perto das janelas, por isso nos sentamos em uma mesa no meio.

A comida até que era engolível, escolhi bife acebolado com batatas fritas, arroz e salada. Mariane pegou apenas salada e eu estranhei, porque ela nunca teve vergonha de comer bastante.

– Você está com algum problema? – Perguntei a analisando.

– Não... Não, claro que não. – O garfo começou a tremer em suas mãos gorduchas e notei que ela estava mais pálida que o normal, pequenas gotas de suor brilharam em sua testa.

– Fale a verdade Mariane. Somos amigas há quase dois anos e você tem o dever de me contar o que está acontecendo.

– Acho que você não entende.

Os olhos dela se encheram de lágrimas e ela se levantou e saiu correndo do restaurante, esbarrando em René, que a olhou surpreendido. Antes que eu pudesse ir atrás dela, ele chegou à mesa.

– O que houve com a Mari? Vocês brigaram? – Perguntou a seguindo com os olhos.

– Não, eu não sei o que está acontecendo com ela. Até depois, René.

Sai da mesa e fui atrás de Mariane.

– Mari, você está aí? – Entrei no banheiro do restaurante, após escutar umas fungadas de choro.

– Vai embora, Mel. Hoje não é um bom dia.

– Fale comigo Mari, eu posso te ajudar, eu acho.

– Ninguém pode me ajudar. Agora me deixa em paz!

Fiquei assustada com a reação dela.

– Tudo bem, mas não esquece que somos amigas e que na sexta vai ter festa lá no meu apartamento novo, pensei que você podia dormir lá no fim de semana. Ramona vai viajar e se até lá não tiver me contado o que está acontecendo, podemos conversar.

– Tudo bem, Mel. Agora só me deixa sozinha.

– Você não vai me falar mesmo o que está acontecendo?

– Não.

Encolhi os ombros e sai do banheiro. Mariane nunca tinha agido assim antes, alguma coisa estava errada, mas ela não me contou, nem naquele dia, nem no restante da semana.

Capítulo 5

Neon Lights

Apesar do comportamento estranho de Mariane, e da nova fase de minha vida, a semana decorreu normalmente. A faculdade foi chata, eu praticamente enxotei Jean, e a rotina de morar com Ramona era simples: Ela era organizada e eu não tirava nada do lugar, ela fazia compras eu contribuía e cozinhava.

Nosso apartamento era calmo demais. Os vizinhos eram variados. Tinham os universitários, do meu prédio, e as famílias, que moravam no prédio luxuoso da frente. Os universitários eram barulhentos e viviam com o som alto, as famílias reclamavam e puxavam conversa quando eu chegava à rua que separava os dois prédios, era um condomínio com portões e guardas que passavam à noite, foi por isso que eu e Ramona conseguimos vir morar ali. Ainda bem que parava pouco tempo fora do apartamento.

Ramona, que passava mais tempo em casa durante a semana, já tinha feito amizade com um tal de Miguel. Amizade tão instantânea quanto miojo porque ontem ele veio aqui pedir açúcar, sem camisa e com o cós da cueca aparecendo, maior abdômen, dava até para lavar roupa.

Durante a semana começamos a organizar a festa. Enquanto eu organizava meu minúsculo quarto, ia convidando o pessoal da faculdade pelo facebook e WhatsApp. Jean foi o primeiro a confirmar, grande novidade.

Quando meu quarto estava do jeito que eu queria: As paredes com adesivos da torre Eiffel e do Big Bang, as cortinas de renda azul sem arrastar no chão e minha cama com minha colcha de retalhos favorita, já era quinta feira e eu estava tão exausta que nem me lembrei de ligar para minha família. Minha mãe estava histérica quando finalmente conseguiu

falar comigo:

– Melanie Beatriz, eu estava a ponto de ir até aí! – ela gritou tão alto que tive que afastar o celular do ouvido. – Só não considere a possibilidade de sequestro porque Matheus disse que você estava indo trabalhar.

– Desculpa mãe – murmurei cobrindo os olhos com a mão. – A faculdade, o serviço e a organização da fes... Quer dizer, do apartamento, tomou todo o tempo que tinha. Estou morta.

– Ah, criatura, se eu não te amasse tanto poderia ir aí e quebrar sua fuça, mas entendo que você queira se livrar da gente por um tempo.

– Não é isso mãe, é só que essa semana está corrida.

– Eu sei Mel, mas não se esqueça da gente... – ela deu uma pequena fungada. – É difícil não ter você aqui. Acho que todos nós estamos sentindo sua falta.

– Eu também sinto falta de vocês.

– Vou deixar você dormir filha, não esqueça que eu te amo.

– Também te amo mãe.

Ela desligou e eu fiquei encarando a tela do celular, sem saber muito bem o que sentir, me sentindo sozinha e ao mesmo tempo com uma sensação de liberdade que era capaz de me esmagar. Balancei a cabeça algumas vezes, tentando clarear as ideias, tentando parar de sentir culpa por ter ido morar sozinha. Pelo modo como minha mãe falou parecia que eu odiava morar lá, eu não odiava, simplesmente chega uma hora que temos que seguir nosso próprio caminho.

Levantei da cama e fui procurar Ramona, que estava na sala regando suas plantinhas.

– Você engoliu uma meia, Mel? – Perguntou assim que me viu, usando uma expressão de nosso livro favorito da Meg Cabot.

– Não, é que minha mãe me ligou e eu me senti esquisita.

– Ah, acho que isso é normal. Eu senti a mesma coisa quando minha mãe ligou. Acho que ainda não caiu bem a ficha que estamos em nossa própria casa, tipo, com nossas regras e tal.

– Falando em nossas regras... – falei me sentando no tapete. – Como vamos arrumar essa sala para que ninguém destrua nada?

– Pensei em afastarmos o sofá, nosso único móvel nesta sala espaçosa, e improvisar uma pista de dança. Podemos deixar as bebidas na bancada. – Ela soltou o regador e veio se sentar ao meu lado.

– Tá, e aquele seu amigo vai trazer o som e as luzes?

– Aham, como amanhã à tarde não trabalho, eu cuido dessa parte. Ele vem mais cedo e coloca as luzes. O som é simples, não podemos deixá-lo usar o equipamento que ele usa nas festas da chácara se não os vizinhos matariam a gente.

– Eu acho que eles vão matar a gente de qualquer jeito.

– Essa é a parte divertida Mel.

Começamos a rir e depois organizamos a mesa de bebidas, sem as bebidas porque elas estavam na geladeira. Afastamos o sofá, já deixando a pista de dança improvisada. Por fim fomos dormir e pela primeira vez naquela semana pensei no chato do meu irmão e no fato de que dessa vez ele não me impediria de fazer o que bem entendesse, afinal, eu estava em casa.

Assim que acordei nomeei a sexta feira como sexta-feira da exceção. Era a primeira vez em muito tempo que eu não estava de mau humor, acho que a possibilidade de não ficar enfurnada na faculdade era o motivo. Eu realmente achava as aulas de sexta um inferno e muitas vezes me sentava na última carteira e simplesmente dormia, a maioria dos alunos prestava atenção, mas eu era diferente porque simplesmente me preocupava com isso duas semanas antes das semanas de prova e isso era o suficiente para mim.

Arrumei-me cantarolando e ignorei o falatório de Ramona

porque não entendia como alguém poderia acordar com tanta disposição para falar e cantar ao mesmo tempo, eu não estava conseguindo nem tirar a maquiagem do dia anterior da minha cara e olha que estava com um humor relativamente bom.

– Cala a boca Ramona! – gritei, já desistindo de remover o rímel e depois passando outra camada por cima, seria a treva para conseguir tirar aquilo de noite.

– Credo, Mel. Eu só estou cantando.

– Você canta mal pra caralho!

– Olha o palavrão sua pervertida.

– Que palavrão o que, estou apenas me expressando.

– Se expressando de uma maneira um pouco grosseira.

Dei de ombros e vesti a primeira roupa que vi na frente: calça jeans preta, com sapatilha da mesma cor e uma camisa branca com o logotipo da empresa. Ergui os cabelos em um rabo de cavalo alto e passei um batom nude.

– Tô saindo, Mona – gritei pegando a bolsa e abrindo a porta. – Chego mais cedo para me arrumar e ajudar no que falta.

– Tá bom!

Sai correndo do apartamento e desci as escadas voando, estava com medo de perder o ônibus, o que felizmente não aconteceu, pois cheguei à empresa com cinco minutos sobrando.

– Oi, Mariane – a abracei assim que cheguei à recepção. – Pronta pra hoje?

– Eu já nasci pronta – Ela sorriu, um sorriso um pouco forçado, parecia mais pálida do que o normal.

– Vai posar lá em casa amanhã? – Perguntei novamente. Ramona nunca passava os finais de semana em casa porque geralmente a família dela acampava e ela não queria perder esse lance de natureza com eles.

– Claro.

– Você tem certeza que não está escondendo nada, Mari?

– Tenho.

Arqueei os ombros, era óbvio que ela estava com algum problema, eu meio que já desconfiava do que, mas pressioná-la só iria piorar a situação.

– Eu vou indo verificar alguns documentos, você vai comigo daqui, ou vai passar em casa?

– Eu vou com você, já trouxe roupa e tudo.

– Tá bom.

Fui para minha salinha claustrofóbica e fiz de tudo para terminar meu serviço rápido, até fiquei trabalhando no horário de almoço. Uma hora antes de o expediente chegar ao fim já estava com tudo pronto, até algumas coisas de segunda feira. René ficou surpreendido e resolveu me deixar sair mais cedo, junto com Mariane.

– Ah, Mel – ele me chamou quando eu estava saindo. – Só fique de olho em Mariane, ela está esquisita.

– Eu estava pensando a mesma coisa – dei alguns passos para trás. – Mas ela não me fala o que é.

– Eu tentei falar com ela, mas a garota ficou gaguejando e não conseguiu me explicar nada.

– Vou tentar conversar com ela nesse fim de semana.

– Certo, então até depois... Ah, mel?

– Sim? – Quando ele me deixaria sair?

– Posso convidar um amigo para ir comigo?

– Uhum.

– Então até depois.

– Até.

Sai correndo da sala dele e arrastei Mariane comigo para fora do

prédio, embarcamos no ônibus correndo. Ela estava tão quieta que preferi não quebrar o silêncio, mas assim que entramos em meu apartamento, não consegui mais me segurar:

– Até o René está preocupado com você, Mari, me conta o que está acontecendo.

Fechei a porta e apontei para o sofá, acenando para Ramona e seu amigo, que estavam arrumando umas coisas ali perto.

– Não está acontecendo nada – ela começou a retorcer os dedos.
– Quer dizer, está, mas hoje não é um bom dia para falar sobre isso. Hoje é dia de diversão.

– Eu não me importo de adiar a diversão, Mari, você é minha amiga. É meu dever como amiga fazer de tudo pra te ajudar.

Os olhos dela se encheram de lágrimas e eu fiquei meio apavorada porque ela não era de chorar, na verdade Mariane sempre passou a impressão de mostrar o dedo do meio para o mundo e ser ela mesma em qualquer ocasião, não pelo fato de ser gordinha, mas sim pelo fato da maioria das pessoas não entenderem como ela se aceitava tão bem.

– Amanhã Mel – ela secou os olhos com os dedos gorduchos. – Amanhã eu te falo tudo, agora vamos se arrumar porque é dia de encher a cara.

Meio a contragosto fui com ela ao meu quarto, Ramona faz o mesmo e nós três nos arrumamos.

– É serio que você vai usar essa roupa? – Perguntei a Ramona enquanto ela tentava domar o cabelo.

– O que tem de errado?

– Tudo!

Ela revirou os olhos. Estava vestida com uma jardineira jeans curta e usando all star, parecendo mais uma menina de colegial do que nunca.

– Sabe Mel – Ramona tomou o rímel de minha mão. – Eu não entendo a necessidade das garotas sempre usarem vestidos curtos em festas. É como se fosse um uniforme: você vai para a balada e tem de estar com o cabelo liso e um vestido curto, além de saltos altos demais.

Tombei a cabeça de lado, iria contestar, mas sabia que ela tinha razão. Meu cabelo era liso naturalmente, então esse ponto não se encaixava em mim, mas o fato do vestido curto e salto alto se encaixavam. Cada vez que falava em festas, eu pensava em vestidos, como se fosse meu dever também ser como a maioria.

– Acho que você tem razão – disse Mariane ajustando o short de cetim preto. – Quando não é o vestido é short curto, como no meu caso, porque se eu usar um vestido fico parecendo a capa de bujão da minha mãe.

– Odeio piadas depreciativas – Ramona deu um cutucão em Mariane, elas também são amigas, nós três tínhamos bastante intimidade, então não era como se ela não pudesse dizer isso. – Você é linda, tira o estereótipo de que não pode usar algo pelo seu corpo, a gente usa o que gosta.

Mariane arregalou os olhos e não disse nada, passando os dedos nos cabelos negros, se esforçando demais para parecer distante. Cutuquei Ramona, tentando lhe dizer com os olhos para pegar leve com ela hoje. Minha amiga natureba pareceu entender, porque saiu do quarto com a desculpa de ajudar seu amigo, que até agora não tinha me dado ao trabalho de notar direito.

– Relaxa Mari – peguei em sua mão. – Aproveita à noite e em qualquer hora que quiser desabafar, saiba que eu estou aqui.

– Eu sei Mel – ela me abraçou. – Só estou tentando ter coragem.

Fiz um gesto afirmativo e me olhei no espelho. Meu vestido era curto e azul, colado ao corpo, deixando em evidência minha cintura fina, mas não a ponto de realçar meus peitos inexistentes. Meus cabelos loiros

estavam lisos como sempre, a franja lateral cobria minha testa. Meu sapato preto me deixa mais elegante, mas incomoda um pouco, esmagando meu dedo mindinho.

– Você está linda como sempre Mel – disse Mari passando batom.

– Você também. – Peguei o batom vermelho em cima da cama e dividi o espelho com ela.

Mari estava com um short de cetim preto e uma camiseta branca com detalhes em renda, que realçava seu busto. Invejei seus peitos, se os meus fossem daquele tamanho iria viver mostrando, como um troféu. Os cabelos dela estavam soltos e eram tão negros que parecem tinta, contrastando com sua pele branca, realçada por muito pouca maquiagem, ela era linda, só ainda não tinha percebido isso.

– Queria ter a ousadia de usar um batom vermelho – ela murmurou calçando a sapatilha preta com lantejoulas.

– Qualquer um pode usar batom vermelho, experimenta – lhe entreguei o batom.

– Será, mas daí nós duas vamos estar de batom vermelho?

– Então usa esse. – Lhe entreguei um batom Rosa-Pink.

Ela abriu o batom e passou nos lábios, parecendo receosa, mas no final sorriu e não tinha como não fazê-lo porque conseguiu ficar ainda mais bonita.

– Viu só? – A cutuquei. – Cores fortes ficam bem em você.

– Tem razão.

Assim que terminamos de nos arrumar saímos do quarto. A sala já estava com as luzes instaladas e o amigo de Ramona estava esparramado no tapete, ao lado dela, os dois riam de algo.

– Que horas você marcou para o pessoal começar a vir? – Perguntei indo para seu lado.

– Ali pelas oito. Ah, Mel, este é o Pietro, ele faz estágio comigo – ela indicou o garoto com o indicador. Ele era bonito, tinha cabelos acobreados e algumas sardas ao redor dos olhos e pelo jeito como encarava minha amiga, parecia estar afim dela.

– Oi, Pietro, sou Melanie e esta é Mariane, ela é uma das minhas melhores amigas – aponte para Mari, sentada ao meu lado.

– Oi – ele diz analisando, se detendo em suas pernas por um breve segundo, acho que Ramona iria ter uma concorrente.

– Oi – Mari respondeu baixo, sem se dar conta do olhar safado do garoto.

Ficamos algum tempo assim, Ramona tagarelando com Pietro e eu e Mariane em silencio. Uns cinco minutos depois a campainha tocou e praticamente minha turma inteira entrou em nosso apartamento.

– Mel, Melanie, gata, cadê você? – Gritou Jean, assim que conseguiu entrar.

– Estou aqui – o cutuquei com o indicador. Apesar da perversão gostava dele.

– Gata, estava delirando de saudade – ele me abraçou e sua mão meio que desceu para a base de minhas costas.

– Você me viu ontem. – O afastei com delicadeza.

– Ah, mas te ver todos os dias é uma maravilha, mas te ver em um vestido curto é a visão do paraíso. Ai, papai.

Revirei os olhos e sai de perto dele. Pietro apagou a luz e ligou o som e *Neon Lights* da Demi Lovato começou a tocar. Puxei Ramona e Mariane para o meio da sala e nos juntamos a meus amigos malucos, dançando de um jeito desengonçado como todo mundo.

Meia hora depois a turma de Ramona, bem maior do que a minha, chegou e o apartamento se tornou pequeno, mas mesmo assim continuamos dançando. Dava para ver só a silhueta das pessoas, porque as

luzes brilhantes não clareavam nada.

– Gente – gritou Jean. – Hora da tequila!

Todo mundo gritou em aprovação.

– E – continuou ele, empolgado até demais. – As donas da casa vão ter a honra de começar.

Empurraram eu e Ramona em direção a cozinha, que era separada da sala pela bancada.

– Vamos lá meninas – Jean encheu dois copos de plástico com tequila – virem tudo e batizem a residência.

O pessoal gritou de novo, totalmente de acordo. Deixar pessoas bêbadas era legal do ponto de vista deles e eu até que não discordava.

Ramona deu de ombros e virou o copo, fiz o mesmo. Nós duas já tínhamos virados mais do que um copo de tequila, estávamos acostumadas.

– Agora que as donas já beberam, vamos encher a cara galera!

Foi o que bastou para a bagunça começar de vez. O volume do som foi aumentado e alguém encheu nossos copos novamente, logo Mariane apareceu ao nosso lado e ganhou um copo de vodka, que virou de uma vez, parecendo satisfeita pelo feito.

– Vai devagar aí, Mari – lhe avisei. – Você não é muito acostumada a beber.

– Sempre tem a primeira vez – ela deu de ombros.

Começamos a dançar e eu perdi a conta de quantos copos de vodka tomei, achei que misturar tudo não era uma boa ideia, mas quem se importava? Estava dando minha primeira festa e estava sendo muito divertido.

A campainha tocou novamente e não sei dizer como consegui escutar com tanto barulho. Tropeçando nas pessoas consegui chegar à porta e a abri.

– Honey – René me puxou porta afora, beijando meu rosto.

– Oi, René – me desvencilhei dele.

– Mel, trouxe meu amigo aqui.

Olhei para o lado e vi o amigo dele, que era ninguém menos que Arthur, o melhor amigo de Matheus, o que fica comendo morenas peitudas com os olhos.

Capítulo 6

Pecaminosa

– Oi, Melanie – disse Arthur. Ele estava de jaqueta de couro preta, camiseta branca, calça jeans preta e botas da mesma cor, parecendo tudo, menos o cara sério desta manhã, sem falar que estava sem óculos. Os cabelos loiro-escuros despenteados, a barba rala e os olhos marrons como chocolate derretido só o deixavam mais gostoso, ou talvez fosse só o efeito da vodka.

– Oi – falei por fim, ciente de que ele deve ter percebido meu olhar passear por seu corpo. – Entrem.

Entrei no apartamento e logo Jean apareceu, parecendo mais bêbado que eu.

– Mel, Mel, preciso que você me leve pro céu – ele começou a rir ao dizer isso. – Cara, isso não seria o logotipo perfeito?

– Claro, se você estivesse anunciando covas no cemitério – respondi rindo.

– Ah, Mel, já disse que amo quando é sarcástica?

Balancei a cabeça, ele que nem começasse com o papo meloso, não teria que amar nada em mim, éramos amigos, a não ser que me amasse como amiga, mas se bem que um amigo não tentaria colocar a mão na calcinha da amiga e a amiga não ficaria de amassos com ele na biblioteca.

Uma menina que estudava com a gente, Vanessa, chamou Jean e ele saiu com ela. Suspirei aliviada. Odiava quando a conversa ficava estranha.

– Será que em qualquer lugar que vá consegue arrumar um apaixonado maluco?

Virei-me e dei de cara com René, quer dizer, bati o nariz em seu

peito e só então olhei para cima.

– Ele não está apaixonado por mim – resmunguei dando um passo para trás.

– Ah, claro, e eu sou o rei da Escócia.

– Deu né René, vai procurar um caminhão de macacos.

– Sou seu chefe, Honey.

– Você disse que eu teria de te respeitar só na frente do pessoal do escritório.

– E o Arthur aqui? – ele apontou para o amigo, que estava muito interessado no traseiro de alguma piriguete, pelo modo como olhava para a pista de dança improvisada.

– Ele não trabalha para você e me conhece a tempo suficiente para saber que não faço o tipo meiga.

René sorriu e balançou a cabeça.

– Você não tem jeito sua maluca.

– Ah, mas ela tem razão – Arthur voltou sua atenção para mim. – Essa garota é uma peste.

Fiz uma careta, pelo modo como falou parecia que eu tinha dez anos e estava prestes a fazer algo estúpido, como beber até entrar em coma alcoólico.

– Agradeço o elogio meninos, mas tenho que ir – ergui meu copo vazio. – A amiga vodka não gosta de esperar.

Sai de perto deles e fui até o balcão, onde enchi meu copo e voltei para o meio da sala.

– E aí, Mari, está se divertindo? – perguntei ao vê-la com os cabelos grudados no rosto e sorrindo.

– Estou. Aquele garoto, Pietro, é muito gentil, sempre está enchendo meu copo.

– Acho que ele está afim de você.

– Você está bêbada, sua opinião não conta.

– Eu não estava bêbada quando notei isso.

Ela deu de ombros e voltou a dançar, alguns segundos depois senti calor e fui para a sacada da sala. O ar frio irradiou por minha pele, desviando um pouco o torpor causado pela bebida. Larguei o copo na balaustrada e suspirei. A liberdade cheirava a vodka nesse momento.

– Aí está você!– Virei-me e vi Jean, seus olhos azuis estavam meio opacos e os cabelos, sempre bem penteados, desgrenhados. – Não via a hora de te ter só pra mim.

E com isso ele deu um passo à frente e me puxou pela cintura, colando sua boca na minha. A princípio foi delicado, apenas um roçar suave, então sua língua brincou com o contorno de meus lábios e invadiu minha boca de forma possessiva.

Suas mãos deixaram minha cintura, uma foi parar em minha nuca, desgrudando meus cabelos suados, e a outra na curva de minha bunda, apertando-a levemente. Minhas mãos, que até então estavam espalmadas em seu peito, subiram para seu pescoço e eu tramei os dedos entre seus cabelos.

Eu não esperava ficar com Jean, mas agora que isso estava acontecendo não era de todo ruim. Ele beijava bem e tinha uma pegada forte, não a ponto de eu arrastá-lo para meu quarto, mas para dar uns amassos era bom e divertido.

Ele afastou os lábios dos meus por alguns segundos e então voltou a me beijar, me empurrando contra a parede e me erguendo pelos quadris. Por um segundo pensei que quem estivesse no outro prédio, ou até mesmo na rua, poderia nos ver com facilidade, mas esse raciocínio foi interrompido quando ele começou a beijar meu pescoço, deixando um rastro quente onde seus lábios tocavam.

Suas mãos apertaram minhas coxas e vagaram por minha cintura, tive que apertar mais as pernas ao seu redor para não cair.

– Você me deixa maluco, garota – ele murmurou com voz rouca.

Não respondi, acho que o álcool em meu sangue me impedia de falar, mas ele não deve ter se importado porque envolveu meu seio com a mão, por cima do tecido fino do vestido, pressionando meu mamilo com o polegar. Uma espécie de choque percorreu meu corpo.

Quando Jean beijou meu queixo e subiu para minha orelha, prendendo o lóbulo entre seus lábios quentes, consegui pensar racionalmente. Nós não deveríamos estar fazendo isso, ainda mais em uma sacada, que ficava na sala, onde por um acaso estava acontecendo uma festa. Sem contar que eu não sentia nada por ele e seria mesquinho de minha parte incentivá-lo dessa forma.

Empurrei os ombros de Jean e ele me encarou, parecendo confuso.

– A gente tem que parar – sussurrei. – Aqui não é lugar para isso.

– Tem razão. – Ele concordou e me empurrou mais de encontro a parede. – Vamos para seu quarto.

– Não dá, esta é minha festa, eu tenho que ficar nela.

– Ninguém vai dar por sua falta.

– Eu não posso mesmo.

– Tudo bem – disse de forma agressiva, me soltando. – Mas vai ter um dia que você não vai poder fugir de mim doçura.

E com isso ele saiu da sacada, me deixando embasbacada. Às vezes eu era estúpida mesmo, a parte racional de meu cérebro havia demorado tempo demais para entrar em ação, tudo culpa da amiga vodka e de minha estupidez infinita.

Depois de alguns minutos sai da sacada. Dei alguns passos e dois garotos bloquearam minha passagem, estavam de costas, olhando algumas garotas dançarem de forma sensual em cima do meu tapete.

– Às vezes eu acho que juízo é uma coisa que passa longe da

cabeça da Honey.

Eu estava prestes a pedir licença, mas depois de escutar isso fiquei congelada. Os dois garotos eram René e Arthur, reconheci o primeiro pela voz e a maneira de falar de mim e o segundo pelas botas, já que a maioria estava de tênis.

– Eu não acho, tenho certeza – retorquiu Arthur. – A garota preza a liberdade que tem.

– Ela preza e é uma completa libertina. Você viu o estado que aquele garoto saiu da sacada?

– Não tinha como não notar, ele foi mais uma vítima do furacão Melanie Beatriz.

Arregalei os olhos, desde quando eu tinha me tornado um furacão?

– Quando ela começou a trabalhar comigo – continuou René, nem se dando conta de que eu estava atrás deles. – Pensei que fosse uma garota inocente, mas a encontrei em algumas boates e a doida chega como uma princesa e sai como uma mendiga.

– E você acha que não sei? Eu a vi crescer, ela era uma adolescente normal, mas aos dezessete anos simplesmente virou a linha e se transformou no furacão que é. Matheus cumpria um dobrado para cuidar dela.

– Está explicado o clamor pela liberdade que tem, mas uma coisa não pode negar: a danada é gostosa.

– Gostosa, proibida e pecaminosa – completou Arthur.

– Proibida?

– É lógico, ela é a irmã do Matheus.

Alguém esbarrou em mim e eu acabei batendo em René, que se virou.

– Honey – balbuciou, parecendo envergonhado. – Faz muito

tempo que está aí?

– Não. – Menti, sacudindo a cabeça. – Por quê?

– Nada não, mas você sabe dar festas como ninguém.

– Ramona me ajudou.

– Ah, tá.

Sorri e sai de perto deles, com a cabeça fervilhando. Eu precisava pensar, mas estava bêbada demais para isso, então encontrei Ramona e Mariane e começamos a dançar feito malucas.

– Quando um garoto diz que você é gostosa e proibida o que significa? – Gritei no ouvido de Ramona, por conta da música alta.

– Significa que ele só não te leva pra cama pela parte do proibida, por quê?

– Nada não.

– Só não especulo mais porque estou enjoada – ela colocou a mão no estomago. – E acho que vou vomitar, com licença!

Ela saiu correndo e eu olhei para Mariane, que olhava para algum ponto atrás de mim, segui seu olhar e me deparei com René, no mesmo lugar de antes, ao lado de Arthur. Ela encarava René, parecendo perdida e eu estava quase certa de que minhas suspeitas eram verdadeiras. Eu conhecia aquele olhar, já tinha olhado para alguém daquela maneira, a pobre garota estava ferrada, mas preferi não tocar no assunto, não quando estava para lá de Bagdá e longe de ter uma linha de raciocínio descente.

A festa durou quase a noite toda, alguns vizinhos vieram reclamar do som, mas isso foi ignorado. Às quatro da manhã, quando eu já estava estirada ao lado da porta, alguém me puxou como se eu fosse uma boneca de trapos.

– Chegou minha hora Honey – sussurrou René em meu ouvido. – Excelente festa.

– Obrigada – agradei me afastando dele.

– Não há de que. – Ele beijou o canto de minha boca. – Até segunda.

– Até.

– Tchau Melanie – disse Arthur, parecendo divertido e mais desganhado do que quando chegou.

– Tchau.

Abri a porta e eles saíram. Uma hora depois o apartamento estava vazio. A sujeira era visível, mas estava cansada demais para pensar nisso.

– Mariane? – chamei minha amiga enquanto pulava por cima dos copos descartáveis.

Ela não respondeu e eu fui em direção à cozinha. Encontrei-a sentada no chão, ao lado da pia. A maquiagem estava borrada e seu rosto manchado de lágrimas ainda frescas. Aproximei-me mais e notei que ela dormia. Definitivamente estava na hora de termos uma conversa, mas somente quando nós duas estivéssemos sóbrias o suficiente.

Tirei as sandálias e fui para o banheiro. Assim que entrei encontrei Ramona dormindo ao lado do vaso. Não consegui controlar a risada. A festa realmente havia sido boa, com direito a alguns amassos e um beijo no canto da boca. Espera aí, beijo no canto da boca? Que espécie de porra foi aquela?

Capítulo 7

No mas das coisas

De alguma forma eu consegui encontrar o caminho de meu quarto e tirar o vestido antes de cair exausta na cama. A última coisa de que me lembro é de pensar que beber tanta vodka deixa sua boca com o gosto de peixe morto.

Não fazia ideia de quanto tempo tinha dormido, só sei que acordei com o barulho de algo caindo e isso foi o suficiente para a noite de ontem voltar em todo seu esplendor. Lembrei-me de minhas colegas dançando feito piriguetes e de meus amigos fazendo campeonato de quem bebia mais tequila, também me lembrei da forma como fiquei agarrada com Jean na sacada e a lembrança que veio depois me fez sentar na cama.

Porque cargas d'água René tinha beijado o canto de minha boca ao se despedir? Quando foi que eu demonstrei que queria isso? Além do mais, antes ele não estava falando que eu era libertina, com ninguém menos que Arthur?

Apertei as têmporas enquanto cambaleava para fora da cama. Eu precisava urgentemente de um banho, remédio para dor de cabeça e alguém com quem conversar.

– Tô saindo fora Mel – disse Ramona assim que consegui chegar à sala. – Acampamento hoje. Não se preocupe, eu juntei a maioria dos lixos e ninguém quebrou nada. Beijo gata!

Ela não me dá tempo de resposta e sai saltitante. Como ela se recuperou da ressaca tão rápido não sei, mas com certeza deveria ser algum tipo de macumba vodu ambientalista.

Olhei ao redor e vi que ela juntou a maioria das coisas. O apartamento ainda estava um caos, mas nada que algumas horas de

trabalho domiciliar não resolvessem.

Fui até a cozinha, esperando encontrar Mariane deitada no chão, eu estava bêbada o suficiente para deixá-la dormindo ali, mas não a encontrei.

– Mari! – gritei e me assustei com a rouquidão de minha própria voz. – Onde está você?

– Estou aqui.

Olhei para trás e a vi. Está penteada e com uma roupa diferente, parecendo um poço de saúde e não com alguém de ressaca. Como ela e Ramona conseguiam fazer isso?

– Fui até em casa – ela explicou antes que eu pedisse. – Tomar banho e arrumar algumas roupas, já que vou ficar aqui até amanhã.

– Que horas são?

– Duas da tarde.

Caramba e que horas você e Ramona acordaram?

– As onze. Ramona foi organizar algumas coisas para o acampamento e eu aproveitei isso para ir até em casa.

– Porque ninguém me acordou?

– Todo mundo conhece seu mau humor.

– Não sou mal humorada.

Ela fez uma cara de cética e eu dei de ombros, como se isso justificasse tudo.

– Vou tomar banho e quando sair do banheiro, vamos conversar dona Mariane – falei enquanto abria a porta de meu quarto. – E dessa vez você não escapa.

– Não pretendia fazer isso – murmurou.

Entrei em meu quarto, que milagrosamente estava organizado, e escolhi a primeira roupa que vi no armário: short jeans e regata branca. Fui até a janela e abri as cortinas, depois peguei a toalha de banho pendurada

na cadeira e fui para o banheiro, no corredor entre a cozinha e a área de serviço.

Não foi um banho demorado, mas mesmo assim me ajudou a acordar de vez, tive de chegar ao cúmulo de passar condicionador na cara para conseguir remover o rímel e percebi que era muito melhor que meu demaquilante de marca duvidosa. Após pentear os cabelos e calçar minhas havaianas fui atrás de Mariane.

Eu nunca fui o tipo de garota que força as pessoas falarem, mas sempre fui muito observadora. Mariane vinha agindo assim há dias, andava sempre prestes a chorar e parecendo desconfortável, eu desconfiava do motivo e hoje faria diferente, nem que eu tivesse de ameaçar grudar chiclete no cabelo dela.

Encontrei minha amiga na sala, ela havia colocado o sofá no lugar e estava passando aspirador no tapete. Fui até a tomada e desengatei o aparelho, o ruído leve cessou.

– Senta aí, Mari – disse sentando no sofá e indicando o espaço ao meu lado. – Hoje você vai ter que me falar o que está acontecendo.

– Tudo bem – ela soltou o cabo do aspirador e sentou ao meu lado. – Mas me deixa começar, do meu jeito.

– Solta o verbo Mariane.

– Se eu te perguntar uma coisa você não vai se ofender? – Perguntou retorcendo os dedos.

– Eu não faço o tipo que se ofende, sou dura na queda.

– Tudo bem, eu sei disso. Então lá vai: Você tem algum interesse em René?

Eu não sei por que a pergunta me surpreendeu, só sei que escancarei a boca e até imaginei minha língua descendo no chão de sala, de tão atônita que fiquei.

– Não Mari – sacudi a cabeça e meus cabelos molhados

grudaram em meu rosto. – Eu nunca tive interesse em René.

– Mas ele deve ter em você, eu vi a maneira como se despediram ontem.

– Eu estava bêbada Mari e eu nunca dei oportunidade para ele agir dessa forma. Então relaxa, porque se depender de mim o René é todo seu.

– Eu nem falei que gostava dele, eu...

– Eu não sou burra Mariane, eu posso me fazer, mas não sou. Eu estou notando a maneira como está agindo, a forma como passou a se menosprezar.

– Você tem razão – ela sussurrou, parecendo envergonhada. – Eu não sei como isso foi acontecer. Eu sempre tive a consciência de onde era meu lugar. Só que de repente ele estava ali, sempre em minha mesa, fazendo alguma piada e eu... Sei lá, ele me tratou como se eu fosse gente e não só alguém desengonçada.

As palavras dela partiram meu coração, e olha que para algo mexer comigo demora. Tudo o que pensei foi que se tinha alguém que merecia ser amada, esse alguém era a Mari, sei lá, qualquer cara que a tivesse por perto seria sortudo.

– Sabe o que eu acho? Que você deveria tentar, deveria chegar nele.

– Ah, claro Mel. Como se alguém como René fosse querer alguém como eu. O cara vive na academia, come só comida saudável e vive nas baladas com garotas tão bonitas que parecem que são modelos. O que ele iria quer com alguém como eu? Alguém que é gorda, baixa e que é desengonçada? Eu finjo que não me importo, mas você acha que eu não sei que as pessoas reparam no que eu como, ou no que eu visto? Eles esperam algo para rir de mim, sempre foi assim, desde que eu me entendo por gente.

Mariane começou a chorar e eu a abracei. Eu sabia o que ela estava sentindo. Era horrível você se apaixonar por alguém inalcançável,

alguém que nunca a veria de outra forma e que a tratava como gente por mera conveniência.

– Eu já passei por isso Mari – acariciei seus cabelos. – Mas eu acho que você deveria tentar.

– Você tentou? – Ela ergueu o rosto, parecendo esperançosa.

Engoli em seco. Como eu explicaria isso?

– Não, Mari, eu não tentei.

– Então como está me aconselhando a tentar?

– Eu estou te dizendo para agarrar a oportunidade. Você trabalha com o René, ele vive perto de você e te trata com educação, se você tentar ele não será grosseiro, porque faz parte da personalidade dele ser assim, apesar da fama, ele é um cara gentil.

Mari balançou a cabeça.

– Mas como você me aconselha a tentar se não tentou? – Perguntou novamente. – Você é a garota mais decidida que conheço, pode ter praticamente o cara que quiser e se você não conseguiu como eu vou?

Ela tinha razão, só que as situações eram diferentes, muito diferentes e já fazia algum tempo, mas para ajudar um amigo valia qualquer coisa, até mesmo voltar a um passado que eu gostaria de esquecer.

– A situação era diferente Mari... – Comecei a explicar. – Eu nunca tive chance entende, não é como no seu caso. O... A pessoa em questão nunca me viu como uma garota, mas sim como uma menininha inocente. Então eu não tinha nem a oportunidade de tentar.

– Não estou entendendo nada.

Respirei fundo e cruzei os braços.

– Tudo bem. Vou começar do começo.

– Seria melhor, Mel.

– Quando eu tinha treze anos me apaixonei pela primeira e única vez. O garoto era amigo do meu irmão e quase oito anos mais velho

que eu. Era ridículo, eu sei, mas ele meio que me entendia e conversava comigo, não me tratava como uma criança, como Matheus. Aos treze anos as garotas começam a se apaixonar e a ficar com garotos, mas esse não era meu caso, pelo menos a segunda parte, porque o garoto que eu gostava nunca me beijaria. Ele tinha 20 anos e eu treze, eu era inteligente o suficiente para entender que isso seria considerado errado, era até proibido por lei.

Parei de falar por um momento, imersa nas lembranças, e Mariane continuou me encarando, esperando o final da minha história ridícula.

– Eu continuei gostando dele, só as páginas de meu diário sabiam o que eu sentia e era difícil porque ele estava sempre ali. Quando fiz quatorze anos continuei gostando dele, aos quinze descobri que o amava e fiz de tudo para ele dançar comigo em meu baile de quinze anos, foi à única vez em que realmente tentei e não deu muito certo, quer dizer, o baile foi a lindo e a dança perfeita, mas cinco minutos depois que paramos de dançar, ele começou a se agarrar com uma das convidadas de Matheus e eu não o culpo porque nunca soube o que eu sentia, mas foi tão triste e doeu tanto... Eu quis achar uma forma de arrancar aquilo de meu peito, mas não consegui e com dezesseis anos eu continuava gostando dele e o sentimento só piorava. Era como se eu fosse ficar para sempre perseguindo o fantasma dele. Quando fiz dezessete anos dei um basta nisso, decidi que não me importava e fiz um esforço descomunal para começar a viver minha adolescência. Eu pirei o cabeçaço como dizem, resolvi aproveitar tudo de uma vez, comecei a dar chance para os garotos, a sair para dançar e não dar mais importância para o que sentia e um belo dia acordei e não senti que iria me partir em milhões de pedaços.

Respirei fundo ao terminar de falar, reviver aquilo não era bom e eu evitava ao máximo ser sentimental, mas o fato de contar para alguém além de Ramona era reconfortante.

– Era o Arthur não era? – Indagou Mariane um tempo depois.

Cobri o rosto com as mãos sem entender muito bem meu próprio gesto. Eu já havia superado aquilo, quer dizer, fazia três anos que eu não gostava mais dele.

– Por que acha isso?

– O único amigo de Matheus que vivia na sua casa era Arthur.

– Era ele, mas eu já superei há muito tempo, não tem mais importância. O que quis dizer ao te contar isso era que diferente de mim, você tem chance e mesmo que não de certo você tentou e no final pode superar.

Mariane fez um gesto afirmativo, parecendo entender meu ponto de vista.

– Não digo que vou tentar, mas vou pensar no assunto e depois que você me contou isso, acho que passei a te entender melhor.

– O que quer dizer?

– Que você só se tornou essa garota decidida depois disso, que não é desprovida de sentimentos, ou uma safada como seu irmão diz, simplesmente aprendeu a curtir a vida sem um garoto do lado.

– Nunca tinha pensado por esse lado, mas eu não sou tão decidida assim Mari. Quer saber por que Ramona vive dizendo que eu vou criar teias de Aranha? É porque eu sou virgem, eu tenho mais fama do que ação, eu simplesmente uso isso a meu favor.

Mariane arregalou os olhos de uma maneira cômica, parecia que eles cairiam no tapete a qualquer momento.

– Caramba! Eu achei que só eu aos vinte anos consegui a proeza de ser virgem, mas eu sou por falta de oportunidade, o que não deve ser seu caso.

Sacudi a cabeça, tentando achar uma maneira de explicar.

– Eu já tive a oportunidade, mas eu não quero só transar com

alguém Mari, não precisa ser especial, só tem que ser com alguém que eu goste, nem precisa ser amor, só gostar mesmo e no momento eu não gosto de ninguém.

Ela balançou a cabeça, parecendo entender.

– Você é surpreendente Melanie – disse por fim. – Somos amigas há quase dois anos e eu passei a te conhecer melhor só agora, fico feliz que sejamos parecidas em alguma coisa.

– Eu disse tudo isso para tentar te ajudar Mari, não faço o tipo sentimental, tento ser durona e pirada a maior parte do tempo, levar a vida a sério não é muito minha praia.

– Eu sei sua pirada, mas todas nós, garotas, estamos fadadas a termos nossos amores errados. O seu foi cedo demais e o meu inescrupuloso demais.

Fui obrigada a concordar e me senti um pouco melhor ao ver que a melhor parte de tudo isso foi ter ajudado minha amiga a voltar a sorrir, mesmo que temporariamente.

– Então, o que me diz? Vai tentar? – Perguntei depois de uns dois minutos de silêncio.

– Talvez.

Isso foi o que bastou para que eu pulasse em cima dela, lhe dando um abraço de urso. Depois dessa conversa nem foi difícil arrumar toda a bagunça.

Capítulo 8

Loucura

Passamos o que restava do sábado arrumando a bagunça e no domingo aproveitamos para explorar meu novo bairro. Eu e Mariane fomos ao parque ali perto e ficamos a tarde todo deitadas na grama, pegando sol como dois bichos preguiça. O clima ficou mais leve depois que conversamos, mas tanto eu quanto Mari não queríamos tocar no assunto, era mais fácil assim, pelo menos no meu caso.

No domingo à noite Ramona chegou, fedendo a fumaça e sei lá mais o quê. Mariane voltou para casa, ela morava ali perto também, junto com a mãe e uma irmã mais velha que era professora, mas diferente dela, Mari estudava administração e passava longe da sala de aula, acho que a época da escola foi traumatizante demais para ela.

Depois de me despedir de Mariane fui passar pano no chão, se não fizesse isso hoje não teria mais tempo durante a semana. O apartamento era relativamente pequeno, dois quartos, sala e cozinha juntas, um banheiro e área de serviço, mas na hora de limpar tudo parecia ficar maior e meu nível de preguiça estava elevado, porque quando finalmente terminei, estava exausta.

– O que vai fazer de janta Mel? – Perguntou Ramona enquanto saía do banheiro, secando os cabelos avermelhados com a minha toalha de banho.

– Não sei, meu dinheiro acabou e ainda faltam dez dias para o pagamento, então comprar algo está fora de cogitação.

– Eu sou estagiária, comecei semana passada, então dinheiro é algo que não vi nem o cheiro, mas temos comida em casa pelo menos?

– Aham, comprei no meu vale alimentação.

- Bendito seja o René que te paga vale alimentação e transporte.
- Não fale nesse idiota.

Ramona arregalou os olhos e jogou a toalha no cesto de roupa suja, depois veio sentar ao meu lado.

- O que ele te fez?
- No sábado, na hora de se despedir, ele quase me deu um beijo
- cruzei os braços. – E eu nunca dei liberdade para isso.
- Ah, sabe Mel, eu acho que ele achou que... – Ela enrolou um cacho no dedo, parecendo desconfortável. – Que achou que devido a sua fama, você ficaria com ele, porque você sabe que todo mundo acha que você é meio maluca e dá pouca importância para tudo.

Até preparei um bom palavrão para dizer, mas daí me lembrei da conversa de René e Arthur e do quanto eles me consideravam desmiolada.

- Acho que tem razão.
- O que? – Ramona pulou do sofá. – Você não vai falar nenhum palavrão, ou me dar um soco?
- Não, agora sente aqui que quero contar uma coisa.
- Tá bom, agora fale.
- Sábado eu escutei uma conversa entre René e Arthur. Eles falaram que eu era uma libertina maluca, que clamava por liberdade.
- Achei que você estivesse bêbada.
- Eu estava bêbada, mas não a ponto de perder a memória. Os dois não perceberam que eu estava escutando.
- Ah, então foi por isso que você veio me perguntar o que significava quando um garoto dizia que você era gostosa e proibida?
- Foi.
- E qual dos dois falou isso?
- O Arthur.

Ramona arregalou ainda mais os olhos e se levantou do sofá, começando a andar em círculos pela sala.

– Eu espero que isso não tenha ficado em sua cabeça – disse dando a volta por trás do sofá.

– Claro que não, eu nem tive tempo de pensar nisso, estava tentando ajudar a Mari.

– O que ela tinha no final das contas?

– Ainda tem – a segurei pelo pulso, lhe impedindo de continuar andando em círculos. – Mas não acho que possa te contar.

– Eu odeio ficar curiosa Melanie! – Exclamou se jogando no sofá.

– Mas não vou contar, o segredo é da Mari, quando você for ver ela, pergunte.

– Pensei que eu fosse sua melhor amiga.

– Você é, mas a Mariane também.

– Eu também sou amiga dela.

– Então pergunte pra ela.

– Tá bom, mas voltando ao assunto: O que pretende fazer a respeito de René?

Cruzei os braços. Esse era um assunto que vinha pensando, eu não poderia ser grosseira com René, ele era meu chefe, mas também não poderia ser conivente e nem incentivá-lo, isso seria um desrespeito com Mariane, além de eu não vê-lo com outros olhos.

– Vou conversar com ele amanhã, dizer que não estou afim dele e tal.

– Ele é gostoso, você vai dispensar seu chefe gostoso assim? A Melanie que eu conheço não perderia a oportunidade de dar uns amassos em um cara gato.

– Ele é meu chefe – tornei a repetir. – Trabalho dentro da sala dele, isso seria muito errado.

– Não acho que ele queira compromisso.

– Eu sei, mas não quero ficar com René, eu nem sabia que ele tinha interesse em mim até sábado e isso pode ter sido ativado pela bebida, assim como todo mundo, ele também bebeu.

– Você tem razão – ela balançou a cabeça, concordando. – Mas vamos ao outro lado da conversa: O que Arthur falou não mexeu com você né?

Fiz uma careta. Ramona sabia que eu gostava de Arthur quando era mais nova e as consequências disso, então ela temia que eu voltasse a gostar dele e me escondesse do mundo de novo.

– Não Mona, eu nem dei atenção, já esqueci Arthur há três anos.

– Isso é bom. Agora vamos fazer a janta de uma vez, tô morrendo de fome.

Ramona continuou em roda de mim, com seu jeito intrometido de querer dar opinião sobre tudo, até mesmo sobre a quantidade de sal que eu teria que colocar no miojo, mesmo eu tendo explicado que em miojo não se colocava sal. Era divertido morarmos sozinhas, uma entendia a outra e éramos muito diferentes também, Ramona era ambientalista, metida e ficava com alguns garotos sem compromisso, mas também sonhava com um amor que a consumisse, era uma tola romântica, apesar de negar. Meu caso era diferente, eu levava tudo na brincadeira, fazia de tudo por meus amigos, ainda não tinha encontrado meu caminho e esperava nunca mais me apaixonar, mas isso não queria dizer que fosse morrer virgem, esperava encontrar em uma dessas minhas andanças alguém gostável para isso.

Depois de jantarmos vimos um filme na TV e fomos dormir mais tarde do que deveríamos.

O despertador tocou, mas como meu celular estava no silencioso não escutei. Por um acaso Ramona derrubou algo, como sempre, e eu acordei meia hora atrasada.

Levantei correndo e abri o guarda roupa pegando a primeira calça jeans que vi e uma camiseta preta com escrito em dourados, também calcei meu all star porque já estava de meia.

Peguei minha bolsa embaixo da cama e corri para o banheiro, escovando os dentes as pressas e tirando o excesso de pasta de dentes com as costas da mão, nem tive tempo de ver o estado do meu cabelo.

Abri a porta e desci as escadas correndo, o ponto de ônibus era em frente ao meu prédio, mas mesmo assim quando cheguei ao portão o ônibus já estava na sinaleira e minha má sorte era tanta que a sinaleira ainda abriu, nem pude pagar o mico de bater na porta.

– Odeio a segunda-feira! – Exclamei sentando no meio fio e deixando a bolsa cair no chão ruidosamente.

Afundi o rosto nas mãos, entrelaçando os dedos em meus cabelos embaraçados. A vantagem era que tinha tomado banho antes de dormir senão estaria além de despenteado fedida.

Continuei com a cabeça afundada nas mãos e de repente senti uma falta enorme de minha casa, quer dizer a outra casa. Lá eu tinha café da manhã e meu pai me acordava, Matheus me trazia para o serviço e ficava me azucrinando porque eu não parava de cantar pelo caminho todo e minha mãe nunca me deixaria sair com o cabelo bagunçado e me daria um beijo de bom dia e me xingaria se eu não avisasse se viria almoçar.

Fazia mais de uma semana que eu não os via, nem o chato do Matheus, não nos encontrávamos no serviço, e eu estava com tanta saudade que chegava a doer e o estranho foi que só percebi isso agora, depois de ser deixada para trás pela droga do ônibus. Senti meus olhos arderem e fiquei assustada, eu não era de chorar.

De repente também me veio na cabeça o fato de eu nem ter dinheiro para o almoço. Meu vale alimentação servia para o almoço no restaurante, mas eu tive que comprar comida e ajudar nas bebidas da festa e fiquei a zero, acho que tinha cinquenta centavos. Quando foi na vida que

eu fiquei sem almoço, sem ser por regime maluco ou birra?

Se Matheus estivesse aqui me chamaria de irresponsável e minha mãe e meu pai me dariam o dinheiro da comida, mas eles não estão aqui porque eu estou morando com Ramona e é injusto eu pedir dinheiro pra eles. Afundei mais ainda a cabeça nas mãos, como se eu pudesse sumir entre meus dedos. Eu chegaria atrasada e ainda teria de dar o fora em René e se ele estivesse de mau humor descontaria meu atraso e me deixaria trabalhando até mais tarde, com razão é claro.

Alguém tocou em meu ombro e eu pulei, afastando as mãos do rosto.

– Você está bem? – Arthur parou ao meu lado, me olhando de uma maneira preocupada.

– Sim – respondi me levantando e olhando para o nada, esperando o nada também.

– Não parece.

– Só estou atrasada.

Peguei minha bolsa no chão e subi novamente no meio fio, esperando que um ônibus surgisse magicamente e eu chegasse no horário.

– Se você quiser te dou uma carona.

Olhei para Arthur. Ele estava usando uma camisa branca e calça jeans preta, com a mesma bota de sempre, os cabelos daquele modo despenteado. Sua expressão era afável, como se estivesse olhando para uma criança de cinco anos indefesa e eu pensei em simplesmente recusar e voltar para meu apartamento, onde dormiria até cansar, mas pensei no desconto na folha de pagamento, ou no desconto pelo atraso, se ele me levasse com certeza eu não chegaria tão atrasada.

– Eu quero sim, obrigada – respondi por fim, trocando o peso de um pé para o outro.

– De nada, só espere aqui um pouquinho.

Ele disse isso e se afastou correndo, entrando no prédio em frente ao meu, que ficava no mesmo condomínio, e eu me lembrei de que ele disse que morava ali quando me levou até em casa naquele dia.

Alguns minutos depois uma Kawasaki preta com detalhes em vermelho parou na minha frente.

– Coloque o capacete – disse Arthur erguendo a viseira de seu capacete e me entregando outro idêntico.

Coloquei a alça da bolsa atravessada no corpo e afastei os cabelos para trás colocando o capacete. Ele me estendeu a mão e me ajudou a subir na moto. Era estranho estar tão próxima dele e eu não sabia bem o que fazer com as mãos.

– Onde eu coloco as mãos – murmurei para mim mesma, pensando em simplesmente dizer que iria a pé porque precisava fazer um cooper.

Eu ficava mais alta que ele em cima da moto e minhas pernas meio coladas nas dele e isso me fez estremecer de uma maneira estranha. Isso piorou quando Arthur puxou meus pulsos e colocou meus braços ao redor de sua cintura, em um aperto frouxo.

– É aqui que coloca as mãos – murmurou rindo.

– Hã... Tá.

– Eu espero que consiga se segurar Mel, não quero falar para seu irmão que te matei sem querer.

– Não se preocupe vou... – não termino de falar porque ele liga a moto.

A sinaleira estava aberta e ele saiu rápido demais, não tive alternativa senão agarrá-lo. Nunca havia andado de moto e temi cair e quebrar o pescoço, isso piorou quando vi que ele dirigia como um maluco, o que fez com que eu o agarrasse com mais força ainda, escondendo o rosto em suas costas.

Pela maneira como o corpo de Arthur tremeu, percebi que ele estava rindo e tive que resistir ao impulso de beliscá-lo.

– Isso não tem graça! – Exclamei quando paramos em outra sinaleira.

– É que você está tremendo, menina – ele disse tocando minhas mãos. – Você já andou de moto antes?

– Eu andei de bicicleta.

– Isso é bem diferente.

– Você dirige como um maluco. – Minha voz soou meio desesperada.

– A vantagem da moto no trânsito caótico é essa.

– Vamos chegar no horário pelo menos?

– Acho que sim.

A sinaleira abriu e saímos na velocidade de antes e mais uma vez apertei meus braços em sua cintura e tentei me concentrar em algo que não fosse aqueles músculos quentes contra meus dedos. Tive de abrir os olhos e encarar a avenida, acho que me arrependi porque passávamos tão rápido pelos carros que era assustador. Reprimi um grito quando ele ultrapassou um caminhão, mas não pude fazer o mesmo quando chegamos ao prédio da empresa e ele desceu a rampa da garagem a toda, pensei que voaria longe.

Arthur estacionou em uma parte escura da garagem, eu estava tão assustada que não fui capaz de soltá-lo, o que fez com que ele tirasse o capacete e olhasse para mim por sobre o ombro.

– Você está bem? – Perguntou sorrindo.

– Não sei– murmurei desviando os olhos. – Estou?

– Não sei, você não me soltou até agora – ele estava olhando para frente ao dizer isso. – Parece um gatinho assustado.

Afastei meus braços dele e tirei o capacete. Arthur desceu da

moto e eu lhe entreguei o capacete, depois ele segurou meu cotovelo e me ajudou a descer.

– Hã... Obrigada – murmurei olhando para os lados, tentando encontrar a saída.

– De nada.

Arthur começou a caminhar e eu o segui, meio cambaleado. Ele entregou os capacetes para o moço que estaciona os carros e nós subimos por uma porta lateral em direção aos elevadores. Assim que paramos em frente à porta fui surpreendida por Matheus, que também estava aguardando os elevadores.

– Oi, Mel – ele sorriu ao me ver e depois olhou para Arthur e depois de volta para mim. – Me diz que você não veio com ele.

– Hã, ele meio que me deu uma carona – murmurei sem jeito.

– Você trouxe minha irmã na sua moto? – Matheus arregalou os olhos, horrorizado.

– Sim, ela estava atrasada – respondeu Arthur tranquilamente. – Mas ela está viva, como você pode ver.

Matheus parou na minha frente e me analisou. Dei de ombros, fiquei na ponta dos pés e o abracei. Estava com saudade da praga mesmo e quem sabe isso evitaria que ele matasse Arthur.

– Eu estava com saudade de você – murmurei. – Que tal almoçarmos lá em casa hoje?

– Na sua casa? – Ele me afastou, parecendo receoso.

– Na casa da mamãe.

– Hum, eu ia almoçar aqui, mas tudo bem. Vamos almoçar em casa, eu aviso dona Carmem Lucia.

– Tá bom.

Respirei aliviada depois disso e entrei no elevador. Matheus e Arthur entraram depois e meu irmão fuzilou o amigo com os olhos.

– Cara, eu não ligo de você dar carona pra Mel, confio em você e tudo, mas pelo amor da santa usa o carro.

– Eu não sabia que iria dar carona pra ela – Arthur se defendeu.

– Okay, agora chega os dois – me meti na conversa. – Eu estou viva, não estou atrasada e René não vai me matar. Sou maior de idade e chega de bancar o pai maluco Matheus.

– Tá, eu parei – meu irmão ergueu as mãos. – Falei pra nossa mãe que não iria mais implicar com você, ela não quer que o bebê dela deixe de visita-la.

– Fala sério! – exclamei cruzando os braços e olhando os números dos andares.

– Nossa mãe que não sabe que o bebê dela deu uma festa – continuou Matheus como quem não quer nada.

Encarei Arthur com ódio, porque ele tinha que falar para meu irmão da minha festa? Depois é a mulher que é fofoqueira.

– Como sabe disso? – Perguntei ainda fuzilando Arthur com os olhos.

– Várias pessoas te marcaram em foto no Facebook, sua maluca. Não tinha como não saber, até o traidor do meu sócio foi na festa.

– Só fui porque a morena estava lá.

Estreitei os olhos, olhando de um para o outro.

– Você pegou a peitu... – Matheus parou de falar e me olhou.

– Continuem – disse dando de ombros. – Não é como se eu já não tivesse feito nada disso mesmo.

– Melanie! – Exclamaram ao mesmo tempo.

– O que foi minha gente? Todo mundo aqui é adulto e entende a fixação do Arthur por morenas peitudas e nem se faça que você também é louco por um par de peitos, Matheus.

– Fala sério, quando foi que minha irmãzinha virou nisso aí,

nessa pervertida desavergonhada...

– Podem parar, eu estava bem quieta. Quem foi até minha residência atrás de peitos siliconados foi Arthur, eu nunca fui à casa alheia atrás de um tanquinho definido.

– Ainda bem, sinal que ainda tem salvação, maninha.

– Na verdade é eles que vem atrás de mim.

Arthur começou a rir como um urso asmático e eu ri junto porque a cara de Matheus foi hilária, já estava com saudade de deixa-lo constrangido.

O andar deles chegou e Matheus me encarou antes de sair:

– Eu te espero na recepção para o almoço e sem tanquinhos, por favor.

– Okay, posso falar de outras partes.

O elevador fechou e eu tive um vislumbre de meu irmão dando um peteleco em Arthur. Eles sempre foram assim um com o outro, dois sem noção, e eu meio que entrei na onda, ou ficaria pensando no fato de Arthur ter ido até minha casa atrás de um par de peitos, mas não tinha nada a ver com a vida dele, já superei isso aos dezessete anos. Entendi o fato de que um par de peitos e uma bunda empinada faz a cabeça dos homens.

Capítulo 9

Fala sério!

Eu cheguei só dois minutos atrasada e isso se deve a direção maluca de Arthur, nem mesmo as conversas das comadres atrapalhou meu horário e acho que quando tiver dinheiro irei comprar uma moto, mas não ultrapassarei um caminhão achando que estou em um videogame.

Quando entrei na recepção avistei René sentado na mesa de Mariane, ele estava com um alçaçuz gigante na mão, tinha acabado de puxá-lo da boca dela e os dois pareciam se divertir, ele estava rindo e ela ajeitava freneticamente a franja para trás da orelha.

– Tô te falando Mariane – ele se inclinou na direção dela. – Uma das melhores coisas do mundo é roubar bala de quem está distraído.

Minha amiga sorriu e se René fosse esperto notaria que a maneira como ela o olhava era carregada de algo mais do que amizade;

– Bom dia Mel – disse Mari se levantando. – Foi atropelada por um acaso? Seu cabelo está um caos.

– Na verdade eu acordei atrasada. – murmurei enquanto passava a mão nos cabelos.

– Mas pelo menos chegou no horário Honey – René se levantou. – E se prepara que hoje tem mil ligações pra você fazer.

– Sua secretária é Mariane, não eu.

– Ela é minha recepcionista, minha assistente é você.

– Fala sério! – exclamei acenando para Mariane e indo em direção à sala de meu amado chefe. – O que você faz comigo é trabalho escravo.

– Você recebe um salário, não é trabalho escravo.

Entrei na sala e René entrou atrás de mim, fechando a porta em seguida e me encarando de uma maneira estranha, o que me lembrou do beijo no canto da boca.

– A gente precisa conversar – falei largando minha bolsa em uma das cadeiras estofadas.

– Não vou te dar um aumento.

– Não é sobre isso.

– Então se sente Honey – ele deu a volta e sentou em sua cadeira de gelo. – Sou todo ouvido.

– É sobre sábado – disse me sentando.

– O que tem? – Ele apoiou o queixo na mão e seus cabelos negros escaparam do penteado e caíram sobre a testa.

– Quando você se despediu de mim quase me beijou.

– E o que tem isso?

Fala sério! Se tivesse um troféu para ser cara de pau quem seria o vencedor era ele. Como alguém poderia ficar impassível e colocar os pés em cima da mesa quando uma garota vinha tomar satisfações por um quase beijo?

– O que tem... – retorqui irritada. – É que eu nunca te dei liberdade para tal, você é meu chefe e se for para ser algo mais é no campo da amizade e amigos não tentam beijar o outro.

– Fala sério você, Honey. Você trabalha pra mim há quase dois anos e eu nunca me abusei, apenas tentei algo mais e não se faça de santa.

Aquilo me irritou tanto que eu me levantei. Será que só existia tipos cafajestes no mundo? Será que não existia nenhum cara legal que não fosse fissurado em peitos, ou quisesse me levar para cama, ou até mesmo se abusar?

– O que eu faço fora daqui diz respeito a mim e não a você! –

Exclamei perdendo a paciência. – E estou avisando para não tentar se abusar comigo cara, porque você nunca me viu brava!

– Calma Melanie – ele também se levantou. – Eu não me abusei com você, só tentei algo mais porque achei que você também queria.

– Quando eu falei que queria algo a mais, ou demonstrei isso?

– Você não tem escrúpulos comigo Honey, me trata aos trancos e barrancos, imaginei que isso seria íntimo o suficiente para termos algo mais, não algo sério, porque eu sei como é. Você faz o tipo de garota que não se leva a sério.

Juro que se o vaso da mesa tivesse ao meu alcance teria tacado na cara dele. onde já se viu, agora porque as pessoas falavam que eu não levava nada a sério ele queria algo a mais comigo? Tudo bem que eu não ligava para o que as pessoas falavam e muitas vezes até me fazia da fama que não tinha, mas isso não dava o direito de ele se abusar comigo.

– Eu já disse e vou repetir: Não quero nada com você e minha vida pessoal não te diz respeito.

– Tudo bem Honey, eu me enganei.

– Se enganou mesmo!

Peguei minha bolsa na cadeira e entrei em minha sala claustrofóbica, batendo a porta ruidosamente. O dia estava só no início e já estava assim, imagina no final então.

Não sai de minha sala durante a manhã toda e quando chegou o horário do almoço, marchei para fora da sala de René sem nem olhá-lo, estava tão zangada que seria capaz de partir para a agressão física, Matheus notou isso quando o encontrei em frente à recepção.

– Pretende matar alguém estrupício

– Não.

Fiquei em silencio pelo restante do caminho, estava com raiva

de René e um pouco de raiva de mim também, quer dizer eu nunca fiz a metade das coisas do que dizem, mas também não fiz nada para mudar isso. Será que seria sempre assim, os garotos se aproximando de mim porque queria algo a mais?

Minha mãe me recebeu com um abraço de urso e lágrimas nos olhos, acho que eu estava do mesmo jeito porque assim que a vi senti um baque no coração, uma saudade tão grande que parecia que fazia um mês que não a via ao invés de somente uma semana e quando abracei meu pai foi à mesma coisa.

– Eu estava com saudade de você, sua desmiolada – falou meu pai enquanto me abraçava. – Essa casa estava calma demais.

– Eu também estava com saudades de vocês, até da ameoba do Matheus.

– Quanto amor minha gente – ironizou meu irmão. – É incrível o amor desta família.

– Ah, falando em amor, conta para sua irmã de sua namoradinha – pediu minha mãe enquanto nos empurrava em direção à cozinha.

– O Matheus conseguiu uma namorada? – Perguntei o cutucando com o dedo. – Quem é a vítima?

– A Paloma, você deve se lembrar dela, nós estudamos juntos no ensino médio.

– Para tudo! Foi aquela garota que posou aqui depois do baile de formatura?

– Cala a boca Mel, você disse que nunca iria contar!

– Eu tinha dez anos, nem lembrava que tinha prometido isso.

– Você trouxe uma garota para dormir nesta casa Matheus Albuquerque? – Mamãe o puxou pela gola da camisa.

– Faz dez anos, mãe.

– Então quer dizer que você já teve intimidades com a Paloma

há dez anos?

– Hã, não, quer dizer, sim, mas ela foi morar em outra cidade e só voltou agora e a gente resolveu tentar.

– Para Carmem – pediu meu pai parecendo impaciente. – O garoto já é adulto, sabe o que faz.

– Não, vamos atormentar ele e falar sobre métodos anticoncepcionais, para gratinar com segurança e tal.

– Melanie! – Exclamaram os três ao mesmo tempo.

– O que foi? Só estou dizendo o que todo mundo aqui já sabe, ou vocês querem um Matheus em miniatura correndo por aí? Eu não aguentaria outro igual, de chato já basta um.

– Acho que me arrependi de dizer que esta casa estava silenciosa demais.

Começamos a rir e ficamos assim durante todo o almoço. Não pude resistir a importunar Matheus, nós sempre fomos assim, implicávamos um com o outro sem dó, mas não acho que conseguiria ficar longe dele ou de meus pais. A família é uma parte importante da vida e sem ela ficaríamos sem rumo.

Enquanto voltávamos para empresa continuei importunando meu irmão, dizendo que ele estava apaixonando e cantando a clássica musiquinha infantil: “está namorando”.

– Você é um pé no saco – ele disse antes de sair do elevador. – Mas o almoço foi divertido.

– Eu sei – fiz uma careta. – E tudo porque eu estava lá.

– É, mas amanhã vou ter paz.

Comecei a rir. Ele saiu do elevador e eu fiquei cantarolando uma música qualquer, mais feliz do que quando acordei, satisfeita ao ver que a vantagem de ficar longe da família era ver o quanto eles faziam falta, mas não trocaria minha recém adquirida liberdade por nada nesse mundo.

Entrei na recepção com esse estado de espírito satisfeito e livre, mas este não durou muito tempo, porque assim que pus o pé além da porta de vidro quase fui atropelada por Mariane, que veio correndo em direção à saída, como se ali estivesse o pote de ouro que algum duende escondeu.

– Mari – a chamei. – O que aconteceu?

Ela continuou correndo e foi em direção as escadas que levavam para os banheiros. Olhei para o relógio na parede e vi que ainda faltavam cinco minutos para eu bater o ponto, resolvi ir atrás dela.

Subi as escadas correndo e assim que entrei no banheiro escutei um choro esganiçado.

– Mariane, é você?

Ela não respondeu e o choro tornou-se mais agudo. Comecei a procura-la e vi que somente a porta do último banheiro estava fechada, fui até lá e bati.

– Mariane, o que aconteceu?– Perguntei tamborilando os dedos na superfície metálica da porta.

– Na... Nada.

Seus soluços aumentaram e eu me ajoelhei no chão, colocando a cabeça por baixo da porta, foi nojento, mas também era a única forma já que ela não queria abrir a porta.

– Abre a porta e fala comigo, Mari. – Pedi mais uma vez. – Esse chão deve ter milhões de bactérias diferentes.

Ela se levantou do vaso sanitário e eu me arrastei no chão sujo mais uma vez. Assim que minha amiga saiu do banheiro vi seu rosto e me assustei, estava com a maquiagem borrada e os olhos castanhos vermelhos e inchados.

– Vem Mari – a chamei e me sentei no chão, em frente às pias, já tinha pegado bactérias quando enfiei a cara por baixo da porta mesmo.

Ela se sentou ao meu lado e cobriu o rosto com as mãos.

– Ele... Ele – começou a balbuciar em meio aos soluços que lhe agitavam o peito.

– Ele quem? – passei o braço ao redor de seus ombros.

– René.

– O que ele fez?

Mariane afastou o rosto das mãos e respirou fundo.

– Ele me chamou de gorda.

Ela irrompeu em lágrimas novamente e eu a abracei mais forte. O que aquele playboy megalomaniaco estava pensando ao chamá-la disso?

– Porque ele fez isso?

– Eu... Eu fui até a sala dele chamá-lo para ir até o RH, mas não bati ao entrar porque ele nunca fazia questão disso e foi nessa hora que eu escutei ele falando para o Joel do protocolo que eu podia fazer cosplay de Fiona se pintasse a cara de verde já que eu era gorda e comia como uma ogra.

Mariane voltou a chorar e um ódio insano brotou dentro de mim, eu odiava quando alguém magoava meus amigos e virava o bicho para defendê-los, o que aquela barata cascorenta fez foi desumano.

– Ah, Mari, eu nem sei o que te dizer, além de que ele é um idiota completo.

– Eu... Eu não achei que ele fosse cruel sabe – ela ergueu os olhos, parecendo uma criança indefesa. – Achei que ele pudesse ver além da menina que era como o patinho feio e eu até pensei em conversar com ele depois de nossa conversa de sábado, mas acho que vou ter que fazer o mesmo que você: esquecer e seguir em frente.

Balancei a cabeça, não sabia se eu estava discordando ou não. O que eu não disse para ela no sábado foi que eu só consegui seguir em frente porque Arthur foi passar um ano com os pais em Londres. Ele era emancipado desde os dezesseis anos, morava sozinho. Quando viu a

oportunidade de ficar um tempo com a família não hesitou e eu me aproveitei de sua ausência para dar um basta no que sentia, não tendo de vê-lo todos os dias tornou tudo mais fácil e quando ele voltou, eu já conseguia encará-lo sem imaginar como seria se ficássemos juntos. Simplesmente deixou de doer depois de alguns meses e nem o fato de ele ter me abraçado e tirado meus pés do chão fez o sentimento voltar, eu havia me tornado uma garota durona, mas não acreditava que Mariane fosse capaz disso, ela era meiga demais.

Fiquei mais alguns minutos tentando consolá-la, dizendo que ele nunca diria aquilo de propósito, mas no fundo sabia que René poderia ser cruel se quisesse, ele revelou esse lado para mim esta manhã e havia feito o mesmo com Mariane, obviamente sem querer, mas alguém bom não falaria de alguém como ela dessa forma e o melhor seria minha amiga esquecê-lo.

Depois de ajudar Mariane a se recompor, voltei para minha sala decidida a dar um bom esculacho em René Fernandes, mas o playboy megalomaniaco não estava lá, então tratei de terminar meu serviço, canalizando a raiva para os documentos que deveria arquivar.

Às cinco horas, final de meu expediente, peguei minha bolsa e sai da sala. Verifiquei se meu chefe estava ali, em seu trono de gelo, mas ele ainda não havia voltado, então sai da sala dele e me despedi de Mariane, o turno dela terminava uma hora e meia depois do meu.

Fiz um nó em meu cabelo enquanto caminhava até o elevador, que graças a Deus estava vazio. Não estava com muita vontade de conversar, minha única vontade era estrangular aquela desgraça em forma de gente que havia magoado minha amiga.

O elevador parou no andar quatorze, comecei a bater o pé, impaciente, enquanto as portas abriam. Para minha surpresa quem entrou foi René e atrás dele Arthur, que me cumprimentou com um aceno.

– Olá Honey – disse René alegremente.

Acho que isso foi o que bastou para minha raiva explodir:

– Honey é a quenga da sua prima, seu filho da puta! – Exclamei me virando para ele e apontando o dedo em sua cara. – Não me dirija à palavra.

– O que deu em você? – Ele pareceu assustado com minha reação, o que me irritou ainda mais.

– O que deu em mim? – Perguntei de forma irônica. – Você me trata como uma vagaba de manhã e a tarde trata minha melhor amiga como se ela fosse um lixo e ainda tem a cara de pau de me chamar de Honey?

Arthur nos olhava espantado e parecia prestes a me afastar de René, pela maneira como se posicionou atrás de mim.

– Eu realmente não estou entendendo – ele murmurou.

– Sua barata acéfala, eu não ligo que você me ofenda, mas precisava chamar Mariane de gorda? A garota é gentil com você e te atura e o pagamento é você fazer isso?

René pareceu compreender do que eu estava falando, pois balançou a cabeça e ergueu um dedo no ar, me interrompendo.

– Foi um comentário realmente infeliz de minha parte Melanie – explicou, parecendo envergonhado. – Ela não deveria ter escutado aquilo e quanto a você: também foi um comentário infeliz, às vezes eu falo as coisas sem pensar muito bem.

– Eu não tô ligando para o que pensa. Eu quero que você peça desculpas para a Mari, se não...

– Se não o quê? – ele se inclinou em minha direção. – Vai me deixar de castigo, ou me despedir? Você trabalha para mim, garota, e eu só não te demito por que... Sei lá, você tem um ótimo senso de humor.

Minha bolsa caiu no chão e eu cheguei a erguer a mão para dar um belo soco em René, mas Arthur me puxou para trás, ficando na minha frente.

– Chega René, vocês dois estão irritados. É melhor conversarem

depois.

O elevador parou no primeiro andar e Arthur pegou minha bolsa no chão, me puxando pelo pulso porta afora.

– Me solta – disse chacoalhando o braço.

Ele me ignorou e continuou me arrastando em direção a garagem, parecendo zangado.

– Me solta, Arthur – pedi mais uma vez, porém fui ignorada.

Ele só me soltou quando o manobrista lhe entregou dois capacetes.

– Sua moto está na vaga três, senhor.

Arthur assentiu e me entregou um capacete e minha bolsa. Quando atravessei a alça em meu corpo, ele voltou a me puxar pelo pulso, como se eu fosse uma criança de cinco anos.

Quando paramos ao lado de sua moto, ele continuou segurando meu pulso, me encarando furioso. Os lábios franzidos e os olhos parecendo faiscar, nunca o tinha visto desse jeito antes.

– Arthur? – Sussurrei. – Você está bem?

– Se eu estou bem? Eu sei que estou bem, mas acho que você só pode estar maluca! – ele soltou meu pulso depois dessa explosão. – Onde já se viu falar tudo aquilo para seu chefe, ele pode te demitir, sua peste!

Arregalei os olhos, assustada com seu modo de falar. O conhecia desde os nove anos e nunca antes ele havia gritado comigo, ou me olhado com essa fúria assassina. Arthur sempre fora amável e nunca grosseiro.

– Além disso – continuou gritando. – Como você deixou ele te tratar como uma vagabunda? Até com ele você anda Melanie?

As palavras dele me atingiram como estilhaços de cacos de vidros e isso me assustou. Eu estava acostumada com as pessoas me julgando, falando que eu andava com Deus e o mundo, mas Arthur nunca fez parte dessas pessoas e o fato de ele começar a fazer fez meus olhos se

encherem de lágrimas.

- Eu... Eu nunca fiquei com ele – murmurei cruzando os braços.
- Mas você disse que ele te tratou como uma vagabunda.
- Ele quis me tratar e nós brigamos por isso, eu nunca ficaria com René.

Passei os dedos nos olhos, secando a única lágrima que tentava escapar.

– Agora eu vou para casa, porque tenho faculdade e até as vagabas estudam – lhe entreguei o capacete fui marchando em direção à saída.

– Eu nunca disse que era isso – ele me puxou pelo cotovelo. – Não coloque palavras na minha boca e eu te levo pra casa.

– Não precisa. Eu vou de ônibus. – balancei o braço, afastando seus dedos de minha pele.

– Não me olhe assim Melanie. – Ele voltou a me segurar pelo cotovelo. – Me desculpe, eu não tive intenção de te ofender, mas você é como uma irmã pra mim. Eu não poderia vê-la aos berros com René e ficar quieto.

Sacudi a cabeça, concordando. Sei lá porque fiz isso, mas de repente me senti cansada, como se o céu resolvesse desabar em meus ombros. Talvez fosse pelo uso indevido da palavra irmã, apesar de não ter motivos para sentir isso.

– Agora você vem ou não? – Perguntou soltando meu cotovelo.

– Vou.

Arthur me entregou o capacete e subiu na moto, eu fiz o mesmo, subindo atrás dele de forma desengonçada. Quando ele ligou a moto, passei os braços ao redor de sua cintura e um calor estranho passou de seu corpo para o meu. Desejei que chegássemos em casa de uma vez.

Para meu azar, a maioria das sinaleiras estava fechada e isso fez

com que demorássemos ainda mais, apesar da pilotagem lunática dele.

– Você ficou brava comigo Mel? – Arthur perguntou quando já estávamos quase chegando.

Afrouxei os braços ao redor da cintura dele e balancei a cabeça, mas percebi que ele não poderia ver.

– Não. – Respondi com voz rouca.

– Isso é bom, porque você tem um mau gênio terrível e eu não quero que machuque meu nariz como fez com Matheus.

– Eu não faria isso.

A sinaleira abriu e ele disparou pelo meio dos carros, o ruído da moto ecoando em meus ouvidos. Apertei mais as pernas ao redor dele e voltei a abraçar sua cintura, evitando pensar nos músculos que existiam por baixo daquela camisa branca, que não deveria ser tão colada ao corpo.

Alguns minutos depois ele estacionou a moto na frente de nosso condomínio. Dessa vez eu desci antes, quase perdendo o equilíbrio quando meus pés tocaram o chão.

– Obrigada – agradei lhe entregado o capacete. – Por tudo.

Nem dei tempo de resposta e entrei correndo em meu prédio. Assim que abri a porta de casa fui para o banheiro e tirei a roupa, me enfiando embaixo do jato gelado do chuveiro, evitando pensar em músculos e caronas.

Capítulo 10

Carpe Diem

Minha vida acadêmica poderia ser definida em uma palavra: Merda. É sério, nada daquela faculdade me interessava, estava lá pelo diploma, pela perspectiva do futuro, mas não pelo amor a profissão e tudo isso só piorou porque eu fiquei a aula toda com duas preocupações da na cabeça: A primeira era o fato de eu ter perdido a cabeça, como sempre, com meu chefe e a segunda era o fato de eu não parar de pensar em Arthur e seus belos músculos abdominais, é sério dava para lavar minha roupa ali, ou derramar sorvete e... Stop! Stop, não podia ficar pensando coisas libertinas com o melhor amigo do meu irmão, eu já tinha superado essa fase.

Depois da faculdade, e de trocar monossílabos com Ramona, fui dormir, mas meu cérebro não quis desligar. Acabei sonhando que estava agarrando Arthur e acordei apavorada. A porra da minha mente estava me trolando e isso não era nada legal.

No dia seguinte acordei mais cedo do que de costume e consegui pegar o ônibus no horário certo, além de ter dado tempo de me maquiar e vestir uma roupa que não parecia de mendiga, se era para ser demitida seria demitida nos conformes. Eu meio que tomei consciência entre a hora de passar o rímel e a hora de passar o batom que eu seria mandada para o olho da rua. René era temperamental demais para aturar meus surtos de má criação.

Depois de pegar o elevador lotado e ser esmagada por um tarado no canto, meu traseiro realmente tocou aquela parte do corpo dele que começa com p, eu consegui chegar a recepção, que estava vazia.

Apertei a bolsa contra o peito e entrei na sala de René, sendo surpreendida. Mariane estava lá e parecia prestes a chorar, seus olhos

estavam quase transbordando e os lábios tremendo.

– Bo... Bom dia – balbuciei como uma pateta.

– Bom dia, Melanie – René me cumprimentou. – Sente-se ao lado de Mariane, por favor.

Fiz o que ele mandou e cruzei as pernas. A barra de meu vestido subiu um pouco e eu coloquei a bolsa em cima dos joelhos.

– Foi bom as duas estarem juntas aqui, assim faço duas coisas de uma vez – Ele explicou e se levantou. – Ontem eu tive um comportamento inadequado com as duas e gostaria de me desculpar, principalmente com você Mariane, que sempre cumpriu suas obrigações sem reclamar. E quanto a você Melanie, eu só tenho que admirar sua coragem e seu mau gênio, apesar de não concordar com o que fez.

Mordi os lábios e comecei a retorcer os dedos, quando chegaria a hora em que ele me demitiria e eu voltaria para a casa de meus pais como uma fracassada?

– E Mari – continuou René, encarando minha amiga e parecendo envergonhado. – Eu realmente não penso aquilo que você me ouviu falar, eu tenho o péssimo hábito de não ter opinião própria, defeito de fábrica.

Mariane fez um aceno, secando os olhos com as costas da mão, aquilo pareceu atingir o medonho do meu chefe em cheio, porque de repente ele não sabia se me passava uma bronca, ou se consolava a garota chorando ao meu lado.

– Nos de licença um momento Melanie – ele pediu abrindo a porta. – Vá tomar um café e daqui a pouco nós conversamos.

Levantei da cadeira e parei na porta.

– Você vai me demitir?

– Não.

Aquela única pequena palavra foi o que bastou para tirar o peso do mundo de meus ombros. Fui para a lanchonete e tomei um café com

gosto de meia suja, depois enrolei por mais alguns minutos e voltei para a empresa, desta vez Mariane estava de volta na recepção e parecia bem melhor do que antes.

– E aí, como foi? – Perguntei parando ao lado de sua mesa.

– Foi surreal – ela se abanou com uma folha branca. – Ele se ajoelhou na minha frente e ficou falando sobre o quanto sentia vontade de agradar todo mundo e do quanto se sentia mal por ter me magoado... Ele disse que eu sou linda.

– Fico feliz que as coisas estejam resolvidas entre vocês...

– Ah, não estão não, ele é meu chefe e eu jurei para mim mesma que nunca vai ser mais do que isso...

Concordei com um aceno, entendendo perfeitamente o que ela disse.

– Bem, me deixa ir lá porque eu tenho certeza que René não vai se ajoelhar na minha frente.

Sai da recepção e entrei na sala do Megalomaníaco. A chance de demissão era nula, mas ele poderia me confinar para sempre tirando Xerox, ou arquivando por ordem cronológica diária.

– Eu já iria te chamar, Mel – disse René com os pés em cima da mesa.

Sentei na mesma cadeira de antes e esperei que ele continuasse.

– Então, ontem nós dois estávamos estressados e perdemos a cabeça. Eu fui um cretino e você uma desmiolada inconsequente, mas sabemos que esse é nosso estado natural. Proponho que esqueçamos o ocorrido e voltemos ao trato de antes: Você me xinga em particular e não na frente de outros funcionários e Arthur, porque ele é meu primo e não quero deixar minha moral lá embaixo.

Balancei a cabeça em total acordo. René era um chefe legal no fim das contas e eu não estava dizendo isso por ele ter aturado minhas

grosserias, mas sim por admitir que também tinha agido errado.

– Eu não sabia que você era primo de Arthur – comentei depois de alguns segundos de silêncio constrangedor.

– Meu pai é irmão da mãe dele – explicou totalmente à vontade, como se já tivesse esquecido nossa discussão. – Arthur é mais velho que eu, mas ele passava bastante tempo lá em casa. Minha tia vivia viajando pelo mundo, Arthur se criou sozinho demais.

– Eu sei – murmurei. – Ele virou amigo de meu irmão quando eles tinham dezesseis anos. Arthur sempre ficou bastante tempo lá em casa, passou até alguns Natais.

– É. Ele disse que te viu crescer.

Fiz uma careta involuntária e René sorriu.

– Acho que dessa parte particularmente você não gosta.

Balancei a cabeça e me levantei, pronta para iniciar meu trabalho. Não queria pensar em Arthur ou qualquer outra coisa que envolvesse passado.

O restante do dia foi um borrão de documentos, ligações transferidas e coisas para arquivar. Quando finalmente meu horário chegou ao fim, eu estava exausta e meus olhos estavam se fechando contra minha vontade.

– Dia difícil, Melanie? – perguntou Mari quando eu estava saindo.

– Cansativo só, e o seu?

– Hum...

Ao ouvir esse resmungo olhei para sua mesa e vi um gigantesco buque de rosas amarelas. Minha amiga olhava para as rosas de uma forma apaixonada.

– Quem te mandou flores?

– René. O buque chegou ainda pouco e ele veio pessoalmente me

entregar o cartão. Achei tão fofo da parte dele, se preocupar com meus sentimentos, mesmo que só seja uma forma de aliviar a própria consciência.

Ela me entregou o cartão e eu comecei a tentar decifrar a letra feia dele:

Mariane,

Perdoe minha burrice, sou um cretino na maior parte do tempo, mas você não tem culpa disso. Eu realmente não penso o que falei. Te acho linda, é sério, só você não percebe isso.

René

Eu tinha de admitir que o gesto dele foi muito bonito. René não precisava mandar flores para Mari e escrever um cartão, estava na cara que ela o perdoaria, mas isso era sinal de que ele se preocupava com os sentimentos dela.

– Ah, depois disso você ainda vai querer que ele seja só seu chefe? – Perguntei lhe devolvendo o cartão.

– Eu não sei, Mel, deixa a coisa esfriar. Semana que vem te respondo.

– Tá bom, então tô indo.

Acenei e sai da recepção rindo, era óbvio que ela não o queria só como chefe e talvez eu pudesse dar uma ajudinha, meio que como quem não quer nada. Mariane merecia isso, o caso era se René a merecia, mas isso era algo que teria de ser observado.

O restante da semana passou daquele jeito molenga de sempre.

No trabalho foi corrido e a faculdade foi se arrastando, mas na manhã de sexta feira eu estava feliz, porque o simples fato de ser sexta feira era demais, porém saber que no outro dia não tinha trabalho e que a noite eu, Ramona e Mariane iríamos para o bar Malta sem hora para voltar era melhor ainda.

Ao meio dia eu e Mariane almoçamos no restaurante da empresa, ela pagou meu almoço porque ficou sensibilizada com minha situação.

– Acho que deveria fazer uma planilha a partir de agora Mel – ela disse depois que comemos a sobremesa. – Fica mais fácil para controlar os gastos.

Revirei os olhos, a faculdade de administração de Mariane dava resultado e a minha de publicidade não. Engraçado como têm pessoas que acham a vocação rápido e outras, como eu, sempre estão perdidas.

– Acho que vou fazer isso – concordei me levantando.

Voltamos para a empresa e a tarde passou voando, tinha coisas demais para deixar pronta e René estava em reunião, o que só aumentava meu serviço, pois tinha de resolver várias coisas ao mesmo tempo.

– Nos encontramos em frente ao portão principal? – Perguntei a Mariane quando já estava saindo.

– Sim, assim que acabar a última aula.

Concordei e fui até o elevador. Assim que apertei o botão, uma garota morena parou ao meu lado, logo a reconheci com a peituda que Arthur ficou comendo com os olhos, ela deveria trabalhar naquele andar também.

– Dia quente não? – Ela comentou, tentando puxar conversa.

– Quente sim – murmurei entrando no elevador e apertando o botão com força demais.

– Sou Marcela – ela estendeu a mão. – Comecei a trabalhar na

empresa semana passada, no RH.

– Sou Melanie – apertei a mão que ela estendia. – Trabalho como assistente de René.

Depois disso ficamos em silêncio. Eu fiquei contando os andares e xingando o diacho do elevador que parava em cada andar. Quando ele parou no quatorze, Marcela começou a ajeitar os cabelos e arrumar os peitos enormes dentro do sutiã. Não entendi muito bem o porquê e mordi o lábio para não rir.

As portas do elevador abriram e Arthur entrou, em menos de dois segundos Marcela pulou em cima dele e começou a beijá-lo, o empurrando contra a parede e tramando os dedos em seus cabelos.

Mordi o lábio, enojada com a situação e quando ela gemeu, eu cogitei sair no andar seguinte e descer as escadas. Só não fiz isso porque era alto demais e eu tinha pavor de altura, as escadas eram em caracol e dava para ver o térreo e só de lembrar que estava em uma caixa de metal, a vários metros do chão, e com um casal insano se agarrando entrei em pânico.

Meu estômago começou a dar voltas, e eu meio que imaginei meu almoço caindo às pencas aos meus pés. A sensação piorou quando a safada enfiou as mãos por baixo da camisa dele. Comecei a bater o pé e quando o elevador parou no 5º andar, eu sai correndo.

Eu já tinha visto uma cena parecida, só mudou a peituda da vez. Em meu aniversário de quinze anos, Arthur ficou se agarrando com uma loira, que também tinha peitos gigantescos. Acho que os relacionamentos dele se baseavam em propriedades, ele comia quem tivesse mais bunda e peito e isso me deixou ainda mais enojada, se é que isso ainda era possível.

Esperei alguns minutos ao lado da porta do elevador e quando alguns executivos pararam ao meu lado, fiz cara de paisagem e entrei no elevador com eles. Eu meio que estava em transe, chocada que um garoto legal como Arthur, por quem fiquei gamadona por cinco anos, já estivesse

praticando o Lepo-Lepo com a funcionária nova. A Zé Peitão era rápida no gatilho.

Depois de uma viagem de quarenta minutos em um ônibus lotado cheguei em casa. Fui direto tomar banho e depois fui a pé para a faculdade, que ficava na outra quadra. Mandeí uma mensagem de texto para Ramona, avisando o local em que nos encontraríamos.

As três primeiras aulas foi um tédio, teria de fazer um artigo e o professor estava explicando os passos que teria de ter, falou tanto que perdemos o intervalo de vinte minutos. A última aula foi com o Barbicha, até que não foi ruim, eu prestei atenção.

Ele disse que no fundo todos nós tínhamos sangue de negro nas veias, nas nossas origens. Também explicou sobre uma expressão em latim: *Carpe Diem*, que significava aproveitar o dia. Ele nos perguntou como estávamos aproveitando o nosso dia e Jean disse que estava esperando que uma garota finalmente lhe desse uma chance. A garota em questão era eu e todo mundo se ligou.

– Desencana Jean – eu sussurrei quando o professor se virou para o projetor. – Eu nunca vou ter nada sério com você.

– Eu já te disse Mel – ele apoiou a mão em minha mesa. – Um dia você ainda vai se render e até lá eu espero.

Dei de ombros e voltei a prestar atenção na aula. Pensando na maneira como eu aproveitava meu dia. Acho que não aproveitava, simplesmente sobrevivia a maior parte do tempo, esperava o final de semana para ir para alguma boate e só.

– Então pessoal – o professor falou mais alto, erguendo os braços. – O que eu tenho que dizer para finalizar a aula de hoje é: Desfrutem os prazeres da vida, pensem no hoje e no que podem fazer para que o dia de hoje seja inesquecível.

Tive vontade de aplaudi-lo, sei lá, meu dia foi maluco e ainda teve aquele episódio no elevador, que eu tentava esquecer da mesma

maneira que o da moto, e as palavras dele me tocaram, me fizeram ter uma ânsia por aproveitar tudo que a vida tinha a oferecer. Foi com esse espírito que encontrei Mariane e Ramona no portão.

– Você tá com uma cara esquisita Mel – observou Ramona. – Aconteceu alguma coisa?

– Mais ou menos – murmurei ajeitando a alça da bolsa no ombro. – Essa roupa tá boa?

Elas olharam minha roupa: Short jeans preto, camiseta azul, colete preto e sapatilhas pretas de lantejoulas.

– Tá ótimo – disse Mariane. – Vamos só a um barzinho. Mas você está desviando o assunto.

– Quando chegarmos lá, e eu tiver um copo gigante de algo alcoólico na minha frente, eu falo.

Elas concordaram e nós pegamos um táxi em frente à faculdade. Eu fiquei envergonhada por não poder ajuda-las a pagar a conta, mas Ramona disse que hoje ela pagaria com o dinheiro que ganhou da mãe, ficava pelas vezes em que eu já tinha feito o mesmo com ela.

– Eu estranhei você não reclamar de irmos de táxi – disse a Ramona, enquanto aguardávamos na fila para entrar no bar.

– Criatura, eu trabalhei o dia todo em pé, aguentando o Pietro querendo transar comigo na sala do almoxarifado e minha chefe hiper babaca querendo que eu catalogasse um monte de coisas, então nem tenho forças para andar.

Eu e Mariane começamos a rir como duas hienas e continuamos assim até encontrarmos uma mesa e sermos ameaçadas por Ramona.

– Tá, parei – ergui as mãos. – Mas você meio que transou com ele? Porque se disse que não tinha forças para andar e tal.

– Não né, Melanie! – Ela gritou e me entregou uma caipirinha. – Agora conta para povo o motivo da sua esquisitice.

Balancei as mãos e disfarcei. O Bar Malta era o bar mais legal do mundo, em minha opinião, eu vinha aqui desde o início da faculdade e não teve um dia em que a música não estava animada e o povo não estava se esbaldando de encher a cara e dançar na pista de dança quadriculada. Tinha uns até que ficavam se amassando no sofá dos fundos da pista, que era colorido e cheio de almofadas. Eu já dei uns amassos e tanto naquele sofá, mas na parte de ir para um lugar mais reservado, eu meio que voltava a dançar e dava uma desculpa idiota.

– Pretende responder ano que vem? – Perguntou Mariane enquanto tomava um gole de caipirinha. – Você não estava assim na empresa, então aconteceu alguma coisa depois.

– E pela carinha dela – continuou Ramona. – Foi algo que abalou as estruturas desse corpo, porque a dona Melanie Beatriz está sempre fazendo piadas e hoje ela está mais quieta do que eu em coma alcoólico.

Bufei, será que nada escapava daquelas duas?

– Tudo bem, eu vi Arthur ficar de amassos com a Zé Peitão no elevador e sai de lá com ânsia de vomito, supernormal, se fosse outra pessoa eu também sairia.

Elas se olharam de uma maneira conspiratória.

– Melanie Beatriz – Ramona foi a primeira a falar. – Você ficou abalada e quem é Zé Peitão?

– É uma garota nova na empresa, ela se chama Marcela e trabalha no RH – expliquei isso virando todo o líquido do copo de uma vez. – E eu não fiquei abalada porra nenhuma!

– Para tudo! – Mariane ergueu as mãos. – Você está me dizendo que o Arthur já pegou a Barbie do RH? Faz o quê, duas semanas que ela está na empresa?

– Ele foi à nossa festa atrás dela. Matheus estava falando com ele sobre isso na segunda, mas eu não tenho nada a ver com a vida daquele pervertido. Só sei que quem tiver peito e bunda entra na lista de troféus

dele.

– Sabe Mel – Ramona tocou em meu braço. – Todos os homens são assim e eu acho que uma parte sua sempre vai se importar com quem Arthur sai. Você gostou dele por quatro anos.

– Mas já o superei faz três então, não eu não me importo. Eu fiquei com aquela cara porque o professor falou de Carpe Diem e eu percebi que só sobrevivo ao invés de aproveitar a merda do meu dia.

Elas se olharam de novo e Mariane pediu mais uma rodada de caipirinha. Virei o copo em dois goles e pedi mais. Já podia sentir o torpor da bebida enevoando meus pensamentos.

– Ah, eu contei para a Ramona sobre o René – disse Mariane. – Ela acha que eu tenho que investir no bofe.

– Eu apoio o que você decidir – resmunguei e fiquei olhando para a pista de dança.

– Vamos dançar garotas – Ramona pulou da cadeira e me arrastou com ela para a pista. – Melanie, coloca animo nesse corpo e mexe essa bunda.

Comecei a rir e resolvi dançar. Na verdade Ramona nunca teve muito jeito para a dança, mas ela nunca estava aí para o que as pessoas achavam e simplesmente curtia as noites de sexta a sua própria maneira, já a Mari era mais contida e aquela meiguice sempre emanava dela, como se fosse frágil demais para estar no meio daqueles brutamontes dançarinos.

Meia hora depois eu estava exausta demais para continuar dançando e fui me sentar no sofá do amasso, não tinha ninguém se amassando ali mesmo. Avisei as meninas onde estaria antes de ir.

– Mas olha só quem eu encontro aqui!

Essa exclamação de puro prazer em ver minha pessoa me fez olhar para o lado antes de me jogar na ponta vazia do sofá.

– Oi, René – resmunguei e me sentei onde queria, que

infelizmente era ao lado dele. – Será que nem depois do horário eu me livro de você?

– Esse bar é público Honey, nem sabia que estaria aqui. Mariane veio com você?

– Fala sério, quando a vida da Mari começou a te interessar?

– Desde que ele começou a se sentir culpado. – Olhei para o lado de René e vi Arthur. A noite estava só melhorando, daqui a pouco apareceria Matheus.

– Isso explica tudo – murmurei fazendo uma careta involuntária.

– Não comecem vocês dois – René se levantou. – Eu sempre gostei da Mariane. Eu só fui um babaca com ela e quero me redimir, ah, vou fazer isso agora.

Ele avistou Mariane e saiu, me deixando sozinha ao lado do pervertido do Arthur. Aquela era uma boa hora para Matheus aparecer.

– Matheus veio com vocês? – Perguntei olhando para os meus pés.

– Não, está no apartamento de Paloma. E Mel?

– O quê? – Ainda estava olhando para o chão e vendo a forma como as luzes se misturavam nos ladrilhos.

– Sobre o elevador... Ah, aquilo foi constrangedor, então eu quero...

– Sem problemas – o interrompi e olhei para seu rosto pela primeira vez naquela noite. – A vida é sua, o corpo também e eu não tenho nada a ver com isso.

Arthur arregalou os olhos e a luz bateu contra seu rosto. Porque droga ele tinha que ser bonito e ter aqueles olhos que pareciam chocolate derretido?

– Foi bom conversar com você Mel – ele murmurou sorrindo.

– A seu dispor – devolvi a ironia, mas sem a parte do sorriso.

– Posso fazer uma pergunta?

– Estou tapando a sua boca?

– Tudo bem, lá vai: Porque cargas d'água você virou um poço de ironia e grosseria? Onde foi parar aquela garotinha que jogava vídeo game comigo e me importunava para ensiná-la a andar de skate?

Fechei os olhos e apertei as têmporas. Porque ele estava me perguntando isso agora? Que diferença faria minha resposta? Eu o importunava para passar mais tempo com ele, porque naquela época eu era uma tola apaixonada que se jogaria de uma ponte para tê-lo e a troco do que? De nada, de um oco e gigantesco nada.

– Eu cresci Arthur – murmurei ainda de olhos fechados. – As coisas mudaram. Você ficou quase dois anos fora e não pode ver essa mudança.

– Você me fez prometer que voltaria, mas quando eu voltei você era isso, essa menina cabeça oca que só me trata de forma grosseira.

– Você voltou esperando encontrar aquela menininha que vivia atrás de você, mas eu agora trabalho e faço a droga de uma faculdade e já moro sozinha. Você e Matheus tem a mania de me enxergar como uma garotinha de dez anos, sendo que tenho vinte. – Desabafei abrindo os olhos.

– Você tem a cabeça oca de uma garotinha de dez e as atitudes de uma de vinte e para mim vai ser sempre uma menininha, eu te vi crescer sua peste, é como uma irmã para mim.

Uma raiva insana brotou em meu peito. Tive vontade de socar Arthur.

– Eu não tenho a cabeça oca Arthuro! – exclamei cerrando os punhos.

– Não me chame de Arthuro, pestinha.

– É o diacho do seu nome.

Olhei para o lado esperando que Arthur respondesse, mas ele

estava distraído demais vendo uma garota loira dançar até o chão e mostrar a calcinha preta para o mundo ver. O pensamento sobre ele só gostar de peito e bunda veio em minha cabeça, seguido da parte sobre carpe diem.

Esse idiota ao meu lado achava que eu era uma garotinha e eu estava achando que não estava vivendo meus dias do modo certo e se eu simplesmente unisse o útil com o mais útil ainda? Peito e bunda eu tinha, claro que não aqueles peitos que imploravam para serem chupados, mas ainda assim serviam para alguma coisa.

Cruzei os braços e olhei mais uma vez para Arthur, ele estava vidrado no rebolado da loira e isso me irritou a ponto de eu ter vinte segundos de uma coragem para lá de insana.

– Arthur – o chamei e me aproximei um pouco mais dele.

– Hum? – ele virou a cabeça, o olhar ainda preso na garota.

Ao se virar, a lateral do corpo dele se grudou no meu e isso foi o que bastou para eu puxá-lo pela camisa.

– Sabe – eu soltei a gola de sua camisa e tramei os dedos em seu cabelo e isso foi o que bastou para ele arregalar os olhos. – Eu não sou uma menininha e não sou sua irmã.

Arthur abriu a boca, parecendo abobalhado.

– Então – continuei acariciando seus cabelos. – Você não pode ficar bravo por eu te provar isso.

E com um único movimento, puxei seu rosto para ainda mais perto do meu e senti seu hálito se chocar contra meus lábios, fazendo com que um arrepio delicioso percorresse minha coluna.

Arthur pareceu se dar conta do que eu pretendia porque piscou algumas vezes e suas mãos envolveram meus pulsos, mas antes que ele me impedisse, eu coleí meus lábios nos seus.

Capítulo 11

Wake Me Up

*Guiado pela batida de um coração
Não sei dizer onde a jornada vai acabar
Mas sei onde começar.*

Wake Me Up, Avicii.

No momento em que meus lábios tocaram os de Arthur, eu tive consciência de três coisas: A primeira era que estava tocando minha música favorita de todos os tempos: Wake me up. A segunda era que ele cheirava a sabonete e a perfume caro. A terceira era que ele estava apertando meus pulsos com força demais.

Era para ser o momento perfeito se não fosse por um pequeno detalhe: Arthur não estava correspondendo o beijo. Meus lábios mal se moveram sobre os dele, não deu para sentir nada além do calor que eles emanavam, não pude testar a maciez, ou provar de seu sabor.

– O que você acha que está fazendo?! – Ele grunhiu me afastando e me encostando no sofá, mantendo meus pulsos presos.

Seus olhos estavam na mesma altura dos meus e eles emanavam um brilho feroz, uma mecha de seus cabelos estava caída sobre os olhos e Arthur nunca me pareceu mais lindo e zangado.

– Hum – murmurei meio desconcertada. – Beijando você?

– E por que você estava me beijando, Melanie?

Arthur parecia mais bravo ainda, se é que era possível, e isso simplesmente aumentou minha raiva. Ele podia se agarrar com a Zé Peitão, mas não podia me dar um beijo?

– Porque eu quis! – Exclamei tentando me desvencilhar dele.

– E você acha que pode ter tudo o que quer?

– Acho! – Tudo bem, eu respondi isso mais por petulância do que por outra coisa.

– Você é uma cabeça oca.

– Não muito diferente das piriquetes com quem você se agarra em um elevador, porque não precisa ter cérebro, só ser estilo filé.

Arthur mordeu o lábio e se inclinou em minha direção, ficando perto demais.

– Eu nunca disse que você não tinha cérebro, só disse que era inconsequente e você acabou de me provar que eu estava certo.

– Vai se ferrar Arthur!

– Melanie, cuidado com o que fala. Eu não sou o poço de paciência que acredita.

– E você vai fazer o quê? – Me inclinei em sua direção e ele foi para trás, ainda segurando meus pulsos. – Vai me deixar de castigo?

Arthur fechou os olhos por um momento e soltou meus pulsos, depois se levantou e me puxou junto.

– Eu nunca... – ele começou a falar quando viu que eu estava prestando atenção. – Mas nunca, vou ser seu brinquedinho. Eu sei o que você costuma fazer e saiba que comigo nunca vai surtir efeito. Sabe por quê?

– Não. – Murmurei um pouco consternada com seu modo de falar, parecia até maldoso.

– Por que... – continuou falando daquele mesmo jeito. – o jogo que você está começando a jogar eu já jogo há muito tempo e não vai ser uma pirralha mimada que vai me fazer perder a linha. Eu só não te falo poucas e boas em respeito a seu irmão e por consideração ao tempo em que você não era isso que está aí.

– O que tem de errado com o que eu sou agora? – Perguntei de forma patética, começando a tremer.

– O que tem de errado? – Ele riu de maneira irônica. – Você é um protótipo de vadia, Melanie. O tipo de garota que chega a festas como uma princesa e sai como uma mendiga. O tipo de garota que os homens querem para se divertir.

As palavras dele me atingiram como cacos de vidro e eu arregalei os olhos, me sentindo como o chiclete grudado no salto agulha de alguma piriguete.

– Além de... – continuou, ignorando minha reação. – acreditar que pode ter quem quiser, mas sinto muito Mel, eu vou ser sua exceção.

Mordi o lábio, me sentindo inferior demais para responder.

– Só faça uma coisa por você mesma – Arthur pediu, dando um passo para trás. – Tente não terminar a noite na cama de um desconhecido qualquer, diferente de mim, alguns não tem pudor, mas você já deve ser professora nessa área.

E com isso ele saiu, cerrando os punhos e murmurando palavras que foram abafadas pelo som da música.

Assim que ele passou pela porta um soluço escapou de meu peito. Eu não era o tipo de garota que chorava por qualquer coisa, mas as palavras dele me feriram de uma maneira que não dava para guardar dentro do peito em uma caixinha. A mágoa tinha que sair de alguma forma e essa forma era em um choro cheio de soluços entrecortados.

Cobri o rosto com as mãos, tentando abafar os soluços que escapavam de meu peito, sem muito sucesso porque consegui ouvir meu próprio choro e parecia desesperado, o que me fez chorar ainda mais.

– Mel – alguém tocou em meu braço. – Você está bem?

Afastei o rosto das mãos e vi René ajoelhado na minha frente, ele parecia preocupado.

– O que aconteceu? – Ele perguntou se sentando ao meu lado.

Dei de ombros, sem saber muito o que responder, meus olhos

voltaram a transbordar e eu me senti a pessoa mais patética do mundo.

– Eu vi o Arthur saindo zangado, ele me disse para te dar uma carona. Vocês brigaram?

A simples menção do nome dele me fez chorar ainda mais e René arregalou os olhos, balançando os braços, sem saber muito o que fazer, por fim me abraçou.

– Ele tem algo a ver com isso, certo?

Balancei a cabeça, incapaz de falar.

– Meu primo é um cretino de vez em sempre, mais até do que eu. Agora vem, vou levar você para casa.

René se levantou e me puxou junto, mas antes que saíssemos da pista minhas amigas chegaram.

– O que aconteceu? – Indagou Ramona me avaliando. – Algum babaca te machucou?

– Acho que ela não consegue falar, mas tem algo a ver com meu primo.

– Quem é seu primo? – Perguntou Mari vindo para o meu lado e pegando em minha mão.

– Arthur.

– Ah. – elas resmungaram juntas e começaram a nos puxar em direção à saída.

René nos conduziu até o estacionamento e depois abriu a porta de seu carro, uma Range Rover branca. Sentei atrás, ao lado de Ramona, e ficamos em silêncio durante todo o caminho, a única que falou foi Mari, para explicar onde morávamos.

– Você pode deixar nos deixar primeiro. – Pediu Ramona. – Depois leva a Mari, já que ela mora mais longe,

– Tudo bem – ele concordou.

Alguns minutos depois ele nos deixou em casa, eu acenei e subi

os degraus até o saguão, esperando que minha amiga abrisse a porta.

– Ele te magoou não foi? – Ela perguntou depois de abrir a porta.

– Não quero falar sobre isso.

– Então estou certa.

Dei de ombros e entrei no elevador. Não estava muito a fim de falar sobre isso, não naquele momento. Eu precisava de um tempo, mas Ramona nunca entendeu o significado dessa pequena palavra.

– Vamos Melanie – ela disse enquanto me empurrava em direção ao sofá. – Tira os sapatos, para de fungar, que eu vou pegar o chocolate.

Essa era a solução dela para tudo: Se entupir de chocolate até sentir que estava à beira de ter diabetes e eu acabei entrando na onda porque joguei a sapatilha longe e me deitei no sofá, esperando que o teto caísse em minha cabeça e eu sofresse de uma amnésia de curta memória irreversível, como a London do livro *Deslembração*.

– Agora coma esse quadradinho e me fala o que o playboy fez dessa vez, porque eu posso fazer uma lista de mágoas não intencionais que ele já te causou, tudo porque tem o mundo a seus pés.

Ramona nunca gostou de Arthur pelo simples fato de eu ter desperdiçado lágrimas demais com ele, seus motivos nem eram reais, já que ele nunca soube de meus sentimentos.

– Dessa vez a mágoa foi intencional – expliquei enquanto mordida o chocolate.

– O que quer dizer?

Suspirei e contei a ela tudo o que tinha acontecido, desde a parte do Carpe Diem até a dele me chamar de protótipo de vadia e quando enfim terminei o relato, estava me sentindo um lixo e chorando como um bebê.

– Ah, Mel – Ramona me abraçou. – Eu não posso tirar a razão de Arthur, mas nunca, em hipótese alguma, admitiria o fato de ele ter te

chamado de vadia.

– Em que parte você está dando razão a ele? – Perguntei secando os olhos.

– Você nunca, mas nunca mesmo, deveria ter tomado à iniciativa de beijá-lo. Ele se assustou, porque vamos encarar a realidade: Ele ainda te vê como a irmã mais nova do melhor amigo e vai ser sempre assim e como você já o superou vai ser muito mais fácil constatar isso.

Parei de tentar secar as lágrimas e deixei as mãos caírem no sofá. Ramona estava certa, eu já o tinha superado, mas caramba, ele pode praticamente transar em um elevador com um piriguete qualquer, mas não pode me dar um beijo? Sei que estava errada ao agir por impulso e tomar a iniciativa, mas precisava me chamar de vadia e dizer que eu o queria como um brinquedinho?

Eu nunca faria algo assim, podia ficar com Deus e o mundo, beijar mais de dois caras na mesma noite e me fazer de piriguete, mas eu nunca enganei ninguém ou disse que levaria a coisa a sério, também nunca amanheci na cama de um estranho. Eu era virgem ainda e ele me viu crescer, como pode pensar que eu amanheceria na casa de um estranho?

Claro, não foi a primeira vez que Arthur pensou mal de mim, o idiota julgou até que eu tinha tido algo com o René. Como a reputação que inventam pode valer mais do que a essência real dessa pessoa? Então tudo o que eu virei para Arthur foi uma garota mimada que transa com todo mundo e ele, por constatar isso, disse que nunca seria meu? Mas em que momento eu pedi isso? Eu só o beijei e nem foi um beijo de verdade, caramba!

– O que está passando nessa cabeça oca, Melanie? – Indagou Ramona ao me ver encarando o chão.

– Eu estava pensando que a reputação que inventaram para mim vale mais do que eu sou de verdade.

– Você sempre fez bom uso disso, nunca reclamou.

– Eu sei, mas eu nunca nem transei com ninguém. Eu sou vulgar
Mona?

Minha amiga me encarou, parecendo alarmada com minha pergunta.

– Claro que não! – Exclamou pegando minha mão e apertando meus dedos. – Você se veste como uma garota da sua idade, sem exageros, só fala palavrão, mas nem é sempre.

Fiquei em silêncio. As palavras dela se misturavam com as de Arthur:

“Sinto muito Mel, eu vou ser sua exceção”.

Ele disse exatamente isso antes de pedir para eu não dormir com nenhum estranho e sair revoltado. Arthur me julgava por leviana, acreditava que eu fazia uma coleção de homens e me humilhou com essa constatação.

De repente um ódio insano preencheu meu peito e eu pulei do sofá.

– Eu não vou me abater com isso – falei afastando os cabelos do rosto.

– Claro que não! – Ramona também levantou. – O que falam sobre você nunca te atingiu, você sempre foi superior a isso.

Sorri com o incentivo dela.

– Tem razão – Concordei. – Como sempre. Quando eu encontrar aquele babaca novamente, vou fazer de conta que não aconteceu nada.

– Isso mesmo, mostre a Arthur que ele só foi mais um de sua listinha, você pode não ter uma, mas ele acredita que tem.

– Aquilo nem foi um beijo de verdade – comentei fazendo um nó em meus cabelos.

– Não faz mal. Só seja superior garota e siga em frente, como sempre faz quando se trata de Arthur.

– Uhum.

Terminei de comer o chocolate e fui tomar banho, antes de dormir fiquei pensando no que Ramona falou, sobre o fato de fazer Arthur acreditar que era só mais um na minha listinha fictícia.

Capítulo 12

Conselhos de mãe

O sábado amanheceu quente, quer dizer escaldante. Estávamos em meados de março e o clima era infernal, às vezes me sentia dentro de uma caldeira e nosso pequeno apartamento não era o que se chamava de fresco. Por esse pequeno motivo, eu me levantei cedo.

– A cama estava pegando fogo, Mel? – Perguntou Ramona quando me viu na cozinha às nove horas, ela era acostumada a ter que me acordar ao meio dia.

– Estava parecendo o mármore do inferno – murmurei enquanto colocava suco em um copo e virava tudo de uma vez. – Vai acampar nesse final de semana?

– Uhum, já iria até te avisar que estava saindo. Chama a Mari para ficar com você.

Suspirei. Cada vez que Ramona ia acampar eu chamava Mari, mas a garota tinha a vida dela, não poderia ficar aqui todo final de semana.

– Acho que nesse final de semana vou ficar sozinha.

– Péssima ideia, você vai só pensar besteira, ainda mais depois de ontem.

Cruzei os braços e a fuzilei com os olhos.

– Não vou pensar nada, quem me fez lembrar foi você.

– Tudo bem dona Beatriz, eu só queria ajudar.

– Eu sei.

Ramona fez um beicinho e pegou a mochila camuflada em cima da bancada, depois me deu um beijo na bochecha e saiu. Eu fiquei uns dois minutos encarando a porta.

Resolvi tomar um banho e tentar não pensar em nada muito

perturbador, mas meu cérebro pareceu não entender muito, porque eu só pensava no fato de Arthur me chamar de protótipo de vadia e na maldade impregnada em sua voz.

Por fim, depois de vestir um vestido azul e sapatilhas da mesma cor, resolvi ir visitar minha mãe. Eu sabia que ela ficaria o dia todo no salão e que o movimento seria infernal e ela não me daria atenção, mas até ouvir fofocas das freguesas era melhor do que ficar sozinha.

Peguei minha bolsa embaixo da cama e sai do apartamento. Entrei no elevador e fiquei batendo o pé pelos segundos que tive que esperar.

– Bom dia, vizinha!

Estava nas escadas do saguão quando ouvi o cumprimento animado, me virei e vi Miguel, o do tanquinho definido, sorrindo.

– Bom dia – o cumprimentei de forma mais contida.

– Então – ele parou ao meu lado. – Já faz um tempinho que vocês moram aqui, mas só vejo Ramona, resolvi puxar papo.

Sorri, Miguel parecia ser um cara legal, tinha cabelos cor de areia, olhos castanhos, queixo quadrado e sobrancelhas delineadas, também tinha um sorriso amigável, que passava confiança.

– É que paro pouco em casa – expliquei enrolando a alça da bolsa no dedo.

– Ramona falou, também disse que você fica sozinha nos fins de semana. Quem sabe eu te apresento para a turma?

Nossa. Não sabia que o senhor Saradão estava tão íntimo de Ramona.

– Pode ser, mas hoje estou indo visitar minha família. Quem sabe amanhã?

– Claro. Até depois Mel.

Sorri enquanto ele se afastava. Eu sempre tive facilidade em

fazer amizades, tanto é que no bairro da minha mãe, eu conhecia todo mundo, até parecia político. Estava sentindo falta disso aqui no prédio, seria legal conhecer outras pessoas, só esperava que eles fossem legais como Miguel.

Não fiquei nem cinco minutos esperando o ônibus e ainda levei sorte porque naquele horário ninguém utilizava transporte público, sentei perto da janela e coloquei o fone de ouvido, tentando traduzir as músicas em inglês para passar o tempo.

Quarenta minutos depois desci na esquina de minha antiga casa. Senti uma saudade enorme dali. Da rua de pedra e das árvores secas que contornavam os paralelepípedos e de minhas andanças quando criança.

Passei em frente a minha antiga casa e entrei no salão de mamãe, que ficava ao lado. Era um espaço grande, todo espelhado e com várias cabeleireiras e manicures trabalhando ao mesmo tempo e mesmo àquela hora o movimento já era intenso. Passei minha infância no meio dessa bagunça de esmaltes e spray de cabelos.

– Melanie Beatriz! – Exclamou minha mãe assim que me viu, ela estava sentada atrás do balcão.

– Oi, Mãe – me estendi por cima do balcão para abraçá-la.

– Mel, está tão linda filhotinha. Se você me avisasse que viria eu nem teria vindo para o salão.

– Sem problemas, eu gosto daqui.

Ela sorriu e eu me vi naquele sorriso. Éramos tão parecidas, os mesmo cabelos loiros e a pele branca, a única diferença era os olhos, os dela eram verdes como uma folha e os meus cor de mel.

– Como tem passado? – Ela perguntou me puxando para sentar ao seu lado, na mesma cadeira.

– Bem e a senhora?

– Aquela casa parece vazia demais, até seu pai tem reclamado da

falta de brigas.

– Eu era a ovelha negra.

Começamos a rir e ela me abraçou de novo. Era bom ficar com minha mãe, ela era temperamental, e às vezes infantil, mas nunca foi bisbilhoteira, ou malvada, apenas gostava de fazer piadas as minhas custas.

Ficamos um bom tempo conversando trivialidades. Ela me fez explicar o que eu andava comendo e como era minha nova rotina, depois me disse que andava trabalhando menos no salão, que já tinha funcionários o suficiente, e que aproveitava o tempo para ficar com meu pai. Fiquei feliz por eles, quando eu era pequena ela ficava o dia todo no salão e quem cuidava de mim era Matheus. Era ele quem me ensinava matemática e me obrigava a comer, também era ele que me defendia quando algum engraçadinho resolvia caçoar de minha mania de ler histórias em quadrinhos, ou do fato de eu ser magra demais.

Almoçamos no salão, só nós duas, a maioria dos funcionários ia almoçar na lanchonete no outro quarteirão, mamãe preferia comer a pizza da padaria e eu sempre a acompanhei.

– Agora desembucha Mel – ela soltou a pizza. – O que a está deixando perturbada?

Comecei a tossir. Como ela sabia que algo estava me incomodando? Eu não havia dado sinal de nada.

– Nada, eu estou bem – menti e voltei a comer.

– Tem algo no fundo dessa cabecinha oca, dá para ver em seus olhos, Melanie.

Suspirei. Eu não poderia falar para minha mãe que havia tentado beijar Arthur, ela não aprovaria isso, acho que também pensaria que ele era como um irmão.

– É que... – comecei meio sem jeito. – Eu meio que tomei uma iniciativa errada com um garoto aí.

- Explica direito. – Toda sua atenção estava voltada para mim.
- Eu beijei um garoto e ele não gostou.
- Como alguém não gosta de um beijo?
- Hum, esse garoto não gostou e ficou muito bravo. Disse umas

coisas muito ruins a meu respeito.

Mamãe cruzou os braços e fez uma careta, como se estivesse prestes a esmurrar alguma coisa.

- Que coisas ele falou?

Hesitei. Será que eu deveria falar? Mas ela era minha mãe e contar as coisas a mãe era mais seguro e sei lá, parecia certo e eu não falaria quem era o garoto.

– Ele disse que não se tornaria meu brinquedinho e que eu era um protótipo de vadia.

– Como é que é?! – Ela pulou da cadeira. – Me diz o nome desse desgraçado que eu vou capar ele com minha tesoura seladora.

– Calma mãe. Não interessa o nome dele e eu tenho uma má reputação.

Ela pareceu se acalmar um pouquinho e se sentou.

– Sabe mãe – comecei a explicar. – As pessoas acham que eu sou piriguete e eu nunca fiz nada para mudar isso e esse garoto acredita também, por esse motivo deve ter falado essas coisas.

– Que tipinho mais desagradável. Você é linda, Bebê, qualquer um iria querer você.

– Ah, acho que ele não.

Minha mãe me fuzilou com os olhos, parecendo prestes a me bater.

– Levanta daí, Melanie Beatriz.

Fiz o que ela mandou, sem saber muito o que esperar.

– Vem até aqui – ela apontou para uma cadeira roxa em frente a

um espelho gigantesco.

– O que a senhora quer fazer? – Perguntei ao me sentar.

– Você vê esse garoto sempre? – Ela ignorou minha pergunta.

– Acho que sim.

Eu via Arthur no trabalho e ele era meu vizinho, então sempre tinha possibilidade de eu encontra-lo.

– Querida, quando alguém me diz que eu não posso ter uma coisa, eu provo ao contrário. Você vai mostrar a esse garoto o quanto é superior e poderosa.

– E no que isso encaixa eu estar nessa cadeira?

– Filha, você é linda, mas toda beleza tem que ser lapidada e cuidada. Eu vou dar um trato em você. A vantagem de ter uma mãe cabeleireira é ter salão gratuito.

Comecei a rir, minha mãe sempre adorou cuidar do meu cabelo.

– O que pretende fazer? – Perguntei soltando os cabelos.

Ela pegou uma escova e começou a pentear meus longos cabelos loiros, eles já estavam na cintura.

– Primeiro cortar essas pontas secas, depois clarear mais as pontas. O que acha?

– A senhora é que decide.

– Então deixa comigo Bebê.

Minha mãe começou a trabalhar em meu cabelo. Quando as manicures chegaram, ela pediu a Vanessa para fazer minhas unhas. A moça prontamente a atendeu e pintou minhas unhas de vermelho, ordem de dona Carmem Lucia.

– Vermelho sempre chama a atenção dos homens – ela explicou enquanto passava descolorante na ponta de meus cabelos e enrolava com papel alumínio.

Todo aquele embelezamento levou a tarde toda. Ela pintou,

cortou e hidratou meu cabelo, tudo sem me deixar ver o resultado, depois pediu para tirarem minha sobrancelha e fazer uma limpeza de pele. Senti-me como uma boneca sendo jogada de cá para lá.

Às seis horas, mamãe me virou de frente para o espelho e eu abri a boca, consternada. Meus cabelos ainda estavam longos, mas as pontas estavam bem mais claras que o restante, tudo em degrade, além de eles estarem ondulados e não lisos, como sempre.

Minha pele parecia bem saudável e minhas sobrancelhas perfeitamente delineadas. As unhas dos pés e das mãos estavam pintadas de vermelho. Eu nem parecia mais com o bichinho da goiaba.

– Para ter esse efeito no cabelo, use a chapinha. Prenda uma mecha e vire, depois faça um coque. – Mamãe explicou, enquanto alisava meus cabelos.

– Ficou lindo, mãe! – Exclamei enquanto a abraçava.

– Modéstia a parte, eu sou boa no que faço bebê.

Começamos a rir. Nada fazia mais bem a uma mulher do que mudar o visual, eu estava me sentindo linda. Nunca havia pintado os cabelos antes e adorei esse efeito das pontas, o corte, em estilo “v”, mostrava as camadas mais claras em diferentes níveis. Minha franja ainda era longa e lateral, mas a maneira como estava jogada, em camadas, me deixava mais sexy.

– Agora mostra para aquele garoto o que ele perdeu. – Ela me deu um beijo no rosto. – Ah, sei pai já está em casa, ele está com saudade.

– Vou lá ver ele, e a senhora, que horas vai?

– Sem hora para voltar hoje, o movimento aumentou. Ele sabe como é meu sábado.

Concordei e a abracei mais uma vez, me sentindo reconfortada e feliz. Não por ela ter mudado meu cabelo, mas sim por ter me entendido e me aconselhar a ser superior. Arthur nunca perceberia o que perdeu

porque nunca me encarou como algo que valesse a pena, e eu já tinha entendido isso, mas talvez, em algum lugar, existisse alguém que visse além de minha reputação ruim.

Despedi-me do pessoal do salão e fui para minha antiga casa. Assim que entrei na sala vi meu pai e meu irmão estirados no sofá, vendo futebol, como sempre.

Antes de cumprimentá-los, me lembrei de Arthur e do beijo, será que ele contou a Matheus? Eles sempre foram unha e carne e se Matheus me desse um sermão?

– Oi, Mel – Matheus acenou. – Me diz que veio fazer a janta.

Suspirei aliviada. Se ele soubesse de algo já estaria me passando à lenha.

– Oi, Bebê – disse papai vindo me abraçar. – Como está?

– Bem e vocês?

– Com fome – resmungou Matheus. – Se eu te pagar, você volta a morar aqui?

– Não. – comecei a rir.

– Eu vou ficar desnutrido Mel.

Meu pai começou a rir.

– Nem ligue, ele está fazendo drama.

– Drama, pai? Desde que a Mel se mudou nós só comemos comida comprada, ou que mamãe faz e ela não é boa cozinheira.

– Não fala assim da sua mãe. – Meu pai o repreendeu.

– Eu amo a mamãe, mas ela não cozinha bem. Essa semana ela inventou de fazer omelete de bife de fígado, parecia comida de alienígena, cara.

Eu e meu pai começamos a rir, Matheus sempre foi de comer mais do que a boca, a única coisa que o irritava mais do que eu era a fome.

– Agora fiquei com dó de você – me joguei no sofá ao seu lado. –

Mas isso é para você parar de ficar reclamando de mim, você disse que eu não servia para nada uma vez.

– Isso foi antes de você aprender a cozinhar.

– Você falando assim – papai se sentou ao meu lado. – Até parece que sua irmã só serve para cozinhar.

– Claro que não, a Mel também incomoda, ela serve para duas coisas.

Peguei a almofada e joguei nele.

– Credo, meninos, até depois de grande não perdem essa mania.

– Foi ele quem começou – acusei Matheus, enquanto lhe dava um peteleco na orelha.

Sempre é ele que começa – concordou papai.

– Eu concordo com você se a Melanie fazer o jantar.

– Tudo bem – me levantei do sofá. – Mas você lava a louça.

– Por comida eu até passo pano no chão.

A noite foi divertida. Eu fiz o jantar, macarrão com queijo e carne moída, e quando mamãe chegou, eu ainda estava colocando as coisas na mesa e ela pode jantar conosco. Depois disso vimos um filme tosco na TV e Matheus me levou para casa, me fazendo prometer que vou fazer uma refeição por semana para ele não morrer desnutrido.

Minha mãe ainda elucidou, quando eu estava entrando no carro, para eu não me esquecer de ser superior e mostrar o que aquele garoto, que deveria ser capado, perdeu.

Capítulo 13

Aquela garota

Assim que cheguei em casa fui dormir, estava cansada demais. Dormi por doze horas, quando enfim me levantei já eram duas horas e eu estava morta de preguiça. Domingo era o dia da semana que eu menos gostava, tudo parecia entediante demais e neste domingo não estava diferente, até o céu parecia preguiçoso, estava enevoadado, mas mesmo assim o calor era insuportável.

Depois de enrolar por alguns minutos, me levantei e fui tomar banho, tomando o cuidado para manter os cabelos longe da água. Após sair do banho fui dar uma geral no apartamento. Coloquei as roupas para lavar, lavei a louça, limpei o chão e tirei o pó. Demorou horas e me deixou exausta. No final do dia só faltava limpar a sacada, peguei um balde com água e um pano na lavanderia e fui terminar meu último afazer de Isaura.

Larguei o balde no chão e olhei para o céu, o por do sol estava perfeito, em várias colorações de rosa e laranja. Sentei no chão e fiquei observando por um longo tempo, esquecendo de que tinha de trabalhar no outro dia e que a rotina começaria novamente. Naquele momento me lembrei do *carpe diem*, e fiquei um pouco melancólica. Eu simplesmente sobrevivia aos meus dias, sentia uma imensa vontade de fazer algo extraordinário, que valesse a pena, mas eu não era boa em nada.

Abracei os joelhos e olhei para as pessoas do outro prédio. Várias estavam lavando os carros, outras passeando e tinha um casal saindo do saguão. Olhei para o casal e me arrependi. Era Arthur e uma garota loira. Ela era quase tão alta quanto ele e tinha um jeito de piriguete. Os detalhes esculturais de seu corpo eram realçados pelo vestido justo e os cabelos meio anelados caíam ao redor do rosto.

Eles pararam de andar quando chegaram ao pátio que separava

os dois prédios. A garota ficou na ponta dos pés e tirou os óculos dele, o beijando em seguida. Ele correspondeu ao beijo e não a afastou, nem mesmo a segurou pelos pulsos, como tinha feito comigo.

Senti uma coisa estranha no estômago ao pensar que na sexta feira eu tinha tentando beijá-lo da maneira que uma desconhecida estava fazendo, também tive a sensação de tempo perdido. Eu não fiquei com nenhum garoto até os dezessete anos porque era apaixonada por ele e de que adiantou? Quando eu tentei algo fui repudiada como se não valesse nada. Está certo que ele nunca soube, e nem iria saber, mas eu não podia evitar me sentir humilhada.

Continuei observando os dois. Ele não teve pudor ao puxá-la pela cintura contra si e ela também não ao se colar ainda mais nele. A garota tramou os dedos nos cabelos dele e eu me perguntei se eles eram tão macios quanto parecia. Até balancei a cabeça, tentando evitar pensar, mas daí veio à despedida, ela o abraçou e saiu e isso me fez lembrar de uma das poucas vezes que ele me abraçou.

Arthur estava prestes a ir para a Inglaterra e eu estava chegando da escola, segundo e terrível ano do ensino médio, nos encontramos na sala, como sempre.

– Então, Mel, o que vai querer da Inglaterra? – ele perguntou assim que me viu.

– Hum, não sei, Tom Flechter?

– Ah, desculpe. Não vou poder te trazer o vocalista do Mc Fly.

– Então não sei – dei de ombros. – Você que sabe.

Na época eu não acreditava que ele voltaria.

– Você ainda acha que eu não vou voltar, não é? – Arthur perguntou se aproximando.

– Acho – murmurei cruzando os braços. – Se fosse eu, bem, eu não

voltaria.

– Por quê?

– Porque lá parece melhor do que aqui, em tudo.

– Está errada. Eu moro aqui, aqui é minha casa.

– Se você diz.

Ele sorriu, parecendo achar graça da minha resposta.

– É só que... – comecei a explicar, sem graça. – Eu acho que sem você aqui, Matheus vai ficar mais insuportável.

– Ah, isso eu não posso negar, mas você vai conseguir se virar.

Dei de ombros, mal acreditando no que tinha acabado de falar, isso era ridículo demais.

– Vem cá Mel – ele me puxou e eu arregalei os olhos. – Eu prometo que vou voltar e te livrar do Matheus.

– Promete?

– Claro – ele ergueu a mão, com só o dedo mindinho levantado. – Promessas de mindinho nunca são quebradas, pelo menos é o que você sempre diz.

Eu concordei de forma patética e enlacei meu dedo no dele.

– Pelo menos eu nunca quebrei – falei depois de alguns segundos.

– Como essa é a primeira que faço, nem falo nada.

Ele desenlaçou nossos dedos e me abraçou. Meu coração batia tão rápido que parecia que ia explodir, mas depois ele me soltou e foi embora e o Arthur que voltou não era o mesmo, assim como eu também não era.

Agora, no presente, eu encarava a pessoa que povoava minhas lembranças e me lembrei da promessa que tinha feito naquele dia. Eu nunca mais seria aquela garota. Eu vinha cumprindo isso a risca, mas ao continuar observando o motivo de minha mudança, tomei uma decisão:

Eu não tornaria todos aqueles anos inúteis. Eu conquistaria

aquele babaca, ele provaria do próprio veneno e engoliria o que me disse. Ele foi o primeiro cara por quem me apaixonei e seria o primeiro a dormir comigo. Esse ato encerraria o ciclo.

Levantei-me rápido ao constatar isso. Era a ideia mais maluca que tive e poderia nem dar certo, mas minha mãe disse que eu deveria mostrar que eu era superior e eu faria isso, mostraria que era superior e o conquistaria, por uma noite ele seria meu brinquedinho. Nada mais do que isso.

Arthur não era tão imune a mim, em minha festa ele disse a René que eu era gostosa e proibida. Eu simplesmente teria de fazê-lo esquecer sobre a parte do proibida. O fato de eu ser a irmã mais nova de seu melhor amigo não deveria influenciar em nada e para isso eu usaria as mesmas armas de suas piriguetes: Eu me tornaria irresistível.

Quando Arthur entrou em seu prédio, eu comecei a limpar a sacada. Meu plano era ousado e nem tinha estrutura e muito menos cabimento, mas achava que no final até seria justo. Se uma pessoa acha que não somos capazes de uma coisa, devemos provar ao contrário.

Terminei de limpar a sacada e ajeitei as coisas que restavam, em seguida me joguei no sofá e liguei a TV. Fiquei um tempo vendo besteiras e depois fui inventar uma janta. Foi nessa hora que Ramona chegou.

– Cheguei bem na hora boa! – Ela exclamou me dando um beijo na bochecha. – E vejo que está tudo limpo. Ficou sozinha?

– Ontem fiquei o dia todo na casa da minha mãe e hoje dormi até tarde e limpei a casa.

– Ah, tá – ela jogou a mochila no chão. – Seu cabelo está diferente, mais bonito.

– Dona Carmem Lucia resolveu mudar meu visual quando eu contei o que aconteceu. – Expliquei enquanto colocava o bife na frigideira.

– Você contou a ela que beijou Arthur? – Ramona sentou na bancada e me encarou.

– Não, eu não disse o nome, só expliquei o que aconteceu.

– E ela?

– Mudou meus cabelos e disse que eu deveria mostrar o quanto era superior.

– Bem certinho, foi o que eu te falei.

Depois de verificar se o arroz estava no ponto, coloquei a batata fritar e olhei para minha amiga.

– Eu concordei com o que ela disse, mas tive outra ideia.

– Que ideia? – Ela arregalou os olhos, acho que prevendo que não era algo que prestasse.

– Eu resolvi que vou seduzir aquele babaca.

– Como é que é?! – Ramona gritou e pulou da bancada. – Ficou maluca?

– Não, mas lembrei do quanto gostei dele, do que ele era antes, e do tempo desperdiçado, e decidi que vou fazer aqueles anos terem valido a pena. Eu escolhi perder minha virgindade com ele. Você vive me dizendo que eu vou criar teias de aranha.

Ramona afastou os cabelos ruivos do rosto e balançou as mãos.

– Mel, isso é despeito por ele ter te humilhado. A primeira vez de uma garota tem que ser especial.

– Porque mais especial do que desse jeito? Ele foi meu primeiro amor, é como encerrar um ciclo.

– Como vai fazer um garoto que só te vê como a irmã mais nova do melhor amigo transar com você, ainda mais se você é virgem? Acha que Arthur vai topa isso?

Tirei a batata frita da frigideira antes de responder:

– Eu vou seduzi-lo. Ele gosta de garotas filé, eu vou virar uma.

– Como? Colocando silicone?

– Não. Vou valorizar o que tenho.

- Melanie Beatriz, não deixe o despeito ser seu conselheiro.
- Não é despeito, é só provar que posso fazer o que ele disse que eu não posso.
- Você vai se machucar e depois eu vou ter que te dar sorvete com chocolate pelo resto da vida.
- Não vou. Meu plano é somente uma noite. Como você mesma disse: A primeira vez é especial. Depois vou seguir em frente e ter encerrado esse ciclo.
- Você disse isso quando ele foi embora.
- E cumpri. Eu não sou apaixonada por ele, só quero provar que não sou uma menininha.
- Não vou mais contestar – ela franziu os lábios. – Quando você coloca uma besteira na cabeça não tem jeito. Eu só quero ver no que essa loucura vai dar.
- Acredite Ramona, eu quero a mesma coisa.

Capítulo 14

Confronto

Não consegui dormir muito bem, apesar de Ramona ter me enchido a paciência até eu querer bater nela. Eu estava ansiosa demais para o dia seguinte, havia idealizado algo e cumpriria isso a risca.

Consegui dormir durante uma hora e meia, levantei meia hora antes para me arrumar. A primeira coisa que fiz foi tomar banho, depois, enrolada na toalha, arrumei os cabelos do jeito que minha mãe me ensinou e fiz uma maquiagem leve, composta por delineado gatinho, rímel e batom nude.

A escolha de roupas não foi difícil, eu era meio consumista. Escolhi uma saia rosa-envelhecido, acima dos joelhos, vesti uma camiseta de alcinha rendada e sobrepus com uma camisa branca, que fiz um nó na cintura, a encurtando. Não abotoei os três primeiros botões deixando assim a camiseta rendada visível.

Achar o sapato ideal foi o problema. Eu tinha três prateleiras cheias, minha mãe sempre amou me dar sapatos. Por fim escolhi um de salto quadrado na cor nude com a sola preta.

Olhei-me no espelho do guarda-roupa e amei o resultado. Os sapatos deixavam minhas pernas mais bonitas, apesar de parecer alto demais, e a roupa marcava meu corpo sem aparentar vulgaridade. O ponto alto foi meu cabelo, que tinha alguns cachos nas pontas.

Mandei um beijo para o espelho, peguei minha bolsa e sai do quarto. Ramona estava tomando café e arregalou os olhos quando me viu.

– E aí... – Girei para lhe mostrar a roupa. – Como estou?

– Apesar de eu achar tudo uma loucura, não posso negar que está linda. Se os tarados do ônibus te incomodarem vai ser com razão.

– Nem eles vão me abalar hoje. Agora me deixa ir, não quero perder o ônibus.

– Não se esquece de me falar pelo whatsApp se esse seu plano está dando certo.

– Tá bom, beijo.

– Beijo.

Passei a alça da bolsa no ombro e sai do apartamento, entrando no elevador, que estava vazio. Coloquei os fones de ouvido e encarei o dia nebuloso com alegria. Esse plano daria certo, tinha que dar, porque acordar com um objetivo era maravilhoso, dava a sensação de não estar somente sobrevivendo.

Desci as escadas sem muitas dificuldades, estava acostumada a andar de salto, entrar no ônibus é que foi um pouco constrangedor, as pessoas eram apressadas demais e não davam tempo da pessoa da frente terminar de subir. Acho que a mulher que estava atrás de mim teve um vislumbre perfeito de minha calcinha de bolinhas.

Cheguei ao prédio da empresa no horário de sempre. Entrei no elevador lotado e até dei uma olhadinha, tentando localizar meu alvo, mas o destino não tinha mexido suas garrinhas, ali só tinha caras velhos engravatados.

Cheguei à recepção e me sentei em frente à mesa de Mariane.

– Oi, Mari! – A cumprimentei de forma animada. – Como passou o final de semana?

– Bem e você?

– Ótima.

– Percebi. Está com o visual diferente e parecendo muito feliz, nem parece à mesma de sexta feira.

– Aconteceram algumas coisinhas.

Espero que me conte tudo no horário do almoço e hoje não tem

desculpa por que é dia de pagamento.

– Oba! – exclamei me levantando. – Vou tirar a barriga da miséria. Agora eu vou indo, porque René pode não estar tão animado. É segunda-feira.

Mariane concordou e eu fui para a sala do chefe, que estava sentado na cadeira de gelo com os pés em cima da mesa, como sempre. Ele arregalou os olhos ao me ver, me encarando por mais tempo do que o necessário. Tomei isso por algo bom, talvez Arthur tivesse a mesma reação.

– Bom dia Mel – René sorriu. – Se eu não tivesse decidido te deixar na *friend zone*, diria que está gostosa, mas como tomei essa decisão, direi que está deveras apresentável.

– Bom dia, chefe. Eu agradeço o segundo elogio.

– Pelo visto está melhor do que sexta-feira. Poderia me explicar o que aconteceu?

Troquei o peso de um pé para o outro.

– Algo que não vale a pena ser mencionado.

– Certo, mas só quero dizer que seja o que for, deixou Arthur um pouco maluco, mais do que ele já é.

– O que quer dizer?

– Que o cara passou por mim furioso e praticamente me ordenou que te levasse para casa. *Leve aquela maluca para casa antes que ela me deixe louco*. Foram as palavras dele.

Revirei os olhos ao ouvir isso. Era bem típico daquele babaca ficar dando ordens mesmo.

– Não foi nada mesmo, René.

– Tudo bem, Mel, mas apesar de ser seu chefe maluco, sou seu amigo nas horas vagas.

– Obrigada.

– De nada.

Sorri e fui para minha sala. Acho que hoje seria uma segunda-feira amistosa, todo mundo parecia estar de bom humor, ou talvez fosse eu vendo o mundo de outra forma.

A manhã passou rápido, eu fiz os serviços de sempre e nem saí da minha sala. No horário do almoço encontrei Mariane na recepção e fomos juntas para o último andar. A fila do almoço era gigantesca e eu aproveitei isso para sussurrar todos os acontecimentos do final de semana.

– Então quer dizer que depois de ele te chamar de vadia, você resolveu se vingar dele? – Ela perguntou enquanto nos sentávamos em uma mesa longe das janelas gigantescas.

– Eu não pensei por esse lado – expliquei enquanto tirava os talheres da embalagem plástica. – Pensei em compensar aqueles anos em que eu fiquei apaixonada por ele e fazê-lo perceber que eu posso ser boa nesse jogo também.

– Ele já acha que você é.

– Mas não na prática. Ele vai ser meu por uma noite e vai engolir o que disse.

Mariane me avaliou por alguns instantes e pareceu pensar bem antes de falar:

– E se isso só te machucar? Porque pode dar tudo errado.

– Eu não estou pensando nesse lado.

– Mas deveria. Eu sou sua amiga e é meu dever te mostrar os lados disso. Arthur passa o rodo, mas nunca considerou a possibilidade de você estar nesse meio também.

– Eu sei Mari.

– Será que você não está fazendo isso por ainda gostar dele?

Escancarei a boca e soltei a batata frita. Isso estava fora de cogitação. Quando eu via Arthur minhas pernas não ficavam mais bambas

nem nada, às vezes eu pensava em como era bonito, mas nada, além disso.

– Não, isso está fora de cogitação.

– Então tudo é desejo de provar que ele está errado?

– E também perder a virgindade com alguém que não é um desconhecido. Acho que daqui a vinte anos, quando eu me lembrar disso, vou gostar de saber que foi com o primeiro cara que gostei e não com um tarado qualquer.

– Tá, esse lado até que dá para entender, mas já pensou, se esse plano der certo, como ele vai reagir ao saber disso?

– Eu não vou contar, ele acha que eu sou rodada mesmo.

– Isso tem tudo para dar errado.

Dei de ombros. Todo mundo achava que esse meu plano não iria dar em nada, minhas amigas não entendiam que era só uma noite. Claro que essa noite desbancaria Arthur e encerraria um ciclo para mim.

– Eu sei que vocês não acreditam nisso, mas eu acho que vai dar certo – falei enquanto terminava de comer a batata frita.

– Talvez de, você é bonita e vai esfregar isso na cara dele.

– Vai dar Mari, vai dar.

Terminamos de almoçar e voltamos para a empresa.

– Ah, me esqueci de perguntar – falei quando Mari parou em sua mesa. – Como está você e René?

– Estamos na de sempre – ela suspirou. – Ele está mais próximo de mim, mas só isso.

– E você ainda está decidida a ser só amiga dele?

– Eu não sei Mel, só acho que ele nunca vai olhar para mim como um homem.

– Na boate ele foi dançar com você.

– Eu sei, mas estou confusa. Tudo deve ser peso na consciência.

– Eu vou te ajudar, só me aguarde.

Não lhe dei tempo de resposta e voltei para minha sala, ainda acharia a oportunidade de perguntar a René o que ele achava de Mariane.

– Mel – René me chamou assim que entrei em minha sala.

– O que foi? – Perguntei colocando a cabeça para fora da porta.

– Vá até o andar treze e entregue estes documentos a Marconi, o da construtora de seu irmão, ele é o contador.

Sorri ao pegar os documentos. O destino finalmente havia mexido seus dedinhos. Estava na hora de mostrar a Arthur minha capacidade de perdoar.

Entrei no elevador e enquanto esperava chegar ao andar, ajeitei os cabelos e retoquei o batom. Sai do elevador e entrei na recepção da construtora de meu irmão. A secretária, uma garota morena e com várias sardas no rosto, sorriu de forma amistosa quando me viu.

– Boa tarde, eu gostaria de falar com o senhor Marconi – disse enquanto apertava o envelope branco entre os dedos.

– Claro e da parte de quem seria?

– De René Fernandes, sou Melanie, a assistente.

Ela concordou e ligou para o homem.

– O senhor Marconi mandou a senhorita entrar – a secretária se levantou e me indicou o caminho.

A segui por um corredor de paredes brancas e com alguns quadros de natureza abstrata. Já havia vindo ali antes e pude localizar a sala de meu irmão, mas nunca havia ido além daquele corredor. A sala desse tal Marconi era no corredor ao lado.

– É aqui – a moça me indicou a porta e saiu.

Bati na porta e uma voz aveludada me mandou entrar. Entrei na sala bem decorada e vi um rapaz sentado atrás de uma mesa cheia de papeis. Imaginei que esse Marconi tivesse uns sessenta anos, mas me

enganei, porque esse não parecia ter nem trinta e era bonito.

– Senhorita Melanie – ele me estendeu a mão quando parei em frente a sua mesa. – Sou Christian Marconi. Imagino que esteja com os documentos sobre a campanha de Marketing.

– Estou sim. – Soltei sua mão e lhe entendi o envelope.

– René pediu para que assinasse?

– Não, ele apenas mandou os documentos para avaliação.

– Certo. – Ele deixou o envelope em cima da mesa e me encarou de uma maneira pouco educada, como se eu fosse um pedaço de bife e ele um cachorro faminto. – Liguei para René assim que tivermos avaliado a proposta.

– Tudo bem, o avisarei – dei um passo à frente e lhe estendi a mão. – Tenha um bom dia senhor Marconi.

– Igualmente senhorita Melanie.

Sorri e sai da sala. O corredor se estendia a minha frente, em duas direções, não sabia qual delas tomar. Tentei me lembrar dos quadros, mas todos eles pareciam iguais para mim.

Bela hora para eu esquecer a direção. Bufei e bati na porta de Marconi novamente. Lá iria eu pagar mico.

– Desculpe senhor – disse quando ele me mandou entrar. – Mas eu não lembro por qual corredor vim. Poderia me indicar a direção.

Marconi sorriu e se levantou. Notei que ele era alto, tinha cabelos negros anelados, barba rala e olhos azuis.

– Por aqui senhorita – ele passou na minha frente e estendeu a mão, indicando a saída.

– Obrigada Senhor, daqui já sei ir, só não sabia qual corredor tomar.

– Me chame somente de Christian e será uma honra leva-la até a recepção.

– Obrigada.

Ele sorriu e andou mais devagar, para me acompanhar.

– Faz tempo que trabalha para René? – Ele começou a puxar conversa.

– Um pouco mais de dois anos.

Christian sorriu de novo e eu quase perguntei se ele estava me achando com cara de dentista. Fiquei em silêncio até passarmos pelo corredor da sala de Matheus.

– Ah, acho que vou falar com meu irmão – disse indicando a porta.

– Você é irmã do engenheiro? – Ele parecia espantado.

– Aham.

Toda a animação do Senhor Sorriso foi embora, ele se despediu rapidamente e voltou para sua sala. Sorri satisfeita, eu não queria que ninguém pensasse que eu estava de rolo com Marconi, por isso evitei que alguém me visse com ele.

Virei-me em direção a recepção e taquei a cara no peito de algum próximo que estava passando por ali. Tudo o que vi foi um tecido preto e depois senti dor no nariz.

– Ai! – exclamei dando um passo para trás, pronta para xingar o brutamontes.

– Olha por onde anda Melanie Beatriz.

Olhei para cima e vi meu irmão, ele estava rindo da minha cara.

– Você que anda que nem girafa pelo corredor e não vê por onde anda – murmurei esfregando o nariz.

– Ora, quase fiquei com pena – ele continuou rindo e abriu a porta de sua sala. – O que veio fazer aqui, já estava com saudades?

– Não, vim entregar um documento para o Senhor Sorriso, quer dizer, Marconi.

– Você já deu um apelido para o contador?

– Ele que ficava sorrindo como uma hiena.

– Acho que queria te conquistar, coitado.

– Já o espantei ao falar que era sua irmã. Acho que o pobre ficou com medo de ser atropelado.

– Ah e deveria. Eu sou muito mau.

Tive que rir. Às vezes Matheus conseguia ser hilário. Achei que a única pessoa com quem ele era mau era comigo.

– Me deixa voltar para minha sala, até senhor mau.

– Ah, Mel – ele me chamou antes de eu ir embora. – Só não se esquece da comida, hoje mamãe tentou omelete de brócolis, parecia que eu estava comendo capim.

Comecei a rir de forma ruidosa. A cara de tristeza de meu irmão foi demais, até parecia que ele estava desiludido.

– Acho que vou te deixar no ramo saudável – falei quando consegui parar de rir.

– Malvada.

– Eu não, isso foi por você não valorizar a companhia da minha pessoa enquanto a tinha.

– Nossa, que poética.

Dei de ombros e me despedi, indo em direção à recepção ainda rindo. Eu sempre disse que a comida da minha mãe iria acabar deixando alguém traumatizado, só não sabia que seria tão rápido.

Fiz um beicinho ao sair da empresa. Eu tinha ficado quase meia hora ali e nada de ver Arthur. Apertei o botão para chamar o elevador diversas vezes, irritada com o fracasso de meu plano já no primeiro dia. Não adiantava eu me embonecar toda e não ver o alvo.

Enrolei uma mecha de cabelo no dedo indicador e comecei a bater o pé, eu sempre fazia isso quando ficava nervosa ou irritada. O diacho

do elevador estava demorando demais, como sempre, achei que já estava na hora de eu parar com esse medo bobo de altura, mas com esses saltos era melhor não arriscar subir as escadas.

Quando o elevador finalmente resolveu dar o ar da graça, eu entrei correndo e atrolei quem estava saindo. Acho que as pessoas tinham dificuldade de me ver.

– Olha por onde anda garota!

Dei um passo para trás e encarei a pessoa, furiosa, mas logo a raiva deu lugar ao desconforto. Tinha acabado de atropelar meu alvo, ou melhor, Arthur, e esse não era o encontro sexy que eu planejava.

– Desculpa – resmunguei. – Não tinha te visto.

Arthur me avaliou, parecendo mais zangado.

– O que veio fazer aqui? – Perguntou de forma grosseira.

– Ah, vim ver seus belos olhos – respondi de maneira irônica. – Se você não sabe, eu trabalho neste prédio.

– Não seja grosseira – ele me repreendeu e se esqueceu de sair do elevador, que acabou fechando as portas e continuando seu percurso.

– Quem começou foi você.

– Não, quem entrou como uma maluca no elevador foi você.

– E por um acaso a vossa senhoria é o dono do elevador? Eu entro da maneira que eu quiser. – Perdi a paciência.

– A educação mandou lembranças, Melanie.

Mordi o lábio para não mandá-lo se ferrar. Que cara mais babaca.

– Dá para você parar de ser grosseiro, por favor? Eu não te fiz nada.

– Ah, não? Eu não me esqueci da sua tentativa de me beijar.

Todo meu fluxo sanguíneo parou em meu rosto, de repente senti calor nas bochechas. Tive que respirar várias vezes antes de responder:

– Olha aqui Arthuro, eu beijo várias pessoas, você foi só mais um. Não se sinta importante e não de importância para isso, porque eu sinceramente nem lembro.

Arthur piscou algumas vezes, parecendo atônito.

– Você... Você nem lembra?

– Não, eu só me lembro de partes boas e não daquelas que não aconteceram. Se você quer ser grosseiro e deixar a situação nesse nível, o problema é seu.

– Eu te chamei de vadia – ele lembrou.

– Não foi o primeiro, pode ter certeza, e se eu me importasse com o que você, ou qualquer outro, pensasse, eu nem sairia de casa.

O elevador parou em meu andar e eu sai, deixando Arthur meio embasbacado. A situação pode não ter sido como o planejado, mas com certeza eu não agi da forma esperada.

Assim que voltei à empresa, contei o que tinha acontecido a Mariane. Ela me avaliou por alguns segundos antes de finalmente falar alguma coisa:

– Aqui é o mundo real. Não espere que ele babe por você logo depois do que aconteceu. E a maneira que vão se encontrar também não vai ser como nos livros.

– Ah, isso eu sei – respondi afirmando as mãos no tampo de sua mesa. – Mas acho que não esperava que ele fosse tão grosseiro.

– Acho que tem um lado de Arthur que você não conhece e está prestes a conhecer. Você conhece o lado amigo, protetor, mas não o lado homem. Tem que se preparar para isso.

– Tem razão. Se vou levar esse plano a diante, tenho que ter sangue frio.

– É, mas eu ainda acho que vai se machucar.

– Não vou Mari, eu já fui machucada antes, nada vai superar aquilo.

Ela franziu os lábios e não disse nada, eu voltei para minha sala e comecei a arquivar documentos, fazer ligações e mandar informativos, tudo isso acumulado fez minha tarde passar voando.

– Tchau, Mari – acenei para minha amiga, no final do expediente, enquanto passava pela recepção. – Até amanhã.

– Até, me manda mensagem pelo whatsapp.

– Mando sim.

Entrei no elevador, que estava vazio, e comecei a vasculhar minha bolsa a procura de meu celular e fones de ouvido. Só com música para sobreviver até em casa no meio do caos do trânsito de final de tarde. Quando achei meu celular, entrei em minha *Playlist* de segunda feira, sim eu tinha músicas para cada dia da semana. Assim que achei a música que estava procurando – Me adora da cantora Pitty – aumentei o volume.

Estava distraída, olhando para frente e batendo o pé, enquanto esperava o elevador chegar ao térreo, quando alguém me cutucou com força no ombro.

– O que foi? – Virei-me irritada, pronta para dar um soco no engraçadinho que estava me atrapalhando.

– Eu quero falar com você. – Arthur puxou meus fones de ouvido e o celular de minha mão.

Revirei os olhos e tive que conter a vontade de dar um soco na cara dele, mas daí me lembrei de meu famigerado plano e resolvi contar até vinte, muito controle da raiva nessa hora.

– Fale criatura, não dá para ouvir música agora? – Estava certo que eu tinha um plano, mas a ironia era algo muito difícil de controlar.

– Para de ser irônica, cinco segundos, por favor? – Ele pediu me devolvendo meu celular.

– Claro, então desembucha – guardei o celular na bolsa e cruzei os braços.

– Você quer uma carona para voltar para casa?

Arregalei os olhos. Esse garoto só podia ser bipolar, ainda pouco tinha brigado comigo e agora estava me oferecendo carona? Pelo bem de minha bunda, eu não poderia subir em um moto com ele, não queria pagar calcinha de bolinha para a cidade inteira.

– Obrigada, mas eu não quero andar em cima de uma moto com você porque dirige como um lunático fugindo da polícia.

– Eu estou de carro – explicou irritado. – E eu não dirijo como um lunático, você é que não está acostumada a andar comigo.

– E eu nem quero me acostumar mesmo, pessoas com mudanças repentinas de humor me assustam.

Ops! Minha língua grande estava destruindo meu plano. Eu não poderia seduzi-lo se ficasse soltando as patas como uma potranca.

– Se você não percebeu Melanie, eu estou querendo arranjar um pretexto para falar com você, mas parece que interpretação não é muito seu forte.

Mordi a língua e cruzei os braços. O elevador abriu, já estávamos no térreo.

– Tudo bem, aceito sua carona.

Arthur revirou os olhos e saiu do elevador, eu o segui, pensando em alguma tática de sedução infalível em um carro.

Capítulo 15

Empecilho

Segui Arthur em direção ao estacionamento, tentando ajeitar meus cabelos sem dar muito na vista. O único som entre nós era o de meus saltos se chocando contra o piso. Quando chegamos ao carro, Arthur destravou o alarme e me mandou entrar, tudo naquele seu mau humor do cão.

Entrei no carro e coloquei o cinto de segurança, olhando para frente e evitando encará-lo. Se ele estava com tanto ódio de mim, porque me ofereceu carona? Não tinha chance de ele me pedir desculpas porque simplesmente não me pareceu arrependido em nenhum momento.

Continuamos naquele silêncio incomodo enquanto ele ligava o carro e saia do estacionamento, eu já estava prestes a falar alguma baboseira quando a criatura suspirou e bateu a palma da mão no volante do carro, me fazendo pular.

– Me desculpa, está bom? – Ele disse sem me olhar.

– Hã, claro, sim, okay. – Murmurei enrolando uma mexa de cabelo no dedo.

– Eu não deveria ter te chamado de vadia.

– Relaxa, Arthur, eu nunca neguei o fato de ser piriguete – dei de ombros, como se admitir isso fosse à coisa mais normal do mundo.

Acho que minha resposta o pegou de surpresa, porque ele meio que engasgou e me olhou, depois de pararmos no semáforo.

– E você admite isso assim, na maior normalidade?

Encarei Arthur. Ele estava perfeitamente barbeado, os cabelos meio bagunçados e os lábios franzidos. Era a personificação da beleza, sem exageros, e o cara ainda usava aquele tipo de camisa que deixava em

evidência seus belos músculos abdominais e aquela calça preta não ajudava em nada minha concentração.

– Eu sei o que sou – disse por fim. – Porque eu vou ficar me fazendo de santa?

Ele não respondeu e continuamos em silêncio até chegarmos a nosso condomínio.

– Eu não acho certo você se vangloriar da fama que tem – Arthur disse quando estacionou na garagem de seu prédio.

– Eu não me vanglorio, apenas não finjo que ela não existe. Eu convivo com minha má fama desde os dezoito anos, não é algo tão novo assim.

Ele fez uma careta.

– E não vai fazer nada para mudar isso?

– Porque vou mudar se sou feliz assim? Você mudaria porque os outros não gostam do que é?

– Claro que não.

– Então porque eu tenho que mudar? Você simplesmente não está acostumado com meu lado defeituoso, por assim dizer. Sinto muito se nas horas vagas sou o que chama de vadia.

Arthur esbugalhou os olhos e me encarou de uma maneira irritada em seguida.

– Eu já não pedi desculpas por te chamar de vadia?

– E eu aceitei. Fim. Agora para de tentar colocar juízo na minha cabeça porque isso é uma coisa que eu nunca vou ter.

– Eu não estava tentando colocar juízo na sua cabeça, estava tentando te entender.

– Por quê?

Arthur simplesmente me olhou, como se achasse minha pergunta sem cabimento, na verdade eu estava achando a nossa conversa

sem cabimento. Será que era tão difícil para ele entender que eu era piriguete?

– Eu não entendo essa sua mudança. Quando eu fui para Londres você era uma menina que lia história em quadrinhos e se dava mal em física, quando eu voltei você era outra pessoa totalmente diferente, do tipo que sabe a hora certa de cair em cima de um cara.

Comecei a rir, não pude evitar, sei que você ser misteriosa perante um cara é sedutor, mas no meu caso era ridículo. Pobre Arthur, nem sabia que eu nunca cai em cima de um cara e que pretendia cair em cima dele.

– Arthuro – falei quando consegui parar de rir. – Não tente entender minha cabeça. Eu já te desculpei. A amizade é a mesma. Desculpe por tentar tirar sua pureza, nunca quis te desvirtuar.

Arthur estreitou os olhos e eu mordi o lábio. Lá vinha outra patada no estilo cavalo manco.

– Primeira coisa, Melanie: Não me chame de Arthuro e segundo: acho que essa resposta teria de ser reformulada, nenhum de nós se encaixa no quesito puro.

– Tudo bem, então eu não quis usufruir do fato de você ser pervertido Arthur.

Ele até tentou ficar sério, mas começou a rir depois de dois segundos e caramba, ele ficava bonito sorrindo, deveria fazer isso com muito mais frequência.

– Tudo bem, Melanie, eu vou aceitar que você tem a cabeça oca e vou parar de tentar te entender e também vou esquecer o fato de você querer se aproveitar do meu lado pervertido.

– Ótimo, Arthuro, agora vamos parar de nos desculpar.

– Para de me chamar de Arthuro.

– É seu nome.

– Um nome que eu preferia que fosse mais simples.
– Eu também não queria me chamar de Melanie Beatriz e me chamo.

– Eu não te chamo de Melanie Beatriz.

– Chamou agora.

Arthur revirou os olhos e eu cruzei as pernas, foi nesse momento que me lembrei do fato de seduzi-lo, mas não achei que seria um bom momento para algo ousado, então simplesmente não baixei minha saia quando ela subiu um pouquinho demais. Acho que ele notou isso, porque desviou os olhos e eu tive de reprimir um sorriso. Nenhum homem resistia a olhar quando uma mulher mostrava um pouquinho demais.

Eu poderia continuar naquele carro por mais um momento, tentar deixar meu decote aparecer, ou fazer um beicinho, mas eu tinha faculdade e um plano. Não queria deixar em evidência minhas intenções.

– Agora que você já decidiu parar de colocar juízo na minha cabeça, eu vou para a faculdade. – disse enquanto abria a porta do carro.

– Claro – ele concordou.

Sai do carro e acenei, ele acenou de volta e eu subi a rampa caminhando um pouco mais devagar do que o necessário. Acho que para o primeiro dia, até que o desastre não foi completo.

Para o segundo dia do meu plano, eu tinha outros objetivos e esses objetivos significavam provocar o alvo de forma inocente, para que ele não acreditasse que eu estava fazendo isso de propósito. A roupa foi mais casual, no estilo jeans skinny e camisa um pouco justa. Os cabelos em um coque frouxo e os lábios com um batom um pouquinho mais vibrante, mas o salto alto não foi dispensado, estava usando um sapato preto de salto fino e sola vermelha.

Ramona e Mariane ainda estavam achando tudo a maior

loucura, até quando contei que ele olhou para minhas pernas elas disseram que não significava um avanço, mas sim que não tinha como não olhar para algo tão em evidência.

Pensei na parte da evidência e resolvi que esse era um caminho a ser seguido, a cada dia mostraria um pouquinho mais. Até que ele ficasse maluco e me levasse pra cama.

Estava segura de meu plano quando fui trabalhar e continuei assim até avistar Marcela entrar com Arthur no elevador. Eu esperei eles subirem e o elevador voltar, mas nesse tempo fiquei praguejando. Como eu podia mostrar meus atributos quando a maior gostosona estava com ele? Arthur não me olharia enquanto ela estivesse por perto. Eu teria de jogar Marcela para escanteio, só me restava saber como.

Ainda estava pensando nisso quando entrei na recepção e encontrei Mariane sorrindo feito uma boba.

– O que foi? – Perguntei quando ela não notou que eu estava ao seu lado.

– Ele disse que eu sou bonita – respondeu de forma patética. – E me chamou de raio de sol, eu queria tanto que isso não fosse só peso na consciência.

Sorri ao ver a maneira como ela estava sorrindo. Estava tão na cara que ela não queria ele só como chefe que eu não sabia como o bobão ainda não tinha se ligado.

– Talvez ele esteja gostando de você – supus.

– Acho que não. Ninguém nunca gosta de mim, além de ser como amigo.

– Para com isso, é lógico que alguém ainda vai gostar de você e talvez esse alguém seja René.

– Eu não quero acreditar nisso e depois me machucar, Mel.

– Mas se você nunca arriscar vai sempre pensar em como seria.

– Mel, esquece tá. Me fala de você e de Arthur, conseguiu vir no elevador com ele?

– Não. Ele entrou com a Marcela. Como a joça do meu plano vai dar certo com ela no meio do caminho?

Mariane concordou, parecendo entender a situação.

– Como eu vou tirar ela do caminho? – Perguntei enquanto me jogava na cadeira.

– Eu não sei, mas a Marcela vive fazendo a cabeça dos caras daqui e se o Arthur for o escolhido, adeus seu plano.

Apoiei os cotovelos nos joelhos, mas que droga, esse meu plano não estava dando certo em nada. Eu mirava em Arthur e acertava em Jean, porque ontem na faculdade só faltou ele lamber meu dedinho do pé. Ei, espera aí, Jean!

– Mari – pulei da cadeira, subitamente animada. – Tem o Jean!

– O que, vai conquistar o Jean e não o Arthur?

– Não, sua boba. Eu posso apresentar a Zé Peitão para o Jean e me livro dos dois ao mesmo tempo.

– Para tudo – ela se levantou. – Como você vai apresentar a Marcela para o Jean, se você só é amiga do Jean e não da Marcela?

Voltei a me sentar na cadeira. Podia sentir as engrenagens de meu cérebro girando sem parar.

– Melanie, vai vir trabalhar hoje ou ano que vem?

Levantei a cabeça e vi René me encarando, parecendo impaciente. Resolvi ir trabalhar de uma vez, mas não consegui me concentrar direito, só pensava em Marcela e em como ela destruiria meu plano que já tinha de tudo para ser um fracasso. Acabei enviando vários documentos para os lugares errados e tendo de ficar trabalhando no horário do almoço para concertar a bagunça que eu fiz.

Durante a tarde as coisas pioraram um pouco mais porque fui

abrir algumas caixas com pastas para arquivar alguns papéis e cortei o dedo. Saiu um monte de sangue, mas não foi um corte de expor as tripas, esse era o lado ruim, o lado bom foi que quando o expediente acabou eu já tinha conseguido colocar em ordem toda a bagunça que fiz.

– Ai, Mari – me joguei na cadeira de sempre. – Acho que eu não nasci para ser nada além de piriguete, porque assistente administrativa eu não sirvo para ser.

– Se acalme meu doce – ela sorriu de forma misteriosa. – Eu resolvi te ajudar nesse seu plano maluco.

– E o que se tem em mente? Mandar a Marcela para Marte e amarrar Arthur na minha cama?

– Não, a parte de seduzir o Arthur continua com você, mas eu almocei com a Marcela e descobri que ela também faz faculdade no mesmo local que a gente e a convidei para ir para uma boate na sexta. Você convida Jean e a gente convida René e faz ele arrastar Arthur junto.

Sorri, maravilhada com a mente genial dela, enquanto eu fazia tudo errado Mari pensou em tudo. Fiquei tão feliz que a abracei, e nós demos pulinhos, animadas.

– Agora vamos à parte técnica – ela cortou minha empolgação. – Nós temos que juntar a Marcela e o Jean antes que ela se junte com o Arthur, porque o objetivo vai ser ele babar por você. Essa parte eu acrescentei enquanto te via concertar as besteiras que fez durante a manhã.

– Certo e como eu vou distrair o Arthur para ele não se juntar com a Marcela? Porque nós voltamos à estaca irmã do melhor amigo, não posso tentar beijá-lo nem nada.

– Ah, dai eu não sei. Eu não seduzo nem uma mosca e você tem uma má reputação do caramba, então pense. Temos até sexta-feira. Eu já avisei a Ramona, ela disse que vai te ajudar nessa maluquice, mesmo sabendo que nós vamos ter que te consolar por um longo tempo.

– Ah, eu amo vocês – a abracei novamente. – Vocês vão ver, esse

plano vai dar certo, eu vou encerrar o ciclo Arthur e ano que vem já vou estar com o Robertão, vivendo a droga do carpe diem.

– Quem é Robertão?

– Não sei, ainda não o conheci.

Começamos a rir de maneira ruidosa. Eu quase me esqueci de que meu horário acabou e que tinha faculdade, mas o pânico de perder o ônibus me impulsionou a deixar a conversa para o whatsapp e entrar no elevador.

Tentei ajeitar os cabelos freneticamente, sempre existia a possibilidade de encontrar Arthur e eu não queria que ele me visse como uma bruxa, mas minhas esperanças foram jogadas para o ralo quando Arthur entrou com meu irmão no elevador e eu não podia bancar a pervertida com meu irmão do lado.

– Melanie Beatriz – Matheus me cumprimentou de uma maneira nerd. – Quando você pretende ir lá fazer a minha comida?

– Vá pedir para a sua namorada, cara pálida – devolvi o cumprimento, o clássico do star trek.

– Minha namorada não mora comigo.

– Nem eu.

– Ah, Mel, você sabe cozinhar, eu vou morrer de fome.

– Vai nada, você é bem grande.

– Viu Arthur? – Matheus se voltou para o amigo. – Você tem sorte de ser filho único. A minha irmã, a mesma que quase quebrou meu nariz, se recusa a acabar com minha fome.

– Eu não me meto em brigas de família – Arthur ergueu as mãos.
– Vocês são dois malucos.

– A gente não é doido! – Falamos juntos.

– Viu? Por isso que eu só observo.

Quando o elevador chegou ao térreo eu sai primeiro, quase

atropelando Matheus.

– Aonde vai com tanta pressa, irmãzinha? – Ele perguntou depois de sair da minha frente.

– Para casa e depois para faculdade, tchau.

– Tchau.

O segundo dia do meu plano não deu em nada, mas pelo menos eu impliquei com meu irmão e irritar Matheus sempre valia alguma coisa.

Capítulo 16

Nas Alturas

Quando cheguei à faculdade, fui direto procurar Jean. Estava ansiosa para convidá-lo para a balada de sexta à noite, nada de bar, era balada no estilo chega em casa as sete da manhã.

– Oi – falei assim que me sentei ao seu lado na sala de aula.

– Oi, gata – ele respondeu de forma desanimada. – Não está a fim de me esculachar hoje?

Mordi o lábio, sentindo pena de Jean, o que eu fazia com ele não era muito certo. O garoto estava sempre com esperanças de me conquistar, acho que apresentá-lo a Marcela seria a melhor boa ação da minha semana.

– Eu só te esculacho porque você acha que eu sou seu brinquedinho, mas vamos deixar isso para lá, quero te fazer uma proposta.

– Eu aceito transar com você sem compromisso! – Ele exclamou, subitamente animado.

– Não é nada disso – o cortei. – Quero te convidar para ir para balada comigo e as meninas na sexta-feira. Vamos a uma boate nova que inaugurou a um tempinho.

– Ah, tá bom, eu vou. – Ele resmungou, voltando ao humor negro de antes. – Um dia vou cansar de esperar por você, Mel.

– Então não espere por mim.

Ele resmungou algo e virou para frente, eu fiz o mesmo, pensando que se fosse Arthur no lugar de Jean, eu nunca teria negado o pedido de transar sem compromisso.

Eu não estava muito empolgada com o terceiro dia do meu plano, que só estava dando errado. Meu desanimo resultou em uma

produção no estilo calça jeans, camisa branca e sapatilha, fiz um nó no cabelo e nem passei maquiagem. Quando Ramona me viu, resmungou algo sobre a porra do meu plano acabar me deixando em depressão. Não dei muita atenção para seu comentário e fui trabalhar.

O ônibus estava lotado e o fato do clima estar abafado só piorou. Vários tipos de perfume se misturavam, fora o cheiro daqueles amigos que não sabiam o que era desodorante, então quando finalmente chegou minha vez de descer, eu estava ávida por ar puro, mas o que se chocou contra meu rosto foram gotas mornas de chuva ao invés do tão esperado vento gelado.

O som de um trovão me fez pular por cima do canteiro de flores e entrar correndo na recepção do prédio. A coisa lá dentro estava movimentada, além de estar tudo escuro. Notei que ninguém estava usando o elevador.

– O elevador não está funcionando? – Perguntei ao guarda, parado ao lado da porta.

– Não, está tendo queda de energia desde cedo e é melhor não confiar só na energia do gerador.

Concordei com um aceno e olhei para as escadas, sentindo um nó na garganta. Sempre tive de pavor de altura, quando tinha seis anos fiquei pendurada entre as duas sacadas do apartamento de uma amiga da minha mãe.

Notei um grupo de empresários começando a subir as escadas e pensei que eu poderia ficar sentada na recepção, esperando que a energia voltasse, mas hoje era dia de reunião e René precisava das pautas e eu tinha que repassá-las com ele, então não poderia me dar ao luxo de um atraso.

Respirei fundo e me dirigi às escadas. Apertei a alça da bolsa contra o ombro e subi o primeiro degrau. Eu não conseguia parar de pensar que iria subir quinze andares por uma escada feita de concreto e que sempre deixava visível o andar anterior.

Apertei o corrimão até os nós de meus dedos ficarem brancos e subi mais um lance de escadas. O ar não parecia fazer o percurso direito para chegar a meus pulmões e quando avistei a placa indicando que estava no segundo andar, à sensação só piorou.

Conforme subia, a lembrança de tantos anos atrás voltava. Eu costumava ir com minha mãe até o apartamento de Célia, ela tinha uma filha chamada Sibebe e nós brincávamos juntas.

Um dia eu e Sibebe, que vivia tendo ideias mirabolantes, resolvemos brincar de ponte mágica. Eu imaginei que faríamos uma ponte com lego, mas a menina disse que podíamos pegar uma taboa na despensa e colocá-la entre a sacada do quarto dela e o da mãe, fazendo assim uma ponte que quase alcançasse as nuvens.

Assim que colocamos a taboa no lugar, Sibebe a atravessou, com muita facilidade. Ela me mandou fazer o mesmo e acabei hesitando porque não tinha muita certeza sobre essa brincadeira. Acabou que ela me chamou de covarde e eu resolvi atravessar para o outro lado de uma vez.

Subi na taboa e abri os braços, caminhando com passos de formiga em direção à outra sacada, mas antes de chegar à grade, acabei tropeçando no cadarço de meu tênis. Cai de joelhos e a taboa começou a balançar.

Comecei a gritar e Sibebe fez o mesmo. Nossa gritaria chamou a atenção dos adultos e minha mãe e Célia vieram ver o que estava acontecendo. Mamãe começou a gritar assim que viu minha situação e eu chorei ainda mais porque só conseguia olhar para baixo e pensar que logo eu estaria lá, fazendo companhia para os carros minúsculos.

Para encurtar tudo: Eu fiquei vinte minutos naquela situação horrível, até que o vizinho do andar de baixo viu o que estava acontecendo e subiu na própria sacada, me tirando com facilidade de cima da taboa. Daquele dia em diante, eu nunca mais fui à casa de Célia e nunca mais fiquei em lugares altos, com exceção do prédio onde trabalhava, mas eu fingia que

não era quase no último andar. O uso diário do elevador me fazia não pensar na altura, era mais fácil ignorar quando não a via.

Balancei a cabeça algumas vezes, tentando afastar as lembranças ruins, e subi mais cinco degraus antes de cair na besteira de olhar para baixo. Era alto pra caramba e isso fez meu pânico aumentar. Senti as pernas ficarem bambas e sentei na escada.

Apoiei os cotovelos nos joelhos e olhei em volta. Tudo ali parecia solitário e sem vida, as lajotas azuis contrastando contra a parede branca me fazia pensar em um lugar mal assombrado e com aspecto claustrofóbico.

Engoli em seco e abracei os joelhos. Eu poderia descer as escadas correndo e voltar para a recepção, mas isso me faria correr o risco de tropeçar e cair, ou poderia subir os quatorze andares restantes, só que isso também me faria correr o risco de tropeçar e cair. Comecei a retorcer os dedos, pensando que a solução para meus problemas era enfrentar meu medo.

Resolvi me concentrar no barulho da chuva e em respirar. Desejei que minha mãe estivesse ali, ela sempre sabia o que fazer em situações como essa, mas ela estava em casa, uma casa que não era mais minha, e eu estava na droga de uma escada, sozinha e em pânico.

Eu odiava essa sensação, odiava ter medos bobos de garotinha indefesa. Sempre gostei de ser forte e de mostrar que podia me virar sozinha, mas agora eu só conseguia pensar em me encolher e chorar, o que me irritou a ponto de eu levantar com um pulo.

Estava prestes a me arrastar rumo ao fim de minha caminhada, quando escutei passos. Desisti e resolvi esperar a pessoa que estava subindo, vai que fosse alguém conhecido, acho que conseguiria subir a escada acompanhada. Eu era presunçosa demais para demonstrar medo, com outra pessoa ao lado eu teria de me concentrar em outra coisa.

Quando a pessoa se aproximou, eu me arrependi de ter

esperado. Apoio moral com certeza não seria o ideal para se esperar dela. Eu meio que já estava planejando outra coisa para essa pessoa, uma coisa que envolvia lençóis envoltos em corpos suados e ofegantes.

– Bom dia Mel – disse Arthur ao parar dois degraus abaixo do meu.

Pecaminoso seria o termo ideal para descrevê-lo naquele momento. Arthur estava usando uma camisa preta, colada ao corpo, e calça jeans da mesma cor, combinada com botas. Seus cabelos estavam molhados devido à chuva e algumas gotas escorriam em direção ao pescoço, o que me fez pensar em como seria divertido se eu as secasse com os lábios e fosse descendo mais um pouquinho. Será que seu abdômen era do tipo definido com gominhos ou só definido? Será que tinha pelos macios como algodão ou...

– Melanie!

Arthur estralou os dedos, me trazendo de volta a realidade.

– O que foi? – Indaguei ao mesmo tempo em que tentava clarear meus pensamentos.

– Eu perguntei o que estava fazendo sentada daquele jeito.

Ah, escada, pânico e todo aquele medo de garotinha que eu tinha esquecido por um momento.

– Eu estava descansando – menti.

–Você não parecia estar descansando. – Ele comentou se encostando ao corrimão.

Subitamente meu estômago ficou revirado. Arthur parecia muito à vontade naquela posição e isso me deixou apavorada porque estávamos a quatro andares do chão e o que o separava de despencar lá embaixo era um corrimão de ferro fixado no cimento.

Constatar isso me fez ter uma reação irracional. Eu pulei os dois degraus e puxei Arthur pela gola da camisa, o empurrando contra a parede.

– Melanie! – Ele se assustou com minha reação. – Você está maluca?

– Não... Eu... Eu... – Comecei a gaguejar de forma patética.

Ele balançou a cabeça e me analisou. Achei que fosse brigar comigo, sei lá, talvez pensasse que eu queria agarrá-lo, ou algo perverso do gênero, mas ele me surpreendeu ao sorrir.

– Você ainda tem medo de altura, não é?

Bufei. O ruim de conhecer alguém há muito tempo é que essa pessoa também te conhece e sabe o motivo que te faz agir irracionalmente.

– Não, eu não tenho medo de altura – neguei. – Eu só estava observando a paisagem e você bloqueou minha visão.

– Você é orgulhosa demais para admitir que ainda tem medo – Arthur sorriu novamente e se desencostou da parede. – Vai subir, ou quer continuar observando a paisagem?

Fiquei muito tentada a ficar olhando para o teto e ouvindo o barulho da chuva, mas não poderia ficar ali para sempre e entre subir sozinha e subir com Arthur, bem eu preferia a segunda opção.

– Vou subir.

Subi dois degraus de uma vez e me mantive ao lado da parede. Arthur me seguiu, lidando com facilidade com o fato de estarmos cada vez mais longe do chão. O barulho de nossos passos ecoando contra o concreto estava me dando nos nervos. Apoiei a mão na parede e me lembrei de respirar, dizendo a mim mesma que faltava menos do que antes, que a cada degrau ficava mais perto da tortura terminar.

– Você não parece muito bem – comentou Arthur quando passamos pela placa indicando o sexto andar.

– Impressão sua, estou ótima.

– Ficaria mais bonito se admitisse que está com medo.

– Medo? – Parei de andar abruptamente. – Eu não estou com

medo, só não estou confortável em estar a seis andares do chão, andando em uma escada sustentada por cimento e tijolos, que com certeza pode desmoronar.

Minha pequena explosão me deixou sem ar e eu comecei a respirar de uma maneira um pouco ruidosa.

– As possibilidades desta escada desmoronar são quase nulas – ele comentou se encostando novamente no corrimão.

– Dá para sair daí? – Pedi em pânico. – E como pode ter certeza que esta joça não vai desmoronar?

– É que nas horas vagas eu sou engenheiro civil – ele explicou se afastando do corrimão.

– Ah, que seja – recomecei minha torturante caminhada. – Mas eu quero ver, seu engenheiro, se essa escada aguentaria um terremoto.

Arthur mordeu o lábio e pegou o celular no bolso, me ignorando enquanto mexia no aparelho e subia a escada.

– Ah, achei – ele parou de andar e ergueu o celular. – O Brasil fica sob a placa tectônica Sul-Americana, onde ocorre pouco atrito, não está livre de terremotos, mas a magnitude é pequena e muitas vezes nem é registrado. Só teve uma vítima de terremoto, que foi em 2007.

Encarei Arthur e franzi os lábios.

– Porque você tem que ser um nerd irritante na maior parte do tempo, Arthur? – Perguntei subindo outro degrau e o deixando para trás.

– Eu só estava tentando te esclarecer. A placa tectônica tem poucas falhas geológicas, então...

– Ah, faz o favor de calar a boca? – Virei-me rapidamente em sua direção, o que fez meus cabelos se soltarem do coque improvisado e cobrirem meu rosto.

Ele piscou algumas vezes e guardou o celular no bolso, parecendo atônito com meu atrevimento de mandá-lo calar a boca.

– Eu calo a boca se você parar de ser paranoica – Arthur pareceu se recuperar de meu atrevimento. – O fato de você ter medo de altura não deveria alterar sua vida.

– Fala sério! – voltei a caminhar. – O que eu fiz Deus, para merecer o chato do Arthur me pentelhando na escada? – Olhei para o teto. – Eu sempre fui uma boa menina, nunca voltei para casa bêbada nem roubei nada, ou machuquei alguém além do Matheus.

– Não se esqueça de falar que sempre conta alguma mentira para não admitir que tem medo de altura – Ele acrescentou rindo.

– Ah, vai se ferrar! – Parei na frente dele. – Eu não tenho medo de altura, é só aversão, e você é um chato.

– O que eu mais admiro em você Melanie é a sua delicadeza com as pessoas, você é uma garota tão meiga.

Arthur estava sendo o maior chato do planeta e isso me irritou a ponto de eu continuar subindo as escadas com o objetivo de calar a boca dele. Que direito aquele pateta tinha de dizer algo sobre meus medos?

– E eu nunca fui o tipo de garota meiga, se conforme com isso cara pálida – resmunguei enquanto pulava mais dois degraus.

– Acho que eu já me conformei – ele começou a rir. – Mas eu sei uma coisinha, ou duas, sobre você e adorar provar que as pessoas estão erradas é uma delas.

– O que quer dizer com isso?

– Que bastou eu te irritar para você subir as escadas e esquecer de entrar em pânico.

– Como é que é? – Parei de andar e me virei pra ele.

– O que você ouviu. Ah, esse é o seu andar.

Arthur apontou a placa indicando o andar da empresa de René e eu fiquei abismada. Caralho, eu tinha chegado ao andar certo e não tinha morrido.

– Seu andar não era antes desse? – Perguntei ainda abismada.

– Ah, acho que eu esqueci. – Ele piscou algumas vezes e eu notei que estava sem óculos. – Estava interessante te irritar.

– Claro. Então acho que eu vou aproveitar que sobrevivi e ir trabalhar.

– Certo, até depois.

– Até.

Ele desceu as escadas e eu fiquei parada, atônita. Um sorriso idiota surgiu em meu rosto. Arthur voltou da Inglaterra como um babaca, mas uma parte dele ainda se importava comigo. Eu não era boba, ele tinha subido as escadas comigo porque sabia que eu estava com medo. Era pela memória desse Arthur que eu seguiria com um plano que tinha de tudo para dar errado, mas que se desse certo me daria boas lembranças e um belo de um carpe diem.

Entrei na recepção ainda sorrindo. Mariane notou isso porque sorriu também.

– Bom dia Mel – ela acenou.

– Bom dia. Estou muito atrasada?

– Não muito, mas tenho uma boa notícia.

– Que notícia?

– Eu criei coragem e convidei René para sair com a gente na sexta – ela voltou a sorrir. – E ele disse que vai e então eu sugeri que ele levasse Arthur porque a Marcela iria também e eles tinham um lance.

– Caramba! – Sentei na cadeira a sua frente. – Eu tinha esquecido disso, ainda bem que você existe Mari.

– De vez em quando eu sou útil. Agora me diz o motivo de tanta felicidade.

– Eu consegui subir as escadas! Ah, e Arthur me ajudou. Uma

parte dele ainda se importa comigo Mari, talvez não seja tão difícil.

Mariane me encarou, parecendo pensar bem antes de falar:

– Ele te viu crescer e vivia na sua casa, como já me disse inúmeras vezes, é natural que ele se importe Mel. Não crie muitas esperanças, eu estou te ajudando, mas no fundo sei que vai sair machucada.

O sorriso murchou em meu rosto. Será que era tão difícil entender que era um objetivo e não a droga de um romance? Eu queria transar com ele, não me casar e ter milhões de filhos e todas essas coisas cafonas do romance.

– Mari... – comecei a explicar. – Eu só quero sexo e não amor. Quero me tornar irresistível a ponto de ele me levar para cama, nada além disso, mas para que dê certo eu preciso tirar Marcela do caminho e conseguir provar para ele que não sou uma garotinha. É algo simples.

– Ele foi seu primeiro amor, não é algo simples, é algo melancólico.

Suspirei. Eu tinha meus objetivos e no final desse plano, quando tudo desse como eu queria, Mariane veria que sexo nem sempre vira amor.

– Mari, eu não vou discutir sobre a droga do amor, eu tenho que passar as pautas com René agora, no almoço conversamos, mas pode ter certeza que ninguém vai sair machucado.

– Eu espero sinceramente que seja simples assim, Mel.

E seria simples, tão simples quanto respirar.

Capítulo 17

Provocante

O elevador foi consertado antes do fim do dia. Não tive outra crise de garotinha em apuros, mas também não encontrei Arthur. Mariane almoçou comigo e ficou meio que dando indiretas sobre as chances do meu plano dar errado e da culpa que sentiria se eu me machucasse. A tranquilizei da mesma forma que faço com Ramona: Dizendo que era só sexo e fazendo alguma piada infame sobre não ter nenhum pingão de romance correndo em minhas veias.

A quinta-feira foi normal. Não vi Arthur e muito menos o chato do meu irmão. Presumi que estivessem trabalhando em algum projeto grande, portando nem me dei ao trabalho de vestir algo provocante, não queria assanhar ainda mais os tarados do ônibus, assim como também não queria ser enconchada, havia me livrado das mãos bobas com um pouco de dificuldade, e algumas distribuições de bolsadas, mas até ser bruta e proteger a retaguarda cansa. A viagem de ida para o trabalho na sexta-feira foi muito mais tranquila quando eles viram que eu estava de calça jeans e camiseta nem um pouco sexy.

Mariane era só animação quando cheguei ao trabalho naquela típica manhã ensolarada e claustrofóbica de outono:

– Não está um lindo dia? – Ela perguntou assim que eu parei ao lado de sua mesa.

– Está sim, mas o motivo de tanta animação é o tempo ou um certo passarinho verde?

– É claro que é o tempo, mas não posso deixar de lado o fato de tudo estar indo tão bem que parece mentira.

– Esse fato que define como bem se chama René Fernandes? – Perguntei ao me sentar no tampo de sua mesa.

– Talvez – ela fez uma expressão misteriosa. – Ou talvez seja o fato de eu descobrir que posso ter coragem de vez em quando. Sei lá, eu o chamei para sair e não fui humilhada, ou algo do gênero, e isso renovou minha confiança.

Encarei Mariane, entendendo perfeitamente onde ela queria chegar. A primeira vez que a gente toma uma atitude de coragem é incrível e o fato de eu ver Mariane fazer isso lembrou de mim mesma algum tempo atrás, quando eu descobri que poderia ser como qualquer outra garota da minha idade mesmo tendo ficado a maior parte da minha adolescência reclusa em casa sonhando com um cavalheiro de armadura brilhante.

– Fico feliz que esteja deixando a concha Mari, acho que você pode conquistar o mundo com esse sorriso se quiser – falei a cutucando com o indicador.

– Eu não quero conquistar o mundo Mel, eu só quero ser amada, mesmo que tenha escolhido a pessoa errada para isso.

– O que quer dizer?

– Que o cara que eu gosto não é do tipo que se ajoelharia a meus pés e recitaria uma poesia de Fernando Pessoa.

– Claro que não, ele poderia te comprar todos os livros de poesia que encontrasse.

– E é exatamente por isso que ele é o cara errado.

Eu poderia discutir com Mariane e tentar convencê-la do contrário, mas isso seria colocar minha amiga dentro de uma poça de ilusão. Nós duas conhecíamos René o suficiente para saber que ele era parecido comigo no quesito sexo: Éramos do tipo que uma noite já seria o suficiente para uma vida toda, então ao invés de estender a conversa e dizer mentiras, eu preferi mudar a direção do assunto:

– Tudo certo para hoje à noite?

– Sim, só não tenho certeza se Arthur vai. Eu não quis perguntar

para o Chefinho se ele iria porque daria muito na cara que estaríamos aprontando alguma.

– Tem razão, só me resta torcer para que ele vá e me vestir de uma maneira que eu seja como uma maçã vermelha coberta de chocolate.

– Hoje você está adepta a metáforas em Melanie Beatriz – Mariane começou a rir. – Mas tenho certeza de que vai conseguir isso, só não sei quando.

– Essa é a pergunta de um milhão de dólares, só espero que eu não tenha de chegar ao cúmulo de ir a casa dele nua e arrastá-lo para cama.

– Ai, meu Deus! – Mari arregalou os olhos. – Eu também não espero que faça isso porque acabaria com todo o romance da coisa.

– Eu já disse que...

– Eu sei o que você disse: Algo sobre amor ser amor e sexo só sexo. Agora vá trabalhar Desgraça, porque René não vai ficar feliz se te ver com a bunda na minha mesa.

– É, acho que tem razão.

Fiz uma careta e fui para minha sala. Não podia irritar René, ele tinha que ir a boate com a gente e se não levasse Arthur, pelo menos Mariane ficaria feliz, porque eu não acreditei muito naquela história de cara errado. René seria o cara certo no instante em que parasse de deixá-la insegura, isto é, se ele estivesse a fim dela, coisa que eu ainda teria de descobrir.

O dia passou rápido e quando percebi já estava me despedindo de Mariane e indo para a faculdade. Não prestei atenção à maioria das aulas, como sempre, porque eu aguardava o final do dia de sexta como um condenado aguardava a liberdade, parecia que as coisas ficavam melhores quando eu estava em alguma boate vendo gente alegre e não ligando para

nada.

Quando a aula do Barbicha acabou, eu dei um beijo na bochecha de Jean, o lembrando de encontrar a gente na boate dali a uma hora, e fui correndo encontrar Ramona e Mariane.

– Vamos gente! – exclamei as arrastando em direção ao nosso apartamento. – Eu tenho uma hora para estar gostosa.

– A gente tem o mesmo tempo – resmungou Ramona. – Isso tudo é ânsia para quebrar a cara?

– Vai se ferrar Ramona – soltei o braço dela. – Deixa de ser negativa.

– Sou realista meu doce.

– Chega gente – Mari se meteu. – A Melanie é adulta e sabe o que quer Mona, nós já avisamos dos riscos, agora temos que apoiá-la porque esse é nosso dever de amiga.

– Tudo bem – Ramona concordou de má vontade. – Desculpe-me Mel.

– Certo. Agora vamos porque a gente tem que se arrumar.

Andamos mais rápido e em cerca de cinco minutos já estávamos entrando aos tropeços em nosso pequeno apartamento. Eu e Mari, que já tinha trazido à roupa na bolsa, fomos para meu quarto e Ramona foi tomar banho porque estava cheirando a gambá por ter trabalhado o dia todo na terra.

Comecei a tirar à roupa as pressas e peguei o vestido que havia separado de manhã: Preto de alcinha com sobreposição de renda, dando a impressão que tinha outro vestido mais comprido e justo por cima. Calcei sapatos de salto alto pretos, que deixaram minhas pernas mais alongadas, e penteei o cabelo várias vezes até que a franja estivesse caindo com perfeição em meu rosto.

Depois disso fui para frente do espelho e fiz uma maquiagem um

pouco mais forte, composta de batom vermelho, lápis preto e muito rímel.

– Que tal Mari? – Perguntei girando para ela poder me ver de vários ângulos.

– Perfeita – ela sorriu enquanto penteava os cabelos negros. – E eu como estou?

Mariane estava usando um vestido verde esmeralda sem mangas combinado com um cinto preto com detalhes em dourado. O corte era perfeito e ficava um pouco acima dos joelhos, não marcava em nada e deixava sua cintura em evidência. Seus cabelos estavam soltos e caíam com perfeição ao redor do rosto, a maquiagem era leve e seus lábios fartos estavam realçados com gloss rosa.

– Está linda Mari! – exclamei batendo palmas. – Acho que vamos arrasar hoje.

– Falem isso por vocês – Ramona entrou no quarto. – Meu cabelo resolveu radicalizar hoje.

Olhei para ela e não vi nada de errado com seus cachos ruivos, que estavam muito bem modelados. A roupa deixava um pouco a desejar já que ela insistia em usar tênis e short quando saíamos, mas tirando isso, tudo estava perfeito.

– Não vejo nada de errado com você – falei. – A não ser esses benditos tênis.

– Vamos – ela fez um beicinho. – Quando começam a falar de meu tênis, eu já sei que está na hora de sairmos.

– Está na hora mesmo – comentou Mari. – A Marcela já está esperando a gente em frente à boate.

– Caramba, tinha me esquecido completamente dela – murmurei empurrando as duas para fora de meu quarto e apagando a luz. – Será que vai dar certo nosso plano?

– Não sei – Mari digitou algo no celular enquanto falava. – Se

Jean colaborar talvez dê.

– Mas ele é fissurado na Melanie – observou Ramona procurando a chave do apartamento na bolsa.

– Não vai mais ser – falei abrindo a porta que dava para o corredor. – A Marcela tem aqueles peitos e nenhum cara vai ignorar aquilo.

– Esperamos isso – elas disseram juntas.

Tivemos a sorte de conseguir um táxi rápido, a boate era um pouco longe de nosso apartamento e com sapato de salto não dava para arriscar ir a pé e acabar quebrando a perna em algum buraco da rua de calçamento.

Quando chegamos à boate, a fila já era enorme e isso me irritou. Eu odiava ficar esperando uma hora para entrar. O lado bom disso foi que Marcela veio encontrar a gente e eu percebi que ela estava com os peitões aparecendo e isso com certeza faria Jean me esquecer e mergulhar de cabeça naquelas protuberâncias, é sério, o decote da garota era tão grande que eu fiquei com vergonha por ela.

Enquanto esperava, mandei uma mensagem de texto para Jean, perguntando se ele já tinha entrado. Ele respondeu que estava na fila e eu quase dei pulinhos. Ele poderia conhecer Marcela ali e eles poderiam se pegar antes de ela ver Arthur. Lancei um olhar de conspiração para Mariane, que estava ao meu lado, e ela entendeu o recado, porque começou a falar com Marcela. Elas tinham mais intimidade, seria estranho se eu falasse de Jean para ela.

– Então, esse garoto, Jean – Marcela se dirigiu a mim. – Está mesmo a fim de me conhecer?

Olhei para Mari, que começou a balançar a cabeça freneticamente, ela estava atrás de Zé-Peitão.

– Claro que sim – menti na maior cara de pau, o que fez Ramona

abafar a risada. – Ele é um pouco tímido, então nunca vai admitir, mas ele te viu na faculdade e ficou encantado.

– Acho que estou precisando conhecer gente nova – ela suspirou de maneira pensativa. – Esse meu lance com Arthur não vai dar em nada. Ele não é do tipo que passa mais de uma noite com alguém.

– Sério? – Perguntei, muito interessada nas informações que ela poderia me passar.

– Sim. Eu o conheci na primeira semana em que vim trabalhar, nos conhecemos no elevador, acho que você estava lá, e combinamos de sair. Saímos umas duas vezes e no fim, eu fui para o apartamento dele, mas depois de tudo o garoto me disse para não ter esperanças, que uma noite já era o suficiente e que ele não queria compromisso.

Ramona me lançou um olhar de “eu te avisei” por cima do ombro de Mariane e eu mordi o lábio. Arthur tinha, de certa forma, os mesmos objetivos que eu. Seria bom ficar com alguém que não queria compromisso, mesmo que esse alguém me visse como uma garotinha, mas isso era algo que começaria a ser mudado hoje.

– Então... – me dirigi novamente a Marcela. – Você deve seguir em frente. Jean com certeza é o tipo de garoto que te levaria a sério.

– Com certeza. – Ramona se meteu. – Ele vive falando para Mel que quer se casar e ter dois filhos e um cachorro.

Marcela arregalou os olhos e eu lancei um olhar mortífero a minha amiga.

– Mas é claro que ele só quer fazer isso depois de estar muito bem estabelecido na vida – continuei, tentando consertar a burrada de Ramona-Toupeira.

A fila finalmente andou e eu continuei conversando com Marcela, dizendo que nos encontraríamos com Jean ao lado da porta, já que não foi possível ele se encontrar com a gente na fila.

Entramos na boate e a maldita música Wake me up estava tocando. Ela me lembrou de que eu não deveria, em possibilidade alguma, tentar beijar Arthur novamente, isto é, se ele aparecesse.

– Olha, ali está Jean! – Ramona, a pessoa mais discreta do mundo, anunciou isso para Marcela e o resto do povo da China, que daquela distância pode ouvir o berro dela.

Mariane abafou o riso e continuou digitando no celular enquanto íamos encontrar Jean.

– Oi, Mel – ele disse assim que me viu, me dando um beijo estralado na bochecha.

– Oi, – puxei Marcela para meu lado. – Esta é Marcela, ela trabalha comigo.

Os apresentei e rezei para o Seu cupido estar disponível e os flechar. Mesmo com aquela conversa de que Arthur não queria nada além de uma noite, eu não poderia arriscar, porque sabe né, não devemos deixar a concorrência e seus atributos passar na frente da gente.

– Oi – Jean a encarou e arregalou os olhos para seu decote e eu quase pulei de alegria. – Prazer em conhecê-la.

– Oi – Marcela sorriu quando ele beijou seu rosto e eu rezei para ninguém mais dizer oi e que partissem para o ataque de uma vez.

– Mel, vem ao banheiro comigo? – Ramona me puxou, fazendo a primeira coisa sensata da noite. – A gente já volta pessoal.

– Aham – eles resmungaram ao mesmo tempo.

Sai com Ramona e Mariane em direção aos banheiros.

– Agora estou colocando a parte dois do plano em ação – disse Mari ainda digitando no celular. – O chefinho disse que já está aqui, estamos indo encontra-lo agora.

– E Arthur? – Ramona fez a pergunta antes de mim.

– Não quis perguntar, não podemos dar na telha que estamos

armando alguma.

– Tem razão – concordei.

René estava esperando a gente perto dos banheiros. Ele olhou de uma maneira meio perversa para Mariane antes de nos cumprimentar com beijinhos no rosto. Eu teria de fazer alguma coisa para juntar aqueles dois de uma vez e na segunda-feira iria perguntar. Ele estava muito solícito com ela e isso não poderia ser só peso na consciência. René não fazia o tipo melindroso.

Logo eles começaram a conversar e eu e Ramona sobramos. Fomos ver a parte um do plano, mas eles também estavam conversando e não queríamos atrapalhar ninguém. Resolvemos ir dançar e Ramona logo foi pegar bebida, ela amava encher a cara. Eu não quis beber nada porque ainda não sabia de Arthur e teria de estar sóbria se quisesse que ele me notasse, eu não queria ser a garota bêbada, mas sim a provocante.

– Ele está aqui, caralho! – Gritou Ramona quando voltou do bar.

– Ele quem? – Comecei a pular. – Arthur?

– É sua tapada. Mari me mandou uma mensagem de texto, já que você não a respondeu. Ela disse que ele estava no bar e como eu estava lá, já consegui confirmar. O bofe está sozinho.

– Ai, meu Deus! – peguei o celular em minha bolsa minúscula. – É verdade. Ela mandou outra mensagem agora, dizendo para eu aproveitar porque Jean e Marcela ainda estão conversando. Ele não deve ter visto ela ainda.

– Então aproveita – Ramona tomou um longo gole de sua bebida colorida. – Só não o beije.

– Mas eu não posso te deixar sozinha.

– Vai lá com o babaca do Arthur, o cara que trabalha comigo está aqui também. Vou lá falar com ele.

– Sério?

– Some daqui Melanie.

Dei um beijo na bochecha de Ramona e sai, a ouvindo resmungar algo sobre batom vermelho do caralho. Respirei fundo antes de chegar ao bar e olhar ao redor. Fiz minha própria oração para o Seu cupido porque eu estava precisando mais do que Marcela e Jean.

Tive que dar a volta no bar antes de avistar Arthur. Ele estava sentado em uma daquelas banquetas. Parecia entediado enquanto olhava a pista de dança. Estava de óculos e vestia uma camiseta cinza, calça jeans e all star. Seus cabelos revoltos lhe deixavam com cara de menino. Estranhei o fato de ele não estar de botas, ou impecavelmente vestido, mas tenho de admitir que com aquela roupa ele ainda era o cara mais gostoso que eu já tinha visto.

Comecei a armar um plano em minha cabeça e me dirigi ao bar. Parei ao lado dele, de uma maneira que ele não me notasse, e sentei no balcão, cruzando as pernas de uma maneira sensual e apoiando as mãos na superfície de madeira lisa.

Minhas pernas estavam a centímetros dele e eu amei isso, só um cego não me notaria.

– Ei, Bartender – chamei o garoto que estava preparando as bebidas.

O garoto, que estava de costas para mim, se virou em minha direção e eu o reconheci.

– Oi, Mel – Cássio, que estudava comigo, parou na minha frente.

– Oi, não sabia que trabalhava aqui – resolvi puxar conversa, seria melhor se Arthur me notasse enquanto eu falava com outro.

– Trabalho aqui e no bar Malta, mas hoje fui convocado aqui. Como foi a aula?

– Entediante – meus olhos percorreram o corpo de Cássio de uma maneira maliciosa e dessa vez não foi de propósito, ele era bonito

mesmo. Moreno, alto, do tipo definido, e com um sorriso que deixaria qualquer uma babando.

– Nada muito diferente do normal. O que vai querer pra hoje?

– Uma limonada suíça está de bom tamanho.

– Se eu te der a limonada, você vem de brinde? – Perguntou e eu lembrei que as meninas da sala o chamavam de furacão por ele ser rápido e objetivo no que queria.

– Talvez. – Dei de ombros.

Cássio sorriu e eu me virei. Olhei para Arthur e percebi que ele finalmente tinha me notado.

– Oi, Arthur – falei como se só o tivesse visto naquele instante. Inclinei-me e dei um beijo em sua bochecha, deixando a marca de meus lábios em sua pele e aspirando o cheiro delicioso de sua loção pós-barba.

– Oi, Melanie. – ele me saudou de uma maneira carrancuda.

Sorri e peguei um guardanapo no balcão, me inclinando novamente em direção a ele e limpando a marca de batom que havia deixado em seu rosto.

– Desculpe-me por isso – arqueei os ombros, fazendo minha melhor cara de inocente.

– Tudo bem. – A expressão ranzinza saiu de seu rosto.

– Tem algo de podre no reino da Dinamarca? – Perguntei, plagiando Shakespeare.

– Não é porque a pergunta?

– Por nada não, é só que você está parecendo um daqueles velhos ranzinhas dos bailes da terceira idade.

– Muito engraçadinha – ele franziu os lábios. – Desde quando você cita Hamlet?

– Sei lá. – dei de ombros.

– Não me leve a mal, mas será que você tem que dar mole até

para o Bartender?

– Eu não estava dando mole para o Bartender – revirei os olhos.

– Ele estuda comigo e será que você tem que ficar escutando a conversa alheia?

– Você me chutou e quando eu me virei para ver quem era, eu te vi.

– Sua limonada. – Virei-me e vi Cássio me estendendo uma taça bem decorada. – Hoje é por conta da casa.

– Obrigada. – Sorri pegando a taça.

– De nada.

Ele iria falar mais alguma coisa, mas alguém o chamou e ele teve de sair. Peguei o canudo e me virei novamente para Arthur.

– Quer? – Lhe estendi a taça.

– Não, obrigada.

Dei de ombros e comecei a tomar a limonada, que estava deliciosa.

– Sabe... – comecei a falar em me inclinei propositalmente na direção dele. – Às vezes eu acho que você tem cinquenta anos.

– Por quê? – Arthur foi um pouquinho para trás, tentando se livrar de nossa proximidade.

– Porque você vive mal humorado. Ou será que é só comigo?

Ele soltou os ombros e sorriu e eu por muito pouco não me perdi naquele sorriso.

– Acho que é só com você. Você é uma peste garota.

Fiz um beicinho e descruzei as pernas.

– Eu não sou uma peste – protestei.

Arthur não respondeu e eu percebi que ele estava olhando para baixo, para minhas pernas. Seus óculos até escorregaram para a ponta do nariz. Em uma atitude um pouquinho mais ousada, cruzei as pernas

novamente e me inclinei em sua direção, colocando seus óculos de volta no lugar com o dedo indicador.

Eu consegui sentir seu perfume de novo, aquele cheiro limpo de sabonete misturado com perfume masculino e amaciante. Poderia parecer estranho uma pessoa cheirar a três aromas diferentes e que esses três aromas fossem deliciosos, mas Arthur cheirava divinamente e eu tive que ter muita força de vontade para voltar a posição de antes e não me jogar em cima dele.

Quando olhei para Arthur novamente, ele estava piscando de uma maneira atordoada. Tive que conter o sorriso idiota de satisfação que ameaçava tomar conta de meu rosto. Provocar reações nele estava se mostrando um ótimo objetivo.

Peguei minha limonada e tomei um longo gole. De repente ficou mais quente, ou talvez fosse só minha mente libertina que não parava de pensar no garoto sem roupa.

Arthur não falou nada e voltou a encarar a pista de dança, só que parecia perturbado ao invés de entediado. Cássio chegou perto de mim e começou a perguntar sobre as matérias da faculdade.

– Você sabe que eu só estudo duas semanas por semestre – disse quando ele perguntou sobre a matéria do Barbicha.

– Ah, isso eu sei dona moça, só pensei que hoje pudesse ser a exceção.

– Infelizmente não.

– Que pena. – Ele sorriu daquela maneira sedutora. – Meu turno está quase acabando, que tal estendermos mais algumas horas?

Joguei os cabelos para trás. Que desculpa eu poderia dar? Arthur ainda estava perto e ele acreditava que eu era pervertida, assim como Cássio. Eu não poderia ganhar fama de virgem antes de conquistar meu objetivo.

– Pode ser – respondi por fim.

Antes que Cássio falasse alguma coisa, eu senti alguém se aproximando, me virei e vi que Arthur tinha se levantado.

– Tchau, Mel.

Ele se aproximou de mim, parecendo zangado, e beijou minha bochecha, depois virou as costas e saiu. O ponto onde seus lábios encostaram ficou quente e eu toquei a bochecha com os dedos, maravilhada com algo tão simples.

Capítulo 18

Detetive

Eu devo ter ficado encarando as costas de Arthur por um longo tempo porque quando olhei para trás, Cássio estava conversando com outra garota na ponta oposta do balcão, me aproveitei disso para sair de fininho.

Caminhei pela boate como uma vitoriosa. Eu tinha ganhado um beijo na bochecha! Tudo bem, isso parecia à coisa mais ridícula do mundo, eu parecia uma adolescente patética encantada com algo banal, mas caramba, eu nunca tinha conseguido nada além de um abraço fraternal ridículo, um beijo na bochecha era como se eu tivesse roubado o pomo de ouro do próprio Harry Potter.

Dei algumas voltas a esmo, naquele estado eufórico, antes de finalmente encontrar Ramona. Ela estava sentada em um sofá nos fundos da boate, parecia zangada e encarava os ladrilhos como se pudesse transformá-los em cinza.

– Eu odeio a raça fascista masculina! – Ela exclamou quando eu sentei ao seu lado. – Me diz por que eu ainda acredito na droga do amor?

– Não sei Mona, o que houve?

– O idiota do Pietro que só pensa em transar comigo.

Cruzei os braços. Ela e Pietro vinham nesse clima esquisito desde que começaram a trabalhar juntos.

– E porque você ainda não o mandou para caixa prego? – Perguntei alguns segundos depois.

– Aí é que está: Eu acho que gosto um pouquinho dele.

– Ai, meu Deus, então porque ainda não transou com ele?

– Porque sempre que eu transo com um cara, ele some e eu não

quero que Pietro suma.

- Vocês trabalham juntos, ele não pode sumir.
- Mas pode me ignorar, o que deixaria tudo horrível.

Mordi o lábio. Agora a porra estava séria. Minhas duas melhores amigas estavam entrando na relação chove e não molha e eu estava prestes a entrar na do sexo sem compromisso. Não sabia qual de nós estava mais propícia a se ferrar.

– Deixa para lá Mel – Ramona me cutucou. – Agora me diz: Como foi com o babaca?

Bufei. Ela nunca podia falar de Arthur sem juntar alguma palavra depreciativa ao nome dele, como se o garoto tivesse culpa por não ter gostado de mim.

– Acho que esse plano está funcionando. Ele olhou para minhas pernas com cara de tarado e me deu um beijo na bochecha.

– E você chama isso de evolução?

– Claro que sim. O beijo na bochecha foi mais de dois segundos, se quer saber, e ele nunca tinha me dado nada além de abraços molengas.

– Vendo por esse lado... – ela fez uma careta. – E depois dessa reação vai continuar com o plano?

– Sim. – Sorri de uma maneira triunfante. – Em menos de um mês ele vai estar na minha cama, ou eu na dele. Ainda não escolhi.

Ramona sorriu, como se não acreditasse nessa possibilidade. Resolvi não dar bola para o negativismo dela e mudar de assunto:

– Como está Jean e Zé Peitão?

– Na última vez que os vi, eles estavam quase se comendo. Eu te avisei isso pelo whatsapp, mas você estava muito ocupada correndo atrás de um beijo na bochecha.

Revirei os olhos. Ramona era um pé no saco em relação a Arthur. Eu poderia dizer que ficaria com Bob, um mendigo que ficava perto

de nosso antigo colégio, que ela aplaudiria, agora se fosse Arthur, só faltava ela pegar o sapato e jogar nele.

– Dá para você parar de ser irônica, Mona? – Pedi enquanto tirava os sapatos e erguia as pernas em cima do sofá.

– Tudo bem, eu sei que estou insuportável, mas eu não quero que você fique daquele jeito de novo. Quando Arthur foi para Londres, eu achei que você fosse morrer de tristeza.

– Isso não vai acontecer. Eu só quero uma noite de sexo.

– E porque você não pode ter essa noite com Jean?

– Porque a gente acabou de juntá-lo com a Zé-Peitão.

– E o Luiz Otávio? Ele foi o primeiro cara que você beijou, era um vizinho legal. Vocês se conhecem desde sempre e não seria estranho.

Cruzei os braços. Ramona só podia estar doida. Luiz Otávio tinha sido meu amigo de infância e foi o primeiro garoto que eu beijei. Nós até namoramos por um mês depois do ensino médio, mas a joça não andou, eu terminei com ele e na mesma noite fui para a balada, ele ficou revoltado e foi estudar fora.

– Ele nem mora mais aqui Ramona – disse com a maior quantidade de paciência que consegui juntar. – E ele me odeia, então sobra Arthur.

– Sobra Arthur porque você não quer esperar alguém legal e se apaixonar por esse alguém.

– Eu quero que seja com ele porque ele foi o primeiro garoto que eu gostei e também porque disse que não seria meu brinquedo. Será maravilhoso quando eu provar ao contrário. Não tem amor nisso, eu já o esqueci há muito tempo. Eu até namorei com o Otávio, lembra?

– Ah, claro, e terminou com ele no mesmo dia em que Arthur voltou da Inglaterra.

– Foi um dia antes e eu nem sabia que Arthur iria voltar.

– Tá, que seja. Eu não falo mais nada, eu vou estar no mesmo lugar quando você se machucar.

– Eu não vou me machucar e a gente mora na mesma casa, é lógico que vai estar no mesmo lugar.

– Você é chata pra caralho loira.

Começamos a rir. Eu e Ramona discordávamos, mas não éramos capazes de ficar brigadas e eu sabia que no fundo, bem lá no fundo, ela me entendia.

– Sabe da Mari e do René? – Perguntei uns minutos depois.

– Ela me mandou uma mensagem, quando você estava no bar, que René a levaria para casa. Perguntei se estava tudo bem, mas ela não respondeu.

– Tá né. Acho que só restou a gente.

– Vamos pra casa?

– Vamos, meus pés estão me matando.

Levantei do sofá, calcei meu sapato, e puxei Ramona em direção à saída da boate. Encontramos um táxi com facilidade e fomos para casa. Dormi feliz.

Levantei bem cedo no sábado. O sucesso de meu plano dependia dessa pequena atitude madrugadora. Deixei o mau humor embaixo do travesseiro e fui tomar banho às sete da manhã.

Não foi muito agradável tomar banho tão cedo e o fato de eu ter dormido tarde não ajudou em nada, parecia que meu olho estava cheio de areia, mas mesmo assim eu vesti uma roupa confortável e me recusei a voltar para cama.

Depois de pentear os cabelos, sai de meu quarto e entrei no de Ramona, perto da lavanderia. Minha amiga estava dormindo de bruços e com a roupa do dia anterior. Seu quarto era totalmente diferente do meu.

Tinha livros espalhado pra todo lado e pôsteres de florestas e mundo verde para todo canto. No guarda-roupa tinha um adesivo do Greenpeace e perto da janela uma orquídea, que se eu não me enganava se chama Violet.

Olhei ao redor mais uma vez e não encontrei o que precisava, resolvi radicalizar e acordar a fera de cabelos ruivos.

– Acorda Ramona! – puxei seu tornozelo, a movendo alguns centímetros. – Acorda Ramona!

Ela resmungou algo e se afundou ainda mais na cama, balancei seus pés mais algumas vezes, mas não resolveu nada.

– Ramona, está pegando fogo na parte leste da Amazônia, o William Bonner está chorando enquanto apresenta a edição extraordinária do Jornal Nacional! – Berrei enquanto lhe batia com o travesseiro.

Acho que isso foi o suficiente. Ela sentou na cama e me olhou, parecendo um Leão da montanha, tinha cabelo para todo lado.

– Está pegando fogo na Amazônia? – Ela perguntou, parecendo confusa e alarmada ao mesmo tempo.

– Não. – Comecei a rir. – Mas você não acordava, então tive que apelar.

– Sua vadia de uma figa! – ela me jogou um tênis, que surgiu sei lá de onde.

– Calma, eu preciso de uma coisa sua.

– Os absorventes ficam no banheiro.

– Não é isso – sentei na cama, ficando a uma distância segura. – Lembra que quando a gente se mudou tinha um binóculo em uma de suas caixas?

– Eu não lembro nem do meu nome – ela resmungou voltando a deitar.

– Se você se esforçar lembra sim e se lembrar eu paro de te incomodar.

– Tá bom, tá bom.

Ela falou alguns palavrões enquanto levantava da cama e ia até o guarda-roupa. Depois de mais xingamentos e roupas jogadas, ela jogou o binóculo em meu colo.

– Não quero saber o que vai fazer com isso e suma do meu quarto.

Ela me empurrou para fora e eu comecei a rir. Ramona era muito mal humorada às vezes. Coloquei o cordão do binóculo no pescoço e fui para a sacada. Sentei no piso frio e olhei para o prédio da frente, esperando que meu alvo surgisse.

Um pouco antes de adormecer, na noite anterior, percebi que se queria mesmo dar continuidade nesse plano, ele não poderia se resumir a roupas provocantes no trabalho e na possibilidade de arrastar Arthur para uma boate. Eu tinha que fazer com que ele me notasse em todos os lugares e por sorte do destino, eu morava no mesmo condomínio que ele, tudo que eu tinha que fazer era ter paciência de observar sua rotina.

Um dos fatores que me fez levantar cedo foi o fato de Arthur ter um físico um pouquinho definido, eu não sabia se era muito porque a última vez que o tinha visto sem camisa fora há quatro anos e naquele tempo ele era mais magrelo, mas nas duas vezes em que tive a oportunidade de sentir seus músculos abdominais, quando andamos de moto, eles pareciam bem firmes, o que eu presumi ser em decorrência de academia. Ele deveria correr também e as pessoas, que não são preguiçosas como eu, correm cedo.

Deu tempo de eu ir à cozinha e tomar uma xícara enorme de café antes de voltar e ver alguma movimentação no prédio da frente. Peguei meu binóculo, ávida para ter algo para anotar em meu bloquinho, que peguei na cozinha, mas o que vi foi só um senhor idoso saindo para falar com o porteiro. Suspirei e encostei-me à parede.

Fechei os olhos, me sentindo cansada, mas logo tratei de ficar

em pé, porque eu não poderia dormir sem saber a rotina de Arthur, que pelo jeito deveria estar dormindo.

Escutei o barulho de passos e me virei. Ramona, com os cabelos presos em um coque e com um copo de refrigerante na mão, veio para a sacada e parou ao meu lado.

– Me diz que você não está espionando os vizinhos – disse tomando um gole de refrigerante, não sabia como ela conseguia tomar aquilo de manhã.

– Não são os vizinhos, é Arthur, eu quero saber a rotina do final de semana dele para começar a agir em outros territórios.

– Credo, coitado do cara que se casar com você.

– Eu não acredito na instituição do casamento.

– Ah, que seja, mas acho que vai criar raízes se continuar aí.

– Uma hora ele...

Parei de falar porque a porta do prédio da frente abriu. Peguei o binóculo e vi Arthur sair. Ele estava de camiseta branca e short de corrida, deliciosamente despenteado e sem óculos.

– Não vou criar teia de aranhas não! – Pulei e abracei Ramona. – Que horas são?

Ela pegou o celular no bolso do short e virou para mim. Era oito e seis. Anotei isso em meu bloquinho, ao lado do tópico sábado de manhã.

– Você vai ficar o sábado todo nessa janela? – Perguntou Ramona fazendo uma careta.

– Claro que não, só vou ficar até descobrir a rotina dele. Arthur tem cara de quem faz sempre a mesma coisa, ele tem um jeito de nerd.

– Isso eu não posso negar. Eu não sei o que você vê nele, o cara usa óculos de armações negras do tipo muito nerd e se veste de um jeito desleixado, sem falar naquele cabelo que parece que nunca viu um pente.

– Fica quieta Ramona porque Pietro não é dos mais

apresentáveis.

– Tá né, mas você sabe que ele não é tudo aquilo.

Não respondi e continuei olhando para fora. Ramona desistiu de me importunar e foi limpar o apartamento, hoje era o dia dela. Quarenta minutos depois Arthur voltou.

Peguei meu binóculo e quase fiquei sem ar quando ele tirou a camiseta na frente do prédio. Ele tinha belas costas e o traseiro não ficava de fora não.

– Ele tem um belo traseiro Ramona! – Gritei. – É isso que eu vejo nele.

– Então porque você não pega na bunda dele e acaba com isso de uma vez? – Ela gritou de volta.

– Vai se ferrar Ramona!

Continuamos desse jeito o restante do dia. Ramona pediu pizza para o almoço e eu, depois de lavar a louça, voltei a investigar. Comecei a fazer algumas leituras da faculdade para passar o tempo. Arthur saiu só duas vezes do prédio. Na primeira foi de carro e depois para lavar o carro no pátio do condomínio. Imaginei umas cenas libertinas dele sem camisa lavando o carro e da água escorrendo em seu peito. A curiosidade de saber se tinha gominhos estava me matando.

Enquanto vigiava, tentei falar com Mariane pelo whatsapp, mas ela não respondeu as mensagens e nem minhas ligações. Achei estranho já que ela sempre vinha aqui no sábado à tarde. Ramona também não tinha notícias dela. Será que ela havia brigado com René, ou eles estavam em um final de semana romântico? Achei a segunda opção bem pouco plausível e desisti de ficar ligando pra ela.

Depois de lavar o carro, Arthur voltou para seu apartamento e eu resolvi fazer algo produtivo, já que havia adiantado as leituras da faculdade, não me custava fazer os resumos. Ramona até ficou fazendo piadinhas, mas a ignorei.

No domingo banquei a detetive de novo, mas acho que Arthur era como qualquer pessoa da nossa idade e deve ter ficado dormindo porque não o vi sair de casa de manhã e nem à tarde, quando eu me lembrei de espiar.

Não me importei com isso, já havia armado algo para o próximo sábado. Arthur que me aguardasse.

Capítulo 19

O amor está na sala ao lado

O domingo acabou da mesma maneira que começou: entediante. Não vi Arthur e não consegui falar com Mariane, então só me restou ficar vendo televisão com Ramona e comendo brigadeiro até sentir que tinha engordado cem quilos.

Na segunda-feira acordei animada e me preparei para continuar com meu jogo de sedução. Comecei a por em prática um conselho que ouvi da minha mãe quando tinha quinze anos e ela queria que eu tivesse meu primeiro encontro: O que chama a atenção do homem em relação à mulher é o mistério, então não adianta entregar tudo de bandeja. O que ela quis dizer foi que eu deveria ter cautela na hora de escolher minha roupa. Se mostrasse as pernas, então não usaria um decote muito grande e se usasse um decote, não mostraria tanto as pernas, a mesma coisa se encaixava na maquiagem. Se eu usasse um batom vermelho então a sombra não deveria chamar tanto atenção e se fosse ao contrário, então o batom teria de ser mais suave.

Seguindo esta linha, escolhi usar uma saia preta, plissada e curta, combinada com uma camiseta branca simples e um cardigã laranja. Finalizei com sapatos pretos de salto fino. Deixei os cabelos soltos e sem cacho nenhum, não estava com paciência para usar a chapinha. Fiz uma maquiagem leve, composta por batom rosa e delineador preto combinado com muito rímel.

Cheguei ao trabalho no horário de sempre. Não encontrei Arthur no elevador, somente uns empresários que ficaram falando sobre a inflação e relembrando a época da transição do cruzeiro para o real.

Quando entrei na recepção e fui em direção à mesa de Mariane, fui interceptada por René:

– Bom dia Mel – ele disse de uma maneira sombria. – Bela saia. Pode ir até minha sala um instante? Sei que ainda não é seu horário, mas preciso falar com você.

Concordei com um aceno. René estava estranho, ainda mais falando daquela maneira pausada e sem o humor de escárnio de sempre. Enquanto o seguia, olhei para a mesa de Mariane, mas ela não estava ali.

– Sente-se Mel – ele pediu indicando a cadeira e fechando a porta.

Sentei e esperei que ele fosse para seu lugar, mas ao invés de sentar, René foi para perto da janela e ficou de costas para mim.

– Está tudo bem? – Perguntei depois de alguns minutos de completo silêncio.

– Não.– Ele respondeu e se virou. – Está tudo confuso demais.

– Como assim?

– Minha relação com Mariane está confusa Melanie, foi por isso que eu te chamei aqui.

Arregalei os olhos. Então ele deveria ser o motivo de Mari estar sumida.

– Eu não sabia que você tinha um relacionamento com Mari – disse enquanto tentava desvendar sua expressão.

– Eu não tenho um relacionamento com ela, eu não tenho nada.

Tombei a cabeça de lado, como um cachorro ao ver um biscoito canino.

– Sei que não está entendendo nada... – René continuou. – Mas vou tentar te explicar: O problema é que nem eu estou entendendo tudo o que está acontecendo.

– Tá espera aí... – ergui a mão. – Você e a Mariane já ficaram alguma vez? Ou você gosta dela, ou sei lá mais o quê?

– Sim para a primeira e a segunda opção, a terceira sobre o sei

lá, não é uma pergunta coerente.

O choque foi tanto que levantei com um pulo. Como assim ele e Mariane tinham ficado e ela não me contou nada? Que espécie de amiga era essa que não contava uma coisa dessas? E caralho, ele acabou de confirmar que gostava dela. Onde estava a droga do meu celular? Isso era uma bomba do estilo bombástico que tinha que ser anunciado pelo whatsapp.

– Pare com essa cara Melanie, eu te chamei aqui para conversar porque é o mais próximo de um amigo que tenho, nem o idiota do meu primo entenderia, ele está muito ocupado lidando... Deixa pra lá.

René se jogou na cadeira e eu voltei a me sentar, me sentindo uma otária. Se ele me chamou era sinal que confiava em mim, então fazer o papel de colunista de fofoca louca não era certo.

– Desculpa René. É que eu já estou a um tempinho querendo falar com você sobre a Mari também.

Ele afundou a cabeça na mesa, parecendo perdido em sua própria sala.

– Pergunte o que quiser – disse ainda de cabeça baixa.

– Você já respondeu minha pergunta sem querer.

– Que pergunta?

Ele se endireitou e eu respirei fundo. Era estranho eu falar com meu chefe sobre os sentimentos dele por minha melhor amiga, ainda mais quando esse mesmo chefe já havia dado em cima de mim antes.

– Sobre você gostar de Mari... – expliquei enquanto cruzava os braços. – Você gosta mesmo dela?

– Sim e não.

– Como assim, você disse antes que gostava.

– Eu sinto algo mais do que gostar. Só que tudo é confuso demais.

– Por quê?

– Porque eu não entendo quando comecei a sentir isso e não entendo o motivo de Mariane sempre fugir de mim, ela diz que o que eu sinto é peso na consciência e não amor, que eu vou me arrepender de tudo e que somos diferentes demais.

Arregalei os olhos. Isso era algo realmente complicado. Os dois eram confusos demais.

– Ah, e ela pediu demissão hoje de manhã – acrescentou, parecendo ainda mais desesperado. – Eu recusei e proibi o departamento pessoal de aceitar, o que foi extremamente dominador, mas eu não posso perdê-la, Mel.

– Eu não sabia disso, depois da boate ela não falou mais com ninguém. O que aconteceu lá?

– Eu a beijei e ela ficou assustada, na verdade ela parecia que estava prestes a desmaiar. Eu não entendi o motivo e começamos a falar ao mesmo tempo, depois eu a levei em casa e ela só apareceu hoje para pedir demissão. Por favor, eu não quero ficar sem vê-la Mel, não quero. Nem mesmo que isso signifique que eu serei ignorado e que a droga do meu coração vai ser pisoteado. Eu não me importo com nada disso, eu só quero que ela fique.

Franzi os lábios, quase batendo palmas. Ele estava tão fofinho apaixonado pela Mari.

– Eu vou te ajudar – falei me levantando. – Vou procurar a Mari e falar com ela.

– Sério? – Ele também se levantou.

– Sim, mas vou avisando: Se você a magoar, eu te castro com a tesoura de cortar cabelo da minha mãe.

René deu a volta na mesa e me abraçou:

– Muito obrigada, nem sei como te agradecer.

– Eu sei – me afastei dele e sorri. – Que tal me dar um aumento?

René arregalou os olhos e eu comecei a rir.

– É brincadeira chefe, agora deixa eu ver se encontro a Mari. Faz tempo que ela veio aqui?

– Ela não veio aqui, foi ao departamento pessoal e eles me ligaram. Faz meia hora isso.

– Vou ver se a encontro.

– Tá bom, obrigado.

– E chefe?

– Que foi?

– O serviço vai ficar atrasado.

– Que se foda, agora vai!

Dei de ombros e sai da sala dele, pensando que ser conselheira amorosa de René me daria mais trabalho do que arquivar, porque lá pelo menos tinha cafeteira.

Não precisei andar muito para encontrar Mariane, ela estava em sua mesa, guardando seus pertences em uma caixa de papelão amarela.

– Bom dia Mariane, esqueceu as linhas de comunicação? – Sentei em sua mesa e puxei a caixa para trás de mim.

– Agora não é um bom momento Melanie – ela puxou a caixa de volta.

– E porque não? – Peguei a caixa e a coloquei atrás de mim novamente. – Porque você está prestes a pisar no coração de alguém e não quer que eu a impeça, ou porque está com medo e não quer ajuda?

Mariane sentou na cadeira e afundou a cabeça na mesa, exatamente como René tinha feito alguns minutos atrás.

– Me desculpa – ela afundou ainda mais a cabeça na mesa. – Eu não deveria ter sumido sem dizer nada, mas eu estou um caco, Mel, e você não podia se desviar de seus objetivos.

– Que objetivos? – Perguntei irritada. – Eu ganhei um estúpido beijo na bochecha e você está com alguém apaixonado por você na sala ao lado. Faz o favor de levantar essa bunda daí e ir lá falar com ele. Eu sempre vou estar disponível para meus amigos e também vou sempre falar quando eles estão sendo estúpidos demais, como é o seu caso.

– Porque você está brigando comigo? – Ela levantou a cabeça e eu notei que seus olhos estavam cheio de lágrimas.

– Porque você está sendo estúpida – comecei a balançar os braços. – René está desesperado, pior do que você, e tudo o que faz é ir embora?

– Eu estou com medo, Melanie!

– Medo do quê?

– Eu sou a estúpida da garota gorda e ele o senhor perfeição, filho do dono de um império. Ele pode sair com quem quiser, porque se interessaria por mim? E se tudo não passar de um engano, de uma brincadeira de mau gosto? Quem vai catar meus cacos depois?

Respirei fundo, ela não estava errada, mas todos nós corremos riscos, não podemos nos trancar em um concha e esperar que as coisas caiam do céu. Sem risco não há aventura e sem aventura não há história para contar, temos de viver o hoje para ter o que contar para os netos amanhã.

– Mari – peguei em sua mão. – Eu sei que está certa em seus medos, mas René também tem os dele, ele não entende nada do amor, assim como você, vocês dois são completamente diferentes, mas gostam um do outro. Você vai deixar que o medo te impeça de viver a história de amor que tanto procurou?

Mariane me encarou, enquanto secava os olhos com as costas da mão.

– Se você soubesse o que sabe agora, teria lutado por Arthur aos dezesseis anos, ou aos quinze?

A pergunta me pegou de surpresa. Soltei a mão dela e encarei meus pés. O que eu sabia agora que não sabia aos dezesseis? Eu sabia esperar a sexta-feira como alguém no deserto espera por água, sabia aceitar minha má reputação e planejar sexo com alguém, mas o que tinha descoberto sobre o amor? Nada, eu só aprendi que o tempo fazia tudo doer menos e que depois nem as cicatrizes incomodavam mais.

– Não, eu não teria lutado por ele – respondo com sinceridade. – Porque Arthur nunca gostou de mim, mas René gosta de você.

– Como pode ter tanta certeza?

– Se você falar para René que eu te contei, eu quebro seu nariz: Ele disse que gosta de você e que é mais que gostar, mas que não entende como isso foi acontecer. Também disse que não quer que você saia daqui porque não aguentaria ficar longe e que se você ficasse, ele não se importaria de ter o coração pisoteado.

Mariane ficou me encarando boquiaberta.

– Então – pulei da mesa e a puxei. – Você vai lá naquela sala e vai pegar aquele homem e não deixa-lo escapar. Não é todo dia que temos a chance de ter um amor clichê.

– Mas... Mas eu não sei o que dizer.

– Não precisa dizer nada, só diz que vai ficar e que o ama.

– Mas o momento do eu te amo tem que ser especial – ela me encarou com um olhar de criança assustada.

– Então fala que gosta dele, caramba, faz alguma coisa, mas não fica parada esperando pelo nada.

Comecei a empurrar Mariane em direção à sala de René, quando paramos em frente à porta, a segurei pelos ombros:

– Fale o que estiver sentido e não enrole. – abri a porta e a empurrei para dentro da sala. – E não ouse fugir.

Fechei a porta e encarei o corredor. Para onde eu iria? Minha

sala era lá dentro e eu não queria ficar segurando vela.

Comecei a caminhar pelo corredor, quando cheguei à recepção, tive uma ideia pra lá de maravilhosa.

Estava na hora de fazer uma visitinha para meu irmão.

Capítulo 20

Visita Surpresa

Antes de ir à construtora de meu irmão, fui ao banheiro, retoquei a maquiagem e ajeitei um pouco melhor meus cabelos. Cerca de cinco minutos depois já estava falando com a secretária, a morena de sardas no rosto que descobri se chamar Veronica. Ela ligou para ele e em seguida foi comigo até a sala dele, após abrir a porta perguntou se queríamos café e ao receber a resposta negativa se retirou.

– Bom dia irmãzinha – disse Matheus me indicando uma das cadeiras estofadas em frente a sua mesa. – Está ganhando muito mal?

– Bom dia – me sentei na cadeira indicada. – Estou ganhando o salário de sempre, por quê?

– Sua saia, parece que está faltando pano.

Revirei os olhos, ele não perdia a mania de implicar comigo.

– Minha saia está muito boa – retruquei apoiando os pés na cadeira ao lado.

– Claro, mas acho que isso aí está mais para um cinto do que uma saia.

– Sai fora Ameba.

– Dá para vocês dois calarem a boca e me deixarem trabalhar?

Olhei para o lado e vi Arthur, ele estava em uma parte mais afastada da sala, em frente a uma prancha de desenho.

– Desculpa – murmurou Matheus. – Como está indo isso aí?

Arthur desviou os olhos do papel, só que ao invés de olhar para Matheus, olhou para mim. Ele ergueu os óculos e pareceu me avaliar por mais segundos do que o necessário, o que me fez sorrir sem querer. Disfarcei isso olhando para baixo.

– Estou alterando umas coisas – Ele finalmente respondeu meu irmão.

– Se isso sair errado vai ser culpa da Melanie, ela que veio perturbar nosso sossego. – Matheus colocou os pés em cima da mesa. – E por falar em você, porque não está trabalhando?

– René está ocupado – respondi ainda olhando para baixo.

– E quando ele está ocupado te manda passear?

– Não, mas não posso usar minha sala e isso não é da sua conta.

Matheus me mostrou a língua, como se ainda tivéssemos treze anos, e eu tive de me segurar para não mostrar o dedo do meio para ele.

– Sabe irmãzinha... – ele continuou me provocando. – Você prometeu que iria me salvar da comida ruim da nossa mãe e faz anos que não aparece lá.

– Tenho andado ocupada.

– Quer dizer que está na farra né?

Quando fui responder, o celular dele tocou.

– Oi, amor... – ele ergueu um dedo, me pedindo para fechar a boca. – Eu estou trabalhando, por quê?

Cobri a boca com a mão para não rir. Desde quando ele chamava as safadas com quem saia de amor?

– Não Paloma, aqui não tem nenhuma garota, a não ser que você esteja com ciúmes da Melanie. Não, a Melanie é minha irmã.

Parei de rir quando ouvi meu nome. Matheus parecia irritado ao continuar explicando para Paloma que estava trabalhando e que não sairia para almoçar fora. Depois dele se despedir dela, jogou o celular em uma das gavetas da mesa e bufou.

– Me diz por que eu decidi namorar com ela? – Ele perguntou para o nada.

– Porque você é maluco – respondeu Arthur colocando o lápis na

orelha e pegando a borracha que havia caído no chão.

– Acho que eu devo ser. A garota é um poço de ciúmes, daqui a pouco se eu for ao banheiro vou ter que avisar pra ela.

– Mas isso é simples – falei tirando os pés de cima da cadeira. – Termina com ela e volta à liberdade, Pequeno Gafanhoto.

Matheus me encarou como se eu fosse maluca.

– Não é tão simples assim – ele suspirou.

– Porque não? Você chega lá e diz que quer acabar com a porra toda. Fim. É melhor do que ficar suspirando por aí.

– Não fale palavrão e como já disse antes: Não é tão simples.

– Mas por quê?

– Melanie, sua cabeça oca! – Ele perdeu a paciência. – Você nunca foi tão apaixonada por alguém que contornou os defeitos dessa pessoa?

Não pensei duas vezes antes de mentir:

– Não, eu nunca fui maluca a esse ponto.

Matheus me olhou como se eu fosse um alienígena.

– Como não? Você não namorou com aquele louco que comia terra? E depois com meia cidade?

Fuzilei meu irmão com os olhos:

– Eu namorei por um mês com o Luiz Otávio e ele não comia terra nessa época e eu não namorei com meia cidade porque só namorei com o Otávio e o que você chama de namoro eu nomeio como rolos de uma noite.

Cruzei os braços e olhei para a parede. Agora eu lembrei o motivo de ter saído de casa, conviver com o chato do meu irmão não era para qualquer um, ele se lembrava de coisas do milênio passado como se tivessem acontecido no dia anterior.

– Quer dizer que você só enrolou o coitado do Tavinho? –

continuou. – E agora continua enrolando os outros?

– Quer saber? – Perdi a paciência. – Vai se ferrar. Eu nunca incomodei ninguém com meus relacionamentos e também nunca fui do tipo de suspirar. Isso é ridículo. Daqui a pouco você vai fazer uma tatuagem com o nome dessa garota na bunda e andar de quatro atrás dela como um cachorrinho. Deixa de ser idiota.

Matheus arregalou os olhos e olhou para o lado, como se estivesse em busca do apoio de Arthur, mas ele estava muito ocupado rindo.

– Sabe, eu não sou de concordar com a cabeça oca ali – Arthur fez um gesto pra mim. – Mas ela está certa.

– Ah, valeu... – fiz um gesto de positivo com o polegar. – E cabeça oca é você.

– Isso, concorde com alguém que nunca teve um relacionamento sério na vida e fala palavrões de três em três minutos. – Matheus resmungou.

– Eu posso até falar palavrão, mas nunca fiquei com alguém que sente ciúme da própria sombra.

– Isso porque só namorou com uma pessoa e você é quem deve ter sido a ciumenta.

– Eu não sou ciumenta, irmãozinho, essa parte ficou pra você.

– Melanie, quando você namorar com alguém por mais de um mês vai poder meter o bedelho na minha vida.

– Então ela não vai poder mais fazer isso – Arthur se meteu. – Ela nunca vai namorar com alguém por tanto tempo. Não existe uma vítima tão forte. Essa parte fica pra mim e eu concordo com a cabeça de vento.

Cruzei os braços, indignada.

– E quanto a você? – Encarei Arthur. – Você é igual eu, quando foi que namorou com alguém?

Ele me olhou de cara feia e eu me encolhi. Deveria ter fechado minha boca grande. As coisas estavam indo até que bem. Ao expressar minha opinião estava deixando claro que não era do tipo que levava alguém a sério, então Arthur não teria de se preocupar e isso, juntamente com minhas provocações, facilitariam as coisas. Mas eu, como sempre, falava mais do que a boca e deixá-lo irritado não fazia parte do plano.

– Minha irmã está certa – Matheus sorriu. – Você é tão cabeça de vento quanto ela. Então os dois não vão mais poder se meter na minha vida.

Eu e Arthur nos olhamos. Eu cheguei a abrir a boca para responder, mas o celular de meu irmão voltou a tocar. Ele o pegou na gaveta e saiu da sala, nos deixando sozinhos.

– Talvez a gente seja parecido – Disse Arthur enquanto voltava a mexer no papel que estava na mesa de desenho.

– E isso é bom ou ruim?

– Depende do ponto de vista.

Ele se virou para mim, esperando que eu falasse algo, em vez disso eu enrolei uma mecha de cabelo no dedo indicador e cruzei as pernas, fingindo que estava pensando. Vi pelo canto do olho que ele continuava me olhando e mordi o lábio, continuando com meu teatro.

– E do seu ponto de vista, é bom ou ruim? – Disse por fim, parando de enrolar o cabelo no dedo.

– Já disse que depende – ele olhou para o chão. – Você não vai poder ser avoada assim para sempre. Uma hora vai ter que criar juízo.

– Pensei que estávamos falando de sermos parecidos e não da minha aparente falta de juízo, já que pelo que parece você é ajuizado.

– Sua falta de juízo não é aparente, ela é muito verdadeira.

– E sua enrolação também. Para de dar voltas e responda minha pergunta.

– Você é uma peste, sabia?

– Sim, você sempre fez questão de deixar duas coisas bem claras a respeito da minha pessoa.

– E que coisas seriam essas? – Perguntou sorrindo.

– Que eu sou uma peste e cabeça de vento.

Não acrescentei uma terceira coisa: A de que seria sempre uma garotinha porque esta estava prestes a ser mudada.

– Tem razão – Ele concordou. – E a resposta para sua pergunta é sim, é algo ruim sermos parecidos. Você tanto brinca com as pessoas que um dia vai virar o brinquedo.

Mordi o lábio. Eu não brincava com as pessoas então não tinha chance de virar brinquedo de ninguém, eu ficava com os garotos e às vezes os enganava ao fingir que estava a fim de ir para um lugar reservado, mas não era nada além disso.

– Então quer dizer que vai virar o brinquedinho de alguém, Arthur? – Perguntei só para provocá-lo, já que a conversa estava ficando divertida.

– Sou esperto demais pra isso. – Ele piscou pra mim.

– Matheus também se dizia esperto e virou o cachorrinho da Paloma.

– Ele gosta dela – Arthur deu de ombros. – Acho que as pessoas ficam doidas quando gostam de alguém, mas isso não passa de mera suposição da minha parte.

Descruzei as pernas e voltei a morder o lábio, tentando encontrar algo para dizer, mas meu celular, felizmente, me salvou de falar alguma besteira.

Peguei o celular em minha bolsa e li a mensagem que Mariane havia enviado:

Onde você tá?

Respondi que já estava voltando e me levantei.

– Acho que nossa conversa sobre como eu vou acabar virando o brinquedinho de alguém vai ter que ficar para outro dia – falei colocando a alça de minha bolsa no ombro.

– Que pena – ele fez uma careta.

– Pois é – dei um passo para trás. – Não é todos os dias que me chamam de peste cabeça de vento.

– Quando precisar sabe aonde vim.

– Claro.

Caminhei em direção à porta. Quando peguei na maçaneta me virei, Arthur ainda estava me olhando.

– A propósito – disse ainda segurando a porta. – Você fica uma gracinha usando a ironia, nem parece um velho de cinquenta anos.

Capítulo 21

Menina Má

Não esperei para ver a reação de Arthur. Sai da sala sem olhar para trás e atravessei o corredor quase correndo. Foi só quando entrei no elevador, que felizmente estava vazio, que comecei a rir. Até dancei um pouquinho, o que deve ter sido um espetáculo e tanto para quem estivesse olhando pelas câmeras de segurança.

Ainda estava radiante quando entrei na recepção e vi Mariane em sua mesa. Aproximei-me e notei que ela estava um pouco descabelada e com os lábios inchados.

– Presumo que teve orgia? – Perguntei me sentando no tampo de sua mesa.

– Deixa de ser maliciosa – ela me repreendeu sorrindo. – Mas posso dizer que nos acertamos.

– Conta tudo, nos mínimos detalhes.

– Tudo bem. Eu entrei na sala e fiquei olhando para a parede por uns cinco minutos e René ficou me olhando, mexendo nas mãos ou batendo a caneta na mesa. Isso me irritou e eu o mandei parar quieto, o que o fez sorrir.

“Em seguida ele perguntou se iria levar muito tempo para começarmos a conversar, porque se levasse, ele iria encomendar o almoço e ir até a lavanderia. Eu comecei a rir, mais de nervosismo do que da piada sem graça, e fiquei um bom tempo rindo. Era mais fácil rir do que encarar a realidade de que estava prestes a me declarar para meu chefe e que ele estava meio que esperando por isso”.

“Depois de meu ataque infantil de riso eu criei coragem e disse o que estava pensando a respeito de tudo, do quanto era surreal, e do meu

medo de que tudo terminasse terrivelmente mal. René me tranquilizou dizendo que tinha os mesmos medos e que não pedia uma garota em namoro desde o Ensino Médio. Nesse momento eu não consegui mais prestar atenção ao seu discurso, eu só conseguia pensar na parte do namoro e ele notou isso porque perguntou minha resposta e eu disse sim, contrariando tudo o que eu estava pensando até então. E ele me beijou e o resto sua cabeça pervertida pode imaginar”.

Comecei a bater palmas como uma garotinha de cinco anos e abracei Mariane.

– Estou tão feliz por você – quase a sufoquei com o abraço. – Você merece e o chato do Chefinho também.

– Eu ainda não consigo acreditar... – ela me afastou com delicadeza. – Parece que a qualquer instante eu vou acordar sozinha em meu quarto com paredes amarelas e me lamentar da minha infelicidade no campo amoroso.

– Não vai acordar não. – Lhe dei uma pequena sacudida. – Tudo isso está acontecendo e vocês vão ficar todos melosos um com o outro e eu vou ter que viver saindo para vomitar, ou injetar insulina, porque toda a doçura será insuportável.

– Está usando muitas metáforas dona Melanie... – ela me avaliou. – O que andou aprontando enquanto eu estava com meu *namorado*? E não minta porque eu sei que não estava aqui.

– Amei a maneira como enfatizou a palavra *namorado*. E eu fui passear. Visitar meu querido e cachorro irmãozinho.

– Melanie Beatriz – ela cruzou os braços. – Me conta a verdade. Não é porque eu estou saltitante de felicidade que vou deixar você me enrolar.

– Tudo bem. Eu fui lá mais para provocar Arthur do que para ver meu irmão.

– Me conta tudo.

– Está dando certo, Mari, por incrível que pareça essa bagaça toda está dando resultado. Ele me olhou de uma maneira diferente. Como se estivesse me cobiçando.

– Mas com essa saia, só um cego não te cobiçaria.

– Teve uma coisa diferente Mari. Ele achou que éramos parecidos e eu consegui falar indiretamente que não queria nada a sério com ninguém. Ele também me chamou de peste.

– Eu entendi a parte de falar indiretamente, mas não entendi a da peste.

– Ele começou a me chamar assim depois que voltou da Inglaterra e me viu chegar em casa às sete da manhã com uma garrafa de vodka e um pouco mais alegre do que o normal.

– Acho que entendi. Ele acha que você é uma cabeça de vento e que não tem relacionamentos. Sem querer ofender, Mel, mas como isso pode ser bom? Você não deveria mostrar a ele o quanto é inteligente e madura?

– Não, Mari, o Arthur me viu crescer e também viu o quanto eu era nerd e responsável. Aos treze anos eu já cozinhava para a família toda e mantinha a casa limpa, isso sem ter nenhuma nota abaixo de nove no boletim. Ele sabe que sou inteligente e se eu mostrar esse lado sério, não vai dar certo.

– Por que não?

– Porque ele vai se lembrar da velha Mel, daquela garotinha que ele ensinou a andar de Skate e a multiplicar frações. Eu quero que Arthur conheça o que sou agora e que queira transar comigo.

Mariane me avaliou por vários segundos, tentando entender minha teoria louca.

– Eu não conheci essa sua versão responsável – disse por fim. – Mas sei que mudou para esquecê-lo e que está mais feliz assim e se é isso o

que quer, e é isso que está dando resultado, então continue.

Fiquei pensativa por alguns minutos. Eu não tinha mudado radicalmente, ainda era a mesma garota de sempre, eu só havia conhecido os benefícios da tequila, das baladas e das ficadas sem compromisso e de uma péssima reputação.

O culpado por essa má reputação era Luiz Otávio, meu primeiro e estúpido namorado. Depois que eu terminei com ele e bebi todas, a desgraça espalhou para todo mundo que eu era uma safada que ficou com ele e mais dois, então de repente eu era a Melanie, a filha da cabeleira que não tinha nada além de vento na cabeça.

– Mel, ainda está aí? – Mariane me cutucou.

– Tô sim, estava só pensando no que disse e é claro no próximo passo do meu plano safado.

– Que vai ser?

– Eu vou deixá-lo louco Mariane, até que ele não pense em nada além de mim.

– Com essas roupas, acho que vai sim.

Sorri e pulei da mesa, estava na hora de iniciar meu trabalho, o trabalho que envolve arquivos e não o de tirar a roupa de Arthur, embora a segunda opção parecesse infinitamente melhor.

Meu trabalho não rendeu. René resolveu contar a mesma coisa que Mariane me contou e isso durou até o horário do almoço, que foi um saco porque ele se sentou com a gente e não parava de babar pela Mari. Isso foi fofo por cinco minutos, mas depois de quinze eu já estava quase vomitando e os mandei ir para um quarto.

O relacionamento deles atraiu a atenção de toda a empresa e para onde olhava via gente cochichando, eu até mostrei o dedo do meio para a secretária do Joel, aquele idiota do Marketing, depois disso os

olhares até que pararam. Mari e René estavam tão absoltos em sua pequena bolha apaixonada que não notaram nada disso.

No dia seguinte me arrumei com mais afinco. Usei um vestido curto verde e sapatos de salto alto, com maquiagem leve e um coque desarrumado. Encontrei Arthur no elevador e derrubei uma caneta, demorando mais do que o necessário para me abaixar e pegá-la. Quando me levantei, meus cabelos se soltaram e caíram com perfeição ao redor de meu rosto, o que fez ele arregalar os olhos e olhar para o teto, como se tivesse visto algo mais interessante do que meu traseiro empinado propositalmente em sua direção. Entrei na recepção sorrindo, havia treinado aquele movimento tantas vezes que Ramona me chamou de psicopata poluidora.

Acabei fazendo amizade com Veronica, à secretária de meu irmão, estava ficando chato almoçar com Mari e René, eles precisavam ficar sozinhos e a posição de vela nunca combinou muito comigo.

Veronica era legal, tinha vinte e sete anos e estava terminando o curso técnico de secretariado, foi mãe muito jovem e teve de terminar o ensino médio através de supletivo e somente três anos depois de ter terminado o supletivo conseguiu entrar no curso técnico. Seu filho, João, estava com nove anos e já tinha certa autonomia, no ano seguinte ela iria começar a faculdade de administração.

Não quis ser indiscreta e perguntar sobre o pai do menino, mas deu para entender que ele não tinha assumido o filho porque ela me disse que ainda morava com os pais e às vezes se chateava pelo fato da irmã mais nova ter só um ano a mais do que o filho.

Veronica me contou toda essa história na terça-feira, o primeiro dia em que almoçamos juntas, e foi legal ver a maneira como a vida às vezes te força a crescer. Eu não conseguia me imaginar sendo mãe, tendo outra vida dependendo de mim, na verdade eu nem conseguia me imaginar

formada na faculdade.

Na quarta-feira quase fiquei maluca antes de vir para o trabalho porque não achava a roupa ideal. Acabei assaltando o guarda-roupa de Ramona e “roubando” seu vestido branco com bolinhas pretas, que marcava minha cintura de um jeito legal. Optei por sapatilhas porque meus pés estavam me matando, andar de salto todo dia não era muito fácil, também deixei o cabelo amarrado em um rabo de cavalo alto porque o sol estava escaldante.

Encontrei Arthur no elevador, no final do dia, e ele evitou me olhar. Cumprimentou-me de uma maneira formal e ficava olhando para as portas, dando a impressão de que queria furá-las com sua inexistente visão de raios-X.

– Você não pode furar as portas de aço com essa sua cara de mau. – comentei enrolando uma mecha de cabelo no dedo.

Isso pareceu despertá-lo do transe, porque ele me olhou e eu sorri, como se me desculpasse por tê-lo tirado de seus pensamentos.

– Não tinha percebido que estava com cara de mau – murmurou mordendo o lábio.

– Parecia que queria derreter a porta com os olhos – soltei a mecha de cabelo dos dedos e comecei a morder a unha do polegar.

– Só estava pensando.

– Em como poderia derreter a porta com os olhos?

Arthur parou de morder o lábio e me olhou, mas não de uma maneira safada ou raivosa, só me olhou, como se estivesse tentando encontrar algo.

– Encontrou o que procurava? – Perguntei só para provocá-lo, porque como já disse: Isso estava ficando engraçado.

– Não estava procurando nada Melanie – ele parou de me olhar.
– Mas acho que pra você, eu só fico uma gracinha quando estou sendo

irônico.

Não entendi muito bem o comentário, mas sorri mesmo assim porque isso queria dizer que ele tinha gravado meu comentário de alguma forma.

– Porque pra você tudo vira piada? – Ele perguntou de repente, fazendo meu sorriso murchar.

– Eu gosto de ver a vida pelo lado divertido. – Dei de ombros. – Você não?

– Eu avalio a hora mais propícia.

– Por isso que na maior parte do tempo parece que quer furar as portas com os olhos?

– Talvez.

E com isso, ele saiu do elevador, sem nem se despedir ou olhar para trás e eu fiquei pensando na parte dele achar que eu só o notava com a ironia, na verdade eu o notava até quando não estava fazendo nada além de respirar.

Na quinta-feira não encontrei Arthur e minha produção envolvendo calça jeans apertada demais e uma camiseta roubada de Ramona com meu colete preto não serviu para nada.

Sexta-feira, eu estava cansada demais para vestir algo além de jeans velho e uma camiseta mais velha ainda com o logotipo da empresa, mas isso não foi um problema porque não encontrei Arthur. Meu serviço estava atrasado e além de perder o horário do almoço, havia saído mais tarde, pois não gostava de deixar nada atrasado para a segunda-feira. Acabei pegando um táxi e indo direto para a faculdade, o resultado de tanta correria foi eu ter praticamente desmaiado quando finalmente cheguei em casa.

Só fui acordar no outro dia às onze e meia da manhã, o que me

deixou irritada porque eu pretendia que Arthur me visse com alguma roupa apertada de corrida e ficasse babando como um cachorro velho.

– Credo, que cara Melanie – disse Ramona quando apareci na cozinha, depois de enrolar mais um pouco.

– Eu dormi demais – murmurei indo até a geladeira e pegando a garrafa d’água. – Pretendia correr logo cedo.

– Desde quando você corre? – Ela pegou a garrafa da minha mão e me serviu.

– Eu não corro, mas fazia parte de meu plano mostrar a Arthur como eu poderia ser sexy correndo.

– Você não tem mais jeito – ela puxou o copo da minha mão. – E agora o que vai fazer, sair nua e mostrar como é bem depilada?

Lembrei de que tinha anotado a rotina dele de final de semana em um bloco e que este estava em cima da geladeira, o peguei e notei que havia anotado algo sobre ele lavar o carro no sábado à tarde.

– Já sei o que vou fazer! – exclamei jogando o bloco para cima e o pegando em seguida.

– O quê? Não vai fazer nada sem roupa né?

– Não, mas ele lava o carro à tarde.

– Você não tem carro, então não pode pedir para ele lavar o seu.

– Não é nada disso, é outra coisa.

– Que coisa?

– É surpresa.

Ramona revirou os olhos, me xingou, e depois mandou eu fazer o almoço.

Resolvi fazer sanduíches, porque era mais rápido e minha preguiça não me deixava ser criativa a ponto de fazer uma comida que prestasse. Enquanto comíamos, Ramona não parava de me interrogar sobre qual seria a maluquice da vez, eu não disse nada porque ela nunca

aprovava nada e porque amava deixar as pessoas curiosas.

Depois de lavar a louça fui tomar banho. Demorei tempo demais para secar os cabelos e deixá-los do jeito que queria, mas valeu a pena. Resolvi não fazer maquiagem porque queria dar a impressão de que estava em casa.

Vesti a roupa escolhida: Um short jeans minúsculo, com o forro do bolso aparecendo, e uma camiseta curta listrada, que deixava minha barriga nada bronzeada aparecendo. Calcei meus tênis *Vans* caramelo e dei uma voltinha em frente ao espelho.

– Ai. Meu. Deus! – Ramona me olhou horrorizada, quando apareci na sala.

– O que achou? – Girei para ela me ver de todos os ângulos.

– Short de piriguite com camiseta mostrando a barriga e cabelos perfeitamente lisos e penteados. – Ela ergueu um dedo no ar, como se estivesse constatando algo. – Você quer deixá-lo maluco mesmo.

– É essa a intenção.

– Você está virando uma garota má, Melanie, e está apelando. Não tem como o garoto não te notar com as roupas que anda usando. Só não se esqueça que esse prédio tem outros homens, bem menos educados.

– Eu sei Ramona – disse pegando minha bolsa em cima do sofá. – Vai querer alguma coisa do mercado?

– Não sabia que iria ao mercado, mas me traga chocolate.

– Eu tenho que ter uma desculpa para desfilas por aí, ele não é burro.

– Tem razão, ele só é esquisito.

– Não começa.

Soprei um beijo pra ela, coloquei meus fones de ouvido, e sai do apartamento. Entrei no elevador cantando, só depois de ter dado uma dançadinha é que olhei para trás, ainda bem que estava vazio, eu não

precisava pagar mico com os vizinhos.

Quando sai de meu prédio, olhei ao redor e não vi Arthur, mas alguns garotos que estavam andando de skate nas escadas ficaram assoviando pra mim, fui mal educada e lhes mostrei o dedo do meio, o que os fez rir ainda mais.

Fui ao mercado e comprei o chocolate de Ramona, também trouxe coisas para fazer o jantar: batata frita congelada e bife, que tinha se tornado nossa comida de sábado.

Na volta do mercado, uma garotinha que estava só com o pai, elogiou minha roupa e ele ficou vermelho, foi aí que percebi que eu tinha exagerado mesmo, estava mais piriguete do que o normal e estava também apelando demais.

Entrei no condomínio e vi que os garotos do skate não estavam mais lá, o que foi bom porque os teria mandando tomar naquele lugar se continuassem assoviando pra mim. Enquanto caminhava pela calçada do prédio da frente, notei que Arthur já estava lavando sua moto, no final de semana anterior tinha sido o carro, e eu percebi que ele realmente seguia a rotina, foi um alívio porque me vestir de piriguete só para chamar atenção de garotos de skate não valia muito a pena.

Dei um jeito de ajeitar os cabelos enquanto andava, sem parecer que estava fazendo isso.

– Ei, gostosa!

Olhei para o lado ao ouvir isso e dei de cara com um dos endiabrados do skate, ele deveria ter uns quinze anos e estava com os hormônios em ebulição.

– O que foi sua peste? – Perguntei irritada.

– Estava pensando... – Ele me olhou de uma maneira bem perversa.

– Não sabia que ogros pensavam. – O interrompi.

O garoto sorriu, parecendo maravilhado. Ele tinha cabelos castanhos e pele oleosa, sem falar na cara de bebê.

– Eu falei com meus amigos ali... – ele apontou para os idiotas do outro lado. – Que te chamava para sair e você aceitava. O que me diz?

– Digo para ir se ferrar – me inclinei um pouco para frente. – E achar alguém da sua idade, pirralho.

– Que isso gata? – Ele ergueu as mãos e seu skate caiu no chão. – Eu apostei dez paus que te levava pra sair e ainda ganhava um beijinho.

– Perdeu pirralho.

– Ah, olha, eu apostei meu dinheiro do lanche. – Ele pareceu desesperado. – Minha mãe disse que se eu apostasse mais uma vez o dinheiro do lanche ficaria sem mesada por um mês. Você sabe o que é viver de mesada?

Fiquei com pena dele. Eu vivi com mesada por dezoito anos, e não era muito legal.

– O que você quer que eu faça? – Perguntei com um pouco mais de delicadeza.

– Sei lá, me beija?

Ele sorriu e eu comecei a rir. Os garotos mais velhos eram idiotas, mas os mais novos eram piores, eles faziam de tudo para aparecer para os amigos.

– Eu não vou te beijar – disse ainda rindo.

– Ah, tá, garotas gostam de romance né? – Ele estralou os dedos, como se fosse lutar. – Meu nome é Ramon, tenho dezesseis anos. Me beija agora?

– Eu já disse que não vou te beijar.

– Ah, cara, eu vou ficar com fome e morrer desnutrido.

Os amigos de Ramon começaram a fazer barulho e rir. Acho que perceberam que ele não iria conseguir nada. Fiquei com pena dele, era ruim

ficar com fome na escola.

– Você não vai morrer desnutrido – suspirei. – Está até gordinho.

Ramon fez uma careta, parecendo triste. Eu desci o degrau do paralelepípedo, ficando ao lado dele.

– Eles vão ficar rindo de mim a vida toda – Ramon fez um muxoxo.

– Eles não vão rir.

Abaixei-me e lhe dei um beijo estralado na bochecha, fazendo os amigos dele pararem de rir.

– Cara, ela me beijou! – Ele exclamou tocando a bochecha com os dedos sujos de algo preto. – Tomem ralé, a gostosona me beijou!

– Agora, nunca mais aposte o dinheiro do lanche – lhe dei um cutucão na costela. – E nunca mais me chame de gostosona.

– Certo gostosinha. A gente se vê por aí.

Revirei os olhos e ele se afastou, mas antes de chegar ao outro lado acenou, eu acenei de volta e vi quando os amigos lhe entregaram um maço de notas. Os garotos eram realmente ridículos.

– Isso se chama pedofilia.

Virei-me e vi Arthur parado atrás de mim. Droga, eu tinha esquecido que estava ali para seduzi-lo e não livrar garotos tarados de ficar sem mesada.

– Não é pedofilia – subi no paralelepípedo, ficando ao seu lado. – Ele ia perder o dinheiro do lanche.

– Ah, como você é solidária. – Ele balançou a cabeça rindo.

O encarei. Ele estava bonito de bermuda jeans, camiseta desbotada e chinelos, mais bonito do que a maioria dos garotos que resolvem sair de casa com o cabelo parecendo um ninho e a barba por fazer.

– Eu estava ajudando a vizinhança – expliquei olhando para os garotos, que ainda estavam comemorando.

– Ah, tá. Daqui a pouco eles vão fazer uma fila para você beijá-los.

– Não seja exagerado. Acho que eu fui à primeira garota que eles viram passar por aqui hoje.

– Sem querer ofender, mas acho que você foi à única garota que passou que estava vestida de um jeito um pouquinho exagerado.

– O que tem de errado com minha roupa? – Perguntei, apesar de saber muito bem o que tinha.

Arthur não respondeu de imediato, mas notei que ele evitou me olhar mais do que a boa educação exigia.

– Está um pouco pequena e apertada demais. – Respondeu hesitante.

Fiz um beicinho e comecei a enrolar uma mecha de cabelo no dedo.

– Não é mais fofo quando você faz beicinho Melanie. – Ele sorriu ao falar isso.

– Quer dizer que algum dia já foi? – Soltei a mecha de cabelo e mordi o lábio.

Arthur ficou sério e eu parei de morder o lábio. Será que eu estava pegando muito pesado?

– Era fofo quando você não era uma pervertida que desfilava pelo condomínio com roupas minúsculas.

– Credo Arthur, como você é mal humorado. – Fiz uma careta.

– Foi você quem perguntou.

Ele virou as costas e foi para perto de sua moto, o segui, evitando bater a sacola de compras em alguma coisa.

– Está quente – comecei a explicar. – Você queria que eu usasse

o que, uma burca?

– Não tenho nada a ver com sua vida, Mel – ele parou de andar e se virou.

Arthur me olhou de uma maneira que eu não soube decifrar. Acabei derrubando a sacola de compras no chão.

– Eu pego! – Ele exclamou antes que eu me abaixasse para pegá-la.

– Obrigada.

Arthur colocou a alça da sacola plástica em volta de meu pulso, um arrepio percorreu meu corpo quando seus dedos tocaram momentaneamente minha pele.

– De nada. – Ele deu um passo para trás.

Olhei para meus pés, me sentindo envergonhada pela forma que vinha agindo. Eu tinha achado que quando ele visse minha roupa, iria babar e não me repreender por eu ser tão pervertida.

– Desculpa Mel.

Ergui a cabeça ao ouvir isso. Arthur estava com a mão nos cabelos, parecendo envergonhado.

– Pelo que?

– Por eu ser mal humorado e falar mal das suas roupas.

– Tudo bem – dei de ombros. – Eu não me importo.

– É que você é como uma irmã pra mim e os caras que moram aqui no condomínio são meio tarados. Você pode não ter más intenções, mas eles sim.

Tive que conter a vontade de chutar algo. Que porra foi essa? Irmã? Fala sério, eu tinha vestido uma roupa minúscula, aguentado adolescentes tarados e ficado parada no meio do sol escaldante para ouvir que ele me considerava uma irmã?

– Eu entendi. – falei tentando controlar a raiva. – Agora tenho

que ir.

Arthur concordou e eu sai, o xingando mentalmente de todos os palavrões que conhecia.

Capítulo 22

Dançando com o Batman

Entrei em nosso apartamento pisando tão forte que achei que seria capaz de tirar os tacos do chão com as solas dos meus tênis. Joguei-me no sofá e soquei a almofada de crochê de Ramona até estar arfando.

Eu não era uma pessoa violenta, nunca havia batido em ninguém além do meu irmão, nem mesmo quando um garoto grudou chiclete em meu cabelo na sexta série eu o agredi. Era contra qualquer tipo de violência, mas se perguntassem agora em quem eu bateria, a resposta era Arthur.

Eu tinha vontade de socá-lo até que percebesse que eu não era sua irmãzinha, que não era uma vadia e muito menos uma cabeça de vento. Eu era inteligente, fazia meu trabalho bem feito e apesar de odiar a faculdade, tirava boas notas. Qual era o problema de eu gostar de sair e de usar roupas curtas? Tudo bem, minha roupa estava exagerada, mas não é a roupa de uma pessoa que dita seu caráter, mas sim suas escolhas e atitudes.

Não sabia dizer se estava magoada com ele ou comigo. Talvez fosse um pouco dos dois. Eu tinha andado praticamente a semana toda com roupas bonitas e sapatos desconfortáveis, com um sorriso que dizia: Ei, olha pra mim, por mais que seja grosseiro e me ache acéfala, eu ainda vou sorrir e contar alguma piada para ver se te roubo um sorriso.

Que tipo de babaca não conseguia ver isso, não conseguia ver que sapatos de salto apesar de bonitos eram desconfortáveis, que andar com o cabelo e a maquiagem bem feitos dava trabalho e que tentar ser legal o tempo todo também?

Eu estava me esforçando demais, tentando mostrar qualidades da mulher que era e tentando fazê-lo esquecer da garota que fui, mas será

que tudo isso valia a pena mesmo? Será que não era perda de tempo? Eu estava fazendo de tudo e tudo o que recebia eram olhares momentâneos e surtos de mau humor instantâneos.

– Melanie, solte minha almofada.

Ramona me assustou e eu joguei a almofada no chão.

– O que aconteceu? Você parece péssima. – Perguntou se sentando ao meu lado.

– Não está dando certo, Mona, ele me vê como a irmãzinha mais nova.

Achei que Ramona fosse pular e dizer que tinha me avisado, ou fazer algo estúpido, mas ela me abraçou.

– E você vai desistir?

– Eu não sei – me afastei dela. – Eu me esforcei demais, estou com o pé cheio de calos, tive que aguentar os tarados do ônibus, e os do prédio, e tudo o que recebi em troca foram respostas mal humoradas e ele falando que eu sou pervertida.

– Você não é pervertida e ele é um babaca idiota.

– Vou concordar só porque eu estou com muita raiva.

– Não decide nada agora, espera a raiva passar.

– Achei que você fosse me mandar desistir.

– Não vou fazer isso – ela sorriu. – A decisão é sua e eu vou te apoiar. Acho também que a gente deveria sair para algum lugar à noite, esfriar a cabeça, se divertir.

– Você não vai fazer nada com sua família?

– Não, hoje nós vamos nos divertir.

E eu aceitei, porque diversão era algo que não se negava.

Depois de comermos nossa típica comida de sábado, nos arrumamos para ir para a balada. Ramona foi com a roupa de sempre: short

jeans, tênis e camiseta. Eu optei por uma saia de cintura alta preta com camiseta regata branca e sapatilha preta, meus pés realmente estavam me matando.

Fiz uma maquiagem um pouco mais forte, composta por lápis de olho e sombra esfumada, finalizei com rímel e batom rosa-claro. Não estava muito a fim de ser exagerada.

– Quem te viu de manhã e quem te vê agora não diria que é a mesma pessoa – comentou Ramona quando entramos no elevador.

– Por quê?

– Seu cabelo continua igual, liso e perfeito, mas sua roupa e maquiagem nem parecem de piriguete, não está apelando. Talvez fique melhor desse jeito.

– Para Arthur eu não fico melhor de jeito nenhum.

– Por isso ele é o babaca do século.

Não pude deixar de concordar, estava com ódio dele.

Conseguimos um táxi rapidamente e em menos de quinze minutos estávamos na fila para entrar na boate, a mesma em que fomos na sexta passada, quando Arthur me deu um beijo na bochecha.

– Agora que estamos aqui, me lembrei de uma coisa – Disse Ramona enquanto me empurrava, para que passássemos pelo segurança e conseguíssemos entrar na boate.

– Que coisa?

– De Jean e Marcela. Nosso plano deu certo?

Parei de andar. Eu nem tinha me dado ao trabalho de perguntar a Jean como tinha ficado as coisas entre ele e Zé-Peitão. Eu praticamente gravava o que os professores falavam, estava chegando às provas de início de semestre e essa era a única época em que eu realmente levava a coisa a sério.

– Nem perguntei Mona – falei pegando na mão dela e tentando

nos desviar das pessoas para que chegássemos à pista de dança.

– Semana que vem você pergunta.

Conseguimos chegar à pista e começamos a dançar. Ramona, com seu jeito peculiar e desengonçado, e eu como todo mundo. A música falava de alguém que estava em Marte e que estava mais louco que o Batman na Night. Isso era animado e depois de uns três minutos todo mundo estava cantando bem alto que estava mais louco que o Batman.

– Acho que para ficarmos louca que nem o Batman, precisamos beber – falei afastando os cabelos do rosto.

– Também acho.

– Vou ao bar. Você me espera aqui, ou vai junto?

– Espero aqui, senão nunca achamos um lugar bom.

– Tá. Já volto.

Com cotovelos e alguns pedidos de desculpas, consegui chegar ao bar. Tive que subir na barra de metal entre as bancadas para conseguir enxergar o Bartender.

– Oi, Mel.

Cássio, de quem eu fugi na semana anterior, parou na minha frente.

– Oi, Cássio. – Ele se inclinou por cima do balcão para me dar um beijo no rosto.

Durante a semana ele conversou mais comigo do que o normal. Acho que foi por isso que deixei o pobre do Jean meio de lado.

– O que quer pra hoje? – Perguntou sorrindo.

– O que você sugere?

– Que você espere uma hora para dançar comigo e enquanto isso toma um legitimo Mojito Cubano.

Sorri. Ele não deixava passar uma e eu resolvi que não deixaria passar também, a droga do meu plano estava um fracasso mesmo.

– Aceito sua sugestão – falei enquanto sentava em cima do balcão. – Mas tem que ser dois mojitos.

– Está acompanhada?

– Com minha amiga, mas daqui à uma hora vou estar acompanhada por você.

– Na verdade, daqui a cinquenta e sete minutos.

Concordei com um aceno e enquanto ele preparava os mojitos o observei. Cássio era realmente um garoto muito bonito: Moreno, alto, definido, com um sorriso de tirar o fôlego e cabelos anelados como os de um anjo.

– Prontinho. – Ele me entregou os dois copos com gelo, limão e hortelã boiando. – Daqui a cinquenta minutos aqui?

– Claro.

– Qualquer coisa falo com você pelo whatsapp.

– Tá bom.

Deixei os copos no balcão novamente e abri minha pequena bolsa, para pegar o dinheiro. Cássio disse que não precisava e me deu um beijo na bochecha. Agradei, pulei do balcão, peguei os copos e fui em direção à pista de dança, me desviando das pessoas para não derrubar a bebida.

Ramona estava no mesmo lugar, acompanhada por Pietro, que pelo visto estava a irritando porque ela estava com uma ruga no meio da testa, aquela que indica que ela vai explodir e matar o primeiro insolente que aparecer na sua frente.

– Trouxe Mojito, Mona – disse lhe entregando um dos copos e cumprimentando Pietro com um aceno. – Tudo bem aí?

– Não, me diz por que droga eu aturo o Pietro? – Perguntou pegando o copo de minha mão e tomando um longo gole.

– Você me atura porque gosta de mim – ele se meteu na

conversa e a puxou pela cintura. Quando a luz tocou os cabelos dele, notei que tanto ele quanto Ramona tinham cabelos avermelhados.

– Eu desgosto de você, garoto – Ramona afastou as mãos dele e sorriu.

– Eu vou indo – falei dando um passo pra trás.

– Não precisa. – Ramona se recostou em Pietro. – A gente não vai mais brigar.

– Hã, tudo bem, mas eu combinei de me encontrar com Cássio, então vou indo.

– Tem certeza? – Ela pareceu indecisa. – Eu posso mandar o Pietro pastar, ele nem faz muita questão de ficar comigo mesmo.

– Cara – ele pareceu ofendido. – Eu vim lá dos cafundós do Judas para te encontrar e você diz que eu não faço questão de ficar com você?

– Gente não brigue. – Pedi já decidida a me afastar. – Eu realmente vou me encontrar com Cássio, então parem de brigar e aproveitem a noite. Eu vou aproveitar a minha.

E com isso me afastei deles. Eu não gostava de ficar segurando vela e pelo que parecia essa seria minha situação, já que tanto Mariane quanto Ramona estavam namorando.

Decidi sentar nos pufes que ficavam no final da boate ao invés dos sofás do meio da pista de dança, não estava muito a fim de ver mais casais dando uns amassos sem pudor.

Ajeitei minha pequena bolsa e apertei o copo de Mojito, como se estivesse me preparando para guerra, e atravessei a pista de dança dando cotoveladas na massa dançante que insistia em não sair do meu caminho.

Depois de levar algumas pisadas no pé e de palavras de baixo calão dirigidas a minha pessoa, consegui chegar onde queria e como eu já esperava, o lugar estava praticamente vazio.

Os pufes eram dispostos contra uma parede quadriculada e

algumas pessoas estavam largadas sobre eles, como se não aguentassem o peso das próprias pernas. Olhei ao redor, procurando um lugar, e vi no canto oposto onde eu estava meu irmão com a cabeça apoiada na parede.

Resolvi importuná-lo para passar o tempo, mas quando me aproximei percebi duas coisas: A primeira era que ele estava em um péssimo estado e a segunda foi que Arthur estava ao seu lado e eu não soube dizer se isso seria bom ou ruim para a raiva que eu ainda sentia.

– Oi gente – falei parando na frente deles.

– O... Oi – disse Matheus com voz enrolada, enquanto Arthur apenas balançou a cabeça.

Meu irmão não parecia muito bem, estava todo desganhado e com cara de bêbado, o que me surpreendeu porque Matheus era certinho demais para beber.

– Você está bêbado? – Perguntei ainda o analisando.

– Não sei – ele olhou para Arthur. – Estou?

– Está. – ele respondeu, parecendo divertido.

– E porque você está bêbado? – Sentei-me no pufe vazio ao seu lado.

– Porque eu quis beber, *Malanie*, você não é a única que enche a cara de sexta a domingo.

– Meu nome é Melanie e eu não encho a cara de sexta a domingo.

– Que seja – ele olhou para meu copo. – Isso tem álcool?

Antes que eu pudesse responder, ele pegou o copo de minha mão e tomou um longo gole, parecendo satisfeito com o gosto.

– Tem rum nisso aí, se quer saber. – Falei tentando pegar meu copo, mas ele se esquivou e terminou de beber o conteúdo que restava. – E esse seu gesto foi muito deselegante.

– Não me fa... Fale de elegância *Belanie*, você é muito mal educada.

Olhei para Arthur, por cima do ombro de Matheus, tentando fazer com que ele me explicasse o que estava acontecendo, mas o idiota estava muito entretido sorrindo para uma moça morena, que parecia estar com você sabe o que acesso, pelo modo como dançava e colocava o dedo na boca.

– Porque você está bebendo desse jeito, Matheus? – Perguntei pegando o copo vazio de sua mão e colocando no chão.

– Porque a porra do meu coração está partido. – Respondeu irritado. – A droga do seu coração já foi partido?

Mordi o lábio. Ele parecia realmente triste e isso me comoveu. Eu gostava de xingar meu irmão, amava importuná-lo e falar palavrão para ele ficar me repreendendo, como se eu fosse um caso perdido, mas odiava vê-lo triste. Queria pegar à vadia que fez isso com ele e furar os olhos dela com minhas unhas.

A pergunta sobre coração partido também me surpreendeu, nunca ninguém partiu meu coração, eu mesma tinha me encarregado do serviço, mas isso não era algo que eu queria compartilhar com meu irmão, ainda mais ele estando bêbado e revoltado.

– Meu coração nunca foi partido – respondi por fim. – Mas porque o seu está?

– É claro que você nunca iria sofrer uma decepção amorosa... – ele balançou a cabeça. – Você nunca leva ninguém muito a sério.

– Não levo mesmo, agora responda a minha pergunta.

– Eu resolvi terminar com a Paloma, fui lá e disse que o ciúme dela era o culpado por tudo e terminei, a mandei para o inferno, só que não era isso o que eu queria e me arrependi cinco segundos depois.

Arregalei os olhos. Então ele partiu o próprio coração e não a doida da garota ciumenta.

– Mas se não tinha muita certeza porque terminou com ela? –

Perguntei, ainda tentando entender toda a situação maluca.

– Porque ele agiu por impulso – respondeu Arthur, de quem eu tinha esquecido momentaneamente da existência. – Depois disso ele foi para minha casa, me arrastou para cá, ficou bêbado e agora não aguenta as próprias pernas e fica se lamentando.

– Ah, entendi – murmurei fixando meu olhar em Matheus e evitando Arthur.

– Eu quero voltar para Paloma... – Matheus deitou a cabeça em minhas pernas. – Assim que minha cabeça parar de girar, vou ligar pra ela.

– Ah, mas não vai não. – Protestei o cutucando. – Tudo bem que você agiu impulsivamente e se arrependeu, mas ligar pra ela bêbado e ficar se humilhando não é algo bom de fazer.

– Por quê? – ele levantou a cabeça.

– Porque... – Arthur falou o puxando de cima de mim e o fazendo sentar direito. – Você deve fazer essa idiotice, sóbrio.

– Vocês dois estão unidos contra mim?

– Eu não estou unida com ninguém – me defendi. – Eu só não quero que você fique se humilhando, apesar de tudo você é meu irmão e seria errado eu deixar você fazer uma babaquice dessas.

– Não é babaquice eu gostar de alguém.

– É a pior babaquice humanamente possível – afirmei o apoiando quando ele voltou a deitar a cabeça em minhas pernas.

– Você nunca gostou de ninguém, nunca teve o coração partido e também não teve relacionamentos sérios. Então não me de conselhos que nunca usou.

Revirei os olhos. Garotos bêbados já eram ridículos, agora irmãos bêbados e apaixonados eram ainda piores.

– Se você for atrás dela hoje, vai se arrepender – disse Arthur me olhando de uma maneira que considerei solidária. – Vamos pra casa, eu te

levo, daí você cura esse porre e pensa racionalmente.

– Eu também não aceito conselhos do Senhor Galo De Briga. Você só namorou a Cassandra por dois dias e isso foi há quatro anos.

– Caralho, você é chato cara. – Arthur cruzou os braços e voltou a olhar para a pista, parecendo prestes a socar Matheus.

– Você tem andando com a Melanie? – Matheus perguntou afundando ainda mais a cabeça em minhas pernas.

– Não, por quê? – Arthur pareceu alarmado, não entendi o motivo.

– Agora está falando palavrão como ela.

– Você está chato cara – ele resmungou ainda olhando para a pista. – Se eu não fosse seu amigo, já tinha te dado umas porradas.

Eu iria mandá-lo parar de ameaçar meu irmão, mas nesse momento ouvi o som de um pato grasnando e senti minha bolsa vibrar. Tirei a cabeça de Matheus do meu colo e peguei meu celular em minha bolsa. Toquei a tela com o dedo indicador e li a mensagem de Cássio, avisando que estava me esperando em frente ao bar.

– Porque o toque do seu celular é um pato gay? – Perguntou Matheus rindo tanto que parecia que iria sufocar.

– Não é um pato gay, é um pato grasnando. Foi o toque mais alto que consegui encontrar, e você sabe que se eu não escutar o toque, nem lembro que o celular existe.

Matheus não respondeu, ele estava com seu próprio celular na mão, antes que ele fizesse mais alguma besteira, peguei o celular.

– Devolve meu celular – ele tentou pegar o aparelho, mas eu me levantei.

– Não vou devolver, você está bêbado. Vai fazer alguma bobagem.

– Eu não iria ligar para ela, eu iria encomendar flores.

– Hã?

– Estava procurando o telefone de uma floricultura. Vou mandar flores e cartão de desculpas. Garotas gostam de flores, certo?

Olhei para Arthur e vi que ele estava encarando Matheus como se ele fosse maluco.

– Eu não sei, eu nunca recebi flores – murmurei.

– Acho que mandar flores é uma ótima ideia – Arthur me olhou e eu olhei para meu celular.

Respondi a mensagem de Cássio, falando que dali a dez minutos o encontrava. Iria convencer Matheus a ir para casa nesse tempo.

– Flores é uma ótima ideia – falei. – Agora você vai para casa com o Arthur e vai dormir. Amanhã você compra metade da floricultura e volta com a Paloma.

– Tá. – Matheus me olhou como se eu fosse maluca. – Agora devolve meu celular.

Balancei a cabeça e entreguei o celular dele para Arthur.

– Entregue isso para ele amanhã.

Ele concordou e guardou o celular no bolso.

– Agora eu tô indo, Ameba, e vê se não faz algo estúpido como se jogar de uma ponte.

Baguncei os cabelos de Matheus, acenei para Arthur e sai, indo em direção ao bar.

Apesar de ter ficado ao lado de Arthur, ainda estava com raiva dele. Eu sabia que ele não tinha culpa por me considerar uma irmã e talvez essa raiva que eu ainda sentia fosse de mim mesma.

Foi por isso que resolvi ir ficar com Cássio, eu precisava ver que outros garotos me notavam, precisa de um impulso para ver se com isso abandonava, ou não, um plano que já era falido. Eu tinha certeza que até o final da noite já teria desistido. Foi a gostosa d'água ele ter me visto de roupa

indecente e ter falado de mim como irmã, acho que tem certas coisas que por mais que a gente tente mudar continuam imutáveis.

Cássio estava em frente ao bar, muito bonito com a roupa toda preta. Algumas garotas passavam por ele, que não estava dando à mínima, e riam.

– Oi – disse parando a sua frente. – Desculpa a demora.

– Oi, Mel – ele me puxou pela cintura. – Não precisa se desculpar.

– Tudo bem então.

Ele me olhou com uma cara safada e colocou seu corpo no meu. Sempre ouvi falar que Cássio fazia o gênero pega de uma vez e conversa depois, pelo visto era verdade, pela maneira como estava colando seu corpo ao meu.

– Acho – ele sussurrou, os lábios muito próximos dos meus. – Que eu te devo uma dança.

– Não estamos no século dezenove – disse baixinho. – Então não me deve nada.

– Ah, devo sim.

Ele se afastou e me puxou em direção à pista de dança. Uma música desconhecida e um pouco mais lenta começou a tocar, Cássio voltou a colar o corpo no meu. Quando abri a boca para falar, ele pressionou o dedo indicador de leve contra meu lábio inferior e com a mão livre afastou o cabelo de meu rosto. Ele foi se aproximando lentamente, sem afobação como a maioria, e quando pousou os lábios no meu foi um toque suave.

Fiquei na ponta do pé para nos aproximarmos mais e Cássio enlaçou minha cintura, me beijando com mais urgência. Ele tinha cheiro de sabonete e gosto de algo doce. Eu poderia beijá-lo por várias horas seguidas que ainda assim não enjoaria.

Ele se afastou com delicadeza de mim e acariciou meu rosto com a ponta dos dedos, afastando os cabelos de minha testa, depois aproximou

o rosto de meu pescoço e subiu, colando os lábios em minha orelha:

– A gente poderia aproveitar a noite de uma maneira melhor – disse em meu ouvido, fazendo um arrepio percorrer minha coluna.

– De que maneira?

– Poderíamos sair daqui, você poderia ir para minha casa e eu poderia te fazer uma bela massagem.

Afastei-me um pouco dele. Eu já tinha recebido essas propostas antes e também já tinha recusado a maioria delas, mas até quando eu faria isso? Eu não poderia ficar virgem para sempre e também não poderia esperar perder minha virgindade com Arthur.

O plano não estava dando muitos resultados positivos, ele me olhou algumas vezes, mas deixou bem claro na tarde de hoje que me considerava como uma irmã. Será que não estava na hora de eu seguir em frente, partir para outra?

O que eu queria era sexo sem compromisso e Cássio estava me oferecendo isso. Cássio era mulherengo, mas Arthur também não era? Cássio me via como uma mulher e Arthur não.

Estava na hora de eu dar valor para quem me valorizava.

Capítulo 23

Intervenção

A decisão estava tomada: Eu iria para casa de Cássio e pararia com esse plano estúpido que só estava me rendendo calos nos pés e decepções.

– Acho que é uma ótima ideia – falei beijando seu queixo.

– Eu acho que foi uma das melhores ideias que eu já tive moça – ele enlaçou minha cintura com as duas mãos e tirou meus pés do chão.

Cássio me beijou novamente e eu apoiei as mãos em seus ombros, percebendo que eles estavam rígidos e eram largos.

– Sabe moça – ele afastou os lábios dos meus e me colocou no chão. – Eu queria beijá-la desde o primeiro dia em que a vi.

– Deveria ter feito isso então – sorri e o puxei pela camisa para mais perto.

– Ah, mas eu vou recompensar o tempo perdido – ele pegou minha mão e entrelaçou os dedos nos meus. – Pronta para irmos?

A pergunta simples me fez sentir calafrios. Será que eu estava pronta para transar com ele? Será que eu não me arrependeria disso depois? Eu me arrependi de ter tido meu primeiro beijo com Luiz Otávio, será que não aconteceria à mesma coisa em relação a minha primeira vez?

Será que eu não estava tomando uma decisão com base em minha raiva?

– Mel, está tudo bem? – Cássio apertou meus dedos de leve, me trazendo para a realidade. – Vamos?

– Claro.

Ele começou a me puxar em direção à saída. Enquanto o seguia travava uma batalha comigo mesma. Há cinco minutos eu estava decidida a

transar com ele, mas agora não tinha tanta certeza. A situação tinha dois lados: O primeiro era que eu tinha um plano e nesse plano eu perderia a virgindade com meu primeiro amor idiota e o segundo lado era que eu estava prestes a perder minha virgindade com meu colega de faculdade que não era tão idiota, mas que nem me conhecia direito.

Se eu seguisse o lado número um, teria de continuar dando murros em ponta de faca e ficar encarando o fato de que para Arthur eu seria sempre uma garotinha. Agora se eu seguisse o lado número dois, eu perderia a virgindade sem grandes sacrifícios e com alguém que me desejava, mas que era um completo desconhecido e que com certeza não daria uma lembrança inesquecível.

Eu não estava atrás de um álbum de lembranças, eu estava atrás do carpe diem, do não desperdiçar meu tempo... Meus pensamentos foram interrompidos quando alguém agarrou meu pulso e me puxou para trás.

Virei-me e fui surpreendida. Arthur estava me olhando zangado e apertava meu pulso com mais força do que o necessário.

– Solta a garota. – Falou Cássio me puxando para perto de si.

– Eu preciso falar com ela. – disse Arthur soltando meu pulso.

– Não, você não precisa.

Olhei por cima do ombro de Cássio e vi Arthur lançar um olhar homicida para ele. Eu nunca tinha visto aquele olhar antes.

– Tudo bem... – falei saindo de trás de Cássio e parando no meio dos dois, ficando de costas para Arthur. – Eu o conheço e vou falar com ele. Você pode me esperar ao lado da porta, eu já vou lá te encontrar.

– Tem certeza que quer falar com esse cara? – Perguntou franzindo o cenho.

– Uhum. Eu já te encontro lá.

– Tudo bem, qualquer coisa chama.

Cássio me deu um selinho antes de sair. Depois de me certificar

de que ele não voltaria, me virei para Arthur. Ele ainda estava com aquele olhar homicida, encarando as costas de Cássio, pela maneira como fixava os olhos na porta.

– O que foi Arthuro? – Perguntei zangada.

Ele me olhou e sua expressão ficou mais suave.

– Onde você pretende ir com aquela criatura? – Perguntou apontando a direção em que Cássio foi.

Revirei os olhos. Era tudo o que me faltava, o que ele queria? Passar-me um sermão?

– Aonde eu vou, e com quem vou, não é da sua conta Arthur – falei com raiva.

– Só responda minha pergunta Melanie.

– Desde quando eu te devo explicações?

– Dá para responder minha pergunta?

– Você não manda em mim – comecei a bater o pé. – E se quer saber, eu vou para casa dele. Quer saber o que eu vou fazer lá também? Eu te contaria os detalhes, mas acho que você deve conhecer filme pornográfico.

Arthur arregalou os olhos e cerrou os punhos.

– Será que você tem que ser sempre assim?

– Assim como?

– Maluca, absurda e marrenta.

Parei de bater o pé e o encarei. Ele parecia muito zangado, pois estava com uma ruga entre as sobrancelhas, e estava bonito demais com aquela expressão de garoto mal. Notei também que ele estava sem óculos e que isso só enfatizava a expressão de Badboy.

– Você vai ficar só me olhando? – Perguntou com raiva.

– O que você quer que eu faça? – Balancei os braços. – Eu já te falei aonde vou.

– Por favor, Mel – ele deu um passo em minha direção. – Não vá para casa dele.

– Por quê?

– Por que... – ele me olhou, parecendo preocupado. – Porque você não o conhece.

– Ele estuda comigo.

– Ele não deve merecer você.

Balancei a cabeça. Será que Arthur estava bêbado também? Desde quando ele se importava com quem eu ficava?

– Você está bêbado? – Perguntei o avaliando, tentando achar algo que não sabia muito bem o que era.

– Não, eu não bebo quando estou dirigindo.

– Então porque está agindo como um maluco?

Minha pergunta pareceu pegá-lo desprevenido, porque ele arregalou os olhos e deu um passo para trás, depois olhou para os próprios pés e só então olhou para mim.

– Estou tentando te proteger – disse de uma maneira relutante.

– Porque está querendo assumir o lugar de Matheus, já que ele está bêbado, e onde ele está por falar nisso?

– Ele está no carro, dormindo. E eu não quero assumir o lugar dele.

Mordi o lábio. Arthur parecia meio desesperado e isso era estranho, porque ele nunca tinha se metido desse jeito na minha vida antes.

– Então o que quer? – Perguntei de uma maneira mais suave.

– Eu só quero que você não vá para casa daquele cara. Será que é difícil para você ser algo além de piriguete?

Essas palavras me fizeram lembrar aquela vez em que tentei beijá-lo e ele me falou aquele monte de idiotices que me impulsionou para um plano mais idiota ainda.

– Porque não quer que eu vá? – indaguei com raiva. – Eu sou uma vadia pervertida, você mesmo já disse isso antes. Eu sou o tipo de garota que ninguém vai levar a sério, então porque se importa, se já sabe o que vai acabar acontecendo?

Arthur arregalou os olhos e trocou o peso do corpo de um pé para o outro.

– Eu falo algumas besteiras de vez em quando – disse por fim.

– Como agora?

– Não, agora eu estou falando muito sério. Você não pode ir para casa daquele cara.

– Tudo bem, eu levo ele para minha casa – falei isso mais por raiva do que por intenção.

– Melanie... – ele deu um passo à frente e me segurou pelos ombros, parecendo desesperado. – Não leve ele para sua casa e não vá para casa dele.

– Porque está se importando tanto? É pelo que me falou hoje à tarde, por eu ser como uma irmã pra você?

Arthur fechou os olhos e suspirou e eu não soube o que fazer. Toda essa conversa estava confusa. No mínimo a criatura achou que deveria me proteger porque me viu crescer e estava achando que Cássio me faria algum mal.

– Não, eu não estou fazendo isso por achar que você seja como uma irmã pra mim. – Ele abriu os olhos e me puxou para mais perto ainda, eu podia até sentir o cheiro de seu sabonete. – Eu não sou seu irmão, nunca vou ser e nem quero. Eu só estou pedindo para você não ir para casa de um desconhecido. E sim, eu sei que ele estuda com você, mas ainda é um desconhecido e eu não quero que ele te machuque em nenhuma das formas possíveis. Entendeu?

Arthur segurou meu queixo com delicadeza, deixando seus

olhos ao mesmo nível dos meus. A proximidade me deixou tonta, eu nunca tinha ficado tão perto dele antes, ou melhor, ele nunca tinha me mantido tão perto.

– Hã, acho que entendi – murmurei.

– Então você não vai para casa dele?

– Não.

A resposta escapou de meus lábios antes que eu pudesse pensar em outra coisa e naquele momento, com ele tão perto e preocupado comigo, eu soube, soube que faria dele meu por uma noite, nem que eu tivesse calos nos pés e tivesse que desfilar nua pelo condomínio.

– Graças a Deus – Arthur suspirou. – Promete?

– Prometer?

Ele soltou meu queixo e estendeu a mão, deixando só o dedo mindinho levantado, me fazendo lembrar de que tinha sido eu a ensiná-lo a jurar desta forma.

– Tudo bem – enlacei meu dedo mindinho no dele. – Promessas desse jeito não são quebradas. Então eu prometo que não vou para casa dele. Quer que eu prometa não falar palavrão também?

– Ah, eu não me importo com isso – ele sorriu.

– Certo. Agora eu vou lá dispensar o pobre do Cássio.

Arthur desenlaçou o dedo do meu e eu dei um passo para trás.

– Se você quiser eu posso bater nele – ele falou colocando as mãos nos bolsos da calça.

– Acho que não vai precisar, mas qualquer coisa eu te aviso.

– Tudo bem. Tchau Melanie.

– Tchau.

Antes que eu me virasse para ir falar com Cássio, Arthur me puxou pelo pulso e me deu um beijo na testa.

– Você é a garota mais marrenta que eu conheço.

Ele não me deu tempo de resposta e saiu e eu fiquei olhando para suas costas, sem entender muito aquela reação maluca que teve.

– Nossa, gente, o que foi isso?

Ao ouvir a voz familiar e espantada, olhei para o lado e vi Ramona. Ela estava encostada em um pilar, ao lado de Pietro.

– Nossa Mona – coloquei a mão no peito. – Eu tinha me esquecido completamente de você.

Ela olhou para Pietro e sorriu e ele sorriu de volta, parecendo abobalhado.

– Acho que você se esqueceu do mundo, amiga.

– Você viu aquilo? – Apontei para porta, meio abobalhada.

– A gente viu e ouviu tudo, desde a parte da briga por ele não querer que você saísse com Cássio, até a parte do beijo na testa.

– E a frase de efeito também – acrescentou Pietro.

– Nossa, vocês estão piores que jornalistas. – falei sorrindo.

– Na verdade, eu vim perguntar se você se importava de Pietro ir lá para casa, mas antes que eu pudesse falar, teve o dilema dos dois homens querendo sua pessoa.

– Na verdade um deles só queria me proteger e eu não me importo de Pietro dormir lá porque ele vai ficar no seu quarto e não no meu.

– Obrigada Mel – Pietro me agradeceu sorrindo. – E eu acho que o cara que queria te proteger estava louco de ciúmes, mas é só suposição.

– Eu não gosto do babaca – Ramona fez uma careta. – Mas ele estava com ciúmes e preocupado e querendo te proteger do lobo mal e ele também deixou claro que não era como irmão.

Um sorriso involuntário surgiu em meu rosto. Será que a joça do meu plano estava dando resultados?

– Pronta para irmos Mel?

Olhei para trás e vi Cássio. Ele estava mais sério do que antes e também estava me estendendo a mão.

– Não vai dar para eu ir – falei olhando para Ramona, pedindo ajuda com o olhar.

– Ela está com alguns problemas familiares. Foi por isso que aquele rapaz estava falando com ela. – Ramona acrescentou. – A Mel vai ter que ir para casa, coitadinha.

– Ah, tudo bem então – Cássio resmungou, parecendo decepcionado. – A gente se vê por aí.

– Desculpa – acrescentei quando ele estava se virando.

– Tudo bem Mel – ele forçou um sorriso. – Fica para a próxima, ou talvez não.

Ele saiu e eu abracei Ramona, agradecendo pela ajuda.

– Agora vamos para casa? – Perguntei incapaz de conter um sorriso idiota.

– Vamos. Pietro está de carro e leva a gente. Ele ainda pode dormir lá né?

– Já disse que sim.

Eles sorriram e deram as mãos. Eu andei ao lado deles, meio desligada da conversa, só conseguia pensar no que Ramona e Pietro falaram. A coisa sobre o ciúme.

Assim que chegamos a nosso apartamento, Ramona e Pietro foram para o quarto. Eu fui para a sacada e fiquei olhando o céu estrelado por um longo tempo, pensando em todos os acontecimentos do dia longo que tive. Da mudança repentina de atitude de Arthur, na verdade eu só conseguia pensar naquele olhar desesperado na mesma altura dos meus e do cheiro limpo e bom de seu sabonete.

As reações controversas de Arthur eram uma pequena prova de que meu plano estava dando certo, então seria burrice de minha parte desistir nessa altura do campeonato.

Motivada por estas constatações, peguei meu bloquinho em cima da geladeira e comecei a traçar as novas etapas de meu plano. A parte sobre eu usar roupas curtas deu um pouco certo, ele olhou para meu corpo, mas eu teria de tomar cuidado para não ser apelativa demais. Eu não podia conquistá-lo pela vulgaridade.

Outro ponto que teria de ser trabalhado era o do grande dia. Sim, porque não adiantava eu planejar maneiras de seduzi-lo sem pensar em como o colocaria na minha cama. Esse era o principal problema, como eu convenceria Arthur a vir até minha casa, ou eu ir à dele?

A parte sobre eu ir a casa dele com certeza estava descartada. Arthur era racional demais para ter um acesso de hormônios e me levar para lá, agora se eu o trouxesse para o meu apartamento as coisas seriam mais fáceis.

Comecei a tamborilar a caneta no tampo da mesa. Que motivo seria forte o bastante para trazer Arthur para cá? Ataque de barata? Não, ele sabia que eu não era fresca a ponto de ter medo de inseto, portanto essas ideias clichês de mulherzinha estavam descartadas.

Olhei para minha pequena cozinha e então surgiu a ideia mais brilhante que meu cérebro cansado seria capaz de ter.

Capítulo 24

Convite

– Estou te falando, Mona, essa foi umas das melhores ideias que eu já tive.

Ramona me encarou. Estávamos em nossa pequena cozinha, almoçando bife com batata frita, e eu tentava lhe explicar minha ideia mais do que genial.

– Então, ontem depois que chegamos, você ainda teve energia para pensar nisso? – Ela perguntou enquanto pegava a última batata frita, que por um acaso estava em meu prato.

– Tive, assim como você teve para transar com Pietro.

– Tudo bem, eu não falo nada mais referente à energia. Mas eu acho que esse seu plano vai dar certo. É uma boa ideia.

– Wow, Ramona Brito achou que eu tive uma boa ideia. – comecei a bater as palmas das mãos no tampo da mesa, imitando o rufar de tambores. – O que transar não faz com as pessoas.

– Para com isso – ela me repreendeu sorrindo.

– Já parei, mas você está com cara de boba alegre.

– Você também.

– É só porque tive uma ideia genial que vai finalizar um plano nem tão genial.

– Tá bom, nem foi porque Arthur te impediu de cometer uma insanidade e cara, agradeça a ele, porque eu tenho certeza que você se arrependeria se tivesse levado aquela ideia maluca adiante.

Não respondi por que ela estava certa, se eu tivesse levado aquela ideia adiante com certeza estaria arrependida. Cássio só queria transar comigo, da mesma maneira que eu só queria transar com Arthur, só

que no meu caso, a pessoa tinha significado muito.

– Não faça essa cara de peixe – Ramona falou enquanto se levantava e colocava nossos pratos na pia. – Você sabe que eu estou certa.

– Tudo bem, eu sei que está certa – resmunguei me levantando.

– Ótimo, eu adoro estar certa. Que tal vermos filmes a tarde toda?

– Acho bom.

Ramona lavou a louça e foi se sentar na sala comigo. Assistimos a vários filmes bobos enquanto ela falava que por enquanto as coisas entre ela e Pietro estavam boas, mas que na semana seguinte não sabia se continuaria assim, pois eles eram imprevisíveis demais. Devo acrescentar que eu não vi nenhuma imprevisibilidade na maneira nada discreta que eles se despediram de manhã.

Na segunda não acordei com o som do despertador, mas sim com o barulho de um pato grasnando, anunciando que algum sem noção estava me ligando às seis da manhã:

– Alô – falei com a cabeça ainda embaixo do travesseiro e totalmente impossibilitada de abrir os olhos.

– Melanie Beatriz, filha ingrata do capiroto! – Gritou a pessoa sem noção.

– Mãe... Mãe é você? – Perguntei identificando a maneira de falar Beatriz, estendendo o “i” do final.

– Claro que sim.

– Nossa mãe... – tirei o travesseiro do rosto e me virei. – Precisava me ligar a este horário?

– Eu levanto neste horário para correr – ela explicou ofegante e eu percebi que ela deveria estar correndo. Coisa irônica minha mãe ser geração saúde e eu geração sofá. – E como você nunca mais deu notícias, eu

resolvi parar de ser a mãe moderna que não perturba os filhos e passar a ser a possessiva.

– Você não perturba mãe – resmunguei tapando os olhos com o braço.

– Acho que sim, você não deu mais notícias filha, sumiu. Eu sei que está viva porque seu irmão e Arthur dizem que te encontram no trabalho e nessas boates. Eu e seu pai estamos com saudades.

Tirei a mão do rosto e me sentei na cama. Um enorme peso começou a preencher meu peito e eu me senti a pessoa mais egoísta do mundo. Em todo esse tempo morando sozinha, eu só conseguia pensar em baladas, planos de sedução e nada da minha família. Isso era egoísmo porque até bem pouco tempo atrás eu os via todos os dias e comentava sobre quase tudo com minha mãe. Levou muito tempo para estabelecermos uma relação de verdade, do tipo mãe e filha, e isso se deve por inúmeros motivos e eu e meu egoísmo destruimos tudo isso em pouco tempo.

Sem falar no meu pai. Quanto tempo fazia que eu não falava com ele mesmo? Várias semanas para falar a verdade e desde quando eu era desligada a ponto de não falar com meu pai, que sempre foi à pessoa, que depois de Matheus, mais me ajudou e cuidou de mim?

– Me desculpa mãe – falei com voz embargada. – Eu tenho sido muito relapsa com vocês.

– Não te liguei para te fazer se sentir culpada, filha, era só para lembrar que a gente, eu e seu pai, existimos e te amamos.

– Eu também amo vocês – sequei as lágrimas que estavam transbordando de meus olhos com o polegar. – Prometo que vou parar de ser egoísta e ir visitá-los. Hoje eu vou aí, vou almoçar com vocês.

– Melanie, a gente não quer te obrigar a vir aqui.

– Não estão obrigando, eu vou porque quero. Acho que vou com Matheus.

– Matheus não vai trabalhar hoje, está indisposto. Ontem tomou outro daqueles porres, dessa vez em um bar aqui perto. Aquela menina lá, a Paloma, não quis aceitá-lo de volta e a solução dele foi tomar uísque barato. Arthur o trouxe para casa de novo, eu até admiro ele não ter dado uns socos no seu irmão, que estava insuportável naquela versão melodramática.

– Acho que agora eu preciso ir urgente aí mesmo.

– Venha sim, querida, quem sabe você coloca algum juízo na cabeça daquela criatura que eu pari com tanto amor.

– Credo mãe, a senhora também tem uma veia para o drama.

– Bebê, eu vi muita novela mexicana enquanto trabalhava. Agora deixa eu ir terminar minha corrida, seu pai está todo sexy me esperando na praça.

Ela desligou e eu comecei a rir. Só minha mãe mesmo para agir como se tudo fosse piada, eu a admirava por isso. Houve um tempo em que ela e meu pai brigavam por tudo, foi nessa época que Matheus resolveu que era sua obrigação cuidar de mim. Foi uma época um pouco longa demais, mas meus pais conseguiram superar isso e agora todo final de ano comemoram a união com uma décima – ou nona – lua de mel.

Depois de falar com minha mãe, me levantei; tomei banho, um gole de suco de laranja velho e fui trabalhar. Não tive muito tempo para pensar naquela parte crucial do plano que tinha falado para Ramona, estava tudo corrido demais, nem tive tempo de perguntar as novidades a Mari, mas ela e René pareciam felizes.

Quando o horário do almoço chegou, sai correndo para conseguir pegar o ônibus e chegar a tempo na casa de meus pais. Isso me lembrou da época em que eu ainda morava lá e nas poucas vezes em que tinha de ir de ônibus para almoçar. Foi uma época divertida e em alguns momentos melancólicos eu podia jurar que ter colo de mãe na época de

TPM era muito melhor do que morar sozinha e descontar a raiva em chocolate, que virava espinhas e gordura localizada na minha bunda.

Assim que abri o portão de ferro azul, de frente para o jardim de margaridas e margeando a trilha de pedras brancas que levava a porta, minha mãe veio me receber. Ela estava linda, com um vestido preto e avental florido.

– Oi, meu amor – ela me abraçou e eu aspirei o cheiro de seu perfume. Poderia passar um milhão de anos, mas cada vez que eu sentisse o cheiro do perfume *Acqua Fresca*, eu me lembraria de minha mãe. Parecia que aquele cheiro era só dela.

– Oi, mãe. – A abracei bem forte, como quando era pequena e queria me esconder de algum mostro que ficava no meu armário, mas que na verdade era só minha meia de lã furada.

– Você está linda filha – ela me afastou e analisou minha roupa: Calça jeans um pouco velha e camisa. – Mas ainda continua se atrasando na segunda-feira.

– Na verdade era só sem disposição para me arrumar – expliquei.

– Tudo bem, uma mãe entende quando a filha se arruma só quando é conveniente. Seu irmão às vezes fala das suas saias curtas demais.

– Você sabe mãe... – Começamos a andar. – Uma mulher se arruma quando é preciso...

– Mas sem nunca deixar o necessário de lado. – Ela completou.

Quando abri a porta da sala, encontrei os braços de meu pai abertos para me receber, me aninhei neles e aspirei seu cheiro bom: Colônia masculina, hortelã e cigarro, a parte do cigarro era um segredo que ele dizia que era só nosso e que mamãe não podia saber, mas ela sabia e fingia que não, porque era um cigarro na hora do estresse e dois na hora que o time do coração estava perdendo, mas nada além.

– Estava morrendo de saudades pai – falei com o rosto afundado em seu peito.

– Imaginei que tinha se esquecido do seu velho aqui, Melanie – ele me segurou pelos ombros, me afastando de si e me analisando, como a mãe tinha feito há pouco. – Está ainda mais linda filha.

– Obrigada pai, você também não está nada mal.

Ele sorriu e passou o braço ao redor de meus ombros, me conduzindo para a cozinha. Quando cheguei lá, à mesa já estava posta e Matheus estava sentado em seu lugar de sempre, na ponta da mesa, ele parecia verde e infeliz.

– Jesus, Matheus – falei me afastando de nosso pai e me sentando ao seu lado. – O que você tem?

– Nada – resmungou. – Eu tô bem e não enche Mel.

Olhei para minha mãe, que balançou a cabeça, sinalizando para eu não insistir. Tive vontade de localizar a tal da Paloma e quebrar a cara dela.

– Como está indo a faculdade, filha? – Perguntou meu pai se sentando na cabeceira da mesa.

– Na de sempre pai, semana que vem começa a semana do saco cheio e depois começa a semana de provas. Esse ano resolveram adiantar a semana para podermos estudar.

– E você está gostando? – Ele arqueou uma sobrancelha, esperando a resposta que eu sempre dava.

– Eu não sei pai, um dia descubro.

Ele e minha mãe se olharam e começaram a rir, já estavam acostumados com minha falta de animo com a publicidade.

– Hoje eu fiz lasanha – anunciou mamãe, para desespero de papai e certo pessimismo de minha parte.

– Que bom – resmunguei tirando os talheres de dentro do

guardanapo de linho e olhando para a travessa fumegante à minha frente. – Algum ingrediente exótico?

– hoje não. – Ela disse enquanto cortava uma generosa fatia e a colocava em meu prato. – Tem frango, creme branco e palmito. Do jeito que você fazia.

Cutuquei com o garfo para verificar se tinha algum elemento estranho e com muita cautela, comi um pedacinho mínimo. O gosto era surpreendente e de um jeito bom.

– Nossa! – Exclamei. – Isso está muito bom.

– Sério? – Meu pai não pareceu acreditar muito, mas colocou um pedacinho pequeno para dentro. – Nossa, amor, foi você que fez?

– Claro Indiana Jones – ela beijou a bochecha dele. – Com uma pequena ajuda da internet.

– Eu sabia que um dia você acertaria querida – ele se levantou e a abraçou. – Espero que nunca mais misture cenoura em lasanha novamente.

– Vou tentar não fazer isso.

Eles se sentaram e começamos a comer. Depois de alguns minutos, nós três olhamos para Matheus, esperando que ele participasse da conversa, mas ele estava muito entretido com a lasanha, separando o molho do frango e deixando o palmito na borda do prato.

– Matheus Guilherme... – mamãe o cutucou com o cabo da faca. – Eu fiquei desde as oito da manhã tentando fazer uma comida descente, não faça essa desfeita comigo. Coma o que tem no prato.

– Desculpa mãe. – Ele levantou os olhos do prato. – Eu não tô com fome.

– Quer uma sopa? – ela propôs, parecendo preocupada, na verdade todos nós estávamos. Ele nunca tinha ficado desse jeito antes. – Eu faço a do pacotinho, nem invento nada.

– Não precisa mãe – ele forçou um sorriso. – Eu estou com dor de cabeça.

– Fala sério – falei o cutucando com o pé. – Você vai deixar de provar a primeira comida boa que a mãe fez por causa daquela garota idiota que não te quer de volta?

– Ela não é idiota e eu pedi desculpas. Agora não enche Melanie, você não sabe o que eu estou sentindo porque é pirralha demais para entender.

– Respeite a sua irmã garoto. – Papai o repreendeu. – Ela veio nos visitar e merece ser tratada com respeito, além de só querer o seu bem. Ninguém tem culpa de você ser um tolo impulsivo e nem a garota tem culpa, você a mandou para o inferno.

– Tudo bem – ele se recostou na cadeira. – Desculpa Melanie.

Arqueei os ombros, indicando que tudo estava bem e voltei a comer. Resolvemos deixar Matheus imerso em sua bolha de fossa. Depois que todos terminaram de comer, ele se retirou.

Não pude ficar ajudando minha mãe a limpar a cozinha, ou aproveitar mais a companhia deles, tinha de trabalhar. Meu pai insistiu para me levar de volta para o trabalho e eu aceitei.

– Não se esqueça da gente de novo – minha mãe falou enquanto me entregava um pote com o que tinha sobrado da lasanha. – Está aqui o seu jantar de hoje e não coma só bife com batata frita. Não se esqueça de que já teve anemia e precisa de muitos legumes por causa das vitaminas e não deixe de tomar seu suco de laranja, mas não o de caixa, tome o natural, dá mais trabalho, eu sei...

– Mãe... – Eu a interrompi. – Eu sei tá e não estou comendo só batata frita.

Na verdade eu estava sim, mas se eu admitisse isso, ela iria para minha casa e puxaria minha orelha ao ver que nos armários só tinha macarrão instantâneo, bolacha, chocolate e arroz.

– Eu te amo – acrescentei a abraçando. – E me liga quantas vezes quiser, eu sou muito desligada com o celular.

Ela me deu um beijo na bochecha e abriu a porta do carro para eu entrar.

– Vou tentar te ligar depois das seis da manhã – acrescentou enquanto apontava para o cinto de segurança e fechava a porta.

Eu sorri e acenei, enquanto o carro se afastava de minha antiga casa, percebi que só notamos como as pessoas da família fazem falta quando estamos longe delas.

Meu pai me deixou em frente ao prédio onde trabalho um pouco depois do horário. Ele se despediu com um abraço caloroso combinado com beijo na testa e um titubeante “Eu te amo”. Deu para notar seu embaraço ao dizer isso, juntamente com um pequeno acréscimo de “Não se esqueça de que seu velho pai continua no mesmo lugar”.

Eu não gostava muito quando seu Marcus se referia a si mesmo como um velho, parecia que ele tinha um prazo de validade. Eu sabia que todos nós tínhamos um, mas preferia acreditar que ele e minha mãe eram diferentes da maioria.

Olhei para o pote com lasanha em minhas mãos e sorri. Mamãe tinha finalmente acertado a comida e isso era tão surreal. Tudo o que ela sempre cozinhou ao longo de toda a minha vida se resumia a gororobas que ela tentava fazer serem saudáveis.

Estava pensando na evolução de minha família quando entrei no prédio e enquanto apertava o botão para chamar o elevador.

– Esqueceu-se de esmurrar o botão hoje?

Arthur parou ao meu lado e eu escancarei a boca. Ele estava com

os cabelos desalinhados e camisa preta por fora da calça, que era jeans e desbotada. A palavra certa para defini-lo era gostoso e eu não sabia se era gostoso pela camisa colada, ou pelos coturnos que não combinavam com sua personalidade nerd, ou ainda por aquela barba rala que lhe dava um aspecto desleixado.

– Não vai entrar no elevador Mel? – Ele perguntou me trazendo de volta para a realidade.

– Hã, elevador? – Balbuciei de forma patética, vendo as portas fechar.

– Sim, lata metálica que transita entre os andares... – ele apontou para as portas. – Aquele que você deixou fechar por estar pensando em sei lá mais o que.

– Desculpe – murmurei apertando o pote de lasanha com as duas mãos. – Estava distraída.

– Ah, eu percebi, deve ter sido um belo almoço – ele apontou para o pote.

– Foi minha mãe que fez.

– A tia Carmem? – Ele arregalou os olhos.

– Aham, ela acertou. – Expliquei um pouco nostálgica. Ele chamar minha mãe de tia fazia eu me sentir uma garota boba novamente, aquela garota que sentava ao lado dele na mesa do jantar de maneira proposital.

– Tem cenoura, ou bacon, aí dentro? – Perguntou colocando a mão em meu ombro e me empurrando para dentro do elevador.

– Não, ela fez uma lasanha simples. – Tentei ignorar a sensação que sua mão provocava em minha coluna.

– Nossa isso é inacreditável – Arthur tirou a mão de meu ombro e apertou o botão de seu andar.

Ele encostou-se à parede metálica de maneira casual. Desviei os

olhos, pois não queria ficar cobiçando o que não era meu. O fato de eu ter constatado que ele não era meu, me fez me lembrar de sábado, e da minha ideia mais do que genial.

– Arthur... – falei dando um passo e ficando a centímetros dele. – Eu preciso que você faça uma coisa por mim.

– Hã – ele arregalou os olhos daquela maneira fofa. – O que você quer que eu faça, por um acaso é ilegal? Porque se for eu estou fora.

Dessa vez quem sorriu fui eu. O que eu faria não era ilegal, era até bastante clichê para falar a verdade.

– Eu quero te convidar para um jantar – falei mordendo o lábio. – Lá em casa.

– Por quê? – Perguntou passando a mão nos cabelos e os deixando ainda mais revoltados.

– Quando uma pessoa te convida para jantar, você não pergunta o motivo – fiz uma careta. – E você disse que só não faria algo ilegal.

– Não, eu perguntei se não era algo ilegal.

Eu tinha planejado essa parte, na verdade o fato dele não aceitar estava no plano, mas a desculpa perfeita também estava.

– Vou te explicar o bagulho...

Bem nessa hora o maldito elevador parou no andar dele. Arthur arqueou os ombros, como se estivesse dizendo que precisava sair. Ele saiu do elevador e eu o segui, não podia desperdiçar a oportunidade.

– Você não tem que trabalhar? – Perguntou enquanto andava em direção à construtora.

– Eu tenho sim – quase tive de correr para acompanhá-lo. – Mas também preciso que você jante comigo.

Arthur parou de andar e se virou, ficando a poucos centímetros de mim.

– Porque precisa que eu jante com você?

– Porque... – respirei fundo e rezei para o Seu cupido estar por perto. – Ramona vai levar Pietro para jantar lá e eu estou cansada de segurar vela, você não sabe como eles são ridículos falando com aquela vozinha de bebê. E você sabe que segurar vela é um saco.

– E onde eu me encaixo nisso?

– Se você for jantar lá, eu vou ter com quem conversar – dei meu melhor sorriso inocente. – Apesar de você ser chato pra caralho.

Arthur me encarou e arqueou as sobrancelhas.

– Ah, qual é? – Fiz um beicinho. – Você mora no prédio da frente, não vai ter trabalho nenhum. Por favor.

– Quando é esse jantar? – Perguntou fazendo uma careta.

– Sexta-feira da semana que vem? – Arqueei as sobrancelhas.

– Isso é uma pergunta, ou uma afirmação?

– Uma afirmação.

Ele passou a mão nos cabelos novamente e me olhou, depois balançou a cabeça, parecendo contrariado.

– Tudo bem – disse por fim. – Só me fale o horário.

– Sério? – Arregalei os olhos, o Seu Cupido deveria estar de bem com as flechas.

– Uhum, seu beicinho me convenceu hoje.

– Quer dizer que ele foi fofo? – Não pude perder a provocação.

– Não. – Ele resmungou dando um passo para trás. – Mas eu não queria você me infernizando eternamente, então aceitei.

Não pude me conter, dei dois passos e o abracei com um só braço, a droga do pote me atrapalhou e eu não queria causar um acidente. Ele me abraçou de volta, parecendo sem jeito. Senti aquele cheiro bom de sabonete de novo e desejei poder deslizar meu nariz por seu pescoço, mas me afastei antes que fizesse algo estúpido.

– Às vezes você nem é tão chato, mas é só de vez em quando.

– Isso é reconfortante Melanie – ele sorriu. – Eu me esforço muito para não ser chato por uns momentos.

– Eu vou fingir que acredito, mas é só para ser educada.

– Você não é educada – ele apertou a ponta do meu nariz com o dedo indicador, da mesma maneira que fazia quando eu tinha quatorze anos e acertava o mínimo múltiplo comum.

– Eu me esforço muito para não ser mal educada por alguns momentos.

– Eu não vou fingir que acredito – ele deu um passo para trás. – Porque meu momento de ser legal já passou.

– Tudo bem, e o meu de ser educada também.

– Então acho que é hora da gente ir fazer alguma coisa útil.

– Está dizendo que conversar comigo é inútil? – O provoquei, mas só para não perder a mania.

– Tchau Melanie – Arthur tentou não sorrir, mas não teve sucesso. – Você tem que trabalhar e eu também.

– Tudo bem, Arthuro. Tô indo embora.

– Tchau e se me chamar de Arthuro de novo, você vai segurar vela e juro que eu até contrato alguém para fazer uma serenata ridícula para eles.

Comecei a rir, ele estava fofo daquele jeito irônico. Na verdade eu adorava aquele jeito irônico, era uma pena que ele raramente aparecesse.

– Tchau – acenei com a mão livre. – Não vou arriscar.

– Garota esperta.

Sorri e virei às costas, indo em direção ao elevador. Minha ideia mais do que genial estava funcionando, em parte.

Capítulo 25

O lado azedo do amor...

Cheguei à recepção saltitante como um grilo. Mariane até parou de mexer no computador para me olhar.

– O que aprontou agora? – Perguntou de uma maneira carinhosa, como se já aguardasse mais alguma ideia mirabolante.

– Não aprontei nada – sentei no tampo de sua mesa. – Ainda vou aprontar, na sexta da semana que vem. Primeiro dia da semana do saco cheio.

– Ah, claro – ela apoiou o braço em minha perna. – Você resolveu pegar mais pesado.

– Não, eu pensei em desistir, mas daí ele me impediu de sair com Cássio e disse que não estava agindo como meu irmão, que não queria isso, mas também não queria que eu fosse machucada. Então eu decidi seguir em frente com o plano, porque com o incentivo certo, ele vai acabar na minha cama.

– Talvez de certo – ela franziu os lábios. – Na sua festa, ele falou que você era gostosa e proibida.

– Verdade – sorri. – Não me lembrava disso, mas se ele me acha gostosa, então podemos chegar onde eu quero.

– Hã – Mariane coçou a cabeça, parecendo constrangida. – Só que quando ele disse isso, ele e René estavam bêbados, então não leve muito isso em consideração.

– Eu nem me lembrava disso, Mari – dei de ombros. – Pela atitude dele sábado, se eu me esforçar um pouco mais eu consigo o que quero.

– E depois?

– Como assim?

– O que você vai fazer depois de conseguir o que quer?

Encarei Mariane como se ela tivesse duas cabeças e quarenta dedos. Como assim, o que eu faria depois? Eu não tinha pensado nisso, mas... Bem o que eu faria depois... Era óbvio que eu... Eu continuaria com minha vida, claro, eu poderia sair com alguns caras e me interessar de verdade por algum deles. Eu não acreditava na instituição do casamento, mas acreditava no Carpe Diem, então era óbvio que eu iria continuar aproveitando tudo o que a vida poderia me oferecer.

– Vou continuar aproveitando a vida – disse por fim, pulando da mesa.

– Então porque demorou tanto para responder?

– Porque as pessoas pensam em uma resposta antes de falar?

– Não me enrola, você não pensou o que vai fazer depois que esse plano acabar, porque no último mês está focada nisso e depois? Você vai se contentar com a vida como era antes?

– Mari, eu estou curtindo a liberdade de morar sozinha e vou continuar curtindo isso.

– E seu coração, será que ele vai querer continuar curtindo a liberdade?

– A gente utiliza o cérebro para pensar e não o coração, a função dele é fazer merda e bombear o sangue.

Mariane mordeu o lábio e me olhou de cara feia, encolhi os ombros, como se estivesse acabado de falar algo simples, como o mínimo múltiplo comum da vida.

– Melanie, você já parou para pensar que está brincando com alguém experiente? Sei que isso vai parecer rabugice, ou algo pudico, da minha parte, mas você já pensou que o Arthur é sete anos mais velho do que você e que talvez não caia na sua lábia tão facilmente quanto os outros?

Não sei que desculpa usou para fazê-lo ir para seu apartamento, mas será que quando ele souber suas verdadeiras intenções não vai dar o fora, ou te passar uma bronca, como naquele dia do beijo?

Cruzei os braços e olhei para o chão, tentando desvendar o intricado dos azulejos e afastar com a ponta do sapato uma sujeira minúscula da parte das divisórias. O que Mariane falou já havia passado pela minha cabeça, uma pequena parte racional de meu cérebro sábia que isso acabaria muito mal, mas ela não era maior do que a parte ofendida, aquela que se sentia humilhada ainda pela atitude de Arthuro perante um beijo e a que se lembrava dele como o seu primeiro amor e eu não podia deixar a parte racional vencer essa.

– Eu já pensei nisso Mari... – Falei ainda olhando para meus pés.
– Mas eu não posso deixar de lado o fato de que ele sente alguma atração por mim, eu usei roupas minúsculas, agi mal nessa parte, reconheço, mas bastou eu deixar uma parte de mim ser misteriosa e mais inconsequente perto dele para despertar um lado um pouco protetor e que viu que eu cresci, se eu continuar assim ele pode me querer.

– Eu não vou me meter, ou ser contra, Mel, eu só quero seu bem. Vou tentar falar com René de maneira despretensiosa, saber por alto o que o Arthur está achando disso tudo, farei o possível para evitar que isso acabe mal, embora eu concorde com Ramona na questão do resultado.

Concordei com um aceno, eu não tinha muito o que falar, Mariane era minha amiga e queria meu bem, se eu tivesse no lugar dela faria a mesma coisa e se eu fosse um pouco mais ajuizada desistiria disso de uma vez por todas e agiria como uma garota normal, teria minha primeira vez de maneira casual e seria horrível, mas eu não queria me arrepender disso mais tarde e mesmo que eu não tivesse nenhuma chance eu não desistiria e eu estava tão perto, seria idiotice desistir nessa altura. O próprio Arthur me impediu de ser inconsequente e me deu um beijo na testa, um beijo que não foi de feliz aniversário ou por eu ter tirado um dez

em matemática, ou ainda por ter ralado os joelhos e não chorado.

– Eu vou ver no que isso vai dar – disse com uma voz que soou estranha até para mim. – Depois é dar continuidade na vida.

Não dei tempo para Mariane argumentar, fui para minha sala e mergulhei no serviço, não me dando nem tempo de pensar em mais nada, depois fui para a faculdade e conversei com Jean, Cássio estava me ignorando totalmente.

Jean e Marcela ainda estavam naquela fase de se conhecer e o mais legal de tudo foi que ele não deu em cima de mim nenhuma vez, fiquei feliz de ver que meu plano deixou alguém feliz.

Falei sobre isso com Ramona enquanto caminhávamos a curta distância da faculdade até nosso apartamento, ela resmungou algo e disse que pelo menos alguém teria de se dar bem no meio de toda essa maluquice. Ela estava de mau humor por algum motivo qualquer, pela maneira como descartou minha pergunta deduzi ser sobre Pietro. O único problema que sempre deixava minha amiga sem disposição para falar dos seres humanos poluidores. e do benefício das caminhadas, era problema com garotos.

Assim que entramos em nosso condomínio, Ramona suspirou de forma entrecortada, estava prestes a lhe perguntar o motivo de tanto tédio aparente, quando olhei para as escadas de nosso prédio e vi...

– O que Arthur está fazendo ali? – Perguntou Ramona antes que eu pudesse deduzir alguma coisa. – Ele não mora no prédio em frente, aquele dos playboys ricos e bem sucedidos?

Revirei os olhos, será que ela sempre tinha que fazer uma piadinha de mal gosto a respeito dele?

– Eu espero que você não fale nenhuma besteira – disse lhe dando um cutucão enquanto nos aproximávamos das escadas. – Juro que taco fogo naquelas suas flores se falar algo que me envergonhe.

Ela não teve tempo de responder, porque Arthur levantou das

escadas e veio nos encontrar. Cruzei os dedos e rezei que ele não viesse cancelar o jantar, porque senão toda a engenhoca final do meu plano ia por água abaixo.

– Posso falar com você? – Ele perguntou antes que uma de nós o cumprimentasse.

– Não se importem comigo, já estou indo – falou Ramona interrompendo minha resposta. – E nem se preocupe em cumprimentar as pessoas, Arthur.

Arthur olhou para ela de maneira embasbacada e eu tive que conter o impulso de puxar algum daqueles seus cachos ruivos.

– Ela está num daqueles dias de humor ruim – expliquei olhando de maneira raivosa para as costas dela, como se mísseis pudessem escapar de meus olhos. – Mas o que queria falar comigo?

Arthur coçou o olho por baixo da lente dos óculos e sentou no último degrau da escada, parecendo preocupado, sentei ao seu lado, jogando a bolsa no chão.

– É sobre seu irmão – ele falou, apoiando os braços nos joelhos.

– O que tem ele? – Virei-me em sua direção. – Andou tomando uísque barato de novo?

– Acho que isso é tudo o que ele tem feito ultimamente. É por isso que eu vim falar com você. A gente tem que ajudar ele a sair disso.

– Eu tentei falar com ele hoje, mas ele foi grosseiro e disse que eu não entendia o que ele estava passando.

– Ele disse a mesma coisa para mim, e o que está me deixando preocupado é que ele não está vindo trabalhar. Não que ele não possa faltar e ficar em casa, ele é dono de lá também, mas seu irmão nunca foi de beber, ou arrumar brigas, quem sempre arrumava brigas era eu.

Encarei Arthur, meio abobalhada. Sei que deveria estar pensando em ajudar meu irmão e lógico que estava também, mas não podia

deixar de lado o fato de ele ter dito que arrumava brigas. Eu lembrava vagamente de que ele quase foi expulso do colégio uma vez e que antes de ser amigo de Matheus os dois tinham brigado. Meu irmão disse que Arthur era meio revoltado.

– Matheus sempre foi calmo – murmurei olhando para o chão, tentando manter meus pensamentos longe de Arthur e das vezes em que ele chegava com algum hematoma lá em casa.

– É por isso que eu estou preocupado. Ontem ele bateu em um cara no bar por nada.

– Isso tudo foi por causa da Paloma – comecei a roer a unha do polegar ao constatar minha própria culpa. – E minha também, porque eu que fiquei falando para ele terminar com ela.

Arthur ajustou os óculos e olhou de cara feia para mim, isso fez eu me encolher, porque talvez ele tenha constatado minha culpa também.

– Isso não é sua culpa – ele cruzou os braços. – Matheus nunca iria ouvir a opinião da irmã mais nova, cabeça de vento ainda por cima. Então não se culpe.

Fiz uma careta. Porque ele sempre tinha que ressaltar que eu era cabeça de vento, até quando o assunto nem era eu?

– Eu tenho vinte anos – falei com raiva. – Acho que minhas opiniões são coerentes, a não ser neste caso, então pare de achar que eu sou uma garotinha indefesa de cinco anos que não tem opinião própria. E se eu sou tão cabeça de vento porque veio pedir minha ajuda?

– Eu não te chamei de criança, porque sei que não é. Então pare de se ofender e eu vim pedir sua ajuda porque ele é seu irmão e você não tem medo de falar a verdade na cara dele, já que seus pais claramente estão evitando tocar no assunto, sua mãe disse que é melhor ele ficar em casa do que no bar da esquina, por isso passa a mão na cabeça dele.

– Você está criticando minha mãe? – Perguntei cruzando os braços. Não tinha gostado da maneira como ele havia falado.

– Claro que não! Tia Carmem é como uma mãe para mim, eu não disse que ela não tinha razão. Só que alguém tem que dar um choque naquela criatura.

– E esse alguém tem que ser eu, a cabeça de vento?

Arthur revirou os olhos, claramente irritado.

– Dá para parar de procurar encrenca? Parece que você sempre tem que achar algo nas estrelinhas do que eu falo para puxar briga. Pelo amor da santa, mulher! Às vezes eu me pergunto o que fez você passar de uma garotinha que parecia uma gramática para uma mulher crítica e ranzinza.

Mordi o lábio e descruzei os braços. Ele tinha razão na parte de brigar, eu claramente o criticava em vários momentos, isso não acontecia antes de ele ir para Inglaterra, na verdade antigamente eu sempre era educada e tentava não ser grosseira, mas a forma como eu o tratava agora tinha sido uma maneira de defesa. Quando ele voltou, eu não quis voltar a sentir tudo aquilo, então eu simplesmente passei a ver seus defeitos, me prender em atitudes ofensivas e criticar, mostrando que havia mudado.

– Ora, eu cresci, caralho. – resmunguei. – E eu sou crítica porque eu sou inteligente o suficiente para falar quando você está errado.

– Que é claramente o tempo todo – resmungou também.

– Chega! – Exclamei me levantando. – O assunto é Matheus e não a gente, então desembucha Arthuro. Qual o plano, ou o que for que queira que eu faça.

– Eu quero que você me ajude a fazer aquele cara deixar de ser um zumbi. Será que isso é pedir muito a senhorita: “Eu Critico você porque sou inteligente pra isso”?

– Não é muito. E o que está pensando em fazer? – Preferi ignorar a ironia porque de outra maneira não iríamos a lugar nenhum.

– Acho que amanhã de manhã você vai comigo lá na sua casa,

vamos ver se a gente consegue arrastá-lo para a empresa, quem sabe com você o importunando as coisas andem, ele sempre tentou te passar um bom exemplo.

Suspirei e voltei a sentar nos degraus, ao seu lado. Minha língua estava coçando para dar uma resposta mal criada a Arthur, resposta esta que falaria sobre como nenhum exemplo funcionava comigo, mas resolvi mais uma vez ficar quieta. Meu irmão precisava de mim, acho que pela primeira vez na vida ele estava sendo o mais frágil de nós dois e foi em nome das inúmeras vezes que ele deixou de sair para cuidar de mim e de fazer o próprio dever de casa para me ajudar com o meu, sem falar do carinho e do extremo zelo comigo, que eu resolvi ficar quieta e não discutir. Se para ajudar Matheus eu tinha que engolir meu orgulho de menina birrenta, então eu faria isso.

– Tudo bem – concordei olhando para todos os lados, menos para ele. – Amanhã a gente vai lá e arrasta Matheus para fora da cama, nem que a gente tenha que jogar água gelada nele. Amanhã ele não vai encher a cara e nem se lamuriar.

Arthur arregalou os olhos e me analisou, consegui ver a maneira como se inclinou em minha direção, mas mesmo assim não me atrevi a olhá-lo, temia falar alguma coisa mal criada.

– Enfim chegamos a um acordo – ele se levantou. – Então amanhã você me espera aqui e daí a gente vai lá cumprir nossa missão como salvadores da pátria.

– Tá – levantei também.

– Qualquer coisa você me liga – ele coçou os cabelos e isso fez sua camiseta levantar, revelando o cós preto da cueca boxer.

– Hã – murmurei de maneira patética, desviando a atenção de suas partes baixas e voltando a olhar seu rosto. – Só tem um problema nisso tudo.

– Qual?

– Eu não tenho seu número, então só vou poder falar com você por sinal de fumaça e não creio que tacar fogo em algo seja permitido nesse condomínio.

Arthur tentou fazer uma cara feia ao cruzar os braços e me olhar, mas não teve muito sucesso, então olhou para baixo e tentou parar de sorrir, ele ficou fofo daquele jeito.

– Acho que seria mais simples se você tivesse pedido meu número, Melanie – ele falou ainda tentando não sorrir.

– Não acho não, isso implicaria uma série de coisas subentendidas. – Cruzei os braços.

– Ah, pelo amor de Deus, eu te conheço desde que tinha nove anos, se você pedisse meu número eu não pensaria nada além de que queria falar comigo.

Ao ouvir essa afirmação, tive vontade de lhe dar um soco. Mas se tudo desse certo, na próxima semana ele nem se lembraria da minha versão criança.

– Toma – Arthur me tirou de meus pensamentos ao me entregar um papel branco.

– O que é isso? – Perguntei virando o papel e vendo que se tratava de um cartão, o nome dele estava impresso em tinta preta e logo embaixo o número de seu celular.

– É meu cartão – explicou de forma pausada, como se achasse um absurdo eu ter demorado dez segundos para constatar. – Se precisar me ligue.

– Ah, tá bom. – Peguei minha bolsa no chão. – Mas não acho que vou precisar.

– Esqueci o quanto você é atrapalhada com celular – ele passou novamente a mão nos cabelos. – Mas que seja. Até amanhã, então.

Franzi os lábios e dessa vez não segurei a língua:

– Mas foi para a atrapalhada aqui que você veio pedir ajuda, então pare de desdenhar e deixa de ser chato.

Virei às costas e comecei a subir as escadas.

– Ah, Mel, só mais uma coisa.

Parei de subir e me virei, Arthur estava me olhando de uma maneira divertida.

– Ser chato com você é o que faço de melhor – ele deu de ombros. – Não espere que eu mude.

– Não esperava nada menos do que isso – retruquei incapaz de não sorrir.

Arthur colocou as mãos nos bolsos da calça e sorriu antes de se virar e ir em direção a seu prédio. Percebi que ele andava de um jeito elegante e largado ao mesmo tempo, como se tivesse postura, mas não soubesse o que fazer com os braços.

Na manhã seguinte, eu o esperei nas escadas, como ele tinha amavelmente pedido. Ramona me acenou da janela um pouco antes de eu me sentar no último degrau das escadas, tive que aguentar as piadinhas dela sobre como eu me aproveitaria de agora ter o número do telefone de Arthur para mandar fotos indecentes minhas pelo whatsapp. Eu preferi ignorar, Ramona havia brigado com Pietro e me torturar era sua forma de não pensar nisso.

Passei a mão em minha calça jeans preta, afastando as partículas de poeira. Olhei para o céu e vi que estava nebuloso, um vento frio fez com que eu me arrependesse de não ter trazido casaco. Rezei para que Arthur não resolvesse ir de moto, ele dirigia como um lunático e para o bem de minha sanidade, eu deveria manter minhas mãos longe daquela barriga...

Uma buzina suave, como elefantes fazendo sapateado, fez com

que eu pulasse três metros antes de conseguir ver quem era o engraçadinho. Arthuro abriu o vidro de seu carro e fez sinal para que eu entrasse. Devo confessar que uma parte safada de mim ficou decepcionada por ele não estar de moto, mas essa parte logo se aquietou, porque quando eu entrei no carro percebi que ele estava rindo de mim.

– Bom dia – resmunguei colocando o cinto de segurança.

– Bom dia – Arthur disse ainda rindo. – Estava no mundo da lua, Melanie?

Iria dar uma resposta mal criada, mas quando o olhei, notei cabelos molhados, barba por fazer e senti um cheiro muito bom de sabonete e perfume e isso fez um suspiro ridículo escapar de meus lábios. Trinquei os dentes e cruzei os braços, para o bem de minha sanidade esse plano teria que terminar de uma vez e eu teria de ficar muito longe de Arthuro e suas ironias.

– Pelo visto, a mocinha acordou mal humorada. – falou quando paramos no semáforo perto do condomínio. – Não dormiu bem?

Dei de ombros e ergui meu cabelo, fazendo um nó na altura da nuca.

– Eu dormi bem – respondi por fim. – E não sou mocinha.

Arthur sorriu. Continuamos em silêncio até pararmos em frente à casa de meus pais.

– Acho que enquanto eu subo para tentar acordar seu irmão, você pega uma jarra com água. – Disse Arthur abrindo a porta do carro. – Só por precaução.

– Ah, tá – desci do carro. – Dai se alguém tiver que morrer, vai ser eu?

– Acho que ninguém vai morrer – ele deu de ombros e passou na minha frente, abrindo o portão e esperando que eu passasse. – Acho que ele vai ficar com vergonha de fazer uma cena na sua frente.

Fiz uma careta e continuei andando. Abri a porta sem bater e vi que a casa estava silenciosa. Papai deveria já estar no trabalho, ele saia mais cedo por conta do trânsito, e minha mãe, se não estivesse dormindo, estaria correndo.

– Mãe! – Gritei, esperando que ela surgisse do nada e falasse que Matheus estava se arrumando, ou algo assim.

– Sua mãe não deve estar em casa – falou Arthur parando ao meu lado. – Nas últimas vezes que eu vim aqui, ela estava correndo nesse horário.

– Uhum – concordei. – Minha mãe faz o tipo geração saúde, só estava verificando se ela estava em casa, porque acho que ela não vai gostar de saber que a gente vai jogar água no filho dela.

– Só se for necessário. Agora eu vou lá acordar a Bela Adormecida e você vai pegar a água.

Fiz o que ele disse, fui até a cozinha, peguei a jarra em cima da geladeira e a enchi com água gelada. Depois subi os dez degraus até o corredor onde ficavam os quartos e me dirigi para última porta do lado direito.

Antes mesmo de entrar no quarto, escutei os resmungos de Matheus:

– Já te falei Arthur, eu quero férias. Eu preciso de paz.

– De paz, ou de um copo de uísque? – Perguntei enquanto invadia o ambiente familiar. Com parede verde- musgo e papéis para todo canto.

– O que você está fazendo aqui? – Perguntou Matheus. Ele estava deitado na cama, parecendo bêbado e infeliz.

– Vim tirar você da cama, fossa, depressão, *viadice*, ou qualquer codinome que queira usar. – Entreguei a jarra a Arthur, sentado nos pés da cama, e parei ao lado de meu irmão. – Vai sair daí, ou quer que eu utilize o

plano B? Porque se o B não der certo, eu tenho o C e assim por diante.

Matheus arregalou os olhos e puxou o cobertor para cima do queijo.

– Estou sem roupa – resmungou quando viu que eu arrancaria suas cobertas. – Completamente nu.

– Não é nada que eu já não tenha visto por aí. – Dei de ombros. – Aparentemente todos os seres humanos do sexo masculino são munidos com os mesmos, como posso dizer, *instrumentos*.

Isso era a maior mentira, porque eu nunca tinha visto um homem sem roupa, mas santo Deus, ele era meu irmão e isso não tinha a mínima importância, mas pela cara com que ele me olhava e a maneira como as bochechas de Arthur ficaram coradas, imaginei que eles não pensassem da mesma forma.

– Pelo amor da santa – Matheus resmungou. – Eu não quero saber das suas experiências sexuais.

– Eu também prefiro não saber – concordou Arthur, ainda com as bochechas coradas e parecendo sem graça.

Foi aí que meu lado maquiavélico surgiu. Sentei ao lado de Arthur, empurrei as pernas de Matheus para o lado, coloquei minhas pernas em cima da cama e dei um sorriso, que esperava ter sido inocente.

– Sabe mano... – Dei um tapa forte demais em sua perna. – Como você está precisando de férias e de muita paz, eu resolvi que vou ficar aqui com você, te fazendo companhia e te contando certas histórias.

– Você tem que trabalhar.

– Arthur avisa René que eu não vou poder ir. – Olhei para ele, que só balançou os ombros. – Vou começar te contando umas histórias.

– Não precisa. – Matheus fez uma careta.

– Precisa sim. – peguei a jarra da mão de Arthur. – A primeira história que vou contar é daquela vez em que eu fui a um jogo de futebol e

entrei no vestiário masculino.

– Você fez o quê?! – Ele arregalou os olhos.

– Entrei no vestiário masculino. – Pulei da cama e fui para o seu lado. – E cada vez que você interromper minhas histórias, eu vou derramar água gelada na sua cabeça.

E com isso virei meio jarro de água gelada na cabeça de meu irmão.

– Melanie! – Ele gritou pulando da cama e para meu alívio estava de calça.

Matheus me fuzilou com os olhos, ele nunca tinha me olhado daquele jeito antes. Fiquei com medo e corri para trás de Arthur, que tinha se levantado depois de ver o que eu tinha feito.

– Eu vou matar essa peste! – Ele exclamou tentando passar por Arthur, que era alguns centímetros mais alto do que ele. – Os tapas que você não ganhou quando era pequena, vai ganhar agora! Onde já se viu entrar em um vestiário masculino e ainda jogar água na minha cabeça.

– Você não vai bater nela – Arthur o manteve longe de mim. – Eu pedi que ela fizesse isso. Agora aproveita que está molhado e vai tomar banho para ir trabalhar.

– Eu não quero trabalhar!

– Se você não trabalhar eu vou continuar aqui... – acrescentei colocando a mão no ombro de Arthur e ficando na ponta dos pés. – Contando histórias verídicas.

– E você não quer matar sua irmãzinha. – continuou Arthur. – Então vá trabalhar.

– Vocês dois armaram isso para me fazer ir trabalhar! – Ele exclamou, parecendo ainda mais zangado.

– Talvez sim, talvez não. – Disse Arthur arqueando os ombros.

– Mais sim do que não. – Murmurei ainda escondida atrás dele.

– Vocês não prestam!

Matheus pegou uma toalha em cima da mesa cheia de coisas e entrou no banheiro.

– Acho que isso quer dizer que a gente conseguiu – Constatou Arthur, se virando.

Arregalei os olhos quando ele fez isso, minha mão continuou em seu ombro e eu me senti pequena. Ele era bem mais alto do que eu, mas o que fez com que eu entreabrisse os lábios em busca de mais ar foi ele ficar me olhando fixamente, como se tentasse desvendar algum mistério em meus olhos.

– Seus olhos são verdes... – ele murmurou tão baixo que eu só escutei porque estava perto demais. – Nunca tinha notado isso antes.

– Na... Na verdade... – Fechei a boca porque acabei esquecendo o que ia falar. Ele estava tão perto e minha mão continuava em seu ombro e tudo o que eu conseguia pensar era que se minha mão escorregasse um pouquinho ficaria próxima de seu coração e eu poderia sentir as batidas contra minha pele.

– Você entrou em um vestiário masculino mesmo? – Perguntou baixinho, como se não quisesse perguntar.

A pergunta me pegou de surpresa e eu me afastei, tirando a mão de seu ombro e cruzando os braços.

– Eu nunca entrei em um vestiário masculino. – Respondi com sinceridade, sem saber bem o porquê. – Era mentira.

Ele arregalou os olhos e eu dei um passo para trás, me sentindo insegura. Talvez fosse o ambiente familiar, ou o clima estranho, mas de repente eu senti uma vontade enorme de correr para meu antigo quarto e me esconder embaixo da cama. Por um momento maluco eu temi tudo aquilo, aquela coisa estranha que eu senti em meu peito uns instantes atrás. Temi principalmente voltar a ser quem eu jurei enterrar.

– Eu... Eu vou tomar água – falei de uma maneira embasbacada, dando outro passo para trás. – Lá embaixo... Quer dizer, eu te espero lá embaixo, vocês, quer dizer.

E com isso, desci as escadas correndo.

Capítulo 26

Quase...

Cheguei à cozinha com falta de ar. Tomei dois copos de água e me apoiei na pia, esperando que meu coração parasse de pulsar tão rápido. O que droga foi aquilo? Seus olhos são verdes... Desde quando eles são verdes? E desde quando eu me importo com a cor deles? Não, o verdadeiro problema não foi esse, o problema foi aquela droga de proximidade. Desde que Arthur voltou da Inglaterra a hostilidade sempre esteve presente entre nós e de repente ela se foi por alguns instantes.

Somando tudo com o ambiente, esta casa carregada de lembranças, isso fez com que eu ficasse ansiosa, só pode ser isso, não tem nada além. Respirei fundo mais algumas vezes e isso deu tempo de Matheus ficar pronto e a gente ir para o carro. Durante o trajeto eu não disse nenhuma palavra, mas não teve como alguém estranhar porque Matheus estava fazendo seu monólogo sobre como eu era uma cabeça oca que não sabia com quem estava mexendo. Arthur riu o caminho todo e eu apoiei a cabeça no vidro, tentando evitar a sensação de estômago embrulhado.

– Eu vou a casa dela, cara. – Disse Matheus quando estávamos quase chegando ao prédio onde trabalhávamos. – Ela vai ter que me escutar.

– Ela já disse que acabou e que vocês não dão certo – retrucou Arthur enquanto tentava achar uma vaga na garagem. – Agora você a esquece, a vida segue.

Matheus pareceu inconformado e depois que Arthur achou uma vaga, ele pulou do carro e nos deixou para trás, parecendo ainda mais zangado. Diante dessa atitude, tomei uma decisão:

– Você por um acaso tem o telefone da Paloma? – Perguntei a

Arthur depois de alguns momentos de silêncio.

– Não, por quê?

– Eu quero falar com ela – expliquei. – Saber se essa atitude dela é temporária, ou se ela vai voltar pra ele.

– A troco de que?

– A resposta dela pode mudar tudo, talvez eles ainda possam voltar, ou se ela não quiser mais nada com ele, daí a gente vai ter que ajudá-lo a seguir em frente, porque não adianta a gente fazer alguma coisa e não ser a coisa certa.

Arthur apertou o botão para chamar o elevador e me olhou, seus olhos estavam arregalados, como se eu tivesse conseguido o assustar.

– Eu não tinha pensado por esse lado ainda – ele fez um gesto, indicando para eu entrar no elevador antes. – Você está certa quando diz que a resposta dela muda tudo.

– Ah, meu Deus – encostei-me a parede de metal. – Você disse que eu estou certa?

– Sim – ele sorriu. – Você está vendo os dois lados da situação.

– Ah, obrigada. Acho que é por isso que vai chover. Você não me chamou de cabeça oca nenhuma vez hoje.

Arthur não falou nada. Só sorriu. Quando o elevador estava parando em seu andar, ele me olhou.

– Vou conseguir o telefona da Paloma para você.

E com isso saiu do elevador, me deixando com aquela sensação estranha no estômago.

Um pouco antes do almoço, Arthur me mandou uma mensagem no whatsapp contendo o número do telefone de Paloma. Eu não tinha a mínima ideia de como ele tinha conseguido o número dela, nem o meu.

Depois de arquivar alguns contratos, sai de minha sala

claustrofóbica e fui encontrar Mariane na recepção, como ela estava terminando algumas planilhas de horários resolvi telefonar para Paloma.

A biscate atendeu no terceiro toque:

– Oi, Paloma, é a Melanie, irmã do Matheus. Tudo bem? – Falei rápido, tamborilando os dedos no tampo de vidro da mesa de Mariane.

– Oi, tudo – respondeu com uma voz estranha, como se seu nariz estivesse entupido.

– Então, eu queria saber se você tem um tempinho para conversar comigo.

– A respeito de quê? – Agora sua voz estava mais estranha, como se estivesse com uma batata quente na boca.

– A respeito de Matheus – expliquei mordendo o lábio.

Olhei para Mariane, que se levantou. Começamos a caminhar em direção ao refeitório. A respiração pesada de Paloma e sua demora em me responder, me fez acreditar que tinha desligado, afastei o telefone da orelha e vi que nossa conversa de um minuto e meio estava se estendendo para dois.

– Oi, ainda está aí? – Perguntei enganchando o braço no de Mariane.

– Ainda estou aqui – respondeu com voz entrecortada. – Mas não creio que seja necessário conversarmos sobre Matheus.

– Está enganada – afirmei de uma maneira um pouco grosseira, o que fez minha amiga apertar meu braço. – E então, vai ter um tempo para conversarmos, ou não?

– Não é algo que eu possa evitar, pela maneira como está falando. Então me encontre amanhã às seis horas nesta lanchonete em frente ao prédio onde seu irmão trabalha.

– Tá bom. Te espero lá.

Encerrei a chamada e guardei o telefone no bolso, antes que eu

pudesse explicar a Mariane o motivo de estar falando com Paloma, fui interceptada por Arthur. Ele estava encostado na porta do refeitório, limpando as lentes dos óculos na camiseta, mas parou o que estava fazendo e veio ao meu encontro.

– Conseguiu falar com Paloma? – Perguntou após cumprimentar Mari com um aceno.

– Estava falando com ela agora.

– E então?

– Marcamos de conversar amanhã, naquela lanchonete ali da frente,

– Certo. A que horas?

– As seis por quê?

– Quero falar com ela também.

– Por quê?

Mariane olhava de mim para Arthur e de Arthur para mim, como se estivesse assistindo a uma partida de tênis. Quando falei meu segundo porque em menos de um minuto, ela começou a rir.

– Porque acho que gostaria de saber o que ela está pretendendo, já que eu deixei de fazer um projeto para ouvir seu irmão chorar as pitangas.

Soltei a respiração de uma maneira exagerada. Nem sabia direito porque tinha feito isso.

– Tá bom, mas quem vai falar com ela é eu e não você. Acho até melhor que fique em outra mesa. Ela não vai querer falar com você junto.

– Por quê?

Arthur parecia impaciente. Não parava de girar os óculos entre os dedos, só queria ver se ele o derrubasse no chão.

– Porque – disse Mari, se metendo na conversa. – As mulheres conversam melhor com outras mulheres e não com o melhor amigo do ex-

namorado.

– Verdade – concordei.

– Que seja – ele colocou os óculos, parecendo zangado. – Só espero que você não fale para ela o quanto é contra o namoro. Acredito que o melhor que podemos fazer é juntar esses dois novamente. Pelo nosso próprio bem.

– Que seja – balancei os ombros. – Mas pelo que eu lembre, você também estava sendo contra o namoro.

– Eu estava até ter que começar a lidar com isso. Pessoas namorando são patéticas, mas separadas são piores.

– Ei! – Mari protestou. – Eu não sou patética e nem René.

– Ah, o René é sim – Arthur disse rindo. – Mas não falei a respeito de vocês.

– Sabe o que eu acho? – Perguntou Mariane se virando para mim e não me dando tempo de resposta. – Que vocês dois são iguais. Dois bobocas que adoram falar o quanto são contra o envolvimento amoroso, mas no fundo vocês tem medo.

– Medo de quê? – Perguntamos ao mesmo tempo.

– Não falei? – Ela começou a rir. – Tiveram a mesma reação e isso prova que estou certa. Vocês tem medo de se envolver.

– Quando as pessoas começam a tentar usar a psicologia para me analisar, eu saio. – falou Arthur dando um passo para trás. – Te encontro amanhã na lanchonete.

Ele saiu do refeitório e Mariane me puxou em direção a fila do buffet.

– Que psicologia maluca foi essa? – Perguntei enquanto pegava a salada verde e tentava colocá-la longe do arroz.

– Um pequeno teste – ela começou a rir. – vocês são bonitinhos juntos. Ele não para quieto, como se não soubesse o que fazer com as mãos

e você fica sendo sarcástica o tempo todo. Parece que ficam se escondendo um do outro.

– Tá ficando maluca, Mariane? Eu tenho um plano, embora sempre o esqueça por alguns momentos. E a parte final dele ocorrerá na semana que vem e não tem nada a ver. A gente não é parecido e Arthur não está nem aí para mim, ele gosta de me irritar de propósito. Sempre foi assim, o maluco ainda me vê como se eu tivesse treze anos, mas eu já estou trabalhando para mudar isso.

– Claro que está – ela me empurrou com delicadeza em direção à mesa em que René estava sentado. – Só espero que quando tudo isso acabar as coisas não fiquem ainda mais tensas entre vocês.

Revirei os olhos e me joguei de forma deselegante na cadeira. Quando eu perdesse a virgindade, as coisas não estariam mais estranhas, elas ficariam mais legais. Eu não teria mais a preocupação de ter um momento memorável e Arthur não me veria mais como uma garotinha, nós seguiríamos a vida normalmente e ele nunca se esqueceria de que eu o fiz engolir as próprias palavras e que nem sempre ele faria os outros de brinquedo.

No dia seguinte, quando faltavam dez minutos para as seis horas, eu entrei na lanchonete em frente ao prédio onde trabalhava. O garçom perguntou se eu iria encontrar alguém e eu disse o nome de Paloma. Ele me conduziu para uma mesa de dois lugares ao lado da porta da cozinha.

– Olá – disse Paloma se levantando e estendendo a mão.

– Oi – peguei a mão que estava estendida por um breve segundo e me sentei na cadeira à sua frente. – Obrigada por ter vindo conversar comigo.

Paloma deu de ombros e eu a analisei. Ela era morena, tinha cabelos negros cacheados que caíam de forma elegante sobre os ombros.

Seus lábios eram finos e as maçãs do rosto vermelhas demais, como se tivesse exagerado na maquiagem.

– Você vai querer tomar, ou comer, alguma coisa? – Ela perguntou pegando uma taça com água que estava ao seu lado.

– Não, vou direto ao assunto. – coloquei minha bolsa pequena na mesa e cruzei os braços. – Você ainda tem a intenção de voltar para meu irmão?

– Nossa, você é direta hein? – Ela largou a taça e apoiou os cotovelos na mesa. Um sorriso presunçoso surgiu, fazendo com que revelasse dentes muito brancos para serem considerados naturais. – Quanto seu irmão pagou para você vir me interrogar?

Franzi os lábios. Paloma havia sido minha babá alguns anos atrás e Matheus costumava me pagar para deixá-los sozinhos, a biscate deve ter pensado que era a mesma situação.

– Meu irmão não sabe que eu estou aqui – enfatizei as palavras de uma maneira desnecessária. – Ele não está em condições de pensar em suborno por *sua* culpa.

– Minha culpa? – Paloma riu da mesma maneira que as garotas de filmes americanos fazem quando vão torturar alguma pobre nerd sardenta. – Ele terminou comigo, me mandou ir para o inferno.

– Por isso que eu o amo, ele sabe dispensar o desnecessário – falei entredentes. – Mas o que eu quero saber, *sua coisa*, é se você está fazendo um doce, esperando que ele implore para voltar para você, ou se realmente acabou o que tinham.

– Eu não faço o tipo de mulher que faz um doce, queridinha, mas seu irmão pode voltar comigo, se saber me reconquistar. Avise para ele que diamantes estão em alta, só uma pequena dica.

Levei menos de dois segundos para perceber o tipo de mulher que ela era e que estava com meu irmão pelo dinheiro que ele tinha e não por ele. Era por isso as ligações irritantes, ela não poderia correr o risco de

perder o caixa dois.

– Percebi o que você é... – disse em voz alta. – E se depender de mim nunca mais vai chegar perto do meu irmão.

– Ora, não seja infantil, querida. Seu irmão não é o único cara rico desta cidade, e com meu rosto e as palavras certas, eu conquisto quem eu quero. E se eu não me engano, o sócio dele é um pouquinho mais rico.

Não sei o que foi, se foi ela se referir a meu irmão dessa maneira, utilizando o dinheiro dele, ou a Arthur como um futuro caixa dois. Só sei que eu me levantei da mesa e me inclinei em sua direção.

– Você não vai ter nenhum dos dois, quero fazer questão de alertá-los do tipo de vagabunda que você é, sua coisa!

Paloma arregalou os olhos com minha reação, mas antes que pudesse responder um senhor de terno, com o logotipo da lanchonete, se aproximou:

– Tudo certo senhoritas?

– Não. – Respondi interrompendo o cacarejar de Paloma. – Está senhorita já está de saída.

– Então me acompanhe – ele disse a Paloma.

Ela me lançou um último olhar de ódio antes de acompanhar o senhor até a saída. Joguei-me na cadeira e esfreguei os olhos, percebendo tarde demais que estava de rímel.

– Achei que teria de sair da minha humilde posição de telespectador para impedir que você estrangulasse a Paloma.

Levantei a cabeça e vi Arthur rindo. Ele puxou a cadeira de Paloma e a colocou ao meu lado, sentando em seguida.

– Não sabia que estava aqui – murmurei olhando para o vaso de flores estranho em cima da toalha cor de vinho que estava cobrindo a mesa.

– Bem, eu disse que te encontraria aqui ontem. Você não quis que eu conversasse com ela, mas eu fiquei por perto.

– Você pelo menos escutou o que aquela piranha falou? – Perguntei arrancando uma flor seca do vaso.

– Não. Só vi sua cara de mal quando se levantou.

Olhei para Arthur, que estava sorrindo, parecendo muito divertido com a situação.

– Eu não quero aquela biscate perto do meu irmão... E nem de você! – Exclamei com raiva. Minha vontade era ir atrás dela e dar um soco naquela cara mal maquiada.

Arthur sorriu e estendeu a mão, passando o polegar no canto de meu olho. Fiquei estática e ele repetiu o movimento no outro olho. Esqueci como se respirava e me concentrei no toque quente de seus dedos contra meu rosto.

– Não vejo o porquê de você querer que ela fique longe de mim – comentou enquanto deslizava o dedo indicador por minha bochecha, deixando um rastro quente. – Eu não tenho nem motivos para chegar perto daquela maníaca.

Abri a boca para falar, mas nesse momento chegou o garçom. Ele colocou dois cupcakes na mesa e dois copos de milk-shake. Arthur afastou a mão de minha bochecha e pegou um copo de milk-shake.

– Eu não pedi nada – murmurei ainda sentindo um formigamento na bochecha, onde seus dedos estavam segundos antes.

– Eu pedi. – Ele explicou pegando o cupcake. – Ainda gosta de morango com chocolate?

– Uhum.

– É estranho sabe... – ele passou o dedo na cobertura do doce. – A gente conhece uma pessoa a mais de dez anos e depois não sabe o que ela se tornou, ou do que gosta.

Arregalei os olhos, surpreendida com a constatação dele. Arthur estava diferente, não de forma física, mas na maneira como estava me

tratando, parecia mais solto. Talvez fosse um efeito tardio das minhas roupas provocantes e a todas aquelas investidas. Lembrei-me de sua atitude quando eu tentei sair com Cássio e isso só reafirmou o fato de ele estar mudando.

– Mas conte o que aconteceu com Paloma, para você estar tão zangada – pediu olhando para o doce e não para mim.

– Ela é uma biscate interesseira do caralho... Mas descobri que ela estava interessada no dinheiro do Matheus e não nele propriamente dito.

Continuei explicando o que estava acontecendo, mas quando cheguei à parte sobre ele ser o próximo alvo da interesseira, percebi que o maluco nem estava prestando atenção no que eu estava dizendo, ele parecia mais interessado em pegar os confetes em formato de estrela do cupcake do que em mim.

Irritada, passei a mão no glace de meu doce e passei no nariz dele. Arthur me olhou e eu coloquei o dedo na boca, chupando o que tinha restado da cobertura. Comecei a rir quando ele passou a mão no nariz, tirando o glace que eu tinha colocado ali.

– Isso foi por me deixar falando sozinha – expliquei rindo.

– Que feio hein... – ele lambeu o glace do dedo. – Eu estava prestando atenção em tudo.

– Então o que eu disse?

– Bem, tudo o que temos que fazer é fazer o Matheus partir para outra. Fim.

Fiz uma careta, era óbvio que ele não estava prestando atenção no que eu tinha falado.

– Agora, sobre você passar glace no meu rosto, bem, eu deveria passar nesse seu cabelo dourado um pouquinho, para ver como fica.

Arregalei os olhos e afastei o cabelo dos ombros.

– Você não faria algo maldoso assim comigo.

– Ah, faria sim... – ele passou o dedo na cobertura do próprio doce e aproximou o dedo lambuzado do meu nariz.

– Eu poderia começar daqui... – Arthur apertou o dedo na ponta do meu nariz. – E começar a subir.

E com isso ele deslizou o dedo sujo até minha testa. Fechei os olhos quando ele deslizou o dedo para minha sobrancelha.

– Tá. Você já se vingou Arthuro. – Abri os olhos.

– Mas eu ainda nem cheguei a seus belos cabelos dourados, Melzinha. – ele colocou o dedo na boca, chupando o que restava do glace.

– Você nem sonha que vai fazer isso – peguei o guardanapo e passei no rosto.

– Ah, eu sonho sim – ele começou a rir e puxou uma mecha do meu cabelo, a enrolando no dedo.

Comecei a rir. O que estava acontecendo? Quando nós paramos de ser sarcásticos e passamos a isto?

Enquanto pensava nisso, Arthur soltou meu cabelo, se levantou e colocou o guardanapo que estava em seu colo na mesa.

– Tenho que ir – disse tirando os óculos e o girando nos dedos. – Terminar o projeto que seu irmão me impediu de terminar.

Concordei com um aceno. Ele tinha ficado estranho de repente.

– Tudo bem – murmurei me levantando também. – Eu tenho que ir para faculdade. Só vou pagar a conta antes.

Peguei a bolsa em cima da mesa, mas Arthur segurou meu pulso.

– Não precisa se preocupar, eu pago.

– Isso é cavalheirismo, ou machismo? – Perguntei rindo.

– Você que escolhe – ele me puxou para mais perto e soltou meu pulso. – Mas sugiro que escolha a primeira opção, ela faz mais bem para o meu ego.

Abri a boca para falar algo sarcástico, mas ele estendeu a mão e delicadamente afastou a franja da minha testa, depois pegou o guardanapo em cima da mesa e limpou meu rosto.

– Você seria um belo lanche de abelhas – Explicou quando eu arqueei as sobrancelhas.

– Obrigada por me livrar das abelhas – agradei sorrindo.

– A seu dispor, minha dama.

Arthur se inclinou e deu um beijo em minha bochecha, mantendo os lábios em minha pele por segundos que pareceram minutos.

– Acho que para ser cavalheiresco, eu teria que ter beijado sua mão... – Ele murmurou quando se afastou. – Mas devo dizer que seu rosto estava bem mais doce.

Ele piscou e saiu, indo em direção ao caixa. Eu sai da lanchonete e fui pegar o ônibus para ir a faculdade, mas fui sorrindo durante todo o caminho.

Fiquei a noite toda em um estado ridículo de felicidade adolescente. Talvez fosse a maneira como as cenas pipocavam em minha mente, ou o calor gostoso que estava em meu peito, só sei que nem o mal humor de Ramona conseguiu estragar o que eu estava sentindo. Eu até fiz o jantar, risoto de frango, algo bem diferente do macarrão instantâneo com bife que andava comendo.

Depois de me ver cantarolar pela milionésima vez a música tema de *Enrolados*, Ramona enfim sorriu. Ela já sabia que eu e Arthur estávamos nos dando melhor. Soube do momento em que ele disse que meus olhos eram verdes e do momento em que agiu como um cavalheiro, sendo engraçado e não grosseiro.

– Acho que todo esse seu plano de andar com roupas curtas, ser provocante, deu um pouco certo. Depois de ele te ver com aquele short, que

mais parecia uma calcinha, as coisas começaram a se tornar interessantes. – Comentou Ramona enquanto lavava a louça. – Talvez ele nem se importe do fato de você ser virgem.

– Ele não vai saber que eu sou virgem até eu já ter deixado de ser.

– Hã, Mel... – Ramona me olhou, parecendo constrangida. – Um garoto consegue saber que uma garota é virgem.

– Não tem como né – soltei o pano de prato. – Só de olhar você não pode classificar alguém em virgem ou não.

– Não assim – ela parou de lavar a louça. – Mas se lembra da minha primeira vez? Doeu e o Guilherme não parou de dizer que eu era apertada, então na hora o Arthur vai perceber. Por isso você deve falar com ele, para ele ir devagar.

Balancei a cabeça em sinal negativo. Arthur poderia estar sendo mais gentil e tudo, mas se eu desse qualquer chance na hora, e se a chance surgisse porque eu não era ingênua a ponto de acreditar que não poderia dar errado, ele fugiria, ou pensaria no quanto aquilo era errado, do seu ponto de vista, o que era pior.

– Você que sabe – resmungou Ramona depois da minha relutância. – Só estou avisando.

Dei de ombros, terminei de lavar a louça, tomei banho e fui dormir. Nada conseguiu fazer desaparecer aquele sorriso bobo que surgiu na lanchonete.

No dia seguinte – quinta-feira – me dediquei a ajudar meu irmão. contei a ele que tinha conversado com Paloma, falei até do plano dela de pegar o Arthur. Esperei que ele me repreendesse, ou falasse para que eu fosse cuidar da minha vida, mas ele não fez isso, simplesmente se levantou de sua mesa, surpreendentemente vazia, e esticou os braços.

– Eu só tenho a te agradecer sua pirralha – ele me evoluiu com seus braços fortes. – Nunca pensei que você fosse capaz de tirar alguém da fossa.

– Ah, mas eu não sou não. – Comecei a rir quando ele se afastou.
– Mas eu faço uma coisa, ou duas, para te ajudar.

– Fez bastante, Mel – ele beliscou minha bochecha.

Sorri. Fiquei feliz de ter conseguido ajudar meu irmão, estava na cara que ele não tinha superado Paloma e que ainda sofria, mas pelo menos ele não estava bebendo e tentava trabalhar.

– Eu a amo desde que tínhamos dezoito anos – ele disse de repente.

Tombei a cabeça de lado, para ver se ele estava brincando, mas ele continuou sério e eu mordi o lábio.

– É tão difícil acreditar que ela só estava interessada em dinheiro. Eu fui um estúpido, mas foi graças a isso que deu para ver quem ela era realmente.

Fiquei na ponta dos pés e o abracei de novo. Eu não tinha nada a dizer, eu só era a garota engraçada e sem nada na cabeça, eu não sabia curar corações partidos, não era como se eu pudesse pegar uns curativos e tapar os buracos do coração dele.

– Eu não sei o que fazer com isso Mel – Matheus murmurou me soltando. – Eu não sei lidar com essa coisa que eu tenho aqui dentro.

Respirei fundo. Eu já tinha sentido isso. Quando Arthur tinha ido embora eu achava que ele tinha levado um pedaço de mim com ele.

– Parece que ela levou um pedaço seu embora né? – Perguntei pegando em sua mão.

– Parece – ele concordou. – Você já sentiu isso antes?

Pensei em mentir, mas se eu quisesse realmente ajudá-lo teria que falar a verdade.

– Já. – Balancei os ombros. – Sei o que está sentindo, eu nem sempre sou a garota engraçada.

– E o que você fez para superar, se é que conseguiu.

– Eu vivi Matheus – admiti soltando sua mão. – Eu olhei pra fora e percebi que tinha mais coisas lá me esperando e que eu não poderia esperar por alguém que não me daria nada daquilo que eu merecia receber.

– E isso demorou a funcionar?

– Um pouco – admiti trocando o peso de um pé para o outro. – No começo foi difícil e tudo o que eu queria era ficar em casa, embaixo das cobertas fingindo que não existia, mas logo eu percebi que se vivesse, que se saísse e me divertisse de verdade, a dor iria embora. Foi assim que eu percebi que existiam mais coisas do que meu coração partido idiota.

Matheus fez um gesto afirmativo, parecendo entender onde eu queria chegar.

– E quem partiu seu coração? – Ele perguntou, parecendo zangado. – Porque eu quero sair daqui e quebrar a cara desse cretino.

– Isso não importa – apertei seus braços. – O importante é que se você sair e ver que existe mais do que você e sua dor, vai perceber que tudo isso vai se tornar insignificante.

– Tem razão dessa vez pirralha.

– Você deve estar mal mesmo para concordar comigo. Mas agora que já te dei um bom conselho, e não se acostume com isso, eu vou trabalhar porque devo estar atrasada.

Olhei a hora em meu celular e vi que já passava das nove da manhã, o que queria dizer que eu estava atrasada e que isso seria descontado do meu salário.

Abracei Matheus uma última vez e me virei, pronta para ir trabalhar, mas parei de andar assim que vi Arthur sentado em frente a uma prancheta de desenho. Ele deveria ter entrado ali enquanto eu conversava

com Matheus e pela maneira como me olhava, parecendo admirado, deveria ter ouvido toda nossa conversa.

Murmurei um bom dia e sai da sala. Parecia inacreditável que a pessoa que partiu meu coração tenha ouvido a solução que eu criei para o problema.

Toda essa movimentação envolvendo meu irmão acabou estragando meu serviço. Eu estava com muita coisa para fazer, juntando isso com a pilha de trabalhos da faculdade que eu teria que entregar na próxima semana, já que na seguinte seria a semana do saco cheio e eu tecnicamente teria que estudar para as provas, era o suficiente para eu não parar quieta um segundo. Tudo o que eu vi na minha frente no restante da quinta-feira foi papel e na sexta-feira foram ligações intermináveis para resolver os assuntos pendentes de René, já que Mariane só era a responsável por sua agenda pessoal e não pelos contratos que estavam em abertos com outras empresas.

Nos horários livres, eu tive que fazer um trabalho sobre a discriminação dos negros na sociedade contemporânea para a disciplina do Barbicha, educação racial e mais sei lá o que quer que fosse que complementava a matéria infernal.

No final do expediente de sexta-feira, eu não aguentava mais ouvir a palavra boa e tarde em uma mesma frase, já havia perdido as contas de quantas vezes tinha repetido a combinação de palavras naquela tarde, combinando isso com as contribuições da África para nosso país e mais a metodologia a ser aplicada no trabalho, bem, eu estava mais doida do que o habitual, tanto é que sai do escritório carregada de papéis e passei ao lado de Mariane sem nem me despedir, o que provocou um grito de protesto que eu sabiamente ignorei, era aquilo ou ser soterrada por pilhas de Xerox mais um livro de metodologia.

Apertei o botão do elevador com o pé e quando consegui me

lançar para dentro, joguei o livro pesado no chão, apertei o botão do térreo e sentei, tentando organizar o caos de papéis que um dia tinha sido minha pasta organizada e dividida por disciplinas.

– Odeio essa porcaria – resmunguei me ajoelhado e jogando tudo de qualquer jeito dentro das divisórias da pasta. –Eu deveria ser padeira, assim não tinha a porra da...

– Falando sozinha, ou rezando no elevador?

Ergui a cabeça ao ouvir a voz conhecida e me deparei com Arthur, ele me olhava com uma expressão divertida.

– Estou arrumando os bagulhos aqui – expliquei tentando fechar a pasta ao mesmo tempo em que socava os papéis lá dentro.

Consegui fechar a pasta e peguei o livro de metodologia.

– Sabe, a probabilidade de esses papéis estarem fora de ordem e amassados são de noventa por cento – disse Arthur enquanto segurava meu cotovelo e me puxava para cima.

– Obrigada por falar Gênio – zombei quando ele me soltou.

– Vou dispensar seu sarcasmo hoje Melanie Beatriz – ele murmurou enquanto se encostava à parede ao meu lado.

– E eu vou dispensar o uso composto do meu nome – resmunguei dando um passo a frente e saindo do elevador assim que ele parou no térreo.

– Seu mau humor é adorável – comentou tomando o livro de metodologia de minha mão e me acompanhando em direção a saída do prédio.

Parei de andar e ele parou ao meu lado. Arthur estava vestindo uma camiseta branca, calça jeans desbotada e tênis converse com aspecto velho. Sua barba por fazer e cabelos bagunçados lhe davam um ar de menino travesso, expressão intensificada pela maneira como ele estava me olhando, com um sorriso zombeteiro que tentava esconder mordendo o

canto do lábio.

– Está tentando exercitar o cavalheirismo novamente? –
Perguntei apontando para o meu livro em sua mão.

Ele desistiu de não sorrir, mas não pode me responder por que neste momento um grupo de executivos quase nos atropelou. Eu não tinha reparado que estávamos em frente à saída, até Arthur falar um palavrão e me empurrar para longe da porta. Paramos ao lado de uma palmeira em miniatura, que impedia que o vidro da porta se chocasse contra a parede creme.

– Tenho uma pergunta para fazer – disse Arthur enquanto me empurrava novamente, dessa vez em direção as escadas.

– E para isso tem que me empurrar?

– Estou evitando que nos atropelem – ele resmungou parando no pé da escada e se encostando ao corrimão.

– Tudo bem então – cruzei os braços e parei a sua frente, encostando-me no espaço entre ele e a parede. – Qual a pergunta?

Arthur respirou ruidosamente e coçou a nuca com a mão livre, a barra de sua camiseta branca se ergueu e eu desviei os olhos, tentando adivinhar o que ele queria saber.

– Eu espero que você não se ofenda com o que vou perguntar.

Desviei os olhos de seu abdômen ao ouvir essas palavras. Ele estava sério e me olhava com certa apreensão, resolvi ser a garota engraçada:

– Se você quer saber se eu sou virgem, não precisa nem se envergonhar de perguntar. Eu não sou.

Tudo bem, essa era uma grande mentira e eu falei para parecer mais experiente do que realmente era. Talvez isso facilitasse meu plano, já que na sexta da semana seguinte seria minha cartada final.

– Eu não iria perguntar sobre sua vida sexual, Melanie. – Arthur

falou irritado.

Tive que morder o lábio para não rir, porque ele tinha ficado constrangido, suas bochechas estavam vermelhas e ele tirou os óculos, começando a girá-lo.

– Se a pergunta não era essa, então porque disse para eu não me ofender? – Inquiri enquanto ainda prendia o riso.

Arthur me devolveu meu livro de metodologia. Peguei o livro e o segurei contra o peito, imaginando que o irritei a ponto dele desistir de fazer a pergunta, mas ao invés de me deixar falando sozinha, ele deu um passo à frente, cruzou os braços e franziu os lábios, parecendo carrancudo.

– Eu sempre me perguntei que coisa drástica tinha feito você mudar tanto, Melanie. – Ele começou a falar dando outro passo a frente, meio sem jeito, eu dei um passo para trás e me encostei à parede. – E ontem de manhã eu obtive minha resposta e devo dizer que me surpreendi com minha própria constatação.

Foi como se a terra tivesse parado de girar. Minha respiração ficou presa a caminho do pulmão e eu ouvi o baque surdo de meu livro de metodologia caindo aos meus pés. Ele tinha acabado de descobrir meu maior e mais ridículo segredo, se eu fosse um pouco mais fresca teria desmaiado de uma maneira dramática, mas idiota como sou, resolvi remendar:

– Que... Que constatação chegou? Porque seja a que for, acredito que esteja errado. Com... Com certeza está errada.

– Por que está se defendendo Mel? – ele esticou os braços e apoiou as palmas das mãos na parede, uma de cada lado de minha cabeça. – Você nem sabe a minha constatação.

– Seja a que for está errada.

Prendi a respiração após dizer isso. O cheiro do perfume dele misturado com sabonete estava dificultando as coisas, sem falar em seu rosto, a poucos centímetros do meu. Fechei os olhos, temendo o momento

em que ele verbalizasse o motivo de eu ter mudado. Em todos esses anos eu nunca tinha imaginado ele descobrindo meu segredo, quer dizer, eu já tinha imaginado eu e ele juntos, mas nada envolvia essa situação constrangedora, eu não deveria estar presa entre ele e a parede. Eu deveria estar em um campo de margaridas, o sol estaria se pondo e ele esticaria a mão, passando os dedos...

– Não entendi do que está com medo – ele sussurrou em meu ouvido, provocando uma série de arrepios em meu corpo. – Está escondendo algo ilícito?

Balancei a cabeça para os lados, ainda sem abrir os olhos. Eu não queria encará-lo.

– Então vamos por partes: Quando eu fui para a Inglaterra, você era uma doce garotinha de cabelos dourados, sorriso inocente e com postura de princesa. Quando eu voltei você ainda tinha os belos cabelos dourados, mas estava ranzinza, grosseira e digamos que adquiriu um caráter duvidoso no âmbito amoroso. Presumo então, baseado no que ouvi, que tudo isso foi em decorrência de uma experiência amorosa ruim. A pergunta que quero fazer é: Você mudou porque alguém partiu seu coração, quem foi?

Quando ouvi o final da constatação, relaxei os ombros e abri os olhos. Foi como se o peso do mundo tivesse sido tirado de meus ombros. Ele não tinha descoberto afinal de contas, estava só curioso. Não pude evitar sorrir de maneira patética.

– Não entendi o sorriso, Melanie – ele aproximou ainda mais o rosto do meu e eu quase me perdi em seus olhos cor de chocolate derretido.

– Eu sorri por conta de sua curiosidade – expliquei enquanto analisava seus lábios rosados, que pareciam muito macios. – E também não entendi o motivo da curiosidade.

– Eu não estou entendendo o motivo de você ter mudado de postura

tão rápido, a menos de um minuto parecia querer cavar um buraco e agora está achando tudo muito engraçado. O que está escondendo, peste?

Estiquei os braços e apoiei minhas mãos em seus ombros. Ele arregalou os olhos, mas não se afastou.

– Eu não estou escondendo nada, Arthuro, só estou tentando entender sua curiosidade repentina.

– Não é repentina. Eu estou a mais de um ano tentando te entender. Estou juntando pedaços de um quebra-cabeça, só isso.

– E porque está tentando me entender?

Nesse momento a manga de meu fino casaco de linho escorregou, senti o tecido deslizar por meu ombro e vi quando os olhos de Arthur se desviaram de meu rosto para focalizar a pele exposta.

Ele tirou a mão do lado de minha cabeça e a colocou em meu ombro, seus dedos percorreram meu braço e encontraram a manga do casaco, quando ele subiu o tecido foi como se ondas elétricas percorressem sem parar minha pele. Arthur voltou a olhar para meu rosto e apoiou a mão novamente ao lado de minha cabeça, se inclinando em minha direção.

Seu perfume invadiu meus sentidos e eu fechei os olhos. Senti seus cabelos tocarem em meu queixo enquanto seus lábios encostaram-se em meu pescoço. Abri os olhos e tirei os braços de seus ombros, enterrando as mãos em seus cabelos, que eram extremamente macios.

Os lábios de Arthur deixaram meu pescoço e subiram para minha orelha, onde ele mordiscou de leve o lóbulo e subiu para minha têmpora, beijando-a de leve, fazendo com que minha pulsação acelerasse e eu enterrasse ainda mais as mãos em seus cabelos.

Suspirei e me encostei ainda mais a parede, o puxando comigo, ele continuou com a doce tortura, beijando minha bochecha, passando por meu nariz e parando no queixo. Grudei meu corpo ao seu e o puxei pela nuca, sentindo sua respiração se misturar com a minha.

– Isso é loucura. – Sussurrou com voz rouca. – Você está me deixando maluco.

Essas palavras, pronunciadas dessa forma, fez com que eu abrisse os olhos e quando nossos olhares se encontraram, eu vi desejo nos dele.

– Beije-me – pedi num sussurro.

As mãos de Arthur saíram da parede ao meu lado e passaram para minha cintura, onde ele enlaçou meu corpo de encontro ao seu, fazendo com que meus pés saíssem do chão.

Ele deu alguns passos vacilantes em direção à parede e prendeu meu corpo contra ela.

– Isso é a maior loucura – sussurrou novamente.

Concordei e o puxei pela nuca. Senti seus lábios tocarem os meus levemente. Fechei os olhos, pronta para mergulhar de cabeça em um precipício de incertezas chamado Arthuro.

Capítulo 27

O mundo em um beijo

Li certa vez em um livro que a expectativa de um beijo era muito melhor do que o beijo em si, que o momento em que ocorria a troca de olhares entre o casal era mágico. Neste segundo acabei de constatar a veracidade da afirmação. Os lábios de Arthur ainda estavam posicionados sobre os meus, mas nenhum de nós dois quis dar o primeiro passo e transformar o leve toque em um beijo de verdade.

Arthur deu um passo e me pressionou ainda mais contra a parede, fazendo com que eu envolvesse as pernas em sua cintura e suas mãos deslizassem por minhas coxas, me fazendo desejar estar sem a calça jeans justa.

Ele arfou quando puxei de leve seus cabelos e deslizei a língua para o canto de seu lábio, resolvendo tomar a iniciativa. Esse gesto o incitou, porque de repente suas mãos abandonaram minhas coxas e deslizaram por baixo de minha fina camiseta de algodão, encontrando a pele sensível de meu seio e contornando o obstáculo que era o bojo de meu sutiã.

Um gemido baixo escapou de meus lábios quando Arthur tocou a ponta de meu seio, por baixo do sutiã. Foi como se cada parte de meu corpo implorasse por mais daquilo, tanto que puxei os cabelos de sua nuca e mordisquei seu lábio, tentando fazer com que me beijasse de uma vez por todas, era como se eu fosse morrer se não recebesse o que queria.

Quando achei que Arthur finalmente fosse me beijar, ele abriu os olhos.

– Não posso fazer isso. – sussurrou.

Pisquei atônita e ele se afastou de mim, me colocando com

delicadeza no chão.

– Isso é muito errado – continuou falando enquanto esticava a mão e arrumava minha camiseta, que estava erguida.

Não consegui pensar em nada para responder, minhas pernas estavam bambas e eu podia sentir as palmas de minhas mãos suando.

– Desculpe-me – Arthur coçou a nuca, parecendo totalmente desnortado.

A manga de meu casaco escorregou e ele a colocou no lugar, em seguida olhou para meu rosto e eu olhei para o chão. Não sabia por que motivo, mas de repente fiquei envergonhada e pude sentir minhas bochechas arderem. Desde quando eu corava?

– Eu não sei o que aconteceu – ele esticou o braço em direção ao meu rosto, mas desistiu no meio do caminho e voltou a coçar a nuca, bagunçando ainda mais os cabelos.

– Tudo bem, sem problemas – finalmente consegui falar, mas minha voz saiu esganiçada.

Arthur deu um passo à frente e mordeu o lábio, parecendo hesitante.

– Se eu pudesse te dava o mundo – falou olhando para o chão. – A única coisa que eu não posso te dar é o beijo que me pediu.

Foi como se a terra tivesse parado de girar, minha respiração ficou presa na garganta e quando criei coragem o suficiente para olhar o rosto de Arthur, vi desespero em seus olhos.

– Às vezes o mundo cabe dentro de um beijo – sussurrei.

– Eu sei disso – ele deu outro passo à frente, ficando a poucos centímetros de mim. – Acredite quando eu digo que sei.

Balancei a cabeça como um robô e respirei fundo de maneira ruidosa. Arthur esticou os braços e me puxou, colocando as mãos em minha nuca, por baixo de meus cabelos.

– Prometo pra você que isso nunca mais vai se repetir.

Então ele beijou minha testa e se afastou.

– Eu queria que se repetisse – falei baixinho.

Arthur parou de andar, mas não olhou para trás.

– Você não tem noção das coisas que me pede menina.

Pensei em falar outra coisa humilhante, mas ele já tinha saído do prédio. Encostei-me a parede e fui deslizando, até parar no chão, onde abracei os joelhos e fiquei fitando o nada.

Não sei dizer por quanto tempo fiquei fitando o nada, só sei que por mais que tentasse não conseguia entender o que tinha acontecido há alguns minutos, uma parte de mim simplesmente não acreditava que Arthur pudesse ser tão ousado e a outra ainda estava anestesiada pelo desejo.

Era isso, tudo o que tinha nos dominado naquele breve momento que deveria ter antecedido um beijo, era o desejo. Ele me desejava, ninguém pressionava alguém contra uma parede e praticamente arrancava sua camiseta se não sentisse nada. Arthur tinha se tornado refém do próprio desejo, assim como eu, só que diferente de mim, ele conseguia agir racionalmente, e eu, bem, eu pedi para que me beijasse da maneira mais patética que existe.

Passei a mão em meus cabelos, afastando as mechas pegajosas da testa. Continuei fitando o nada por mais alguns minutos, então lembrei que tinha faculdade e sai correndo do prédio, peguei o primeiro ônibus que surgiu e desci a poucas quadras da faculdade.

Não consegui prestar atenção na aula, o fato do professor só falar de metodologia não ajudou muito, em vários momentos eu me vi muito longe dali, contra uma parede e com lábios quentes percorrendo meu pescoço.

– Terra chamando Melanie! – Gritou Ramona logo depois de falar alguma coisa que eu não tinha ouvido.

– O que foi?

– O que está acontecendo? Você parece estar em outro mundo.

Parei de andar, estávamos a duas quadras de nosso apartamento. Olhei para o céu estrelado e suspirei. Desde quando eu suspirava?

– Você já foi surpreendida por alguém que não poderia ter? – Indaguei ainda olhando as estrelas e em seguida focando a lua, que estava em sua forma mais bela.

– Não estou entendendo o que quer dizer.

– Estou tentando dizer que minha cabeça está um nó desde que Arthur me agarrou contra a parede das escadas.

– Como é que é?! – Ramona arregalou os olhos, parecendo incrédula.

Recomeçamos a andar e eu lhe contei detalhadamente tudo o que tinha acontecido, ela arregalava os olhos e no final de meu relato, um sorriso presunçoso surgiu.

– Sua vadia de sorte! – Ela gritou. – É óbvio que o pobre Arthur te deseja, mas não sabe o que fazer com isso e você sabe, tanto que as chances de seu plano dar certo na próxima sexta são enormes.

Concordei com um aceno e entramos no elevador.

– Você vai ter que se vestir de uma maneira irresistível, mas sem parecer piriguete porque se ele a vir em trajes minúsculos vai sair correndo.

– Acho que já sei como vou fazer.

Expliquei o que faria e Ramona aprovou certas partes e reformulou outras e assim continuamos durante o final de semana. Estávamos com coisas demais para fazer e não fomos para boate nenhuma.

Mergulhamos nos trabalhos, mas em vários momentos eu simplesmente viajava na maionese e tinha que me forçar a voltar ao que estava fazendo. Eu ficava agindo como uma adolescente ridícula e isso já estava me irritando, mas na sexta feira toda essa movimentação teria fim.

Na segunda-feira, acordei atrasada, como sempre. Vesti um vestido azul um pouco acima dos joelhos, fiz um nó no cabelo e sai do apartamento com minhas sapatilhas na mão.

Cheguei à empresa cinco minutos atrasada, passei correndo por Mariane, que gritou que meu vestido estava torto. Parei em frente à porta da sala de René e ajeitei o vestido. Assim que estiquei a mão em direção à maçaneta, ouvi uma voz familiar.

Hesitei antes de abrir a porta, será que eu estava preparada para ver Arthur? Eu nem tinha passado maquiagem e meu cabelo estava um caos. Dei um passo para trás, pensando em bancar a covarde e ir para recepção, mas antes que fizesse isso, ouvi meu nome. A curiosidade falou mais alto e eu dei um passo à frente, olhando para os lados antes de colar o ouvido na porta.

– O que a Mel fez para te deixar perturbado? – Perguntou René, sua voz chegava até mim de maneira abafada, mas nada que me impedisse de escutar com clareza.

– Aí é que está: não foi ela, fui eu.

Tapei a boca com a mão e coleí ainda mais o ouvido a porta.

– O que você fez para Mel?

– Eu a agarrei, cara, do nada.

– Explica isso direito.

Pelo tom de voz de René, ele parecia tão curioso quanto eu, minha vontade era chacoalhar Arthur até ele explicar direito, mas não precisei apelar, porque ele falou em seguida:

– Essa menina vem me deixando maluco já faz tempo. Primeiro ela me beijou a força, fazendo com que eu agisse como um babaca, depois começou a desfilar com aquelas roupas indecentes, eu ignorei porque achei que ela estivesse fazendo isso por despeito. Conheço a Melanie desde pequena e sei que ela ama provar que as pessoas estão erradas, mas então ela praticamente me ignorava quando nos encontrávamos nas boates, só tinha olho para o barman dos infernos.

– Você está com ciúmes, Arthur? – René o interrompeu, fazendo a pergunta de um milhão de dólares por mim.

– Não, claro que não. Eu só impedi que ela saísse com o barman, ah, sei lá porque impedi e isso não importa. Só sei que tive que me aproximar dela para ajudar Matheus e isso foi meu pior erro, eu nunca deveria ficar tão próximo daquela garota, ela é encrenca. Ela me faz agir como um idiota, fazendo com que eu abra portas e insista em carregar seus livros.

Tive que morder a palma da mão para abafar meu arquejo. Como assim eu era encrenca? Essa semana eu nem tinha agido como uma maluca e eu nunca pedi para ele abrir portas, ou carregar meus livros.

– Desde quando você é cavalheiro? – Perguntou René.

– Aí é que está: Eu não sou, mas com ela é diferente. Na sexta-feira, eu praticamente a forcei a falar quem tinha sido o babaca que a fez mudar tanto.

– Mudar?

– É. Ela era só uma garotinha ingênua quando eu fui para Inglaterra e quando voltei era um furacão, então eu a escutei conversando com o irmão e descobri o motivo e fui perguntar quem era, mas sabe o que aconteceu? Eu a agarrei como um maluco e ela não fez nada para me impedir e ainda me pediu para beijá-la e eu tive que dizer não e eu não queria ter dito não porque minha vontade era arrastá-la para minha cama.

Tive que conter a vontade de sair dando pulinhos. Era isso

mesmo? Arthur me desejava e meu plano tinha dado certo?

– E porque você não a arrastou para sua cama? Ela não é nenhuma garotinha inocente.

– Porque ela é a irmã mais nova do meu melhor amigo, porra! Sem falar que é sete anos mais nova do que eu.

– E o que tem isso?

– Tem que se Matheus desconfiar que eu agarrei a irmãzinha dele, ele me arranca as bolas, bem no sentido literal.

– Ele não precisa saber, você só pega a garota por uma noite, esvazia todo esse tesão.

– Não! Eu não posso fazer isso com ela, quer dizer, ela é uma menina. Eu a vi crescer, eu a ensinei multiplicar frações e a dançar valsa.

Sorri diante da lembrança dele me ensinando a valsar, eu era tão desengonçada e ele tinha tanta paciência.

– Isso não importa – retorquiu René. – Ela é uma mulher agora e é linda.

– Claro que é linda, isso é o que dificulta tudo, a garota não tem nem noção do que causa e aquelas roupas minúsculas? Eu tive vontade de socar o meu vizinho quando ele pediu o telefone dela.

– Então, primo, vai lá e traça ela, ou teu vizinho vai fazer isso e pelo que conheço da Mel, ela não vai fazer nenhuma objeção.

– Não, eu nunca vou transar com a Melanie, vou é manter distância dela.

– Mas você não tem um jantar no apartamento dela?

– Vai ter a Ramona junto, mas eu vou cancelar. Não quero ficar perto dela, pelo menos até passar esse desejo louco.

– Então acho melhor você ir, porque ela deve estar chegando. Na verdade, ela já está atrasada.

Ouvi o barulho da cadeira sendo arrastada e me levantei num

salto, correndo até a recepção e sentando em cima do tampo da mesa de Mariane.

– Mas o que aconteceu, está pegando fogo na sala? – Perguntou ela, assustada.

Até iria dar uma resposta, mas nesse momento Arthur e René apareceram. Cruzei as pernas, fiz minha melhor cara de paisagem e me inclinei em direção a Mariane, sussurrando em seu ouvido:

– Eu estive aqui o tempo todo.

Ela concordou com um aceno quase imperceptível.

– Você está atrasada vinte minutos – informou René parando ao meu lado.

– Na verdade, ela não está não. – Interveio Mariane. – A Mel está me ajudando com umas planilhas.

René sorriu para ela de uma maneira abobalhada e eu bufei sem querer, o que fez com meu chefe me olhasse com uma expressão divertida. Desviei o rosto e observei Arthur, parado um pouco atrás de René, com as mãos nos bolsos.

– Tenho que falar com você, Melanie – ele disse sem olhar para meu rosto.

Eu sabia o que Arthur queria falar, só que eu não daria chance para ele cancelar o jantar, então pulei da mesa e olhei para René:

– Estou indo verificar aqueles contratos.

Depois de meu chefe concordar, sai quase correndo dali, ignorando Arthur completamente.

Entrei correndo em minha sala e me joguei na cadeira, fazendo com que ela deslizasse para trás e batesse contra os arquivos, que caíram em minha cabeça. Praguejei e arrumei a bagunça. Enquanto fazia isso, tentava organizar meus pensamentos.

A primeira coisa que avalei foi a reação de meu chefe e o pouco caso que ele fazia de mim, segundo as constatações do mesmo, eu não pensaria duas vezes antes de transar com o vizinho de Arthur e Arthur poderia muito bem transar comigo para se esvaziar que não teria problema.

Fiquei com raiva dele e de Arthur, eu sabia a má reputação que tinha e a usava a meu favor, mas não podia ser hipócrita a ponto de mentir a mim mesma e dizer que as pessoas me chamando de vagabunda por tabela não me magoavam. Eu devia essa má reputação escrota a Luiz Otávio, aquele filho da puta virgem que ao não conseguir dormir comigo, e nem manter o namoro, espalhou para todo mundo o que não fizemos entre quatro paredes, mas com ênfase em partes íntimas do corpo sendo chupadas.

Balancei a cabeça, afastando os pensamentos dessa época. O lado bom de tudo isso era que meu plano realmente daria certo, com o incentivo certo Arthur passaria a noite em minha cama e na semana seguinte eu deixaria de ser virgem e então aproveitaria os benefícios de uma vida sexual ativa, que segundo Ramona eram bons demais porque não tinha mais aquela tensão de você não saber sobre o que esperar.

Resolvi todas as coisas pendentes de meu trabalho e ao meio dia chamei Mariane para ir ao shopping comigo, ela relutou em deixar René almoçando sozinho, mas quando lhe disse que tinha muitas novidades e precisava de sua ajuda, ela não pensou duas vezes.

Enquanto entrávamos em lojas de cosméticos e lingerie, lhe contei tudo o que estava acontecendo, desde a ida a lanchonete com direito a glace, passando por amassos contra a parede e finalizando com a conversa que tinha escutado há algumas horas.

– Não acredito que René pensa isso de você – ela disse zangada.

– Não é só ele, né Mari – peguei um cabide com um conjunto preto rendado, com uma calcinha minúscula. – O que acha desse?

- Acho que vermelho e preto são óbvios demais.
- Tem razão.

Passamos a outra sessão e uns cinco minutos depois Mari me mostrou a lingerie perfeita. Corremos para o caixa e depois voltamos ao trabalho, no caminho decidi bloquear Arthur no whatsapp, para ele não ter chance de cancelar o jantar.

No decorrer da semana fugi de Arthur, mudei os horários, chegando mais cedo e saindo mais tarde, e evitei almoçar no refeitório, marcando depilação para o horário do almoço e usando este tempo para terminar meus trabalhos da faculdade.

Tive que deixar de lado minha curiosidade sobre o estado de meu irmão e receber notícias através de minha mãe, que perguntou o que eu estava aprontando quando pedi para escovar meus cabelos e fazer as unhas. Inventei a desculpa de um jantar na faculdade e na sexta à tarde pedi a René para sair mais cedo, ele resmungou, mas eu disse que era por conta de minha mãe ter que ir ao médico e precisar de mim.

Não era totalmente mentira, na sexta minha mãe ia ao nutricionista, só que não era comigo, mas sim com meu pai. Quem fez minhas unhas foi Letícia, a manicure, e quem ficou responsável por meus cabelos foi Paolo, o cabeleireiro divo o suficiente para substituir mamãe, palavras dele e não minhas.

No meio desses preparativos, como cremes para o corpo e lingeries perfeitas, fiquei preocupada com a possibilidade de Arthur simplesmente não aparecer, mas Ramona, surpreendentemente, o encontrou na quinta de manhã e disse que o jantar era as oito e que ele não poderia faltar de jeito nenhum, porque ela não queria me deixar segurando vela e que era a chance dela apresentar Pietro como namorado oficial. Ele disse que iria ver e saiu resmungado algo sobre ficar maluco, Ramona disse que isso poderia ser um bom sinal.

Estava retorcendo os dedos de nervosismo enquanto Paolo

terminava de enrolar as pontas de meus cabelos. Quando ele finalmente terminou, eu paguei seus serviços e sai do salão gritando por um táxi, não era maluca porque o ponto ficava do outro lado da rua.

Um senhor de bigodes grisalhos fez sinal para que eu entrasse em seu carro, me joguei no banco traseiro e vi que já eram seis horas. Resmunguei um palavrão, sabiamente ignorado pelo taxista, e liguei para Ramona, pedindo que ela ligasse para o restaurante de comida italiana e os mandasse trazer o nhoque a bolonhesa e a salada verde às sete e meia, também pedi para ela comprar vinho. Não daria tempo de eu cozinhar, pois ainda tinha de tomar banho e terminar de me arrumar.

Durante o longo caminho não pude deixar de pensar na possibilidade de ele não aparecer. Eu tinha evitado ver Arthur durante a semana, numa tentativa infantil de impedi-lo de cancelar, juntando isso com o pedido de Ramona, bem, minha única alternativa era cruzar os dedos e esperar que ele não desistisse, mas se desse errado, minha única opção era comer e me embriagar e então dar um fim nisso de uma vez por todas, não haveria outra oportunidade.

Desci do táxi e subi correndo, derrubando a chave três vezes antes de finalmente conseguir abrir a porta da recepção, depois das seis horas eram os moradores os responsáveis por abri-la, quem perdesse a chave não entrava e ponto, isso impedia os malucos bêbados, mas não evitava os escândalos.

Entrei no apartamento e encontrei Ramona montando a mesa em nossa pequena cozinha. Ela tinha posto quatro lugares e estava dobrando os guardanapos de linho quando me viu.

– Preferi montar quatro lugares para ele não desconfiar – ela explicou.

– Ah, tá bom, e Pietro já sabe da parte dele do plano?

– Sei sim.

Virei-me e vi Pietro saindo da lavanderia. Havíamos combinado

que ele e Ramona fingiriam uma briga para nos deixarem sozinhos.

– Muito obrigada Pietro – agradei sorrindo.

Ele sorriu e foi para perto de Ramona a puxando pela cintura fina.

– Quando eu disser que não aguento mais você, saiba que é mentira e que na verdade minha vontade é te arrastar para o quarto e tirar sua roupa. – Ele falou no ouvido dela, mas alto o suficiente para eu escutar e começar a rir.

Deixei os dois conversando e entrei em meu quarto, fechando a porta e me encostando a ela, deslizando até o chão e abraçando os joelhos em seguida. Uma espécie de pânico começou a tomar conta de mim. Meu estômago ficou embrulhado e minhas mãos começaram a suar. Pela primeira vez eu comecei a temer o resultado de minhas próprias armações. Será que isso realmente daria certo? Ele apareceria e eu conseguiria seduzi-lo e arrastá-lo para minha cama?

Sacudi a cabeça algumas vezes e me levantei, fazendo um nó no cabelo e indo para o banheiro. Peguei a sacola de papel, da loja de cosméticos do shopping, dentro do armário e retirei de dentro o sabonete líquido com cheiro de baunilha. A atendente tinha me dito que homens adoravam coisas doces, principalmente a baunilha em contato com a pele da mulher, confiei cegamente na opinião dela, só esperava que não fosse à época das abelhas.

Tirei a roupa, coloquei uma touca de banho e entrei embaixo do jato gelado do chuveiro, era mais um daqueles dias abafados de abril, que não tinha nada de outono. Coloquei o sabonete na esponja e esfreguei o corpo todo, me detendo nas pernas para ver se tinha algum pelo aparente, já havia depilado a virilha e as axilas na depiladora. Para desincumbimento de consciência, depilei as pernas novamente com a lâminas, desliguei o chuveiro, sequei o corpo e me enrolei na toalha.

Peguei o creme hidratante de baunilha e fui para o quarto. Abri

o guarda-roupa e peguei a sacola que continha minha lingerie. Deixei a toalha cair no chão e vesti o conjunto rosa-claro rendado.

A calcinha era minúscula e transparente, a fina renda mostrava até demais para o meu gosto, um laço de seda enfeitava a parte da frente e tiras finas cobertas de renda finalizavam. O sutiã seguia o mesmo padrão, com seda e renda enfeitando tudo, o bojo erguia meus peitos o suficiente para dar a impressão de serem mais fartos. Girei em frente ao espelho para ver a parte de trás e fiquei receosa ao ver que a calcinha minúscula quase sumia.

Peguei o creme de baunilha em cima da cama e hidratei cada centímetro do meu corpo, tive de tirar a lingerie de novo porque fui burra o suficiente para vesti-la antes de passar creme.

Escolhi um vestido sem mangas e curto. Era preto com raminhos de flores rosa e verde. Não pude escolher nada mais sensual porque estava em casa e ninguém vestia algo curto, preto, justo e sexy em casa.

Olhei-me no espelho e ajeitei o vestido. Ele era justo até a cintura e depois ficava um pouco rodado. Ao olhar meu traseiro no espelho, deu a impressão de eu estar sem calcinha.

Soltei os cabelos e passei os dedos entre os cachos que Paolo tinha feito. Resolvi fazer um coque frouxo, assim poderia soltá-lo no momento apropriado. Peguei minha nécessaire na bolsa e fiquei pensando no estilo de maquiagem que deveria fazer, não podia ser nada forte demais, então optei em esconder minhas olheiras e passar rímel, deixando até o gloss de lado porque o gosto dele não era muito bom.

Avaliei minha produção e me achei baixinha demais, queria poder usar um sapato de salto alto, para deixar minhas pernas mais longas, mas ninguém usa salto em casa. Enquanto decidia que sapatilha usar, a campainha tocou. Sai correndo do quarto.

– Ramona! – Gritei apesar de ela estar na minha frente. – O que eu faço agora?

– É a comida, sua maluca. Ainda falta quinze para as oito.

Dei um suspiro de alívio e soprei algumas mechas de cabelo, que tinham se soltado do coque.

Ramona abriu a porta e pegou a comida, pagando o menino em seguida. Eu me joguei no sofá de maneira deselegante, quase tendo um ataque cardíaco. O pensamento de que se Arthur não viesse faria tudo ser mais fácil, começou a me reconfortar.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha e tive que conter a vontade de começar a roer as unhas, Ramona olhou para mim e começou a rir. Pietro pegou as sacolas da mão dela e riu também. Mostrei o dedo do meio para eles e cruzei os braços. Não podia estragar minhas unhas recém-pintadas de vermelho.

Ramona fechou a porta, mas menos de um segundo depois a campainha voltou a tocar. Ela resmungou e disse que o garoto do restaurante deveria ter esquecido alguma coisa. Concordei e ela abriu a porta, só que do outro lado não estava o garoto do restaurante, estava Arthur e no momento eu estava com o coração a mil, os cabelos bagunçados e descalça, porque fui estúpida o suficiente para esquecer de calçar os sapatos.

Capítulo 28

Inverdades

Por um momento eu quis me fundir com o sofá verde e desaparecer, ou então que acontecesse uma mágica que me deixasse invisível, fazendo com que meu coração voltasse ao ritmo normal, abandonando o batuque de escola de samba em que se encontrava. Tudo isso piorava a medida que eu constatava que mais uma etapa do plano estava concluída.

Ele veio.

Uma frase simples, composta por duas palavras, mas que era o suficiente para me deixar apavorada. Olhei para Arthur e foi como se todas as estrelas do céu se juntassem em torno de seu rosto. Ele estava com a barba feita e sem óculos, os cabelos molhados caíam sobre a testa de maneira desordenada, como se ele tivesse penteado o cabelo assim de propósito. A camiseta de algodão azul-Royal destacava sua pele clara e a calça jeans justa e desbotada, combinado com all stars pretos, lhe davam um ar de menino travesso.

Mordi o lábio, pensando se Arthur estava cheirando a loção pós-barba e a sabonete de limão. Lembrava claramente que quando ele havia me agarrado contra a parede, cheirava a sabonete e seus cabelos eram tão macios...

Fui despertada do transe com a voz esganiçada de Ramona. Ela havia perguntado a Arthur como ele havia conseguido subir, já que passava das seis e a recepção estava fechada. Fiz uma careta. Quem se importava como ele havia subido?

Após ele lhe responder que o entregador havia aberto a porta, voltou sua atenção para mim:

– Como vai Melanie? – Perguntou de uma maneira tão educada que até pareceu estranho.

– Bem e você? – Respondi também de maneira educada, só que minha voz saiu mais esganiçada que a do pato que é o toque de meu celular. Acho que se fizessem o concurso para ver quem grasnava mais agudo, eu ganhava de lavada.

– Repara não Arthur. – Ramona deu um passo a frente, ficando ao lado de Pietro, que estava prendendo o riso. – A coitadinha da Mel está com dor de garganta.

Então ela deu um pequeno empurrão nele, o fazendo sentar ao meu lado.

– Eu e Pietro vamos terminar o jantar – minha amiga continuou tagarelando enquanto puxava o namorado em direção à cozinha.

– Ela é sempre assim? – Perguntou Arthur.

– É um pouco pior, basta que você fale em poluição, ou águas vivas, que é seu novo assunto preferido.

Arthur sorriu e se encostou melhor, cruzando as pernas na altura dos tornozelos.

– Andou sumida essa semana – ele comentou enquanto analisava minha pequena sala descombinada. Eu estava ciente que os espelhos retangulares sob a parede roxa não combinava com sofá verde-limão e almofadas laranja.

– Estava fazendo alguns trabalhos da faculdade – menti e cruzei as pernas, fazendo a barra de meu vestido subir mais do que o necessário.

– Hum.

Ao ouvir o resmungo, olhei para seu rosto e vi como suas bochechas estavam coradas, além de seu esforço em olhar fixamente para a parede descombinada. Resolvi continuar, não iria deixar nada atrapalhar meu plano, por isso fingi estar distraída e soltei o nó que prendia meu

cabelo, fazendo com que as mechas onduladas cobrissem meus ombros. Comecei a desfazer nós inexistentes, lançado algumas mechas em sua direção. Ele me olhou e eu continuei fingindo estar distraída, mas notei a maneira como apertou a almofada ao seu lado.

– Está quente né? – Perguntei erguendo os cabelos acima do pescoço com uma mão e me abanando com a outra.

– Como um vulcão – ele murmurou chegando mais para o canto, se afastando de mim.

Suspirei ruidosamente e soltei os cabelos, isso fez com que ele me olhasse, me aproveitei disso e comecei a piscar sem parar, em seguida fingi esfregar o olho.

– Acho que entrou um cisco aqui – falei piscando mais rápido. – Você poderia fazer o favor de assoprar?

Arthur fez uma expressão de quem estava indo para fora e chegou mais perto.

– Qual olho?

– Esse. – Apontei para o olho direito e apoiei a mão em sua perna.

Quando ele se inclinou em minha direção, senti o cheiro de seu perfume. Não era sabonete de limão, mas sim algo almiscarado. Tive vontade de afundar o rosto em seu pescoço e sentir o cheiro em contato com sua pele. Quando o rosto dele estava a centímetros do meu, eu senti sua respiração tocar em minha bochecha. Seus lábios tão próximos dos meus eram um convite e pela milionésima vez imaginei que gosto teriam.

– Deu?

Ao ouvir a pergunta, arregalei os olhos, eu tinha perdido o foco totalmente.

– Ainda tem um cisco no seu olho? – Ele perguntou novamente, ainda perto demais para que eu conseguisse pensar com clareza.

– Tá ardendo – murmurei fazendo um beicinho, resolvendo me aproveitar da situação um pouco mais.

Ele se aproximou novamente e soprou meu olho.

– E agora?

Pisquei mais algumas vezes e então sorri:

– Muito melhor, obrigada. – Continuei sorrindo e me inclinei em sua direção, lhe dando um beijo estralado na bochecha.

Arthur se afastou bruscamente e balançou a cabeça, se recostando no sofá e cobrindo os olhos com o braço. Nesse momento Ramona nos espiou e fez um gesto de positivo com o polegar, indicando que a parte dela e de Pietro havia chegado.

– Você é insuportável! – Ramona gritou de repente e eu pulei. Não estava preparada para uma encenação desse nível.

Arthur também deve ter se assustado, porque tirou o braço de cima dos olhos e sentou direito.

– Eu não sou insuportável – retorquiu Pietro. – Você é que acha que todo mundo tem que salvar a Amazônia e agora começou com esse negócio de que as águas vivas estão sendo prejudicadas. Eu só as vejo queimando criancinhas inocentes. E quem se importa com essa droga toda?

– Eu! Eu me importo e você como meu namorado deveria saber que a culpa das águas vivas queimarem as criancinhas inocentes é do aquecimento global e todos temos o dever de saber disso. Mas você só sabe contribuir, já que nem sabe separar o lixo orgânico do reciclável. Acho que sua mamãezinha poluidora não te ensinou a ter consciência ambiental.

Olhei para Arthur e balancei os ombros, indicando que não estava entendendo nada.

– Não fala da minha mãe! – Exclamou Pietro jogando o pano de prato na bancada. – Ela pelo menos me entende e não me obriga a ser quem não sou, nem fala da droga da Amazônia e toda aquela balela de Índios.

– É dever de todos salvar o planeta e os índios pelo menos cuidam da natureza melhor que você!

– Então namora com um índio e ande pelada como eles, daí você vai fazer a dança do atabaque e contribuir com a seca.

Pietro saiu da cozinha batendo os pés e Ramona foi atrás dele, tentando impedi-lo de abrir a porta e sair resmungando. Vendo que sua tentativa foi inútil, ela voltou seu olhar raivoso em minha direção.

– Vocês dois façam o favor de comer toda aquela comida! – Gritou colocando as mãos na cintura. – Ela custou caro. Tem sobremesa e vinho na geladeira e tempere a droga da salada, Melanie Beatriz!

Então ela saiu e bateu a porta ruidosamente, nos deixando sozinhos.

– Eu te disse que quando o assunto era poluição, ela pirava. – Comentei fingindo espanto.

– Pirou mesmo. – Arthur se inclinou para frente e apoiou os cotovelos nos joelhos. – Acho que é por isso que eu não namoro com ninguém, relacionamentos são imprevisíveis.

Balancei a cabeça, em total acordo, apesar da briga deles ser uma farsa, eu sabia que Ramona e Pietro tinham divergências demais e que segundo minha amiga, eles estavam fadados a um fim e que um dos dois acabaria machucando o outro. Ramona tinha um senso prático que faltava na maioria das garotas.

– Acho que nos resta devorar o jantar – falei me levantando.

– Será?

– Claro. – Sorri e o puxei do sofá pelo pulso, era como tentar mover a muralha da China, mas ele viu meu esforço e resolveu se levantar. – Comer é sempre bom.

Arthur franziu os lábios diante de meu comentário, parecendo desconfortável. Antes que ele tentasse abandonar o jantar, o puxei em

direção à cozinha, fazendo com que se sentasse na ponta da mesa, de modo que pudesse me ver em ação. Eu não deixaria escapar nenhuma oportunidade de me mostrar.

– Quer vinho? – Perguntei abrindo a geladeira e pegando a garrafa na terceira prateleira.

– Acho que isso não é uma boa ideia.

Fechei a geladeira e me virei. Arthur estava com os cotovelos apoiados na mesa e me olhava com uma cara de torturado. Não consegui evitar a risada.

– Acho que ninguém aqui é menor de idade – falei quando consegui parar de rir. – Então não tem problema beber um pouquinho.

Não lhe dei tempo para argumentar e fui até a pia. Peguei o abridor na gaveta dos talheres e abri o vinho, depois fui até a mesa e parei ao lado de Arthur, me encostando propositalmente nele enquanto enchia sua taça.

Ignorando sua expressão de desagrado, enchi minha própria taça e tomei um longo gole da bebida gelada. Era vinho de pêssego, meu favorito. Deixei a garrafa na mesa e, ainda segurando minha taça, fui até a pia e terminei de temperar a salada de alface. Tomei mais um gole de vinho e coloquei a salada na mesa, ciente de que o olhar dele estava o tempo todo em mim.

– Mel... – ele começou a falar quando eu fui em direção ao forno.
– Sobre aquele dia...

– Que dia? – Perguntei pegando a travessa de nhoque no forno, ao lado da bancada, e a levando até a mesa.

– O dia em que eu quase te beijei.

Mordi o lábio e me sentei na cadeira ao seu lado. Onde ele queria chegar com essa conversa?

– O que tem? – Comecei a encher meu prato de nhoque para

disfarçar a ansiedade.

– Eu estava meio doido e agi mal.

– Eu sei. Você me pediu desculpas e disse que isso não tornaria a se repetir.

Espetei um nhoque com o garfo e olhei para seu rosto. Arthur me olhava de uma maneira apreensiva, abriu a boca para falar algo, mas desistiu e começou a se servir. Ficamos em um silêncio desagradável e para compensar a ausência de conversa, eu comecei a comer como uma esfomeada. Foi só quando enchi meu prato pela terceira vez que ouvi a risada dele.

– Você tem um apetite e tanto hein.

Deixei o garfo cair em cima do prato, causando um ruído. Ele tinha razão, eu estava comendo como um caminhoneiro e isso não era o que se esperava de uma garota que estava tentando seduzir um cara, eu estava mais para ogra do que para uma dama.

– Sabe, eu não falei isso para te ofender – ele comentou, fazendo com que eu desviasse os olhos do prato e encontrasse seu belo rosto. – Eu acho legal o fato de você comer o que quer e não se importar em ser magra.

Ele estava falando que eu era gorda? De repente perdi o apetite e empurrei o prato para longe de mim, me levantando. Peguei minha taça e tomei o que restava do vinho em um gole só.

– Você está dizendo que eu sou gorda? – Perguntei com voz esganiçada, apertando a pele de minha barriga e vendo se formava um pneu.

– O quê? – Arthur derrubou o garfo dentro da taça de vinho, desviando a atenção de minha banha para sua reação. – Eu não te chamei de gorda, eu disse que você não...

Ele começou a me olhar de uma maneira que me deixou constrangida, seu olhar percorreu meu corpo de cima abaixo, parando em

minhas pernas.

– Seu corpo é perfeito – murmurou ainda me olhando de uma maneira que me fazia ter vontade de tirar a roupa e girar, para que ele me visse de todos os ângulos possíveis. – Seu corpo é perfeito... Até demais.

Ele ficou todo atrapalhado depois de dizer isso e eu sorri, porque Arthur ficava tão bonito daquele jeito, a expressão envergonhada combinava com ele de uma maneira que não combinava com o restante dos garotos que eu conhecia, mas ele não era um garoto, era um homem, um homem prestes a fazer com que eu me tornasse mulher.

– Quer sobremesa? – Perguntei de uma maneira gentil, sentindo as borboletas de minha adolescência ressurgir em meu estômago.

Arthur arregalou os olhos e fez um gesto afirmativo. Levantei-me e peguei nossos pratos, nem me dando ao trabalho de perguntar se ele tinha terminado de jantar. Coloquei os pratos na pia e peguei as taças de sobremesa e os talheres no armário, os colocando em cima da mesa e esbarrando nele de propósito. Em seguida fui até a geladeira e peguei a torta de morango com chocolate na primeira prateleira.

Resolvi agir mais rápido, deixar os joguinhos de lado a partir para ação, estava ciente de que o deixava confuso, me aproveitaria o máximo disso. Aproximei-me mais dele e me inclinei propositalmente em sua direção, cortando uma fatia da torta e a colocando em sua taça.

Voltei ao meu lugar e quando ele me olhou, eu levei o dedo indicador aos lábios, lambendo a cobertura de chocolate que tinha ficado ali. Arthur balançou a cabeça e desviou o olhar, aproveitei-me disso e coloquei a sobremesa em minha taça. Quando ele voltou a me olhar, peguei um morango coberto de chocolate, com os dedos ao invés da colher, e o levei aos lábios, da mesma maneira que as atrizes faziam nos filmes. Fechei os olhos, tirando o morango lentamente de minha boca.

– Hum, isso é bom – murmurei enquanto lambia o chocolate que restava no morango e o levava novamente a boca.

Arthur ficou meio embasbacado, retirou o garfo de sua taça e tomou o vinho em um gole só, pegando a garrafa a sua frente e enchendo novamente a taça.

– Não prefere comer com a colher? – Perguntou com voz estrangulada.

– Assim é melhor – expliquei pegando outro morango e lambendo a cobertura da ponta.

Ele arregalou os olhos e baixou a cabeça, se concentrando em sua sobremesa. Sorri diante de sua atitude. O desejo dele ficou óbvio quando falou que meu corpo era perfeito. Utilizando essa reação, levantei-me e me espreguicei, esbarrando na perna dele, ao mesmo tempo em que erguia os braços e fazia a saia de meu vestido subir.

Arthur deixou a colher cair e ficou me encarando de boca aberta, sorri e peguei minha taça na mesa. Caminhei rebolando enquanto a colocava na pia. Quando voltei à mesa, tive outra ideia: Ao invés de ir para meu lugar, fui para perto de Arthur, ele arregalou os olhos pela milionésima vez e eu me abaixei, deixando o decote de meu vestido a mostra e apoiando a mão nas costas de sua cadeira.

– Tem chocolate aqui. – Expliquei e passei o polegar em seu lábio inferior, sentindo sua respiração ficar acelerada e tocar meu dedo.

Afastei o dedo de seu lábio e o levei a minha boca, chupando a gota de chocolate que tinha ali.

– Você está me provocando. – Ele me acusou, sua voz estava rouca.

Sorri e me inclinei mais para frente, o obrigando a se recostar na parede. Afastei a mão que estava no encosto da cadeira e a deslizei por seu maxilar.

– E se eu estiver? – perguntei deslizando os dedos até seu pescoço.

– O que você quer? – Ele devolveu minha pergunta com outra pergunta e fechou os olhos quando passei o dedo indicador ao redor do decote de sua camiseta.

– Acho que quero o beijo que se recusou a me dar – falei em seu ouvido, voltando a deslizar os dedos em seu pescoço.

Não sabia dizer de onde estava vindo tanta ousadia, eu só queria que ele me beijasse de uma vez por todas, estava cansada de imaginar a maneira como beijava.

– Eu prometi que não te beijaria – ele sussurrou, fechando os olhos quando me inclinei ainda mais e beijei sua orelha, finalmente aspirando o cheiro de seu pescoço.

Eu poderia nunca ter transado com um cara, mas já tinha agarrado tantas vezes alguns garotos que simplesmente sabia que o pescoço era um ponto fraco, acho que os romances de banca de minha mãe, que tinha lido escondido, também estavam ajudando. Lembrava claramente que uma garota sussurrando no ouvido de um homem era sedutor, então coleí meus lábios em sua orelha e sussurrei:

– Mas eu nunca prometi nada, Arthur.

Deslizei os lábios por sua orelha, passando pelo maxilar e parando no queixo. Dei um beijo ali e ergui os olhos, vendo que Arthur estava agarrando a ponta da mesa com uma mão e o encosto da cadeira com a outra, os nós de seus dedos chegavam a estar branco.

– Ah, que se dane – ele falou esticando os braços e segurando minha cintura, fazendo com que eu sentasse em seu colo, com uma perna de cada lado de seu corpo. – Você está me deixando louco, sabia?

– Era essa a intenção – sussurrei passando os braços ao redor de seu pescoço e chegando mais para frente, deixando nossos rostos a centímetros um do outro.

– Se eu te beijar, você vai parar? – Perguntou afastando uma mão de minha cintura e deslizando o polegar por minha bochecha.

– Não. – Sussurrei e mordi seu queixo.

Ouvi um gemido baixo e sorri, movendo a cabeça e passando o nariz em seu pescoço, aspirando o cheiro do perfume extremamente masculino e almiscarado de sua pele.

Arthur deslizou a mão por meus cabelos, parando em minha nuca, onde puxou minha cabeça com delicadeza, fazendo com que eu olhasse para seu rosto.

– É muito difícil resistir à tentação, principalmente quando ela tem cabelos dourados e cheira a baunilha.

Ele falou isso e foi aproximando o rosto do meu, fechei os olhos segundos antes de nossos lábios se colarem. Dessa vez não houve hesitação, não teve pesar. Ele contornou meus lábios com a língua e então finalmente invadiu minha boca, fazendo o beijo que eu tanto sonhara em receber se tornar realidade.

O abracei, gemendo contra seus lábios a medida que ele esquadrinhava minha boca, fazendo meus estômago dar cambalhotas e fogo correr por minhas veias. Sentia o ar se esvaindo de meus pulmões, mas preferia perder todo meu fôlego a parar de beijá-lo.

Arthur foi afastando os lábios dos meus lentamente, aspirei o ar ruidosamente e ele sorriu.

– Era isso o que queria? – Perguntou tocando meu lábio inferior com o polegar.

– Quero mais. – Respondi usando toda a ousadia que me restava.

Arthur sorriu e beijou meu queixo, descendo para meu pescoço. Inclinei o pescoço para trás, facilitando seu acesso e deixando escapar um gemido quando chegou a minha orelha e mordiscou o lóbulo.

Ele continuou distribuindo beijos por meu pescoço, chegando ao decote de meu vestido e subindo, passando por meu queixo, tocando levemente meus lábios e começando tudo de novo. Eu respirava

ruidosamente, agarrando seus cabelos.

As mãos dele, que antes estavam em minhas costas, desceram para minhas pernas e deslizaram para baixo da saia de meu vestido, chegando até o elástico rendado de minha calcinha, fazendo minha pulsação acelerar ainda mais.

De repente, Arthur enroscou os dedos na barra da saia de meu vestido e começou a deslizá-lo para cima. Ele parou de beijar meu pescoço e eu ergui os braços, ajudando-o.

Arthur jogou meu vestido no chão e olhou para meus seios, ressaltados pelo bojo do sutiã rendado. Pensei em me esconder, mas ele passou os dois braços ao redor de minha cintura e se levantou.

– Onde fica o quarto? – perguntou quando eu agarrei seu pescoço para não cair.

– Primeira porta a esquerda – respondi, tomando consciência do que estávamos prestes a fazer.

Ele me colocou no chão e eu cambaleei, apoiando as mãos em seu peito e notando como eu parecia pequena daquele ângulo. Arthur pareceu não notar, porque se inclinou em minha direção e me beijou, curvando o corpo sobre o meu e passando as mãos em minhas costas, encontrando o fecho de meu sutiã e o soltando, se afastando de mim para retirá-lo de meu corpo. Senti o tecido cair aos meus pés e olhei para o rosto dele.

Toda sua atenção estava voltada para aquela parte de mim recém-descoberta. Ele se abaixou, segurando meus pulsos e se ajoelhando a minha frente. Arqueei uma sobrancelha, me perguntando o que ele pretendia fazer, mas então Arthur colocou minhas mãos em seus ombros e se inclinou para frente, passando os braços ao redor de minhas pernas e colocando os lábios em cima de meu monte de vênus, beijando por cima da renda transparente da calcinha.

Um arrepio percorreu meu corpo a medida em que ele subia,

beijando meu umbigo, passando pela barriga e parando entre meus seios. O puxei pela camiseta e fiquei na ponta dos pés, colando meu corpo ao seu e o beijando, mordiscando seu lábio inferior e invadindo sua boca, ansiando uma vontade de tê-lo que só aumentava à medida que o tocava, parecia que nada que fizéssemos seria o suficiente. Comecei a empurrá-lo em direção ao meu quarto, ainda com os lábios colados aos dele. Consegui abrir a porta e entramos aos tropeços, só parando quando a parte de trás de meus joelhos bateram nos pés da cama.

Parei de cambalear e deslizei as mãos por baixo de sua camiseta, sentindo os músculos de seu abdômen na ponta de meus dedos. Ávida por mais, parei de beijá-lo e comecei a tirar sua camiseta, ele me ajudou e jogou o tecido no chão.

Lancei um olhar de cobiça para seu abdômen bem definido e sem pelos. Já havia imaginado inúmeras vezes como aqueles músculos seriam, mas nenhuma se comparava com a realidade à minha frente, principalmente com o cós vermelho daquela cueca boxer chamando minha atenção. Toquei o elástico e Arthur me empurrou, fazendo com que eu deitasse na cama.

– Você parece o paraíso – sussurrou se debruçando em cima de mim e mordendo levemente meu lábio.

Ele mordiscou meu queixo e foi descendo, chegando aos meus seios e tocando levemente meu mamilo, que imediatamente ficou entumecido. Antes que eu pudesse me acostumar com a sensação, ele abocanhou o outro, continuando a me acariciar com os dedos. A sensação era divina e eu senti uma coisa começar a pulsar *lá embaixo*.

– Arthuro... – deixei seu nome escapar por meus lábios entre gemidos. – Hum, isso é bom.

Ele parou de chupar meu seio e ergueu a cabeça. Olhei para seu rosto e senti as bochechas arderem. Arthur começou a rir e eu tive vontade de puxar o lençol e me cobrir, mas não deu tempo, porque ele voltou a me

chupar, só que a mão que estava no outro seio desceu por minha barriga e parou entre minhas pernas. Fechei os olhos e senti quando o tecido de minha calcinha foi afastado, em seguida senti seus dedos *lá* e fechei as pernas.

Não resolveu muito, ele começou a mexer os dedos em círculos e uma sensação gostosa fez com que eu arqueasse as costas e gemesse mais alto. Agarrei os cabelos de Arthur, sentindo a maciez entre meus dedos e os puxando. Seus lábios seguiam os movimentos dos dedos e me faziam cair em um precipício de desejo. Murmurei coisas desconexas, sentindo toda a pulsação de meu corpo se acumular em um único ponto.

Quando achei que mergulharia naquele precipício, ele parou, tirou os dedos de dentro de mim e afastou os lábios de meus seios, puxei seus cabelos em protesto, mas ele me ignorou e pousou as mãos em minha cintura, fazendo com que eu abrisse os olhos e visse seu rosto próximo do meu. Afirmei-me sobre os cotovelos e o beijei, perdendo o equilíbrio e o puxando junto comigo contra o colchão. Deslizei as mãos por seu abdômen e encontrei o botão de sua calça jeans, o abrindo.

Puxei a calça jeans para baixo e Arthur afastou os lábios dos meus. Abri os olhos e vi quando ele tirou um envelope de papel laminado do bolso, me entregando. Ao sentir o contato frio do preservativo contra minha mão, tive certeza do que aconteceria e pela primeira vez na noite, pensei em falar a verdade.

Arthur saiu de cima de mim e sentou na cama, tirando o tênis e o jogando no chão, em seguida tirou a calça jeans, ficando só com a cueca boxer vermelha. Abri a boca para falar a verdade, mas ele se debruçou novamente em cima de mim e me beijou, fazendo com que eu esquecesse até meu nome enquanto suas mãos desciam por meu corpo. Senti quando agarrou o elástico rendado de minha calcinha e a puxou para baixo. Ergui as pernas e abri os olhos, o vendo pegar o elástico com as duas mãos, tirando a peça rendada e a deixando pendurada em meu tornozelo.

Balancei a perna, deixando a calcinha cair na cama. Arthur sorriu e deslizou um dedo por meu sexo, me fazendo estremecer.

– Eu estou prestes a quebrar minha promessa – ele sussurrou beijando meu joelho.

E eu estou prestes a perder a virgindade e você nem sabe disso.

– Todo mundo precisa fazer uma loucura de vez em quando – murmurei.

Ele concordou com um aceno e voltou a posicionar o corpo acima do meu.

– Acho que essa noite, você se chama Loucura – ele falou enquanto me dava selinhos. – Mas não vai passar disso, Mel, só hoje e depois nunca. Sexo, só isso.

Concordei e lhe entreguei o envelope laminado. Eu nunca quis nada além de uma noite e se eu precisar me chamar loucura, então que seja. Estiquei os dedos e toquei no elástico de sua cueca boxer, a abaixando.

Conforme ele assumia o controle e retirava a cueca, eu pensava que nunca tinha visto um homem nu antes e que ele era realmente bonito sem roupa, como eu havia imaginado, mas uma coisa me afligia: Como tudo *aquilo* entraria em mim?

Arthur parecia alheio as minhas preocupações, estava colocando o preservativo. Prendi a respiração quando ele voltou a me olhar. Fiz minha melhor cara de quem sabia o que estava fazendo e que já tinha feito aquilo muitas vezes. Ele sorriu, abrindo minhas pernas com sua coxa, beijando meu pescoço enquanto se posicionava. Senti quando *ele* me tocou e fiquei rígida, esquecendo os conselhos de Ramona de que precisava relaxar.

Deus, eu estava pensando em Ramona enquanto Arthur estava entrando em mim, beijando meu pescoço e acariciando meu seio, mas nada do que ele estava fazendo trouxe aquela sensação de antes. Agora só havia tensão, enquanto antes parecia que eu poderia explodir em um milhão de pedacinhos.

Ele afastou as mãos de meus seios e as deslizou por minhas coxas, passando os braços por trás delas. De repente me puxou para baixo, entrando em mim de uma só vez. Imediatamente senti uma espécie de beliscão e uma dor, parecida com algo queimando.

O rosto de Arthur ainda estava enterrado em meu pescoço, então mordi o lábio, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas quando ele começou a se movimentar, era muito desconfortável e eu queria parar.

– Vo... Você é apertada – ele murmurou entre gemidos.

Ele fez um movimento brusco, me causando mais dor.

– Ai, ai!

Deixei escapar um gemido de dor e ele imediatamente parou. Suspirei de alívio e Arthur afastou o rosto de meu pescoço, se afirmando nas mãos e me olhando.

À medida que ele me olhava, senti algo se agitando dentro de mim. Suas sobrancelhas franzidas e uma gota de suor entre elas me fez esticar o braço e passar o dedo indicador ali, tentando desfazer o franzido.

Ele beijou meu pulso e se movimentou, mordi o lábio, sentindo certo desconforto, ele pareceu notar porque parou, em seguida arqueou uma sobrancelha e olhou para meu corpo, arregalando os olhos.

– Puta merda! – Exclamou parecendo horrorizado. – Me diz que você não é virgem.

Fechei os olhos, sentindo as bochechas arderem.

– Não, não precisa nem responder.

Ele saiu bruscamente de dentro de mim e eu deixei escapar um gritinho. Abri os olhos e o vi sentado na cama, retirando o preservativo, que estava sujo de sangue. Em seguida ele olhou para o lençol, arregalando os olhos. O preservativo escorregou de seus dedos e caiu no chão.

Fiquei extremamente constrangida, puxei o lençol e vi a marca de sangue. Fiquei mais envergonhando ainda e rolei para o lado, me

cobrindo até o queixo com a parte limpa. Porque droga eu tinha que ter deixado a cama com um lençol branco?

– Virgem. – Ele tornou a repetir, parecendo estar em estado de choque. Arthur olhava para o chão fixamente e eu pisquei, deixando as lágrimas que estavam presas em meus cílios escorrerem por minhas bochechas.

Não sabia por que estava chorando, só sabia que queria me enfiar embaixo das cobertas e me esconder como uma menina de seis anos que estava com medo do mostro dentro de seu armário, que na verdade não passava de um suéter verde.

Ergui mais o lençol, deixando só os olhos descobertos. Arthur desviou os olhos do chão e me olhou, parecendo mais alarmado ainda. Ele se levantou e pegou sua calça que estava no chão, em seguida a cueca boxer. Vestiu as roupas ainda com os olhos arregalados, pensei que ele iria para casa e me livraria de mais constrangimento ainda, mas assim que abotoou a calça, ele me olhou e sentou na cama, de frente para mim.

– Virgem. – Tornou a repetir, como se a palavra soasse estranha em sua língua. – Você é virgem, ou melhor, era. Como assim? Todo mundo sempre achou que você andava com a cidade inteira. Como assim virgem, Melanie!

Ele gritou a última parte e eu me encolhi ainda mais, cobrindo a cabeça com o lençol, ciente de que minha atitude era patética, mas eu estava constrangida, com medo e me sentindo um lixo humano.

– Não, você não vai bancar a menininha e se esconder agora! – Arthur gritou e puxou o lençol de minha cabeça. – O que aconteceu aqui Melanie?

Meus lábios começaram a tremer e eu senti as lágrimas quentes escorrerem por meu rosto.

– Eu... Eu... – comecei a tentar falar, mas só saia monossílabos indecifráveis de minha boca.

– Você parecia uma mulher há vinte minutos – ele continuou, em tom acusatório. – Estava sabendo muito bem o que estava fazendo e agora não vai me dar à porra da explicação que eu tenho direito?

Ele afundou a cabeça nas mãos, parecendo transtornando.

– Eu acabei de tirar a virgindade da irmã do meu melhor amigo, a irmãzinha dele, que tipo de pessoa eu sou? – ele murmurou, parecendo mais desesperado.

– Eu quis isso – falei, reunindo o pouquinho de coragem que estava encoberta pelo desespero.

– Claro que você quis – Arthur voltou a me olhar. – Eu entendi, já entendi o porquê de você querer.

Balancei a cabeça e abri a boca para perguntar o que ele tinha entendido, mas Arthur não me deixou falar.

– Eu sei o que quis fazer, tem tudo haver com aquele maldito beijo não é? Eu disse que não iria ser seu brinquedinho e olha só o que aconteceu, aqui estou eu.

Comecei a balançar a cabeça em sinal negativo.

– Não, não...

– Não tente consertar Melanie, eu não sou burro. Eu vi a maneira como você começou a agir perto de mim. Vi as roupas curtas, mas ao te ver com o Bartender pensei que era impressão minha, mas agora eu sei. Era tudo um truque, você mais uma vez quis provar que estava com a razão. Parabéns, você conseguiu.

– Não, não...

– Chega! Não precisa mais continuar com seu teatro, não menospreze minha inteligência, menina. Porque é isso o que é, uma menina mimada que tem um ego enorme e não pode ser contrariada. Se sua intenção era provar que eu estava errado, conseguiu e conseguiu fazer com que eu me sentisse culpado também.

Ele se levantou e eu tentei me levantar, mas ele me olhou com ódio e eu parei.

– Você prejudicou mais a si mesma do que a mim – falou cruzando os braços e me olhando de um jeito que nunca tinha olhado antes.
– Será que valeu a pena Melanie, se entregar desse jeito em nome de vingança?

Meus lábios continuaram tremendo. Arthur estava entendendo tudo errado, eu não fiz isso em nome de vingança eu...

– Sabe o que eu não entendo? – ele continuou falando, ainda me olhando com aquela expressão ressentida. – Como você conseguiu, não a me seduzir, mas ter coragem o suficiente para se entregar a quem não ama.

Soltei o lençol, que estava preso entre meus dedos, e olhei para o teto, eu realmente não sabia o que dizer, não tinha argumento. Eu queria uma noite, não amor e Arthur nunca fez o tipo romântico, porque estava falando de amor?

– Eu não queria amor – murmurei, julgando que ele não fosse capaz de ouvir.

Que tipo de garota não quer amor? – Perguntou, desfazendo minha suposição de quem não tinha ouvido. – Eu sempre ouvi dizer que a primeira vez de uma garota tinha que ser especial, com alguém que valesse a pena, e aqui estamos nós. Você fez tudo errado, deveria esperar por alguém que te merecesse.

As palavras dele estavam me machucando, eram como cacos de vidro se enterrando nas paredes de meu coração.

– Eu...

– Não tem justificativa Melanie – Arthur me interrompeu. – Você me fez acreditar que já tinha andado com a cidade inteira, me enganou e tudo porque quis se vingar de um beijo. Acho que o preço foi alto demais. Espero que quando for mais velha não se arrependa da besteira que me fez fazer, porque acredite, eu já me arrependo.

– Arthur – sentei direito e puxei o lençol para baixo de meus braços. – Não foi...

– Chega! – Ele gritou, me assustando novamente. – Chega de tentar me enganar. Será que só sabe manipular as pessoas? Não precisa nem tentar responder.

Arthur passou a mão nos cabelos, parecendo transtornado, ele me olhava com um misto de ódio e pena e isso fazia um nó subir por minha garganta, deixando meu estômago embrulhado.

– Eu nunca pensei que falaria isso para você – ele deu um passo à frente. – Mas eu não quero te ver nunca mais e faz um favor por mim também: Nunca mais apareça na minha frente.

Então Arthur pegou sua camiseta, que estava no chão, e saiu. Escutei a porta da sala sendo batida, depois só os meus soluços cortavam o silêncio da noite.

Capítulo 29

Truques vazios

Eu não era o tipo de garota que poderia ser considerada a mocinha sofredora de um romance de banca ruim, mas naquele momento, tudo o que eu conseguia fazer era chorar, o único movimento que fiz foi de abraçar os joelhos, tentando de alguma forma manter meus pedaços unidos.

Parecia dramático, mas a realidade era que eu me sentia desmontada, como se pedaços de mim estivessem espalhados, ou melhor, colados na sola do tênis de Arthur. As palavras que ele tinha cuspidas na minha cara ainda se enterravam em meu coração, enquanto constatava minha própria burrice.

Eu tinha sido humilhada mais uma vez e pela mesma pessoa. Poderia acrescentar novas palavras a minha coleção de ofensas recebidas.

Primeiro ele foi grosseiro por conta de um beijo e agora porque tinha tirado minha virgindade. Ele tinha o direito de ficar zangado, mas não tinha o direito de constatar coisas antes de me escutar.

Limpei os olhos com as costas da mão, respirando com dificuldade. O nó em minha garganta aumentou e eu encostei a boca em meu braço, tentando abafar os soluços altos demais aos meus próprios ouvidos. Eu nunca tinha sentido algo assim, um misto de humilhação com mágoa, que parecia crescer a cada segundo, como se eu fosse ser engolida por meus próprios sentimentos conflituosos.

Continuei soluçando à medida que constatava que agora chorava como uma mulher ressentida e não como uma garota. Poderia parecer idiota, mas de certa forma meus truques deram certo, eu tinha alcançado meu objetivo, mas não da maneira esperada. Eu não tinha imaginado que terminaria a noite chorando agarrada em um lençol sujo de sangue.

Acho que, lá no fundo, eu esperava ser abraçada enquanto dormia, satisfeita com o desfecho, como naqueles filmes ruins da TV a cabo. Nenhum filme mostrava a mocinha se lamentando, chorando pela humilhação, ressentida por constatações erradas e engasgando com palavras não ditas, mas a vida real é assim, um tijolo que acerta sua cara no momento mais inoportuno, te mostrando que todos os truques são vazios, que as pessoas são imprevisíveis, até aquelas que julgamos conhecer.

Eu nunca imaginei que Arthur fosse capaz de me ferir tanto, mas pelo visto ele seria sempre o único garoto capaz de me magoar. Eu nunca liguei em ser chamada de vagabunda pelos outros, mas quando ele me chamou de manipuladora e disse que nunca mais queria me ver na frente, tudo o que eu conseguir pensar era em engrenagens sendo desmontadas, as engrenagens do que um dia tinha sido meu coração.

Há certas coisas que as pessoas só conseguem superar depois de um grande baque e Arthur era uma delas. Apesar de não amá-lo como

antes, eu o admirava, admirava seu senso protetor e a maneira como discordava de meu irmão para me defender, mas toda essa admiração morreu no instante em que ele resolveu tirar conclusões precipitadas e me impedir de falar.

Engoli minhas lágrimas pela milionésima vez e me levantei. Abri a porta do quarto e fui até o banheiro. Olhei meu reflexo no espelho e vi a própria derrota. Eu tinha rímel espalhado pelo rosto todo, meus lábios estavam inchados e meus cabelos grudavam na testa e nas bochechas.

Sai da frente do espelho e abri o chuveiro, entrando embaixo da água fria e acabando com os cachos que Paolo tinha se empenhado tanto em fazer. Tudo aquilo fazia parte da imagem que eu tinha insistido em criar, a imagem de alguém segura. Só que agora eu estava perdida.

Sentei no chão e abracei os joelhos, deixando a água cair em meu rosto e se misturar com as lágrimas. Estava me sentindo um lixo, algo sem valor que pode ser jogado em um canto, algo com quem se pode gritar.

Nunca ninguém tinha gritado comigo daquela maneira, jogando palavras como se fossem facas, também nunca pensei que as palavras pudessem ferir mais do que joelhos ralados, quem me dera ter caído de bicicleta ao invés de ter feito o que fiz.

Perdi a noção de quanto tempo fiquei encolhida ali, chorando mais do que imaginava ser possível. Só me levantei quando senti frio. Passei condicionador nos cabelos e esfreguei o corpo com meu sabonete de erva doce, tentando me confortar com o cheiro familiar, que fazia eu me lembrar de casa.

Isso me fez chorar ainda mais, sentindo falta de minha mãe, de sua risada e de seus conselhos malucos. Desejei desesperadamente que ela estivesse ali e risse de mim por usar um sabonete com aquele cheiro, que em sua opinião era de gente velha e atraía abelhas. Também quis contar tudo pra ela e pedir colo, mas isso não seria possível. Mamãe não aceitaria o que eu fiz, ainda mais sendo Arthur.

Resignada em minha própria solidão, desliguei o chuveiro e me enrolei na toalha que estava no chão. Fui para meu quarto e abri o guarda-roupa. Escolhi sutiã e calcinha descombinados e de algodão, nada que lembrasse o que Arthur tinha tirado de meu corpo antes. Vesti uma camisola sem mangas azul e calcei meias verde-limão. Sempre calçava meias quando ficava doente e naquele momento me sentia mal, como se tivesse pego uma gripe instantânea.

Penteei os cabelos em frente ao espelho do guarda-roupa, notando a maneira como meus olhos estavam vermelhos e pareciam grandes demais. Prendi os cabelos em um coque no alto da cabeça e andei até minha cama. Puxei o lençol sujo de sangue com violência, derrubando os travesseiros no chão.

Enquanto trocava o lençol da cama, sentia as lágrimas descendo por meu rosto e tocando meus lábios, deixando um gosto salgado. Quando terminei, sai do quarto e joguei o lençol na máquina de lavar, optando pela opção roupa muito suja.

Fui para a cozinha e comecei a limpar tudo, jogando a comida no lixo. Vi o vinho pela metade e comecei a tomar direto da garrafa. Enquanto lavava a louça e organizava as coisas, continuei bebendo, tentando entorpecer tudo o que estava sentindo e ignorar o acesso de choro que veio quando encontrei minhas roupas espalhadas pelo chão, as joguei na máquina de lavar junto com o lençol.

Terminei de limpar a cozinha e comecei a limpar a sala, tirando o pó e passando pano no chão, adiantando a limpeza e tentando evitar pensar, não podia reprimir a dor, mas podia limpar e beber vinho. Quando terminei de tomar a bebida, notei que não tinha nada para fazer, tudo estava brilhando. Sentei no sofá, sentindo certo desconforto.

Quando peguei o controle da televisão, ouvi as vozes de Ramona e Pietro. Levantei rapidamente do sofá e corri para meu quarto, apagando a luz e me jogando na cama, não queria ter de contar meu fracasso e

humilhação para ninguém.

Peguei o edredom, nos pés da cama, e me enrolei, abraçando a ponta e me virando em direção à janela, notando que tinha me esquecido de fechá-la. Fiquei olhando para o céu estralado, escutando as risadas de Ramona e Pietro, me surpreendendo de ainda ter lágrimas para derramar.

Não muito tempo depois, minhas pálpebras foram ficando pesadas e um pouco antes de mergulhar na inconsciência me perguntei se Arthur seria capaz de me odiar para sempre, ou se era só por hoje.

Tive um sono pesado e sem sonhos, um pouco antes de abrir os olhos senti um vento gelado batendo em meu rosto, seguido de um estrondo. Sentei na cama e vi que estava chovendo, a chuva entrava pela janela aberta e molhava o chão. Levantei correndo da cama e fechei a janela.

Voltei correndo para cama, mas antes que pudesse me jogar no colchão, pisei em algo gelatinoso e escorreguei, tendo de me afirmar no criado mudo. Olhei para o chão e localizei o causador de meu escorregão. Embaixo do meu pé estava um preservativo, ou melhor, o preservativo usado e sujo de sangue.

Toda a memória da noite anterior voltou e só de olhar para o preservativo me senti humilhada. Levantei e abri a porta com força, a deixando bater contra a parede. Corri para o banheiro e joguei o preservativo dentro do vaso sanitário, puxando a descarga muito mais vezes do que o ambientalmente correndo.

Sentei no chão e cobri o rosto com as mãos, tentando ignorar as lembranças do desastre da noite anterior.

– Mel? – Ouvi a voz de Ramona, seguida por uma batida na porta. – Está tudo bem?

– Está – menti com voz embargada.

– Tem certeza? – Ela parecia preocupada. – Quando eu cheguei o apartamento estava todo limpo, achei estranho, e agora você está trancada no banheiro. Quer conversar?

Engoli em seco, sentindo um gosto amargo na boca. Não sentia vontade de conversar, não queria contar a humilhação por qual passei. Ramona tinha me avisado inúmeras vezes que isso acabaria mal e eu não dei ouvidos. Não iria me sentir confortável em admitir isso.

– Não tenho nada para contar – disse por fim. – Se você não se importar, eu queria escovar os dentes e voltar a dormir. Depois a gente conversa.

– Acho que não está tudo bem, mas vou te deixar em paz.

Ouvi os passos de Ramona e levantei do chão. Escovei os dentes e sai do banheiro. Voltei ao meu quarto e deitei, me enrolando no edredom e abraçando a ponta. Fiquei olhando para a janela, vendo a maneira como as gotas de chuva deslizavam pelo vidro. Comecei a contar, tentando fazer a média de segundos que as gotas levavam para escorregar do vidro para o vazio.

Três segundos.

Sentia-me como as gotas, eu tinha deslizado durante meu plano e agora me encontrava no chão, já havia escorregado para o vazio e tudo o que restava era a consequência de ter quebrado a cara.

Em meio à média de gotas e sentimentos conflituosos, adormeci.

Não sabia ao certo quanto tempo tinha dormido, em minha visão foram segundos, mas o tempo passou de forma diferente para os outros. O sol batia em meu rosto e eu tive que piscar algumas vezes para me situar.

Sentei na cama e esfreguei os olhos, acordando de vez. Ouvi murmúrios vindos da sala e levantei. Em meio a um bocejo, abri a porta.

– Oi, Mel – disse Ramona.

Esfreguei mais uma vez os olhos e vi minha amiga sentada no

sofá, com uma almofada no colo, ao seu lado estava Mariane, que me olhava de uma maneira preocupada.

– Oi, gente – murmurei com voz de sono.

– A gente tá preocupada com você – falou Ramona, batendo no espaço ao seu lado no sofá.

– Não sei por que – retorqui me sentando no espaço indicado. – Eu estou ótima.

Mariane e Ramona se olharam. Mari torceu a barra da saia florida entre os dedos e desviou o olhar quando lhe encarei, parecia estar desconfortável.

– Falem de uma vez – pedi, já ficando irritada com a atitude delas.

– A gente quer que você fale – explicou Mariane se debruçando por cima de Ramona e pegando em minha mão, me lançando um olhar de pena.

– O que está acontecendo? – Perguntei puxando minha mão bruscamente.

Ramona e Mariane se olharam novamente e eu me irritei. O que droga estava acontecendo? Porque as duas estavam tão cautelosas e apreensivas? Uma ideia incômoda surgiu em minha mente, mas preferi ignorar, não queria voltar a chorar como uma fracassada.

– Sabe o que é? – Mari voltou a enrolar a barra da saia entre os dedos. – Noite passada eu fui à casa de René, e acabei dormindo por lá e hoje de manhã...

Mariane parou de falar e me lançou outro olhar apreensivo, o que me irritou em dobro.

– Desembucha de uma vez! – Exclamei perdendo a paciência.

– Eu acordei com as vozes de René e Arthur e Arthur não parava de falar, ou melhor, gritar que tinha feito a maior besteira da vida dele. Dai

Ramona me ligou, contando que você estava estranha, então vim para cá, para ficar com vocês hoje.

Franzi os lábios, não entendendo nada do que estava acontecendo. As duas pareciam muito estranhas e eu não estava muito a fim de conversar. Então nós ficamos uns três minutos olhando todos os pontos da sala e evitando nos encarar.

– Fala tudo de uma vez, Mari – Ramona quebrou o silêncio, parecendo agoniada. – Quem sabe assim ela nos conte de uma vez por todas o que aconteceu.

Parei de olhar para os tacos do chão e encarei Mariane, que fez um gesto afirmativo para Ramona e me olhou.

– Arthur começou a conversar com René e eu me escondi no corredor para escutar. Eu sabia que a noite anterior tinha sido a do plano e pensei em escutar a versão dele para te contar e também porque estava muito curiosa...

– Para de enrolar! – Eu e Ramona gritamos ao mesmo tempo.

– Tá bom. – Mari ergueu as mãos, como se estivesse se rendendo. – Arthur pediu uísque a René e enquanto ficava bêbado as sete da manhã, começou a falar que era um burro, que tinha caído em suas armadilhas e feito uma grande besteira. René perguntou o que tinha acontecido, mas ele bebeu quase uma garrafa inteira de uísque antes de começar a falar que você tinha armado, para se vingar da rejeição que tinha sofrido um tempo atrás. René tentou entender e pediu para ele explicar melhor, mas Arthur disse que nunca mais queria te ver na frente e dormiu com a cara em cima da mesa. Eu voltei ao quarto quando ouvi a ligação de Ramona. Antes de sair vi Arthur acordado, ele parecia infeliz e voltou a beber uísque direto da garrafa, ignorando as perguntas.

– Dai – continuou Ramona. – Eu juntei dois e dois. Você está estranha e parece estar prestes a chorar e Arthur está enchendo a cara e não quer mais te ver, o que significa que seu plano deu errado.

Cobri o rosto com as mãos e tentei abafar os soluços. Durante todo o relato de Mariane eu tinha segurado as lágrimas, tentando ignorar, mas não podia negar a mim mesma que saber que Arthur estava enchendo a cara e pensando mal de mim não me magoava. Na verdade, eu me sentia uma coisa escrota, tipo uma ameba ou uma minhoca do gelo perdida no deserto.

– Deu tudo errado – falei soluçando, envergonhada demais para afastar o rosto das mãos e encarar minhas amigas. – Ele achou que eu fiz tudo por vingança, não me deixou falar e pediu para eu nunca mais aparecer na sua frente, além de me chamar de mimada.

– Ah, Mel – Ramona me abraçou, aninhando meu rosto em seu ombro. – Eu sabia que isso ia acabar mal. Mas uma coisa a gente não pode negar: você fez tudo isso mesmo por conta daquele beijo lá na boate. Ele não é burro, só um idiota.

– Eu me sinto tão humilhada – murmurei tentando conter os soluços. – Me sinto como um lixo.

Ramona segurou meus ombros e me afastou, fazendo com que eu olhasse em seus olhos.

– O que aquele cretino falou mais?

Sequei o rosto com as costas da mão e contei a elas o que tinha acontecido, desde a descoberta da minha virgindade até o pedido de desaparecer. Reviver tudo fez doer em dobro. Não era a dor de alguém com o coração partido, eu não amava Arthur. O que eu sentia era humilhação e decepção.

– Sabe – Mari começou a falar depois que eu parei de soluçar. – A reação dele foi exagerada, apesar da conclusão não ser. Ele estava certo quando disse que tudo era uma armação e que teve início em um beijo roubado, mas Arthur também não podia bancar o louco. Acho que alguns garotos se sentiriam honrados em ser o primeiro. René se sente e a gente nem transou.

Olhei para o chão, tentando impedir novas lágrimas de surgirem. Acho que fiquei tão focada nos passos do plano, e em ter um momento perfeito, que esqueci que meu objetivo inicial foi fazer Arthur engolir as palavras que me disse.

– Acho que Arthur é um cretino – Ramona falou com raiva. – Nunca gostei dele porque ele sempre te fez sofrer Melanie, mas o babaca sempre gravou a imagem de uma garota que virou libertina e deve ter achado que seria só mais um da lista. Ele nunca imaginou que a inauguraria e isso deve ter sido um baque e tanto.

– Eu acho que os dois não sabem lidar com o que sentem – continuou Mariane, me entregando um lenço que não vi de onde surgiu. – Você focou na conquista quase impossível e ele em resistir a isso, mas no fundo gostando.

– Claro que gostou! – Exclamou Ramona, me assustando. – Ele é homem e um babaca. Se fez de gostosão o tempo todo. Tenho vontade de dar na cara dele. Dar um chute no saco e outro naquela cara de pau, ele faz as coisas e se arrepende e então é grosseiro. Eu entendo o lado dele ter ficado bravo com a armação, mas fiquei com ódio dele ter tentado falar de amor e não ter te dado oportunidade dela falar. É muito fácil fazer o monólogo da acusação e sair ofendido para encher a cara.

– Verdade – Mariane concordou. – Quem destruiu a noite da Mel foi ele, as coisas não precisavam ter acabado...

– Chega! – Gritei, incapaz de escutar mais. – Eu não quero mais falar disso. O plano deu certo, eu não sou mais virgem, então acabou. Agora é seguir em frente. Todas nós temos semana de provas, vamos estudar. Vocês duas tem namorados para cuidar, eu vou dormir.

Levantei do sofá e voltei para meu quarto. Chaveei a porta e deitei, cobrindo a cabeça com o travesseiro, tentando afastar a sensação de fracasso.

Capítulo 30

Concha vazia

Não voltei a sair do quarto e fiz um esforço enorme para não ouvir os sussurros de Ramona e Mariane. Eu só queria que me deixassem em paz para que eu pudesse dormir até ser capaz de poder me olhar no espelho e não ter vergonha de meu próprio rosto.

Só sai do quarto para ir ao banheiro, nem fome eu sentia, parecia que tinha um nó no estômago. No dia seguinte, logo depois que acordei, resolvi ligar para minha mãe, já eram onze horas da manhã e ela já deveria estar fazendo alguma coisa mirabolante para o almoço.

– Oi, mãe – falei depois da terceira tentativa.

– Oi, Melanie Beatriz! – A voz dela estava estridente, naquele tom esfuziante de quem está feliz.

– Posso ir aí? – Perguntei baixinho, sem nem saber o motivo de meu tom de voz lamentoso.

– Claro que pode. Está tudo bem?

– Está – menti.

– Então venha almoçar com a gente.

– Quem está aí?

– Eu, Matheus e seu pai. Porque está estranha, Melanie?

– Não estou estranha mãe, só queria saber quem estava em casa. Não vai ter mais ninguém?

– Não e você está me deixando preocupada com essas perguntas todas.

– Estou bem mãe. Daqui a pouco chego aí.

Não tive muito ânimo para me arrumar. Escolhi uma calça jeans

esfarrapada e camiseta preta com o símbolo das relíquias da morte, uma referência a Harry Potter e ao que eu poderia fazer se tivesse um pouco de magia em meu sangue e não fosse uma trouxa. Calcei meus velhos all star, fiz um nó no cabelo, deixei um bilhete para Ramona e sai de casa.

Não me liguei muito no clima ao escolher minha roupa. Assim que cheguei ao térreo, percebi o céu nebuloso e senti o vento frio tocar minha pele, a deixando arrepiada. Ignorei o pequeno incomodo e fui para o ponto de ônibus. Cinco minutos depois, estava sentada no último banco, ouvindo uma música depressiva no último volume.

Eternal Flame de *The Bangles*, estava piorando meu estado depressivo, mas eu não conseguia ouvir nada animado, do tipo Pitbull e seu estado revoltado cantando *Me Adora*, eu não podia me achar foda na atual situação, na verdade eu ainda estava me sentindo como uma ameoba, e isso piorava enquanto eu descia na esquina de casa e encarava a rua familiar.

A voz melancólica da vocalista preenchia meus ouvidos, perguntando se seu amado, ou a quem quer que fosse dedicada a música, podia ouvir seu coração bater, dizer seu nome e ver o sol brilhar em meio à chuva e eu só conseguia olhar para as pedras da rua e lembrar de que há alguns anos foi ali que *ele* me ensinou a andar de Skate. A convivência era tão fácil, eu fingia tão bem, era a boa garota e sabia conviver com o amor platônico melhor do que ninguém. E agora *ele* fazia com que eu me sentisse culpada por tudo, até pelas lembranças idiotas que carregava.

Eu não podia negar a culpa, não enquanto pulava por cima do mesmo paralelepípedo onde *ele* ficou sentado ao meu lado, me explicando pacientemente que deveria começar com calma e não achar que poderia fazer manobras depois de aprender a me equilibrar.

Tinha sido ao lado daquela árvore de galhos secos que *ele* tinha segurado meus dedos trêmulos enquanto eu temia quebrar a perna depois de mover o skate por menos de um metro. Tirei os fones de ouvido e cobri o rosto com as mãos, apoiando as costas no tronco da árvore, tentando

afastar as memórias e o pedido de nunca mais aparecer na frente *dele*.

Apoiei as mãos nos joelhos e respirei fundo algumas vezes, tentando impedir as lágrimas de transbordarem. Fiquei alguns minutos assim, depois dei alguns passos e parei na frente de casa.

Segurei os portões de ferro marrom e respirei fundo mais algumas vezes, em seguida entrei e o som de meus pés se chocando contra as pedrinhas brancas foi reconfortante, deu aquele sentimento de finalmente estar em casa, não era que meu apartamento não me passasse esse sentimento, era só que lá não tinha minha mãe.

Bati na porta, evitando a campainha. Minha mãe não gostava do som estridente e seus amigos e família sabiam disso, desse modo ela também conseguia identificar quando desconhecidos entravam em casa, tipo aqueles vendedores de filtros d'água, ou o cara do gás que sempre insistia que a qualidade do dele era melhor só para poder passar um xaveco em mamãe.

Quem abriu a porta foi Matheus, ele estava vestindo uma daquelas suas calças de moletom horrorosas e furadas, combinada com camiseta regata. Seus cabelos, de um tom mais claro que o meu, estava bagunçado, mas não de uma maneira normal, parecia que ele tinha entrado em uma máquina de lavar, no modo lavagem a seco.

– Oi – ele disse dando um passo para o lado e me olhando, parecendo não gostar do que via. – Você está de ressaca?

– Oi e não estou de ressaca – respondi passando por ele e indo em direção à cozinha, onde sabia que meus pais estariam. – Mãe, tô em casa!

– Ah, olá, Melanie – mamãe estava de costas para mim e de frente para o fogão.

Ela tirou o pano de prato do ombro e se virou, arregalando os olhos quando me viu.

– Melanie, você estava chorando? – Perguntou saindo de perto

do fogão e se aproximando de mim. Sentei no banco em frente à bancada para desviar sua atenção. – Dá para falar o que está acontecendo com você?

– O que está acontecendo com minha princesinha?

Fiquei de lado, apoiando o cotovelo na bancada. Meu pai me envolveu com seus braços enormes, senti cheiro de menta, perfume e cigarro. Ele deveria estar com algum estresse no trabalho.

Me perdi naquele abraço. Sentindo-me protegida pela primeira vez em muito tempo. Parecia que o simples fato de estar escondidas nos braços de meu pai já era reconfortante, eu podia quase acreditar que tudo estava bem.

– Você está parecendo doente, filha – observou ele, segurando meu queixo enquanto avaliava meu rosto desprovido de maquiagem. – Está gripada?

– Acho que o problema é outro – supôs mamãe.

– É ressaca! – gritou Matheus de algum ponto da sala.

– É cansaço – Menti, tentando deixar de ser o centro das atenções.

– Chega todo mundo – disse minha mãe saindo de perto de mim. – Depois eu e Melanie teremos uma conversa de mulher, agora vamos almoçar que o risoto está pronto.

Fomos para sala e eu sentei no lugar de sempre. Ao lado de meu pai, na ponta da mesa, de frente para minha mãe e ao lado de Matheus, que ficava perguntando se eu tinha me afundado em Mojitos novamente, ou apostado quem bebia mais vodka com algum babaca aproveitador.

Não respondi a nenhuma das provocações e ele parou. Por um lado fiquei feliz de meu irmão voltar a ser chato, mas por outro, eu só queria chutar a cara dele, como quando éramos crianças.

A comida de minha mãe estava com cara boa. Risoto de frango, salada e arroz a grega. Fiquei brincando de separar as ervilhas da uva passa

e das mini cenouras, tentando passar o tempo e disfarçar minha perca de apetite.

Minha mãe ficou me olhando antes de tirar o prato da minha frente e levá-lo para cozinha. Matheus e meu pai ficaram encarregados da louça.

– Vem – ela me chamou depois de brigar com Matheus por ele guardar alguns copos molhados. – Vamos até meu quarto para conversarmos.

Hesitei antes de sair da mesa e segui-la escada acima até seu quarto, o maior da casa, com closet e banheiro embutidos.

Mamãe tirou os sapatos e deitou na cama, me chamando para deitar ao seu lado enquanto pegava o controle da TV em cima do criado mudo. Deitei ao seu lado e olhei ao redor, as paredes eram creme e o forro do teto de madeira antiga. A cama tinha quatro colunas, mas o dossel havia sido tirado há alguns anos, após Matheus tacar fogo nele sem querer. O chão era de linóleo, mas um espesso tapete felpudo cobria o espaço ao redor da cama. No lado esquerdo ficava a poltrona de papai e atrás duas portas. A do banheiro, que tinha uma banheira, no maior estilo perua, e a porta seguinte levava ao closet, que era quase do tamanho de minha sala, cozinha e lavanderia juntos. Lá dentro havia inúmeros sapatos de grifes e casacos de pele que nunca seriam usados no clima brasileiro, além de quadros com certificados de concursos de cabeleireiros e a primeira chapinha de minha mãe, posta dentro de um retângulo de vidro, como um artigo de museu.

Na maior parte da minha infância brinquei em seu closet, imaginando que ali era minha casa e eu era uma estilista de bonecas de cabelos coloridos. Na adolescência eu entrava em um canto cheio de cabides, como uma arara embutida, e me escondia do mundo, passando horas escrevendo em meu diário e ouvindo músicas, o que me lembrou da velha vitrola de papai, escondida naquele mesmo canto. Eu gostava de

ouvir o velho disco de vinil de Tim maia.

– Dá para me contar agora o que está acontecendo? – Pediu mamãe enquanto contornava o anel de ouro com um pingente de laço que eu tinha no dedo anelar da mão esquerda.

– Não aconteceu nada – menti pela décima vez naquele dia. – Estou só cansada.

– Melanie, existe uma grande diferença entre estar cansada e deprimida e no seu caso é claramente a segunda opção. E não adianta negar. Você saiu aqui de dentro de mim e eu sei quando algo não está bem.

Afundi o rosto no travesseiro, aspirando o cheiro do shampoo masculino de meu pai. Tudo que eu mais queria era contar para minha mãe, mas eu simplesmente não podia falar de Arthur. Ele tinha crescido ali comigo e Matheus e apesar da grosseria, eu não queria acabar com a imagem dele diante de minha mãe, ainda mais se isso chegasse aos ouvidos de Matheus, que não iria gostar nada do que aconteceu.

– Eu acho que não quero conversar sobre isso – murmurei.

– Eu não vou te obrigar a nada, mas só quero que saiba que eu estou aqui.

Afastei o rosto do travesseiro e olhei para minha mãe. Ela parecia preocupada e esticou os braços. Deitei de lado, com a cabeça pousada em seu colo.

– Eu acho que eu fiz algo horrível, mãe – as palavras escaparam de minha boca.

– Como assim? – Perguntou enquanto desfazia o nó de meu cabelo e alisava as mechas com os dedos.

– Quando a senhora perdeu a virgindade, foi horrível? – Perguntei, ignorando propositalmente sua última pergunta.

– Você está querendo dizer que deixou de ser virgem? – Ela até tentou se esforçar, mas pareceu alarmada.

– Foi ou não foi?

– Não chegou a ser horrível porque foi com seu pai, mas eu estava nervosa e ele também. Um opala velho não é um bom lugar para se fazer isso pela primeira vez.

– Foi com papai sua primeira vez?

Tirei a cabeça do colo dela e me sentei, cruzando as pernas embaixo de mim. Minha mãe mexeu nos cabelos de maneira nervosa, suas bochechas ficaram mais rosadas e um sorriso maroto surgiu.

– Eu não tive outro homem além de seu pai – disse com simplicidade, encolhendo os ombros. – Mas o que a gente fez no opala foi dois anos antes de nos casarmos, eu me senti a maior destruidora de regras.

Sorri pela primeira vez em dois dias. Até na maneira de relembrar o passado minha mãe deixava claro o quanto amava meu pai, eu poderia até desejar um amor assim, mas eu não acreditava na instituição do casamento.

– Você está triste assim porque sua primeira vez foi ruim? – Insistiu mamãe.

– É mais ou menos isso. Eu esperava uma coisa, mas aconteceu outra e no final não deu certo. Ele disse que não queria me ver nunca mais.

Meus olhos se encheram de lágrimas e minha mãe mordeu o lábio, parecia lutar com as palavras que me diria a seguir.

– Quem te magoou desse jeito? – Perguntou por fim.

– O nome não importa.

– Eu odeio quando você e seu irmão me falam coisas pela metade. Vocês usaram camisinha e tudo?

– Sim.

– Eu gostaria de saber o nome desse moleque, só para lhe ensinar duas coisinhas. A primeira é que ele deveria fazer de tudo para

tornar isso especial para você e a segunda é que não se deve pedir para uma pessoa desaparecer, não depois de ter tirado a virgindade dela.

Mordi o lábio, tentando não chorar como uma fracassada.

– Ele meio que não sabia que eu era virgem – murmurei, tentando conter os soluços.

– Como é que é?!

Agora ela parecia realmente alarmada, tanto é que se levantou e começou a andar como uma barata tonta.

– Como você não me fala para esse garoto que era virgem? Você ainda deixa as pessoas pensarem que é uma vagabunda?

– Uhum.

– Santo Deus. Eu deveria te dar umas palmadas e nesse garoto também. Não é assim que as coisas acontecem. Não se pode mentir, ainda mais com base em reputação duvidosa.

Deixei de fazer esforço para segurar as lágrimas. Ela tinha razão, eu não era mimada o suficiente para não entender meu erro, o que eu estava sentindo era consequência disso.

– Eu a proíbo de ficar nesse estado por essa criatura que eu ainda não sei quem é, mas que vou fazer questão de descobrir.

Mamãe voltou a sentar na cama e me abraçou, ficou um longo tempo assim, me embalando como se eu ainda fosse uma menininha, ocasionalmente ela perguntava o nome da criatura, mas eu não quis falar e ela finalmente desistiu. Ficamos vendo o programa do Faustão, comemos pipoca e quando voltamos para sala, algumas horas depois, eu já não me sentia tão escrota.

Depois do jantar, o que tinha sobrado do almoço, mamãe pegou o carro de meu pai e me levou para casa. Quando estacionou em frente ao meu condomínio, me abraçou pela vigésima vez.

– Eu ainda não te visitei – observou ela enquanto soltava meu

cinto de segurança. – Um dia desses, eu e seu pai vamos vir almoçar com você.

– Podem vim.

– Se anime minha filha – ela se inclinou e beijou minha testa. – Às vezes o que imaginamos ser o fim do mundo é só o começo. Não esqueça que eu te amo.

– Também te amo mãe.

Desci do carro e acenei enquanto ela dava marcha ré e entrava na avenida movimentada. Senti um pingo em meu nariz e olhei para cima, observando as primeiras gotas de chuva molhar meus cabelos e o resto do mundo.

Enquanto subia os três degraus que levavam a portaria de meu prédio, ouvi uma risada esganiçada e olhei para trás, me arrependendo amargamente.

Uma garota alta e loira estava saindo do prédio da frente, ao seu lado estava Arthur, o braço dele ao redor da cintura dela. Ela ficou de lado e o puxou, colando seus lábios aos dele.

Deixei a chave cair duas vezes antes de conseguir abrir a maldita porta e correr para o elevador, com o coração aos saltos.

Entrei em meu apartamento meio cambaleante, acredito ter sido em decorrência do choque. Eu não estava esperando ver Arthur tão cedo, muito menos acompanhado. Sei lá, imaginei que ele faria como eu, tentaria entender o que tinha acontecido antes de ficar com alguém novamente, mas acho que mais uma vez me enganei.

Ele não tinha obrigação de ficar sem alguém certo? Quer dizer, com que motivo faria isso, se para ele eu tinha sido apenas uma transa mal sucedida com um incomodo chamado hímen? Incomodo esse que foi transposto com um pedido para sumir.

Dei mais alguns passos trôpegos e me sentei no sofá, dizendo a mim mesma que nada disso importava e que ele tinha sido um sexo casual que não deu em nada, apesar de sexo ter sido uma coisa nova em meu vocabulário. Também nem sabia se aquilo que aconteceu poderia ser nomeado disso, já que não foi terminado e segundo os livros e revistas que já tinha lido, a relação sexual termina com um orgasmo e infelizmente eu não cheguei a ter um para saber, então apesar de desvirginada ainda não sabia o que de viciante as pessoas viam naquilo e não pretendia voltar a fazer tão cedo, não estava a fim de sentir dor porque todo mundo dizia que era bom e ensinava várias posições e passos para se sentir saciado.

Estava no meio dessa reflexão quando Ramona apareceu. Ela me olhou de uma maneira cautelosa, como se esperasse que eu rompesse em lágrimas ou lhe atirasse meu tênis. Forcei um sorriso, eu sabia muito bem que tinha agido mal ontem e que ela e Mariane só queriam me ajudar.

– Deixei uma caixa na sua cama – ela disse cruzando os braços. – Estava terminando de arrumar meu quarto e achei, não sei o que tem dentro porque não abri.

– Tá bom, obrigada.

– Você já jantou? Sobrou pizza do meu jantar com Pietro. Ele já foi embora.

– Jantei com minha mãe.

– Você está melhor? – Ela sentou ao meu lado, parecendo hesitante.

– Acho que sim.

– Só quero que saiba que eu estou aqui, se quiser conversar ou xingar.

Balancei a cabeça, concordando, e me levantei.

– Eu agradeço, agradeço de verdade, mas acho que quanto mais mexermos nisso, pior vai ficar. Então não vamos mais falar sobre isso. Eu tô

cansada e vou dormir. Desculpa por estar agindo assim.

Ela sorriu, de acordo, e eu fui para meu quarto. Em cima da cama bagunçada estava a caixa de que Ramona havia falado. Peguei um lápis em cima do criado mudo e sentei ao lado da caixa, rasgando a fita adesiva com a ponta do lápis.

Encontrei várias coisas de meu passado naquele fundo de papelão pardo. Todos os meus diários, dos dez aos dezoito anos, estavam ali. Fotos de minha festa de quinze anos e meu livro favorito: *Diário de Biloca*.

Peguei o livro coberto de pó e passei o dedo na capa colorida, lembrando de que tinha ganhado esse livro de Matheus. Ele havia viajado com sua turma do ensino médio para um resort e me trouxe o livro de recordação. A capa amassada revelava as inúmeras vezes em que tinha lido as aventuras de Biloca nas descobertas dos mistérios da adolescência e seus casos de amores inventados.

Deixei o livro em cima da cama, tinha a intenção de relê-lo, e peguei um de meus diários. Um caderno encapado com papel de presente de bolinhas, o papel embrulhava um presente que tinha ganhado de Arthur. O anel em formato de laço que nunca tirava do dedo e muitas vezes até esquecia de que existia. Ganhei o anel dele quando fiz dezessete anos e eu nunca o tirei desde então e ele continuava como novo, o que provava que deveria ser de ouro, ou algo que impedisse de ficar preto.

Abri o diário em uma página aleatória:

27 de outubro de 2011

Querido diário,

Hoje completo dezessete anos e não sei dizer o que tem de interessante em ficar mais velha, não vai acontecer uma mágica para fazer as coisas ficarem melhores. Não é como se alguém pudesse estralar os dedos e me fizesse ficar mais bonita, ou meu cabelo ser mais brilhoso e meus olhos

verdes de verdade ao invés de castanho esverdeados, que mais parecem água de esgoto parada.

Talvez o mais próximo de algo mágico tenha sido os presentes que ganhei. Luiz Otávio, o garoto chato que mora ao lado de casa e que estuda comigo desde o jardim de infância, veio aqui em casa e me levou até os fundos, perto da piscina, e de um jeito meio megalomaníaco disse que daria meu presente. Eu estendi a mão e fiquei esperando, mas ele simplesmente me puxou pelo pulso e me beijou.

Isso mesmo, ele simplesmente grudou os lábios nos meus e enfiou a língua dentro de minha boca e isso foi muito estranho e não pareceu bom como naqueles filmes do Disney Chanel. Na verdade, eu só queria que ele parasse e por isso pisei em seu pé e depois lhe dei um soco no nariz, mas dei o soco no susto e então tudo o que pude fazer foi sair correndo e ir lavar a boca no banheiro do meu quarto porque meus lábios estavam grudentos e parecia que tudo estava cheirando a bala de caramelo. Luiz sempre gostou de bala de caramelo e eu sempre achei nojento e naquele momento minha boca estava com gosto de caramelo!

Depois de ter escovados os dentes TRÊS vezes e de ter usado muito Listerine, eu voltei à sala e encontrei meu irmão e Arthur. Matheus me deu dinheiro de presente e era dinheiro demais, até agora não faço a mínima ideia do que fazer com tudo, mas ele está recém-formado e se acha rico, então por mim tudo bem.

Arthur me deu um anel em formato de laço, é bonito e dentro do laço tem várias pedrinhas. Ele não colocou o anel em meu dedo como nos filmes, mas me deu um abraço e foi bom porque Arthur tem aquele cheiro de perfume com sabonete de limão, que dá a sensação que dentro daqueles braços nada de ruim poderia te acontecer...

Fechei o diário e o joguei dentro da caixa. Eu não deveria ter começado a ler aquilo, não depois de lembrar o que tinha acontecido e

voltar a me sentir ridícula.

Simplesmente não conseguia evitar as lembranças e cada vez que lembrava tudo que fiz, a que ponto cheguei, me dava tanta vergonha que parecia que meu rosto iria explodir, ou que eu tinha colocado a cara dentro do micro-ondas sem querer e ligado na potência máxima, aquela de descongelar frango.

É engraçado como na hora que fazemos as besteiras não nos ligamos, fazemos de tudo para chegar em um determinado fim e quando conseguimos, e não é o que esperamos, nos sentimos tão vazios a ponto de achar que o objetivo acabou, que acordar no dia seguinte não vai ser legal.

Não estava tendo pensamentos depressivos, só estava refletindo, vendo como dois dias foram suficientes para eu cair na realidade e ver que todo mundo tem razão, que as pessoas, até mesmo aquela que julgamos conhecer, não são brinquedos que podemos usar a bel prazer para nos vingar. Eu tinha consciência, percebi enquanto lia meu diário, que tudo o que fiz com Arthur foi errado. Eu não tinha o direito de tentar fazê-lo engolir as próprias palavras, muito menos do modo que fiz.

Por mais que eu fizesse, ou melhor, já tinha feito, nada mudaria o fato de que minha ideia inicial era vingança. Eu tinha ficado tão entorpecida em ter o momento perfeito, que acabei esquecendo que temos que fazer por merecer, que coisas perfeitas tendem a ser espontâneas e não programadas com base em planos mirabolantes.

Ao chegar a esta constatação, tive vontade de escrever em meu diário, aquele que comecei aos dezoito anos, logo depois que o que li anteriormente tinha ficado sem espaço.

Voltei a olhar para a caixa, em busca do caderno de capa aveludada que havia comprado quando tinha ido visitar meus avós, depois de acabar o ensino médio.

Senti saudades deles também, vô Gino e vô Margarida sempre alegravam minhas férias quando eu era mais nova. A última vez que tinha

ido visitá-los havia sido no verão em que comprei o diário. Aos dezoito anos a vida parecia mais simples que aos vinte.

Peguei o caderno de capa verde e abri no último dia que tinha escrito:

25 de janeiro de 2013

Querido diário

As coisas deram muito erradas com Luiz Otávio. Acho que ter terminado com ele às oito da noite e saído, as onze, com Ramona para uma boate não deu muito certo.

Mas não me culpe. Eu fiz dezoito em outubro passado, há quase três meses, e aos dezoito anos as pessoas saem, principalmente as, que como eu, estão fazendo de tudo para superar os amores platônicos.

Eu consegui isso, não tenho mais resquícios de amor em meu coração, ter começado a namorar com a toupeira do Luiz Otávio em dezembro tem a ver com isso, ter aturado ligações melosas enquanto estava na casa dos meus avós também. Mas fazer sexo de saudade não estava, e nem nunca esteve, em meus planos. Por isso é que quando ele tentou, eu terminei com ele e tomei a sábia decisão de ir para balada com minha melhor amiga que tinha inúmeras novidades para contar, dentre elas o fato de ter perdido a virgindade com um carinha que estudou com a gente.

Acho que se você tem a opção de saber de fofocas e ficar com o chato do seu namorado, é lógico que prefere as fofocas e juntando isso com o quesito sexo, resultou em uma boa balada com muita vodka e risadas. Até ganhei uma garrafa de vodka de uma marca chamada Natasha, que trouxe para casa às sete da manhã, quando cheguei com João, um carinha com quem troquei alguns beijos de noite, que fez questão de carregar meus sapatos e dar carona para eu e Ramona.

Então imagine minha surpresa quando cheguei as sete da matina em casa, logo depois de beijar João no portão, e encontro Luiz Otávio no sofá

da sala me olhando com cara de poucos amigos, querendo tirar satisfações.

Eu o mandei pastar e tomei o que restava da vodka, admito que estava meio bêbada, Ramona também porque segurava meus sapatos e ria histericamente de meus pés sujos. Depois disso, de me ver bêbada, você imagina que Otávio tenha tomado vergonha na cara e ido embora, certo? Não, muito errado, ele tentou segurar em meu braço e me obrigar a voltar para ele, mas meu irmão, aquele amor de pessoa, apareceu e o botou para fora e eu estava tão bêbada que aplaudi, imagina, eu gritei algo como: Vai nessa mano, quebra a cara do mané.

Ramona e eu rimos feito patetas depois disso e resolvemos ir dormir. E enquanto eu me arrastava escada acima, tentando fazer meu vestido colado parar no lugar, dei de cara com Arthur, que por um acaso deveria estar na terra da rainha, curtindo a vida adoidado.

Diário, você deve imaginar que eu o cumprimentei com beijinhos e tal, mas o que aconteceu foi que eu murmurei um oi e corri para o quarto vomitar meu fígado. É, além de um exu de ex-namorado, eu tive que aguentar uma ressaca da braba.

Às quatro da tarde, depois de ter dormido e vomitado como um leitão, eu levantei e fui fuçar na geladeira. Estava usando um short curto demais, admito, e uma camiseta que não o cobria, e isso foi o suficiente para Matheus ter um aneurisma.

Ele ficou resmungando sobre minha falta de pudor enquanto eu fazia um sanduíche de peito de peru e continuou falando da vodka enquanto eu pegava água gasificada e enquanto eu observava Arthur entrar na cozinha, parecendo um deus grego e pálido.

Acho que eu meio que perdi o foco e fiquei encarando o garoto, embasbacada, e continuei nesse estado depois dele me abraçar e eu sentir aquele cheiro de sabonete de limão e perfume caro. Acho que Arthur deveria estar acostumado de eu o encarar apatetada, porque me entregou um pacote de presente e mandou Matheus parar de me encher o saco. Eu agradei e

voltei para o quarto, onde estou até agora.

Eu estou aqui, no silêncio quase fúnebre do meu quarto, quase porque Ramona ronca como uma jamanta, pensando em como farei para deixar de ter essas reações exageradas perto de Arthur. Tudo bem, eu já o esqueci totalmente, mas uma parte pequena de mim esqueceu disso e age como uma pateta. Acho que a solução está em como devo trata-lo, acho que vou fazer como faço com os outros garotos: Agir normal, ser grossa quando necessário, espirituosa e tentar falar algo interessante. É, vou fazer isso.

P.S: Ganhei um CD do McFly, autografado!

P.S2: E uma camiseta bem maneira de ombro caído.

Esse grande relato tinha sido a última coisa escrita, última e única. Resolvi voltar a escrever, por isso guardei o diário em minha bolsa e peguei o *Diário de Biloca*, porque às vezes tudo o que nos resta para superar é voltar ao passado e ficar relembrando as coisas nostálgicas ao mesmo tempo em que tentamos achar um novo rumo.

Capítulo 31

Reencontro

Tenho problemas às segundas-feiras, mas acho que a de hoje, especificamente, estava sendo pior. Antes eu tinha um motivo, algo que me empenhava a levantar da cama e vestir uma roupa decente, hoje nem tive vontade de fazer isso. O máximo que fiz foi tirar o pijama e vestir uma calça jeans esfarrapada e uma camiseta que deixava o ombro, e a alça de meu sutiã preto, a mostra, escovando os dentes e nem me dando o trabalho de comer, ou pentear os cabelos. Para evitar que a população se assustasse com minha cara, peguei meus óculos escuros dentro da gaveta do criado mudo.

Sai de casa um pouco atrasada e tive que correr atrás do ônibus, enfatizando ao mundo o fato de não ter dinheiro o suficiente para comprar um carro, que facilitaria minha vida em mil por cento.

Acho que o pessoal viu que eu estava em um péssimo humor porque nem fizeram piadinha com isso e eles sempre riem das pessoas que tem que gritar para o motorista parar.

Assim que entrei no prédio onde trabalho, comecei a suar. Meu estômago dava cambalhotas e eu pensei que fingir que estava com virose e voltar para casa era uma boa ideia. Sabia que me sentir assim era ridículo, mas só a possibilidade de encontrar Arthur no elevador, ou em qualquer lugar, me apavorava a ponto de eu querer usar as escadas e olha que sempre tive pavor de altura.

Entre no elevador da mesma maneira que um condenado. Olhei ao redor duas vezes, o que fez Marcele, dos peitos grandes, me olhar de maneira estranha.

– Está com medo de alguma coisa? – Ela perguntou, com a voz em falsete.

– Não.

– Ah, tá. Eu queria te agradecer.

– Pelo que? – Perguntei impaciente.

– Por ter me apresentado a Jean, acho que ele foi uma das poucas coisas boas que me aconteceram esses tempos.

Sorri, pelo menos alguém se beneficiou com meu plano.

– De nada. Espero que vocês façam bem um ao outro.

– A gente está fazendo.

Ela sorriu e saiu do elevador, indo em direção ao departamento de Recursos Humanos. Eu fui para minha sala, cumprimentando Mariane e evitando conversa.

– Bom dia – falou René assim que eu abri a porta, parecia animado demais para o meu gosto.

– Bom dia – resmunguei, deixando claro que não estava muito a fim de ouvir as maravilhas de seu relacionamento amoroso, porque ele não se cansava de pedir minha opinião sobre tudo.

– Como você está nesse humor esfuziante... – Ele apoiou os cotovelos no tampo de vidro da mesa. – Terei o imenso desprazer de lhe comunicar que ficará essa semana na sala da copiadora.

Arregalei os olhos, como assim?

– E a garota que trabalha lá?

– Ela quebrou o pé no sábado e ficará de atestado por trinta dias.

– E eu vou ter que ficar trinta dias sendo a garota das cópias? E quem vai organizar sua agenda e arquivar tudo?

– Você só vai ficar lá até conseguirem um substituto e Mariane vai se encarregar disso, ela cursa administração, não deverá ser difícil pra ela.

Cruzei os braços. O que faltava acontecer para meu dia ficar pior? Saturno se chocar com a terra?

– Olha aqui – falei com raiva. – Vocês devem ter algum estagiário para fazer isso e a propósito, eu estudo Publicidade e não para ser a garota da copiadora.

– Melanie – René se levantou. – Você não está fazendo o trabalho de quem está interessado na área de publicidade e se ainda não se ligou, depois de dois anos, você é a garota do arquivo, então não reclame e faça o que mandei.

– Tudo bem – concordei com raiva. – Eu sou a droga da faz tudo, então eu tô indo lá, substituir a garota até que achem um temporário.

– Se acharem porque é difícil achar alguém para trabalhar por esse tempo e todos nós precisamos de cópias.

Não me dei ao trabalho de responder, simplesmente sai de lá, ignorei Mariane, e segui para o corredor à direita, me dirigindo a uma sala minúscula e sem porta com a palavra copiadora pregada na parede.

Tive que conter a vontade de gritar quando entrei lá dentro. A sala era menor ainda vista de dentro. Tinha diversas máquinas gigantes de cópias e um balcão com várias resmas. Fui para trás do balcão e vi que teria de ficar sentada em uma banqueta desconfortável, que ficava em frente a um computador obsoleto.

Comecei a sentir pena da garota do Xerox e imaginei como aguentaria ficar ali por trinta dias. Talvez eu devesse pedir demissão, mas como pagaria o aluguel e a comida? Não, o mais certo seria eu ser adulta e aguentar o tranco.

Abracei minha bolsa e encostei a testa na tela do computador. O que faltava acontecer?

– Oi, pode imprimir isso?

Desencostei a testa do computador e olhei para o homem parado na frente do balcão. Ele me estendeu um pen drive, que eu peguei como se fosse uma bomba.

– É nova aqui? – Perguntou, acho que em uma tentativa de ser simpático.

– Não, eu era assistente de René, até ele me exilar aqui.

– Ah, claro. Sou novo aqui, me chamo Gustavo.

Ele estendeu a mão, que eu apertei meio abestalhada. Era raro as pessoas serem gentis aqui. Olhei o homem mais atentamente, notando que ele deveria ser um pouco mais velho do que eu. Seu cabelo era marrom, queixo quadrado, coberto por uma barba rala, e olhos esverdeados. Tinha uma covinha do lado esquerdo do rosto, vi isso porque ele estava sorrindo, também notei que era alto e magro, mas não do tipo magro feio, parecia um magro do tipo que não era desnutrido.

– Sou Melanie – disse depois de analisá-lo.

– Prazer em conhecê-la – ele soltou minha mão. – Será que você poderia encadernar também e depois levar na minha sala?

– Claro, mas onde fica sua sala?

– A primeira sala do corredor, sou o novo analista estatístico.

– Levo lá daqui a pouco.

– Muito obrigado.

Ele saiu da sala e eu fui tratar de aprender a lidar com aquelas geringonças. Devo dizer que era mais difícil do que parecia e eu perdi as contas de quantas vezes errei antes de conseguir. Chutei a máquina só por raiva e cortei o dedo com papel, tinha esquecido de que só sairia cópias se tivesse papel, o que era meio óbvio.

Depois de lutar com o papel, e perder, tive que encadernar o bendito amontoado de folhas, que eu esperava que estivesse certo. Não era fácil também e quando coloquei o papel naquele troço que faz os furos quase tive um acidente de trabalho com o outro negócio que parecia uma manivela, até imaginei a cara de René, quando visse que eu não era capaz de lidar com papéis. Acho que no final deu certo, eu consegui colocar o

espiral sem perder nenhum dedo.

Entreguei as folhas para Gustavo e voltei ao meu posto, que ficou as moscas até ao meio dia, quando todos os engraçadinhos resolveram pedir suas cópias e me entregar seus malditos pen drives. Acabei perdendo meu horário de almoço e continuei assim durante a tarde, confundido os pedidos e tendo que refazer tudo, até entreguei alguns pen drives para as pessoas erradas. Esperava que René não descontasse as folhas de meu salário, às vezes eu até esquecia que ele era meu chefe, porque era bonzinho, mas quando ele queria ocupar seu verdadeiro posto acabava sendo cruel, porque só alguém mau poderia exiliar a auxiliar na torturadora sala de cópias, com máquinas mastigadoras e troços que furam dedos.

Falei isso a Ramona quando cheguei em casa, quase desmaiando de fome.

– Você não pode se esquecer de comer, nem por causa do pessoal do Xerox – ela começou a ralar comigo assim que me entregou um sanduíche com atum.

– Eu sei, mas realmente não deu tempo.

– E você também não comeu antes de ir trabalhar.

– Estava sem ânimo.

– Você não pode deixar o que aconteceu na sexta-feira te atrapalhar, como você mesma disse: Já passou.

Pisquei algumas vezes. Eu não tinha pensado nisso o dia todo, mas também, estava quase maluca com tanta coisa para fazer, não podia pensar nas besteiras que fiz com tanto papel na frente. Agradei mentalmente o idiota de meu chefe por me ter me exilado lá.

– Eu nem pensei nisso hoje, acho que não tive tempo – expliquei mordendo o sanduíche, que estava muito bom.

– Acho que René ter sido mau te ajudou.

– Acho que sim.

Terminei de comer e fui tomar banho, enquanto esfregava meu corpo com o sabonete de erva-doce, avistei o de baunilha que havia comprado e isso fez meu estômago ficar embrulhado, mas não me permiti ficar mal. Eu havia tido um dia atribulado, sem pensar em nada daquilo e queria continuar assim, simplesmente não admitiria ficar deprimida por algo que não podia ser consertado.

Cheguei a essa constatação e joguei o sabonete e o creme de baunilha no lixo. Não queria nada que me lembrasse daquilo e faria de tudo para esquecer e seguir em frente. O primeiro passo era me livrar de tudo que estava sentindo, então deitei em minha cama, peguei meu diário na bolsa e comecei a escrever tudo o que estava sentindo e que tinha acontecido. Enquanto escrevia não consegui evitar as lágrimas, mas ao fim do relato, eu já me sentia mil vezes melhor.

“Eu não vou poder mudar o que aconteceu, mas também não vou poder viver me recriminando pelo que fiz. Acredito que o primeiro passo para quem errou é admitir o próprio erro e ter consciência de que terá de conviver com as escolhas que fez. Devemos aceitar isso e seguir em frente, talvez se Julieta tivesse tido consciência de que errou ao se casar e fingir a morte, sua história não teria terminado em tragédia.

O que tenho que fazer agora é muito simples: Quando eu tinha dezoito anos tomei a coragem de tratar Arthur da mesma maneira que os outros, não dando a chance de ver o lado bom dele, aquele que me fez cair de amores, e agora eu terei de eliminá-lo, não deixando seu lado ruim me impedir de seguir em frente”.

Fechei o diário e o guardei dentro de minha bolsa, em seguida peguei meus materiais da faculdade e fui para sala. Estudei como há muito tempo não fazia e de certa forma foi bom, foi como se uma parte de mim se encontrasse entre as linhas de algo que eu achei que nunca faria sentido

pra mim, mas que agora, ao olhar o futuro, poderia me ver fazendo.

No dia seguinte acordei com mais disposição, acho que ter voltado a escrever em meu diário e estudado um pouco me ajudou. Tomei café velho com torrada e nem pareceu tão ruim.

O dia estava meio abafado, então escolhi um vestido azul, um pouco acima dos joelhos, sem mangas e com saia plissada. Calcei sapatilhas pretas e fiz um rabo de cavalo alto, também passei rímel e batom cor de pele. Ramona nem resmungou quando eu sai, acho que viu que eu estava apresentável.

Consegui pegar o ônibus no horário e cheguei ao prédio sem alarde, ainda senti apreensão ao entrar no elevador, mas não voltei a pensar na possibilidade de ir de escada.

– Acho que hoje está mais apresentável – disse Mariane quando me viu entrando na recepção. – Será que quer dizer que pode falar comigo?

– Eu não deixei de falar com você, apenas não me sentia a vontade para isso – expliquei sentando no tampo de sua mesa e cruzando as pernas, não queria pagar calcinha pra ninguém.

– Ontem você passou ao meu lado e não disse nada – ressaltou ela, parecendo magoada. – Nem almoçar foi e você sempre almoçava comigo.

– Eu não estou brava com você, estava brava comigo mesma e com seu namorado que me exilou na sala da copiadora, me deixando quase louca.

– Eu soube que ele fez isso e achei que você estava brava comigo por ele ter me colocado no seu lugar.

– Não é nada disso e de certa forma foi até bom eu ficar lá e tira essas minhocas da cabeça que eu não estou brava com você.

– Ah, que bom – ela se levantou e me abraçou meio desajeitada.

– Como você está?

– Estou bem. Acho que tive minha fase fúnebre, mas já superei.

– Que bom – Mari sorriu, parecendo não acreditar muito. – Mas qualquer coisa, sabe né, eu estou aqui.

– Eu sei e agradeço – a abracei novamente e pulei da mesa. – Se eu não aparecer hoje é porque eu estou tirando cópias.

– Deixa as cópias pra depois, todo mundo tem horário de almoço.

– Tá bom.

Acenei e fui para a sala da copiadora. Fiquei uma hora sem fazer nada, depois fui jogar paciência no computador obsoleto. Quando cansei de ser burra e pedir dicas ao computador, peguei o livro que estava em minha bolsa e comecei a ler.

Era divertido reler a história de Biloca, trazia aquela sensação gostosa da adolescência, quando os maiores problemas eram quando os amigos não respondiam nossos questionários, ou quando faziam a votação da bunda mais bonita da sala e você ficava em último lugar.

Quando cheguei à parte em que a história tinha um avanço de dez anos, logo depois da Biloca perder o diário, escutei passos e escondi o livro dentro do balcão, não queria que René, ou algum puxa-saco, visse e me desse bronca por não estar fazendo as coisas direito.

Apoiei os cotovelos no balcão e vi uma mulher de cabelos negros se aproximar, ela estava com as mãos cheias de pen drive.

– Trouxe os arquivos do pessoal do departamento de criação – ela disse me olhando da mesma maneira que se encara o bicho da goiaba. – Queremos a impressão para depois do almoço.

Ela jogou os pen drives em minhas mãos, como se eu fosse sua empregada.

– Infelizmente vai atrasar – falei, lhe devolvendo o mesmo olhar

enojado. – Já estamos no horário de almoço e eu estou saindo.

– Eu não quero saber, precisamos das cópias – retorquiu batendo a palma da mão no balcão. – Seu horário de almoço não nos interessa.

– Na verdade, todos os funcionários tem direito a horário de almoço, se você queria as cópias neste horário, deveria ter trazido mais cedo.

Joguei os pen drives em uma cestinha ao lado do computador e me levantei.

– Não ouse atrasar nossos pedidos, sua coisa – a mulher ficou na minha frente, me impedindo de passar. – Você vai sentar ali e fazer o que eu mandei.

– E desde quando você paga meu salário? – Indaguei, tentando não me intimidar com seu tamanho, já que ela era alta, encorpada e parecia ter saído de uma estrebaria.

– Eu não pago seu mísero salário, mas com uma palavra minha, você é demitida...

– Quem tem o poder de despedir alguém é o presidente da empresa – disse alguém, não consegui ver quem porque a cavalona estava na minha frente. – E que eu saiba Helen, você é assistente no setor de criação.

A mulher, Helen, se virou e eu consegui ver quem tinha tido coragem de interrompê-la. Era Gustavo, o cara novo.

– Isso vai chegar aos ouvidos do presidente, não se preocupe.

Ela nos lançou um olhar de nojo e saiu. Foi só quando vi o traseiro gordo dela se afastando, que percebi que estava tremendo.

– Você está bem? – Perguntou Gustavo.

– Sim, eu só não estava acostumada com a grosseria, depois de dois anos ainda não me acostumei.

– Sei como é, eu era estagiário na antiga empresa em que trabalhava, ninguém trata os assistentes bem. – Ele colocou a mão nos bolsos da calça jeans preta. – Será que você pode almoçar comigo? Dai podemos comparar o tratamento que recebemos.

Mordi o lábio. Nunca ninguém além de Mariane e Veronica me convidavam para almoçar e Gustavo estava sendo tão legal que eu não pude recusar seu convite.

– Claro, vou te apresentar a gororoba do refeitório.

Ele sorriu e nós saímos da sala. Enquanto andava, notei que os cabelos dele eram penteados para cima, como se tivesse ganhado um choque, e que seu nariz era reto. Nunca tinha visto alguém com um nariz reto que fosse bonito, mas Gustavo era a exceção, assim como suas roupas. Ele estava usando camisa preta e uma jaqueta de couro da mesma cor por cima, mas aquele visual black não lhe dava um ar fúnebre, na verdade ele parecia um daqueles cara de bandas americanas.

– Você faz faculdade? – Ele perguntou abrindo a porta do refeitório e esperando que eu passasse.

– Faço publicidade e propaganda e você?

– Também, mas me formei ano passado.

– Então conseguiu sobreviver?

– É por isso que existem os bares.

– Quer dizer que matava aula para beber?

– Sim. Foi lá que eu descobri que os bêbados não são malucos, vi que a gente não faz mal a ninguém.

Uma risada ruidosa escapou de minha boca. Ele falou aquilo tão sério que fui incapaz de me conter.

– Boa lógica a sua – comentei ainda rindo.

Ele sorriu e pegou duas bandejas, me entregando uma.

– Por onde começamos? – Perguntou quando entramos na fila.

– Pelas saladas.

Enquanto nos servíamos, percebi que Gustavo era cavalheiro, sempre falava para eu passar na frente e me servir antes.

– Podemos nos sentar ali? – Ele apontou para uma mesa de dois lugares próxima a vidraça.

Olhei ao redor, tentando encontrar alguma outra mesa longe das janelas, mas não encontrei.

– Pode ser.

Quando chegamos até a mesa, eu tentei não imaginar que estávamos no último andar.

– Acho que você não gosta muito de altura – observou ele enquanto tirava os talhares da embalagem plástica.

– Digamos que tenho certa aversão.

– Podemos tentar encontrar outra mesa se não estiver se sentindo bem aqui.

– Não, sem problemas. Vai ser difícil, já que apesar da gororoba aqui vive lotado.

– Achei o aspecto duvidoso mesmo, mas se passar mal falo que foi minha colega a culpada pelo atestado.

– Muito engraçado, se alguém passar mal vai ser eu, eu mereço um atestado e você é o cara novo.

Gustavo começou a rir e cutucou o purê de batatas, fazendo uma careta.

– Seja corajoso – falei enquanto espetava uma batata frita. Tinha um motivo para eu comer sempre bife e batata, era a coisa mais perto de comestível que tinha ali.

Ele fez uma careta e colocou o purê pra dentro.

– Não é tão ruim – disse depois de encher a boca de refrigerante.

– Se você diz.

Continuamos falando da comida enquanto comíamos. Ele me disse que amava comer estrogonofe com batata palha, mas que tinha que ser o da mãe dele, porque de outra pessoa achava estranho, também me falou que tinha um irmão mais velho que era gerente de um banco, assim como seu pai.

A conversa estava tão boa que eu me esqueci de ter raiva de Helen, ou de ficar apreensiva pela chance de encontrar Arthur.

– Então posso dizer que tenho uma nova amiga? – Ele perguntou logo depois que saímos do refeitório, parando ao lado de minha sala.

– Claro, mas já sabe: se passarmos mal, eu fico com o atestado.

– Feito.

Ele sorriu e acenou antes de ir para sua sala, voltei para trás do balcão sorrindo, feliz de ter encontrado alguém capaz de conversar civilizadamente.

Terminei de imprimir as coisas do setor de criação, coloquei em uma cesta grande e me dirigi às baias onde ficava a cavalona e seus colegas.

– Está aqui o que pediu – falei colocando a cesta em sua mesa, derrubando as quinquilharias que tinha ali de propósito. – E dá próxima vez peça antes e faça o favor de buscar o que precisar, não sou sua empregada e muito menos escrava, para ser humilhada.

Ela esbugalhou os olhos e eu sai, lembrando de que certa vez tinha lido um livro em que a garota havia tirado uma cópia do traseiro e mandado junto com as cópias da chefe sem noção, se tivesse lembrado antes, teria falado com a autora do livro pelo Facebook e pedido dicas de tirar uma bela cópia da minha bunda para esfregar na cara da Cavalona.

Voltei a minha sala, terminei de ler o livro de Biloca e peguei meu diário. Pelo visto ninguém além da Cavalona queria cópias, então aproveitei para relatar meu dia. Já podia sentir o velho hábito retornando

quando descrevi Gustavo e nossa conversa.

Ao reler o relato anterior, percebi que podemos seguir em frente quando temos amigos e algo que nos distraia. Eu não estava mais sentindo pena de mim mesma e nem vergonha. Já conseguia encarar o que tinha acontecido como um erro e que a realização desse desejo acabou se tornando um pesadelo quando eu me esqueci de fazer outra coisa além de me preparar para perder a virgindade.

Quando terminei de escrever em meu diário, e de ter vencido três partidas de um jogo parecido com batalha naval no computador, o expediente chegou ao fim e eu praticamente sai correndo daquela sala. Só parei para colocar meus fones de ouvido e acenar para Mariane, que sorriu e apontou para o celular, indicando que nos falaríamos por ali.

Entrei no elevador e procurei por minha Playlist de terça feira. *Love Drunk* de *Boys Like Girls*, começou a tocar eu tive que me controlar para não começar a dançar. Até baixei um pouco o volume, a música deixava qualquer ser vivo animado.

Quando a música começou a falar que o cara estava bêbado de amor e que o pra sempre deles acabou, o elevador parou e eu baixei o volume mais uma vez, achava inconveniente obrigar as pessoas a ouvirem minha música, tinha de ter certo discernimento para não invadir o espaço alheio.

Não vi quem entrou porque meu celular vibrou e eu abri o whatsapp, vendo mais de dez mensagens de Mariane, a maioria repetindo a pergunta, para saber com quem eu tinha almoçado. Havia até um áudio, ela estava morrendo de curiosidade e eu ri, resolvendo deixá-la mais curiosa ainda ao demorar em responder.

Senti um cheiro de perfume familiar e levantei os olhos da tela do celular, olhando para a pessoa ao meu lado. Assim que a vi, senti o aparelho escorregar por meus dedos e cair ruidosamente no chão.

Arthur olhou para o celular caído aos meus pés e depois para

mim, isso fez com que meu coração começasse a martelar minhas costelas e minha respiração ficasse presa na garganta. De repente o espaço ficou menor ainda.

Olhei para o retângulo luminoso que indicava os andares e soltei a respiração ao ver que estávamos chegando ao térreo. Quando o elevador parou, eu me abaixei e peguei meu celular, saindo quase correndo.

Assim que me vi livre daquele espaço de confinamento, pude respirar.

– Você não precisa fugir de mim como se eu tivesse alguma doença contagiosa – a voz que eu temia ouvir estava atrás de mim.

Juntando uma coragem que não existia, me virei e vi Arthur parado a poucos centímetros de mim. Ele estava com os óculos de sempre e parecia cansado, sua barba estava por fazer e a camiseta branca tinha uma marca de sujeira, isso era normal para ele e meu irmão, já que ficavam no meio do pó quando iam vistoriar as obras.

– Eu não estava fugindo de você – falei olhando para seu peito, evitando propositalmente o rosto. – Simplesmente estava fazendo o que disse, eu não tinha como desaparecer do elevador e quando pude fiz o mais rápido que consegui.

– Não precisava ter feito isso.

Ergui os olhos, encontrando seu rosto. Ele não parecia estar com raiva e isso me surpreendeu, eu tinha imaginado que quando o reencontrasse, ele gritaria comigo.

– Só fiz o que você falou – tornei a repetir, virando e indo em direção à saída.

Antes que eu pudesse dar outro passo, senti uma mão em meu cotovelo e logo fui virada, como se eu fosse uma boneca sem controle do próprio corpo.

– Eu estou arrependido – Arthur disse ainda me segurando.

– Eu sei que está. Você já me disse isso. – Retorqui puxando meu braço. – Não precisa relembrar.

Arthur me olhou com uma expressão carrancuda e cruzou os braços. Pensei que isso fosse a deixa para eu ir embora, mas então comecei a sentir raiva. Que direito ele tinha de me encontrar e jogar na minha cara as mesmas palavras novamente?

– Só espero... – continuei, deixando a raiva passar para minha voz. – Que você não fique jogando isso na minha cara em cada oportunidade, uma vez já foi mais do que suficiente. Eu entendo as coisas, não sou nenhuma anta.

– Não menosprezei sua inteligência – disse Arthur descruzando os braços. – Eu estava tentando ser gentil.

Ergui o queixo. Será que ele sofria de transtorno bipolar?

– Gentil? Você? – Perguntei de maneira irônica. – Desde quando?

– Não precisa ser sarcástica.

– Ah, não? Então não me fale de gentileza, você não é gentil, pelo menos comigo.

– Eu estava tentando dizer que estava arrependido da maneira que tinha a tratado, mas você parece não acreditar em mim.

– E não acredito mesmo! – Exclamei, indignada. – Você não pede para uma pessoa sumir e a faz se sentir como uma vagabunda e depois vem dizer que se arrepende.

Ele arregalou os olhos e passou a mão nos cabelos.

– Eu não te chamei de vagabunda.

– Só bancou o maluco quando descobriu que eu não era uma, porque tudo bem ir para a minha cama, eu já tinha andado com a cidade inteira, mas o negócio mudou completamente quando descobriu que eu não era a porcaria de uma vadia que dormia com qualquer um!

Arthur passou a mão nos cabelos, parecendo desconfortável, e

isso só aumentou meu ódio, ele não tinha o direito de ter essa reação.

– Eu não sabia e por isso agi mal, agora vamos conversar, podemos ir...

– Não, nós não podemos.

– Mas, Melanie, eu...

– Para – Pedi erguendo as mãos. – Só para.

– Eu quero me explicar, eu não sou um monstro, Melanie.

– Ah, claro, agora você é o Príncipe e eu sou a Bruxa Malvada – constatei com sarcasmo.

– Foi você que me enganou – ele perdeu a paciência.

Dei um passo à frente e lhe lancei um olhar de ódio, desejando que laser saísse de meus olhos.

– Sabe por que eu não arrebento sua cara? – Perguntei cutucando seu peito com o dedo indicador. – Primeiro: Você é grande demais. Segundo: Eu não quero baixar meu nível. Terceiro: Você é tão insignificante que nem vale o tempo que meu punho vai levar para chegar nessa sua cara de pau.

Ele arregalou os olhos, parecendo não acreditar no que tinha acabado de ouvir e eu me aproveitei disso para ir embora, triunfante por tê-lo deixado sem palavras.

Capítulo 32

Equação

Queria poder dizer que meu estado raivoso durou muito e que eu fiquei me parabenizando até cansar, mas não foi o que aconteceu. Assim que a adrenalina baixou, quando já estava chegando a meu apartamento, eu comecei a tremer. Minhas mãos suavam e meu estômago dava cambalhotas.

Quando entrei, estava tão cansada que me joguei no sofá e fiquei encarando o teto, relembrando a conversa que tive com Arthur e sua tentativa patética de falar comigo. Acho que de certa maneira eu estava conseguindo cumprir meu objetivo, eu não chegaria mais perto dele.

Depois de um tempo, me levantei do sofá e fui tomar banho, seguindo a mesma rotina do dia anterior, que consistia em estudar e ir dormir, só que dessa vez sem Ramona, ela estava com Pietro e havia me avisado por mensagem quando eu estava no ônibus.

Quando terminei de estudar para as provas, contei para Mariane, por áudio no whatsapp, que tinha almoçado com Gustavo, dando detalhes, e de Helen e seu mau humor do cão, também contei de meu reencontro com Arthur, mas nesta parte ela ficou estranhamente quieta e disse que conversaríamos sobre isso outro dia, já que ela estava indo se encontrar com René.

Tentei esperar Ramona, mas acabei dormindo com a cara na mesa e resolvi ir para cama. Sonhei que meu cargo na sala da copiadora era definitivo e acordei suando, como ainda era de madrugada, joguei as cobertas no chão e voltei a dormir.

Acordei por causa do frio, mas quando fui pegar as cobertas no chão, o despertador tocou. Levantei resmungando e quando abri as cortinas, o vento frio passou pela janela aberta e atingiu meu rosto, ao olhar para o céu cinzento, percebi que o outono finalmente estava dando as

caras.

Fui ao banheiro pentear os cabelos e escovar os dentes, voltei ao quarto e escolhi calça jeans preta e uma camiseta de mangas compridas, coloquei um cardigã rosa com bolinhas brancas por cima e calcei meu tênis. Não precisava estar bem vestida para ficar enfurnada em uma sala minúscula, sentada em uma banquetta desconfortável.

Quando estava saindo do apartamento, depois de ver que Ramona não havia dormido em casa, meu celular tocou. Olhei o identificador e atendi:

– Oi, mãe.

– Oi, Melanie Beatriz – a voz dela estava afônica, então presumi que estivesse correndo. – Hoje é um bom dia para irmos conhecer seu apartamento?

Desviei de um buraco e lembrei se tinha algo para fazer, mas minha vida social estava tão parada, que provavelmente eu estudaria de novo e isso estava ficando estranho porque eu nunca estudava.

– Podem vir sim mãe – falei parando no final da fila quilométrica para esperar o ônibus.

– Então levamos o jantar pronto. Vou ver se Matheus e Arthur também vão.

Engasguei com a saliva e quase derrubei o celular no chão ao ouvir o último nome. Arthur, na minha casa, de novo?

– Ar... Arthur? – gaguejei, tentando desengasgar.

– Claro, ele cresceu com você e seu irmão, é natural que participe dos jantares familiares.

Cocei a cabeça. Se eu falasse para minha mãe que eu e Arthur não nos falávamos, ela perguntaria o motivo e acho que não queria que ela descobrisse o que tinha acontecido, ela nunca me aprovaria com Arthur, ainda mais após ter visto meu estado no domingo.

– Tudo bem – resmunguei.

– Vou ligar para ele e seu irmão para confirmar. Tenho uma surpresa também.

– Que surpresa?

– Se eu contasse não seria surpresa, né manezona.

Comecei a rir, só minha mãe mesmo para me chamar disso.

– Espero vocês, agora tenho que ir porque o ônibus tá chegando.

– Compre um carro, criatura.

– Trabalhando na sala da copiadora não vou comprar nem um patinete.

– Resmunguei segurando o celular entre a orelha e o ombro e pegando o cartão de passe no bolso do jeans.

– Não resmungue bebê. Tchau, mamãe te ama.

– Também te amo.

Guardei o celular na bolsa e entrei no ônibus, quase sendo esmagada em seguida, mas nem liguei porque isso acontecia todos os dias mesmo.

Entre na recepção dez minutos depois do horário, havia me atrasado de propósito para não correr o risco de cruzar com Arthur. Bati o cartão do ponto e antes de ir para meu exílio, Mariane surgiu atrás de mim.

– Oi, vamos ao banheiro – ela disse segurando meu cotovelo e me puxando em direção as escadas.

– Oi e as pessoas podem estranhar você me arrastar para o banheiro, além de eu já estar atrasada.

– Eu invento uma desculpa.

Balancei os ombros e me deixei ser arrastada para o banheiro feminino. Mariane, em um estado paranoico, revistou todos os cubículos antes de fechar a porta e me olhar de uma maneira ansiosa.

– Sabe o feriado? – Perguntou se encostando a porta.

Cocei a cabeça. Feriado? Ah, sim, sexta-feira era feriado do dia do trabalhador e eu, toupeira, nem tinha me ligado. Agora tinha uma motivação para aguentar a semana.

– O do dia do trabalhador? – Perguntei, imaginando se Ramona iria querer que fôssemos a uma boate, fazia tanto tempo que não saía que já me sentia uma ermitã.

– Não o do próximo mês, o de primeiro de junho. O do dia do fundador da cidade.

– Ah, sei. O que tem?

– Têm que René quer me levar para o Rio Grande do Sul, Gramados, para ser mais exata. Vai estar frio e ele quer ter um final de semana especial.

– E o que tem? Lá tem até um festival de cinema e chocolate do bom.

– Especial, Melanie, quer dizer para fazermos algo além de dormimos abraçados.

Arregalei os olhos, entendendo onde ela queria chegar.

– Quer dizer para vocês transarem?

– Claro.

– Mas o que tem de errado? Todo ser humano faz isso em algum momento da vida.

Mariane bufou e me lançou um olhar homicida, cheguei a me encolher.

– Eu não sei se estou preparada para minha primeira vez.

Forcei um sorriso, entendendo o dilema dela. Eu também não sabia se estava preparada e deu em meleca, resolvi dar um conselho descente:

– Se está em dúvida, então não vá.

– Não é dúvida em relação ao sexo, eu estou preparada para isso,

eu amo René e ele já provou que me ama. O problema é meu corpo.

Andei até Mariane e parei na sua frente. Ela sempre sentiu vergonha do próprio corpo, achei que tinha superado isso ao começar namorar René, mas pelo visto a vergonha ainda estava ali.

– Não tem nada de errado com seu corpo – afirmei segurando seus ombros. – O que falta para você é ser segura.

– Mas ele já namorou com modelos e não tem nada firme em mim, eu tenho estrias na barriga e celulite!

Os olhos dela se encheram de lágrimas e eu a abracei. Mariane era uma garota legal, era gentil e bem humorada, ela mais do que ninguém merecia alguém para amá-la e René até que estava fazendo as coisas certas, o que faltava era Mariane ver que ele não sairia correndo, coisa que eu tinha certeza, porque ele era maluco por ela e vivia me atormentando para que eu contasse o que a garota gostava.

– Eu li alguns depoimentos na internet – ela disse fungando e se afastando de mim. – Alguns caras diziam que era horrível ter barriga e que ser gorda era desleixo, coisa de gente porca.

– Gente sem noção e preconceituosa, Mari, não de ouvidos para coisa de internet. Lá todo mundo é bonito e feliz. Pense na vida real e que tem um cara que gosta de você e está disposto a te dar um momento especial, esqueça as neuras e curta o momento.

– Você acha?

– Eu tenho certeza. Olha, se eu tivesse alguém disposto a fazer algo parecido por mim, eu não pensaria duas vezes. Vai por mim, eu fiz uma besteira e me arrependi, você tem a chance de fazer algo bom de um jeito certo.

Ela secou os olhos com as costas da mão e concordou.

– Você sempre me dá conselhos bons.

– É mais fácil, porque eu estou fora da situação.

– Eu sei e quando se referiu à besteira, estava falando de Arthur né?

Encolhi-me a simples menção do nome dele.

– Estava – murmurei.

– Lembra que ontem, quando você me contou da conversa que teve com ele, eu disse que conversaríamos sobre isso hoje?

– Uhum.

– Então, ele foi à casa de René ontem, eu estava lá e fiquei escutando no corredor de novo. Queria saber o lado dele da história.

– Deixe-me adivinhar: Ele disse que está arrependido e que não quer mais me ver? – Supus encostando-me a parede.

– Na verdade, ele pareceu culpado, mas não da maneira que você está imaginando.

– Como assim?

– Arthur disse para René que tentou consertar a besteira que tinha feito, mas você foi irredutível e o chamou de insignificante e ele se sentiu mais culpado ainda, porque sabia que não era exatamente isso que você estava sentindo, já que um pouco antes tinha dito que ele a fez se sentir como uma vagabunda.

– E fez mesmo – resmunguei ao não ouvir nenhuma novidade.

– Deixa eu terminar. Arthur também disse que desde aquele dia não conseguiu mais ficar com nenhuma garota...

– Eu vi uma loira saindo do apartamento dele.

– É só que... – Mariane meio que engasgou e seu rosto ficou completamente vermelho. – Ele não funcionou, se é que me entende.

Arregalei os olhos e senti meu rosto arder.

– Ele disse que na hora não parava de pensar em você – continuou ela, ainda vermelha. – Que se sentiu culpado por estar com outra depois do que fez. Arthur também falou que queria achar uma maneira de

consertar tudo, acho que foi por isso que ele te procurou.

– Às vezes eu acho que ele é como uma equação matemática: Só sabe me deixar confusa.

– Eu também ficaria confusa no seu lugar.

– Mas não vou pensar nisso, já tomei minha decisão e vou me manter afastada. Só espero que ele não vá a minha casa hoje.

– E porque ele iria?

– Minha mãe quer um jantar em família e tecnicamente ele é da família.

Mariane sorriu como se tivesse descoberto algo muito importante.

– Acho que é por isso que ele se sente tão culpado, tudo tem a ver com o negócio de ter magoado a garota que viu crescer.

– Talvez, mas não quero mais saber. Agradeço você, Mari, por ter me contado, mas acho que prefiro não saber mais do lado de Arthur, tudo o que eu quero é me afastar dele.

Ela concordou e nós saímos do banheiro, já estávamos bem atrasadas e eu corri para a sala da copiadora, respirando aliviada quando não vi nada pendente.

Juro que tentei não pensar no que Mariane havia dito, mas o fato dele não ter conseguido dormir com outra não saía da minha cabeça, assim como sua tentativa de tentar consertar as coisas. Eu sabia que tinha que ficar longe dele, mas era reconfortante saber que ainda existia uma parte do Arthur que eu conhecia. Acho que quem despertava o lado ruim dele era eu e era por isso que tinha que me manter longe. Nós sempre acabaríamos nos magoando e sempre por minha culpa.

Nós não nos magoávamos quando eu era mais nova, na verdade, ele sempre tinha sido uma espécie de porto seguro. Foi Arthur que me

reconfortou quando Liloca, minha cachorra, morreu. Lembro que eu nem conseguia comer de tristeza e culpa.

Liloca tinha morrido quando eu estava na escola. Ela era minha melhor amiga, aos onze anos eu conversava mais com ela do que com minha mãe. Foi Arthur que levou comida no meu quarto e explicou que os cachorros viviam menos do que a gente e pela simples razão de saberem amar mais do que o ser humano, eu não creditei muito nisso e me recusei a comer.

Mas ele foi paciente e disse que se eu comesse me ensinaria a dar um golpe com o Subzero, um personagem do Mortal Combate, e que me daria outro cachorro. Eu recusei o cachorro, mas aceitei aprender o golpe e ele me ensinou mais de vinte vezes, até que eu fui capaz de derrotá-lo. Foi só dois anos mais tarde que eu descobri que ele me deixava ganhar e era impossível não se apaixonar por alguém que te deixava ganhar no videogame. Talvez tenha sido esse Arthur que eu esperava naquela noite e não o maluco que gritou comigo.

Sacudi a cabeça algumas vezes, afastando as lembranças da minha adolescência. Esse Arthur eu nunca teria, ele me tratava assim porque me via como uma garotinha e continuou me tratando até eu fazer a besteira de forçar um beijo e querer me vingar de uma atitude, que hoje eu vi como natural. Qualquer um ficaria assustado no lugar dele.

Resolvi começar a jogar paciência no computador para passar o tempo. Quando o horário do almoço chegou, fui almoçar com Mariane, não vi Gustavo e nem René, presumi que estivessem em alguma reunião. Conversamos amenidades, evitando propositalmente o assunto que não saia da minha cabeça.

A tarde foi calma, não tive nada para fazer e continuei jogando, dessa vez um jogo de fazer bolo, descobri que só não era permitido entrar em site de redes sociais, então me esbaldei em sites de jogos, até achei o Mortal Combate, mas não era legal jogar no computador.

As seis e dez, enrolei dez minutos de propósito, sai da empresa. Assim que cheguei à rua, encontrei meus pais me esperando na calçada.

– Viemos te buscar – disse minha mãe sorrindo.

– Obrigada – agradei abraçando os dois ao mesmo tempo.

– Seu irmão falou que vai chegar um pouco atrasado – falou mamãe me conduzindo até o carro, parado em frente ao prédio. – Arthur disse que tem compromisso.

Balancei os ombros e abri a porta atrás do lado do motorista, tomando cuidado para não esmagar as travessas que estavam no banco. Mamãe tagarelou durante todo o caminho e em determinado momento, simplesmente desisti de acompanhar a conversa.

Quando paramos em frente ao meu prédio, nos enrolamos para conseguir tirar as travessas do carro. Eu levei uma que parecia uma lasanha, meu pai outras duas e minha mãe os refrigerantes. O elevador acabou sendo pequeno para nós três, mas no final conseguimos entrar em meu pequeno apartamento, que ficou menor ainda com quatro pessoas lá dentro. Ramona estava terminando de limpar a bancada quando entramos.

– Oi, Melanie, tia e tio. – Ela nos cumprimentou. – Posso ficar para o jantar?

– Claro querida – respondeu minha mãe a abraçando. – A casa é sua.

Levamos as travessas para a cozinha e minha mãe e Ramona começaram a aquecê-las. Era lasanha, torta de bolacha, salada e arroz. Enquanto elas conversavam, mostrei a casa a meu pai.

– Você parece estar vivendo confortável – observou meu pai quando voltamos à sala e nos sentamos no sofá descombinado. – Só não parece tão feliz quanto deveria.

– Por que está dizendo isso?

– Não sei, só não parece animada.

- Deve ser cansaço.
- Vou tentar acreditar nisso.

Iria responder, mas minha mãe entrou na sala segurando um Tablet.

- Está aqui a surpresa – ela me estendeu o aparelho.
- Você está me dando seu Tablet?
- Olhe para a tela.

Olhei para a tela do objeto quadrado branco e me surpreendi ao ver a imagem de duas pessoas muito queridas.

- Vó! – Exclamei ao ver a senhora de cabelos brancos na tela pequena, ao seu lado estava meu avô, ele sorriu e acenou.

- Era esta a surpresa – explicou minha mãe sentando ao meu lado. – Eles aprenderam a usar o Skype e quando lhes contei que vínhamos jantar em seu apartamento pela primeira vez, eles também quiseram participar.

- Claro que sim, somos modernos – disse Vó Margarida, olhando para sua própria imagem e ajeitando os cabelos. – Você está muito bonita, pena que não vem mais nos visitar.

- Ela deve estar atribulada – comentou Vô Gino, que como sempre me defendia. – Ela virá nos visitar quando tiver tempo.

- Claro que vou – afirmei sentindo meus olhos se encherem de lágrimas, só ao vê-los é que percebi o tamanho da saudade que sentia. – É só eu conseguir fugir da sala da copiadora que vou.

Eles começaram a rir e eu observei que os cabelos de meu avô ficaram mais brancos e seu bigode menor, além das rugas ao redor dos olhos terem aumentado. Minha avó continuava linda, as pontas de seus cabelos ainda estavam da cor natural, douradas, e sua pele também estava mais enrugada, mas isso não estragava em nada seu rosto já que seus olhos azuis ainda pareciam um pedacinho do céu.

– Não trabalhe demais – minha avó me advertiu. – Arrume uns namoradinhos e não pense tanto em trabalho.

– Vá para as matines – completou Vô Gino.

– Agora eles falam boates, seu velho antiquado – Minha avó o corrigiu e todos nós começamos a rir. – Vá bastante para a balada e deixe minha filha com os cabelos brancos.

– Ela usa bastante água oxigenada – meu pai disse cutucando minha mãe de maneira carinhosa.

– Acho que o sarcasmo vem do lado paterno da família – comentou meu avô.

– A Melanie deixou o sarcasmo de lado nos últimos tempos – observou mamãe. – Acho que tem a ver com o fato dela e do irmão não estarem mais na mesma casa.

Surpreendi-me com essa observação, mas sabia que tinha certo fundo de verdade. Tinha consciência de que havia mudado, mas não por fazer um esforço para isso, mas sim pelas circunstâncias que impus a mim mesma. Olhando a Melanie de dois meses atrás, tudo o que se via era uma garota que ansiava pela sexta-feira, enquanto a Melanie de agora era um misto de confusão e arrependimento, talvez se eu nunca tivesse iniciado aquele plano, tudo daria certo. Ramona certa vez propôs de eu perder a virgindade com algum cara que eu já tinha ficado, deveria ter seguido seu conselho maluco, apesar dela estar bêbada e gritando para meio mundo os benefícios do orgasmo.

– Tá dormindo Melanie Beatriz? – Perguntou minha mãe, me tirando do mundo das reflexões.

– Não, por quê?

– Seus avós estão se despedindo.

Voltei a olhar para a tela do Tablet e vi meus avós acenando, acenei de volta e mandei um beijo.

– Não se esqueça de visitar a gente – Vó Margarida disse enquanto puxava o fone do ouvido e vô Gino apertava o botão da câmera, encerrando a conexão.

– Não é fofo eles aprenderem a mexer no Skype? – Comentou mamãe se levantando.

– É sim – concordei.

A campainha tocou e eu me levantei para atender. Abri a porta e vi Matheus, ele me lançou um sorriso sarcástico antes de entrar em meu apartamento e olhar ao redor, como se fosse da polícia e estivesse procurando provas.

– Nossa, até que as coisas parecem normais. Imaginei propagandas de festas e fotos de homens sem roupa. – Ele disse com sarcasmo.

– Talvez eu tire algumas fotos suas, para espantar os pernilongos de noite – devolvi o sarcasmo e o empurrei em direção à cozinha. – Como vai à dor de cotovelo?

– Nem sei mais o que é isso – Matheus piscou de uma maneira conspiratória e eu comecei a rir.

– Está vendo o sarcasmo paterno, Marcus? – Indagou mamãe enquanto entrava na cozinha, o puxando pela mão, como se fossem um casal de namorados adolescentes.

– Está dizendo que eles são sarcásticos por minha culpa?

– Foi o que meus pais falaram, o que me lembra: Eu não te mandei vir a tempo de falar com seus avós, Matheus Guilherme Albuquerque?

Ramona, que estava terminando de arrumar a mesa, veio para o meu lado, juntas ficamos vendo Matheus ser acuado por minha mãe.

– Eu tive que resolver umas coisas com Arthur – ele tentou se explicar.

– Não quero saber, família em primeiro lugar. E se Arthur estava com você, porque não veio?

– Não sei, ele anda esquisito ultimamente.

Olhei para Ramona e ela balançou os ombros, como se estivesse dizendo bem feito.

– Quando não é você enchendo a cara de uísque barato é seu amigo ficando esquisito – constatou meu pai se sentando a ponta da pequena mesa, sendo imitado por eu e Matheus.

– Acho que Arthur sempre foi esquisito – alfinetou Ramona, ajudando minha mãe a por as travessas na mesa.

– Ele é um bom garoto – mamãe discordou.

– Vamos ficar falando das esquisitices do Arthur ao invés de jantar? – Perguntei, tentando mudar de assunto.

– Não. – Matheus falou pegando a colher e enchendo o prato de arroz, fazendo uma pequena montanha. – E Arthur não é esquisito, acho que ele só está em um mau momento, não sei por quê.

– O que vão fazer no feriado? – Mudei de assunto propositalmente pela segunda vez.

– No de sexta-feira vamos ficar em casa – explicou meu pai enquanto colocava lasanha em meu prato. – Mas no de junho, eu e sua mãe vamos fazer uma viagem. Iremos para a Serra Catarinense, conhecer as cidadezinhas mais frias de lá.

– E eu – anunciou Matheus, parecendo muito orgulhoso. – Vou para uma feira de construção civil, passar o final de semana em um hotel em São Paulo, com baladas à noite e gatas pra todo lado.

– Que emocionante – desdenhei lhe dando um chute na canela. – Também vai viajar Ramona?

– Vou passar o final de semana acampando com minha turma de biologia no parque ecológico, vamos tentar descobrir algumas espécies

para o trabalho final do semestre.

– E você Melanie? – Perguntou minha mãe.

Pousei o garfo no prato e balancei os ombros.

– Vou ficar em casa, estudando.

Matheus se engasgou e papai lhe deu um tapa nas costas.

– Desde quando você estuda? – Indagou quando parou de tossir.

– Desde sempre – menti voltando a comer.

– Não implique com sua irmã. – Mamãe puxou a orelha dele. – Se você quiser a gente fica em casa com você, filha.

– Não precisa. Eu vou arrumar algo para fazer até lá, ainda falta mais de um mês.

Eles concordaram e nós continuamos falando sobre o feriado e prováveis planos. Matheus não se conformava com meu novo lado estudioso, mas na hora da sobremesa já estava fazendo propostas de me levar para a feira de construção civil.

Mamãe amou a ideia de nós nos divertirmos juntos, mas eu recusei porque a probabilidade de ser chato era enorme, não tinha vocação para diferenciar material de construção e com certeza acharia algo para fazer além de estudar.

Capítulo 33

Furacão, ou quase isso

Continuei na sala da copiadora. René disse que eu ficaria lá até a garota voltar, me falou isso na quinta-feira e eu só não lhe xinguei por dois motivos: O primeiro era em respeito a Mariane, que estava indo para o refeitório conosco, e o segundo motivo era que eu precisava do dinheiro para pagar o aluguel e aquele par de converse vermelho que eu tinha visto na lojinha da esquina da faculdade na semana anterior e que combinava perfeitamente com uma calça jeans colada e desbotada que estava perdida em meu armário.

Mas isso não quis dizer que eu pudesse ficar mais um segundo perto daquele abominável chefe, até esqueci aquele pequeno surto de gratidão que senti quando percebi que podia ler livros e escrever em meu diário naquela sala claustrofóbica. Eu não podia ler sempre porque na maioria das vezes estava ocupada demais tentando não perder um dedo, ou grampeá-lo por acidente, sem falar nos inúmeros Xerox e impressões que tinha que providenciar para ontem, mas isso não era o maior dos problemas.

Na verdade, eu tinha que suportar mais coisas além de dedos grampeados e muitas vezes sujos de tinta porque o toner sempre acabava na hora errada e eu era desastrada demais para colocá-lo sem pintar a impressora e eu mesma. Um dos piores males, que ocupava o segundo lugar nas coisas horrível de ser a garota do Xerox, era ter que aguentar as piadinhas dos caras do RH. Eles achavam que por eu ser mulher tinha que aguentar gracinhas do tipo:

– Gata, seu pai é mecânico?

Ao que eu respondia, concentrada em colocar o espiral de algum calhamaço no lugar certo:

– É contador, por quê?

– Porque você é uma “Graxinha”.

E então o apatetado da vez, e o bocó do amigo escudeiro, riam como duas hienas e eu ficava lá, como uma boba, imaginando diversas formas de chutar o saco deles.

Mas as gracinhas também não era o pior dos problemas. O pior mesmo, que ganhava o número um de minha lista, era quando Helen, ou alguém de sua laia, achavam que eu era um lixo e me humilhavam por querer cópias no horário certo, mas que pediam com cinco minutos de antecedência, ao invés de quarenta e cinco, como o restante da população.

Quando não recebiam as cópias e impressões como queriam, eles faziam piadinhas a respeito de eu não poder reclamar porque não tinha estudo. Eu ficava puta da cara porque na verdade tinha estudo sim. Eu tinha curso técnico em secretariado e informática empresarial, além de falar inglês fluentemente, fora o fato de estar cursando ensino superior.

Era muito humilhante a atitude de Helen e de outras pessoas de seu departamento. Eu pensei seriamente em mudar de emprego quando ela jogou a impressão que eu tinha errado em meu rosto, só não fiz isso porque Gustavo apareceu e me convidou para almoçar, espantando Helen e juntando as folhas que tinham caído no chão. Até me ajudou a separar as que a vaca tinha misturado.

Foi enquanto íamos para o refeitório que encontrei meu abominável chefe, que me comunicou que eu ficaria naquela função até o final de junho. Ao ouvir o comunicado, podia até sentir fumaça saindo de minhas orelhas, como o pato Donald quando ficava com raiva, e isso piorava à medida que assimilava todas as humilhações que ainda teria de aguentar. Ainda bem que Gustavo era bem humorado e tirou meu foco disso, sendo cavalheiro ao carregar minha bandeja e fazendo graça enquanto contava histórias de sua infância no decorrer de nosso almoço.

Em certo momento, ele pegou em minha mão, numa tentativa de

consolo, e foi estranho porque nunca nenhum garoto tinha pegado em minha mão daquele jeito, não sem segundas intenções, o que obviamente Gustavo não estava tendo. Ele parecia aquele tipo de pessoa que ajudava os outros sem intenção, só por ajudar mesmo, e estava sendo tão legal ter alguém gentil para conversar. Não é que Mariane não fosse gentil, mas ela andava tão ocupada com René e todas as coisas que envolvia a viagem romântica deles e nesse momento eu estava me distanciando de coisas que envolvessem romance.

Para falar a verdade, fazia muito tempo que eu não fantasiava coisas românticas, preferia evitar subir em um precipício de expectativas para não ter de mergulhar em um mar de desilusão depois. Para uma garota de vinte anos, eu já tinha tido mais romance do que realmente necessário, quer dizer, eu tinha ficado bastante tempo apaixonada por alguém e já tinha perdido minha virgindade em nome de um amor que não sentia mais e agora já estava cheia de sexo e amor, apesar da maioria das pessoas não se encherem disso.

Não era como se eu fosse fazer voto de castidade e não transar mais com ninguém, era óbvio que eu faria isso novamente, algum dia, mas não nesse momento, não depois desse alguém ter me pedido para sumir.

Acho que foi em nome de toda a humilhação sofrida no emprego, e mais o fora fenomenal que levei depois de perder minha virgindade, que na sexta-feira, feriado do trabalhador, eu simplesmente cai na gandaia com Ramona, como se ainda estivéssemos dezoito anos e fôssemos pela primeira vez em uma boate.

Não fiquei com ninguém e nem bebi a ponto de ter uma amnésia alcoólica, eu simplesmente dancei como se precisasse disso para sobreviver e nem me importei de cantar umas músicas cafonas de sertanejo universitário em um tom incrivelmente alto e esganiçado, eu só queria jogar tudo aquilo que estava preso em meu peito para fora e fiz isso através das músicas melodramáticas de Luan Santa e de Gustavo Lima.

Admito que bebi um pouquinho e que isso fez com que as músicas parecessem escritas para mim, *Amar não é pecado* se tornou o hit daquela noite e eu cantei alto a ponto de Ramona gargalhar, ela tinha bebido muito mais vodka do que eu e também tinha dispensado Pietro porque aquela era noite das garotas.

Quando voltamos para casa, com os sapatos na mão e ouvindo os resmungos do taxista que não gostou de ver eu e Ramona cantar *Gatinha assanhada* a plenos pulmões, estávamos tão cansadas que praticamente nos arrastamos pelos degraus, até achei que estava meio alta na bebida porque continuava ouvindo uma batida eletrônica que parecia entrar lá no meu cérebro.

– Meninas... – Um cara alto saiu do meio dos arbustos, eu acho, e se aproximou da gente. – O que acham de terminar a noite em nossa festinha?

Eu e Ramona nos olhamos e depois olhamos para o cara e eu o achei vagamente familiar.

– Acho... Acho que hoje não, cara – Ramona disse com voz enrolada. – Eu tô acabadona.

Foi então que eu olhei para o cara e lembrei que ele era Miguel, o gostosão que foi pedir açúcar em nosso apartamento na semana que nos mudamos para lá.

– Quem sabe da próxima, Miguel.

Falei isso com um pouco mais de simpatia. Os caras baderneiros que moravam em nosso prédio costumavam ser meio vingativos com as garotas que não iam as festas deles. A lenda dizia que um tinha ficado tão irritado com uma patricinha do prédio da frente que pegou a calcinha da Victória Secrets dela e pendurou nos chifres de um boi empalhado atrás do prédio, onde têm as festas, e que em celebrações especiais, como época de provas, eles coam a cerveja na calcinha para dar sorte e acho que nem eu e nem Ramona queríamos ter as calcinhas roubadas. Quem me contou isso

foi Ramon, o garoto impertinente que tinha me pedido beijo, ele havia carregado minhas sacolas do supermercado no dia anterior.

– Esperamos vocês em nossa próxima festa então – ele piscou para gente e voltou para trás do prédio.

– Ele tem uma bela bunda – Ramona sussurrou alto demais.

– Quero ficar longe dele porque não quero que minhas calcinhas se tornem coador da sorte – resmunguei a puxando em direção à porta de vidro.

– Você realmente acreditou no que o pirralho pervertido te contou ontem?

– Acreditei, ele mora aqui a mais tempo do que a gente.

– Você bebeu demais Beatriz.

Revirei os olhos e abri a porta. Ramona não resmungou mais nada porque estava bêbada demais para pensar e eu achei melhor assim, ela ficava meio chata alcoolizada.

Aquela ida a boate foi o único ponto de diversão. Na semana seguinte começou as provas e eu surpreendi Jean ao falar que havia estudado, ele não parou de fazer piadinhas e se juntou a Cássio, onde chegaram a constatação que eu havia sido abduzida por alienígenas que tiraram meu lado pervertido e baladeiro. Cheguei à conclusão que garotos são idiotas sozinhos, mas em grupos se tornam idiotas acéfalos. Falei isso a eles no intervalo do primeiro dia de provas e eles só se gargantearam de que tirariam notas excelentes.

Mas no final quem riu por último fui eu. Minha nota mais baixa foi nove e pela primeira vez, eu estava tranquila com relação as minhas notas, pena que não pude falar o mesmo em relação ao trabalho. A cada dia as coisas se tornavam mais difíceis. As piadinhas continuavam, as grosserias pioravam e eu era orgulhosa demais para reclamar para René.

Matheus notou que tinha algo errado quando me encontrou no refeitório:

– Você parece mal. – Observou.

– Não aguento mais. – Respondi encolhendo os ombros e procurando por Gustavo, que tinha se tornado meu companheiro de almoço.

– O que está acontecendo?

– Sala da copiadora e gente grossa que acha que tenho baixo nível intelectual.

Meu irmão me olhou penalizado e depois seus olhos se estreitaram da mesma maneira que os de meu pai quando ficava zangado.

– E porque está na droga da sala da copiadora se está cursando ensino superior e tem nível técnico em secretariado?

– Porque a garota do xerox quebrou o pé e René achou que eu não tinha ambição em Marketing e não se esforçou o suficiente para contratar a droga de um temporário e agora eu tenho que ser chamada de burra e aguentar piadas dos caras do RH, que se acham muito engraçados.

Meus olhos se encheram de lágrimas e eu cruzei os braços. Já fazia três semanas que eu estava naquela função e odiava cada dia mais.

– Eu acho que você deveria procurar outro emprego – disse Matheus e eu notei que sua voz estava mais grossa, ele tinha cerrado os punhos e parecia enraivecido. – Você não estudou como uma doida para ficar tirando cópias para os outros. É um trabalho digno, mas é destinado a menores aprendizes e não a você.

Balancei os ombros, como se estivesse acostumada, mas a verdade era que eu não me achava capaz de fazer outra coisa, típico de quem consegue o primeiro emprego e se acomoda na função.

– Acho que vou procurar outra coisa – menti.

– Também acho – ele concordou, parecendo mais zangado ainda.

Eu e Matheus podíamos brigar e ser sarcásticos um com o outro, mas quando outra pessoa fazia isso com um de nós, despertava a fera no outro e foi o que pareceu acontecer, porque quando René entrou no refeitório, meu irmão lhe lançou aquele olhar de cara malvado que espantava os garotos que grudavam chiclete no meu cabelo na terceira série.

– Deixa quieto. – Eu disse puxando a manga de sua camiseta. – Logo a garota volta.

– Não seja boba, ela quebrou o pé, pode demorar ainda mais.

Eu ia argumentar, porque não queria que ele bancasse o esquentadinho com René, não que ele não merecesse, mas isso seria embaraçoso e eu precisava do emprego e meu salário não tinha diminuído em nada. Mas antes que eu pudesse falar alguma coisa, vi aquela pessoa, que eu tinha aprendido a esquecer do nome com o passar dos dias, surgir e só tratei de achar meu rumo, porque queria fazer o que ele tinha pedido e sumir.

– Aonde você vai? – Indagou Matheus quando viu que eu dei um passo para trás.

– Vou atrás de Gustavo – respondi baixo, ficando na ponta dos pés e tentando localizar meu novo amigo, que quando não passava em minha sala me esperava em frente à porta do refeitório, que era onde estávamos agora.

– Quem é esse? – Ele pareceu confuso. – E quanto a seu chefe abusado?

O Alguém, como eu tinha nomeado aquela pessoa que eu tinha que fazer de tudo para não encontrar, estava chegando e eu só pensava em fugir.

– É meu colega... Que está bem ali – aponte para a esquerda após localizar Gustavo e soltar um suspiro de alívio. – Vou almoçar com ele e esquece esse negócio de René e xerox, nem tem importância.

Matheus fez uma careta e eu lhe dei um beijo na bochecha, me afastando quando o amigo de meu irmão estava a uns trinta centímetros de mim. Passei ao lado dele, agarrei o braço de Gustavo e o arrastei para o refeitório, ouvindo alguns resmungos de Matheus sobre socar meu chefe.

– Qual o problema? – Indagou Gustavo, colocando a mão em minhas costas e me empurrando delicadamente em direção a fila do Buffet.
– Aquele era seu namorado?

– Não, era meu irmão.

– Estou falando do de óculos, você o olhou como se ele fosse um fantasma e ele te olhou mais espantado ainda.

– Ele é o melhor amigo do meu irmão – resmunguei pegando uma bandeja e a enchendo de saches de Ketchup, irie me afundar nas batatas fritas.

Gustavo me olhou, parecendo hesitar em perguntar algo, por fim desistiu e nos servimos em silêncio. Meu coração não parou de martelar minhas costelas em nenhum momento, nem mesmo quando nos sentamos à mesa de sempre e eu tomei um gole de suco de maracujá, dispensando a coca cola em uma tentativa de me acalmar.

– Tem algo te incomodando Mel? – Perguntou Gustavo, parecendo preocupado.

Larguei a batata e apoiei os cotovelos na mesa. Se tinha algo me incomodando? A resposta era sim, mas eu estava ficando especialista em banir coisas desagradáveis de minha mente. Trabalhar em um lugar horrível e ter provas na faculdade, que já haviam acabado, mas que eu continuava revisando as matérias sem precisão, era o suficiente para eu fingir que não me lembrava daquela noite de humilhações.

Era fácil, eu procurava evitá-lo ao máximo. Mudei meus horários e o apelidei de Alguém, era melhor fingir que ele não existia, mas as coisas mudavam quando nos encontrávamos sem querer, como tinha acontecido hoje. Dai todas aquelas palavras que ele tinha me falado voltavam e eu me

sentia ridícula, somando isso à tentativa patética dele se desculpar, resultava em um estado que misturava raiva e humilhação, mais humilhação do que qualquer outra coisa.

Eu também me sentia uma garotinha boba, porque eu já tive tempo o suficiente para analisar tudo que fiz e não era algo de que uma pessoa adulta deveria se orgulhar. Eu fiz uma campanha de Marketing comigo mesma, me tornei o que ele queria, mostrei tudo que tinha de atrativo baseado em uma má reputação mentirosa.

Sem falar na infantilidade de me vingar, que foi minha ideia inicial. Ele nunca engoliu as próprias palavras, quem acabou se afogando nelas fui eu e agora tinha que conviver com isso, não estava sendo difícil, mas também não era fácil, porque ele era da minha família e um dia alguém notaria que eu fugia dele e que não nos falávamos, eu só esperava que quem notasse isso não fosse Matheus, ele já era esquentadinho com relação ao meu trabalho, imagina se descobrisse o que tinha acontecido entre eu e seu amigo. Ele me esfolaria viva.

– Mel? – Gustavo estralou os dedos, me trazendo de volta a realidade. – Você ouviu minha pergunta?

– Ouvi e não tem nada me incomodando não. – Joguei o garfo dentro do prato e me levantei. – Você está sendo um bom amigo e eu sinto muito por deixar você almoçando sozinho, mas eu realmente tenho que ir.

– Tudo bem – ele sorriu e uma covinha surgiu no lado esquerdo de seu rosto.

Sorri e coloquei a cadeira de volta no lugar. Quando estava chegando à porta do refeitório, Helen estava entrando, ela sorriu de maneira maldosa e parou na minha frente, me impedindo de passar.

– Deixei coisas para você fazer – ela falou naquela sua voz horrível de quem está com o nariz entupido. – E espero que você faça direitinho porque eu já fiz um relatório de você para o chefe.

Encolhi os ombros e sai da frente dela, passando pelo outro lado.

Voltei a minha sala e vi um pen drive e uma folha com pauta em cima da mesa, além de diversas resmas que deveriam ter chegado enquanto eu estava almoçando.

Peguei as resmas e subi na cadeira, as colocando na prateleira em cima das máquinas. Quando coloquei a última resma na prateleira, alguém entrou na sala. Pulei da cadeira e vi um garoto, que parecia ter uns dezesseis anos, parado em frente ao balcão.

– Em que posso ajudar? – Perguntei sendo mais simpática, ele deveria ser estagiário e estagiários não eram bem tratados por aqui.

– O Senhor René pediu para a senhorita ir até a sala dele.

Meu estômago ficou embrulhado. Será que Helen havia falado a verdade e reclamado de mim?

– Eu já estou indo, só eu terminar de imprimir um negócio aqui. Obrigada.

– De nada – ele sorriu de uma maneira tímida e saiu da sala.

Terminei de fazer o que Helen tinha pedido com mãos tremulas. Tentei controlar a ansiedade e pensar que tudo que René tinha para falar comigo era sobre Mariane, ou sobre ter achado um temporário para o mês restante do atestado da garota, quer dizer, ele era legal comigo na maior parte do tempo, não seria capaz de me demitir pelo relatório de uma cavaloa como Helen.

Continuei pensando nisso enquanto saía de minha sala, cruzava o corredor e passava em frente à recepção, que estava vazia. Quando estava a alguns passos da sala de René, a porta foi aberta e aquela pessoa que eu tinha me esquecido do nome saiu de lá. Imediatamente me abaixei e fingi estar muito concentrada em desamarrar os nós inexistentes de meu tênis. Fiquei o tempo todo olhando para o chão e vi que os pés dele estavam ao meu lado, reconheci os coturnos. Prendi a respiração e aguardei que falasse alguma coisa, mas ele demorou cerca de um segundo e foi embora.

Respirei de alívio e levantei, mas o ar voltou a ficar preso em

meus pulmões quando entrei na sala de René e vi que ele estava com uma expressão zangada. Mariane estava ao lado dele e parecia prender o riso, não entendi a bipolaridade de humor entre eles.

– Oi, o que queria falar comigo? – Perguntei retorcendo os dedos.

– Queria lhe comunicar que ficará até a última sexta-feira desse mês na sala da copiadora. Dia dois de junho, o temporário chega para ficar no lugar de Carla, que estendeu o atestado.

René falou tudo isso em um jorro, como se estivesse ansioso demais para me comunicar o fim de meu exílio.

– Tudo bem – respondi aliviada, faltavam duas semanas para a tortura acabar.

– Também quero que me comunique qualquer coisa que tenha a ver com pessoas te desrespeitando... – Continuou ele, parecendo mais zangado ainda. – Não tolero esse tipo de comportamento e você deveria saber e me falar Melanie.

– Não achei que seria necessário – argumentei olhando para Mariane, que continuava com aquela expressão de riso.

– Mas agora sabe que é – retorquiu.

– Tá bom, deseja mais alguma coisa? – Perguntei ansiosa para me livrar do mau humor dele.

– Não, pode voltar a sua sala, e não deixe ninguém te desrespeitar.

Concordei e sai da sala, antes que eu fechasse a porta, Mariane pediu licença a René e saiu.

– Vamos para minha mesa que quero te contar uma coisa bombástica – ela disse rindo.

Não entendi o motivo do riso e a segui até a recepção, onde ela sentou na cadeira e eu no tampo da mesa. Olhei para ela, esperando que

disse a coisa bombástica, mas a garota teve uma crise de risos e eu pensei que ela tinha ingerido algo tóxico.

– Sabe... Sabe quem ameaçou quebrar a cara de René a menos de vinte minutos? – Ela perguntou quando conseguiu parar de rir.

– Sei lá. Você?

– Não, Arthur. Ele entrou na sala parecendo o dono do pedaço.

– Porque ele fez isso? – Perguntei sem entender nada, o que interessava os dilemas daqueles dois malucos?

– Ele fez isso por sua causa – ela anunciou, sorrindo de uma maneira triunfante. – Disse que ou ele te tirava daquela sala, ou ele quebraria todos os dentes dele.

Arregalei os olhos. Porque ele fez isso? Ele me odiava e queria me ver a quilômetros.

– Meu irmão deve ter pedido – expliquei encolhendo os ombros.

– Não. Arthur disse que Matheus queria quebrar a cara de René e que ele deixaria seu irmão fazer isso e ainda o ajudaria se René não te tirasse de lá. Matheus não pediria ao amigo para fazer o serviço sujo, seu irmão é tão baderneiro quanto Arthur.

– Não entendi porque ele fez isso.

– Melanie Beatriz! – Mariane deu um tapa em minha perna. – Arthur está fazendo o que sempre fez de melhor.

– Arrumar confusão?

– Não, ele está sendo seu cavalheiro de armadura brilhante, como sempre foi.

– Você só pode estar maluca.

– Não estou e eu estava lá e vi a cara dele. Arthur parecia um boi bravo, puxou René pela gola da camisa e tudo, dizendo que você não tinha nascido, e nem estudado, para ser humilhada pelos babacas dos empregados dele.

Escancarei a boca como um peixe. Aquele garoto era o clássico exemplo da bipolaridade, mas eu não deixaria esse gesto me abalar.

– Isso não importa – falei pulando da mesa. – Com certeza ele fez isso para Matheus não brigar com René. Agora eu tenho que trabalhar. Tchau.

– Não seja ingrata Melanie, no fundo você sabe por que ele fez isso. Apesar de tudo, Arthur sempre te protegeu e você mesma já me contou isso uma vez.

Revirei os olhos e sai, deixando Mariane com suas conclusões equivocadas e ignorando completamente o relato dela sobre ele. Eu me recusava a acreditar nisso.

Comecei a marcar os dias que faltavam para eu sair da sala da copiadora em um calendário que tinha a foto de um bebê foca, presente de Ramona. Ficou mais fácil suportar as piadinhas e o mau humor de Helen sabendo que eu logo sairia daquela função e voltaria a arquivar coisas e a dar cappuccino para o chefe mais abominável do mundo.

Também ignorei a conclusão equivocada de Mariane, aquela em que o Alguém tinha agido como um cavalheiro de armadura brilhante. Ramona entendeu meu lado e disse que se era melhor para mim acreditar nisso, então que acreditasse.

Na última semana de maio, última semana na sala da danação, Mariane e Ramona estavam meio doidas, assim como minha mãe. Todas estavam se preparando para viajar. Minha mãe quis comprar praticamente um guarda-roupa de inverno, esquecendo que onde moramos também fazia um frio danado. Ela agia como se estivesse indo para o Polo Norte, o que era hilário e me rendeu alguns casacos de lã, que eu comecei a usar imediatamente porque o outono estava de matar.

Mariane também estava um pouco pirada, tinha comprado diversas lingerie e parecia um pouco mais segura sobre seu corpo, o que

foi bom porque pelo menos ela ficava pirada pelo motivo certo.

Eu até tentei achar algo para fazer, mas na quinta-feira já estava conformada de passar o feriado em meu apartamento, com chocolate quente, filmes e muitas cobertas quentinhas. O meteorologista local tinha previsto chuva de vento e granizo para o dia seguinte e eu não queria estar em nenhum outro local além da minha cama.

– Você tem certeza que ainda vai acampar? – Perguntei a Ramona na sexta de manhã, enquanto vestia um moletom e colocava meu casaco de lã batida por cima, também estava vestindo um jeans justo e botas de montaria.

– Claro, não vamos ficar em barraca, tem uma casa lá e vai ser divertido. – Ela não parava de colocar comida enlatada em uma mochila. – Se pudesse até te levava junto.

– Não, eu vou ficar bem em casa. Com filmes e cobertas quentinhas.

– Se você diz.

Ela terminou de arrumar as coisas e me abraçou. Pietro passaria dali a dez minutos e eles já iriam para a tal casa. Despedi-me dela e fui pegar o ônibus. Só Ramona mesmo para ficar feliz em ir para o meio do mato com previsão de frio e chuva.

Assim que cheguei à rua, comecei a tremer, estava frio demais e nem o cachecol que tinha colocado em volta do pescoço estava ajudando. Coloquei as mãos no bolso e fui para o final da fila no ponto de ônibus e pela primeira vez gostei da possibilidade de estar em um local abafado.

Percebi que o feriado deixava as pessoas mais felizes quando cheguei ao trabalho e as colegas que me encontraram no corredor foram simpáticas. Até comentei isso com Gustavo enquanto almoçávamos.

– Eu acho que a possibilidade de dormir até meio dia por três dias seguidos, sendo que o terceiro é uma segunda-feira, deixa qualquer ser vivo em estado esfuziante – ele comentou enquanto enrolava sem parar a

manga da camisa, parecia nervoso.

– Também acho. Está tudo bem?

– Na verdade... – ele me olhou de uma maneira tímida e apertou o nariz entre o dedo indicador e o polegar. – Eu estou um pouco nervoso.

– Por quê?

– Porque eu quero convidar minha única amiga, neste lugar inóspito, para ir ao cinema amanhã e estou com medo que ela ache que eu estou indo longe demais.

Sorri, a maneira como Gustavo dizia as coisas era fofa, ele parecia sempre medir as palavras, além de parecer compreender meus problemas e não me forçar a falar. Ele aprendeu a diferenciar minha raiva do sarcasmo neste mês em que nos tornamos amigos, coisa que a maioria das pessoas ainda não conseguia.

– Acho que essa sua amiga não seria louca de dizer não. – Falei pensando que sair de casa para ir ao cinema podia ser melhor do que ficar em casa e ver filme na TV a cabo, tirando a desvantagem de no cinema não ter cobertas quentinhas.

– Jura?

– Sim.

Gustavo sorriu como se tivesse ganhado na loteria e eu tentei me lembrar de alguma vez em que alguém tinha me convidado para ir ao cinema. Acho que nunca e a possibilidade de ir ao cinema pela primeira vez com ele era legal.

– Então posso passar na sua casa às seis horas?

– Claro. Quer que eu te passe o endereço?

– Eu te ligo e você me diz – ele me estendeu um guardanapo e uma caneta. – Me passa seu número?

Escrevi meu número no guardanapo e entreguei a ele, que o guardou no bolso do casaco. Terminamos de almoçar e cada um foi para

seu lado. Enquanto tirava minhas coisas debaixo do balcão, voltaria a minha própria sala na semana seguinte, não pude deixar de pensar na possibilidade de rolar alguma coisa entre eu e Gustavo.

Ele era legal comigo desde o primeiro dia em que nos conhecemos e durante todo o mês que nós almoçamos juntos, ele nunca deu em cima de mim. Falava sempre de temas incomum, como filmes e histórias da faculdade e infância, não forçava conversa ou passava para o assunto da vida pessoal e quando falávamos da família, era em histórias que contávamos. Nunca perguntamos um ao outro sobre relacionamentos, mas pude constatar que ele era solteiro quando me disse que tinha pensado em ir morar na cidade vizinha com a antiga namorada, mas que pensou melhor e aceitou o emprego aqui, terminando com ela.

Eu não tinha a intenção de ter nada com ele, quando pensava em me envolver com alguém meu estômago ficava embrulhado, mas hoje, quando pensei em estar no cinema com ele e que podia rolar beijo, não fiquei receosa, na verdade sabia que isso iria acabar acontecendo. Nos beijaríamos e depois disso eu pensaria no que poderia dar, ou então poderíamos não nos beijar e continuarmos sendo só amigos.

Resolvi conversar sobre isso com Mariane e no final do expediente fiquei a esperando para irmos à faculdade juntas, mesmo que isso significasse chegar meia hora atrasada, mas como era sexta-feira e era feriado, quase ninguém apareceria.

Fomos de ônibus e ela me contou que iria viajar no dia seguinte, por isso dispensou a habitual carona de René para ir comigo e se despedir.

– Então você vai ter um encontro? – Ela perguntou quando descemos do ônibus, já que lá dentro não estava dando para conversar porque uns moleques estavam escutando funk no último volume.

– Vamos ao cinema, não sei se é um encontro.

– Acho que sim. Fico feliz por você, ele parece ser um cara legal e acho que tudo que você precisa é de alguém assim, que te mostre que nem

todos os homens são babacas.

Suspirei. Era óbvio que ela estava falando dele e do fato de eu ter passado o último mês evitando qualquer assunto que envolvesse romance.

– Talvez não de em nada – comentei enquanto entravámos na faculdade, estava ventando muito do lado de fora.

– Talvez, mas o mais importante é que todos nós vamos nos divertir no feriado e na terça-feira vamos ficar comparando as novidades.

– Verdade.

– Me deseje muita sorte – ela falou sorrindo. – Porque eu não faço a mínima ideia do que fazer.

– Você vai saber e vai ser muito bom – afirmei a abraçando. – E qualquer coisa me liga, nem que seja do banheiro, eu te ajudo.

– Tá bom – ela me abraçou de volta. – Bom feriado e não esqueça de que pode me ligar também. Acho que não vamos nos ver na saída porque não tenho as últimas aulas.

– E já estamos perdendo as primeiras.

– Acho que não vai ter ninguém.

– Também acho – a abracei mais uma vez. – Boa viagem.

– Bom encontro.

Ela se afastou e foi para o corredor de sua sala, eu entrei na minha e vi que não tinha ninguém. Peguei meu celular e olhei o grupo no whatsapp da turma. As seis pessoas que vieram estavam no bar.

Resolvi ir para casa, não queria prejudicar ninguém estando ali e também não estava a fim de ir para o bar. Joguei o celular na bolsa, nem me dando o trabalho de fechar o zíper, e sai da faculdade.

Assim que cheguei à rua, ouvi um trovão seguido de relâmpago. Cruzei os braços e comecei a andar mais rápido. O vento chicoteava meu cabelo, o jogando contra meu rosto. Pelo jeito a chuva que o meteorologista

previra estava chegando mais cedo.

Quando faltava uma quadra para eu chegar a meu prédio, começou a chover. Comecei a correr ao mesmo tempo em que afastava os cabelos do rosto. Parei em frente ao prédio para respirar e achar a chave. Enquanto revirava a bolsa continuei a caminhar.

Subi os degraus ainda procurando a chave. O vento uivava e a chuva estava aumentando, fazendo um barulho horrível. Fiquei assustada e me ajoelhei, revirando ainda mais a bolsa em busca da chave.

Não conseguia achar e a chuva só ficava mais forte, em um gesto desesperado, joguei todo o conteúdo da bolsa no chão. Havia meu diário, caderno da faculdade, nécessaire, lenço de papel sujo, um pacote de salgadinho pela metade, brilho labial e nada da chave.

Afastei os cabelos molhados do rosto, sentindo a roupa começar a ficar empapada no corpo. Meus dedos estavam ficando dormentes devido ao frio e minhas coisas estavam ficando molhadas porque a chuva, somada ao vento, atingia tudo. Comecei a me desesperar ao não achar a chave e gritei quando um trovão pareceu sacudir tudo.

Eu estava no meio de uma tempestade e havia perdido a chave de meu apartamento.

Capítulo 34

Confissão

Podia sentir o desespero crescendo e fazendo minha respiração ficar presa na garganta. Não que eu tivesse medo de chuva, mas estar no meio de uma chuva de vento e sem a possibilidade de se esconder era assustador. Em um ato desesperado, chacoalhei a bolsa mais uma vez, mas tudo o que caiu dela foi um envelope de chicletes Trident.

Meus lábios começaram a tremer. Estava muito frio e o fato de eu estar cada vez mais molhada só piorava a situação. Comecei a jogar minhas coisas novamente na bolsa.

– O que você está fazendo no meio dessa chuva?

Ergui a cabeça ao ouvir a voz familiar e tomei um susto.

– Ar... Arthur – gaguejei, sem saber se foi devido ao frio ou porque ele estava parado a minha frente, me vendo ajoelhada como uma maluca no meio do aguaceiro.

– Eu. – Ele se ajoelhou a minha frente e eu desviei o rosto. – Porque está parada nessa chuva?

– Perdi a chave... – Os tremores aumentaram e eu comecei a tossir.

– Vem – ele se levantou e me puxou para cima pelo cotovelo. – Vamos para meu apartamento.

Puxei meu braço abruptamente. O que ele estava fazendo? Era lógico que eu não iria para o apartamento dele. Preferia ficar na chuva, chamar um chaveiro, qualquer coisa que não envolvesse nós dois em um mesmo ambiente.

– Não precisa, eu vou...

Parei de falar, pensando em minhas possibilidades. Chamar

minha mãe? Não, ela e meu pai tinham ido viajar no dia anterior. Matheus? Ele tinha ido de manhã para São Paulo. Ramona? Ela estava no meio do mato...

– Vai para onde? – Arthur perguntou, tendo que falar mais alto por causa do barulho da chuva, que não sei como tinha conseguido ficar mais forte, quase não dava para enxergar no meio de tanta água.

– Vou... Vou ligar para o chaveiro.

Ele deu um passo a frente, ficando bem próximo de mim. A água escorria por seu rosto, fazendo seu cabelo ficar grudado na testa.

– Liga lá do meu apartamento.

– Não. – Balancei a cabeça, fazendo meus cabelos ficarem grudados nas bochechas.

– Não seja teimosa – ele segurou meus ombros e eu dei um passo para trás, o afastando. – Vai acabar ficando doente se continuar na chuva.

– E você se importa? – Gritei de pura frustração. – Você é um cretino Arthur, você me pede para sumir e agora vem todo solícito. Prefiro ficar na chuva!

– Será que você nunca vai esquecer isso?

– Não, você me pediu para sumir e eu estou fazendo isso muito bem.

– Para com isso, Mel, será que prefere ficar aqui? Você está tremendo, vai ficar doente e não tem para onde ir porque todo mundo está viajando e não vai conseguir um chaveiro porque já são nove horas.

Coloquei a alça da bolsa em meu ombro. Ele tinha razão, mas eu não queria ir para o apartamento dele, não me sentiria bem, não depois de tudo o que aconteceu. Tentei falar isso, mas quando abri a boca senti algo batendo em minha testa, olhei para o chão e vi pedrinhas de gelo caindo na calçada. Estava chovendo granizo!

– Pelo amor da santa – Arthur pegou em meu pulso, me puxando para frente. – Dá para você fazer o favor de vir comigo?

Balancei a cabeça, meus lábios não paravam de tremer e eu não consegui negar. Estava com muito frio.

– Ótimo – ele resmungou e me puxou, praticamente me arrastando.

As pedrinhas de gelo batiam em minha cabeça enquanto atravessávamos a rua de pedra que separava nossos prédios. Arthur abriu a porta da recepção, que diferente de meu prédio não ficava trancada, e esperou que eu passasse antes de fechá-la.

Não tive tempo de olhar o hall de entrada porque ele me puxou em direção ao elevador. Balancei o braço, tirando os dedos de Arthur de meu pulso. O elevador chegou ao térreo e nós entramos, fiquei o mais distante possível dele e vi quando apertou o botão do sétimo andar.

Cruzei os braços em uma tentativa de me aquecer, parecia que cada centímetro de meu corpo estava congelado.

– Você está bem? – ele perguntou, me fazendo pular de susto.

Não respondi e peguei o celular no bolso de minha bolsa, o secando com os dedos. Entrei em uma página de busca na internet e pesquisei um chaveiro vinte e quatro horas. Quando estava fazendo a ligação, o elevador parou e eu segui Arthur por um corredor que parecia chique demais. Com aparador e vaso de cristal.

Arthur pegou a chave no bolso da calça jeans e parou em frente a uma porta marrom com o número vinte e sete entalhado. Ele a abriu e esperou que eu entrasse. Entrei no mesmo momento em que o chaveiro atendeu.

– Em que posso ser útil? – Perguntou alguém cuja voz parecia masculina.

– Preciso de um chaveiro aqui na avenida dos Pinhais –

expliquei olhando ao redor e me surpreendendo com o local.

– É para copiar chave?

– Não, moço, eu estou presa para fora do meu apartamento e preciso que você abra a porta do hall e do apartamento.

– Moça é sexta à noite e está caindo um temporal, não posso ir aí abrir duas portas, é algo impossível. Tente novamente na terça-feira.

– Escuta aqui seu Chaveiro... – Perdi a paciência. – Eu pago o dobro se precisar e se aceitar cartão de crédito.

– Moça, nem por Euro, eu sairia nessa chuva.

– E o cavalheirismo? – Resolvi apelar, estava com muito frio e precisava urgente de meu chuveiro e minha cama. – Eu estou com frio Seu Chaveiro, muito...

O celular foi arrancado de minha mão. Olhei embasbacada para Arthur.

– Obrigada por sua ajuda – ele disse e apertou a tela do celular no local indicado para encerrar a ligação.

– O... O que você pensa que fez? – Perguntei tomando o celular de sua mão.

– Ele não iria vir de qualquer jeito, então não adiantava ficar insistindo. Você vai ter que esperar Ramona voltar e entrar com ela.

– Ela só volta na segunda feira! – Exclamei dando um pulo quando algo tocou em meu pé.

Olhei para baixo e vi um cachorro todo preto me olhando com a língua de lado, parecia uma bola de pelo e não estava se importando de eu estar pingando em cima dele.

Abaixei-me e comecei a acariciar o bichinho, ele fez um som estranho e esfregou a cabeça em minha mão.

– Acho que vai ter que ficar aqui até ela voltar – Arthur disse baixinho.

Parei de acariciar o cachorro e me ergui. Olhei para Arthur e notei que ele estava tão molhado quanto eu. Seus cabelos grudavam na testa e o suéter preto pingava, assim como a calça jeans que se agarrava em seu corpo de uma maneira que fazia a imaginação começar a ficar desenfreada. Evitei olhar para o rosto dele, mas sabia que estava sem óculos e que seus olhos deveriam parecer um pote de chocolate derretido.

– Nós dois sabemos que você não vai me querer aqui até Ramona voltar – sussurrei olhando para o chão e vendo as lajotas caramelo, que pareciam foscas.

Eu não estava sendo infantil, ou fazendo à dramática, na verdade eu estava sendo realista, ninguém em sã consciência chamaria a garota que havia armado para cima de você para a própria casa.

– Acho que nós dois não sabemos – ele discordou, o que me fez olhar para seu rosto. – O que eu sei é que você está tremendo de frio e que precisa tomar um banho quente.

Arregalei os olhos. Ele estava bancando quem estava com amnésia e sendo legal comigo? O que aconteceu com o: Você armou para cima de mim e agora suma?

– Anda Mel – ele colocou o braço em minhas costas e me empurrou. – Você precisa tirar essa roupa.

Enquanto ele me empurrava, eu notei que a sala era enorme e que metade da parede era de vidro e isso me deixou assustada porque deveria ser alto pra caramba. Também tinha um degrau que separava essa parede do restante da sala, acima tinha um sofá caramelo e em frente a ele, na parede, uma televisão de plasma gigantesca, além de um pato desfigurado e um osso de cachorro.

Olhei para o outro lado e vi que uma bancada dividia a sala da cozinha, que parecia ter todas as coisas de última geração, tudo com inox demais para o meu gosto.

– Para onde está me empurrando? – Perguntei quando ele me

conduziu até uma porta ao lado da parede de vidro.

– Tomar banho.

Ele abriu a porta e eu entrei no que parecia ser o quarto dele. Tinha uma janela grande e um guarda-roupa de cerejeira que pegava um lado da parede, ao lado do guarda-roupa tinha uma porta. Olhei para o outro lado e vi uma cama king size, capaz de umas três pessoas dormirem muito bem. Em ambos os lado da cama tinha criado mudo. No chão havia um tapete felpudo e uma pilha de livros.

– Toma.

Arthur me estendeu uma camiseta cinza e uma cueca boxer branca.

– Você quer que eu use suas cuecas? – Perguntei sentindo as bochechas arderem.

– Se você não quiser usar nada por baixo – ele balançou os ombros, parecendo um poço de seriedade.

– Hã... Obrigada.

– O banheiro fica ali – ele apontou para a porta ao lado do guarda-roupa. – Tem toalha lá também.

– Obrigada. – Repeti de maneira mecânica e fui até a porta indicada.

Entreí e tranquei a porta. O banheiro era gigantesco. Tinha uma pia com tampo de mármore e armário embutido com um espelho grande, que mostrava metade do meu corpo encharcado, eu parecia uma mendiga, além de boxe de vidro. Os azulejos da parede eram de um tom mais escuro do que os do chão.

Coloquei minha bolsa em cima da pia e comecei a tirar minha roupa. Deixei as botas no chão e as roupas dobradas ao lado. Abri o boxe e liguei o chuveiro, que parecia ter o dobro do tamanho do meu, acho que tudo ali tinha o dobro do tamanho.

Regulei a temperatura da água e entrei embaixo do jato quente. O tremor em meu corpo aumentou e meus dentes se chocando fizeram um barulho estranho, como o Pica Pau, do desenho animado, no inverno.

Demorou algum tempo para eu parar de tremer e quando consegui, olhei ao redor, encontrando o sabonete em um suporte de vidro e o shampoo e o condicionador no chão. Peguei o shampoo e assim que abri a tampa, o cheiro familiar invadiu meus sentidos.

Lavei meus cabelos e passei o condicionador, com o mesmo cheiro de algo almiscarado. O sabonete tinha cheiro de limão. Estava sendo estranho usar as coisas de Arthur, principalmente porque aquele cheiro me lembraram daquela noite e dos cabelos dele presos entre meus dedos.

Terminei de tomar banho e sai em busca de uma toalha. A encontrei no armário embaixo da pia. Sequei-me e vesti a roupa que ele tinha entregado. A cueca ficou parecendo um short, mas era confortável, e a camiseta de mangas compridas era grande demais e chegava a meus joelhos. Tive que dobrar as mangas duas vezes para poder deixar minhas mãos livres.

Peguei minha bolsa e tirei o diário e o caderno de dentro. O caderno estava perdido, mas o diário só havia molhado as bordas. O coloquei em cima da pia para secar e peguei minha nécessaire. Lá dentro tinha um desodorante pequeno, escova de cabelo e de dentes, além de creme dental.

Passei o desodorante, tirei o excesso d'água do cabelo com a toalha e comecei a penteá-lo. Tinha vários nós e como ele estava na altura de minha cintura, demorei um tempo para desembaraçar tudo.

Guardei as minhas coisas, com exceção do diário que tinha que secar, e sai do banheiro. Hesitei quando cheguei ao quarto. Uma parte de mim não queria ficar perto de Arthur, por mais que ele estivesse sendo gentil.

Respirei algumas vezes para tomar coragem e sai do quarto.

Antes que chegasse à sala, o cachorro se enroscou em meus pés e eu me abaixei para brincar com ele, que pareceu feliz com a atenção e fez um som estranho, como um ronronar.

– O nome dele é Rebuliço.

Ergui a cabeça e vi Arthur. Ele estava com outra roupa, calça de flanela azul marinho e camiseta de mangas compridas branca, e secava o cabelo com uma toalha, os deixando bagunçados. Deveria ter outro banheiro ali, porque ele cheirava a sabonete.

– Nome legal – murmurei por falta do que falar.

– Ele geralmente não gosta muito das pessoas. Mas acho que gostou de você.

Olhei novamente para o cachorro peludo e acariciei o esboço entre seus olhos.

– Eu gostei dele – falei me levantando.

Arthur deixou a toalha cair no chão quando me olhou. Seus olhos percorreram todo meu corpo, me deixando constrangida.

– Eu já jantei – ele murmurou coçando a nuca. – Mas tem sanduíche na geladeira. Está com fome?

– Não.

E não estava, apesar de só ter almoçado, sentia o estômago embrulhado, além de estar cansada demais. Meu corpo todo doía e eu não parava de sentir frio.

Arthur pegou a toalha que estava no chão e ficou a girando, parecendo não saber muito bem o que fazer. Eu só fiquei parada, a sensação de cansaço só piorava e minha cabeça estava começando a doer.

– Você quer dormir? – Ele perguntou depois de uns dois minutos.

– Acho que sim, estou cansada.

– Então vem.

Ele andou em direção ao seu quarto e eu o segui.

– Você vai dormir aqui. – Arthur apontou a cama grande demais.

– E você?

– Na sala, no sofá.

– Não tem outro quarto?

– Tem, mas ele é uma espécie de estúdio e não tem cama.

– Então eu durmo na sala.

– Não. – Ele protestou pegando um dos travesseiros da cama. –

Você não vai conseguir dormir lá.

– Por quê?

– Por causa da parede de vidro, você tem medo de altura.

– Não acho certo isso – falei meio sem jeito. – Eu invadi sua casa.

– Então nós dois dormimos aqui e você não invadiu nada – ele se inclinou em direção à cama e colocou o travesseiro no meio dela. – Metade sua e metade minha.

Cruzei os braços. Eu dividiria a cama com ele?

– Em que lado você quer dormir? – Arthur perguntou puxando o edredom.

– Tanto faz e você realmente não está se importando de eu estar invadindo sua casa e sua cama?

– Não. – ele respondeu sem hesitar.

Balancei a cabeça e dei a volta, passando pelos pés da cama e sentando meio sem jeito do outro lado. Arthur simplesmente se enfiou embaixo do edredom azul-marinho.

– Não vai deitar? – perguntou pegando alguma coisa no chão.

Não respondi e ergui o edredom, deitando com cuidado e apoiando a cabeça no travesseiro confortável.

– Se importa de eu ler e tirar nossa divisória? – Arthur perguntou, pegando o travesseiro do meio da cama.

– Não. – murmurei me cobrindo até o queixo.

Arthur colocou o travesseiro no lugar, pôs os óculos e pegou um livro de capa verde, com três pessoas na frente, quando ele o abriu pude ler o nome: *As vantagens de ser invisível*.

Ele começou a ler e eu fiquei olhando para o teto, esfregando um pé no outro na tentativa de me aquecer. O arrepio de frio não passava e a dor de cabeça parecia piorar. Fechei os olhos, mas só conseguia pensar naquela noite e nas acusações da pessoa que estava lendo ao meu lado e que gentilmente tinha me emprestado a cama.

– Arthur? – Sussurrei um tempo depois.

– Hum?

Ele não tirou os olhos do livro e eu me aproveitei disso:

– Eu só queria que você soubesse que eu não fiz tudo aquilo por vingança. Em um primeiro momento até foi, mas eu queria escolher alguém que valesse a pena e escolhi você, porque eu te conheço desde sempre e você significou algo na minha vida. Quando tudo desmoronava, você dava um jeito dos destroços não caírem em minha cabeça.

O livro escapou das mãos dele e ele me olhou, parecendo surpreso. Os óculos escorregaram para a ponta de seu nariz e Arthur coçou a nuca antes de colocá-los no lugar.

– Obrigado. – Ele disse por fim.

– Pelo quê?

– Por ter achado que eu valia a pena, mesmo que eu fosse um babaca na maior parte do tempo.

– Você não me odeia? – Fiz a pergunta que estava me atormentando desde aquela noite e que eu não admitia nem para eu mesma que queria fazer.

– Não seja boba – ele sorriu e bagunçou meus cabelos. – Nós dois sabemos que eu não seria capaz disso. Eu só fiquei assustado e agi como

um cretino insensível, mas eu ainda acho que você deveria ter escolhido alguém que valesse a pena.

– Para mim, você valia a pena.

Encolhi-me, puxando o edredom até o queixo. Estava com tanto frio que meus lábios voltaram a tremer.

– Você está bem? – Arthur perguntou se inclinando para me olhar.

– Só tô com frio. Você não teria um cobertor e uma meia, teria?

Ele sorriu e tocou em minha testa.

– Acho que você está com febre.

– Acho que é só frio.

Arthur se levantou e foi até o guarda-roupa. Jogou-me um par de meias brancas e pegou um cobertor na última porta. Sentei e calcei as meias.

– Quer só um cobertor?

– Acho que sim.

Ele colocou o cobertor por baixo do edredom e eu voltei a deitar, puxando as cobertas até o queixo.

– Já volto – Arthur disse saindo do quarto.

Virei de lado, com o rosto voltado para a porta, e fechei os olhos, enrolando meus pés no cobertor.

– Acho melhor você sentar.

Abri os olhos e vi Arthur parado ao lado da cama. Sentei e ele me estendeu uma xícara.

– Chá e remédio para gripe. – Explicou me entregando a xícara e um comprimido.

– Como voltou tão rápido? – Perguntei depois de tomar o remédio com o chá, que tinha gosto de cidreira.

– Você deve ter cochilado. – Ele sentou ao meu lado, colocando

os pés embaixo da coberta.

Tomei o que restava do chá e lhe entreguei a xícara, que ele colocou em cima do criado mudo. Voltei a deitar e puxei a coberta até o queixo, sem saber muito bem de que maneira deveria deitar, nunca tinha dividido a cama com ninguém antes.

– Ainda está com frio? – Arthur perguntou voltando a abrir seu livro.

– Estou melhor. – E estava mesmo. O chá tinha me esquentado e eu já tinha conseguido parar de tremer. – Obrigada.

Arthur balançou a cabeça, concentrado em sua leitura. Resolvi parar de importuná-lo e me virei de costas pra ele, abraçando a ponta do cobertor.

Não consegui dormir, apesar de sentir meu corpo mais relaxado devido ao remédio. Tinha consciência de que Arthur estava ao meu lado, conseguia ouvir a respiração dele, além de sentir o cheiro de seu perfume.

Evitei me mexer, tentei contar até cem em inglês e depois em português, mas nada resolveu, por fim me virei para o outro lado, ficando de frente pra Arthur, que nem se mexeu. O mais estranho era que ele encarava a página, mas não parecia realmente estar lendo.

Iria fechar os olhos, mas ele suspirou e fechou o livro, em seguida o largou no chão e esticou o braço, desligando o interruptor que ficava logo acima da cabeceira da cama. O quarto ficou imerso na escuridão e tudo o que eu podia ouvir era o som de nossas respirações se misturando ao barulho da chuva.

– Boa noite Mel – ele sussurrou se virando, mas não soube dizer para que lado porque meus olhos ainda não tinham se acostumado com a ausência de luz.

– Boa noite – sussurrei, puxando as cobertas até as orelhas.

Concentrei-me no barulho da chuva, tentando evitar divagar que

o rosto dele estava perto do meu. Por fim o sono me venceu e eu adormeci.

Acordei com o barulho da chuva, dos trovões para ser mais exata. A princípio achei que tinha algo sendo arrastado, mas assim que abri os olhos, vi clarões iluminando o quarto escuro.

Demorei alguns segundos para me lembrar de onde estava. A noite anterior voltou em minha memória. Arthur sendo legal, me dando chá e dividindo a cama comigo. Olhei para o espaço vazio ao meu lado e toquei o travesseiro com a ponta dos dedos. Estava gelado.

Passei a mão no rosto, pensando em voltar a dormir, mas minha bexiga não deixou e tive que me levantar para ir ao banheiro. Só fui acordar completamente quando me olhei no espelho e tomei um susto. Meus cabelos pareciam um monte de feno e meu rosto estava com a marca do travesseiro.

Olhei ao redor, em busca de minha bolsa. A encontrei ao lado de minhas roupas molhadas e em cima delas estava meu diário. Tinha certeza que havia o deixado em cima da pia para secar.

Enquanto encarava o caderno, o pânico começou a tomar conta de mim. Se o diário, que antes estava na pia, havia parado em cima de minhas roupas, só podia ser porque alguém o havia tirado dali e se na casa só tinha duas pessoas, e eu não tinha mexido, sobrava então à opção de ter sido Arthur.

Mordi o lábio. Será que ele havia lido? Santo Deus, lá tinha coisas reveladoras demais e onde eu estava com a cabeça quando deixei o bendito diário em cima da pia do banheiro dele?

Comecei a andar em círculos, pensando em possibilidades. Se ele viesse perguntar sobre o que estava escrito, como por exemplo, sobre a primeira página, de quando eu tinha dezoito anos e afirmava que gostava dele, que resposta eu poderia dar?

Mentir que queria ser escritora e estava fazendo ficção com minha própria vida, no maior estilo Margo de *Cidades de papel*? Não, ninguém acreditaria nisso, essa mentira não convenceria nem uma criança de três anos.

Respirei fundo e peguei minha bolsa. Eu não poderia ficar no banheiro para sempre, uma hora ele notaria que eu não estava mais dormindo. Peguei a escova de dente e o creme dental na nécessaire.

Após escovar os dentes, tentei dar um jeito em meu cabelo. O pentei e fiz um nó, já que não tinha nada para prendê-lo. Respirei fundo mais algumas vezes e tomei coragem para sair do banheiro.

Quando cheguei ao quarto, resolvi arrumar a cama e enrolar mais um pouco. Dobrei o cobertor e tirei o edredom, esticando o lençol e o alisando com as mãos mais vezes do que o necessário, depois estendi o edredom e fiz todas as dobras que minha mãe havia me ensinado, o que me lembrou de que ela tinha prometido me ligar todos os dias para que eu não me sentisse sozinha. Terminei de arrumar a cama e voltei ao banheiro, onde peguei meu celular na bolsa e fui verificar as ligações. Estava tudo em ordem. Nada de ligações, ou mensagens, até a bateria estava completa.

Coloquei o celular dentro da manga da camiseta e abri a porta do quarto, pensando que o mais correto seria eu ficar ultrajada e me recusar a responder qualquer pergunta que tivesse a ver com meu diário, se por um acaso ele tivesse o lido e resolvesse tirar satisfações.

Nem um pouco satisfeita com minha alternativa de defesa, sai do quarto e olhei ao redor como uma maluca procurando por armadilhas. Olhei para a sala, mas não vi ninguém, dei um passo e olhei para o outro lado. A luz da cozinha estava acesa, mas não tinha ninguém ali também.

Fiquei parada no espaço entre a sala e a cozinha, pensando no que fazer. Arthur deveria ter saído, já que não estava em nenhum lugar. Minha barriga fez um barulho esquisito e resolvi ir tomar um copo d'água para aplacar a fome, não mexeria nos armários alheios.

Dei um passo, mas tropecei e perdi o equilíbrio. Fechei os olhos e pensei que cairia de cara no chão, já que meu corpo de impulso para frente, mas ao invés de cair de cara no chão, fui amparada por algo um pouco mais macio e quente.

Abri os olhos e tudo o que vi foi preto. Senti um braço ao redor de minha cintura e olhei para cima, encontrando dois olhos cor de chocolate.

– Opa. – Foi tudo o que ele disse, enquanto me equilibrava de encontro ao próprio corpo, fazendo meu coração bater descompensando.

– Opa. – Repeti pateticamente,

Tentei parar de olhar para o rosto dele, mas era fascinante demais. O nariz era levemente arrebitado e as sobrancelhas grossas e loiro-escuro como os cabelos, que estavam bagunçados, mas não de maneira proposital como os garotos da faculdade, o cabelo de Arthur parecia grande demais, então ficava com aparência de um ninho, tocando a testa. Um lado do cabelo estava no lugar, mas o outro parecia que tinha sido bagunçado com a mão, formando um tufo. Senti vontade de arrumá-los, mas então caí na besteira de olhar para a boca dele. Os lábios eram levemente carnudos e eu sabia que eram macios e que o ponto onde a barba por fazer tocava dava cócegas.

– Mel?

Pisquei algumas vezes ao ouvir meu nome.

– Que foi? – Perguntei ainda naquele estado ridículo de contemplação.

Arthur soltou minha cintura e deu um passo para trás, foi então que eu notei que ele usava moletom preto e calça jeans desbotada, também estava de all star azul.

– Eu perguntei se quer almoçar – ele disse, fazendo com que eu parasse de olhar para seu corpo, a calça jeans era justa o suficiente para me deixar distraída.

– Você não toma café da manhã? – Indaguei enquanto tentava parar de cobiçá-lo.

– Sim, mas já são duas da tarde.

Arregalei os olhos. Eu tinha dormido mais do que a cama.

– Então, vamos almoçar? – Tornou a repetir.

– Uhum.

Ele andou em direção à cozinha e vi que estava sorrindo, deveria ter achado graça de meu apatetamento. Não deveria ser permitido alguém ficar tão bonito quando andava desleixado, mas acho que eu ainda o acharia bonito usando roupa de índio.

Entrei na cozinha e olhei ao redor, vendo um armário prata que pegava toda a parede, com a pia embutida, fogão e lugares para forno e micro-ondas, havia uma bancada com tampo de vidro, posta para duas pessoas, e cadeiras metálicas com estofados brancos.

– Quer tomar suco, ou refrigerante? – Arthur perguntou se encostando a pia, eu estava parada ao lado da bancada.

– Tanto faz.

– Isso infelizmente não tem.

Fiz uma careta. Ele estava bancando o engraçadinho. Será que isso significava que não havia lido o diário? Porque se tivesse lido, ele teria tido uma reação ruim, assim como teve naquela noite.

– Então pode ser suco – resmunguei cruzando os braços e quase derrubando o celular que ainda estava na minha manga. – Você fez o almoço?

– Não, foi Grace.

Grace? Ele tinha trazido uma garota para o apartamento comigo ali? Que garoto mais safado.

– E o que *sua* Grace fez para o almoço? – Perguntei com desdém. Não iria almoçar com ele e a tal.

– A Grace não é minha – Arthur falou fazendo uma careta. – Ela meio que fica aqui em dia de semana.

Arregalei os olhos. Ele ficava com a garota só em dias de semana?

– Ela fica em horário comercial também? – Indaguei olhando para o teto, para disfarçar o assombro.

– Sim, das oito as seis, desde que eu tinha dezesseis anos, porque ela é a governanta.

Olhei para Arthur e vi que ele tentava a todo custo não rir.

– Você achou que eu ficava com uma garota em dia de semana e ela ainda deixava a comida pronta? – Ele perguntou, desistindo de segurar a risada.

– Eu não achei nada e tô com fome. O que tem para o almoço?

Estava tentando disfarçar, mas a verdade é que tinha achado que ele ficava com uma garota em dia de semana sim, não que eu me importasse, mas seria muito estranho. Nunca tinha o visto namorar ninguém.

– O que a Grace, que não é minha, deixou foi o arroz de forno e eu fiz a salada. Serve?

– Sim. – Resmunguei e sentei na cadeira em frente à bancada, tirando o celular da manga e fingindo que estava fazendo algo importante.

Ouvi a risada de Arthur e em seguida ele colocou uma travessa com o arroz e outra com a salada, além de uma caixa de suco, a minha frente e se sentou ao meu lado. Seu braço tocou brevemente o meu antes dele afastar a cadeira e criar um espaço entre nós.

– Dormiu bem? – Indagou pegando o prato que estava a minha frente e colocando arroz e salada,

– Sim. – Peguei o prato que ele me estendia. Arthur estava sendo gentil demais, acho que realmente significava que não havia lido meu

diário, deveria ter só o mudado de lugar.

– Você sempre dorme desse jeito? – Perguntou enquanto se servia.

– De que jeito?

– Até às duas da tarde.

– Acho que só nos finais de semana – provei o arroz, aprovando o gosto.

Ficamos em silêncio durante o restante do almoço. Havia algo que fazia com que eu só fosse capaz de olhar para meu próprio prato, sabia que se olhasse para ele poderia me perder naqueles olhos e não sabia se gostaria de achar o caminho de volta.

Era algo paradoxal demais, eu havia ficado um mês longe dele, mas em menos de vinte e quatro horas tudo voltava. A tentativa de conversa naquela mesma semana e o fato dele ter ameaçado o primo, por mais que negasse, me deixava intrigada.

Terminei de comer e levantei, pegando meu prato e o copo. Os coloquei na pia e me virei para Arthur.

– Onde fica a esponja? – Perguntei, tentando reprimir as perguntas que giravam como peão em minha cabeça.

– Não precisa lavar a louça – ele se levantou, trazendo o prato e o copo também. – Só deixar aí.

Dei um passo para o lado, ele depositou o prato dentro da pia e se voltou para mim, seu corpo a alguns centímetros do meu.

– Você não lava a louça?

– Grace lava.

Revirei os olhos e o empurrei para o lado, ou pelo menos tentei já que ele não saiu do lugar e eu acabei ficando encostada na lateral de seu corpo.

– Hoje vai lavar, vá pegar as louças que ainda estão na bancada.

– Você está mandando em mim? – Arthur deu um passo para trás e me olhou, parecendo se divertir com minha ordem.

– Não, estou pedindo para pegar as louças que não estão aqui. Não tem porque deixar para Grace lavar se nós podemos fazer isso.

Ele resmungou algo, mas foi pegar as travessas. Eu comecei a procurar o detergente e a esponja e os achei em um suporte na parte de dentro da pia.

– Você vai aprender a mágica de secar a louça, Arthur – zombei enquanto ensaboava os copos.

– Você é tão engraçada.

Ele disse isso em meu ouvido, enquanto apoiava a mão em minha cintura e colocava as travessas em cima da pia. Um arrepio percorreu meu corpo e eu derrubei o copo, que felizmente não quebrou.

– Vou te apresentar ao pano mágico – falei disfarçando e pegando o pano de prato pendurado em frente a pia.

Entreguei o pano a ele e dei um passo para o lado.

– Devo supor que vai me explicar como usá-lo também? – Perguntou com sarcasmo.

– Claro. Você pega o copo e seca com o pano, simples até para você, Arthur.

Ele estreitou os olhos e pegou o copo que eu tinha derrubado, o secando. Eu voltei a lavar a louça, guardando o que sobrou do arroz na geladeira e jogando o restante da salada no lixo.

– Eu me lembro claramente de ter pedido para você, inúmeras vezes, não me chamar de Arthur. – Ele disse quando eu terminei de ensaboar os talheres.

Pensei em responder, mas nesse momento ouvi o barulho de um pato grasnando, o toque de meu celular, e sai de perto dele, indo até a bancada pegar o aparelho que havia deixado ali enquanto almoçava.

Não reconheci o número e pensando ser minha mãe, ou amigas, atendi:

– Oi, Melanie, é Gustavo.

Quase deixei o celular cair, havia me esquecido de que havia marcado de sair com ele.

– Oi, Gustavo.

– Então, a que horas vamos ao cinema? sei que está chovendo e tudo, mas não vamos ter nada melhor para fazer mesmo. Que tal a sessão das sete e em seguida jantar?

Olhei para Arthur e vi que ele estava girando o pano de prato e me olhando, me virei para o outro lado, vendo um corredor. O que falaria para Gustavo?

– Hã, sabe o que é? – Comecei a falar de maneira hesitante. – Não vai dar para eu sair com você hoje. Deu uns problemas aí e não vai dar mesmo. Que tal final de semana que vem?

Ele não respondeu de imediato e eu pensei que havia sido muito grosseira. Mas não tinha como eu sair. Estava sem a chave de casa e com as roupas de Arthur, além de estar frio e chovendo. Camiseta grande demais e pernas de fora não era uma roupa muito legal para um dia como este.

– Tudo bem. – Gustavo respondeu com uma voz estranha. – Combinamos outro dia.

– Claro, semana que vem a gente almoça juntos e combina.

– Tchau, Mel.

– Tchau.

Fiz uma careta e coloquei o celular em cima da bancada novamente. Virei-me e dei de cara com Arthur, ele estava encostado na bancada e rindo.

– O que é engraçado, Arthur?

– Nada, só achei engraçado você dispensar o cara do almoço.

Revirei os olhos e voltei a pia, terminando de arrumar o que faltava, em seguida o deixei me olhando e fui para a sala, onde sentei no sofá e peguei o cachorro no colo. Ele lambeu minha cara e depois deitou em minhas pernas.

– Quer doce de leite?

Arthur sentou ao meu lado, estava com os braços carregados de pacotes.

– Acabei de almoçar – murmurei admirada com tanto doce, havia barra de chocolate e bolacha, além de uma lata de brigadeiro.

– Você que sabe. – Ele balançou os ombros e pegou o controle da TV em cima do sofá.

Arthur começou a zapear pelos canais e parou em um que estava passando um filme que eu já havia visto. *Jogos Vorazes*. Peeta e a garota, que eu nunca sabia o nome, estavam na arena, ela em cima de uma árvore e ele unido com um grupo.

Tentei me concentrar no filme, mas não tinha como. Arthur estava concentrado, mas comia um cubo de doce de leite e eu não conseguia parar de pensar que os lábios dele deveria ter o gosto do doce e eu também pensava que passar a tarde sentada ao lado dele no sofá estava sendo bom, mesmo que estivéssemos em silêncio, parecia melhor do que ir ao cinema.

Em certa altura, quando a menina achou Peeta camuflado, eu desdobrei as mangas da camiseta e as usei como luva, estava ficando mais frio e o cachorro esquentava minhas pernas, apesar de respirar de uma maneira estranha.

– Está com frio?

Olhei para o lado e vi Arthur me olhando, ele ainda estava comendo doce de leite, o cara era fissurado em coisa doce, deveria manter a forma sei lá como. Antes que eu pudesse responder a pergunta, ele se virou e pegou um cobertor fino, que estava ao seu lado, o colocando em cima de

minhas pernas.

– Obrigada. – Agradei afastando um pouquinho o cobertor para deixar a cabeça do cachorro para fora.

Ele sorriu e voltou a ver o filme, eu fiquei o olhando por mais uns segundos, me lembrando das inúmeras vezes em que ele já havia feito isso, sentado ao meu lado e coberto minhas pernas. Era uma época fácil, não tinha a possibilidade de sedução, só tinha uma garota feliz em ter o melhor amigo do irmão vendo filmes da Disney com ela.

Eu me contentava com o pouco que ele podia me dar, tinha consciência de que Arthur não poderia corresponder ao meu sentimento porque não sabia da existência dele, era mais fácil fantasiar o que poderia ser, eu sabia disso agora porque tinha me perdido no caminho de tornar verdade essas fantasias.

E agora, depois de tudo isso, aqui estávamos nós, lado a lado vendo um filme repetido e em silêncio, só que dessa vez ele não estava confortável, pelo menos para mim, eu tinha perguntas, mas não tinha certeza o suficiente para fazê-las.

– Arthur? – O chamei, tomando coragem.

– Que foi?

– Porque você ameaçou René?

– Como assim? – Ele deixou de olhar para a televisão e voltou sua atenção para mim.

– Você o ameaçou, eu sei. Você disse que se ele não me tirasse da sala da copiadora, bateria nele.

Arthur coçou a nuca e olhou para baixo, parecendo desconfortável.

– Não é óbvio o motivo?

– Matheus pediu?

– Desde quando seu irmão pede para alguém fazer o trabalho

sujo? – Ele me olhou e esticou a mão, deslizando os dedos de minha têmpora a bochecha. – Eu fiz isso por você.

– Mas por quê? – tentei não me perder em meio a seu toque, cada ponto de minha pele que entrava em contato com a dele parecia entrar em combustão. – Você nem falava comigo.

– A gente não falar com uma pessoa, não significa que não nos importamos com ela.

Olhei para baixo e ele tirou a mão de meu rosto.

– Eu continuei me importando durante todo o tempo em que não nos falamos.

– Obrigada. – Agradei voltando a olhá-lo. – Trabalhar naquela sala era horrível.

Arthur sorriu, mas não era o tipo de sorriso que alguém dá quando recebe um agradecimento, parecia mais resignação, como se não tivesse algo a fazer além de sorrir.

Ele voltou a ver o filme e eu fingi que estava vendo, não percebi quando um segundo filme começou, nem quando o dia nebuloso se tornou noite, mais chuvosa ainda. Estava submersa em meus sentimentos conflituosos, tentando colocar as palavras que ele tinha acabado de me falar, naquelas irritadas daquela noite.

Por fim, sem nada a fazer, me levantei e fui ao banheiro. Sentei no chão frio e peguei meu diário dentro da bolsa. Encontrei um lápis e comecei a escrever tudo o que tinha acontecido, tentando decifrar meus sentimentos e finalizando da seguinte forma:

Será que é possível alguém sentir raiva de você e continuar se importando?

Guardei o diário na bolsa e me levantei, vendo minha pilha de roupas molhadas. Eu teria de dar um jeito de secá-las para poder voltar para meu apartamento com elas.

Peguei as roupas e sai do banheiro. Arthur estava no quarto, sentado na cama, com o mesmo livro da noite anterior na mão.

– Onde fica a lavanderia? – Perguntei, supondo que existisse uma.

– No corredor ao lado da cozinha, primeira porta. – Ele respondeu sem tirar os olhos do livro, agora estava de óculos, mas eles estavam na ponta do nariz.

Sai do quarto e fui para o corredor indicado, encontrando a lavanderia. O local era espaçoso e havia máquina de lavar e secadora. Separei as roupas, deixando o casaco de lã em cima da taboa de passar roupa e colocado o restante na máquina, optando pela opção pouco suja, que só demorava trinta minutos. Não pude lavar o casaco porque este teria que ser mandado para a lavanderia, não queria acabar com o tecido.

Fui até a cozinha e peguei meu celular, voltando à lavanderia e sentando no chão. Verifiquei as ligações e vi que havia uma de minha mãe. Liguei para ela, que demorou um pouco para atender.

– Oi, mãe! – Tentei deixar minha voz empolgada para não gerar perguntas.

– Oi, Melanie Beatriz. Como está seu solitário feriado?

– Está bem. Tudo calmo e por aí?

– Menina, essa cidadezinha, São Joaquim, é uma graça. Você chega a escutar o barulho do vento e é frio demais. Hoje teve geada e seu pai caiu com tudo, até tirei uma foto dele estirado para te mostrar.

Comecei a rir, só minha mãe para achar graça dos tombos de meu pai e ainda fotografar.

– Mas ele se machucou?

– Que nada, acho que deve ter ficado com o traseiro roxo, mas isso eu confiro daqui a pouco.

– Ai, credo, mãe.

– Minha filha, um dia você vai olhar para o traseiro de um homem e vai gostar do que vê, ouça o conselho de sua mãe.

Engasguei com a saliva, não sabia se ria ou ficava ultrajada.

– Seu pai está dizendo que vai te levar presentes – mamãe continuou tagarelando.

– Obrigada.

– Eu acho que vou levar um pouco de pinhão pra você, aí não é muito fácil achar e aqui tem em todo canto. As pessoas até assam em fogo com grimpa, por falar nisso, temos uma fogueira para ir daqui a pouco.

– Que legal, então vou deixar vocês saírem.

– Amanhã eu te ligo e se sentir sozinha ligue pra gente, prometo que dá próxima vez faço seu pai falar, ele tem que perder essa mania de não gostar de falar no telefone.

– Deixa o pai, mãe.

– Vou deixar. Beijos, filhote.

– Beijos.

Encerrei a chamada e girei o celular entre os dedos.

– Achei que você tivesse caído na máquina de lavar.

Olhei para cima e vi Arthur encostado no batente da porta.

– Estava falando com minha mãe – expliquei levantando. – Ela está adorando o frio e o pinhão na grimpa.

– Acho que eles amam é viajar.

– Também acho.

Encostei-me no outro lado da porta, deixando pouco espaço entre nós dois. A máquina parou de funcionar e eu tirei as roupas de lá de dentro, as colocando na secadora ao lado. Para meu total constrangimento, minha calcinha caiu aos meus pés, em um gesto descoordenado, a joguei lá dentro e liguei a secadora.

– Era uma bela calcinha. – Arthur comentou quando eu olhei

para ele.

Fiz uma careta. A calcinha era horrorosa, chata e com desenhos de coelhinhos.

– Você é muito engraçado, Arthuro – resmunguei passando ao lado dele e saindo da lavanderia.

– Foi um elogio – disse em meu ouvido.

Um arrepio percorreu meu corpo e eu parei de andar, o que fez com que Arthur segurasse meus ombros.

– Agradeço o elogio – murmurei me virando e ficando de frente pra ele.

– Não há de que.

Ele sorriu de uma maneira fofa, levantando só o canto dos lábios. Desviei os olhos, tentando pensar em qualquer coisa que não aquela boca, não queria fazer nada de que me arrependesse e ficar babando por ele estava na lista.

– Eu posso tomar banho? – Perguntei de repente, dando um passo para trás.

– Claro – Arthur balançou a cabeça e passou na minha frente. – Te empresto outra roupa.

O segui até o quarto. Ele mexeu no guarda-roupa e me entregou uma camisa xadrez vermelha e branca e uma cueca boxer preta. Peguei as roupas e entrei no banheiro.

Enquanto tirava a roupa e entrava embaixo do chuveiro, evitando molhar os cabelos, não parava de pensar que ele estava sendo gentil e me tocando mais vezes do que já havia feito e que cada toque deixava meu corpo em chamas e que ter essa reação era errado.

Ensaboei o corpo com o sabonete de limão, o mesmo cheiro do corpo dele, e isso não ajudou em nada, ainda mais depois de lembrar que dormiria com ele novamente.

Terminei de tomar banho e me enrolei na toalha, indo até a pia e pegando as roupas que estavam ali em cima. Vesti a cueca e a camisa, tomando o cuidado de abotoar todos os botões e percebendo que ela ficava mais curta do que a camiseta que eu estava antes, deixando a vista um pedaço da cueca.

Soltei os cabelos, desmanchando os nós com os dedos, e sai do banheiro. Arthur estava deitado na cama, lendo. Suas meias eram trocadas, uma azul e outra branca. Achei isso engraçado.

– Belas meias – disse indo até a cama e sentando ao lado de seus pés.

Arthur sorriu e colocou o livro em cima do peito.

– Deve ser moda em algum lugar.

– Algum lugar onde não existem pares de meias.

– Quem sabe.

Ele sentou e colocou os pés para fora da cama, deixando o livro em cima do criado mudo e se inclinando em minha direção, seu rosto perto demais do meu.

– Ou então... – sussurrou, fazendo seu hálito tocar meu rosto. – Em um lugar onde a maioria das coisas fica sem importância.

– O que quer dizer? – Estava ficando tonta com a proximidade.

– Que quero beijar você e esquecer o resto do mundo.

Fui surpreendida pelas palavras dele, tão surpreendida, que só fui capaz de dizer:

– Então beije.

Capítulo 35

Tudo começou com um erro

Eu sabia que não deveria ter dado o sinal verde, soube disso quando os lábios dele tocaram os meus e eu tive a certeza quando meu coração acelerou a ponto de quase sair de meu peito.

Deveria se esperar que eu tivesse aprendido a lição há um mês, mas uma parte de mim queria isso, por mais que tudo tivesse começado com um erro, as coisas não precisavam ser sempre assim, hoje a proposta estava sendo diferente, eu estava tentando acreditar nisso.

E acabei acreditando, porque passei os braços ao redor do pescoço de Arthur e entreabri os lábios, o deixando passar a ponta da língua em meu lábio inferior, para então mordicá-lo e invadir minha boca, tornando o beijo algo avassalador a ponto de arrancar meu fôlego e fazer com que eu deixasse a necessidade de respirar em segundo plano. Eu precisava dele, precisava de uma maneira que não gostava de admitir, mas que ao mesmo tempo não conseguia impedir de sentir.

Quando eu achei que poderia me perder nos conflitos causados pelo beijo, Arthur se afastou e encostou a testa na minha. Abri os olhos lentamente, tentando normalizar minha respiração ruidosa.

– Eu prometi que não faria isso – ele disse com voz rouca. – Prometi que nunca encostaria em você e aqui estou eu, querendo fazer exatamente ao contrário.

– Eu pensei que você tinha sugerido um lugar onde as coisas não tinham importância. – Sussurrei encostando o nariz no dele. – Acho que não são permitidas promessas nesse lugar.

Ele sorriu e me beijou, beijou de uma maneira que deixava claro o desejo, invadindo minha boca e sugando o restante de sanidade que me

restava e eu não fiz nada para impedir.

Arthur colocou as mãos na parte de trás de meus joelhos e me puxou para seu colo, apertando seu corpo de encontro ao meu.

Suspirei contra os lábios dele e tirei as mãos de seu pescoço, as deslizando por suas costas e enroscando os dedos na barra de seu moletom. Ele pareceu entender o que eu queria, porque se afastou de mim e tirou o moletom e a camiseta ao mesmo tempo. Algo naquele gesto, a maneira como seus cabelos ficaram bagunçados e a pele exposta, fez o desejo que eu estava sentindo triplicar.

Olhei para o abdômen bem definido de Arthur e toquei em cada músculo com a ponta dos dedos, espalmando as mãos em suas costelas, passando pelos braços e parando nos ombros, sentindo a respiração dele ficar acelerada com meu toque e gostando disso a ponto de ousar deslizar os lábios ao longo de seu peito e parando no queixo, o beijando por segundos, para então afundar o nariz na curva de seu pescoço e aspirar o cheiro almiscarado de sua pele.

Arthur segurou meus pulsos e me empurrou contra os travesseiros, ficando em cima de mim, uma perna de cada lado de meu corpo.

Ele me beijou, mas antes que eu pudesse corresponder, se afastou e começou a desabotoar minha camisa, abrindo cada botão com um lentidão exagerada. Estiquei os braços e o puxei para mim pelos ombros, mas Arthur beijou a ponta de meu nariz e tornou a se afastar, terminado de abrir os botões, deixando a camisa presa pelos braços e expondo meus seios.

Tentei sentar para tirar a camisa, mas ele me empurrou com delicadeza.

– Não seja apressada – falou saindo de cima de mim e ficando ao meu lado, o braço por cima de minha barriga.

Pisquei algumas vezes, sem entender, mas antes que eu pudesse

fazer qualquer pergunta, ele se debruçou por cima de mim e deslizou a língua por meu seio, fazendo meus mamilos ficarem intumescidos.

– Sabia que é a primeira vez que eu fico com uma garota que usa cuecas? – Perguntou passando para o outro seio e girando a língua ao redor de meu mamilo.

– Não. – Gemi, consternada demais com o toque para responder algo melhor.

– Vai ser uma primeira vez interessante.

Arthur saiu do meu lado e se posicionou entre minhas pernas, as afastando e puxando a cueca, que jogou no chão.

– Acho que prefiro você sem nada – murmurou olhando para meu corpo descoberto e analisando cada centímetro, me deixando constrangida.

Pensei em cruzar os braços, só que Arthur se inclinou e beijou meu queixo, ao mesmo tempo em que prendia o bico de meu seio entre o indicador e o polegar, apertando de leve e fazendo com que eu inclinasse o corpo em direção a seu toque.

Minha respiração foi ficando mais acelerada e eu não conseguia mais ficar parada, piorou quando Arthur beijou meu pescoço e mordiscou o lóbulo de minha orelha, tudo isso sem parar de acariciar meu seio.

Ele afastou mais minhas pernas, colocando as mãos em minha cintura e beijando a parte interna de minha coxa. Quando chegou ao monte de Vênus, ao invés de repetir o processo com a outra perna, beijou ali e desceu, colocando a língua sobre meu clitóris, me fazendo pular de susto.

– Ar... Arthur!

Exclamei o nome dele, mas não sabia dizer se de susto ou de desejo, porque ele girou a língua e uma sensação deliciosa começou a surgir, fazendo com que ele tivesse de me segurar de encontro ao colchão para que não inclinasse o corpo.

Agarrei o edredom e não pude mais manter os olhos abertos. Cada vez que ele mexia a língua, a pulsação naquele ponto aumentava. Comecei a perder a linha de raciocínio e quando ele parou de girar a língua e chupou, achei que atingiria o ápice, mas Arthur então se afastou e eu murmurei algo que nem fui capaz de entender, mas que provocou o riso dele.

Abri os olhos e vi o rosto de Arthur a centímetros do meu, estiquei os braços e acariciei seus cabelos revoltos, os prendendo entre os dedos.

– Você é linda, sabia? – Ele disse e beijou minha testa, me fazendo sorrir.

– Acho que não sabia disso – sussurrei enquanto afastava os cabelos ondulados que estavam grudados em sua testa.

– Agora sabe.

Ele me beijou de uma maneira delicada, tocando meus lábios levemente, fazendo com que eu ansiasse por mais e afastasse as mãos de seus cabelos e as posicionasse no cós de sua calça, desabotoando o botão de seu jeans e tocando no elástico de sua cueca boxer preta.

Arthur parou de me beijar quando eu comecei a abaixar sua calça.

– Você tem certeza que quer fazer isso? – Perguntou encostando a testa na minha.

– Só prometa que não vai me pedir para sumir – pedi tocando em seu lábio inferior com o polegar.

Arthur olhou dentro de meus olhos, como nunca tinha feito antes, pude notar que seus olhos eram castanhos, mas a borda um pouco mais clara, com salpicados dourados e enquanto me perdia naquele olhar, senti algo quebrar dentro de mim, mas não de uma maneira ruim, foi como se fosse uma represa e de repente a barreira tivesse sido quebrada e a água enfim seguisse seu curso natural.

E então eu soube, soube de algo que esteve na minha cara o tempo todo: Eu ainda o amava e olhando naqueles olhos não pude mais negar isso a mim mesma e o pedido que eu havia acabado de fazer era a confirmação disso, porque eu não podia sumir quando tudo que queria fazer era ficar e não podia fugir disso porque tudo o que queria era vivenciar esse momento e deixar o depois para lá.

Quando tudo o que se tem é um momento, você faz de tudo para prolongá-lo e foi o que eu fiz. Eu o beijei e não aguardei uma resposta, simplesmente pelo medo do que poderia ouvir, sendo maluca o suficiente para seguir.

Ele correspondeu ao beijo com tanto ardor quanto eu, não soube dizer, e acho que nunca saberia, se Arthur sentia o mesmo, mas nesta noite estava me entregando por inteiro, deixando o sarcasmo, as lembranças e expectativas para trás. Estava sendo só Melanie e Arthur, duas pessoas sem passado.

Ele me beijava como se dependesse disso para sobreviver e eu correspondia da mesma forma, perdendo-me em um espiral de desejo quando ele mordeu meu queixo e desceu para meu seio, mordiscado o mamilo e o sugando para dentro da boca quente e úmida. Passei as pernas ao redor da cintura dele, tentando nos aproximar a qualquer custo.

Arthur se afastou de mim por um breve momento, tirando o restante das roupas e pegando um preservativo na gaveta do criado mudo.

Ele colocou o preservativo e me puxou com delicadeza, tirando minha camisa e beijando meus ombros enquanto se inclinava por cima de mim, me deitando contra os travesseiros.

Ele me penetrou com movimentos lentos e dessa vez não houve dor, parecia tudo tão certo que eu estava relaxada e em nenhum momento Arthur foi com pressa, ele continuou me beijando, cada movimento que fazia levava meu desejo cada vez mais perto do ápice.

Inclinei a cabeça para trás, deixado escapar um gemido e

agarrando os ombros dele, inclinando o corpo mais para frente, procurando por seus lábios, deixando nossas respirações ruidosas se misturarem aos gemidos.

Quando achei que não poderia ficar melhor, ele aumentou o ritmo, fazendo toda a pulsação de meu corpo se concentrar em um único ponto, meus músculos tencionaram e minhas pernas tremeram.

Explodi em um milhão de pedaços, gemendo conforme as ondas daquilo, que pensei só existir nos livros, varria meu corpo. Senti o corpo de Arthur ficar tenso e ele gemer de encontro a meu pescoço, para então desabar em cima de mim, num descompasso de coisas conexas e desejos que não eram mais reprimidos.

Agora eu entendia os benefícios do orgasmo, principalmente quando tudo o que restava era aquela sensação de satisfação e dois corpos ainda unidos porque estavam cansados demais para se mover.

Só que tudo que é mágico dura pouco e alguns minutos depois minha respiração voltou ao normal e Arthur se separou de mim, beijando minha testa e se levantando.

Ele entrou no banheiro e eu sentei na cama, pegando a camisa amassada que estava ali e enquanto a abotoava me lembrei daquela noite sem querer e do arrependimento dele, será que...

– Melanie?

Parei de abotoar a camisa e olhei para o lado. Arthur estava sentado perto de mim, vestindo apenas cueca boxer.

– Você está bem? – Ele perguntou tocando a lateral de meu rosto e pegando uma mecha de meu cabelo que estava grudada no pescoço.

Estou – menti e senti uma espécie de nó se formando em minha garganta.

Não estava em meus planos ter um surto de insegurança, mas foi inevitável, eu não conseguia nem olhar para ele, temia ver o arrependimento ali. Encolhi-me, abraçando os joelhos.

– Melanie?

Arthur repetiu meu nome e segurou meu queixo, me obrigando a olhá-lo.

– O que está acontecendo, eu machuquei você?

Balancei a cabeça, tanto para negar quanto para me livrar do toque.

– Então o que você tem?

Ele continuou segurando meu queixo e eu não tive alternativa senão falar a verdade:

– Você... Você está arrependido do que acabamos de fazer?

Arthur soltou meu queixo e ficou me olhando por alguns segundos, depois segurou meus ombros e me puxou em sua direção, pousando os lábios em minha testa:

– Não seja boba – falou enquanto deslizava os lábios por meu nariz. – Nós dois já erramos antes, mas este não é o caso agora. O que fizemos foi bom, não foi?

– Foi.

– Então é isso que importa... Por agora – ele me beijou e deitou de lado, voltado pra mim. – Vem cá.

Hesitei, mas ele me puxou pelo braço e fez com que eu deitasse de costas pra ele, passando os braços ao redor de minha cintura.

– Sobre o que me pediu antes – Arthur disse acariciando meus cabelos. – Eu não vou pedir para você ir embora.

Balancei a cabeça e fechei os olhos, não querendo pensar no depois. Arthur se afastou de mim e puxou o edredom, nos cobrindo e voltando a me abraçar, me puxando de encontro a seu corpo e enroscando

os pés nos meus. Segurei os dedos dele e adormeci.

Eu estava tendo um sono bom, estava quentinho e tinha até barulho de chuva, mas então um pato começou a grasnar e acabou com tudo. Abri os olhos e ainda assim continuava a ouvir o barulho do pato, pisquei algumas vezes e percebi que era o meu celular que estava tocando.

Olhei para o lado e vi Arthur dormindo de barriga para cima. Inclinei-me por cima dele e peguei o celular em cima do criado mudo, havia o deixado ali antes de ir tomar banho no dia anterior. Apoiei o queixo em cima do braço de Arthur e atendi:

– Alô – sussurrei.

– Oi, Mel – ouvi a voz de meu irmão e me assustei.

– Oi, Matheus – disse mais baixo ainda, temendo acordar Arthur.

– Nossa mãe estava tentando falar com você, mas não conseguiu.

– Eu estava dormindo.

– Por que está falando tão baixo.

– Dor de garganta – menti olhando para Arthur e percebendo que ele ficava muito bonito dormindo, principalmente com os lábios franzidos daquele jeito.

– Mas está tudo bem?

– Uhum. – Contornei a sobrancelha dele com o dedo.

– Estou voltando hoje à noite, qualquer coisa me ligue senão estiver bem.

– Ligo sim. – Arthur abriu os olhos e sorriu, me fazendo quase derrubar o celular.

– Não se esqueça de ligar para nossa mãe, ela está toda paranoica por você estar passando o feriado sozinha.

– Tá bom. – Arthur segurou meu pulso, beijando a palma de minha mão.

– Tchau.

– Tchau.

Arthur pegou o celular de minha mão e o colocou no criado mudo.

– Com quem estava falando? – Perguntou com voz de sono, afastando meus cabelos do rosto.

– Matheus. – Respondi apoiando o queixo em seu ombro quando começou a acariciar meu rosto com a ponta dos dedos.

Arthur arregalou os olhos e tirou a mão de meu rosto abruptamente e então eu soube que a realidade havia voltado e que agora já era o depois que eu estava evitando pensar.

Abri a boca, sem palavra alguma para dizer, mas meu celular voltou a tocar e eu o peguei, me debruçando mais por cima dele, ao mesmo tempo em que evitava olhá-lo.

Nem olhei o identificar de chamadas, simplesmente atendi.

– Melanie, onde você está?

– Ramona? – Um alívio inesperado tomou conta de mim ao ouvir a voz familiar de minha amiga.

– Sim, sou eu. Onde você está? Cheguei ontem à noite e vi tudo exatamente como havia deixado. Você está na casa de Gustavo?

– Não e você não iria chegar só amanhã?

– O teto da casa onde estávamos caiu, daí tive que voltar e você não respondeu minha pergunta.

– Depois de explico – murmurei olhando para Arthur e vendo o quanto estava desconfortável. – Já chego aí.

– Tá bom.

Ramona desligou e eu fiquei segurando o celular por mais alguns segundos. Ainda não tinha encontrado o que dizer, estava claro o desconforto dele.

– Será que você podia me dar licença? – Arthur pediu evitando me olhar.

– Claro.

Rolei para o lado e ele levantou, esperei que ele entrasse no banheiro para sair da cama. Respirei fundo e sai do quarto, passando pela sala e entrando na lavanderia.

Peguei minhas roupas dentro da secadora e enquanto as vestia, tomei consciência do que teria que fazer. Com meu casaco dobrado no braço, voltei ao quarto e vi Arthur sentado na cama, não falei com ele e entrei no banheiro.

Peguei minha escova de dente na nécessaire e enquanto escovava os dentes, percebi que eu tinha voltado a ser a irmã mais nova do melhor amigo de Arthur, o tempo de esquecermos os outros passou quando amanheceu o dia. Eu teria que lidar bem com isso, sem dramas desnecessários ou sarcasmo.

Guardei minhas coisas e coloquei a alça da bolsa no ombro, pegando minhas botas molhadas no chão e saindo do banheiro. Ao ver que Arthur não estava no quarto, peguei meu celular na cama e fui para a sala.

Ele estava sentado no sofá, só de calça jeans, seus braços apoiados nos joelhos. Encarava a parede de vidro como se não a visse. Respirei fundo e tomei coragem:

– Estou indo.

Arthur me olhou, parecendo assustado, e levantou.

– Mel – ele começou a andar em minha direção. – Sobre a gente...

– Sexo. – O interrompi e comecei a falar as palavras planejadas. – Apenas sexo e nada mais do que isso.

Arthur pareceu assustado com minhas palavras e parou na minha frente.

– Eu não quero te magoar – falou coçando a nuca, parecendo

nervoso.

– Não está. Agora eu tenho que ir.

– As coisas não tem que acabar desse jeito – Arthur falou e me olhou com uma expressão esquisita.

– De que jeito? Não se pode acabar o que não começou. Eu vi como você ficou quando eu falei de Matheus e isso é a realidade. Tivemos uma ótima noite, foi legal, mas daí chegou o dia e acabou. Não tem mágoa nisso.

Falei tudo isso em um folego só, tentando acreditar em minhas próprias palavras, mas temendo pensar demais e deixar sair tudo o que estava reprimindo desde que acordamos.

– Por um momento eu me esqueci de tudo – ele disse deixando os braços cair ao lado do corpo. – Mas a realidade voltou e você tem razão.

– Tenho. – Afirmei com uma segurança que não tinha. – Eu sou a irmã mais nova de seu melhor amigo.

Dei um passo para o lado, pronta para sair, mas Arthur segurou meus ombros:

– Você não vai fugir de mim, não é? – Perguntou me puxando para perto e dificultando as coisas. – Me diz que nada vai mudar.

– O que está tentando fazer? – Indaguei tentando me desvencilhar de seus braços.

– Estou tentando não te magoar de novo, estou tentando mostrar que ainda tenho um lado bom. – Respondeu e algo em sua frase me soou familiar.

Prendi a respiração. Ele estava aflito e estava perto demais, tudo o que eu tinha que fazer era erguer a cabeça e beijá-lo e então fazer de conta que nada mais existia, mas na verdade existia mais do que nós dois. Tinha meu irmão e o melhor amigo em quem confiava e também tinha eu. Matheus sempre me achou uma cabeça oca e não me perdoaria por colocar

Arthur em minha lista.

– Eu não estou magoada e nem vou ficar. Somos adultos e eu sempre soube que tinha um lado bom, então não se preocupe com isso.

Passei o dedo indicador embaixo do queixo de Arthur e o fiz chegar mais perto. Pousei meus lábios nos dele por um segundo e me afastei. Ele pareceu surpreso com meu gesto, mas não deu tempo para perguntas.

Pulei por cima do cachorro e abri a porta, saindo do apartamento de Arthur sem olhar para trás. Enquanto andava, parecia que meus pedaços iam ficando para trás e quando entrei no elevador, já estava lutando contra as lágrimas.

Respirei fundo, tentando evitar as lágrimas e falhando. Enquanto eu me afastava dele, aquela mesma certeza da noite anterior voltou. Eu o amava e me enganei esse tempo todo. Cada segundo daquele plano, cada vez que me esqueci de Matheus e de que Arthur era sete anos mais velho do que eu e proibido, eu estava elucidando o quanto ainda era apaixonada.

E agora, enquanto pensava em um nós que existiu por uma noite, não deixava de perceber o quanto meu coração estava assustado e que nada que eu faça vai melhorar. Não posso me recuperar em dois dias, ou me refugiar no colo de minha mãe. Eu não me recuperei em sete anos, mesmo que em dois eu tenha fingido muito bem, e acho que não seria capaz disso.

Sai do elevador, cruzei o hall e abri a porta. O céu estava nublado e uma garoa fina fazia tudo ficar mais cinzento. Fui em direção a meu prédio, mas não consegui entrar, sentei nas escadas, sem me importar com a chuva, e comecei a chorar.

Não pude evitar a sensação de vazio que tomou conta de mim. Parecia que minha vida tinha tido algum sentido por uma noite, uma noite em que só existia ele e eu, e agora, que tinha consciência de coisas que não

queria.

Cobri o rosto com as mãos, deixando minhas botas caírem e notando que estava descalça, mas pouco me importando com isso. Não estava em meus planos voltar a sentir tudo aquilo, eu só queria uma noite e tudo o que eu consegui com isso foi dor.

Maldito carpe diem, quem precisava dele? Essa ideia ridícula de aproveitar o dia estava custando caro demais, eu aproveitava momentos e vivia consequências, consequências desastrosas.

Era como se eu tivesse me perdido no meio do caminho. Eu havia enganado a mim mesma, havia ficado com garotos demais e inconscientemente procurava Arthur em cada um deles. Eu não podia esquecê-lo quando na verdade só vivia mergulhada em lembranças dele.

Viver com sentimentos camuflados era bom, mas uma hora o jogo de esconde-esconde acaba e a verdade acerta tua cara com uma voadora no estilo Jackie Chan e tudo o que te resta são os hematomas e a sensação de fracasso.

Arthur não tinha me magoado dessa vez, havia agido de uma maneira apaixonante, mas não era como se realmente gostasse de mim. A verdade que não podia negar era que ele se sentia culpado, admitiu isso, e que não queria me magoar, mas também não podia evitar o desejo. É fácil desejar alguém e se despedir no dia seguinte.

O lado difícil é quando uma dessas pessoas acaba se apaixonando e não pode evitar sentir um monte de tudo e um monte de nada ao mesmo tempo. Era assim que eu me sentia, como se não soubesse direito o que sentir. Eu me sentia triste e vazia.

A chuva aumentou e eu levantei e peguei minhas botas, sentindo meus pés mais gelados enquanto subia as escadas e entrava em meu prédio. Sequei o rosto e me olhei no espelho do elevador, tentando apagar os vestígios de minhas lágrimas. Não queria que Ramona desconfiasse de nada, ainda não estava pronta para explicar o que não entendia.

Sai do elevador e bati na porta de nosso apartamento.

– Oi, Mel – Ramona abriu a porta e me abraçou, parecendo animada.

– Oi – disse tentando parecer animada também.

– Então, onde estava? – Ela perguntou enquanto eu colocava minhas coisas em cima do sofá.

– Vou tomar banho.

Ramona me olhou de uma maneira estranha, mas eu balancei a cabeça e fui para o banheiro.

– Melanie Beatriz! – Ela socou a porta assim que eu a fechei. – Pode me falar o que está acontecendo. Onde você estava?

– Depois – Gritei enquanto tirava a roupa e ligava o chuveiro. – Agora não é um bom momento.

Entrei embaixo da água quente, fechei a cortina de plástico com patinhos e sentei no chão, abraçando os joelhos e pensando na bagunça que eu tinha me tornado. Enquanto pensava nisso, não podia evitar me lembrar da noite anterior, dos olhos de Arthur e de suas palavras sussurradas. Eu quase acreditei que podia me perder ali, mergulhar naqueles olhos e simplesmente viver o momento, mas foi enquanto me perdia naquele olhar que percebi tudo o que estive evitando.

Foi como se uma canção insistente estivesse na minha cabeça, sussurrando repetidas vezes a palavra amor, me levando ao céu e as estrelas, me mostrando que tudo o que sempre precisei estava ali perto de mim, sussurrando o quanto eu era linda e tornando tudo especial demais para ser esquecido.

Mas o dia chegou e eu fui forçada a voltar ao mundo real, meu corpo foi jogado das nuvens ao chão duro, rápido demais para eu poder evitar os danos, mesmo que ainda estivesse a palavra amor em minha cabeça. Em cada gesto que fazia, em cada afirmação que tornava tudo banal,

em um beijo que eu queria prolongar, mas que a razão me impediu.

E agora tudo o que restava daquilo era a dor da realidade, o contexto de que tudo não passaria daquilo porque ele era Arthur e eu Melanie, e ele me viu crescer e passar por todas as fases desajeitadas, enquanto eu me apaixonava por cada gesto seu e escondia isso e ele simplesmente vivia e eu vivia esperando por algo que nunca teria e que agora que tive tinha que conviver com isso porque existia Matheus e eu não queria magoá-lo ao ficar com seu melhor amigo, que era quase um irmão.

Levantei-me e comecei a lavar os cabelos e meu corpo, me concentrando em cada atividade e tomando consciência de que tudo o que sentia não me levaria a lugar nenhum. Amor e sexo nem sempre andam lado a lado e banalizá-lo era uma forma de se ter prazer sem envolver o coração.

Terminei de tomar banho, me enrolei na toalha e fui para meu quarto. Ramona estava sentada em minha cama e me olhava de uma maneira zangada.

– O que foi? – Perguntei enquanto vestia sutiã e calcinha descombinados e pegava um pijama de flanela velho no guarda-roupa.

– Estou esperando que me conte o que aconteceu enquanto eu estava em uma casa no meio do nada, com meu namorado inútil que tem medo de chuva de granizo e que só faltou gritar como uma gazela enquanto o teto desabava e éramos forçados a ir embora sem catalogar nada para o semestre.

Terminei de me vestir e sentei ao lado dela, em minha cama.

– Eu perdi a chave de casa no meio da chuva e Arthur me ajudou. Fomos para o apartamento dele, ele foi legal comigo e conversamos. Tive a chance de pedir desculpas, transamos e a realidade voltou.

Falei tudo isso olhando para o edredom, tentando tornar as coisas simples para meu coração.

– Para tudo! – Ramona gritou e me sacudiu. – Você transou com

Arthur depois de tudo o que aconteceu neste mesmo quarto?

Suspirei, com preguiça de explicar tudo.

– Você não ouviu quando eu disse que conversamos?

– Você falou rápido demais e eu me perdi.

Joguei-me contra o colchão e comecei a contar tudo o que tinha acontecido a Ramona, incapaz de evitar algumas lágrimas. Ela tentava não deixar transparecer o assombro, mas acabou se esquecendo de fechar a boca quando terminei o relato.

– Nossa! – Ela exclamou alguns minutos depois. – O cara simplesmente mudou muito nesse mês em que vocês ficaram afastados.

Não falei nada e continuei olhando para o teto.

– Ele viu que agiu errado... – Ramona continuou. – E foi fofo com você, eu nunca gostei muito dele, mas esse pedido de as coisas não mudarem, deixou bem claro a intenção de não te magoar.

– Ele disse que queria que eu visse que ele ainda tinha um lado bom.

– Será que ele não leu seu diário mesmo? – Perguntou com os olhos muito arregalados.

– Não sei Mona, se ele leu não deixou transparecer. E se ele tivesse lido porque dormiria comigo?

Ramona pareceu querer falar algo, mas então se conteve.

– Fale de uma vez. – Pedi sentando e jogando o travesseiro nela.

– Você vivia falando que ele tinha um lado bom... – começou ela, parecendo sem jeito. – E que foi esse lado que fez com que se apaixonasse por ele, você deve ter escrito isso, não deve?

Balancei a cabeça em sinal afirmativo e levantei. Corri até a sala, peguei o diário na bolsa e voltei ao quarto. Ramona ficou lendo por cima do meu ombro enquanto eu lia as páginas, em busca de algo falando do lado bom de Arthur.

– Ei! – Ela gritou, tirando minha concentração. – Eu não ronco que nem uma jamanta.

Parei de folhar o diário e dei um tapa nela.

– Você nem deveria estar lendo isso aqui.

Ela deu de ombros e eu continuei procurando.

– Aqui!

Ramona pegou o diário de minha mão e começou a ler:

“O que tenho que fazer agora é muito simples: Quando eu tinha dezoito anos tomei a coragem de tratar Arthur da mesma maneira que os outros, não dando a chance de ver o lado bom dele, aquele que me fez cair de amores, e agora eu terei de eliminá-lo, não deixando seu lado ruim me impedir de seguir em frente”.

Balancei a cabeça e ela me devolveu o diário. O trecho se encaixava no que ele tinha me dito há pouco. Arthur disse que queria mostrar que ainda tinha algo bom e eu tinha escrito que não iria dar chance de ver esse lado.

– Será que ele passou a noite comigo por causa do que leu? – Perguntei abraçando o diário.

– Não sei Mel – Ramona parecia culpada ao falar isso. – Eu não deveria ter falado nada. Sou uma péssima amiga.

– Não é. Você seria péssima se não tivesse me alertado para esse lado. Nos conhecemos desde a primeira série e você sempre foi sincera comigo.

– Eu sei, mas estamos fazendo suposições. Arthur cuidou de você antes de ler esse diário, se é que ele leu mesmo, então prova que ele sente algo de bom e não te odeia como pensava.

– Ele disse que não podia me odiar.

– Então, esquece esse negócio. Eu sou uma idiota. Pensa que o

que tiveram foi bom e que ele é um cara legal, mas que já passou.

Escondi o rosto no travesseiro, tentando impedir minha amiga de ver minhas lágrimas e ouvir meus soluços. Eu tinha escondido a parte de que descobri que ainda o amava.

– Mel? – Ramona tirou o travesseiro de meu rosto. – Tem mais, não tem?

– Eu... Eu descobri que ainda gosto dele – soluzei de uma maneira patética. – E agora tudo pode ser só por conta de uma coisa que eu escrevi.

– Ah, Mel – ela me abraçou. – Eu estava me perguntando quanto tempo iria levar até que você tomasse consciência disso.

– Como assim?

Afastei-me dela e sequei os olhos com a manga da camiseta.

– Sempre esteve claro em cada protesto seu. E eu já tentei te falar, mas você vinha com o discurso pronto.

Balancei a cabeça, não podia protestar porque ela estava certa, acho que Ramona sempre estava. Ela era sangue frio para essas coisas e foi ela que percebeu algo na frase dele e pensando nisso agora: eu também tinha percebido algo familiar quando Arthur a tinha dito. Isso se devia ao fato de eu ter escrito algo parecido.

Eu não podia mais negar: Ele tinha lido meu diário, mas será que a noite que tivemos foi por conta disso?

Capítulo 36

A Verdade

Eu estava numa boa, me entupindo de brigadeiro e vendo filmes idiotas com Ramona, que estava em uma fase ruim com Pietro desde que o teto deles tinha caído com a chuva de granizo, mas isso só durou até um filme chamado *ABC do amor*, começar.

Estava fofo ver Josh Hutcherson pequeno, mas então ele abriu a boca e disse a frase mais realista de todo o planeta:

“Eu estou apaixonado há duas semanas e meia e é uma dor que eu não desejaria ao pior dos meus inimigos”.

Era segunda-feira de tarde e todo mundo ainda curtia o feriado, eu estava numa boa, não tinha chorado e até consegui afastar as dúvidas de minha cabeça, mas a maldita da comédia romântica pôs tudo a perder.

O pobre Gabe estava apaixonado há duas semanas e vomitava e chorava por alguém um pouco mais velha e intelectualmente superior, nós tínhamos muito em comum, talvez o único problema seja que eu já estava apaixonada desde os treze anos.

E naquele momento, com aquele tempo horrível, um diário que poderia ter sido lido e lembranças de uma noite pra lá de instigante, a perspectiva de não desejar aos inimigos estar apaixonado não foi muito promissora e eu tive que dar uma de Gabe, porque meu estômago ficou embrulhado e toda aquela comida que eu comi exageradamente teve que sair.

Ramona não deu muita atenção ao fato de eu estar colocando os bofes pra fora, porque estava conversando com Pietro por áudio no WhatsApp e elucidando o quanto ele ter agido como uma gazela era perturbador para seu lado de espécime do sexo masculino. Eu achei tudo

meio exagerado, mas quem era eu para falar alguma coisa? Eu só era a garota que fazia planos e nunca seria levada a sério.

O pior de tudo foi constatar que todo mundo que eu conhecia estava namorando. Ramona, Mariane, Jean e Matheus, que segundo certos rumores estava de rolo com Veronica, sua secretária.

De repente o mundo estava dividido em pares e eu continuava ali, como um quebra-cabeças sem a última peça e uma paixão antiga camuflada e recém-descoberta, além da possibilidade de alguém ter ficado comigo por conta de coisas que eu tinha escrito em um diário.

Acho que isso era demais e todo aquele meu autocontrole de garota forte, independente e que se recusa a parecer os clichês do cinema, desapareceu. Eu fui para o quarto e fiquei sentada na cama, incapaz até de chorar. Bateu aquele tipo de carência que Mariane vivia sentindo antes de René e que eu fingia entender para não magoá-la, quando na verdade achava que o que minha amiga tinha era baixa autoestima. O que eu estava sentindo não tinha nada a ver com minha aparência. Eu não era uma miss, mas também não era desfigurada e um número suficiente de cara tinha elucidado isso para eu me sentir segura.

O meu problema era aquele vazio dentro do meu peito que crescia conforme eu tomava consciência de que o mundo era dividido em pares e que o que eu queria nunca seria meu.

Ser de alguém por uma noite deveria ter essa consequência. Minha vida no requisito namoro era sempre dar uns amassos e mandar embora, eu era sempre a que saía, mas dessa vez tudo o que eu queria ter feito era ficar, era ver no que tudo podia dar e tentar viver aquilo que tinha ficado em minha cabeça por tanto tempo, só que eu tive que mentir e colocar a razão na frente de tudo.

Minha mãe sempre fala que temos que conviver com nossas escolhas e eu teria de conviver com a minha. Eu escolhi não brigar com meu irmão e teria de conviver com isso, da mesma maneira que teria de

conviver com as lembranças de Arthur e de tudo o que fizemos. Eu não poderia olhar para ele e não lembrar, não porque cada vez que olhasse naqueles olhos me perderia. Eu me encontrei neles, encontrei tudo o que tinha reprimido por tanto tempo, mas também me perdi em meio aos conflitos que me envolver com ele e ser descoberta causariam.

Sentia meu estômago embrulhado só de pensar nessa possibilidade e ele deveria se sentir da mesma forma, já que a simples menção do nome de Matheus o deixou todo nervoso.

Enquanto elaborei aquele plano, fiquei tão envolta em mim mesma que acabei me esquecendo de Matheus e isso também foi um erro. Eu sempre soube que não poderia ficar com Arthur por dois motivos: O primeiro era por conta da idade, ele era sete anos mais velho que eu, e o segundo porque era melhor amigo do meu irmão e garotos tem aqueles acordos bestas de que ex-namoradas e irmãs são proibidas, da mesma forma com as garotas, que ex de amiga e irmão são proibidos.

Tudo isso me fez entender que o mais certo a fazer era manter tudo como antes, eu continuaria a fugir como um cervo assustado e que se danasse tudo o que eu sentia. Amores platônicos machucavam e deixavam cicatrizes, mas também eram capazes de serem esquecidos, mesmo aqueles que se enraizavam no coração como erva daninha.

Eu acordei melhor do que acharia que acordaria. O fato ocorreu devido ao sol ter aparecido, mesmo que encoberto, e de que eu não estaria na sala da copiadora. Isso foi animador a ponto de eu me arrumar de maneira descente. Escolhi calça jeans preta e justa, casaco xadrez de rosa e preto e botas de cano curto. Deixei os cabelos soltos e coloquei um gorro preto, deixando algumas mechas e a franja solta.

Ramona ainda estava dormindo quando eu sai, foi melhor porque na noite anterior, antes de Pietro vir para cá e eles se exilarem no quarto, ela ficou torrando minha paciência, querendo que eu me abrisse e

que falar faria tudo ficar melhor. A pior coisa que uma pessoa pode fazer quando a outra quer silêncio, é exigir explicações, isso faz mal para a saúde do perguntador, tipo, dá a maior vontade de chutar a pessoa de perto de você.

Tive de levar a chave reserva comigo, a que ficava na gaveta dos talheres sei lá porque motivo. A guardei dentro do bolso interno de minha outra bolsa, marrom e com detalhes em verde. Depois de verificar se a chave estava mesmo ali, fui para o ponto de ônibus, que nem estava cheio, e eu pude ir ouvindo música.

Fiquei observando as pessoas através das janelas meio sujas do ônibus. Algumas sorriam, outras levavam os filhos para escola, alguns permaneciam taciturnos, e outras pareciam sem objetivo. Eu não sabia direito em que categoria me encaixava. Estava ocupada demais criando muros em volta de mim, criando maneiras de evitar sentir falta do que nunca tive.

Foi com o pensamento de que poderia esconder o que sentia atrás de um muro de indiferença, que entrei no elevador e fui para a empresa, um pouco ansiosa para ver Mariane, mas nem tão ansiosa para ouvir detalhes românticos de sua viagem. Ela não me ligou nenhuma vez, por isso presumi que os detalhes seriam bons.

Acho que tudo foi mais do que bom, porque assim que ela me viu, abriu os braços e me deu aquele tipo de abraço caloroso, que faz você se sentir a pessoa mais importante do mundo.

– Como foi de feriado? – Ela perguntou segurando meus ombros e me inspecionando.

– Foi bom e o seu? – Ela voltou a seu lugar e eu me sentei no tampo da mesa, deixando a bolsa cair no chão.

– Foi perfeito – ela respondeu com um ar sonhador. – Acho que eu nunca imaginei que poderia ser tão feliz.

– Fico feliz por você.

Sorri de uma maneira que esperava demonstrar minha felicidade. Mariane merecia isso, ela sempre esperou pelo amor, esperou pela pessoa certa e esperou por René, até mesmo quando ele era um bobalhão que dava em cima de mim. Nunca acreditei que existisse o encaixe perfeito para alguém, mas René e Mariane colocavam qualquer achismo a prova. Eles não tinham aquele amor de cinema, cada um tinha seus defeitos e sabiam disso e deveria ser por esse simples fato que eram tão felizes, mesmo com pouco tempo de namoro.

– Você parece triste Melanie.

Parei de olhar para o chão e voltei a olhar para Mariane, ela me avaliava, como se meu rosto pudesse dar as respostas.

– Tô bem. Conte-me como foi tudo.

– Eu não vou falar até que você me diga o que aconteceu. Gustavo não foi legal?

– Eu nem me encontrei com ele – expliquei encolhendo os ombros. – Acabei perdendo a chave e daí Arthur apareceu e eu fiquei no apartamento dele até domingo de manhã, quando Ramona voltou.

Mariane deixou a caneta que estava segurando cair e me olhou com os olhos arregalados e a boca aberta, parecendo um peixe fogado.

– Você passou o feriado com ele – constatou como se tivesse descoberto que o homem tinha ido à lua só quarenta e cinco anos depois. – E como foi?

– Foi legal e antes que pergunte: Nós ficamos, foi bom, durou pouco e não vai voltar a acontecer porque isso é o mundo real e transar com alguém por uma noite não significa romance, não quando essa pessoa não é para você e lê seu diário, criando uma dúvida enorme quanto ao que tiveram e se tudo foi por conta disso.

Mariane iria falar alguma coisa, mas olhou para algo ao meu lado e seus olhos ficaram ainda mais arregalados. Olhei naquela direção e vi René e Arthur entrando. Se eu tivesse tomado café da manhã, ele já estaria

no chão há essa hora, porque meu estômago começou a ficar embrulhado e meu coração a sambar.

Meu olhar parou em René por meio segundo e então ficou fixo em Arthur. Ele estava de camisa xadrez, *a mesma que eu tinha usado naquela noite*, calça jeans preta e coturnos da mesma cor, seus cabelos estavam no caos de sempre e a barba estava feita. Perguntei-me se ele estaria cheirando a sabonete de limão e aquele perfume que eu adorava e que só o cheiro já deixava minha pele arrepiada.

– Melanie – fui trazida a realidade por René, que me envolveu em um abraço de urso, parecendo transbordar felicidade e deixando a imagem de chefe macabro para trás. – Como passou o feriado?

– Bem. – Respondi a mesma pergunta pela segunda vez. – E você?

– Uma maravilha – ele olhou para Mariane com uma cara safada e ela ficou vermelha até a raiz dos cabelos.

– Que bom – murmurei olhando para baixo, já que René estava beijando Mariane e Arthur estava ao meu lado e eu não queria olhar para nenhum deles.

Pulei da mesa, peguei minha bolsa e fui para minha sala sem olhar para Arthur. Quando entrei naquele local claustrofóbico, com máquina antiga de Xerox, arquivo e papel poeirento, me senti segura. Quase abracei as pastas jogadas em cima da mesa. Tinha sentido falta daquele lugar.

– Melanie?

Ouvi a voz de René e fui para sala dele.

– Que foi?

René estava encostado na mesa com um copo de café na mão.

– Só queria falar que vai ser bom ter você de volta em sua antiga função e me desculpar mais uma vez. Às vezes temos que colocar nossa

posição de líder, antes da de amigo.

– Eu entendo.

E entendia mesmo, apesar de ter ficado com raiva em inúmeras ocasiões.

–E Mel... – ele colocou o copo na mesa, parecendo um pouco desconfortável. – Quanto a meu primo, sei que não tenho nada a ver com a vida de vocês, mas eu só queria que você tentasse ver o lado dele.

Balancei a cabeça, não sabia se concordando ou negando as palavras.

– Você me ajudou com Mariane, quando tudo o que tínhamos era confusão, e eu não sei se vou poder ajudar algum de vocês, mas fingir que nada aconteceu não é uma boa opção.

Balancei a cabeça mais uma vez, pedi licença e voltei a minha sala. Sabia que René estava tentando ajudar, mas não quis conversar sobre isso, na verdade eu queria esquecer. Era por ver o lado de Arthur que decidi me afastar dele de uma vez por todas.

Eu ergui todas as minhas defesas, criei minhas muralhas e já era tarde demais para pensar em nada além de seguir em frente, guardando todo esse sentimento pela última vez lá no fundo de meu coração.

– Meu namorado realmente não sabe dar conselhos amorosos – resmungou Mariane enquanto almoçávamos.

Ela e René resolveram sentar separados hoje, ele estava com Arthur em uma mesa perto da janela, já que meu irmão parecia muito entretido conversando com Veronica. Matheus simplesmente acenou e não fez nenhuma piadinha a meu respeito.

– Não acho que ele queria dar um conselho – discordei enquanto mexia o suco de laranja com o canudo. – Ele só queria que eu visse o lado do primo dele.

– Sabe o que eu acho?

– Hum?

– Depois de ouvir tudo o que você falou, eu penso que o mais certo seria vocês sentarem e conversarem. Você dizer que não era só sexo e perguntar se tudo foi por conta do diário.

– Ah, claro, e depois eu começo a agir como a mocinha patética de um filme ruim, digo que estou apaixonada por ele e espero que ele gentilmente chute meu coração com seus coturnos.

Mariane revirou os olhos e me jogou o plástico que envolvia os talheres.

– Não seja irônica. Ele não chutaria seu coração.

– Não tem como saber.

– Claro que não. Você é covarde demais para conversar com ele.

– Eu não sou covarde,

– Se não fosse, você não fugiria dele.

– Se você estivesse à beira do precipício e pudesse escolher entre mergulhar no vazio, ou dar um passo para trás, o que escolheria?

– Dar um passo para trás, mas o amor não é um precipício.

– No meu caso é.

Mariane não falou nada e eu comecei a comer a comida de sempre. Gustavo acabou vindo se sentar em nossa mesa, mas em nenhum momento falou de me encontrar novamente, nem quando Mariane saiu com René. Ele estava meio distante e eu gostei disso, não estava com paciência para dispensá-lo, preferia que fossemos só amigos.

Mergulhei no trabalho como uma maluca, assim como nos estudos. Trabalhava até vinte minutos mais tarde, para não correr o risco de encontrá-lo, e nos tempos livres estudava. Comecei a me identificar com certas áreas do Marketing e vi que o faltava para mim era dedicação.

Em casa, Ramona não me enchia mais de perguntas, ela estava

tão mergulhada nos estudos quanto eu. Havia brigado com Pietro e nem na noite em que ele passou lá conseguiram se acertar. Ele estava se revelando um garoto imaturo e ciumento.

Acho que foi devido a essa coisa de fossa que na sexta feira, depois da faculdade, aceitamos o convite de Miguel para uma das festas de arromba do prédio. Precisávamos meter o pé na jaca como nos velhos tempos.

– Então vocês finalmente vão saber o que é festa de verdade, meninas – ele disse depois que aceitamos o convite.

– Só trocarmos de roupa que voltamos – Ramona falou parecendo animada demais.

– A festa está acontecendo na parte de trás do prédio, na antiga sauna. Espero vocês lá.

Concordamos e fomos para nosso apartamento.

– Você ficou com medo de sua calcinha virar coador de cerveja?

– Perguntei a Ramona enquanto jogávamos nossa bolsa no sofá.

– Não exatamente. Acho que precisamos de diversão.

– Também acho.

– Então vamos ficar gatas.

Comecei a rir e fui para meu quarto. Troquei a sapatilha por um Scarpim vermelho aveludado de bico arredondado e salto fino. Continuei com a calça skinning preta e coloquei uma camisa de alcinha de seda branca, jogando meu blazer azul por cima.

Deixei os cabelos soltos e fiz uma maquiagem leve, com rímel e batom nude. Fui para sala e encontrei Ramona calçando as sapatilhas. Ela estava de meia calça preta e vestido vermelho. Parecia uma boneca.

– Está bonita, Beatriz – observou Ramona olhando para meus sapatos. – Mas não acho que esses sapatos sejam confortáveis.

– Já estou acostumada.

Ela balançou os ombros e nós saímos do apartamento, deixando os celulares e prontas para nos desligarmos do mundo.

– Você pretende ficar com alguém? – Ela perguntou quando saímos da recepção e começamos a andar pelo caminho indicado por Miguel.

– Não sei. – Balancei os ombros. – E você?

– Provavelmente não. Eu gosto de Pietro demais para ficar com alguém enquanto estamos brigados.

Concordei e entramos na sauna antiga. Lá dentro estava meio escuro e apinhado de gente. Tinha uma mesa com bebidas e outra de sinuca. Algumas pessoas estavam sentadas em cima da de sinuca.

A música era alta e tocava Eminem, alguns se balançavam e outros fumavam, deixando o ambiente ainda mais pesado. Senti calor e tirei o blazer, o enrolando no braço.

– Onde foi que viemos parar? – Perguntei a Ramona, mas ela não ouviu porque estava na mesa de bebidas.

Sai do caminho de alguns garotos e encostei-me à parede. Ramona voltou e me entregou um copo vermelho.

– O que tem aqui?

– Absolut, hoje é um bom dia para enchermos a cara.

– Nessa festa de malucos? – Tomei um gole e vi um garoto meio sardento acenando para mim.

– Em todas as festas têm malucos – Ramona balançou os ombros e tomou toda sua bebida em um único gole.

– Meninas, vocês vieram – Miguel parou a nossa frente, parecendo um modelo. Estava sem camisa e a borda de sua cueca estava aparecendo, era impossível não olhar para aqueles músculos bem definidos.

– É. – Resmungou Ramona.

– Vem, vou apresentar vocês para o pessoal.

Ele esticou o braço, nos puxando como se quisesse fazer as honras da casa. Comecei a andar ao lado dele, mas antes que eu pudesse dar o próximo passo, meu braço foi agarrado e eu fui puxada para trás.

Olhei para quem tinha me puxado, pronta para socá-lo, mas a pessoa não era um pervertido da festa e acabei derrubando o copo de bebida no chão, de susto.

– Ar... Arthur...

Balbuciei o nome dele de maneira patética. Ele estava segurando meu braço e me olhava furioso.

– O que pensa que está fazendo aqui? – Trovejou mais alto que a música.

Pisquei algumas vezes, tentando me recuperar do choque. Não o via desde segunda-feira e não estava preparada para vê-lo ainda. Todo meu corpo parecia sentir a presença dele. Meu coração estava acelerado e minhas mãos estavam começando a suar.

– Eu te fiz uma pergunta – ele disse mais furioso ainda.

Recuperei-me do choque e balancei o braço, me livrando das mãos dele.

– Eu estou em uma festa – falei com ironia, tentando esconder o quanto estava tremula.

– Só que essa não é uma festa, é uma orgia.

Iria dar uma resposta, mas Ramona apareceu e parou ao meu lado.

– Está tudo bem? – Ela perguntou olhando para Arthur.

– Está ótimo. – Respondi dando outro passo para trás. – Arthur já está de saída.

Ele estreitou os olhos, mais furioso ainda.

– Eu vou sair, mas depois de falar com você.

– Eu não tenho nada para falar com você – retorqui puxando Ramona.

Ramona se livrou de meu aperto e olhou de mim para Arthur, como se estivesse em um jogo de tênis.

– Tô fora disso – resmungou. – Vocês que se entendam.

E com isso saiu, indo encontrar Miguel e mais uns esquisitos, me deixando sozinha com Arthur, que estava com os braços cruzados, parecendo um gladiador.

– Se você não for falar comigo lá fora... – Arthur sibilou. – Eu juro que te arrasto daqui.

Ele descruzou os braços, esperando que eu o contradissesse, mas eu fiz exatamente ao contrário, passei ao lado dele e sai, com a intenção de me livrar de uma vez para poder voltar. Parei ao lado dos arbustos e esperei que se aproximasse.

– Desembucha Arthuro – falei de uma maneira grosseira, não estava muito a fim de falar com ele, ainda não tinha engolido o negócio do diário.

– Você sabia que essas pessoas que estão lá dentro são drogadas e que aquilo vira uma orgia depois das três da manhã? – Perguntou ficando na minha frente.

Notei que ele estava de camisa preta, calça jeans e com o mesmo coturno de sempre, mas isso não aplacou minha raiva. Quem ele pensava que era para ficar falando dos lugares que eu ia?

– Tem gente drogada e orgia em qualquer canto. Agora que terminou, eu posso voltar?

– Escuta aqui, garota... – ele deu um passo à frente e segurou meus ombros. – Qual é o seu problema?

– Você! – Exclamei sem pensar e o empurrei, tentando passar.

– Ah, eu sou o problema agora? – Arthur não me deixou passar e

continuou me segurando. – Como que o problema é eu, se você é que fica fugindo de mim e me ignorando?

Minha raiva aumentou e eu tentei empurrá-lo, mas ele era bem mais forte e meus esforços foram em vão.

– Mas foi você que leu meu diário... – disse batendo em seu peito com os punhos. – E foi você que dormiu comigo por conta do que leu, então não venha dizer que a droga do problema sou eu!

Arthur arregalou os olhos com minha afirmação e me soltou, me aproveitei disso para voltar à festa, mas antes que chegasse a porta, fui puxada para trás e então meus pés saíram do chão e eu estava em cima do ombro dele, de cabeça para baixo.

– O que pensa que está fazendo? – Gritei socando suas costas.

– Nós vamos ter uma conversa civilizada.

– Como vamos ter uma conversa civilizada, se você está agindo como um ogro?

Ele não respondeu e começou a andar.

– Você é um babaca Arthuro.

– Posso até ser, mas você é uma grande tola.

– Imbecil.

Escutei a risada dele e fiquei mais irritada ainda. Pensei em me mexer e forçá-lo a me colocar no chão, mas ele já estava abrindo a porta do hall de seu prédio, me carregando com facilidade, como se eu fosse sua mochila.

– Não ouse entrar comigo nesse elevador! – Gritei quando ele parou em frente às portas metálicas.

Arthur me ignorou e entrou no elevador, me colocando no chão assim que as portas se fecharam.

– Você! – Gritei batendo no peito dele com o dedo indicador. – É um babaca egocêntrico!

– E você... – ele segurou meus ombros e me colocou contra a parede, apoiando as mãos ao lado de minha cabeça. – É uma grande idiota.

– Como é que é? – Tentei empurrá-lo, mas ele chegou mais perto ainda, meu rosto quase batendo em seu queixo.

– O que acabou de ouvir. Faz suposições e acredita nelas. Você me ignorou a semana toda como se eu tivesse matado seu cachorro porque achou que eu tinha lido seu diário e dormido com você por isso.

Minha respiração ficou acelerada. Ele estava perto demais, eu sentia o cheiro de seu perfume e seu hálito tocava meu rosto, me deixando desconcertada.

– Vai dizer que não leu? – Perguntei baixinho, olhando para seu peito.

– Sim eu li. – Arthur admitiu, inclinando o rosto mais para perto do meu. – Mas eu não fiquei com você por conta do que li e sim porque quis.

– Mas o que leu te influenciou.

– Para de colocar palavras na minha boca.

– Eu não estou colocando, só estou afirmando o óbvio.

O elevador parou no andar de Arthur, mas ele continuou onde estava, me prendendo contra a parede, e as portas se fecharam.

– Suas afirmações são insanas. O que eu li apenas me fez entender as coisas, Melanie. Eu entendi o quanto te magoei e o tolo que fui e eu estava tentando consertar as coisas antes disso, mas você nunca nota nada.

– Eu não noto nada? – Perguntei com ironia, tentando aumentar o espaço entre nós.

– Não, não nota nada. Eu abro portas, seguro seus livros, sou gentil e você nota? Não, mas nota quando aquele cara idiota faz isso e se derrete. Eu faço tudo por você e você só vê meu lado ruim.

Abri a boca para contestar, mas ele não me deu chance:

– Quando você tinha quinze anos e não sabia dançar, eu fingi que não sabia também para você não se sentir mal. Quando queria aprender a andar de skate, eu te ensinei e cuidei de seus joelhos ralados e quando seu irmão brigava com você, eu te defendia e brigava com ele. Eu te ofereço o mundo, tentando não quebrar uma promessa que fiz a meu melhor amigo, e quando eu erro uma única vez, você não me dá chance de consertar porque se acha a dona da verdade.

Deixei os braços cair ao lado do corpo, consternada demais com as palavras dele. Ele tinha admitido coisas que eu nem sonhava. Eu sempre imaginei que ele era desengonçado para dançar e que me ensinou a andar de skate porque Matheus se recusou e quanto aos joelhos ralados, bem, Arthur assoprava os machucados e sempre prometia que não iria arder e eu já nem era uma criança, tinha quatorze anos.

– Eu não sei mais o que fazer para você acreditar em mim... – Arthur sussurrou, seu rosto estava a centímetros do meu. – Eu não fiquei com você porque li o que escreveu, eu fiquei porque não aguentava mais ficar perto de você e não te tocar, porque não aguentava te ver fugindo de mim. Eu queria te provar que sou bom, mas tudo o que faço dá errado. Você continua fugindo e eu continuo sem saber como agir. Desculpa se eu agi como um babaca naquela noite, eu fiquei assustado e você parecia assustada e eu falei as primeiras besteiras que veio na minha cabeça, mas eu nunca quis que você sumisse da minha vida, você está a tempo demais nela. Acredite em mim.

Ele disse tudo isso olhando em meus olhos, parecendo desesperado e eu só conseguia pensar que aqueles olhos eram brilhantes como as estrelas e que as palavras dele pareciam entrar em meu coração e derrubar toda aquela muralha que eu tinha criado.

– Eu acredito em você – falei e essas foram às palavras mais verdadeiras que já disse a Arthur.

Ele sorriu e eu senti como se todo o peso do mundo tivesse

saído de meus ombros, porque aquele era o tipo de sorriso que poderia iluminar a cidade inteira, mas também era o sorriso que fazia tudo aquilo que eu sentia ficar enraizado em meu coração, porque não poderia existir dor quando ele sorria daquele jeito, não existia problemas e era tanto amor, que eu não sabia mais o que fazer com ele.

– Então pare de fugir de mim. – Arthur segurou meu rosto com as duas mãos. – Se acredita, então pare de fugir e pare de me ignorar, porque eu estou cansado de não saber mais nada.

Ele não me deu tempo de resposta, simplesmente colocou os lábios nos meus com uma urgência que beirava o desespero, invadindo minha boca, me prendendo contra a parede e fazendo com que eu tivesse que passar as pernas ao redor de sua cintura para não cair.

Arthur não se contentou com meus lábios, passou a beijar meu pescoço e deslizar as mãos por baixo de minha camisa.

– A... Gente está... Num... Elevador – Tentei falar enquanto ele mordiscava o lóbulo de minha orelha.

Arthur deslizou o nariz ao longo de meu maxilar e então me colocou no chão. Eu estava meio desnorreada, então tive que me afirmar nele. As portas do elevador abriram no andar certo e ele me puxou pela mão.

– Você fica comigo hoje? – Ele pediu enquanto colocava a chave na porta.

A maneira como as bochechas dele ficaram coradas fez meu coração dar uma cambalhota e eu resolvi deixar o lado racional de lado. Nós éramos adultos, eu sabia a verdade e nada me impedia de ficar com ele, era só deixar todos os problemas do lado de fora.

Ele abriu a porta e esperou por minha resposta.

– Eu fico. – Falei passando ao lado dele e entrando em seu apartamento.

Arthur sorriu, fechou a porta e me puxou pela cintura, colando meu corpo no seu.

– Isso era tudo que eu queria ouvir. – Disse enquanto tirava minha camisa, me deixando só com um sutiã sem alças, branco e sem graça. – Ultimamente eu tenho sentido um pouco de tudo sabia?

Passei os braços ao redor do pescoço dele, inclinando a cabeça e cheirando seu pescoço.

– Tipo o quê? – Perguntei aspirando o cheiro almiscarado de seu perfume.

– Coisas que vão do desejo a mais completa loucura.

Afastei-me e olhei seu rosto, encontrando seus olhos e me perdendo neles. Estava tão acostumada a vê-lo sempre de óculos, que quando o via sem, como estava agora, podia ficar só o olhando, guardando cada parte, vendo cada mancha de suas íris e aquele brilho que sempre me deixou fascinada a ponto de eu acreditar que eles brilhavam assim porque era um pedacinho do céu.

– Acho que você está me ensinando que eu posso me achar em meio ao caos – Arthur disse enquanto acariciava minhas costas. – Eu poderia ficar trancado com você aqui e o mundo todo perderia a importância.

Sorri, totalmente maravilhada com suas palavras.

– Acho que fazer o mundo perder a importância pode ser maravilhoso. – Falei ainda naquele estado de completo encantamento, sentindo como se cada pedaço meu implorasse por ele.

Arthur voltou a sorrir e me beijou, passando as mãos em minhas coxas e tirando meus pés do chão. Ele começou a caminhar enquanto me beijava e eu não me importei em perguntar para onde iríamos, eu sabia e queria isso mais do que precisava de ar, porque sem ele eu sentia que não podia respirar. Foi como se eu estivesse recebendo ar fresco pela primeira vez em muitos dias, como se aquele vazio interminável estivesse sendo

preenchido pelas palavras doces dele.

Ele me colocou no chão e eu soube que tínhamos chegado ao quarto, quando afastou os lábios dos meus, eu abri os olhos e comecei a procurar pelos botões de sua camisa, mas Arthur afastou minhas mãos delicadamente e se ajoelhou a minha frente.

– É um belo sapato – disse enquanto segurava meu tornozelo e delicadamente tirava o sapato, para então beijar logo acima de meus dedos, repetindo o mesmo processo no outro pé, fazendo meu coração perder o compasso.

Arthur deslizou as duas mãos por minhas pernas e parou no cóx de minha calça, desabotoando os três botões e deslizando o tecido, tirando a calça com a mesma facilidade com que tirou meu sapato e deixando a mostra minha calcinha de algodão azul, ridiculamente grande.

– Você tem um gosto peculiar para calcinhas, Melanie. – Ele disse rindo enquanto se levantava. – Mas eu prefiro a com coelhinhos.

Senti o rosto arder e Arthur riu mais ainda, segurando minha cintura e me virando de costas para ele, para então afastar meus cabelos, o colocando sobre o ombro.

– Não sabia que tinha uma tatuagem nas costas – comentou enquanto beijava minha nuca.

A tatuagem a que se referia era uma pena que ia se desmanchando e virava andorinhas, fiz porque achei o desenho bonito e sempre amei pássaros, tanto que tinha no pulso também.

– Fiz quando você estava na Inglaterra – expliquei fechando os olhos quando ele beijou outro ponto de minha nuca.

Ele não disse nada, mas eu senti quando soltou o fecho de meu sutiã, deixando o tecido cair aos meus pés enquanto envolvia meus seios com as duas mãos, me puxando de encontro a seu corpo.

Quando ele movimentou as mãos, eu arfei, sentindo o toque

percorrer meu corpo e me deixar excitada. Arthur soltou um de meus seios e deslizou a mão por minha barriga, adentrando minha calcinha e me fazendo pular.

Entreabri os lábios quando ele pressionou meu clitóris em movimentos circulares, ao mesmo tempo em que acariciava meu seio. A sensação dos movimentos combinados era divina e eu gemi, encostando a cabeça em seu ombro.

Minhas pernas foram ficando bambas a medida em que meus gemidos aumentavam com cada movimento dele. Quando eu senti os primeiros espasmos chegando, Arthur parou a carícia e me empurrou em direção à cama. Eu o puxei comigo e ele colocou seu corpo em cima do meu, afirmando as mãos ao lado de minha cabeça e pairando acima de mim. Enlacei seu pescoço e o beijei, mordiscando seu lábio inferior antes de passar a língua no canto de sua boca, o fazendo gemer.

Arthur beijou meu queixo, desceu pelo pescoço, beijando minha barriga e parando em cima de minha calcinha. Ele saiu da cama e a tirou lentamente, deslizando os lábios por minha pele, fazendo eu me contorcer de desejo.

Ele deixou minha calcinha cair no chão e se levantou, desabotoando a camisa e revelando seu abdômen bem definido. Nunca tinha o olhado dessa perspectiva e poderia afirmar com toda a certeza que era perfeito. Quando ele desabotoou a calça e começou a tirá-la junto com a cueca boxer verde, eu me afirmei sobre os cotovelos, mordendo o lábio e o observando em toda sua glória, o que o fez rir.

Não podia negar: Até na hora de tirar a roupa ele era perfeito, cada movimento feito com uma elegância que era até difícil de assimilar.

Quando Arthur voltou para cama, eu me ajoelhei e o empurrei contra o colchão, ficando em cima dele.

– O que pretende fazer comigo? – Ele perguntou em meio ao riso, enquanto afastava meus cabelos do rosto.

– Não sei. – Admiti arqueando os ombros.

Arthur riu mais ainda, parecendo se divertir com minha falta de experiência, mas eu o interrompi quando deslizei o nariz por seu maxilar e mordi de leve seu queixo, roçando os lábios em sua barba por fazer e gostando da sensação de formigamento que isso gerava. Mordisquei o lóbulo de sua orelha e ele gemeu, apertando minha cintura.

– Você vai me deixar maluco. – Sussurrou com voz rouca e eu afastei o rosto da curva de seu pescoço.

– Acho que era essa minha intenção – falei enquanto olhava seus olhos e me perdia mais uma vez.

Arthur me encarou de uma maneira faminta e então se virou, invertendo nossas posições e colocando meus braços acima da cabeça, prendendo meus pulsos com uma só mão e me beijando, invadindo minha boca e fazendo minha pulsação aumentar, sugando o ar que restava em meus pulmões.

Ele terminou o beijo mordendo meu lábio inferior, soltando meus pulsos e delineando cada curva de meu corpo com as mãos. Inclinei o quadril em sua direção no instante e que seus lábios chegaram a meu seio, mordiscando o mamilo, antes de sugá-lo para dentro da boca quente e úmida.

– Arthur! – O nome dele escapou de meus lábios com um gemido, enquanto ele repetia o mesmo processo em meu outro seio e eu afundava os dedos em seus cabelos macios.

Arthur me olhou com aquele olhar hipnótico, fazendo todo meu controle evaporar e eu o beijar como se minha vida dependesse disso, era coisa demais para tentar mostrar com um beijo, mas muitas vezes as palavras atrapalham e é através de nossos atos que as coisas são ditas.

Ele mordeu meu queixo antes de sair de cima de mim e pegar um preservativo no criado mudo, o abrindo com os dentes.

– Acho que eu nunca pensei que te tocar significaria tanto – ele

disse terminando de colocar o preservativo e voltando a ficar em cima de mim.

Sorri, mais uma vez maravilhada com a capacidade dele lidar bem com as palavras, eu não tinha a mesma facilidade, podia ser sarcástica, briguenta, mas nunca tentei colocar tudo o que eu sentia em palavras, eu escrevia, guardava dentro de mim, mas nunca achava o momento certo de verbalizar.

– Você é um pedaço do paraíso – sussurrei quando Arthur apoiou os braços ao lado de minha cabeça.

Ele sorriu e começou a me penetrar devagar, fazendo cada terminação nervosa de meu corpo se retesar.

– E cada centímetro de sua pele é um pedaço do meu – Ele disse erguendo meus braços acima de minha cabeça de novo e colocando suas mãos em cima da minha, cruzando nossos dedos.

Toda a clareza de meus pensamentos se perdeu conforme ele se movimentava e beijava meu pescoço, deixando minha pele arrepiada e fazendo com que eu me inclinasse ainda mais em sua direção, o sentindo completamente dentro do mim e gostando da sensação de preenchimento.

Estávamos olhando dentro do olho um do outro e era como se estivéssemos embaixo de centenas de estrelas, num ritmo perfeito. Não precisávamos de tempo, tínhamos todo o tempo do mundo, porque naquele momento, unidos, podíamos conquistar qualquer coisa.

Apertei os dedos dele quando o prazer começou a se irradiar por cada parte de meu corpo, a partir de um único ponto. Inclinei a cabeça contra o travesseiro, fechando os olhos e entreabrindo os lábios.

Quando meus músculos se tencionaram, Arthur me beijou, e foi como se eu atingisse a plenitude. Eu o sentia em todo lugar, contra minha pele, seu calor passando para mim, nossas respirações se misturando e seus gemidos completando os meus.

Estávamos completando o sentindo um do outro e eu não sabia

até aquele instante que era capaz de amá-lo ainda mais, meu coração não suportava guardar tanto sentimento e pela primeira vez quis falar tudo o que sentia de verdade, falar que o amava como se fosse uma parte de mim e dizer que não me importava com mais nada, porque ali naquele quarto, éramos nós e não tinha problema, não tinha impedimentos.

Mas eu não falei, o beijei com mais ardor, tentando transmitir através de meus atos tudo aquilo que reprimia, atingindo o orgasmo e sentindo minhas pernas ficarem bambas e minha respiração entrecortada, para então abrir os olhos e vê-lo de olhos fechados, com a cabeça inclinada para trás e os cabelos grudando na testa molhada de suor.

Ele apertou meus dedos quando o prazer tomou conta de seu corpo, enviando mais uma onda ao meu e me fazendo fechar os olhos quando eu só conseguia sentir os espasmos e sua respiração tocando meu rosto.

– Melanie.

Ele sussurrou meu nome, estremecendo e me beijando mais uma vez, de maneira delicada, mas ainda sim capaz de fazer minha pele ficar arrepiada e meu coração perder o compasso.

Senti o coração dele batendo contra meu peito, parecia tão acelerado quanto o meu e eu queria que pudéssemos ficar assim para sempre, porque cada toque dele fazia a sensação de estar se apaixonando triplicar, como se pudesse amá-lo mais a cada segundo.

Arthur afastou os lábios dos meus e beijou minha têmpora. Abri os olhos e ele desenroscou nossos dedos. Estiquei os braços e segurei seu rosto com as duas mãos, afastando os cabelos de sua testa.

– Se eu me afastar por um segundo, você vai fugir? – Ele perguntou beijando meu pulso.

– Não. – Balancei a cabeça para enfatizar e acariciei seus cabelos mais uma vez.

Arthur sorriu, beijou o espaço entre meus seios, me fazendo

suspirar alto demais, e saiu de dentro de mim. Enquanto ele ficava de costas e entrava no banheiro, provavelmente para jogar o preservativo no lixo, não pude deixar de notar que ele tinha uma bela bunda e ao constatar isso, tive que cobrir a boca com a mão para não rir alto.

– Posso saber do que você está rindo? – Ele perguntou voltando ao quarto e pegando sua cueca no chão, jogando a camisa para mim.

– De nada. – Menti sentando na cama e colocando a camisa, aspirando o cheiro de perfume do tecido.

– As pessoas não riem de nada. – ele subiu na cama, parando perto de mim. – Eu tenho métodos de fazer você falar.

– Não falo nem sobre tortura.

Arthur sorriu de uma maneira maliciosa e segurou meus pulsos, me impedindo de abotoar a camisa.

– Tem certeza? – Perguntou se inclinando para ainda mais perto.

– Absoluta.

Arthur sorriu ainda mais e soltou meus pulsos, afastando a camisa e colocando as mãos e minhas costelas. Arqueei as sobrancelhas, sem entender, mas então ele começou a me fazer cócegas.

Comecei a rir e me mexi, tentando me livrar dele, mas Arthur simplesmente colocou uma perna de cada lado de meu corpo e continuou, me fazendo gargalhar.

– Go... Golpe baixo – falei em meio ao riso.

– Não vou parar até que me fale do que estava rindo.

Balancei a cabeça, negando, e ele continuou. Minha barriga já estava doendo de tanto rir e eu não tive alternativa.

– Eu... Eu falo! – Exclamei, já sem ar de tanto rir.

– Ótimo.

Ele parou de me fazer cócegas, mas continuou em cima de mim, me encarando até eu ficar com vergonha de falar.

– Se não falar, eu vou continuar – avisou, parecendo estar se divertindo com a situação.

– Chegue mais perto então. – Pedi, sentindo as bochechas queimarem.

Ele fez o que pedi e eu enlacei seu pescoço, falando a centímetros de seu ouvido:

– Eu descobri que você tem um belo traseiro.

Escondi o rosto na curva do pescoço dele e não me mexi, estava com vergonha de minhas próprias palavras, mas era isso ou mais cócegas.

Arthur segurou meus ombros e me afastou, me olhando de uma maneira presunçosa.

– Fico lisonjeado – disse tentando não rir, mas falhando.

– Você está rindo da minha cara – Acusei voltando a deitar.

– Só um pouquinho.

Ele saiu de cima de mim e deitou a cabeça em minha barriga, mantendo a minha camisa aberta e ainda rindo.

– Não tem graça – resmunguei acariciando seus cabelos.

– Tem sim.

Revirei os olhos e continuei mexendo nos cabelos dele, eram macios e um pouco mais escuros que os meus, também tinha umas partes onduladas. Comecei a sentir dificuldade para manter os olhos abertos.

Arthur se mexeu e eu abri os olhos. Ele deitou ao meu lado e me puxou para perto. Apoiei a cabeça em seu peito.

– Eu gosto do seu cheiro – Arthur disse cheirando meus cabelos.

– Prefiro esse à baunilha.

– Sério? – Levantei a cabeça.

– Sim.

Sorri e voltei a deitar a cabeça em seu peito, passando o braço por cima de sua cintura e enroscando meus pés nos dele, pensando que

minha mãe deveria ouvir isso e parar de reclamar da erva doce.

Arthur beijou meus cabelos e eu fechei os olhos, deixando o sono me vencer, sem me importar com mais nada.

Capítulo 37

Descoberta

Acordei sentindo calor, mas bastou olhar para baixo para ver o motivo. Arthur estava com um braço por cima de minha barriga, me prendendo contra si. Seu rosto estava apoiado em meu peito e seus cabelos macios roçavam minha pele desnuda.

Ele ressonava enquanto dormia, os lábios rosados e franzidos lhe davam um ar de menino. O abracei, afundando o rosto em seus cabelos e aspirando o cheiro de seu shampoo. Arthur se mexeu um pouquinho, suspirou e continuou a dormir.

Como seriam as coisas agora? Ele acordaria e eu fingiria que não tinha acontecido nada, me despedindo e indo para casa? Perguntaria como seria nossa situação? Esperava ele falar alguma coisa e concordaria, só para poder voltar para minha vida medíocre e reviver nossos momentos?

Tínhamos sido sinceros um com o outro e Arthur disse que se importava comigo, mas será que isso era o suficiente para ser levado para fora deste quarto, ou era o tipo de se importar o suficiente para fazermos sexo ocasional e seguirmos com nossas vidas?

Afastei o rosto dos cabelos de Arthur e, com delicadeza, tirei seu braço de cima de mim, deslizando para trás e tentando não acordá-lo. Ele resmungou algo e afundou o rosto no travesseiro que eu estava deitada. Aproveitei-me disso e sai da cama.

Fiquei o olhando por alguns instantes, tentando prolongar o momento, mas sabia que certas coisas eram inevitáveis, então comecei a juntar minhas roupas. Encontrei minha calcinha nos pés da cama, a calça no meio do quarto e os sapatos em frente ao criado mudo.

Juntei tudo e fui para o banheiro, pegando o sutiã em frente à

porta.

– O que vou fazer agora? – Murmurei para mim mesma, enquanto colocava minhas coisas em cima da pia e olhava meu reflexo no espelho.

Meus lábios estavam inchados, meu cabelo totalmente fora de ordem e meu rosto pálido, fazendo os olhos parecerem grande demais. Estava um caos por dentro e por fora.

Senti um gosto ruim na boca e lembrei que não tinha escova de dente, resmunguei mais uma vez e peguei o Listerine em cima da pia, enchendo a tampa e enfiando o enxaguante na boca.

Enquanto bochechava o líquido com gosto de menta e que fazia minha boca arder, comecei a vestir minhas roupas. Depois de colocar o sutiã, procurei por minha camiseta e lembrei que ela deveria ter ficado na sala. Vesti a camisa de Arthur de novo, nem me dando ao trabalho de abotoá-la, cuspi o Listerine e calcei os sapatos de salto.

Sai do banheiro e vi que Arthur ainda dormia. Fui em direção a ele, parando em frente à cama e dando um beijo em sua testa, olhando para seu rosto e tentando assimilar cada traço perfeitamente esculpido, desde as sobrancelhas, passando pelo nariz arrebitado e parando nos lábios carnudos.

Dei um passo para trás, não querendo deixá-lo desse jeito, mas sabendo ser necessário. Eu não queria outra conversa que nem a da última vez, não queria banalizar o que tivemos, não queria exigir nada dele porque não tinha esse direito. Arthur tinha pedido para eu passar a noite com ele e eu tinha feito isso, mas mais uma vez o dia tinha chegado e a realidade de que fora daquele quarto não éramos mais só nós dois, me atingiu.

Respirei fundo e sai do quarto, tentando não deixar tudo o que eu estava sentindo me vencer. Comecei a procurar por minha camisa e a encontrei na cama do cachorro, que estava mordendo o tecido.

– Cachorro mau! – Briguei com o bicho em um sussurro,

tentando puxar minha camisa de sua boca. – Solta!

Consegui puxar, mas só para ver que era apenas um pedaço do tecido e que o restante da camisa estava embaixo dele.

– Ah, que ótimo – resmunguei quando o cachorro pulou em cima de mim e lambeu meu rosto. – Rasga minha roupa e se faz de inocente.

Acaricieei o cachorro um pouco, o soltei e me levantei. Teria que ir com a camisa de Arthur mesmo. Comecei a abotoá-la enquanto andava em direção à saída. O cachorro ia se enroscando em meus pés, dificultando meus passos.

Parei em frente à porta para dobrar as mangas da camisa e acariciar o cachorro uma última vez, apesar de ter devorado minha camiseta de seda, cara pra caramba, ele era um bichinho bonito: Peludo, preto e só com uma pata branca, também parecia meio maluco, com a língua torta e os olhos arregalados.

– Tchau, seu maluco. – Despedi-me dele coçando sua barriga gorda e peluda, o fazendo respirar de uma maneira estranha e arregalar mais os olhos negros como seu pelo.

– Você iria se despedir do cachorro, mas não iria se despedir de mim?

Levantei a cabeça e vi Arthur parado perto de mim, estava só de cueca boxer e de braços cruzados, na mesma posição de gladiador do dia anterior, só que mais gostoso.

Não respondi e levantei, evitando olhá-lo.

– Eu pensei que você tinha concordado em não fugir mais. – Arthur disse de uma maneira calma, mas que dava para perceber a hesitação de qualquer forma.

– Eu só queria evitar discussões e perguntas desnecessárias. – Tentei me justificar, ainda olhando para o chão.

– Para depois fazer suposições e acreditar nelas, como antes?

Levantei a cabeça diante da pergunta. Arthur me olhava de uma maneira estranha, parecendo magoado.

– Desculpa – disse com sinceridade, sentindo meu coração se estilhaçar mais uma vez. – Eu não sabia o que fazer. Você por um acaso sabe?

Ele passou a mão nos cabelos, fazendo uma expressão confusa.

– Não. – Admitiu encolhendo os ombros. – Mas podemos sentar, conversar e pensar.

Sorri, mas não por conta das palavras e da possibilidade de sentarmos e pensar, foi um sorriso de resignação.

– Pensar em que? – Perguntei abrindo os braços. – Em como nos damos bem aqui dentro, fora da realidade?

Não estava em meus planos começar a exigir coisas, eu só queria ter ido para casa sem acordá-lo, para evitar mais danos desnecessários.

– Porque está agindo dessa maneira? – Indagou Arthur, dando um passo em minha direção.

– De que jeito? – Dei um passo para trás.

– Dessa maneira fria, como se quisesse fugir ao invés de conversar comigo.

– Porque é o que eu quero fazer, eu quero fugir.

Deixei os braços cair ao lado do corpo, como se estivesse sendo vencida por minhas próprias palavras, mas o que eu podia dizer? Dizer que estava indo embora porque não queria ser o sexo ocasional? A garota com quem ele transava por se importar?

– Por quê?

– Porque eu não quero ser seu sexo ocasional – admiti finalmente, olhando para a porta em busca de uma rota de fuga.

– E quando foi que chegou a constatação disso? – Arthur perguntou pulando por cima do cachorro e parando de vez na minha frente.

– Quando eu vi que nos damos bem aqui dentro – indiquei o apartamento. – Aqui somos nós dois, mas lá fora não é assim, Arthur.

– O que está querendo dizer? – Ele segurou meus ombros, acho que em uma tentativa de me impedir de fugir.

Não tentei me desvencilhar dele. Simplesmente fechei os olhos. Como eu poderia explicar? Lá fora tinha meu irmão, melhor amigo dele, e tinha a realidade. A realidade de que Arthur poderia estar encantado com a possibilidade de me ter, mas não de me querer de verdade. Você pode se encantar por alguém, pelas coisas que uma pessoa pode te proporcionar, como sexo, mas nem sempre amor e desejo andam lado a lado e uma hora o encantamento acaba.

– Só me deixe ir. – Pedi quase a beira das lágrimas.

Arthur soltou meus ombros e deu um passo para trás.

– Eu não sei do que você tem medo.

Dei mais um passo para trás e afastei os cabelos do rosto.

– Eu não tenho medo, eu simplesmente sei que fora daquele quarto não existe eu e você. Existe apenas alguém que se encantou e que logo vai cair na realidade.

– A realidade a que se refere é ao seu irmão?

A pergunta me fez arregalar os olhos, eu estava evitando colocar Matheus no assunto, mas o maior dos impedimentos era ele.

– E se estiver? – cruzei os braços e olhei para o rosto dele.

Arthur me encarou de volta, como se estivesse me desafiando a continuar, mas eu continuei em silêncio, sabendo que chegamos a um ponto de impasse.

– Você não disse nada porque sabe que tenho razão. Fora daqui nunca vamos ser nada e eu não quero ser a transa de alguém, não quero ser o algo a se esconder.

Arthur continuou em silêncio e eu resolvi encerrar de uma vez

por todas aquela conversa, virando as costas e saindo daquele apartamento pela última vez. Não teria mais Arthur e eu, por mais que ele dissesse que me queria.

Eu sabia que por baixo de todo aquele encantamento eu ainda seria a Mel, a garota que não sabia multiplicar frações e que era a irmã do melhor amigo. Também sabia Arthur nunca enfrentaria Matheus, contando a verdade, e nem eu faria isso. Não tinha porque causar brigas por conta de sexo e palavras bonitas, porque a verdade que não queria admitir era que eu e Arthur podíamos ser um amontoado de belas palavras, só que não presas em um livro de amor, mas sim jogadas ao vento.

Enquanto caminhava de volta a meu apartamento, não conseguia parar de pensar que aquela era a última vez que saia de perto dele daquele jeito. Eu seria forte e não voltaria a dormir com Arthur. Não queria ter que me despedir dessa maneira todas as manhãs. Eu não aguentava mais o peso de meu próprio coração e não seria justo me submeter a isso novamente para ser amada durante a noite e dispensada pela manhã.

Não que Arthur tivesse feito isso, na verdade ele tinha até insistido para saber meus motivos, mas nós sabíamos que era inútil tentar enumerá-los. Naquele elevador éramos uma bela confusão, mas aqui fora, com o sol morno de outono batendo em minha cabeça, sabia que não seríamos o tipo de casal que anda de mãos dadas e comem um lanche gorduroso na lanchonete da esquina. A verdade era que ele sentia tesão por mim e tesão não era amor, tesão podia fazer uma pessoa ser encantadora, mas não te fazia se apaixonar por ela e enfrentar todos os obstáculos.

Foi com essa resignação que bati na porta de meu apartamento e esperei Ramona abrir, passando por ela e indo para meu quarto. Tirei os sapatos antes de me jogar de roupa e tudo na cama, me permitindo chorar uma última vez.

Aquele seria um sábado de despedidas e talvez eu pedisse a meu chefe férias, para me afastar um pouco da situação e pensar no que estava fazendo com minha vida. Que se danasse a droga da faculdade e se René não me desse às férias, eu usaria a desculpa de que nunca as tinha tirado e então iria para alguma cidade pequena e me enfiaria em um hotel qualquer, implorando a meu pai dinheiro o suficiente para a estadia.

Com esse pensamento, cobri o rosto com o braço e adormeci, sonhando com uma praia paradisíaca, mas ao invés de estar sozinha, pensando em minha vida, estava acompanhada e feliz demais em nadar nua ao lado *dele*.

Ramona não insistiu, mas eu acabei contando a ela tudo o que tinha acontecido enquanto comia um sanduiche de queijo na cozinha, logo após ter acordado daquele sonho caótico envolvendo nudez.

– Ele tem razão sobre você acreditar em suas próprias suposições – observou ela, depois que eu finalizei meu relato. – Você está supondo que ele sente tesão por você e não algo mais, mesmo que ele tenha te falado tudo aquilo no elevador.

– Eu não estou supondo – resmunguei enquanto esmigalhava o pão. – Eu só estou dizendo que ele não pode estar apaixonado por mim.

– Por quê?

– Por conta de eu ser a maior chave de cadeia pra ele. Ficar comigo envolveria confusão.

– É a mesma confusão que envolve você. Ele também é chave de cadeia pelos mesmos motivos e isso te impediu de ser apaixonar por ele aos treze anos e de continuar sentindo isso aos vinte?

– Não, mas é diferente.

– Em quê?

Parei de esmigalhar o pão e olhei para Ramona. Os cabelos dela

pareciam uma moita e ela usava uma velha jardineira e ainda assim parecia um poço de concentração enquanto me olhava e aguardava uma resposta que eu não sabia explicar direito.

– Eu não o vi crescer, mas ele me viu passar por todas as fases horríveis que um adolescente passa. Ele viu meu lado burro, chorão e mulher. E eu não acho que ele seja capaz de se apaixonar pelo último, não com toda a confusão que envolveria e Arthur é racional demais para se meter em encrenca por minha causa.

– Ah, claro, eu vi como ele é racional ao te jogar nas costas e te arrastar da festa ontem.

Revirei os olhos e me levantei.

– Eu não quero mais pensar nisso, nem tem mais em que pensar. Eu só vou seguir em frente e acho que tirar umas férias de tudo isso.

– Você está com medo e vai fugir.

– Não estou.

– Então enfrenta a situação.

– Chega Ramona!

Ela se encolheu diante de minha explosão e ergueu as mãos, como se tivesse se rendendo. Eu voltei ao quarto e tirei a camisa de Arthur, sentir o perfume dele contra minha pele só estava fazendo a dor aumentar.

Conforme o final de semana chegava ao fim, à ideia de pedir férias se tornava mais tentadora, principalmente quando minha mãe me ligou e eu rejeitei a ligação, com medo de contar tudo que estava acontecendo a ela em jorros.

Sabia que era errado me afastar de minha família, mas às vezes tudo de que precisamos é de um tempo e eu não estava conseguindo tirar o meu, não com a causa do meu problema logo depois da janela. Eu conseguia até ver o andar dele, com aquela vidraça enorme, da pequena janela de meu

quarto e tê-lo assim tão perto não estava sendo bom, nem que já fosse noite de domingo e eu já estivesse um pouco mais conformada com minhas atitudes e decisões.

Tinha passado o domingo todo na cama, não em um estado catatônico e depressivo, mas sim pensando no que faria. Eu não podia fazer minha vida girar em torno do fato de que eu estava apaixonada por Arthur e de que não podíamos ficar juntos porque ser seu sexo ocasional me magoaria mais do que faria bem.

Eu odiava romance por isso, sempre tinha o momento em que a mocinha passava por maus bocados e então o mocinho surgia e tudo se resolveria com um beijo, sem mostrar o que acontecia depois porque com certeza seria impróprio para menores. E agora odiava ainda mais porque sempre mostrava que valia a pena todo o sofrimento no final.

Não estava achando que nada valia a pena, o simples fato de estarmos vivos deveria nos impedir de ver o final, mas todos nós queríamos o amor e acho que o que doía mais era a demora dele aparecer e não ele em si. Era sempre dúvidas ao invés de respostas e medo no lugar de sorrisos.

Entendia a parte do medo. Eu sentia medo de não ser capaz de parar de sentir tudo isso, sentia que não seria capaz de encará-lo sem me lembrar de tudo que me disse. Não saía da minha cabeça a parte dele dizer que tinha fingido não saber dançar.

Eu era tão desengonçada naquela época, não tinha coordenação e minha mãe insistia que eu deveria saber dançar e que me ensinaria e Arthur também disse que não sabia e nós fomos desengonçados juntos. Claro que era sempre eu que pisava no pé dele e não ao contrário e a mão dele parecia estar sempre no lugar certo quando eu escorregava, como quando eu cai para trás e ele me segurou com um só braço e mentiu para minha mãe que era uma parte essencial da dança, me fazendo gargalhar.

Ele sempre me segurava quando eu caía, como quando estava

aprendendo a andar de Skate e cai em cima dele, ralando só o joelho e Arthur o cotovelo. Ele assoprou meu ajoelho enquanto tirava as pedras e eu achei que cair nem era tão ruim.

Era por conta dessas lembranças que não conseguia acreditar em Arthur, ou melhor, acreditava, mas não via as coisas da mesma maneira que ele. Talvez ele estivesse misturando o carinho que sempre sentiu por mim com outra coisa e logo descobrisse que esteve enganado o tempo todo ao ver alguém melhor lá na esquina e eu não queria estar perto para ver isso.

Eu tinha que me conformar com o que tinha acontecido e seguir em frente. Foi com a ajuda desse pensamento que organizei as coisas para o dia seguinte e fui dormir. Dessa vez sem sonhos.

Apesar de amanhecer mais frio que o dia anterior, era visível que seria um dia de sol e isso me animou quando desci do ônibus em frente ao trabalho, depois de levantar correndo por estar atrasada e correr para o ponto de ônibus, sem nem pentear os cabelos.

Dei uma conferida em minhas roupas quando entrei no elevador. Estava usando um casaco preto, calça jeans azul e os cabelos erguidos em um nó. Totalmente desprovida de maquiagem devido ao atraso.

Sai do elevador tentando arrumar os cabelos, mas não obtive muito sucesso, então voltei a erguê-los com um nó. Mariane riu assim que viu minha luta capilar.

– Deve ter acordado atrasada né? – Supôs, enquanto mexia no próprio cabelo, que parecia perfeito, como sempre.

– As segundas-feiras não são muito boas.

Ela sorriu, como se entendesse perfeitamente meu caso, mas eu

sabia que Mariane sorriria até se eu dissesse que tinha matado um pato, ela andava num estado de felicidade plena.

– Ah, seu irmão ligou – Mari disse pegando um papel em frente ao seu computador. – Disse para você passar lá na sala dele porque precisava falar com você.

Revirei os olhos. Minha mãe deveria ter falado que eu não atendi as ligações e agora ele queria se certificar que eu estava viva, ou então falar que seu curto relacionamento com a secretária deu errado e pedir conselhos para superar a fossa, como se eu realmente soubesse alguma coisa de superação.

– Vou lá falar com ele então... – resmunguei fazendo um gesto em direção ao elevador. – Avisa para o chefe.

– Tá bom.

Voltei ao elevador e desci dois andares, saindo no corredor da empresa de meu irmão e rezando para não encontrar Arthur por ali, o que era irônico já que a empresa também era dele e a possibilidade de não encontrá-lo era mínima.

– Oi, Verônica – cumprimentei a secretária e minha antiga companheira de almoço. – Posso falar com meu irmão?

– Claro, ele está na sala dele.

Ela sorriu quando eu estava saindo, parecendo muito animada, e eu balancei a cabeça, voltando a pensar na história dos pares e me recriminando por pensar nisso.

Não me dei ao trabalho de bater na porta, simplesmente entrei e fiquei espantada. Parecia que tinha passado um furacão por ali, tinha papel para todo lado, como se alguém os tivesse empurrado de cima da mesa para o chão.

– Oi. – Falei ao ver meu irmão sentando atrás de sua mesa, agora vazia.

Matheus estava com o rosto escondido nas mãos e quando ouviu o som de minha voz, me olhou. Seus cabelos estavam muito bagunçados, assim como a roupa, que parecia amassada demais. Será que ele estava se entupindo de uísque barato de novo? Mas se ele estava nesse estado, porque a secretária, seu novo alvo, parecia tão feliz?

– Está tudo bem? – Perguntei parando em frente a sua mesa, tentando avalia-lo mais de perto.

– Depende – ele se levantou. – Quando você pretendia me contar?

– Contar o quê?

Meu irmão deveria estar bêbado, porque agora andava em círculos e não parava de tentar afrouxar a gola da camisa.

– Contar que estava dormindo com Arthur.

Foi como se eu tivesse ganhado um soco no estômago. Todo o ar ficou preso em minha garganta e eu ouvi o baque surdo de minha bolsa caindo no chão. Balancei a cabeça, sem acreditar no que tinha acabado de ouvir, eu deveria ter ouvido errado. Não tinha como ele saber.

– Perdeu a língua agora, Melanie?

Ele parou de andar e me olhou, parecendo prestes a pular por cima da mesa e me chacoalhar.

– Não... Não sei do que está falando.

Neguei, mas minha voz trêmula devia ter me entregado, porque Matheus simplesmente cruzou os braços e continuou me olhando.

– Ah, não sabe? Então você nunca bancou a vagabunda e foi para a cama dele?

As palavras de Matheus pareceram me atingir como raios e senti minha garganta travando o ar mais uma vez.

– Não tente negar, Melanie, eu sei a verdade e só fico admirado de ver que não tem limites. Eu tentei colocar alguma coisa nessa sua cabeça

oca e tentei não ligar para a cama de quem ia, até ignorei os boatos, mas dormir com Arthur, aí já foi demais.

Balancei a cabeça, sem saber mais o que estava negando.

– Eu não sou uma vagabunda – consegui dizer, com voz esganiçada. – Acho que deveria me respeitar.

Matheus estreitou os olhos, parecendo um poço de sarcasmo, ele me olhava como se eu fosse algo repugnante.

– Como que eu vou respeitar alguém que não se dá ao respeito?
– ele andou em minha direção, parando na minha frente. – Você nunca vai ter limites e tomar juízo?

– Eu me dou ao respeito – retruquei, sentindo meus olhos arderem.

– Não parece, porque age como se fosse uma...

Ele não pode terminar de falar porque o barulho da porta sendo aberta com violência o interrompeu.

– Eu juro que se você chamar ela do que chamou antes, você não vai ficar vivo para contar a história.

Virei-me ao ouvir a ameaça e vi Arthur. Ele parecia furioso enquanto atravessava a sala em direção a Matheus. Dei um passo para trás quando ele parou ao meu lado.

– Não venha me ameaçar. – Matheus chegou perto de Arthur, fazendo com que eu fosse para trás e caísse sentada na cadeira.

– Eu vou quebrar a sua cara se ofendê-la mais uma vez – retrucou Arthur chegando mais perto dele, fazendo meu sangue gelar.

– Não venha fazer de conta que se importa com minha irmã. Você foi mais um dos canalhas que a levou para cama, então não volte a falar que se importa com ela.

Eles se encararam como se estivessem em um ringue, e eu agarrei os braços da cadeira, sem saber o que fazer.

– E não venha também querer defender a honra inexistente dela – continuou Matheus. – Nós tínhamos um trato e você o descumpriu. O que tinha na cabeça? Ela é minha irmã, será que não podia se controlar?

Arthur cruzou os braços, parecendo mais zangado ainda.

– Eu deveria quebrar cada osso seu por usá-la como uma de suas vagabundas. – Matheus deu um passo à frente, agarrando Arthur pela gola da camisa, me fazendo levantar de susto. – Qual foi à desculpa que deu para dispensá-la? Que não queria compromisso, ou que não poderia continuar a me fazer de bobo? Porque se ela tem culpa por ser uma cabeça oca, você tem o dobro por saber disso e ainda dormir com ela.

Olhei para meu irmão, ele estava muito bravo e agora voltava sua raiva para Arthur, como se só ele fosse o culpado de tudo e não eu, como estava fazendo parecer antes.

– Eu não a dispensei – Arthur retorquiu empurrando Matheus e se livrando dele com facilidade. – Ela me dispensou.

– Ah, e ainda tem a cara de pau de colocar a culpa na minha irmã? – Matheus ficou mais furioso e voltou a puxar Arthur pela gola da camisa, como se quisesse sufocá-lo.

Resolvi resolver as coisas de uma vez, não podia ficar assistindo a tudo. Se as coisas continuassem assim, logo eles começariam a rolar pelo chão.

– Será que dá para me deixarem falar? – Perguntei saindo da frente da cadeira e parando ao lado deles.

– Não! – gritaram ao mesmo tempo.

– Mas eu vou falar mesmo assim! – Gritei, sentindo as lágrimas transbordarem de meus olhos e escorrerem por minhas bochechas. – Eu armei para cima dele e a culpa é minha, agora parem.

Meus lábios começaram a tremer e os dois me olharam, fazendo com que eu tremesse ainda mais.

– A culpa é toda minha – continuei, falando a verdade pela primeira vez. – Eu tentei ficar com Arthur, mas ele disse não e eu armei para cima dele. Eu praticamente o forcei a dormir comigo. Se tem alguém para acusar Matheus, me acuse.

Matheus soltou Arthur e deixou os braços cair ao lado do corpo.

– Isso é mentira. – Arthur disse me olhando. – Ela não me forçou a nada, eu fiz porque quis!

Matheus olhou de Arthur para mim e de mim para Arthur, como se não soubesse em quem acreditar.

– Eu o seduzi – admiti encolhendo os ombros, não querendo fazer com que saíssem no soco por um erro meu. – O deixei no limite.

– Por quê? – Meu irmão perguntou, tentando soar calmo, mas parecendo ainda raivoso demais.

Cruzei os braços. Eu nãoalaria a verdade, não podia confessar ali meus reais motivos, isso só tornaria tudo mais complicado. Arthur sempre me protegeu e tinha chegado a hora de eu fazer a mesma coisa por ele porque, independente de tudo, Matheus iria continuar sendo meu irmão, já Arthur poderia perder o melhor amigo, que era uma das poucas pessoas que ele podia contar já que seus pais viviam viajando e ele era emancipado desde os dezesseis anos. Isso não seria justo com ele.

– Porque... – Respondi, juntando toda a coragem necessária e mantendo os olhos em meu irmão. – Ele era o único que eu não podia ter e eu já estava ficando cansada dos outros, então decidi que Arthur seria meu e o manipulei como se fosse um boneco Ken e caso você não tenha entendido ainda: Eu fiz isso mais de uma vez, mas agora cansei.

Cada palavra que eu disse me dilacerou por dentro. Tive que cravar as unhas na palma das mãos e prender a respiração para não começar a chorar.

Matheus ficou me olhando, parecendo atônito demais para responder. Voltei meus olhos para Arthur e vi que ele me encarava como se

não acreditasse em nada do que eu disse, mas eu não daria chance para ele retrucar:

– Arthur não mentiu quando disse que eu o dispensei. Eu realmente fiz isso porque cansei dele, não queria, e não quero, nada com ninguém.

Matheus olhou para Arthur e eu fiz o mesmo. Ele me olhou, parecendo magoado e aquilo doeu tanto que eu tive vontade de me encolher.

– Você agiu como uma vadia. – Matheus finalmente falou. – Você...

Meu irmão não terminou de falar porque Arthur se virou pra ele e lhe deu um soco no queixo, o fazendo cair de costas na mesa.

– Eu te avisei que se a chamasse disso de novo apanharia! – Ele gritou puxando meu irmão pela camisa, pronto para lhe bater de novo.

– Parem! – Gritei mais alto que ele. – Vocês estão agindo como dois babacas e por algo sem importância alguma.

– Você dormir com o babaca aqui não tem importância? – Perguntou Matheus, se livrando de Arthur.

– Não, não tem importância alguma porque já passou e não vai voltar a acontecer!

– Eu espero isso. – Matheus empurrou Arthur e saiu de cima da mesa. – Porque se acontecer, quem quebra cada osso dele sou eu.

– Não vai precisar – retuquei pegando minha bolsa no chão. – Eu já disse que me cansei dele.

– O boneco Ken aqui já ouviu isso Melanie – Arthur falou cruzando os braços. – Então não precisa ressaltar suas habilidades de megera manipuladora.

Arregalei os olhos, chocada pelas palavras dele, mas sabendo que merecia cada uma delas.

– Ótimo – coloquei a alça da bolsa no ombro. – Já estava ficando ridículo brigarem por minha honra inexistente.

E diante do olhar chocado deles, sai da sala, prendendo a respiração e sentindo cada pedaço de meu coração ser triturado, como se tivesse sido colocado no liquidificador, mas tentando chegar ao elevador antes de desmoronar completamente.

Capítulo 38

Desmoronando

Não aguentei chegar ao elevador, já estava chorando quando passei por Verônica, que disse alguma coisa que eu não compreendi. Quando entrei no elevador, eu nem conseguia mais respirar de tanto que chorava, o que deve ter assustado o coitado do cara que estava saindo, porque ele perguntou se eu estava bem e depois de não ouvir uma resposta, saiu resmungando.

Não era que eu não pudesse ser capaz de mentir de novo e falar que estava bem, mas em algum momento entre as palavras de Arthur e a saída da sala de meu irmão, eu me perdi um pouco. Era como se eu estivesse desmoronando. Até minhas pernas pareciam fracas, eu mal aguentei ficar de pé no elevador.

Também não sabia mais o que fazer, tudo estava meio desfocado devido às lágrimas e ao que tinha acabado de acontecer. Então não foi surpresa alguma quando eu sai do elevador e entrei onde trabalhava. Eu queria me esconder em um canto qualquer e desaparecer.

– Santo Deus, Melanie, o que aconteceu?

Senti alguém segurar meus ombros e tentei secar os olhos com as costas da mão, vendo Mariane um pouco desfocada.

– E... Eu...

Tentei falar, mas saiu soluços ao invés de palavras e Mariane começou a me puxar em direção a sua mesa, me forçado a sentar na cadeira e se ajoelhando na minha frente.

– Respira fundo e tenta me falar, eu não estou entendendo nada. Alguém te atacou? Você brigou com seu irmão?

Sacudi a cabeça, tentando respirar fundo, mas sem realmente

conseguir, parecia que tinha algo apertando minha garganta, também não conseguia parar de tremer.

– O que está acontecendo?

Levantei a cabeça e vi René parando ao lado de Mariane, eles me olhavam, parecendo preocupados.

– Eu não sei – Mari respondeu e abriu uma gaveta, pegando uma caixa de lenços e me entregando. – Ela foi falar com Matheus e voltou assim.

Aceitei o lenço que ela me ofereceu e sequei os olhos, tentando parar de chorar.

– Acho que eu imagino o que aconteceu – falou René passando o braço por cima dos ombros da namorada.

Respirei fundo duas vezes antes de conseguir encontrar forças para me levantar. Não queria ficar ali, vendo os dois com uma preocupação excessiva e sem conseguir explicar nada direito porque só conseguia chorar como uma fracassada.

– Acho melhor a gente te levar para casa, Mel – René disse quando eu tentei passar por eles. – Tira o dia de folga, ou quantos precisar.

– Isso. – Mariane concordou. – Eu fico com você hoje e conversamos, se você quiser falar.

Concordei e Mariane pegou sua bolsa e a minha, me puxando pela mão até o elevador. Eu me deixei ser conduzida, sem forças para nada.

– Você está bem? – Mari perguntou depois que chegamos à garagem e eu consegui parar de soluçar.

– Não sei – murmurei encarando o chão.

Ela fez uma expressão de pena e continuou me arrastando. Paramos ao lado de um Range Rover branco e Mariane abriu a porta de trás, esperando que eu entrasse para então fechá-la e sentar no banco da frente.

Continuei em silêncio durante o caminho, ouvindo Mariane

explicar a René o endereço de meu apartamento e dizendo que ficaria comigo por umas horas, já que eu parecia prestes a ter um colapso nervoso. Não fiz objeções porque me sentia sem forças até para isso, como se a mentira que contei estivesse me sugando.

Quando René nos deixou em frente ao meu prédio, Mari o beijou e nós saímos do carro.

– Você tem a chave né? – Ela perguntou enquanto passávamos pela portaria.

– Tá na bolsa – murmurei secando os olhos com o lenço, pela décima vez em menos de dois minutos.

Mariane mexeu em minha bolsa e pegou a chave. Entramos no elevador e eu continuei em silêncio, me sentindo cansada demais, como se tivesse sido atropelada por um caminhão.

Entramos no apartamento e eu sentei no sofá e fiquei encarando a parede descombinada, sentindo certo conforto de estar em casa.

– Você quer conversar sobre o que aconteceu? – Perguntou Mari, sentando ao meu lado e segurando minha mão.

Respirei fundo algumas vezes antes de conseguir pronunciar a primeira palavra:

– Matheus descobriu que eu dormi com Arthur e brigou com nós dois e eu assumi toda a culpa.

Mariane arregalou os olhos e apertou minha mão, deve ter tomado um susto com minha revelação, mas antes que ela pudesse fazer perguntas, eu contei tudo o que tinha acontecido, desde minha chegada a empresa de meu irmão, passando pelas discussões e finalizando com minha mentira.

– Então você mentiu para seu irmão para defender Arthur? – Ela perguntou quando eu terminei de contar tudo.

– Sim, eu não podia dizer a verdade, entende? Não podia dizer

que gostava de Arthur porque isso só complicaria as coisas para nós dois, então eu disse que armei tudo, defendi Arthur pela primeira vez na vida. Vai ser mais fácil para eles desse jeito, eu viro a vadia e eles não brigam.

Mariane soltou minha mão e se levantou.

– Acho que sua intenção foi boa, mas ela não quer dizer que você gosta dele, quer dizer que o ama o suficiente para abrir mão dele, porque foi isso o que fez, você não enganou só Matheus, você fez Arthur acreditar nisso também.

Concordei, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas novamente.

– Nós não ficaríamos juntos de qualquer forma – justifiquei enquanto chutava minhas sapatilhas para longe e tirava meu casaco. – Arthur cairia na real, eu só antecipei isso.

Mari parou de andar e me olhou, parecendo não acreditar no que tinha acabado de ouvir.

– Eu não acho isso.

– Mas agora não faz mais diferença. As coisas já aconteceram Mari, não podemos consertar tudo.

Ela fez um gesto com a mão, indicando que estava contrariada, eu só balancei os ombros e me encolhi no sofá, querendo ficar pequena para aquela dor enorme não caber mais em mim, mas sabia ser impossível, quando fazemos escolhas temos que viver com elas e eu teria que viver com o fato de ter destruído tudo de bom que tive com Arthuro e de continuar fazendo meu irmão acreditar que eu era uma vagabunda. Eu não sabia qual dos dois me magoava mais, talvez Arthur porque Matheus um dia esqueceria isso, eu era irmã dele no final das contas, mas Arthur não porque eu disse que o usei e ninguém ficaria perto de uma pessoa assim.

Eu tinha tentado fazer a coisa certa ao assumir a culpa, eu queria salvar a amizade deles, mas ninguém pareceu entender. Mariane ficou resmungando que a verdade consertaria tudo de qualquer modo, mas eu

não entendia como, porque eu não podia simplesmente dizer que fiz tudo por amor, estaria colocando Arthur em uma situação ruim por não sentir o mesmo por mim.

Por fim, depois de alguns resmungos e outra crise de choro, eu e Mariane fomos para meu quarto e ficamos deitadas em minha cama, encarando o teto e sem dizer palavra alguma. Ela não deveria saber o que dizer, porque diferente de Ramona, Mari não saia acusando as pessoas de insegurança, ela tentava ser mais suave, mas deixou transparecer que não gostou de minha atitude.

Ao meio dia, comemos miojo e voltamos a deitar. Mariane disse que ficaria comigo até o horário da faculdade e quando eu disse que não iria, ela deu de ombros e falou que não iria também.

– Você pode ir Mari. – Falei ainda olhando para o teto. – Vai se bom eu ficar sozinha.

– Eu não acho isso. – Ela contestou. – Você parece triste demais para falar, mas isso não quer dizer que não seja minha obrigação de amiga ficar ao seu lado.

– Você vai perder aula e tem René.

Ela bufou e pegou o celular embaixo do travesseiro.

– Neste momento ele está se entupindo de café em uma reunião com o pai dele a respeito de gastos e quando eles começam com isso, vão longe porque se matam e bebem vinho caro para se desculpar.

– Ah, belo jeito de resolver as coisas. Ter uma garrafa de vodka agora iria bem.

– Nem pense em ficar bêbada, Melanie – ela me censurou.

– Estava brincando, Mari.

– Sei.

E estava mesmo, não tinha intenção nenhuma de encher a cara, já passei dessa fase há muito tempo, eu só ficaria com uma ressaca danada

e mais dor no coração.

Iria dizer para Mariane ir para casa mais uma vez, porém a campainha tocou e ela me ignorou e foi atender.

– Onde está Melanie Beatriz, Mariane?

Pulei da cama ao ouvir a voz de minha mãe. O que ela estava fazendo aqui? Ela nunca vinha sem avisar porque não queria invadir minha vida. Pensei em me esconder embaixo da cama, não estava a fim de conversar com ninguém neste momento.

Mamãe entrou em meu quarto acompanhada de Mariane. Estava muito bonita usando um vestido azul, meia calça preta e sapatos da mesma cor. Os cabelos loiros caíam em ondas em cima dos ombros, mas sua expressão era zangada e em sua mão havia uma sacola pequena.

– Nem pense em me dispensar, menina – ela disse de maneira grosseira, me entregando a sacola e sentando ao meu lado na cama. – Seu presente, que eu trouxe do sul, é um perfume.

Abri a sacola e vi uma caixa rosa com Jimmy Choo escrito em preto. A abri e senti o cheiro do perfume, era maravilhoso.

– Você não atendeu minhas ligações, me ignorou completamente – ela começou a me censurar, tirando o perfume de minha mão e o colocando no criado mudo. – Simplesmente abandonou sua velha mãe, fiquei com medo de te achar em algum buraco.

Mariane cobriu a boca com a mão e saiu do quarto, acho que para rir de mim na sala.

– E agora... – continuou minha mãe, parecendo mais zangada ainda. – Seu irmão chega em casa, com a cara arrebatada, e diz que saiu no soco com Arthur por sua causa e que além de tudo, você usou o garoto. Isso é verdade Melanie Beatriz?

Encolhi-me, era óbvio que isso chegaria aos ouvidos de minha mãe. Matheus nunca foi capaz de manter a língua dentro da boca.

– É. – confirmei. – Mais ou menos.

Mentir para meu irmão era fácil, mas eu não achava justo fazer a mesma coisa com minha mãe, ela era meu refúgio.

– Querida... – ela chegou mais perto de mim, passando o braço por cima de meus ombros e me puxando para perto. – Quando você disse que perdeu a virgindade com um garoto, que não quis me dizer o nome, estava falando de Arthuro?

– Estava.

Mamãe arregalou os olhos e praticamente me puxou para seu colo.

– E você armou para cima dele, como seu irmão disse?

– Armei.

– Melanie Beatriz! – Minha mãe me afastou bruscamente. – Você usou Arthur? O garoto sempre fez de tudo por você. Como pode?

Senti meus olhos se encherem de lágrimas e balancei a cabeça.

– No começo foi assim, mas então eu descobri que gostava dele, sempre gostei, e a gente ficou mais algumas vezes, mas não dava certo e então Matheus descobriu e eu menti que armei tudo. Assumi a culpa porque não queria que eles brigassem. A senhora sabe que Matheus é como um irmão para Arthur e que eles não podem acabar com isso por minha causa.

Minha mãe mordeu o lábio, parecia mais perdida do que eu.

– Você assumiu a culpa e mentiu?

– Sim.

– Melanie, não adiantou porque eles praticamente se mataram. Seu irmão disse que não quer mais ver Arthur por sua causa, acha errado o amigo ter ficado com você. Eles tinham um trato e Arthur o descumpriu.

Fechei os olhos, exausta de todas as formas possíveis. Eu ter assumido a culpa não resultou em nada então.

– Essa sua pose de vadia falsa... – continuou minha mãe. – Nunca te levou a lugar nenhum.

– Eu sei.

Minha mãe iria falar alguma coisa, mas a campainha tocou e menos de um minuto depois, Mariane apareceu no quarto.

– Tem alguém aí querendo falar com você – ela disse com uma expressão esquisita.

– Quem?

– Vai lá ver.

Revirei os olhos e levantei da cama, secando o rosto com a manga da camiseta.

– Você poderia falar que eu não estava em casa – resmunguei passando ao lado dela, que sentou nos pés de minha cama.

Mariane balançou os ombros e eu sai do quarto e fui para sala, tomando um susto assim que vi quem estava sentado em meu sofá.

Arthur se levantou quando me viu e eu tomei outro susto. Ele estava vestindo camiseta branca e calça jeans, mas a camiseta estava com marcas de sangue, que provavelmente deveria ser de seu rosto já que seu lábio estava inchado e o olho esquerdo estava começando a ficar arroxeadado, tinha também um corte na sobrancelha direita.

– Ah, meu Deus! – Exclamei quando vi seu estado, praticamente correndo até parar na frente dele. – O que ele fez com você?

Arthur arregalou os olhos quando eu fiquei na ponta dos pés e segurei seu rosto entre minhas mãos, me esquecendo de todas minhas mentiras, preocupada demais com seu estado para pensar no que isso deveria significar.

– O mesmo que eu fiz com ele. – Murmurou afastando minhas mãos de seu rosto.

Dei um passo para trás, repelida por seu gesto um tanto quanto

grosseiro. Não que eu esperasse algo diferente, na verdade eu nem esperava que ele viesse aqui e nem sabia o porquê dele estar parado na minha frente.

– Eu vim aqui.... – ele disse, como se estivesse lendo meus pensamentos. – porque apesar de tudo o que jogou na minha cara, eu não consigo acreditar.

Foi como se ele tivesse me dado um soco no estômago. À medida que a dor aumentava meu ar se esvaia. Arthur estava parado a minha frente, dizendo que não acreditava em nada do que eu tinha dito e eu só era capaz de tentar fazer o ar voltar e impedir meus olhos de transbordarem, sem sucesso em nenhuma das duas coisas.

– E eu também queria dizer que fui eu que contei a Matheus sobre a gente.

– Por quê? – Perguntei com a voz esganiçada, sem entender mais nada.

Arthur cruzou os braços e me olhou como se eu tivesse algum problema mental.

– Você jura que não sabe o motivo?

– Não. – Neguei balançando a cabeça. – Se sentiu culpado?

Arthur deixou os braços caírem ao lado do corpo, como se estivesse cansado a ponto de não conseguir mais se manter em pé. Tive vontade de forçá-lo a sentar e então cuidar de cada machucado dele, mas ele não me deixou nem tocá-lo, então também não me deixaria fazer isso.

– Às vezes eu acho que você é muito tola – ele resmungou.

– Você que fala para meu irmão que dormiu comigo e eu que sou a tola? – Indaguei cruzando os braços, sem entender onde ele queria chegar com tudo aquilo.

– Eu falei isso porque estou apaixonado por você!

Arthur gritou isso e eu me esqueci de como se falava, chocada

demais para fazer algo além de ficar com a boca aberta, como um peixe fisgado.

– Mas então você vai lá e esmaga a porcaria do meu coração ao gritar para meio mundo que me manipulou e faz com que eu me sinta como um tolo!

Arthur deu um passo à frente, deixando seu rosto a centímetros do meu.

– Eu estou apaixonado por você e não desejaria isso nem a meu pior inimigo porque é horrível. Você sempre me abandona, quando eu acho que finalmente as coisas vão dar certo e me sinto feliz, você vem com um monte de suposições e desculpas. Seu medo era Matheus, eu o enfrentei, eu apanhei por sua causa e ouvi palavras horríveis do meu melhor amigo e o que me dá em troca? Diz que eu fui a porcaria do seu boneco Ken!

Meus lábios começaram a tremer e eu tive que fazer muita força para não começar a chorar como uma fracassada, porque enquanto ele gritava confissões em minha cara, eu percebia que tinha estragado tudo.

– Sabe o que eu percebi com tudo isso? – Arthur perguntou, com a voz mais baixa, parecendo desesperado. – Que eu pularia na frente de um trem por você, que eu seria capaz de ir ao fim do mundo só para te ver feliz, mas você não faria o mesmo por mim.

Arthur passou a mão nos cabelos e deu um passo para trás, eu abri a boca para falar, mas ele ergueu as mãos.

– Não fale nada. – Ele deu outro passo para trás. – Eu me lembro de que cada vez que eu te via triste, eu me sentia triste porque me machucava também. Eu demorei a perceber as coisas, eu neguei tudo que estava sentindo, mas eu não conseguia, e nem consigo, olhar em seus olhos e mentir e é por isso que eu estou te dizendo tudo e indo embora, porque eu cansei de sentir sozinho.

Ele virou as costas e foi em direção à porta, eu dei um passo à frente.

– Arthur...

– Não ouse falar comigo Melanie. – Ele disse sem se virar. – Eu não quero ser digno da sua pena. Eu cansei de perseguir o vazio que você deixa.

Ele abriu a porta e saiu e eu caí de joelhos no chão, soluçando mais alto do que imaginava ser possível, sentindo meu coração ficar ainda mais estilhaçado. Eu só conseguia chorar, nem respirar mais conseguia.

– Ah, meu Deus, Melanie.

Ouvi a voz de minha mãe e senti seus braços ao meu redor, o que só fez com que eu chorasse ainda mais, como se eu pudesse me desmanchar.

– Eu ouvi tudo – Mariane sentou ao meu lado também. – E acho que isso acaba com suas dúvidas sobre ele não sentir nada por você e se cansar.

Não disse nada e continuei com o rosto escondido no colo de minha mãe, que começou a acariciar meus cabelos.

– Eu sempre soube que você era apaixonada por ele. – Ela segurou meu queixo, me fazendo olhar para seu rosto. – Eu e seu pai achamos que passaria, você tinha treze anos e o olhava com adoração.

Balancei a cabeça, concordando.

– Eu nunca o esqueci. – Admiti. – Eu tentei mãe, mas descobri que cada coisa que fazia era para esquecê-lo, foi por isso que ganhei fama de vadia. Isso me afastou de Arthur o suficiente para eu achar que não sentia nada.

Ela balançou a cabeça, como se finalmente tivesse entendido as coisas.

– Seu irmão também acreditou nisso.

– Sim e eu me aproveitei disso e menti sobre Arthur. Eu não queria que eles brigassem, eles são como irmãos e eu achei injusto isso,

mas não deu certo, eles estão brigados e machucados e eu magoei Arthur.

– Acho que entre você e Arthur sempre teve insegurança além de tensão. – Observou Mariane, ela estava segurando minha mão, tentando me consolar. – E depois que vocês ficaram, isso só aumentou e você preferiu fugir a conversar com ele.

– Isso é minha culpa. – Mamãe interveio. – Eu, seu pai e Matheus sempre te protegemos, enfrentamos os medos por você e agora que é adulta, independente, não sabe lidar com as situações.

Balancei a cabeça, concordando. Ela tinha razão, eu era insegura, quando vinha algum desafio eu me escondia e não o enfrentava, como tinha acontecido hoje de manhã. Se eu tivesse falado a verdade as coisas não estariam essa bagunça. Eu não teria magoado Arthur, meu irmão e me magoado.

– Está na hora de você crescer, Melanie – disse minha mãe de uma maneira delicada. – Enfrentar os desafios da vida. Tudo tem um porquê, eu aprendi isso quando só brigava com seu pai. Eu era como você, fugia das coisas e isso me fez quase destruir meu casamento. Uma boa conversa pode salvar muita coisa, mas mentiras, ou concordar com elas, destroem tudo.

– Isso é verdade. – Mariane concordou. – Eu quase perdi René e foi você mesma que me fez enfrentá-lo, dizer o que sentia e esclarecer tudo, e hoje estamos felizes. Não tenha medo de tentar Mel e nem se arrependa disso, a gente se arrepende do que pensou em fazer.

Sequei os olhos com as costas da mão, entendendo onde elas queriam chegar.

– E enfrente todo tipo de desafio, meu anjo – minha mãe secou meu rosto. – Não só com Arthur e seu irmão, mas seu futuro também. Pense no que quer para você. Está há dois anos na faculdade e ainda não sabe se é isso que quer, pense e veja no que vai fazer daqui para frente. Toda essa bagunça vai te render bons frutos. Não se torne vítima das circunstâncias.

Fique triste, se entupa de chocolate, mas levante, coloque seu melhor vestido e enfrente tudo de cabeça erguida.

Balancei a cabeça, cansada demais para falar.

– Agora venha. – Mamãe levantou e me puxou junto. – Eu vou te colocar na cama e quero que pense em tudo que eu e Mari te falamos. Eu vou para casa, cuidar da cara de seu irmão e dar a bronca nele, e vou te ligar amanhã de manhã e quero uma resposta para tudo o que conversamos.

Concordei e deixei que ela me levasse para o quarto, me colocasse na cama e me cobrisse como se eu tivesse dez anos.

– Vou ficar com você – Mari deitou ao meu lado.

– Obrigada. – Agradei olhando para as duas. – Vocês estão me ajudando muito.

– Nós queremos o seu bem. – Minha mãe beijou minha testa. – Até amanhã e eu te amo, independente do que escolher fazer com sua vida.

– Eu também te amo.

– Ah, eu também te amo tia – disse Mariane, fazendo com que eu sorrisse pela primeira vez naquele dia.

– Eu também querida – minha mãe deu um beijo na cabeça dela. – E se cuidem.

Concordamos e ela saiu. Eu e Mari ficamos em silêncio e não demorou para o sono me vencer, eu estava exausta de todas as formas possíveis.

Capítulo 39

Lois Lane

Não dormi por muito tempo, acho que não passou de vinte minutos, mas isso foi o suficiente para eu descansar um pouco, levantar e ir tomar um banho. Precisava colocar as coisas em ordem, me organizar e ver o que faria. Minha mãe tinha razão, eu não poderia me esconder embaixo da cama para sempre, por mais que tivesse vontade e fosse infinitamente mais fácil.

Avisei Mariane que iria tomar banho, peguei um pijama no guarda-roupa e fui para o banheiro. Fiquei algum tempo sentada embaixo da água quente, tentando colocar meus pensamentos em ordem.

Eu ainda não conseguia acreditar nas palavras de Arthur e só de me lembrar delas, da mágoa em seus olhos quando confessou tudo, eu sentia como se estivessem minúsculas agulhas sendo cravadas em meu coração. Eu havia mais uma vez estragado tudo, tinha tentando deixar de ser Lois Lane, tentando bancar o Super-Homem e salvar o dia, mas tudo o que consegui foi criar mais confusão, magoando Arthur e o fazendo sair no soco com meu irmão, como se fossem dois garotos inconsequentes.

Passei tanto tempo acreditando que nunca seria correspondida, que só conseguia pensar em guardar tudo pra mim, em seguir em frente, mas a verdade é que andei em círculos. Virei algo que não era para esquecê-lo, menti, fiz planos malucos e tudo porque não deixei meu coração falar, guardando tudo aquilo e sendo sufocada aos poucos.

Era fácil ser cabeça oca, não pensar no amanhã e aproveitar o momento, só que uma hora à realidade chega, o tempo passa e dois anos desse jeito foi mais do que precisava, foi o suficiente para eu ficar conhecida na faculdade como a garota que transava com os caras em qualquer canto da biblioteca, quando na verdade só tinha ficado com Jean

lá e não passamos das preliminares.

Outra coisa que eu não levei à sério foi a faculdade, passei dois anos empurrando tudo com a barriga e ficando confortável em ser a garota faz-tudo de René, foi somente quando me obriguei a estudar para esquecer os problemas que vi que tinha futuro ali e que não estava perdendo meu tempo. Estava levando choque em cima de choque e minha mãe tinha razão mais uma vez, isso aconteceu para que eu crescesse, não podia mais brincar de ser gente grande, eu tinha que ser e pronto.

Ter bancado a vadia louca não me levou à nada e todas as festas que eu fui, era uma forma de eu tentar preencher um vazio que eu mesma havia criado.

Olhei para meu pulso, para a tatuagem de andorinhas que tinha ali, emoldurando a palavra *Believe*. Eu tinha feito essa tatuagem como um lembrete de que eu era sempre livre e que o segredo de tudo era acreditar. As andorinhas eram vistas como as aves da esperança pelos marinheiros, além de símbolo da liberdade, cada vez que elas surgiam no horizonte era sinal de que eles estavam chegando em terra.

Infelizmente eu fiz tudo ao contrário do que tatuei, acreditei em minhas inseguranças e fiquei presa a elas, imaginando que seria livre somente quando esquecesse Arthur, quando na verdade me preendi em todas as maluquices para tentar me livrar disso.

Terminei de tomar banho, vesti meu velho pijama de flanela, e sai do banheiro. Voltei ao quarto, peguei meu diário meio desfigurado na bolsa, e comecei a escrever. Mariane estava dormindo e o silêncio foi bom para eu colocar meus pensamentos em ordem.

Depois que terminei de escrever tudo o que tinha acontecido, e o que pretendia fazer, fiquei olhando para o teto e me lembrando de cada palavra de Arthur e de como cada uma tinha ficado cravada em meu coração.

“Eu cansei de perseguir o vazio que você deixa.”

Essa frase pequena ficava girando em minha cabeça. Ele não queria perseguir meu vazio, mas eu passei minha adolescência perseguindo o dele, tentando me conformar que cada gesto era tudo o que teria e que o amor que sentia era meu e de mais ninguém. Será que tudo teria sido diferente se eu tivesse falado para Arthur, se não tivesse armado para cima dele?

Ele se apaixonaria pela menina que viu crescer senão tivesse dormido com ela antes disso?

Balancei a cabeça, ciente de que nada disso importava porque a gente sentia o que sentia e nada mudaria isso, como naquele livro de Markus Zusak em que o garoto falou para o irmão algo parecido: Nada separava a gente de cair de cara no chão, mas também havia o impedimento antes da queda.

Acho que eu nunca encontraria as palavras certas para descrever a dor que estava sentindo, eu não sabia se doía por eu amá-lo a ponto de ficar sem ar, ou se por conta de eu ter o magoado em uma tentativa patética de salvar o dia, sem falar em meu próprio irmão e no fato dele achar que eu era uma vagabunda sem coração.

Eu odiava a maneira como tinha partido o coração dele, aquela expressão de resignação e como seus lábios tremeram ao tentar colocar para fora tudo que eu tinha o feito sentir. Eu faria de tudo para consertar, já sabia exatamente tudo que tinha que fazer, mas isso não queria dizer que ele deixaria de ficar decepcionado.

Ramona chegou da faculdade e Mariane e eu lhe contamos tudo o que tinha acontecido, eu até consegui não chorar de maneira patética, e então tivemos aquele momento de meninas, comendo besteiras e tentando afastar todas as coisas que eram dolorosas.

No final funcionou muito bem, encomendamos lanches da

lanchonete do centro, tomamos sorvete com Guaraná, uma péssima combinação, e nós três dormimos na mesma cama, conversando até de madrugada.

Elas aprovaram o que eu pretendia fazer, disseram que era uma atitude madura e que independente do que acontecesse, eu teria a certeza de que era a coisa certa, porque a verdade sempre é o melhor caminho, por mais dolorosa que seja.

Adormeci com essa certeza, mas já era tão tarde quando fomos dormir que quando o despertador tocou, parecia que eu tinha somente fechado os olhos.

– Acorda gente! – Gritei empurrando Ramona para conseguir levantar. – Mari, você tem que trabalhar e Ramona, olha o estágio!

– Calma, Melanie – resmungou Ramona, tentando sair do meu caminho e caindo no chão com um baque surdo.

– Já vou lavar a cara – Mari disse levantando e tentando tirar os cabelos do rosto. – Quem vai primeiro ao banheiro?

– Eu! – Gritei abrindo o guarda-roupa e tentando encontrar a melhor roupa, como disse minha mãe. – Mas eu não tenho nada para vestir.

– Saia daí que eu acho. – Ramona falou isso me empurrando para o lado e vasculhando meus cabides. – Usa essa calça, com esse casaco e o sapato azul de camurça.

Ela jogou as roupas em cima de mim e me empurrou para fora do quarto. Entrei no banheiro e me olhei no espelho, sentindo aquele frio na barriga, coisa característica de quando vamos fazer algo que dá muito medo e a ansiedade começa a tomar conta.

Balancei a cabeça e escovei os dentes, depois vesti a roupa escolhida por Ramona: Calça jeans azul-escuro e casaco preto, justo na cintura e rodado.

Penteei os cabelos e ergui a franja, depois fiz uma maquiagem

leve, composta de rímel e batom Rosa-Pink. Isso destacou minha pele clara, mas não escondeu as olheiras e os olhos inchados.

Verifiquei os cabelos, que estavam lisos e sem graça, como sempre, e sai do banheiro.

– O que acham? – Perguntei entrando no quarto e vendo Mariane terminar de vestir sua roupa.

– Perfeita. – Ela bateu palmas. – Calça o sapato que Ramona sugeriu.

– Eu mandei! – Gritou Ramona, ela deveria estar em seu quarto.

Fui até o guarda-roupa e peguei o sapato de salto fino azul-marinho de camurça. Fiquei um pouco mais alta e isso deveria ser o suficiente para me passar a confiança de que necessitava.

– Tá pronta Mari? – Perguntei depois de ficar alguns minutos me olhando no espelho do guarda-roupa.

– Uhum.

Ela havia voltado do banheiro e agora estava dando um jeito nos cabelos, que para mim estavam ótimos, mas que para ela ainda não era bom o suficiente.

– Vamos senão perdemos o ônibus – avisei pegando minha bolsa ao lado da cama.

– Você não toma café de manhã? – Mari perguntou também pegando sua bolsa.

– Eu não ando comendo muito ultimamente.

– Como se ela já não fosse magra como uma ripa – disse Ramona entrando no quarto, ela ainda nem tinha arrumado os cabelos, mas só porque começava há trabalhar um pouco depois da gente.

– Não dá tempo de a gente comer – constatei puxando Mariane pelo pulso para fora do quarto. – E eu não sou magra que nem uma ripa, tem uma pelanca na minha barriga.

– Uma pelanca que só você vê! – Ramona gritou enquanto nos seguia. – Mas esquece da pelanca e vê se faz as coisas certas, para não ter um ataque de pelancas.

Ela começou a rir de sua analogia sem graça e Mariane a acompanhou, o que me fez revirar os olhos e andar mais rápido, não queria perder o ônibus, seria um dia longo.

– Esse ônibus é sempre cheio assim? – Perguntou Mariane enquanto tentávamos passar a catraca e não cair em cima de um senhor que, pelo descaso da estudante ao lado, estava em pé, mas não bem o suficiente para se manter na posição.

– Têm dias que é pior – resmunguei olhando de cara feia para a garota. – Mas na maioria das vezes têm pessoas educadas para ceder o lugar ao idoso.

A garota me olhou de uma maneira assustada e se levantou, oferecendo o lugar ao senhor cansado, que sorriu para mim em forma de agradecimento. Esperava que essa fosse uma das primeiras coisas certas que faria neste dia.

Continuei naquele esmagamento durante todo o trajeto, eu estava com tanto sono que tive que lutar para manter os olhos abertos, Mariane me cutucou quando chegou nossa vez de descer.

– Estava descansando os olhos – expliquei depois que descemos do ônibus.

– Sei. Do jeito que dormimos pouco, até eu vou descansar os olhos em frente ao computador.

Concordei e fomos para a empresa.

– Você avisa para René que vou me atrasar um pouco? – Pedi enquanto estrávamos no elevador.

– Claro, mas ele disse que você não precisava ir trabalhar, lembra?

– Lembro, mas eu quero deixar de ser a garota faz-tudo. Pensei nisso também e para eu evoluir, tenho que mostrar que sou capaz disso e ficar em casa me lamentando por meus erros não é uma boa forma de provar.

Mariane bateu palmas, parecendo uma menininha feliz.

– Fico feliz que você esteja pensando em seu futuro Mel, sei que tudo que aconteceu foi traumático, mas está te dando uma bela lição.

– Talvez. – Balancei os ombros. – Eu só estou tentando seguir o conselho de minha mãe, falta muito ainda para as coisas estarem no lugar.

– Você já está dando o primeiro passo, poderia estar em casa se lamentando, mas está aqui e isso já é grande coisa.

Concordei e comecei a retorcer os dedos, estava começando a ficar nervosa, já até sentia o suor nas mãos e por baixo dos cabelos.

– Deseje-me sorte, Mari – pedi. – E coragem.

– Você vai conseguir – ela me abraçou. – Você sempre foi mais forte do que julgava ser e isso é só mais um desafio.

Balancei a cabeça e esperei as portas do elevador abrirem no andar da empresa de meu irmão. Acenei para Mari, preendi a respiração e, com passos lentos, me dirigi à recepção.

– Bom dia – falei parando em frente à mesa de Veronica. – Meu irmão está aí?

– Acabou de chegar. – Ela respondeu afastando os olhos da tela do computador. – Se quiser ir falar com ele.

– Claro, vou lá. Obrigada.

Veronica sorriu e eu cravei as unhas nas palmas das mãos enquanto andava até a sala de meu irmão. Parei em frente à porta, tentando colocar os pensamentos em ordem e acalmar meu coração. Quando não tinha mais maneiras de prolongar, bati.

– Entra.

Tremi ao ouvir a voz dele, mas me forcei a abrir a porta e entrar na sala, que estava em ordem, com os papéis em cima da mesa e Matheus sentado atrás dela, com os cabelos perfeitamente penteados e o olho esquerdo roxo, mas nenhum hematoma além deste. Presumi que Arthur tivesse apanhado mais, apesar de ser maior.

– Bom dia – falei com voz esganiçada, apertando a alça da bolsa entre os dedos e andando até parar em frente à mesa dele.

Matheus pareceu surpreendido quando me viu, tanto que soltou a xícara que estava segurando e escancarou a boca.

– Precisamos conversar... – continuei e sentei em uma das cadeiras dispostas. – Civilizadamente.

– Sobre o que ocorreu ontem, presumo.

Revirei os olhos e joguei a bolsa no chão.

– Não tente bancar o homem de negócios comigo, Matheus Guilherme, e pare de me olhar dessa maneira superior. Você gostando, ou não, sou sua irmã.

Ele arregalou os olhos e apoiou os cotovelos na mesa.

– O que quer falar?

Respirei fundo e repassei o discurso em minha cabeça pela milionésima vez.

– Quero falar sobre o que aconteceu ontem, mas a verdade.

Matheus balançou a cabeça e fez um gesto para eu prosseguir, como se não estivesse muito disposto a me ouvir, isso me irritou, mas me segurei.

– A primeira coisa... – Comecei, sem conseguir parar de me mexer. – É que eu não sou, e nunca fui, uma vagabunda...

– Não é o que os fatos condizem. – Ele me interrompeu, parecendo irritado.

– Que se dane a porra dos fatos! – Explodi. – Você tem que

acreditar em mim e não nos fatos e a verdade é que eu nunca dormi com nenhum daqueles caras que você viu comigo nas festas.

Matheus pareceu chocado, mas eu resolvi continuar e dizer a verdade de uma vez por todas, por mais estranho que fosse falar de sua vida sexual com seu irmão mais velho.

– Eu era virgem. – Confessei, sentindo as bochechas queimarem.
– O único homem com quem dormi foi Arthur.

O rosto de Matheus adquiriu uma coloração avermelhada e ele engasgou e começou a tossir.

– Virgem? – Perguntou quando conseguiu parar de tossir.

– Sim, eu tinha uma reputação ruim. Luiz Otávio a criou e eu não fiz nada para mudar porque estava sendo confortável e isso acabou se espalhando.

Matheus pareceu mais chocado ainda e seu rosto passou de vermelho a branco, como se estivesse prestes a ter um ataque cardíaco.

– O que te falei ontem – prossegui. – Era mentira. Eu não fiquei com Arthur para manipulá-lo, no começo foi vingança, mas eu sempre gostei dele e eu quis defendê-lo da mesma maneira que ele me defendia dos insetos e de você e suas maluquices.

– Caralho! – Matheus disse, sem se importar de falar palavrão na minha frente. – Isso é inacreditável.

– Pois acredite, eu ainda gosto de Arthur e vou continuar gostando e ele também gosta de mim.

Afirmar isso sem me importar com a reação que meu irmão poderia ter, eu estava falando a verdade e nem sempre ela era boa.

– Ele é meu melhor amigo, ou pelo menos era. – Matheus disse, como se isso fosse motivo o suficiente para tudo ser considerado loucura. – E você é minha irmãzinha, ele não pode colocar aquelas mãos dele em você e achar que falando que sente algo vai mudar os fatos.

– Eu sou sua irmãzinha e vou continuar sendo, mas você tem que ver que eu cresci e que tenho minhas escolhas e eu escolhi Arthur, mesmo sem tê-lo, e o fato dele ser seu melhor amigo não vai mudar o que eu sinto.

Matheus balançou a cabeça e eu levantei e fui até ele, o fazendo se virar em minha direção e então me ajoelhando a sua frente.

– Eu sei que você sempre cuidou de mim... – falei apoiando as mãos em seus joelhos. – E que sempre espantou todos os monstros, mas está na hora de eu enfrentar meus dragões e você tem que me apoiar ao invés de lutar no meu lugar.

Ele mordeu o lábio e segurou minhas mãos.

– Não é fácil aceitar isso, Mel – disse de uma maneira mais suave. – Eu fico feliz que toda aquela sua reputação ruim seja mentira e fico mais feliz ainda que esteja assumindo sua vida.

Meus olhos se encheram de lágrimas e eu forcei um sorriso.

– Sei que você sempre me achou uma cabeça oca, mas dessa vez eu tenho certeza do que quero e espero que me apoie nisso também, da mesma maneira que me apoiou quando eu tinha dez anos e queria ser líder de torcida e torcer pelos Digimon, mesmo que eles nem fossem um time.

Matheus começou a rir e eu o acompanhei, sentindo as lágrimas transbordarem de meus olhos e escorrerem por meu rosto.

– Eu te apoio. – Ele apertou meus dedos. – E me desculpa por todas as vezes que eu concordei com os outros e achei que você tivesse rodado pela cidade toda, eu não queria acreditar que minha irmãzinha, que torcia pelo Digimon, pudesse ser tão leviana.

– E no final você estava certo – constatei.

– Estava. – Ele se levantou e me puxou junto. – Só me perdoe por ser um cabeça oca.

Sorri e o abracei bem forte. Matheus era bem mais alto do que

eu e sempre fez com que eu sentisse que era capaz de me proteger de tudo.

– É claro que eu te perdoo, mas você tem que se acertar com Arthur, ele não fez nada mais grave do que eu já tenha feito.

Matheus me afastou com delicadeza e apontou para seu olho machucado, que estava com um aspecto roxo e meio esverdeado.

– Ele me deixou com o olho roxo. – Falou de uma maneira ofendida, o que me fez rir. – E eu mereci o soco e bati nele, então não acho que a gente deva conversar nos próximos dias.

– Eu também fiz coisas ruins e estou aqui hoje, então você também pode se desculpar com ele.

– Você já conversou com Arthur?

– Não. – Admiti, sentindo meu estômago ficar embrulhado. – Mas ainda vou trabalhar nisso.

Matheus forçou um sorriso e me abraçou mais uma vez.

– Você está tomando juízo e na hora certa eu me acerto com Arthur. Ele é praticamente meu irmão, mas eu vou esquecer isso se ele te magoar, não engoli o negócio da virgindade.

Afastei-me dele, sentindo as bochechas arderem.

– Quem o magoou fui eu.

– Mas tenho certeza que vai trabalhar nisso. – Matheus afirmou, parecendo um pouco mais confortável.

– Claro que vou.

Ele concordou e eu o abracei pela terceira vez, feliz de estar fazendo a coisa certa e ter esclarecido todas as coisas.

– Agora eu vou indo e você vê se cria juízo nessa cabeça e não vá ficar magoando a pobre da Veronica, conheço seu tipo.

Matheus se encolheu, fazendo uma careta.

– Até você já sabe disso?

– Sim, mas acho que dessa vez você faz a coisa certa.

Ele balançou os ombros, parecendo despreocupado.

– Quem sabe.

Sorri e me despedi dele, saindo de sua sala com a sensação de dever cumprido e um pouco mais aliviada. Agora só faltava falar com Arthur, o que com certeza era a parte mais difícil de todas, tinha mais coisas a confessar a ele do que tive que confessar a Matheus.

Olhei para os dois lados do corredor, tentando achar a sala de Arthur, mas acabei desistindo e voltei à recepção.

– Sabe onde fica a sala de Arthur? – Perguntei a Veronica, que estava rindo de algo que leu no computador.

– Sei sim, mas ele não vem trabalhar hoje.

– Não? – Senti meu coração murchar um pouco.

– Não, ele ligou e disse que não viria o restante do mês, parece que foi viajar.

– Tá bom, obrigada.

Sai da recepção e fui em direção ao elevador, sentindo o coração diminuir a cada passo que dava. Ele tinha fugido, estava agindo da mesma maneira que eu e agora sabia, devido à experiência, que não era algo agradável. Eu tinha depositado minhas esperanças em um reencontro, não que eu pensasse que entraria na sala e ele me perdoaria, eu só queria falar a verdade, tentar apagar a mágoa que tinha causado, mas nem isso seria possível.

Capítulo 40

O coração nunca mente

“Sem você, me sinto rasgada

Como uma vela em uma tempestade.

Sem você, eu sou apenas uma música triste.”

– Sad Song, We The Kings

Voltei ao trabalho, engolindo o nó gigantesco que se formava em minha garganta a cada passo que dava. Minha vontade era voltar para casa e dormir, mas não podia fazer isso, não podia fugir das coisas e nem do que sentia, eu tinha que enfrentar todos os dragões. O estilo princesa em fuga nunca combinou comigo, me faltava paciência e delicadeza, eu nunca tive pudor para chutar o saco de quem me incomodava e princesas não saem por aí chutando os outros.

– Nossa, você voltou rápido – comentou Mariane quando eu cheguei a recepção.

– Só falei com Matheus – expliquei encolhendo os ombros. – Mas conseguimos nos acertar, eu falei toda a verdade.

– Não teve coragem para falar com Arthur?

– Ele foi viajar.

Mariane sorriu de uma maneira compreensiva e eu resolvi ir trabalhar, não tinha nada que pudesse fazer nesse momento, nada além de ficar sentindo um vazio enorme por ter causado uma confusão.

Enquanto andava até a sala de René, senti meu controle se esvaindo. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu as sequei com as costas da mão antes de abrir a porta.

– Bom dia – falei quando vi René em seu lugar, com os pés em cima da mesa.

– Bom dia – ele disse me analisando. – Achei que não viria trabalhar hoje.

– Eu tenho que trabalhar.

Ele concordou e sorriu, como se estivesse orgulhoso de minha atitude, esperava que isso contasse pontos para quando eu decidisse em qual área do Marketing queria trabalhar, eu me esforçaria para mostrar meu potencial.

– Você tem uma reunião à tarde. – Falei, querendo já deixar a agenda dele organizada antes de passar as outras coisas que teria que fazer. – Ela está marcada na empresa que está solicitando o serviço, quer que continue lá, ou aqui?

– Pode ser lá – René se levantou e pegou um cappuccino na máquina.

Concordei e entrei em minha sala, anotando isso na agenda dele e já ligando o computador. Quando estava organizando algumas pastas, meu celular tocou. Era minha mãe.

– Oi, mãe. – Atendi, segurando o celular com o ombro enquanto tentava ajeitar a trava da pasta.

– Oi, querida. Como você está hoje?

– Tô bem.

Larguei a pasta na mesa e sentei na cadeira.

– Já tomou alguma decisão? – A voz de minha mãe estava suave e isso foi o suficiente para me acalmar um pouco.

– Sim e até já conversei com Matheus. Optei por falar a verdade.

– Isso é ótimo! Então as coisas estão resolvidas?

– Com Matheus sim.

Não consegui mais ficar parada e comecei a me rodear na cadeira.

– Você não conversou com Arthur?

– Não, ele foi viajar.

– Sinto muito, meu anjo, mas acho que ele precisa de tempo tanto quanto você, talvez o melhor seja deixar as coisas esfriarem.

– Acho que sim.

– Eu tenho que fazer um cabelo agora, mas quando estiver livre volto a falar com você. Estou orgulhosa e te amo.

– Eu também te amo, mãe.

Desliguei o celular e apoiei a cabeça na mesa, sentindo uma tristeza que não seria capaz de descrever. Eu não tinha mais lágrimas para derramar, mas mesmo assim, parecia que todo o peso do mundo estava sobre meus ombros e toda a dor alojada em meu coração.

Acho que por mais que o tempo passasse, eu não saberia esquecer a dor de um coração partido, porque nem cola, ou curativo, a fariam ir embora. Durante todos aqueles anos de amor platônico, a dor era uma pequena parte de mim, mas agora parecia que estava tomando conta de tudo.

Tentei mergulhar de cabeça no trabalho, mas não tinha muita coisa a se fazer e quando o horário do almoço chegou, eu já estava com tudo organizado, mas preferi ficar em minha sala mesmo.

Apoiei a cabeça na mesa e fechei os olhos, exausta demais para ir até o refeitório e sem fome o suficiente para engolir a gororoba, também não estava a fim de conversar com ninguém e sabia que Mariane iria tentar me consolar, mas eu não queria ser consolada. Consolo não faria todas as coisas que disse a Arthur desaparecer e nem apagaria a lembrança da mágoa que vi em seu rosto.

Meus olhos foram ficando mais pesados e meus pensamentos dispersos, estava quase dormindo quando senti alguém me sacudir.

– Acorda Melanie!

Ao ouvir a voz de René, abri os olhos e pulei da cadeira, que bateu na parede.

– Desculpa, desculpa! – Falei erguendo as mãos, como se estivesse na frente da polícia.

– Calma. – René pediu. – Não vim brigar com você.

Soltei a respiração de uma maneira ruidosa e olhei para a porta, vendo Mariane encostada no batente. Ela estava toda descabelada e arfando.

– O que aconteceu? – Perguntei, tentando me acalmar. Deveria ser proibido acordar uma pessoa daquela maneira, mesmo que a pessoa estivesse no trabalho.

– É sobre Arthur – explicou Mariane.

– O que tem ele? – Só de ouvir o nome dele, já sentia um frio na barriga.

– Ele me ligou ainda pouco – continuou René. – Para avisar que está indo para o apartamento da família.

– E o que tem isso? – Indaguei, sem entender onde eles queriam chegar com aquela agitação toda, no mínimo Arthur não queria mais ser meu vizinho.

– O que tem... – Mariane passou na frente de René e segurou meus ombros. – Que esse apartamento fica em Londres, Inglaterra!

Arregalei os olhos, totalmente em choque com a afirmação que tinha acabado de ouvir.

– Você tem que impedi-lo. – Disse Mari, sem me dar tempo de assimilar tudo. – Tem que dizer a verdade.

Balancei a cabeça, ainda naquele torpor. As palavras viagem e Inglaterra ficavam girando sem parar por minha cabeça.

– Tem que ser agora! – Exclamou René. – Acho que ele ainda não saiu de casa.

– Tá bom – murmurei balançando a cabeça de um lado para o outro, como um boneco de posto.

– Eu te levo. – René mexeu no bolso da calça jeans e pegou as chaves. – Você fica aqui Mari e liga para o Souza, avisando que eu vou me atrasar.

– Tá bom. – Mari deu um passo à frente e me abraçou. – Boa sorte.

Agradei e segui René para o elevador, enquanto andava tentava

colocar meus pensamentos em ordem. Na última vez que Arthur foi para a Inglaterra, tinha ficado quase dois anos lá e eu não queria ficar longe dele nem um dia, quanto mais anos.

– Tem certeza que ele já não foi para o aeroporto? – Perguntei a René quando chegamos à garagem. Eu tinha socado diversas vezes o botão do elevador e praticamente arrastei René até ali, de tão nervosa que estava.

– Tenho uma quase certeza – ele respondeu destravando o alarme do carro.

– Mas um quase não quer dizer nada! – Entrei no carro e pus o cinto de segurança. – Ele já pode ter ido para o aeroporto e daí a gente vai se desencontrar.

– Melanie... – René me olhou, parecendo tão nervoso quanto eu. – Se formos para o aeroporto e ele estiver em casa, vamos se desencontrar e se formos para o apartamento e ele estiver indo para o aeroporto, vamos nos desencontrar também.

– Então para onde vamos?! – Eu estava nervosa a ponto de tremer só de pensar na possibilidade de não vê-lo mais.

– Para a casa dele. – René decidiu ligando o carro. – Arthur disse que o voo era para as duas e meia e agora é quinze para uma. Ele deve sair de casa à uma hora, o que nos dá quinze minutos.

– Como pode constatar isso?

– Pelo achismo e por já ter pego um avião antes. Essas coisas demoram e meu primo é organizado demais para não ir mais de uma hora antes, além dele dizer que estava fazendo as malas. Eu perguntei.

Não disse nada, só conseguia pensar na possibilidade dele estar indo para longe de mim, de estar acreditando em minhas mentiras... De me abandonar. Lembrei-me da promessa que ele tinha feito quando foi para a Inglaterra pela primeira vez. Arthur disse que iria voltar e que não me abandonaria, mas agora eu não tinha mais essa promessa e ele não tinha nada além de minhas mentiras para levar.

– Não dá para ir mais rápido? – Perguntei quando paramos no semáforo em frente ao prédio em que trabalhávamos. – Cortar caminho?

– Vou tentar – René começou a bater os dedos no volante.

O semáforo abriu e René entrou em uma rua lateral, andando fora do limite de velocidade e continuando desse jeito enquanto entrava em ruas que eu nunca tinha visto. Quando percebi, estávamos a poucas quadras de meu prédio.

– Quanto tempo temos? – Indaguei quando paramos em outro semáforo infernal.

– Menos de dez minutos.

Comecei a roer a unha do polegar, contando os segundos para aquela porcaria ficar verde, mas quando ela ficou, não saímos do lugar.

– O que houve? – Questionei quando ouvi o barulho de buzina e vi que os carros não saiam do lugar.

René não respondeu e abriu o vidro, colocando a cabeça para fora.

– Caralho! – Exclamou voltando para o lugar.

– O quê? – Abri o vidro do meu lado e soltei o cinto de segurança, para ver o que estava acontecendo.

Coloquei a cabeça, e quase meio corpo, para fora, vendo que no cruzamento a nossa frente um caminhão de verduras havia tombado. Pela quantidade de policial, e ausência de barulho, deveria ter acontecido há algum tempo.

– Mas que porra! – Gritei voltando ao meu lugar. – Como vamos sair daqui agora?

– Não tem como, Mel, não dá para voltarmos e nem irmos. É um congestionamento.

Olhei para o lado, vendo vários carros quase se chocando na tentativa de saírem do lugar. Se René tentasse sair dali, iria acabar

causando um acidente.

– Sinto muito Mel. – René se desculpou, me olhando triste. – Mas não vai dar tempo.

Meus lábios começaram a tremer. Não era justo, eu nem tinha tido chance. Eu não o deixaria partir, não sem tentar.

– Eu vou fazer dar. – Disse abrindo a porta do carro. – Eu vou a pé.

– Mas faltam quatro quadras!

– Não importa. Eu vou atrás dele.

René então fez algo surpreendente, ele esticou os braços e me abraçou.

– Então corra. Eu vou ligar para ele e tentar atrasá-lo, não irei falar de você porque isso pode piorar as coisas.

Concordei, nem havia me lembrado de ligar, mas não achava que ele fosse me atender de qualquer forma.

– Vai lá. – Ele me afastou e beijou minha testa. – Arthur gosta de você a tempo demais e você dele, as coisas não tem que acabar desse jeito.

Sorri e sai do carro, mas assim que olhei ao redor e vi os carros quase colados um no outro, percebi que cruzar as quatro fileiras até o outro lado da rua seria praticamente impossível, mas não deixei isso me abalar. Tirei os sapatos de salto e fiquei de lado, passando entre o carro de René e um Uno.

Não tive a mesma sorte com o próximo carro, então banquei a maluca e pulei por cima do capô, deixando meus sapatos cair enquanto deslizava, mas sem me importar com isso. Repeti o mesmo processo e cheguei a pular de cima de um carro para o outro, causando buzina e alguns xingamentos.

Quando pulei de cima do último carro para a calçada, acabei caindo e imediatamente senti as palmas das minhas mãos e o joelho direito

arder, mas não me importei e deixei a dor em segundo plano, só com um objetivo em mente.

Levantei-me e comecei a correr, evitando esbarrar nas pessoas.

– Com licença! – Gritei quando algumas meninas de braços dados surgiram na minha frente.

Elas saíram do meu caminho e eu continuei correndo e pulando por cima de canteiros, ignorando a dor em meus pés quando estes se chocavam com algo pontiagudo. Eu não podia parar, mesmo que minhas costelas já estivessem doendo e minha respiração entrecortada.

Cheguei à esquina de meu prédio, reuni forças, e corri ainda mais rápido, afastando os cabelos que grudavam em meu rosto e dificultava minha visão. A dor em meus pés aumentou quando pisei na calçada em frente ao prédio dele, mas eu não tinha tempo para ver se tinha pisado em algo e só parei de correr quando cheguei à porta da recepção.

Abri a porta e corri até o elevador, socando o botão várias vezes.

– Moça, você não pode entrar aqui.

Olhei para o lado e vi um homem alto com um uniforme azul, ele deveria ser o porteiro.

– Eu tenho que entrar – disse de maneira ofegante. – Preciso falar com ele.

– Com quem? Diga o nome que eu aviso a pessoa.

Abaixei-me e coloquei as mãos nos joelhos, tentando respirar normalmente, mas doía demais.

– Se o... O senhor avisar, ele não vai falar comigo – expliquei me endireitando.

As portas do elevador abriram e o porteiro me olhou, parecendo dividido entre me pressionar para obter informações e me deixar ir.

– Por favor... – pedi, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas. – É muito importante.

– Vá. – Ele deu um passo para o lado. – Mas você não me viu aqui.

Concordei e entrei no elevador, apertando o botão do andar de Arthur. As portas se fecharam e eu olhei para o lado, vendo meu reflexo no espelho. Meus cabelos estavam bagunçados, os olhos inchados e borrados e minha bochecha estava suja de sangue.

Olhei para a palma de minhas mãos e vi diversos arranhões, deveria ser dali o sangue. Curvei-me mais uma vez, tentando diminuir a dor nas costelas. Desta posição consegui ver meu joelho. A calça estava rasgada naquele ponto e o sangue tinha sujado o tecido.

Todos esses arranhões foram esquecidos quando o elevador parou e eu corri para a porta dele, parando em frente a ela sem saber o que fazer. Eu estive focada em chegar, mas não no que falar.

Respirei fundo e decidi quealaria a verdade, a maneira não importava, desde que tudo aquilo saísse de dentro de mim. Com a decisão tomada, toquei a campainha e dei um passo para trás, torcendo para Arthur ainda estar ali.

Cada segundo que passava e a porta não era aberta, fazia meu coração acelerar, como se estivesse sendo o bumbo de alguma fanfarra, eu podia ouvir minha própria pulsação.

Toquei a campainha novamente e comecei a contar para ver se me acalmava, não adiantaria nada ficar gaguejando de maneira patética na frente dele. Cerca de trinta segundos depois, ouvi o barulho da chave sendo girada e a porta foi aberta.

Prendi a respiração, mas não adiantou de nada porque quem estava ali não era Arthur, mas sim uma mulher de cerca de cinquenta anos, com os cabelos pretos presos em um coque e usando um vestido bege de aparência chique.

– Pois não? – Ela disse, me olhando de cima abaixo e se detendo em minha calça rasgada e pés descalços.

– Eu poderia falar com Arthuro? – Perguntei, trocando o peso de um pé para o outro devido à dor nos dedos.

A mulher, que deveria ser a governanta dele e se chamar Grace, me olhou com mais atenção. Perguntei-me se ela agia dessa maneira com todas as pessoas que tocavam a campainha.

– Eu posso falar com ele ou não? – Insisti, ansiosa demais para deixar que ela continuasse me inspecionando.

– Não sei se vai dar tempo de a senhorita falar com ele.

– Senhora... – Dei um passo à frente, refreando o impulso de empurrá-la. – Arthur está aqui, ou não? É muito importante.

– Ele está. – Ela deu um passo para o lado, me deixando entrar. – Mas o menino tem um voo para daqui a pouco, então seja rápida.

Concordei e a ela fez um gesto para eu segui-la. Comecei a andar atrás dela, que entrou no corredor da lavanderia e seguiu adiante, parando em frente à última porta do corredor, onde eu nunca tinha entrado.

– A senhorita quer que eu o avise, ou prefere fazer isso?

Encarei a porta de carvalho, sentindo meu coração se chocar contra minhas costelas e o estômago ficar embrulhado.

– Acho que eu... Acho que não será preciso – balbuciei ainda olhando para a porta.

– Tudo bem – ela deu um passo para trás.

Grace saiu e eu encarei a porta por mais alguns segundos, respirando fundo e colocando a mão na maçaneta, evitando prolongar o momento ao bater, podia perder a coragem se ouvisse a voz dele.

Senti o contato do metal frio contra meus dedos arranhados e tomei coragem, girando o trinco e abrindo a porta, me surpreendendo ao ver uma biblioteca. Dei um passo e entrei, sentindo meus pés tocarem em algo macio. Olhei para baixo e vi um tapete caramelo felpudo.

– Grace, você poderia...

Olhei para cima ao ouvir a voz familiar e vi Arthur sentado em cima do tampo de uma mesa de madeira escura, ele estava um pouco diferente com todos aqueles machucados no rosto e vestindo um blazer azul por cima de uma camiseta branca, também usava calça jeans preta e all star da mesma cor, seus cabelos estavam molhados e meio bagunçados e a barba também estava feita.

Só de olhá-lo já senti uma dor aguda, como se todo o ar tivesse desaparecido, senti até minhas pernas ficarem bambas.

– Melanie. – Ele disse meu nome, fazendo uma careta. – O que está fazendo aqui?

A expressão dele não era nada amistosa e isso fez meu nervosismo piorar, mas respirei fundo e tomei coragem, eu não tinha pulado por cima de carros e me machucado para ficar sem fala.

– Eu vim falar com você – expliquei, satisfeita por minha voz ter saído com clareza, porque de repente minha garganta tinha ficado seca.

– Agora não dá. – Ele saiu de cima da mesa e colocou as mãos nos bolsos da calça. – Estou saindo.

– Eu sei, mas é importante.

Arthur franziu os lábios e me analisou, desde o rosto até os pés descalços e sujos.

– Isso é mais uma de suas armações?

As palavras dele me magoaram, mas eu não iria deixar que isso me impedisse, eu agiria da mesma forma se estivesse no lugar dele, quem acreditaria na falsa vadia manipuladora?

– Eu não estou armando nada, juro – falei dando um passo a frente e me arrependendo, porque a sola de meus pés ardeu.

– Então o que veio fazer aqui? – Perguntou ainda olhando para meus pés.

– Eu vim falar a verdade – expliquei dando outro passo, mas não

ousando ficar perto dele.

– A verdade? – Arthur olhou para meu rosto e eu me esqueci de como se respirava. – A verdade de como usa as pessoas para ter o que quer?

Pisquei algumas vezes, sentindo meus olhos arderem e um nó se formar em minha garganta.

– Não, a outra verdade. – Continuei com voz embargada. – Só me deixe falar e se depois que me ouvir ainda quiser ir embora, tudo bem, eu não farei nada mais para impedir.

Arthur cruzou os braços, parecendo avaliar minhas palavras.

– Você tem menos de cinco minutos – disse de uma maneira ríspida.

– Tudo bem. – Concordei e respirei fundo. – Deixe-me ver... Por onde começo...

– Pelo começo. – Ele me interrompeu. – E você tem quatro minutos, eu preciso pegar um avião.

Ele estava sendo duro comigo e eu quase perdi a coragem, mas meu tempo limitado me fez organizar os pensamentos e contar a verdade desde o princípio.

– Quando eu tinha treze anos... – Comecei, olhando para o chão e não para ele, porque não estava sendo fácil falar. – Eu me apaixonei por você e... E eu fazia de tudo para ficar perto, mas não era algo de que eu me orgulhasse e eu preferi esconder isso porque era algo só meu...

Parei de falar e olhei para Arthur, ele tinha descruzado os braços e estava coçando a nuca, o que fazia com frequência se estivesse nervoso.

– Treze anos? – Perguntou, parecendo muito surpreso.

– Sim. – Confirmei, ainda sem encontrar as palavras certas. – Eu continuei gostando de você durante toda a adolescência, aquele tipo de amor platônico e ridículo, mas então você foi para a Inglaterra e eu resolvi

viver a minha vida e parar de perseguir a sua sombra e foi então que eu comecei a namorar com Luiz Otávio e eu...

Interrompi minha fala mais uma vez e engoli em seco, sentindo certa vergonha de estar confessando tudo, ainda mais porque Arthur ouvia cada palavra, sem desviar o olhar.

– Ele inventou para todo mundo que eu era uma vadia porque não dormi com ele – disse sem tomar fôlego. – E eu ganhei a reputação de ser piriguete e não fiz nada para mudar isso porque era conveniente, eu era convidada para todas as festas e tinha quem eu quisesse.

Arthur começou a tossir, como se estivesse engasgado, e eu tomei fôlego, porque tinha as piores partes ainda.

– Eu... Eu... – Comecei a lutar com as palavras mais uma vez. – Eu comecei a fazer isso para te esquecer e pareceu dar certo, porque eu vivia para ter finais de semanas em balada e ficar bêbada, porém eu não transava com quem eu ficava porque não achava certo ficar com qualquer um, mas então meu professor esquisito disse que tínhamos que aproveitar cada momento como se fosse o último e eu te encontrei logo depois e lembrei de que tudo que queria fazer aos quinze anos era te beijar, mas você não reagiu muito bem... E depois daquilo eu tive a ideia maluca de me vingar de você, juntando isso com o fato de não perder a virgindade com qualquer um e assim ter uma boa lembrança. Então fiz um plano e a primeira parte dele foi afastar a Zé Peitão, porque ela tinha aqueles...

– De quem você está falando? – Arthur me interrompeu, parecendo meio perdido.

– De Marcela, você andou com ela e se afundou naqueles peitos, e eu sabia que não tinha como ganhar de toda aquela comissão de frente, então a joguei para cima de Jean e eles estão juntos até hoje.

Arthur mordeu o lábio e pela expressão dele, podia jurar que estava se esforçando para não rir.

– E então eu comecei a tentar te seduzir – continuei, afoita para

jogar tudo para fora. – Só que na maioria das vezes não dava muito certo e eu quase desisti, mas você me impediu de sair com Cássio e quase me beijou uns dias depois, por conta de tudo isso eu segui em frente, mas continuei dizendo que era por vingança e não algo mais e tudo acabou da forma que você também sabe.

Arthur parou de morder o lábio e encostou-se à mesa. Eu fiquei mexendo na bainha do casaco, sem coragem de contar o resto, porque estava difícil se manter forte e eu ficava tentando engolir as lágrimas, mas não estava mais conseguindo, podia sentir meu controle se esvaindo enquanto confessava tudo.

– Era só isso que tinha para me falar? – Ele perguntou, parecendo desconfortável.

– Não. – Neguei balançando a cabeça. – Tem mais.

– Eu não tenho mais tempo.

O desespero tomou conta de mim e eu praticamente corri até parar na frente dele.

– Eu... – Comecei a gaguejar, estava sendo complicado falar, na verdade ficar perto dele e ao mesmo tempo tão longe, sabendo que ele poderia sair por aquela porta a qualquer instante e sumir por sei lá quanto tempo, era uma das coisas mais difíceis que estava fazendo. – Eu descobri que ainda gostava de você naquela noite em que ficamos pela segunda vez. Eu não estava preparada para voltar a sentir tudo aquilo e nem estava preparada para enfrentar meu irmão, você também não estava e eu vi isso quando descobriu que ele tinha ligado e então eu menti, porque eu não queria exigir nada do que não poderia me dar, mas logo eu descobri que você tinha lido a porcaria do meu diário e pensei que tudo foi por causa daquilo e resolvi te ignorar.

Arthur piscou algumas vezes e pareceu assustado quando seus olhos encontraram os meus e isso foi o suficiente para aquele restinho de controle que existia sumir, já podia até sentir as lágrimas escorrerem por

minhas bochechas e de repente me senti cansada demais, com a sensação de que por mais que eu falasse não adiantaria nada, ele iria me deixar, mas ao mesmo tempo, também não podia deixá-lo ir sem ao menos tentar fazê-lo ficar.

– Mas você disse que não foi por causa do diário – continuei, secando o rosto com as costas da mão. – E eu acreditei, mas no dia seguinte veio todas aquelas inseguranças e a realidade de que fora deste apartamento não éramos nada. Tudo que você dizia sentir por mim poderia ser encanto, ou sei lá o que, não queria viver com medo da possibilidade de você acordar e não ver mais nada em mim e eu fui embora, não foi fácil porque era a segunda vez que fazia isso, mas tudo desabou de vez quando Matheus descobriu e eu não queria que vocês brigassem, então eu menti, era mais fácil eu assumir a culpa do que você, ele continuaria sendo meu irmão independente de tudo.

Parei de falar e Arthur continuou me olhando, como se não acreditasse em todas as idiotices que eu fui capaz de fazer.

– Não estou pedindo para acreditar em mim – dei um passo para trás. – Eu só tenho que contar a verdade e a verdade é que eu te amo e que só de pensar na possibilidade de você voltar a viajar e ficar longe de mim, parece que meu coração pode quebrar, porque passar sete anos pensando que nunca me notaria, é melhor do que a possibilidade que tem de você me odiar por todas as coisas estúpidas que fui capaz de fazer ao invés de simplesmente ter falado a verdade.

Meus lábios começaram a tremer e eu dei outro passo para trás. Não queria começar a chorar na frente dele, mas tudo piorou quando Arthur olhou para o relógio que estava em seu pulso e eu pude constatar que nada do que eu tinha falado deu certo, ele não acreditou em mim, não demonstrou reação, simplesmente me ouviu.

– Eu... Eu vou embora – falei soluçando, perdendo totalmente a compostura. – Você tem que viajar e eu... Eu tenho...

Não terminei de falar porque comecei a soluçar e cobri o rosto com as mãos, não deu para evitar, era mais forte do que eu. Era como se cada pedacinho que restava de meu coração estivesse sendo pisoteado até não existir nada além de poeira.

– Sabe esse anel que você tem no dedo?

Tirei as mãos do rosto ao ouvir a pergunta e olhei para o anel em formato de laço em meu dedo anelar, depois olhei para Arthur.

– Eu comprei esse anel quando você tinha dezessete anos. – Ele explicou, olhando para minha mão. – Eu ainda não tinha consciência do que sentia nessa época, não queria aceitar porque você era só uma menina, mas ao ver esse anel na vitrine daquela joalheria, não pude deixar de comprar para dá-lo a você, porque eu tinha ouvido você dizer a Ramona que quando um garoto te achava importante, ele te dava um anel para simbolizar isso e eu quis ser o primeiro a te dar um anel, Melanie, porque você é importante demais pra mim.

Meus lábios voltaram a tremer, eu nunca imaginei que ele poderia ter ouvido isso. Eu e Ramona falávamos besteiras e eu não achava que garotos prestavam atenção nessas coisas bobas envolvendo anel.

– Eu sempre te notei... – Ele continuou, parecendo triste. – Eu notava quando chorava e queria bater em quem te magoava e nunca me importei de ficar perto. Eu sempre gostei disso e é por isso que eu não posso te deixar ir embora, e ir embora, depois de ouvir tudo o que me falou.

Tentei secar o rosto com a manga do casaco, não conseguia parar de chorar, não com ele relembrando tudo o que já tínhamos vivido.

– Você virou minha vida de cabeça para baixo. – Ele deu um passo em minha direção. – Deixou tudo tão bagunçado que foi difícil eu mesmo me achar, mas antes disso, quando você só pensava em encher a cara, eu já era apaixonado por você e agora, depois de cada loucura que fez, eu só posso dizer que te amo e que você acabou se tornando uma parte de mim, a parte que levei mais tempo para notar que existia, porque era

confortável evitar os problemas que isso podia gerar, mas inevitável te ter tão perto e não sentir.

Arregalei os olhos quando Arthur chegou ainda mais perto, abobalhada demais com o que tinha acabado de ouvir.

– Mas... Mas você... – Comecei a balbuciar, sem formular nada coerente.

– Se eu te amo mesmo? – Ele deu outro passo e eu consegui sentir o cheiro de seu perfume, apesar do nariz parcialmente entupido. – Sim, eu te amo mesmo, e eu tinha a intenção de sumir do mapa porque não poderia te ver com qualquer outro sem sentir vontade de estrangulá-lo e te roubar pra mim.

Sorri e senti mais lágrimas escorrerem por meu rosto, cada palavra dele me tocava de uma maneira inexplicável.

– Então eu estou disposto a esquecer todo nosso passado de ontem. – Arthur me puxou pela cintura para mais perto. – Se você acreditar em mim e parar de achar que eu não vejo nada em você, porque você me deixou maluco com cada parte daquele seu plano mirabolante e se aparecer com aquele short perto de mim, eu não respondo racionalmente.

Comecei a rir da careta que ele fez e passei os braços ao redor de seu pescoço.

– Acho que é uma boa oferta – disse ainda sorrindo e tocando o ponto machucado de seu lábio.

Arthur sorriu também e secou meu rosto com a ponta dos dedos e eu senti a poeira que tinha virado meu coração se reintegrar com cada palavra dita e com seu toque em meu rosto, tão leve quanto uma pluma, mas capaz de fazer minha pele arder.

– Eu te amo. – falei quando ele beijou a ponta de meu nariz. – E eu sinto muito por ter demorado tanto tempo para dizer isso e ter te magoado.

– Eu acho... – Ele me puxou para cima, me fazendo passar os pés ao redor de sua cintura e sentir certo alívio pelos machucados não estarem mais em contato com o chão. – Que podemos começar tudo agora. Eu te amo e você me ama e juntos somos uma bagunça, mas isso não quer dizer que não de certo, porque eu conheço cada birra sua, e cada careta, e amo cada parte.

Continuei sorrindo e me inclinei em sua direção, depositando todo o amor que sentia no primeiro de muitos beijos sem receios do depois e foi como se cada parte de mim ansiasse por cada parte de Arthur, nos tornando um quebra-cabeça finalmente completo.

Epílogo

Um ano e meio depois...

– Tem certeza que esse vestido não está marcado nos lugares errados? – Perguntei a Mariane, enquanto girava em frente ao espelho do quarto de minha mãe. – Minha bunda parece tão redonda.

Ela revirou os olhos e colocou a mão na barriga arredondada, me fazendo sorrir. Ela estava grávida de seis meses e havia se casado com René há apenas dois.

– Se vamos falar em pessoas redondas... – Disse sorrindo. – Eu é que ganho o concurso, você está perfeita.

Concordei, mas resolvi pedir uma segunda opinião.

– Ramona! – Gritei, saindo da frente do espelho e indo para o banheiro exageradamente grande de meus pais. – Esse vestido me deixa gorda?

Ramona terminou de passar o rímel e me olhou, ela estava usando um vestido preto justo e sapato de salto alto vermelho, mas não parou de resmungar que eles machucavam demais.

– Está parecendo uma ripa. – Resmungou e saiu do banheiro, me empurrando novamente para frente do espelho do quarto. – Está magrela e bonita.

Olhei meu reflexo no espelho. Meus cabelos longos e loiros estavam enrolados e soltos, o vestido perolado era justo até a cintura, com uma tira de renda transparente na altura das costelas e decote em formato de coração. A saia era drapeada e se eu me virasse muito rápido, ela girava.

– Eu te falei que estava perfeito – disse Mariane tomando meu lugar em frente ao espelho e ajustando o vestido verde que destacava seus cabelos negros.

– Agora que seu dilema está resolvido. – Ramona falou enquanto andava em direção à porta. – Eu vou ver o inútil do Pietro, que me pediu para descer e dar o nó em sua gravata.

Comecei a rir, ela e Pietro viviam com raiva um do outro, mas não se desgrudavam e todo mundo conseguia ver que eles se amavam, mas adoravam negar e, mesmo depois de quase dois anos, continuavam com joguinhos.

– Então, como está se sentindo a mais nova Publicitária? – Indagou Mariane, ajeitando mais um cacho de meu cabelo.

– Ainda não acredito.

E não acreditava mesmo. Eu havia me formado no dia anterior, colação de grau e baile, e mesmo depois de ver meu diploma, não conseguia acreditar que havia conseguido terminar a faculdade e que há três meses já atuava na área.

René havia me dado uma oportunidade no setor de criação depois que viu um dos meus trabalhos da faculdade envolvendo a propaganda de um livro. Ele o usou e deu certo e agora eu era a mais nova assistente de criação e Helen, a rabugenta, tinha que ir tirar cópias para mim, mas eu não me aproveitava disso.

Gustavo disse, pouco antes de voltar com a antiga namorada e ir morar na cidade vizinha, que Helen esperava que eu me vingasse das atrocidades que ela tinha feito comigo, mas eu não fiz isso porque, de certa forma, era o esperado e eu nunca seguia o padrão mesmo.

E agora eu estava na casa de minha mãe, em minha segunda festa, no jardim, que ela tinha insistido em fazer para comemorarmos em família. Até meus avós e primos estavam ali.

Estava terminando de retocar o batom quando Veronica, agora noiva de meu irmão, entrou no quarto.

– Mel... – Ela falou parando ao meu lado. – Sua mãe perguntou se vai demorar muito.

– Já estou indo – respondi sem sair do lugar. – Pode ir com ela que eu já vou Mari.

Elas concordaram e saíram do quarto e eu continuei ali, naquele clima de nostalgia, me lembrando de tudo que tinha acontecido desde que eu e Arthur começamos a namorar.

A primeira vez que acordamos juntos, depois de nos acertamos, tinha sido uma das manhãs mais engraçadas de nosso namoro. Arthur perguntou se eu iria embora e eu respondi que não, mas nós dois tínhamos que trabalhar e nos esquecemos disso, só saindo da cama quando a campainha tocou e dando de cara com Matheus.

Meu irmão nem reagiu mal, na verdade ele nem notou minha existência, só queria saber de se desculpar e os dois deram um abraço sem graça e começaram a rir de sei lá o que, coisas de homem, e tornaram-se inseparáveis de novo.

Matheus também tinha levado Veronica a sério e se apegou muito ao filho dela. Acho que foi graças a ele que meu irmão cresceu e estava noivo e morando em um apartamento no centro com eles, formando a própria família.

Aquela minha história de pares era totalmente certa, porque a maioria de meus amigos estava constituindo a própria família. Mari e René seriam pais de uma garotinha que se chamaria Isabela. Marcele e Jean continuavam juntos, ele tinha escolhido não fazer a formatura para viajar com ela para Nova York, eles tinham até me mandado uma foto no dia anterior, já que eu havia sido uma espécie de cupido.

E quanto a Ramona... Bem, ela era a amiga mais espetacular e esquisita do mundo, estava seguindo seu próprio fluxo, assim como meus pais, que na semana seguinte viajariam e ficariam um ano fora, conhecendo a Europa, já que os filhos estavam encaminhados e felizes. Eles aprovaram Arthur com muito entusiasmo e agiram como se sempre soubessem que ficaríamos juntos.

Balancei a cabeça e resolvi ir para a festa no jardim de uma vez por todas. Ajeitei o vestido e sai do quarto, segurando o corrimão e descendo com cuidado para não tropeçar. Meu sapato era alto demais, coisas de Dona Carmem, vulgo mamãe.

Quando cheguei ao penúltimo degrau, ergui a cabeça e o vi ali, encostado na parede, usando colete preto por cima da camisa branca e calça social preta, totalmente despenteado, do jeito que amava, e foi como se estivesse o vendo pela primeira vez. Era sempre assim, eu sorria involuntariamente e meu coração sambava, sem contar com as borboletas que nunca paravam de voar em meu estômago.

– Você está linda – Arthur disse pegando minha mão e me ajudando a descer o último degrau. – Estava demorando tanto que pensei em subir lá e te salvar do dragão.

– Como se eu não vencesse o dragão – falei lhe dando um beijo da bochecha. – Mas é claro que eu diria aos outros que foi você que o matou para não ferir a sua masculinidade.

Arthur começou a rir e entrelaçou os dedos nos meus.

– Depois de todo esse tempo com você... – Falou em meu ouvido, me fazendo ficar arrepiada. – Acho que não tem nada que faça que ofenda minha masculinidade.

– Tem sim – disse apertando a ponta do nariz dele com o dedo indicador. – Quando seu cachorro prefere ficar comigo.

– Aquele bicho é traidor. – Arthur murmurou me conduzindo para o jardim. – Mas eu também seria no lugar dele, você o enche de beijos.

– E você também.

Ele concordou e abriu a porta para eu passar. Quando vi o jardim, fiquei boquiaberta. Estava completamente diferente, com pista de dança, banda e muitas mesas, cheias de amigos e familiares que não via há muito tempo, como tio John e sua amiga Estela, a cerveja de vidro verde.

– Quanta gente – falei olhando para tudo, meio abobalhada.

A piscina foi isolada com fita dourada e em cima de cada mesa, com toalhas douradas e brancas, havia um vaso de rosas amarelas. O palco da banda ficava em frente às mesas e a pista de dança era quadriculada.

Vi minha mãe e meu pai vindo em nossa direção, seguido por meus avós.

– Melanie Beatriz! – Minha mãe, com sua sempre presente animação e voz estridente, me abraçou tão apertado que parecia que minhas costelas virariam pó. – Estou tão orgulhosa.

Ela beijou meus cabelos e voltou sua atenção para Arthur, quase o esmagando também.

– E de você também – continuou com sua demonstração de afeto, apertando as bochechas dele.

– Solte o garoto, Carmem – meu pai piscou para Arthur e me abraçou. – Estou muito orgulhoso, minha filha.

Comecei a rir, eles estavam desde o dia anterior me apertando, inclusive meus avós, que haviam chegado a tempo de minha colação de grau.

– Eles não vão se cansar de te parabenizar. – Vô Gino também me abraçou.

– Isso até daqui a pouco – completou vó Margarida, apertando minhas bochechas e foi ali que eu vi de quem mamãe tinha herdado a mania. – Dai vai ser parabéns em dobro.

– Hã? – Resmunguei, esfregando as bochechas e olhei para Arthur, que parecia muito interessado no canteiro de flores para olhar pra mim.

– Besteira de gente velha, neta – Vô Gino deu tapinhas em minha mão. – Acho que sua avó está caducando.

– Mas...

Vovó parou de protestar quando Matheus chegou, ele estava de terno cinza e parecia desconfortável na roupa de pinguim, como havia apelidado.

– Que tal irmos nos sentar? – Ele propôs, bagunçando minha franja, o que fez com eu lhe desse um tapa.

– Claro, minha carcaça está rangendo. – Concordou Vô Gino e arrastou Vovó com ele.

Meus pais seguiram meus avós e Matheus. Arthur entrelaçou os dedos nos meus, beijando minha mão enquanto andávamos.

– Você acha que vovó está ficando caduca? – Indaguei, diminuindo o passo para eles não escutarem.

– Não. – Arthur afirmou e parou de andar. – Ela é mais esperta do que nós dois juntos.

– Ah, mas ela...

– Não pense nisso. – Ele me interrompeu delicadamente. – Hoje é dia de festa e você me deve uma dança.

– Pensei que já tivesse pago ontem.

Lembrei-me da noite anterior, em meu baile de formatura, quando dançamos duas músicas lentas antes de meus pés protestarem. Arthur insistiu em me carregar até seu apartamento, mesmo que tivesse elevador.

– Não me lembro de ter estipulado uma quantidade certa de músicas.

– Você está trapaceando Arthuro? – Fingi ultraje e passei os braços ao redor de seu pescoço.

– Eu nunca trapaceio, Melanie. – Ele segurou meus pulsos. – Apenas acho meios de ganhar.

Revirei os olhos e retirei os braços do pescoço de Arthur, o puxando em direção à mesa em que minha família tinha ido sentar,

passando pela mesa onde estavam Ramona e Pietro, parecendo calmos, e René e Mari. Ele olhava para ela de uma maneira apaixonada e parecia nas nuvens com a possibilidade de ser pai.

Antes que pudesse cruzar o gramado para sentar ao lado de Matheus e Veronica, Arthur me segurou.

– O que foi? – Perguntei me virando para ele.

– Aquela dança. – Respondeu e fez uma expressão de quem estava aprontando alguma. – Pode ser agora?

Olhei para a pista e vi algumas pessoas dançando, já que não seríamos os primeiros, resolvi concordar:

– Pode ser.

Arthur sorriu e me conduziu para a pista no instante em que *Thinking Out Loud* de Ed Sheeran, começou a tocar. Eu gostava das músicas dele, as letras eram tão perfeitas que quem ouvia chegava a ficar arrepiado.

– Quantas músicas você colocou na minha dívida de hoje? – Indaguei quando chegamos à pista.

– Não sei. – Ele respondeu, colocando a mão em minha cintura e me puxando para mais perto.

Coloquei os braços ao redor do pescoço de Arthur, sentindo o cheiro familiar de seu perfume quando ele colou mais o corpo no meu.

– Eu acho que todas as músicas que poderia dançar com você não caberiam em uma lista. – Ele falou, o rosto a centímetros do meu.

Iria falar, mas Arthur me afastou de seu corpo e me rodeou, fazendo a saia de meu vestido girar e eu rir alto.

– Seu maluco! – Exclamei ainda rindo, quando ele me puxou de volta para perto.

– Eu sou maluco por você. – Sussurrou em meu ouvido.

Meu corpo todo ficou arrepiado com o hálito dele tocando em minha pele e eu esqueci como se respirava pela milionésima vez.

– Eu também sou maluca por você – falei quando ele me puxou para mais perto, me prendendo contra seu corpo e acariciando meu rosto com a mão livre.

– Então... Como somos totalmente malucos um pelo outro... – Arthur parou de dançar, mas me manteve perto e respirou fundo. – Você não vai achar estranho quando eu disser que quero casar com você?

Arregalei os olhos, tentando assimilar o final da pergunta, sentindo minha pulsação aumentar.

– Ah... – Ele também arregalou os olhos e me soltou. – Eu sou um estúpido, nem é assim que as pessoas fazem essas coisas.

Arthur se afastou de mim, dando um passo para trás, e então se ajoelhou, da mesma maneira que os príncipes dos filmes, e pegou minha mão, que a essa altura já estava tremendo.

– Melanie – ele disse e só ao ouvir a voz dele claramente é que percebi que a música tinha parado. Olhei ao redor e vi todos nos olhando, mas não dei atenção a isso e voltei a olhar para meu namorado, que estava ajoelhado e segurando minha mão, me olhando com aquele brilho no olhar, como se tivesse captado o brilho das estrelas. – Eu sei que você não acredita na instituição do casamento, eu também não acreditava, mas isso foi antes de você...

Ele parou de falar para tomar fôlego e eu fiz a mesma coisa, concentrando toda minha atenção nele e esperando pelas próximas palavras.

– Eu não acreditava em muitas coisas antes de você – Arthur continuou, apertando meus dedos. – Nem acreditava que poderia ser tão feliz, mas eu sou porque você me faz feliz com cada gesto seu, desde as maluquices até brigar comigo por usar meias trocadas.

Comecei a rir ao lembrar de que nossas poucas brigas eram por ele usar meias trocadas, mesmo que eu arrumasse os pares certos quando ia visitá-lo.

– E se eu te amo até mesmo quando briga comigo, isso quer dizer que posso passar o resto da minha vida ao seu lado, sem precisar inventar que vou morrer de fome para você atravessar a rua e ir me visitar.

Ri novamente, mas dessa vez meus olhos estavam cheio de lágrimas. Eu nunca esperava algo assim de Arthur, ele era meio tímido em público, mas aqui estava ele, ajoelhado e na frente de toda minha família, confessando que me amava e que mentia para eu ir visitá-lo já que tínhamos o trato de passar o final de semana juntos, mas em um dia qualquer da semana, ele vinha com as desculpas mais esfarrapadas e eu fingia acreditar nelas porque também estava morrendo de saudade.

– E é por conta de todas essas coisas que parecem insignificantes para os outros... – Arthur prosseguiu, concentrando toda sua atenção em mim e eu fiz o mesmo, me esquecendo do resto do mundo. – Como ver algum filme ruim, ou inventar que estou com fome as duas da manhã, que eu percebi que te amo e que sinto sua falta mesmo que esteja do outro lado da rua. Sei que a maioria dos casamentos não duram, mas nós nunca nos encaixamos no padrão mesmo...

Ele soltou minha mão e mexeu no bolso da calça, pegando uma caixa de veludo vermelho, a abrindo e a estendendo para que eu pudesse ver o anel que estava ali.

– Você quer se casar comigo? – Arthur perguntou e se levantou.

Olhei para o anel que estava ali, era dourado e em formato de coração, todo cravejado de pedras brilhantes. O anel mais lindo que tinha visto na vida, em seguida olhei para Arthur, que parecia ansioso.

Só de olhar para ele, sentia meu peito explodir de alegria, não pelo anel, mas sim pelas palavras e se ele tivesse me oferecido um anel de plástico, eu teria a mesma reação e o amaria ainda mais.

Sorri, sentindo as lágrimas escorrerem por minhas bochechas, e estendi a mão, incapaz de falar, ou fazer algo a mais. Se antes achava que Arthur era uma pecinha solta de meu quebra-cabeça, agora tinha a certeza

de que ele era parte de mim, aquela parte que as pessoas passam a vida procurando, mas que no meu caso estava do meu lado o tempo todo.

